

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

EUCLÉIA GONÇALVES SANTOS

**“DO SERTÃO PARA A NAÇÃO”: TRAJETÓRIA INTELLECTUAL E ESCRITA  
LITERÁRIA DE AFRANIO PEIXOTO (1897-1930)**

**CURITIBA**

**2017**

EUCLÉIA GONÇALVES SANTOS

**“Do Sertão para a Nação”: Trajetória Intelectual e escrita Literária de Afrânio Peixoto  
(1897-1930)**

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Magnus Roberto de Melo Pereira.

CURITIBA

2017

Catálogo na publicação  
Mariluci Zanela – CRB 9/1233  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Santos, Eucléia Gonçalves

“Do Sertão para a Nação”: trajetória intelectual e escrita literária de Afranio Peixoto (1897-1930) / Eucléia Gonçalves Santos – Curitiba, 2017.

370 f.; 29 cm.

Orientador: Magnus Roberto de Melo Pereira  
Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

1. Peixoto, Afranio, 1876-1947. 2. Brasil - História. 3.  
Nacionalismo – Brasil - Literatura. I. Título.

CDD 981.04



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
Setor CIÊNCIAS HUMANAS  
Programa de Pós Graduação em HISTÓRIA  
Código CAPES: 40001016009P0

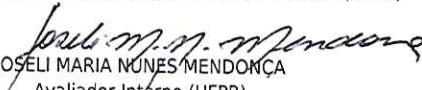
### ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TESE PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM HISTÓRIA

No dia um de Setembro de dois mil e dezessete às 14:00 horas, na sala Prof. Dr. Carlos Antunes, Rua General Carneiro, 460, 6º andar, Departamento de História da UFPR, do Setor de CIÊNCIAS HUMANAS da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de arguição da doutoranda **EUCLEIA GONCALVES DOS SANTOS** para a Defesa Pública de sua Tese intitulada: **""Do Sertão para a Nação": Trajetória Intelectual e escrita Literária de Afrânio Peixoto (1897-1930) "**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: JOSÉ ROBERTO BRAGA PORTELLA (UFPR), ERIVAN CASSIANO KARVAT (UEPG), JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA (UFPR), RENATO LOPES LEITE (UFPR), VANDERLEI SEBASTIÃO DE SOUZA (UNICENTRO). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela aprovação da aluna. A doutoranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de doutor está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, JOSÉ ROBERTO BRAGA PORTELLA, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.


Observações:


CURITIBA, 01 de Setembro de 2017.

  
JOSÉ ROBERTO BRAGA PORTELLA  
Presidente da Banca Examinadora Avaliador Externo (UFPR)

  
JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA  
Avaliador Interno (UFPR)

RENATO LOPES LEITE  
Avaliador Interno (UFPR)

  
ERIVAN CASSIANO KARVAT  
Avaliador Externo (UEPG)

  
VANDERLEI SEBASTIÃO DE SOUZA  
Avaliador Externo (UNICENTRO)



À Minha mãe Lisette, que “sabe a dor e a delícia de ser o que é.”

## AGRADECIMENTOS

“Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada.” (João Guimarães Rosa- Grande Sertão, Veredas).

Essa belíssima constatação de João Guimarães Rosa resume, para mim, o processo de trajetória de uma pesquisa acadêmica. Ao longo da travessia são tantas as tarefas a serem cumpridas dentro do prazo, tantos relatórios para entregar, tantos artigos para enviar, inscrições para realizar, arquivos para visitar, fontes para catalogar, bibliografias para realizar que acabamos esquecendo de olhar a beleza da travessia e, mais ainda, de agradecer a presença de cada pessoa que nos acompanha, nos abraça, nos oferece seus ouvidos para as confissões, os choros, os risos, as alegrias. E que pacientes, esperaram e torceram pela chegada. Sem essas pessoas a travessia não seria possível. Vocês são as peças fundamentais deste processo.

Ao professor José Roberto Braga Portella, que acreditou no projeto desde o início, gostaria de agradecer pelo seu apoio, pela orientação segura e objetiva e, ainda mais, pela tranquilidade com que conduziu os trabalhos, me proporcionando segurança. Obrigada pelo carinho, pela amizade e pelo entusiasmo que conferiu às minhas descobertas, proporcionando o ânimo necessário para que esta pesquisa fosse se concretizando.

Agradeço imensamente aos professores Antônio Cesar de Almeida Santos e Joseli Maria Nunes de Mendonça pela leitura atenta, pelas orientações, dicas, apontamentos, sugestões e críticas conferidas para o trabalho na ocasião da qualificação. A professora Joseli representou a inspiração inicial desse trabalho com a sua maravilhosa pesquisa sobre Evaristo de Moraes. Na ocasião em que li a obra fiquei impressionada (e encantada) com a narrativa do livro e com a possibilidade de estudo de uma trajetória de vida, biografia ou trajetória intelectual. O professor Antônio Cesar, além dos apontamentos realizados na ocasião da qualificação do trabalho, proporcionou um amplo debate sobre História Intelectual, História Social das Ideias, e História das Ideias Políticas quando, nas tardes de quarta-feira, no ano de 2014, nos reuníamos para debater estes temas. A estes debates devo a descoberta da metodologia de Quentin Skinner que me ajudou a pensar as minhas fontes por outro viés. Muito obrigada a cada um de vocês.

Agradeço também a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR e, particularmente, aqueles professores que me marcaram mais de perto, na realização das disciplinas. As tardes de sexta-feira do ano de 2013 ficaram inesquecíveis com as aulas da professora Marcella Lopes Guimarães. O entusiasmo com que os textos eram

debatidos, as descobertas realizadas, o grupo de colegas que formamos marcou significativamente os anos do doutorado. À Renata Garaffoni agradeço imensamente o carinho, a singeleza, a leveza com que conduziu os debates da disciplina que cursei. Cada texto lido e debatido inspirou significativamente o olhar lançado para a pesquisa. Ao professor Luiz Geraldo Silva agradeço a leitura cuidadosa do projeto, os apontamentos, as dicas e sugestões conferidas nas aulas de Seminário de Pesquisa, e, ainda, o debate cuidadoso que foi realizado por cada colega, na ocasião da disciplina. Obrigada a cada um de vocês.

Agradeço a Maria Cristina pelo carinho, pela atenção e profissionalismo. Obrigada pelos lembretes, pelo cuidado com os prazos, pelas conversas. Agradeço também aos funcionários da Biblioteca do Departamento de Ciências Humanas Letras e Artes, que me ajudaram a encontrar as Revistas da Academia Brasileira de Letras e que estiveram sempre dispostos as minhas solicitações.

Aos funcionários da Academia Brasileira de Letras que me receberam muito bem tanto na Biblioteca Lúcio de Mendonça quanto na Biblioteca Rodolfo Garcia e, ainda, nas consultas realizadas no Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto. Aos funcionários da Casa da Cultura Afrânio Peixoto, de Lençóis que ficaram preocupados com o tempo que eu acabei ficando dentro do arquivo, ao invés de conhecer os rios, as cavernas, as trilhas, as montanhas da região. Voltarei a Lençóis para fazer as visitas que fiquei devendo.

Agradeço à Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo financiamento da bolsa de pesquisa durante três anos, sem o qual esse trabalho de doutoramento dificilmente teria sido possível.

Não tenho palavras para agradecer à minha amiga Andréa Maria Carneiro Lobo. Nossa amizade começou no Mestrado e se tornou cada dia mais forte e mais fundamental para mim. Sem você essa travessia não teria sido possível. Obrigada pelo incentivo para que eu enfrentasse esse desafio, pelas infindáveis horas de conversas, de debates, de consolo, de alegrias. Obrigada por sua amizade incondicional para todas (todas mesmas) as horas. Obrigada pela caminha quentinha que me aguardava quando eu chegava à Curitiba, quase sempre congelada, depois de oito horas de ônibus. Obrigada pela comida preparada, pelos passeios, pelos cafés, pelo abraço que me fizeram levantar, pelas propostas de sonho que sempre me incentivam a acreditar que seria possível. Obrigada por acreditar e por me fazer acreditar. Obrigada por sua sabedoria e, ainda, muito obrigada por me ajudar a ver o mundo por outros ângulos e por constatar que são infindáveis essas visões.

Agradeço ao Vanderlei Sebastião de Souza, com quem eu aprendi, e aprendo a cada dia, a seriedade da pesquisa histórica. Obrigada amigo pelas infindáveis conversas, pelo

incentivo a essa pesquisa, pelos debates, pela parceria e, principalmente, por essa trajetória que nos revelou o mundo da história. Me lembro do primeiro dia de aula no curso de história, no longínquo ano de 1999, quando eu não sabia onde ficava a sala de aula e encontrei você, que prontamente me indicou o caminho. Desde aquela ocasião que você tem me indicado muitos caminhos. Obrigada por esta amizade que representou uma significativa travessia, de descobertas, de leituras, de deslumbramentos pelo universo histórico.

Agradeço a Margarete Milani, quem compartilhou de cada momento destas descobertas que esse mundo da história nos proporcionou. Também me lembro do primeiro dia de aula, naquele ano de 1999, quando nos conhecemos e, na época, eu não conhecia a saga quixotesca da qual tomaríamos parte. Obrigada por ser o Dom Quixote das nossas vidas. Embora muitas vezes não exista nenhum Sancho Pança, visto o encanto irresistível que suas “loucuras” causam. Talvez sejamos dois Dom Quixotes combatendo moinhos de vento pelo mundo. Obrigada por não duvidar da existência dos “gigantes”. Obrigada pelas jantãs de sábado, pelas conversas infundáveis e, principalmente, por eu poder contar com você e, a qualquer momento, poder sair pelo mundo, combatendo os “monstros”, “por uma questão de justiça”.

Não tenho palavras para agradecer à minha família, meu porto seguro. Convivo com três gerações de mulheres e essa é a maior lição que tenho aprendido na vida. Com minha mãe vejo que o mundo é compreensão, com minha irmã é enfrentamento e com minha sobrinha é deslumbramento. Obrigada mãe Lisette, você é meu tudo. Obrigada Juliana, por sua coragem, por sua determinação, por me ensinar que na vida é preciso lutar por aquilo que se é e por aquilo que se quer. Você é minha inspiração. Obrigada Jhenifer por existir na minha vida. Por você e para você acredito num mundo melhor, você é meu maior presente e meu melhor futuro. Agradeço a meu pai Eliseu, que assiste a tudo isso, encantado.

Agradeço a cada um que discutiu, leu, debateu ou ofereceu seus ouvidos para os desabafos e para as alegrias da pesquisa. Agradeço ao Edson Garrido, ao Maurício, à Márcia, à Susana Vasconcelos...

Agradeço, ainda, à Fadedep (Faculdade de Pato Branco) pela acolhida. Agradeço a cada aluno que acompanhou (e inspirou) grande parte dessa escrita. Agradeço especialmente aos acadêmicos de Pedagogia por renovar a minha paixão em ser professora. Obrigada por proporcionarem a partilha deste sonho.



“A vida foi ficando causticante...”

Carolina Maria de Jesus

## RESUMO

Estudo que aborda a trajetória intelectual e literária do médico e cientista Afrânio Peixoto (1876-1947), a partir da interlocução entre a ciência e literatura que permeia a sua obra, durante a Primeira República brasileira. Investiga as principais discussões travadas no campo científico, particularmente a partir das imagens e dos diagnósticos lançados aos sertões brasileiros, a partir de textos produzidos por Afrânio Peixoto e veiculados tanto por meio de manuais científicos quanto pela escrita literária. Professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Membro da Academia Brasileira de Letras e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Afrânio Peixoto foi um representante da intelectualidade brasileira das primeiras décadas do século XX, e se dedicou a pensar o Brasil e o brasileiro nas suas múltiplas manifestações, tendo como base e como guia o arsenal científico do período, particularmente aquele propagado por produções europeias. Sua atuação esteve diretamente ligada aos conhecimentos propagados pela medicina higiênica, estendendo-se para a compreensão do clima e da gente brasileira, a partir da releitura de teorias estrangeiras e da atividade nacionalista militante de ressignificar os prognósticos lançados pelas perspectivas europeias para a compreensão da realidade do país. Visa entender o atrelamento entre a atividade intelectual e a tarefa de “construção da nação”, presente na demanda pela formação de um conhecimento nacional, produzido por brasileiros e aplicáveis à realidade singular do Brasil, tomando o sertão e o sertanejo como o núcleo a partir do qual poderia surgir uma identidade étnica para a nação. Um dos argumentos defendidos neste trabalho consiste em afirmar que a tão propalada “literatura diletante”, outorgada para definir contexto literário da primeira república, era portadora de um projeto político consistente e intentava intervir na sociedade do seu tempo, utilizando como estratégia de atuação a escrita e divulgação o material literário. Neste sentido, inferimos que a literatura de Afrânio Peixoto foi uma estratégia de conjugar ciência e nacionalismo, ambos pautados por um projeto político de intervenção social.

Palavras-Chave: Afrânio Peixoto – Nação – Sertão – Ciência – Literatura

## **ABSTRACT**

Study which addresses the physician and scientist Afrânio Peixoto's intellectual trajectory and literary writing (1876-1947), starting from the dialogue between the science and literature that pervade his work, during the First Brazilian Republic. It explores the main debates held in the scientific field, notably images and diagnoses related to the Brazilian outback, as of texts produced by Afrânio Peixoto and conveyed either by scientific manuals or literary writing. Professor from the Rio de Janeiro School of Medicine, Member of the Brazilian Academy of Letters and shareholder of the Brazilian Historic and Geographic Institute, Afrânio Peixoto was a representative of the Brazilian intellectuality from the first decades of the 20th century, dedicated to think Brazil and Brazilians and its multifaceted manifestations, having as base and guide the scientific arsenal from the period, particularly the ones propagated by European productions. His performance was directly associated with the knowledge shared by hygienist medicine, extending to the comprehension of the climate and the Brazilian people, as of the foreign theories rereading and the nationalist activities to resignify the prognosis started by the European perspective to apprehend the country's reality. It seeks to understand the hitching between the intellectual activity and the mission of "nation building", current in the search of national expertise, produced by Brazilians and suitable to the Brazilian's unique reality, assuming the Brazilian outback and country man as aims from which could emerge a type of ethnic belonging to the nation. One of the arguments defended in this work consists in stating that the so divulged "dilettante literature", granted to define literary context from the first republic, era related to a consistent political project and an attempt to intervene in the society of his time, using writing and dissemination of literary materials as a performance strategy. In this respect, we inferred that Afrânio Peixoto's literature was a stratagem of merging science and nationalism, both characterized by a political Project of social intervention.

**Keywords:** Afrânio Peixoto – Nation - Brazilian outback – Science - Literature

## LISTA DE ABREVIACÕES

ABL: Academia Brasileira de Letras.

ANM: Academia Nacional de Medicina.

APAP-ABL: Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto – Academia Brasileira de Letras.

APAP- CCAP: Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto- Casa de Cultura Afrânio Peixoto- Lençóis, Bahia.

FMBA: Faculdade de Medicina da Bahia.

FMRJ: Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

IHGB: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

IOC: Instituto Oswaldo Cruz

MN: Museu Nacional;

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1</b>	<b>“O NASCIMENTO NOS SERTÕES E A ORIGEM MODESTA”:</b>	
	<b>A CONSTRUÇÃO DE “UMA TRAJETÓRIA EXEMPLAR”</b> .....	40
1.1	“VIVER NOS CONFINS DO BRASIL”: O INTELLECTUAL SERTANEJO .....	42
1.2	O SERTÃO BRASILEIRO NA PRIMEIRA REPÚBLICA:	
	ENTRE A AUTENTICIDADE E A DOENÇA.....	54
1.3	“DO ESPÍRITO DIONÍSIAO PELO APOLÍNEO”: EUCLIDES DA CUNHA, AFRÂNIO PEIXOTO E O SERTÃO .....	65
1.4	INTÉRPRETE DE SI MESMO E INTÉRPRETE DO BRASIL: O INTELLECTUAL SERTANEJO E A CONSTRUÇÃO NACIONAL.....	73
<b>2</b>	<b>AFRÂNIO PEIXOTO, A INTELLECTUALIDADE, A MEDICINA E A</b>	
	<b>VIDA PÚBLICA</b> ... ..	105
2.1	A FACULDADE DE MEDICINA E OS TEMPOS DE ESTUDANTE .....	106
2.2	NINA RODRIGUES, AFRÂNIO PEIXOTO E A AUTORIDADE INTELLECTUAL .....	123
2.3	A CÁTEDRA DE MEDICINA PÚBLICA DA FACULDADE DO RIO DE JANEIRO E A MUDANÇA DA PROVÍNCIA PARA A CAPITAL.....	137
2.4	O RIO DE JANEIRO NO INÍCIO DO SÉCULO XX E AS IDEIAS SOBRE RAÇA, CLIMA TROPICAL E NAÇÃO.....	144
2.5	RELAÇÕES SOCIAIS E POSICIONAMENTOS POLÍTICOS NO RIO DE JANEIRO DA PRIMEIRA REPÚBLICA .....	160
<b>3</b>	<b>“SER SÓ CIENTISTA É LIMITADO, SER SÓ LITERATO É SUPERFICIAL”:</b>	
	<b>A CIÊNCIA E A LITERATURA EM AFRÂNIO PEIXOTO</b> .....	168
3.1	“A CIÊNCIA APLICADA AO MEIO E AO POVO BRASILEIRO”: CONFLITOS MÉDICOS E NACIONALIDADE.....	169
3.2	O CLIMA TROPICAL, A “DOENÇA DOS SERTÕES” E A ELABORAÇÃO DE UM DIAGNÓSTICO SOBRE O BRASIL.....	187
3.3	DA CIÊNCIA PARA A LITERATURA: O CONCURSO PÚBLICO E A VIDA LITERÁRIA.....	202
3.4	A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS: A CULTURA À SERVIÇO DA NAÇÃO .....	217
3.5	DE CIÊNCIA E DE LITERATURA - AS INFLUÊNCIAS DA OBRA LITERÁRIA DE AFRÂNIO PEIXOTO .....	230

<b>4</b>	<b>“PARA RETRATAR O MEU PAÍS E A MINHA GENTE”: O BRASIL E O BRASILEIRO NA LITERATURA DE AFRÂNIO PEIXOTO .....</b>	<b>239</b>
4.1	A LITERATURA DE AFRÂNIO PEIXOTO .....	241
4.2	“A TERRA”: A NATUREZA E O CLIMA TROPICAL NO SERTÃO.....	263
4.2.1	O Clima Tropical .....	281
4.3	UM SERTÃO QUE É CULTURA: FOLCLORE, HÁBITOS E COSTUMES SERTANEJOS.....	288
4.4	“PARA RETRATAR A MINHA GENTE”: O BRASILEIRO NA LITERATURA DE AFRÂNIO PEIXOTO .....	306
4.4.1	O Elemento Branco: Imigração e Crença no Branqueamento da Raça.....	310
4.4.2	O Mestiço Nacional ou “A desforra de Cam” .....	326
4.4.3	“O Brasileiro” ou “O Elemento Vindouro” .....	337
	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>343</b>
	<b>FONTES DE PESQUISA .....</b>	<b>354</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>360</b>

## INTRODUÇÃO

Os nossos sábios, e os temos, podem talvez ombrear com os peregrinos, em capacidade e conhecimento das suas próprias especialidades; nem estes nem nós ainda conhecemos, como nos cumpre mais que a eles, o nosso Brasil. Neste clima, quais são as necessidades humanas de alimentação, vestuário, costumes sanitários, defesa contra infestações e infecções autóctones e estrangeiras? Havemos, para nossa nutrição citar tabelas de Voit, Rubner e Atwater? Adotar e suportar a moda de Paris, Londres ou Nova York, embora em hemisfério oposto? Copiar posturas municipais de velhas cidades europeias? Legislar sobre saúde públicas pelos regulamentos dos países chamados cultos? Sei bem que aqui e ali tendências nacionalistas se acentuam, por estudar, conhecer, aplicar ao nosso povo todas as vantagens obtidas por estranhos. Essa nacionalização não basta e carece ainda ser sistematizada. Ela se deve juntar à revelação de toda a nossa terra, flora, fauna, fama, medicina que somente nós brasileiros seremos idôneos e interessados em estudar e divulgar.”<sup>1</sup>

O texto citado é parte de um discurso proferido por Afrânio Peixoto no ano de 1919 para uma turma de formandos em medicina da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ). Peixoto, então um médico já consagrado no cenário intelectual da primeira República, foi escolhido como paraninfo da referida turma e proferiu, na ocasião, um discurso enfático para os jovens médicos, descrevendo as alegrias e as agruras da profissão que haviam escolhido. Na função de “aconselhar os jovens na empreitada iniciada”, Peixoto dissertou sobre aquilo que ele intitulou como sendo “o nosso dever”, equiparando os jovens com a intelectualidade brasileira da qual ele se anunciava como um digno representante.

Se para os dias de hoje esse discurso parece apresentar o óbvio, referindo-se ao fato de ser fundamental organizar o Brasil a partir da sua realidade imediata, naquele momento isso não era tão claro assim. O discurso proferido objetivava chamar a atenção para o fato de que além da medicina era necessário dedicar-se a conhecer o Brasil exercendo, em paralelo, a atividade intelectual e política.

Neste sentido, Peixoto atribuiu aos médicos recém formados a tarefa, a missão e o dever de pensar o Brasil nas suas mais distintas manifestações, “ombreando-se” aos discursos dos “sábios peregrinos” e produzindo um conhecimento autóctone, nacionalista por excelência. Tal função estava veiculada à prática da ciência, levada a cabo, no caso daquela turma, pela atividade médica. Os desafios lançado aos médicos recém-formados eram também as principais agruras com as quais Afrânio Peixoto se debatera ao longo da sua trajetória e

---

<sup>1</sup> PEIXOTO, Afrânio. Ato de Fé: Conselho aos moços brasileiros. Discurso de paraninfo, aos doutorandos de 1919, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pronunciado em 29 de dezembro de 1919, na sessão solene de formatura. In: \_\_\_\_\_. **Poeira da Estrada**: Estudos de História e de Crítica. Rio de Janeiro: W.M. Jackson. 1944, p. 389. 390.

ainda se debatia e caracterizava, por extensão, os maiores anseios e desafios daquela geração, da qual ele fazia parte.

Trata-se da intelectualidade que pensou, descreveu e analisou o Brasil a partir de 1870 quando uma série de eventos e “um bando de ideias novas”, conforme a expressão de Silvio Romero, mudou a configuração social, política, intelectual e cultural do país. Tais anseios, iniciados com os debates abolicionista e republicano, perduraram por pelo menos toda a Primeira República. Auto inferindo-se a tarefa de conhecer o “Brasil Real”, “deixando de lirismos” e tomando como critérios de análise o universo científico do qual comungavam, a intelectualidade de finais do século XIX e início do XX refletiu obstinadamente sobre o país que tinham e procurou apontar caminhos para a nação que almejavam.

Tal tarefa resultou num conjunto de representações que diagnosticavam problemas, propunham soluções e, principalmente, acalentavam diferentes sonhos e projetos de futuro, tendo como guia instrutora e musa inspiradora as teorias, os preceitos e as verdades descobertas no campo da ciência. Conforme inferiu Peixoto no discurso transcrito acima, tratava-se, na maioria das vezes, de inspirar-se em ideias estrangeiras na tentativa de “estudar, conhecer, aplicar ao nosso povo todas as vantagens obtidas por estranhos” e, principalmente, igualar-se aos estrangeiros, produzindo conhecimentos autênticos, aplicados à diversidade da realidade nacional.

Não é à toa, portanto, que Afrânio Peixoto entendia que “o dever” daquele grupo de formandos era mapear o Brasil do seu tempo, em todos os seus sentidos, matizes e definições. O que Peixoto atribuía aos seus afilhados era a tarefa que vinha ocupando a sua atuação profissional, resultando na construção da sua trajetória intelectual, por mais de duas décadas.

Afrânio Peixoto formara-se médico em 1897, tendo trilhado uma trajetória bastante complexa para chegar diante daqueles estudantes em 1919. Nascido no sertão baiano, na região da Chapada Diamantina, na pequena cidade de Lençóis, no ano de 1876, mudara-se para Salvador em 1892, com o objetivo de “cursar os preparatórios que o levariam à Faculdade de Medicina da Bahia”.<sup>2</sup> Na Faculdade, foi aluno de Nina Rodrigues e Juliano Moreira, nomes significativos, segundo ele, em demonstrar que a sua tarefa também excedia a prática da medicina e estendia-se para pensar sobre as coisas do Brasil.<sup>3</sup>

Segundo declarou Peixoto em outra ocasião, Nina Rodrigues teria sido o precursor das “pesquisas de assuntos nacionais ou do modo de se comportar entre nós, meio, raça e

---

<sup>2</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**. Páginas datilografadas e avulsas. Não publicada. [S.l.: s.n.], [1938?]. Rio de Janeiro: Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto, ABL. Não paginado.

<sup>3</sup> Id.



momentos difíceis de civilização”.<sup>4</sup> A tarefa à qual se dedicara Nina Rodrigues o teria inspirado a tornar os propósitos do mestre também os seus, traduzindo-os como “deveres” profissionais e intelectuais dos cientistas. Essa mesma tarefa era repassada para os seus alunos, particularmente em um momento de consagração da profissão, representada pela formatura.

Nos parece que a evocação a uma figura consagrada no cenário médico científico do momento, além de garantir legitimidade para a tarefa intelectual do médico, pode demonstrar a “ânsia indisfarçada” em “desvendar” o país do presente bem como propor caminhos para o futuro. O discurso de Peixoto foi enfático em entregar àquela turma a continuidade da “atividade missionária”. Pensar o Brasil era uma tarefa urgente e quase obrigatória para os homens de ciência, segundo acreditava Peixoto.

Ao longo de seus quase setenta anos de vida, tendo escrito por mais de cinquenta anos de forma ininterrupta, Afrânio Peixoto chegou a publicar cerca de cento e quarenta escritos, entre obras, ensaios e artigos. Como um polígrafo, típico da sua geração de intelectual, escreveu sobre os mais diversos assuntos, especialmente aqueles que mais mobilizavam as preocupações das elites políticas e classes médias urbanas daquele período.<sup>5</sup> Todas as publicações tentavam revelar desde aspectos relacionados a vida política, intelectual e cultural até “toda a nossa terra, flora, fauna, fama, medicina”<sup>6</sup>, com vistas a estudar e divulgar o Brasil.

A vasta produção intelectual de Afrânio Peixoto estendeu-se nas mais distintas abordagens, dissertando entre manuais e livros didáticos no campo científico, passando por uma sólida atuação no campo da literatura (desde pesquisas sobre história da literatura, teoria, crítica, biografias e produções literárias) até a elaboração e pesquisa de um amplo material no campo folclórico/cultural, educacional e histórico. Segundo Leonídio Ribeiro, Afrânio Peixoto chegou a ser o escritor com mais obras publicadas em língua portuguesa da primeira metade do século XX, com uma tiragem de cerca de seiscentos mil exemplares<sup>7</sup>. Afrânio Peixoto era um representante daquilo que seus contemporâneos definiam como “um intelectual polígrafo”.

---

<sup>4</sup> PEIXOTO, Afrânio. A Vida e a Obra de Nina Rodrigues. Prefácio. In: RODRIGUES, Nina. **As Raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara, [ca. 1930]. p. 06.

<sup>5</sup> Levantamento feito por Leonídio Ribeiro em 1950. RIBEIRO, Leonídio. **Afrânio Peixoto**. Rio de Janeiro: Condé, 1950, p. 419-426.

<sup>6</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Ato de Fé...**, p. 389. 390.

<sup>7</sup> Esse levantamento foi feito junto as editoras que Afrânio Peixoto publicava (tanto no Brasil quanto em Portugal) no ano de 1950, logo após a morte do intelectual. (RIBEIRO, Leonídio. O escritor mais lido da língua portuguesa. In: \_\_\_\_\_. **Afrânio Peixoto**. Rio de Janeiro: Condé, 1950. p. 419).

Reiterando o caráter multifacetado de Afrânio Peixoto, em 1923 Medeiros e Albuquerque (1867-1934), outro intelectual polivalente daquela geração declarou, de maneira cômica, que as publicações de Peixoto não eram fruto do trabalho de um indivíduo, mas representavam a produção de vários autores. Brincando com essa característica do médico e, ao mesmo tempo, enaltecendo a geração a qual ambos pertenciam, Medeiros e Albuquerque afirmou que:

Um crítico literário do século XXI poderá, sem esforço, demonstrar que o nome de Afrânio Peixoto não correspondeu jamais à determinada individualidade: era o pseudônimo de um grupo de homens de ciência e de letras. Na Inglaterra, a advocacia é exercida por firmas comerciais. Nessas firmas trabalham vários advogados, cada um com a sua especialidade; mas todos os contratos são feitos com a firma, que é quem distribui os trabalhos aos mais competentes. O clube literário e científico que funciona com nome de Afrânio Peixoto fez, entre nós, uma coisa até certo ponto parecida. Esse pequeno mas admirável cenáculo tem publicado livros de poesia, ciência, literatura, folclore sem nunca revelar quais os verdadeiros autores, dando a todos os nomes da firma: Afrânio Peixoto.<sup>8</sup>

De fato, as investidas de Afrânio Peixoto no campo intelectual brasileiro da Primeira República foram significativas. Em consonância com a sua geração, Peixoto dedicou-se a buscar os elementos fundantes do país, em identificar e fortalecer uma identidade capaz de particularizar o brasileiro no confronto com o outro, intentou compreender a natureza da inserção da nação no contexto internacional e, ainda, procurou perscrutar as potencialidades da terra, do povo, do clima, da geografia, da etnia, da antropologia, da história brasileira, lançando perspectivas a serem concretizadas no futuro. Todas estas investidas foram registradas nas suas produções, justificando a amplidão dos temas abordados por sua trajetória intelectual.

De todo o amplo material produzido pelo médico, esta tese selecionou de maneira privilegiada, as suas obras literárias. No ano de 1911 Peixoto tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras e iniciou a escrita de romances, tendo produzido, entre o ano de 1911 até 1929, sete obras literárias. “A Esfinge” em 1911, “Maria Bonita” em 1914, “Fruta do Mato” em 1919, “Bugrinha” em 1921, “As Razões do Coração” em 1924, “Uma Mulher como as Outras” em 1927 e “Sinhazinha” em 1928. Embora a carreira literária de Afrânio Peixoto tenha ficado bem demarcada, iniciando-se e finalizando-se com as produções definidas pelo autor e pela crítica literária como “romances”, a compreensão das obras evoca demarcações

---

<sup>8</sup> MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa. O Estado de São Paulo, 17/12/1919. In: PEIXOTO, Afrânio. **Separata dos Arquivos de Medicina Legal e Identificação**, vol. 14, Janeiro de 1937, (não paginado).

temporais bem mais amplas. Considerando, portanto, que a escrita literária de Afrânio Peixoto só pode ser compreendida se atrelada a sua trajetória intelectual, o período abordado por esta tese vai desde 1897, quando Afrânio Peixoto iniciou suas pesquisas no campo científico, até a década de 1930, quando foi produzido o último romance do médico. Tais balizas temporais são marcos que nos auxiliam a localizar as produções mais significativas da trajetória intelectual de Peixoto, mas não podem ser consideradas de forma estanque, em virtude do volume de produções de Peixoto, que só se encerrou com a sua morte, em 1947.

No período em que escrevia as obras literárias, Peixoto dedicava-se também a diversas outras atividades, as quais tornaram o seu nome conhecido no contexto intelectual e político do período. Além de membro da Academia Nacional de Medicina (ANM) desde 1903, Peixoto tornou-se um acadêmico da ABL em 1911 e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1919. A partir destes espaços, Peixoto produziu e divulgou diversos estudos que lhe legaram considerável prestígio e destaque. Por meio da ABL e do IHGB o intelectual veiculou uma ampla produção que foi desde a escrita dos sete romances até as áreas de crítica literária, folclore cultura popular brasileira, além de estudos de caráter histórico que investigaram fontes sobre a história do Brasil e biografias do escritor português Luís Camões, do poeta Castro Alves e do Padre Antônio Vieira.

No que diz respeito à sua atuação profissional, Peixoto foi nomeado diretor do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro em 1907. Daquele Instituto o médico produziu diversas intervenções no cenário científico que repercutiram na esfera pública, principalmente no que se refere às práticas de identificação da população e a “obrigações minuciosas de perícia”, tornando obrigatória a prática “dos mais variados exames médicos-legais, tudo com exatidão e registro em relatórios”.<sup>9</sup> Em 1913 Peixoto foi empossado professor na cátedra de Medicina Pública da Faculdade de Direito, com a disciplina de Medicina Legal. Dois anos depois, em virtude de suas relações políticas, chegou ao cargo de diretor geral de Instrução Pública do distrito federal. E, em 1916, o médico assumiu, finalmente, a cátedra de Medicina Pública da FMRJ depois de mais de dez anos após prestar o concurso, ocupando a cadeira de Higiene. Por fim, durante o período estudado por esta tese, entre finais do século XIX e as três primeiras décadas do século XX, Peixoto ainda atrelou a estas atuações a função parlamentar, sendo eleito deputado federal pela Bahia em 1924 e permanecendo no congresso nacional por dois mandatos consecutivos.

---

<sup>9</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 58.

Das obras literárias escritas por Afrânio Peixoto até o final dos anos de 1920, quatro delas relataram sobre a realidade do sertão brasileiro. Estas são as que nos interessam mais de perto. Analisar suas obras literárias a partir daquilo que se manifestou como um projeto de conhecer, estudar e divulgar o Brasil sertanejo é o objetivo central desta tese. Em primeiro lugar buscamos compreender por que Peixoto tomou o sertão como tema principal de seus romances e, paralelamente a isso, o lugar ocupado pelas terras sertanejas nos debates tecidos nos diversos espaços pelos quais o médico circulava. Analisar as obras literárias de Afrânio Peixoto a partir daquilo que se manifestou como um projeto de conhecimento do Brasil sertanejo, eis o aspecto central deste estudo. O principal interesse consistiu em identificar e analisar o retrato das terras sertanejas construído por Afrânio Peixoto nas primeiras décadas do século XX.

Procuramos compreender como esse autor conjugava ciência e literatura e, ao mesmo tempo articulava a função intelectual, política e nacionalista no modo de representar o Brasil das primeiras décadas da República. Assim, nosso interesse foi também analisar o lugar ocupado por Afrânio Peixoto no cenário social, político e cultural da época em que produziu suas obras. Nesse contexto, é fundamental, na perspectiva deste trabalho, compreender o entrelaçamento entre a construção da sua figura enquanto intelectual e homem público, os lugares sociais e institucionais nos quais falava, bem como as ideias científicas que professava. Partimos do princípio que sua produção literária só poder ser entendida quando conjugamos todos estes elementos.

De outro lado, este trabalho procura afirmar que as obras literárias de Afrânio Peixoto foram empregadas como veículos privilegiados e ferramentas políticas que visavam positivar a maneira como representava o Brasil e os brasileiros. Imbuído do instrumental científico, particularmente os conhecimentos da medicina higiênica e legal, Afrânio Peixoto buscou destacar a positividade do clima tropical e da miscigenação racial, combatendo o discurso hegemônico que apontava os “males do Brasil” como irremovíveis. Movido por um “nacionalismo militante” o escritor baiano afirmava categoricamente que os chamados “problemas nacionais” poderiam ser resolvidos a partir de intervenções políticas, sociais e científicas bem dirigidas. Para entendermos as ideias apontadas na literatura de Afrânio Peixoto consideramos imprescindível a compreensão das principais ideias propagadas pelo intelectual. Neste sentido, a produção literária torna-se parte indissociável de um amplo processo de formação de ideias, de posturas, de defesas e de posicionamentos cuja chave interpretativa está fora dela.

Perseguindo estes objetivos, nosso interesse concentrou-se em entender o texto e o contexto das produções de Afrânio Peixoto, uma vez que, outra hipótese que guiou a pesquisa, é a de que os trabalhos literários de Afrânio Peixoto estavam dialogando diretamente com os enfrentamentos, os conflitos, as disputas assumidas pelo médico na arena científica. A escrita literária seria, segundo essa hipótese, uma tomada de posição, uma reiteração e uma tentativa de comprovação das ideias que o médico estava defendendo na sua atuação no campo científico, particularmente nos interesses políticos, disputado com outras instituições, de “desvendar” e de “salvar” a pátria.

Conforme apontou Ângela de Castro Gomes, aqueles intelectuais dedicavam-se intensamente ao desafio de salvar a pátria porque, em última instância, tratava-se de salvar a eles mesmos<sup>10</sup>. O resultado destas tentativas pode ser observado pelo fato de que nas primeiras décadas do século XX brotaram estratégias e alternativas de redenção da nação, nos seus aspectos geográficos, biológicos e raciais. Seguindo ainda a perspectiva de Ângela de Castro Gomes, estou pensando a “categoria” intelectuais como uma classe “socioprofissional de contornos pouco rígidos.”<sup>11</sup> Isto é, como produtores e mediadores de interpretações da realidade social que possuem grande valor político. As constatações e apresentações dos pensamentos formulados por esses intelectuais objetivavam inferir intervenções práticas na realidade social. Pensar a sociedade estava intimamente relacionado à ideia de transformá-la. De acordo com Gomes, no Brasil de fim do século XIX e das primeiras décadas do século XX, “não é consistente (empírica e teoricamente) assumir uma clara separação entre o campo intelectual e político, embora seja possível reconhecer uma relativa e crescente autonomia na dinâmica de cada um.”<sup>12</sup>

Foi por estes motivos que, na obra “Um Sertão Chamado Brasil”, Nísia Trindade de Lima referiu-se aqueles intelectuais do início da república brasileira a partir da definição de *intelligentsia*, inferida por Karl Mannheim. O conceito designaria “um grupo social cuja tarefa específica consiste em dotar uma dada sociedade de uma interpretação de mundo”.<sup>13</sup>

Colaborando com esta definição, Mariza Corrêa alertou para o fato de que aqueles intelectuais do começo do século XX clamaram para si a tarefa de definir o Brasil enquanto

---

<sup>10</sup> GOMES, Ângela de Castro. História, Ciência e Historiadores na Primeira República. In: HEIZER Alda e VIDEIRA, Antônio Augusto Passos (Orgs.). **Ciência, Civilização e República nos Trópicos**. Rio de Janeiro: Mauad Faperj, 2010. p. 12.

<sup>11</sup> Ibid., p. 13.

<sup>12</sup> Id.

<sup>13</sup> MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 38. Apud: LIMA, Nísia Trindade de. **Um Sertão Chamado Brasil**. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ, 1999. p. 19-20.

povo e o país como nação, num entrelaçamento inseparável entre a ciência e a política. A ciência seria o anjo tutelar da sociedade e forneceria a interpretação de mundo proposta por aquela *intelligentsia*, afirmou a pesquisadora. Mariza Corrêa chamou a atenção para os conflitos institucionais que permearam a prática daqueles indivíduos, demonstrando que “longe de formar um grupo homogêneo lutando pela implantação do progresso científico no país, como os membros gostavam de se autorretratar eles estão vinculados, muitas vezes, a interesses antagônicos”.<sup>14</sup>

Outra ideia bastante pertinente para esta pesquisa também foi demonstrada por Mariza Corrêa e diz respeito ao fato de que ao assumir a tarefa de pensar o Brasil e de construir pensamentos próprios sobre a nação, aquela intelectualidade passou de “objetos do poder colonial a sujeitos da soberania nacional”.<sup>15</sup> Isso explica também a dedicação e o esforço empreendidos por aqueles indivíduos na constituição de instituições promotoras e propagadoras de saber.

Considerando, portanto, que a promoção de um saber nacional estava diretamente relacionada com a capacidade daquela geração de se emancipar dos saberes colonizadores e iniciar um repertório próprio de conhecimentos, acreditamos que duas coisas eram imprescindíveis. Primeiro identificar e definir uma gama de temas para os estudos, para, em seguida, organizar instituições propagadoras de tais conhecimentos. A motivação para identificar os saberes e o laboratório para a sua efetivação era a realidade nacional nos seus mais diversos matizes. Neste sentido, a geografia, a história, o clima, a composição racial da população, as definições antropológicas, a estrutura política e as potencialidades futuras foram intensamente debatidos dentro de instituições organizadas pelos próprios intelectuais. Para Mariza Corrêa, a aproximação ou distanciamento daqueles indivíduos em relação às instituições que foram sendo organizadas (e que eles mesmos criavam) é elucidativo das posições assumidas e das ideias gestadas por aqueles personagens.<sup>16</sup>

Tal perspectiva demonstra que as ideias professadas estavam amarradas às instituições nas quais eles mantinham-se atrelados. Lilia Moritz Schwarcz demonstrou que foi no interior dos estabelecimentos institucionais em que trabalhavam que aqueles homens de ciências, políticos, pesquisadores, literatos, acadêmicos e missionários iriam tomar para si a “quixotesca tarefa” de reproduzir e aceitar teorias estrangeiras que condenavam o país ao

---

<sup>14</sup> CORRÊA, Mariza. **As Ilusões da Liberdade**: a Escola de Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2001. p. 12.

<sup>15</sup> Id.

<sup>16</sup> Ibid., p. 17.

fracasso ao mesmo tempo em que propagavam uma missão nacionalista de fazer o país vingar.<sup>17</sup>

Segundo Schwarcz, os institutos, os museus, as academias e as faculdades de medicina e de direito foram os primeiros estabelecimentos que refletiram sobre o momento pelo qual o país passava, analisando as perspectivas científicas internacionais e associando os prognósticos lançados pelos sábios estrangeiros à realidade nacional. Dentre os diversos saberes a que se dedicavam aqueles intelectuais, a realidade racial, antropológica e as condições mesológicas do país foram os itens que se alastraram integralmente, naqueles institutos.

A importância dos institutos, das academias, dos museus e das faculdades de medicina e de direito era, portanto, fundamental tanto para a acomodação das teorias estrangeiras quanto para a veiculação desse novo rol de saberes. Lilia Moritz Schwarcz alertou ainda, tal como fez Mariza Corrêa, para o fato de que os espaços institucionais nos quais circulavam os intelectuais da Primeira República eram promotores de saberes diversos e, muitas vezes, antagônicos. Analisar os espaços de fala torna-se, segundo as autoras, uma estratégia para a compreensão da dinâmica de reconstrução de conceitos estrangeiros que foram conjugados a modelos nacionais de acordo com o contexto em que aquelas teorias se inseriam.<sup>18</sup>

Neste sentido, compreendemos a relação texto e contexto como uma ferramenta metodológica desta pesquisa. Ou, dito de outra maneira, o caminho perseguido para a análise das fontes foi aquele que as tomou como produtos dos contextos nos quais elas foram produzidas, a partir de seus condicionantes sociais e institucionais.

A análise das ideias intelectuais amarrada ao truncado contexto social na qual foram produzidas e com o qual dialogam é uma interessante proposta de abordagem da história intelectual, ou da história social das ideias. Fruto de uma renovação metodológica da história política, a história dos intelectuais ganhou um novo status a partir dos anos de 1970. Segundo Jean-Francois Sirinelli, essa renovação se deu, em grande medida, pelo fato de que estas abordagens assumiram os seus lugares de fronteira entre a história dos intelectuais, a história da cultura política e, em sentido mais amplo, a história das ideias, abrindo mão da tentativa de delimitar de maneira estanque cada uma destas abordagens.<sup>19</sup> Marcos Antônio Lopes chamou a atenção para o fato de que foi no bojo destas inovações historiográficas, e “em virtude de

---

<sup>17</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e a Questão Racial no Brasil, 1870- 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 18.

<sup>18</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit., p. 17 e CORRÊA, Mariza. Op. Cit.

<sup>19</sup> SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (Org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 264.

uma importante injeção de consciência histórica nos estudos sobre pensamento político”<sup>20</sup> que os elementos constitutivos da relação texto/contexto tiveram um expressivo relevo na condução dos trabalhos históricos que tomavam os intelectuais e as suas ideias como objetos de pesquisas. Assim, a intencionalidade autoral, os atos do discurso bem como os problemas relacionados à linguagem política tornaram-se contribuições inovadoras das mais recentes tendências da história intelectual.

Dentre as contribuições mais significativas sobre os estudos da relação texto/contexto temos os trabalhos produzidos pelo historiador inglês Quentin Skinner. Desde 1974 que Skinner vinha apontando que “a percepção do sentido histórico de um determinado texto é uma condição necessária para sua compreensão, e este processo jamais será alcançado simplesmente ao estudarmos apenas o texto”.<sup>21</sup> A proposta de Skinner tinha inspiração no chamado “contextualismo linguístico e nos atos de fala”, teorias do âmbito da filosofia da linguagem. Traduzindo para uma metodologia de pesquisa histórica, Quentin Skinner sugeriu que a análise dos textos históricos levasse em consideração a investigação sobre as intenções e motivações do autor “ao dizer o que disse” ou “ao fazer o que fez”. As respostas, segundo o autor, estariam além do texto, ou seja, no contexto no qual foram produzidos e nos personagens com os quais dialogavam. Para Skinner, portanto, os textos constituem “uma intervenção polêmica nos conflitos ideológicos do seu tempo.”<sup>22</sup> Efetuar uma análise histórica prescindiria, segundo esse autor, em nos situarmos “ numa posição que nos permita captar que tipo de intervenção o texto constitui e fornecer uma avaliação não meramente do que o autor está dizendo mas do que ele está fazendo ao propor seus argumentos.”<sup>23</sup>

Assim, o lugar ocupado pelo intelectual bem como o processo no qual ele formou suas ideias, as suas crenças, os seus conflitos, as suas filiações, os seus interlocutores tornam-se elementos fundamentais para a compreensão do texto. Para entender o lugar ocupado pelo indivíduo no contexto torna-se necessário elaborar uma investigação da sua trajetória.

A elaboração da tese teve, portanto, o desafio de investigar, problematizar e analisar a trajetória de Afrânio Peixoto, com o intuito de compreender quais foram os elementos que compunham o seu contexto, com quem o intelectual dialogava, que ideias comungava e contra

---

<sup>20</sup> LOPES, Marcos Antônio. **Para ler os clássicos do pensamento político**: um guia historiográfico. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 16

<sup>21</sup> SKINNER, Quentin. Some Problems in the Analysis of Political Thought and action. In: TULLY, James. **Meaning and Context**. Quentin Skinner and his critics. Cambridge,: Polity Press/Basil Blackwell, 1988. p. 104, apud LOPES, Marcos Antônio, Op. Cit. p. 16.

<sup>22</sup> SKINNER, Quentin. **Hobbes e a liberdade republicana**. Tradução de Modesto Florenzano. São Paulo: Unesp, 2010. p. 15.

<sup>23</sup> Id.



quem se posicionava, compreendendo que estes indicadores estariam presentes, em maior ou em menor medida, na escrita de seus textos literários.

Compreendemos a trajetória intelectual a partir dos debates sugeridos por Pierre Bourdieu. O sociólogo francês apontou para as impossibilidades de se reconstituir uma vida por meio de uma narrativa coerente, com início, meio e um fim ou uma finalidade. A imprevisibilidade do real, “um certo estado do espaço de possíveis”, as possibilidades oferecidas pelo contexto social são, segundo Bourdieu, imprescindíveis para pensar uma história de vida. Neste sentido, o sociólogo propôs o conceito de trajetória.

Para Bourdieu, entender uma trajetória pressupõe reconstruir “os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou”.<sup>24</sup> Para tal, torna-se necessário considerar “o conjunto de relações objetivas que vincularam o agente considerado- pelo menos em certo número de estados pertinentes do campo- ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e que se defrontaram no mesmo espaço de possíveis.”<sup>25</sup> Não há, portanto, um agente fixo, mas um indivíduo “cambaleante” entre os espaços do possível e as relações com os outros agentes. A trajetória só é compreensível a partir da observação do contexto e das diferentes funções acionadas pelo sujeito que acompanhamos a trajetória que, segundo Bourdieu, a única coisa que tem de fixo é o nome próprio.<sup>26</sup>

Observar a trajetória pressupõe, portanto, considerar que um indivíduo, identificado a partir do nome próprio, representa múltiplas intervenções nos espaços sociais que ocupa. Por isso, a trajetória pressupõe movimento e variação no tempo e, neste sentido, é sempre relativo a determinado referencial. Conforme observou Erivan Cassiano Karvat, “do ponto de vista do estudo do movimento- que é de onde surgiu o termo trajetória- não há sentido se falar em movimento sem se especificar o referencial que está sendo adotado.”<sup>27</sup>

Portanto, considerando o conceito de trajetória e os estudos sociais de Bourdieu, Karvat demonstrou que mais do que meramente trajeto ou espaço percorrido para se ir de um lugar para o outro, “a trajetória supõe a descrição das posições sucessivamente ocupadas por um corpo em seu deslocamento de uma posição à outra no espaço, num sistema que muda com o tempo.”<sup>28</sup> Vista desta forma, a trajetória está diretamente relacionada com as relações e

---

<sup>24</sup> BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Sobre a Teoria da Ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996. P. 82.

<sup>25</sup> Id.

<sup>26</sup> Id.

<sup>27</sup> KARVAT, Erivan Cassiano. As vidas de Faris Michaele: Reflexões acerca de trajetórias de vida, biografias e escritas da história. **Anais do XV Encontro Regional de História**. Cem anos da Guerra do Contestado. Historiografia, Acervos e Fontes. Curitiba, UFPR, 2016. (Não paginado).

<sup>28</sup> KARVAT, Erivan. Op. Cit., 2016. (Não paginado)

com as circunstâncias sociais. Ou seja, como explicou Bourdieu, nada é fixo, tudo está em sucessivas negociações no conjunto de posições simultaneamente ocupadas, “em um momento dado do tempo, por uma individualidade biológica socialmente construída, que age como suporte de um conjunto de atributos e de atribuições que permitem sua intervenção como agente eficiente nos diferentes campos.”<sup>29</sup> Visto desta forma, tentaremos perseguir as diversas maneiras que Peixoto se apresentou nos diferentes espaços em que circulava, entendendo que, embora buscasse uma postura coesa, tratava-se de uma multiplicidade de subjetividades e posicionamentos que estavam em jogo, tendo como referencial o lugar ocupado no campo no qual se movia, bem como a quantidade de capital simbólico que dispunha, considerando que tanto a posição quanto o capital variavam constantemente.

O conceito de campo, constantemente referenciado nesta pesquisa para descrever os espaços ocupados por Afrânio Peixoto na superfície social na qual ele se deslocou, também foi uma contribuição teórica de Pierre Bourdieu. Segundo Bourdieu os espaços sociais são constituídos por meio de lutas constantes pela manutenção, legitimação e ampliação destes mesmos espaços. A dinâmica da luta é oferecida pelos agentes destes campos, ou seja, indivíduos que manipulam (criando ou reproduzindo) as regras e os capitais simbólicos próprios da dinâmica dos campos.<sup>30</sup>

Dotados de mecanismos próprios, conforme propõe Bourdieu, os campos possuem propriedades que lhes são particulares. Todos eles se tornam microcosmos autônomos no interior do mundo social. A estrutura do campo é como um constante jogo, no qual, cientes das regras estabelecidas, os agentes participam, disputando posições e lucros específicos. Visto desta maneira, os espaços sociais são compostos por diferentes campos nos quais um mesmo indivíduo circula, desempenhando diferentes papéis que se alteram constantemente em virtude da dinâmica social e das circunstâncias do próprio indivíduo. Neste sentido, trata-se tanto de um "campo de forças", uma estrutura que constrange os agentes nele envolvidos, quanto um "campo de lutas", em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura.<sup>31</sup>

No caso específico da pesquisa, três campos serão fundamentais para entendermos as entradas e as oscilações de Afrânio Peixoto: o campo intelectual, científico e político. Embora estes campos não constituam esferas fixas, limítrofes e separadas, mas estejam se sobrepondo constantemente uns sobre os outros, cada campo é regido por regras específicas e dispõe de

---

<sup>29</sup> BOURDIEU, Pierre. Op. Cit., p. 82.

<sup>30</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

<sup>31</sup> BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**...., p. 50.

um arsenal próprio de capital simbólico para a sua participação e manutenção. Aliás, naquele contexto específico da Primeira República, a atividade intelectual, política e científica constituíam, muitas vezes, uma única esfera.

Foi Sergio Miceli o pesquisador que chamou a atenção para a relação inseparável entre a atuação intelectual e a atividade política dos intelectuais da Primeira República, ou seja, para o entrelaçamento entre estes dois campos. No livro “Intelectuais e Classe Dirigente”, lançado em 1979, Miceli procurou esclarecer como se constituiu um campo intelectual no Brasil da Primeira República e descobriu a relação direta entre aquela intelectualidade e as amarras políticas. Segundo o pesquisador, a profissionalização da atividade intelectual teve início no Brasil a partir da crise oligárquica de finais do século XIX. O que assegurou a expansão do mercado de trabalho intelectual, segundo Miceli, foram as pretensões da elite dirigente em legitimar suas investidas no corpo social, político e cultural por meio de justificativas intelectuais. Neste sentido, o autor demonstrou que tal fato tornou evidentes os laços que atavam os vários setores da elite pensante aos diferentes projetos em luta pelo controle do cenário político.<sup>32</sup>

Se a atividade intelectual estava se profissionalizando, os pagamentos dos honorários estavam diretamente ligados “ao manto do estado”, visto que o setor editorial, embora em expansão, não assegurava a sobrevivência daquela intelectualidade, afirmou o pesquisador. Um aspecto interessante da metodologia adotada por Miceli para detectar a formação do campo intelectual em finais do século XIX e início do XX foi a utilização da prosopografia, com vistas a substituir a inconstância das histórias individuais por famílias de trajetórias intrageracionais no seio de uma produção cultural. Embora a análise de Miceli seja extremamente reveladora daquela intelectualidade, ela também “construiu grades”, como bem apontou Antônio Candido.<sup>33</sup>

Trata-se do fato de que a análise generalizada ignora, por própria força do método, a observação do miúdo. Daquela “miúdo que atrapalha as generalizações”<sup>34</sup>, apontou Antônio Cândido no prefácio da obra de Miceli. Outro risco que também foi apontado por Cândido, é o de que ao generalizar perdemos a noção de que “no processo estão envolvidos homens com a sua carne e a sua alma”.<sup>35</sup> Se for certo que aquela intelectualidade esteve envolvida com a elite política, e isso é um fato, ela também lutava por manter a sua dignidade ou autonomia

---

<sup>32</sup> MICELI, Sérgio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>33</sup> CÂNDIDO, Antônio. Prefácio à obra *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil*. In: MICELI, Sérgio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 73.

<sup>34</sup> Id.

<sup>35</sup> Ibid., p. 74.

mental. Talvez por isso, a análise de Miceli soe tanto “corajosa” quanto “um tanto angustiada”, conforme inferiu Antônio Candido.<sup>36</sup>

Outra perspectiva daqueles intelectuais, a qual contribuiu para a análise desta tese, foi trazida por Nicolau Sevcenko. Segundo este historiador, aquela intelectualidade que presenciou a implantação do regime republicano e os primeiros passos rumo à consolidação do sistema, a prática intelectual estava indissociada da atividade militante. Aqueles intelectuais se viram como os mosqueteiros das mudanças que legariam ao Brasil à condição de nação.<sup>37</sup> Com o trabalho de Sevcenko torna-se possível relativizar a generalidade fornecida por Sérgio Miceli e observar outras perspectivas daquele contexto.

Na obra “A Literatura como Missão”, Sevcenko demonstrou que o fato mais marcante para a intelectualidade que vivenciou os anos finais do império e os primeiros da república foi uma completa decepção com a classe dirigente que se instalou no poder. Em sua pesquisa, o autor demonstrou que os indivíduos que se caracterizavam como a elite pensante do Brasil de finais do século XIX assumiram a função de “mosqueteiros intelectuais” em virtude do envolvimento que tiveram pelos fatos que mudaram o cenário político, econômico e social brasileiro nas décadas finais do Império. Tratava-se, segundo o autor, de um sonho coletivo, em que estavam envolvidos “todos” os intelectuais brasileiros porque aqueles indivíduos se sentiram os arautos do processo que legaria ao estado brasileiro a alcunha de nação.<sup>38</sup> O historiador demonstrou, ainda, que esse nacionalismo intelectual não se resumia a um desejo de aplicar ao país técnicas e conhecimentos desenvolvidos na Europa, mas em criar um saber próprio sobre o Brasil.<sup>39</sup> Todo esse ânimo exaltado nos intelectuais da geração de 1870 resultou malgrado, apontou o historiador, visto que “a consolidação as novas instituições deu-se através de um processo extremamente caótico e dramático, que não poderia deixar de imprimir marcas nas consciências dos que as aspiravam como um ideal imaculado.”<sup>40</sup> A repercussão desse desapontamento teria vigorado por um longo período.<sup>41</sup>

---

<sup>36</sup> Ibid., p. 75.

<sup>37</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

<sup>38</sup> Segundo Sevcenko Tobias Barreto teria dito que “temos um Estado, mas não temos nação”, frase recorrente naquele contexto de formação nacional, característico do período de implantação da república. (SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit., p. 83). José Murilo de Carvalho descreveu outra frase emblemática daquela decepção. Ela teria sido proferida por Alberto Sales, enquanto o seu irmão Campos Sales exercia a presidência da república. Segundo Carvalho, Alberto Sales teria dito, decepcionado que “Este Estado não é uma nacionalidade; este país não é uma sociedade; esta gente não é um povo. Nossos homens não são cidadãos”. (CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e Bordados**: Escritos de História e Política. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 102).

<sup>39</sup> SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit., p. 85.

<sup>40</sup> Ibid., p. 86.

Assim, “obliterados no prestígio público duplamente pela pressão das oligarquias e pelo analfabetismo crônico do grosso da população”<sup>42</sup> os intelectuais da primeira república teriam utilizado a literatura para denunciar aquele quadro, ao mesmo tempo em que não desistiam de apontar propostas para a sua transformação.

Sevcenko afirmou, ainda, que “deixados por si mesmos, desperdiçados enquanto potencialidades sociais, acabariam com a consciência dividida entre o pensamento e a ação, condenados a um distanciamento permanente da realidade.”<sup>43</sup> Tal cenário exigiu que se movessem nos limites entre uma atividade autônoma e as esferas públicas. Se os interesses de um estado autoritário e oligárquico eram, na maioria das vezes, opostos aos princípios propagados por aqueles intelectuais, o sucesso da tarefa, conforme eles a concebiam, estava diretamente implicada na aceitação que o estado fizesse das propostas por eles formuladas. Tal quadro demonstra que para professar a militância de que se sentiam incumbidos àquela intelectualidade oscilou entre anseios e frustrações e precisou conjugar os seus sonhos com a infinita burocracia e instabilidade estatal.

Segundo o pesquisador, um dos espaços que acolheu e amparou boa parte daqueles intelectuais foi a atividade jornalística; outros se empenharam em galgar lugares no funcionalismo público e alguns mantiveram-se “nostálgicos da atividade intelectual professada pela geração de 1870”. Neste sentido, aquela intelectualidade se debatia fornecendo opiniões por meio dos artigos e reportagens diárias ou, ainda, atrelando seus projetos políticos em uma literatura nacionalista e “disciplinadora”, que intentava ditar os rumos da sociedade e das individualidades.<sup>44</sup> Sevcenko resumiu esta postura afirmando que a atuação pública daqueles intelectuais passou a ser “declaradamente uma emanção da sua posição particular na sociedade.”<sup>45</sup>

Ainda segundo Sevcenko, os “homens de letras” se fragmentaram em três grupos (e subgrupos) bem definidos, dos quais dois representavam polos opostos: havia de um lado aqueles que o pesquisador denominou de “os vencedores” que, articulando figura pessoal e sociabilidades, além de “um estilo impessoal e anódino” da *Belle Époque*, conseguiram conquistar espaços junto ao público, à imprensa e às editoras, resultando em escritores de sucesso, particularmente depois de receberem o “condão mágico da consagração” fornecido

---

<sup>41</sup> Em 1924 foi feita uma obra coletiva intitulada “A Margem da História da República”, organizada por Vicente Licínio Cardozo e que aponta para a permanência das decepções e das tentativas de buscar soluções para a realidade política e social do Brasil da primeira república.

<sup>42</sup> SEVCENKO, Op. Cit., p. 89.

<sup>43</sup> Ibid., p. 93.

<sup>44</sup> Ibid., p. 104.

<sup>45</sup> Ibid., p. 106.

pela ABL. De outro lado estariam, segundo o historiador, os “derrotados” ou “ratés” que marginalizados acatavam seu opróbio com resignação diante da situação ou, inconformados, reagiam pela combatividade permanente. Para Sevcenko, somente esse último grupo, o dos “derrotados e inconformados” que:

Iriam se ajustar adequadamente às potencialidades da nova realidade dedicados que estavam em dispor do manancial científico e cultural europeu a fim de conhecer a fundo a realidade nacional e poder dirigir conscientemente o curso da sua transformação a partir do interior mesmo do seu mister. Espécie de “escritores cidadãos”, exerciam suas funções com os olhos postos nos centros de decisão e nos rumos da sociedade numa atitude perspicaz de “nacionalismo intelectual”.<sup>46</sup>

Uma das contribuições do presente trabalho encontra-se justamente na tentativa de analisar um autor dentre aqueles que, fazendo parte desse mundo das letras, oscilou entre a subordinação aos interesses da elite dirigente e a elaboração de um projeto de interpretação do Brasil com vistas a uma atuação missionária e de intervenção pública. Neste sentido, procuraremos analisar as contradições daquela intelectualidade que, ao mesmo tempo em que se sobrevivia à custa do Estado, como identificou Miceli, também se propunha a projetos reformadores, oscilando entre o conservadorismo das suas ideias e as tentativas de mudanças levadas a cabo pela atividade intelectual.

Embora esta tese não pretenda explorar essas atuações na sua totalidade pretende, ao menos, acompanhar a atuação de Afrânio Peixoto nos diferentes espaços para compreender a identidade do intelectual e o próprio papel que atribuía à intelectualidade daquele contexto, uma vez que essa ideia refletia a sua missão política. Tal constatação nos alerta para a possibilidade de identificar a atividade intelectual não meramente como uma estratégia de manutenção do *status quo* em decadência da aristocracia política de fins do Império, mas como a mola propulsora para a ascensão social. A trajetória intelectual de Afrânio Peixoto permite observar a importância da atividade intelectual na construção dos seus espaços sociais.

Aspectos importantes da trajetória de Afrânio Peixoto foram analisados por Marcos Chor Maio (1999), Renata Prudêncio da Silva (2014), e Flávio Coelho Edler (2015).<sup>47</sup> Estes três autores tiveram como característica comum a abordagem da trajetória intelectual de Afrânio Peixoto em consonância com as suas atividades científicas e políticas.

---

<sup>46</sup> Id.

<sup>47</sup> EDLER, Flávio Coelho. Afrânio Peixoto: uma cruzada civilizatória pela nação possível. In: HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade de. (Orgs). **Médicos Intérpretes do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2015.

Marcos Chor Maio realizou um dos primeiros trabalhos históricos que buscou abordar a trajetória de Afrânio Peixoto para a compreensão das estratégias de intervenção na vida pública acionada a partir das atuações no campo médico. O autor entendeu as interferências de Peixoto a partir do ponto de vista da estratégia e lhe legou intencionalidades conscientes para o reconhecimento, prestígio e consagração social. Desta maneira, Marcos Chor Maio afirmou que a mudança para a capital federal, a entrada na ABL e até o casamento com Chiquita de Faria, filha de Alberto de Faria, teriam representado estratégias de ascensão social acionadas pelo médico.<sup>48</sup>

Renata Prudêncio da Silva elaborou a sua tese de doutorado sobre as ciências de Afrânio Peixoto. Realizando uma ampla pesquisa sobre as ideias científicas do médico, a pesquisadora demonstrou as estratégias empreendidas por Peixoto para a formação, circulação e manutenção de três especialidades da ciência médica: a higiene, a medicina legal e psiquiatria. Para entender a constituição destes três campos de saberes no Brasil, bem como a maneira como foi se definindo as especialidades, a pesquisadora dividiu as três ciências de forma separada e autônoma uma das outras. Na intenção de diferenciar os três espaços de atuação de Peixoto e as contribuições relegadas pelo intelectual para as definições destas ciências no Brasil, a pesquisa demonstrou muito mais a estrutura e funcionamento da higiene, medicina legal e psiquiatria do que as investidas ou singularidades de Afrânio Peixoto. O intelectual ficou diluído e, por vezes, pulverizado frente a um arsenal vastíssimo das implicações daquelas ciências. O estudo de Renata Prudêncio da Silva contribuiu para uma visão mais ampla dos principais embates travados naqueles espaços científicos nos quais Peixoto se movimentava, proporcionando visualizar o médico na concorrência com os seus pares.<sup>49</sup>

Por fim, no ano de 2015, Flávio Coelho Edler lançou um artigo sobre a trajetória de Afrânio Peixoto. O artigo foi publicado na obra “Médicos Interpretes do Brasil” e pretendeu compreender a trajetória particular de Afrânio Peixoto como um modelo para exemplificar diversas intervenções realizadas pela elite médica do início do século XX sobre a sociedade brasileira<sup>50</sup>. Neste sentido, o pesquisador identificou na produção intelectual de Afrânio

---

<sup>48</sup> MAIO, Marcos Chor. Afrânio Peixoto: notas sobre uma trajetória médica. **Revista da SBPC**. Campinas, n.º 11, p. 75-81, 1994; MAIO, Marcos Chor. Afrânio Peixoto: estratégias e desventuras de um intelectual na vida pública. **Agora**. Niterói, n.º 2, p. 26-38, 1994.

<sup>49</sup> SILVA, Renata Prudêncio da. **As Ciências de Afrânio Peixoto: Higiene, Psiquiatria e Medicina Legal (1892-1935)**. Tese de Doutorado. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

<sup>50</sup> EDLER, Flávio Coelho. Afrânio Peixoto: uma cruzada civilizatória pela nação possível. In: HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade de. (Orgs). **Médicos Intérpretes do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2015.

Peixoto “uma pedagogia para a nacionalidade”, atrelando atividade científica do médico a sua atuação pública. O texto de Edler proporciona visualizar a militância nacionalista de Peixoto, além de demonstrar as particularidades de seu projeto político. A minha perspectiva nesta tese dialoga com estas três pesquisas e pretende demonstrar a intervenção literária realizada pelo médico. Pretendo, portanto, contribuir para o debate historiográfico sobre Afrânio Peixoto investigando as suas intervenções literárias.

Outra contribuição que essa tese pretende apresentar diz respeito à pesquisa documental utilizada em sua escrita. Mesmo que a fonte principal sejam os seus escritos literários, compreendemos que identificar “o que Peixoto estava fazendo ao escrever literatura” só é possível a partir do entendimento do seu contexto mais amplo, do debate com seus pares, das posturas assumidas pelo médico na arena política e científica, conforme já salientado.

Neste sentido, é preciso esclarecer que Afrânio Peixoto participou ativamente na construção dos acervos de sua memória e da sua trajetória pessoal. Em consonância com boa parte daquela intelectualidade, o médico empreendeu esforços significativos para a manutenção de um arquivo pessoal. Ao longo de sua vida, selecionou cuidadosamente recortes de jornais, artigos de revista, críticas e elogios editados sobre suas publicações e, ainda, guardou cartas e recados- tanto os enviados, elaborando uma cópia, quanto os recebidos. Todo esse acervo, cuidadosamente selecionado, passou a integrar dois grandes arquivos da trajetória intelectual de Afrânio Peixoto. Um deles encontra-se na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro e outro na Casa de Cultura Afrânio Peixoto, localizado em Lençóis, na Bahia, a quatrocentos quilômetros da capital, Salvador.

No arquivo baiano, que foi construído na casa em que Afrânio Peixoto nasceu, encontra-se uma quantidade considerável de material que vai desde alguns originais das obras que foram enviadas às editoras, além de escritos inéditos, esboços, projetos, ideias que não saíram do papel e que jazem nos fichários. Há pelo menos dez pastas contendo correspondências pessoais trocadas por Afrânio Peixoto com seus familiares, amigos, leitores de suas obras, desde os anos de 1890 até o ano de sua morte, em 1947.<sup>51</sup> Além disso, é possível encontrar esboços que demonstravam o processo de construção das produções do

---

<sup>51</sup> Em relação às correspondências os remetentes são diversos, desde as pessoas da família do médico (irmãs, cunhados), bem como dos seus pares. Assim, há um número considerável de correspondências de Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, Miguel Couto, Afonso Celso, João Ribeiro, José Veríssimo, Ronald de Carvalho, Aloísio de Azevedo, Aloísio de Castro, Viriato Corrêa, Monteiro Lobato, Roquette-Pinto. Destes excedem em número as de Paulo de Azevedo (diretor da Editora Companhia Nacional) e Mário de Alencar. As cartas de Mário de Alencar, amizade que durou pela vida inteira.



intelectual, representados por recortes de jornais e de revistas de assuntos que ele estava desenvolvendo ou pretendia desenvolver. Junto a estes materiais há também cadernos com citações de obras que Peixoto estava lendo e que iria acrescentar nos seus trabalhos. No mesmo arquivo há uma vasta biblioteca com obras extremamente raras, particularmente as mais antigas, com páginas demarcadas quando tratam da obra de Peixoto.<sup>52</sup>

Na parte de cima da Casa de Cultura Afrânio Peixoto encontra-se a roupa que o intelectual usou no dia que tomou posse na Academia Brasileira de Letras, sua escrivaninha e alguns quadros de sua coleção particular. Consta ainda naquele acervo, uma coleção de fotografias de Peixoto, retratando diversos e diferentes momentos de sua vida. Ao lado da Casa e em extensão dela, há uma sala de cinema, a única da pequena cidade.

Outro material interessante que consta em meio a diversas cartas de Peixoto, na Casa de Cultura Afrânio Peixoto, é um maço, de mais de cinquenta cartas, de certo Antônio Martins de Aquino. Digo interessante porque estas cartas não são endereçadas a Peixoto. A primeira carta data de 20 de maio de 1890 e as correspondências estenderam-se até por volta de 1900. Todas foram escritas de dentro do Hospital Nacional de Alienados (HNA) e se configuravam quase como “um diário íntimo” de Antônio Martins Aquino, relatando de forma espetacular os seus dias, sua rotina, suas impressões do HNA, bem como as relações que ele estabelecia com os funcionários, as características das comidas, dos tratamentos, além de demonstrar clareza da sua situação de internamento. Todas as correspondências são endereçadas ao “Sr. Administrador”, seguida do nome do diretor do Hospital, que variou ao longo da escrita das cartas e se configuram, na maioria das vezes, em reclamações efetuadas pelo interno às autoridades competentes. Não foi possível encontrar, até o momento de finalização desta tese, nenhuma pista de como Peixoto chegou a estas correspondências, porque elas ficaram em sua posse; e tão pouco dos motivos que o fez guardá-las, compondo o seu acervo e sua memória pessoal. O certo é que este material se encontra na Casa Cultural Afrânio Peixoto, aguardando um destino digno, que a retire da indiferença legada desde o tempo em que foram escritas e que segue pela posteridade.

Ainda, em relação ao arquivo de Lençóis, é digno de nota as cartas trocadas por Peixoto com os seus editores. A partir deste riquíssimo material torna-se possível investigar as relações editoriais no Brasil a partir de 1910 e, com ele, percebemos que Peixoto participava

---

<sup>52</sup> Os arquivos da Casa de Cultura Afrânio Peixoto não estavam, na ocasião da visita em dezembro de 2014, devidamente organizados, tratados e catalogados. Por esse motivo, não será possível fazer a indicação precisa da localização ou classificação da documentação utilizada ao longo da tese. Assim, estarei referenciando a documentação consultada naquele no arquivo, da cidade de Lençóis, Acervo da Casa de Cultura Afrânio Peixoto (ACCAP).

ativamente da editoração de seus livros, sugerindo o papel, o formato das letras, a escolha das capas e encarregando-se pessoalmente de grande parte da distribuição das obras. Renata Prudêncio da Silva se deteve com mais demora nestas fontes sem, contudo, esgotá-las. Nesta tese tornou-se impossível adentrar para estas esferas.

No acervo da ABL, bem mais tímido se comparado com a riqueza do material presente na Casa da Cultura de Lençóis, também foram catalogados bilhetes, artigos de jornais e revistas, correspondências pessoais, cartas que Peixoto recebia de seus leitores versando sobre os mais diversos assuntos, até uma que solicitava ao médico conselhos práticos sobre como proceder para “montar uma fábrica de sabão e tornar o sabão produzido em um amplo projeto de higiene pública”.<sup>53</sup>

Além de tudo isso, há também alguns postais trocados com figuras eminentes de sua época, possibilitando reconstituir, ainda que não em sua totalidade, o círculo de relações do médico e, ainda parte de como suas obras eram lidas, o que despertavam e como o leitor, que não estava nos círculos próximos de Peixoto, construía uma imagem do intelectual a partir das suas obras. Mesmo que neste trabalho não tenha sido possível investigar estes aspectos com mais precisão, a vastidão do material é considerável.

Dentre os documentos que compõem o acervo da ABL encontra-se uma autobiografia, “inérita”. Este material, que só chegou à ABL em 2014, é um dos mais ricos (e mais sedutores) trabalhos do intelectual. Trata-se do momento em que ele dedicou-se a interpretar a própria vida. Não é possível especificar a data da sua produção, mas é possível inferir que os escritos foram compostos em um longo período. Ouso afirmar que por mais de dez anos Peixoto se defrontou com o desafio de narrar a própria vida. Possivelmente a escrita tenha começado no início de 1930 e tenha se estendido por pelo menos toda essa década. Isso foi aventado depois de muita análise do documento citado, mais informações esparsas, que relampejavam em outros escritos. Além disso, as diferenças de papel e de conservação das páginas confirmam essa afirmativa.

O que chamei de “escrita autobiográfica” trata-se, portanto, de um amplo material datilografado no qual Peixoto elencou alguns temas guias para narrar as suas memórias. Algumas histórias se repetem, o que demonstra que não se tratava de um trabalho contínuo, mas esparso. Ao todo, foi possível fotografar duzentas e oitenta e seis páginas datilografadas, que constituem as memórias autobiográficas do médico, doadas para o Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto.

---

<sup>53</sup> Esta carta veio de São Paulo em 2 de março de 1935 e direcionava-se ao “Exmo Sr. Professor Afrânio Peixoto”. Acervo Pessoal Afrânio Peixoto, ABL. Pasta Cartas. 378-C-351a.

Até 2015, quando de nossa pesquisa na ABL, não havia sido feito nenhum trabalho de catalogação propriamente dita. Havia apenas uma carta de apresentação das fontes, endereçada ao “Ilmo Sr Acadêmico José Murilo de Carvalho, Diretor do Arquivo” e que não foi assinada. Na carta constam as afirmativas de que “em sequência aos nossos entendimentos pessoais, estou encaminhando para o centro de Memória textos avulsos de Afrânio Peixoto”<sup>54</sup> em seguida o texto confirma que o material foi escrito nos anos finais da vida do escritor, sem citar qualquer data a não ser a da morte de Afrânio Peixoto e esclarece que “houve certo interesse em divulgar as memórias [ logo após a morte do intelectual] mas que pessoas da família, entre eles seu cunhado, Alceu Amoroso Lima, discordaram dessa divulgação considerando as referências a pessoas vivas.”<sup>55</sup>

A maior dificuldade de leitura das memórias é, além da ausência de numeração sequencial de paginações, a condição do material. Muitas páginas estão praticamente ilegíveis e, ainda, em praticamente todas as páginas foram realizadas correções à caneta, com a letra de Peixoto. Nestas correções foram riscados trechos ou acrescentados adendos, às vezes em toda a extensão das margens. A tinta da caneta, mais as condições precárias de algumas páginas tornam-nas, por vezes, um material de leitura bastante difícil.

A análise do material autobiográfico exigiu uma metodologia diferenciada, visto que tratavam muito mais do contexto da década de 1930- quando estavam sendo escritas- do que do período ao qual Peixoto se remetia. De uma maneira geral foi possível organizar o material em três grandes temas: a trajetória de vida, iniciada com as memórias de infância nos sertões baianos; passando por Salvador e chegando à capital federal e, a partir do Rio de Janeiro, a demarcação de alguns espaços foram significativos para aquilo que Peixoto “escolheu” lembrar de si.

Primeiro o médico dissertou longamente sobre suas relações políticas, os contatos que estabeleceu e a rede de sociabilidades que angariou, demonstrando que ele estava sempre “em meio aos nomes mais representativos” daquele contexto. Em seguida Peixoto descreveu seus desafetos, demonstrando como fora injustamente perseguido em diversos episódios, particularmente quando ele conseguira despontar como uma figura de destaque. Por fim, Peixoto elaborou pequenas “biografias”, relatando fatos singulares (e às vezes pitorescos) da

---

<sup>54</sup> Carta de abertura do acervo das memórias autobiográficas de Afrânio Peixoto. ABL. Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto. Referência: PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**. Páginas datilografadas e avulsas. Não publicada. [S.l.: s.n.], [1938?]. Rio de Janeiro: Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto, ABL. Não paginado.

<sup>55</sup> Carta de abertura do acervo das memórias autobiográficas de Afrânio Peixoto. ABL. Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto. Apud. PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**. Páginas datilografadas e avulsas. Não publicada. [S.l.: s.n.], [1938?]. Rio de Janeiro: Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto, ABL. Não paginado.

vida de alguns personagens com os quais convivera. A Academia Brasileira de Letras foi a instituição que demarcou a unicidade das biografias.<sup>56</sup>

A autobiografia de Peixoto foi tomada como guia para o entendimento não da trajetória do intelectual (embora ela tenha resultado na trajetória), mas de como ele a construiu, a partir da autoimagem que inferiu a si próprio. Neste sentido, nos apoiamos nos caminhos apontados por Maria Lúcia Pallares-Burke que sugeriu que a autoimagem que um indivíduo projeta de si mesmo “não deve ser simplesmente descartada como se fossem dados nos quais não se pode confiar. Essas auto-imagens devem ser usadas- ao lado das imagens que outras pessoas têm desse indivíduo- como auxílio na construção de uma narrativa e na interpretação de uma vida.”<sup>57</sup> Em suma, afirmou a pesquisadora, “se é verdade que a auto-representação não deve ser tomada literalmente, ela deve ser, no entanto, considerada seriamente.”<sup>58</sup>

O caminho adotado, portanto, para a análise da autobiografia, foi aquele que buscou identificar, no contexto de escrita da obra, com quem Peixoto estava dialogando e com quais imagens acerca de si mesmo ele estava lidando. Essas foram as chaves de leitura para analisar o conteúdo da escrita, num constante ir e vir da década de 1930 com os anos relatados. Neste sentido, considero que é preciso atentar para outro fator, aquele que define como Peixoto entendia as biografias e que foi a maneira como ele recriou a sua.

Formando na tradição retórica de finais do império e partidário das instituições promotoras dos saberes a partir de figuras emblemáticas, a definição de história biográfica com a qual Peixoto dialogava era aquela professada a partir do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ou seja, uma biografia que, além de demarcar a personalidade do biografado, como uma figura de destaque, intentava demonstrar e atribuir uma importância nacionalista para a história de vida. Ou seja, ao mesmo tempo em que a figura biografada deveria servir de exemplo a outros indivíduos, inspirando-os como modelos de vida, era fundamental que a biografia estivesse indissociada de uma contribuição para a nação. A história exemplar seria, portanto, o modelo inspirador de uma biografia, que por extensão causava orgulho à nação. Foi na perspectiva de interpretar o Brasil enquanto interpretava a si próprio que Peixoto conduziu a sua autobiografia.

---

<sup>56</sup> Primeiro Peixoto falou da importância da ABL e do papel que ele exerceu dentro daquela instituição. Em seguida ele intitulou “Acadêmicos” e dissertou sobre Machado de Assis, Olavo Bilac, Carlos de Laet, Coelho Neto, Graça Aranha, Mário de Alencar, Augusto de Lima, José Veríssimo, Souza Bandeira, Lauro Muller e Assis Chateaubriand.

<sup>57</sup> BURKE, Maria Lúcia Pallares. **Gilberto Freyre**, um vitoriano nos Trópicos. São Paulo: Unesp, 2005. p. 22.

<sup>58</sup> Id.

A autobiografia serviu de guia, portanto, para entendermos o intelectual maduro, além de demarcar a maneira como Peixoto gostaria de ser lembrado, bem como o contexto no qual ele se debatia na década de 1930. A partir da constatação dos elementos principais da autobiografia foi possível atrelar o intelectual maduro à sua própria trajetória. O diálogo com aquilo que Peixoto intentava demarcar para a sua construção pessoal foi feito em paralelo com a produção de suas obras, tanto as científicas quanto as literárias. Neste sentido, nos dedicamos a identificar os elementos apontados na literatura de Afrânio Peixoto que criaram um retrato do sertão brasileiro, bem como dos elementos sertanejos apontados na narrativa autobiográfica.

A análise das obras literárias representou o segundo grupo de fontes (e o mais significativo). Para entendermos as imagens recriadas por meio da literatura foi preciso identificar quais eram as ideias de Peixoto na seara científica, visto que o literato era, antes de tudo, o médico. Neste sentido, a análise do material literário foi feita com vistas a identificar quais ideias professadas por Peixoto no mundo científico se traduziam em imagens literárias e como elas eram tratadas, que elementos apresentavam e para onde apontavam. Analisar as obras literárias se tornou impossível de forma isolada e foi necessário nos voltarmos para o extenso material de produção científica do médico, no intuito de identificar quais eram as principais ideias defendidas e propagadas por ele na seara científica.

As fontes literárias foram analisadas tendo como base o contexto em que foram escritas, considerando inclusive aquilo que se definia como literatura no início do século XX no Brasil e, ainda, os propósitos relegados à escrita literária nos lugares a partir dos quais era produzida e veiculada a literatura de Afrânio Peixoto. Considerei “textos literários” aquelas obras que foram definidas por Afrânio Peixoto, por seus pares e pelo próprio contexto do momento (e posteriormente) como sendo romance, ou seja, de gênero literário. A esse respeito, Erivan Cassiano Karvat chamou atenção para o processo que define um texto como sendo literário e não de outra natureza. Para Karvat é imprescindível que analisemos o contexto que “canoniza” os textos (sejam eles de cunho historiográfico ou literário), visto que as definições que outorgam ao texto a alcunha “literário” se fundamentam em outras obras, tidas como fundadoras das características daqueles textos. Ou seja, o que define a natureza dos textos é sempre “uma leitura competente da (ou de uma) crítica especializada, de práticas de legitimação da própria história [...] que aponta um lugar, conferindo-lhe significado,

vincando-lhe uma memória.”<sup>59</sup> Neste sentido, Karvat nos alerta para não perdermos de vista “as elaborações /representações historiográficas” que outorgaram sentidos aos textos.

Assim, a literatura de Afrânio Peixoto foi analisada tendo em consideração o contexto que a definia como sendo de natureza literária, bem como a partir dos processos que a catalogavam na tradição literária daquele momento. Consideramos a escrita literária de Peixoto como “um retrato do Brasil” ou seja, dentro de uma tradição historiográfica (e literária) que procurava registrar a nação nas suas múltiplas manifestações utilizando para isso uma linguagem romanceada, constituindo personagens e, embora reflita sobre o real, não possuiu um compromisso autodeclarado com a “veracidade” dos fatos relatados.<sup>60</sup> Consideramos que a literatura de Peixoto encerra uma imagem, um retrato e uma perspectiva de Brasil. A leitura destas obras foi feita, portanto, com vistas a identificar e refletir acerca dessas imagens.

É preciso chamar a atenção ainda – visto a quantidade de edições que as obras de Afrânio Peixoto adquiriu – para um dos riscos dos quais Maria Lúcia Pallares-Burke chamou a atenção. Trata-se das pretensões, comum em grande parte dos intelectuais que se preocuparam em construir uma memória de si, de afirmar que escreveu alguma coisa em um período que não escreveu. Ou seja, ao fazer as reedições das obras estes autores podem manter a escrita tal como estava, modificar determinadas passagens de maneira silenciosa ou declarar as alterações que produziu.<sup>61</sup> Tal fato é bastante elucidativo das características do autor, afirmou a pesquisadora e isso nos pareceu bastante pertinente.

Em relação à produção literária de Afrânio Peixoto, que foi a que nos detivemos mais minuciosamente, conseguimos comparar grande parte das edições. Não identificamos significativas alterações de conteúdo. Embora o autor tenha tido sempre o cuidado de declarar que a nova edição havia sido “revista pelo autor”; foi possível perceber que Peixoto possuía quase uma obsessão por reestruturar frases que ele julgasse “mal escritas” ou que haviam sido apontadas por seus críticos como portadoras de “ilegitimidade vernácula”. Desta maneira, Peixoto preocupava-se com a forma e justificava-se longamente na abertura das novas edições. Exemplos dessas justificativas podem ser observadas na segunda edição de *Maria Bonita*, quando o autor declarou que “quando quis dizer ‘ponte em arco’ e outras semelhantes

---

<sup>59</sup> KARVAT, Erivan Cassiano. *História & Literatura: Reflexões sobre História da História a partir de Notas de história da literatura*. In: GRUNER, Clóvis e DENIPOTI Cláudio (Orgs). **Nas Tramas da Ficção**. História, Literatura e Leitura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. p. 34.

<sup>60</sup> NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Historiadores e Texto Literário: Alguns Apontamentos*. In: **História Questões e Debates**. Curitiba, UFPR, n. 44, p. 37-48, 2016, p. 43.

<sup>61</sup> BURKE, Maria Lúcia Pallares. Op. Cit., p. 29.

expressões como ‘mão em garra’ me referi a uma figura de linguagem que é vulgar em latim e em português” e buscava referências desde os antigos romanos para convencer os críticos de que se tratava de um “estilo reconhecido”.

Na última edição da obra *A Esfinge*, feita em 1940, o autor declarou que:

Releio, uma vez mais *A Esfinge*, para reimpressão. Há sempre que corrigir e que aperfeiçoar: esse é o dever de decência do escritor. Mas o outro, de ser sincero consigo mesmo? Sendo assim, as obras mudariam estados de alma, que são como a dos autores. Este é um livro de 1910; será do seu tempo. Não lhe toquei, pois, na essência: fica como era e será. A mim, não podendo lhe dar a conformidade de agora, dou-lhe o que posso, a saudade de um tempo que passou, em que eu via assim a vida...<sup>62</sup>

Mesmo que tal declaração possa ter a intenção de reiterar a figura do intelectual, definidor de certo vanguardismo, ao que tudo indica, há coerência. A afirmativa foi comprovada na comparação de algumas edições. Entretanto, o mesmo não é válido para as publicações científicas, que foram bastante alteradas de uma edição para a outra e sempre declaradas por Peixoto. Possivelmente tal postura, nas publicações científicas, pretendia demonstrar que ele dedicava-se constantemente a atualização de seus saberes e estava antenado com os debates mais amplos do campo científico. Isso era uma estratégia de demarcação da sua figura no campo da ciência. Tal constatação se torna mais pertinente quando consideramos que as obras científicas eram, quase em sua totalidade, manuais didáticos utilizados por alunos e professores das disciplinas de higiene e medicina legal. Demonstrar, portanto, mudança no pensamento era atrelar a construção dos saberes a uma prática constante de averiguações, à dedicação a pesquisa e ao laboratório e demonstrar, em cada nova edição, os avanços na área. Além de proporcionar mais vendas das referidas obras, visto que em cada edição vinham com novidades e acréscimos.<sup>63</sup>

Assim, esta tese preocupa-se em desenvolver algumas questões centrais: qual era a imagem de Brasil propagada na literatura de Afrânio Peixoto, particularmente aquela que descreveu a mesologia sertaneja? Por que Peixoto elaborou tais retratos? Com quem dialogava e quais intenções possuía ao construir estas imagens? Como a ciência propagada

---

<sup>62</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A Esfinge*. 6ª. ed. São Paulo: Nacional, 1940. p. 05.

<sup>63</sup> Tivemos acesso a algumas edições das obras de Afrânio Peixoto na tentativa de compará-las. Visto o imenso trabalho que isso estava acarretando, decidimos realizar as citações da tese a partir das edições das obras adquiridas em sebos. Serão citadas sempre as datas da primeira edição de cada obra, seguida da data de edição da qual foi retirada. Estaremos considerando a citação como sendo (e referenciando) o período e o contexto da primeira edição, exceto nos casos em que foi possível investigar que tratava-se de uma ideia posterior ou um trecho acrescentado em outro período. Nos casos que isso aconteceu, referenciamos (e analisamos) o fato nas notas de rodapé ou no próprio corpo do texto.

por Peixoto se refletia na sua literatura? Que projeto de emancipação nacional é possível identificar no romance peixotiano? Em que medida esse projeto dialogava com a intelectualidade do início das primeiras décadas do século XX no Brasil?

Para dar conta de responder estas questões a tese foi dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo preocupou-se em reconstituir o ambiente no qual Peixoto estava envolvido na década de 1930 quando se dedicou a escrever suas memórias. Na mesma medida em que as narrativas de Peixoto são utilizadas para definir a figura do intelectual maduro, elas trazem a trajetória de Afrânio Peixoto, particularmente aqueles vividos nos sertões baianos. Desta maneira, procuramos identificar as imagens de sertão trazidas pelo intelectual, tanto na narrativa autobiográfica quanto na narrativa literária, dialogando com as definições sobre os sertões brasileiros tratados por aquela intelectualidade do início do século XX no Brasil, período em que o médico esteve envolvido com a determinação dos saberes sobre as terras sertanejas, que circulavam nos círculos intelectuais da capital federal. Para dar conta de fazer esta análise, trabalhamos também com a perspectiva de escrita biográfica, particularmente aquelas que davam conta de reconstituir “uma trajetória exemplar”, que representou um modelo biográfico bastante propagado no contexto de constituição nacional. Ao mesmo tempo em que se erigia uma biografia formava exemplos de homens que seriam orgulhos para a nação.

No segundo capítulo perseguimos a formação das principais ideias de Afrânio Peixoto a partir do início de sua trajetória médica. Neste sentido, buscamos as memórias de Peixoto sobre a Faculdade de Medicina da Bahia, bem como as suas relações com os “mestres que mais lhe influenciaram” durante os anos em que cursava medicina. Relacionando a historiografia da época, mais os relatos autobiográficos, procuramos identificar as principais ideias que Peixoto teve acesso no seu processo de formação médica e que retornaram em suas memórias autobiográficas como sendo parte daquilo que ele era. Apresentamos também as sociabilidades constituídas a partir da FMBA que lhe proporcionaram mudar-se da província para a Capital Federal da República e as sociabilidades que foram acionadas no novo local, na busca pela sua inserção no campo político, cultural, científico e literário daquele contexto.

No terceiro capítulo traçamos um paralelo entre a atividade científica do médico e a sua inserção no mundo literário. Investigando o contexto brasileiro dos primeiros anos do século XX no Brasil, analisamos a construção da figura do intelectual enciclopedista e os debates que apontavam o aparecimento do especialista e como Peixoto se situou nestas definições. Identificamos a maneira e os por quês de Peixoto ao dedicar-se a



carreira literária, bem como os propósitos que ele inferiu à literatura nos debates nacionalistas daquele momento.

Por fim, no quarto capítulo analisamos a literatura de Afrânio Peixoto destacando as singularidades da escrita literária do médico, as suas características, os principais elementos dos seus romances e as imagens construídas pelo intelectual sobre o contexto brasileiro que desponta na sua literatura, particularmente aqueles construídos sobre os cenários sertanejos. Procuramos, assim, identificar quais as imagens recorrentes e, principalmente, quais ideias defendidas na seara científica foram transplantadas para a narrativa literária no íntimo diálogo entre ciência e literatura.

## 1 “O NASCIMENTO NOS SERTÕES E A ORIGEM MODESTA”: A CONSTRUÇÃO DE “UMA TRAJETÓRIA EXEMPLAR”

Em 1898, Afrânio Peixoto, sertanejo nascido na pequena cidade de Lençóis, na região da Chapada Diamantina, no interior do Estado da Bahia, recém-formado médico pela Faculdade de Medicina daquele mesmo Estado, antes de começar a clinicar, nas cidades sertanejas para onde prometera que voltaria, decidiu empreender uma viagem para o sul. “Embarquei para o sul, maravilhei-me do Rio”,<sup>64</sup> confessou o intelectual nos anos finais de sua vida, ao recordar-se da trajetória que o teria feito desistir da clínica médica e o levado a “pensar sobre as coisas do Brasil”.

Segundo o depoimento de suas memórias, Afrânio Peixoto encantou-se com o Rio de Janeiro. “E era um Rio colonial, muito velho e muito feito, mas cuja vida intensa, intelectual e social, deslumbrou meus olhos provincianos.”<sup>65</sup> A descrição, referindo-se ao Rio de Janeiro, é anterior às amplas reformas levadas a cabo pelo prefeito Pereira Passos e das quais Peixoto foi apoiador, demarcaram que a possibilidade de partilhar de uma vida intensa, no âmbito cultural e social, teria produzido efeito tão forte no espírito provinciano do intelectual que ele desistira de atuar na clínica e fizera de tudo para transferir-se para o litoral.

Essa pretensão foi de fato efetivada. Afrânio Peixoto deixou para trás as terras sertanejas, a vida de província, e entregou-se por inteiro à intensa vida cultural e social da capital federal. Entretanto, quanto mais partilhava da vida na metrópole, mais crescia o sentimento de que, embora tivesse abandonado o sertão, este não o abandonara. Onde quer que fosse, onde quer que estivesse ele sempre seria “um sertanejo exilado no litoral”, conforme ele próprio afirmara em sua autobiografia.<sup>66</sup>

Se ,para nossos olhos contemporâneos a distinção entre litoral e sertão refere-se, na maioria das vezes, à diferenças geográficas, na capital federal do início do século XX, momento em que Afrânio Peixoto se instalou na capital federal, as definições eram muito mais amplas e, possivelmente, mais espinhosas.

A instauração do regime republicano no Brasil acarretou uma diversidade de transformações no âmbito político, social, cultural e ideológico, particularmente no que se refere aos discursos em torno da necessidade de “deixar de romantismos” e começar a conhecer o “Brasil Real”. A carga que resultava em conhecer as reais condições da nação era

---

<sup>64</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**..., não paginado.

<sup>65</sup> Id.

<sup>66</sup> Ibid.

enorme, particularmente para uma pequena elite de homens que estavam preocupados com o entendimento da realidade brasileira nas suas amplas definições. O abismo que separava a capital federal das terras sertanejas era tido como gigantesco e, por vezes, considerado intransponível.

Dado o desconhecimento, crescia a imaginação sobre o sertão e sobre as terras sertanejas. Se, conforme o pensamento que se instaurou na década de 1910, a maioria das obras literárias que retratavam o sertão era de cunho romântico e idealizado, poucos escritores ousavam expressar suas opiniões sobre aquelas terras longínquas e desconhecidas e muito menos sobre seus habitantes. Conforme uma ideia recorrente na época, “a elite brasileira conhecia mais a Europa do que o sertão brasileiro”.

Foi neste cenário que Afrânio Peixoto iniciou a construção de sua figura como intelectual. Ele chegou à capital federal já bacharel e vinha com um objetivo bem definido, além de audacioso: queria prestar concurso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, para a cadeira de medicina pública. Conforme boatos recorrentes entre o grupo de médicos, o outro pretendente à cadeira era Oswaldo Cruz, um jovem médico que destacava-se a cada dia no cenário científico e político das reformas sanitárias que estavam sendo efetivadas na cidade.

Feitas estas primeiras aproximações, o objetivo deste capítulo é analisar a relação estabelecida por Afrânio Peixoto - como parte da construção da sua trajetória intelectual - com as terras sertanejas de seu nascimento. Apresentamos inicialmente as representações de sertão definidas por Afrânio Peixoto nas suas produções, particularmente as literárias, e as relações entre essas definições, fruto das suas memórias de infância, com a imagem que ele tenta construir acerca de si mesmo, demarcando sua especificidade frente ao meio intelectual que fervilhava na capital federal nos anos de 1910.

Para entendermos o sentido das imagens registradas pelo escritor nas suas obras e a relação com a construção da sua figura intelectual, apresentamos os principais debates que constituíam o pensamento de um determinado segmento da elite intelectual da época sobre o conceito de sertão. Em seguida, por meio da historiografia acerca do período, abordamos os principais debates referentes ao sertão, principalmente a partir do impacto causado pela obra *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha; pelo desenvolvimento de um pensamento historiográfico, como o de Capistrano de Abreu; e pelos diversos debates empreendidos por nomes representativos daquela intelectualidade, que estavam se preocupando com as questões de ordem social e cultural, dentre eles, Silvio Romero e Graça Aranha, por exemplo. Considerando que Afrânio Peixoto não estava alheio a tais debates, a tentativa foi de

estabelecer um diálogo entre aquilo que ele presenciava e que fazia referências com o que ficou registrado pela historiografia.

A relação entre os debates presenciados por Afrânio Peixoto concomitantemente a construção de um pensamento social sobre as terras sertanejas nos levou à análise da autobiografia do médico, realizada provavelmente durante a década de 1930 e que ficou inacabada. Por meio do acesso a este documento, que só veio a público no ano de 2014, buscamos entender a presença de uma determinada concepção de sertão no intelectual maduro. Neste sentido, a última parte do capítulo tem por objetivo relacionar as memórias autobiografadas com a retrospectiva que Peixoto teve a oportunidade de fazer em relação à sua própria vida, bem como os sentidos atribuídos pelo intelectual maduro, à sua origem sertaneja. A presença do sertão e a busca pela compreensão daquilo que ele se tornou, na percepção de Afrânio, foi o elemento condutor da análise, na medida em que procuramos estabelecer as ressonâncias entre a dinâmica da sua trajetória (no âmbito político, científico e cultural) e as ideias que defendeu ao longo da sua vida.

### 1.1 “VIVER NOS CONFINS DO BRASIL”: O INTELLECTUAL SERTANEJO

Entre os anos de 1911 até 1929, Afrânio Peixoto escreveu sete romances, nos quais, o elemento comum à narrativa são as distinções entre uma vida urbana e cosmopolita e outra vida, aquela vivida “nos confins do Brasil”, nas paisagens sertanejas. “Entre a cidade e o sertão” foi, portanto, o tema privilegiado na sua produção literária. No entanto, defendemos que essa temática não foi constante apenas nas narrativas fictícias produzidas pelo médico: permeou também os seus estudos científicos.

Júlio Afrânio Peixoto nasceu em 1876 no sertão baiano. Era filho dos sertanejos Francisco Afrânio Peixoto e de Vigília de Moraes Peixoto. O pai era comerciante naquela localidade e, segundo referenciou Fernando Sales em uma biografia do intelectual, “era natural da cidade de São Félix, no Recôncavo baiano, e descendia de velho tronco lusíada- os Peixotos de Guimarães, cabeça de Conselho e de Comarca do Minho”<sup>68</sup>. Sobre a mãe não foram encontradas referências mais detalhadas sobre sua história. Segundo a autobiografia escrita por Afrânio, o pai chegara à região da Chapada Diamantina, na pequena cidade de Lençóis, no ano de 1856 na companhia de um único irmão. Ambos fugiam da grande seca que

---

<sup>68</sup> SALES, Fernando. **Aspectos da Vida e Obra de Afrânio Peixoto**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1987. p. 18.

atingira o Recôncavo Baiano na segunda metade do século XIX. Afrânio Peixoto foi o primogênito em uma família de dez irmãos.<sup>69</sup>

Concomitante com a geração que definiu sua carreira no âmbito intelectual, conforme pontuou Sérgio Miceli, Afrânio Peixoto era o primogênito da família e sobre quem recaíam diversas obrigações. Diferente, entretanto, das descobertas do pesquisador para aquela intelectualidade, Peixoto fazia parte “da burguesia com talentos” e não “da nobreza com tradição”.<sup>70</sup> Tratava-se de uma família sertaneja que, como diversas outras, empenhara seus sonhos na busca pela riqueza a partir dos eventos de descoberta das minas de diamante. Ao rememorar os acontecimentos de sua vida, na tentativa de reconstruir a sua própria trajetória, Afrânio Peixoto definiu-se como “de uma família modesta” e elencou os esforços pessoais, o empenho aos estudos e a sua genialidade pessoal como motores de sua ascensão social.

À sua possível “descendência de nobre família portuguesa”, tomada como ponto de partida para narrar a vida do médico por vários de seus biógrafos, Afrânio Peixoto ironizava, segundo Afrânio Coutinho. De acordo com o crítico literário, Peixoto costumava levar na carteira de bolso, copiados em cartões, alguns preceitos que se obrigava a seguir. “A título de curiosidade- afirmou Coutinho - vão aqui três deles, gentilmente cedidos pela sua Exma. Viúva”<sup>71</sup>. Um dos cartões referia-se a história da família Peixoto e afirmava que:

Consta que os Peixotos descendem do nobilíssimo Gomes Viegas Peixoto, que por sua vez era bisneto de D. Egas Henriques de Porto Carrero e bisneto de D. Fernando Afonso de Toledo, que era filho natural del-Rei D. Afonso Henriques. Portugal, Dicc. Illst. Chonografico etc. Lisboa 1911” . Em seguida foi feito o acréscimo de Peixoto à citação do Dicionário Ilustrado Histórico Cronográfico: “Qual nada! Do Povo, bem do Povo... esse Povo que não tem prêmio na vida nem na história o nome...”<sup>72</sup>

A perspectiva de que tivera uma origem modesta, de que nascera nos sertões brasileiros e de que não pertencera à famílias aristocráticas da corte foi uma das estratégias acionadas por Afrânio Peixoto para imprimir singularidade à sua figura intelectual. Tal estratégia se construiu no decorrer de sua trajetória intelectual, conforme os diálogos, os conflitos e as suas ideias iam se solidificando no amplo e disputado campo da *intelligentsia* brasileira do início do século XX. A impressão de certa autenticidade e singularidade lhe

---

<sup>69</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>70</sup> Distinção empregadas por Pierre Bourdieu para definir as trajetórias dos literatos franceses de finais do século XIX e início do XX. (BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 105).

<sup>71</sup> COUTINHO, Afrânio. Nota Editorial. In: PEIXOTO, Afrânio. **Romances Completos**. Rio de Janeiro: José Nova Aguilar, 1962. p. 10. Volume único.

<sup>72</sup> Id.

pareciam interessantes, para diferenciar-se dos seus pares. Observamos que imprimir uma distinção foi uma busca constante do médico.

Outro aspecto percebido diz respeito à sua produção literária, na qual elementos de sua vida pessoal e de suas disputas no âmbito científico constituíram matéria prima para os enredos. Em um dos romances de Peixoto foi descrita a saga de dois sertanejos, irmãos que, angustiados pela seca que assolou a região em que moravam, matando a plantação e as criações de animais, ouviram falar de uma região promissora. Sem ter o que perder, os dois desceram, com dezenas de outros retirantes, em busca dos sonhos das minas. A história dos dois personagens se parece com aquilo que Peixoto afirmou em sua Autobiografia, de que o pai também chegara a Lençóis, acompanhado de um irmão, fugindo da seca.<sup>73</sup>

Os retirantes que compuseram os personagens principais da obra *Maria Bonita*, escrita em 1914, instalaram-se na região de Canavieiras, outra parte sertaneja da Bahia que além da crença das minas de ouro, possuía e sobrevivia a partir de outra fortuna, também resplandecente, o cacau. A trajetória de retirantes, condenados pelas intempéries do clima, principalmente da seca, foi um tema constante dos romances regionais de Peixoto. Atrelando vida e obra, o médico descreveu, rememorou e tornou em literatura as relações entre o homem e o meio. O homem sertanejo e a paisagem, o clima e intempéries do sertão, constituíam aspecto fundante da construção dos personagens literários, que se adaptavam a uma natureza rude, inóspita, mas completamente contornável e viável, a partir das técnicas que a sabedoria e as centenas de anos de experiência teriam legado ao sertanejo.

Alguns autores que analisaram a trajetória de Afrânio Peixoto descreveram seu pai como “comerciante de diamantes e proprietário de escravos”<sup>74</sup> chegando a constar a notícia de que o capitão Francisco, como ficara conhecido, entregara um de seus filhos para um escravo batizar<sup>75</sup>. Nenhuma dessas informações foi declarada pelo próprio médico. Pelo contrário. As afirmativas de Afrânio Peixoto em relação à sua família e, principalmente, às referentes à figura paterna, a retratam como extremamente impositiva para sua vida, conforme ele mesmo declarou dezenas de vezes e fora aclamada como seu maior exemplo. Essas afirmativas

---

<sup>73</sup> A obra literária que apresenta essa narrativa é *Maria Bonita*, de 1914. Tal qual os personagens da narrativa, o pai de Afrânio Peixoto chegou à pequena cidade de Lençóis influenciado pela fama que a região da Chapada Diamantina ganhara, na segunda metade do século XIX, como região de diamantes.

<sup>74</sup> EDLER, Flávio Coelho. Afrânio Peixoto: uma cruzada civilizatória pela nação possível. In: HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade de. (Orgs). **Médicos Intérpretes do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2015, p. 171-194, p. 172.

<sup>75</sup> SILVA, Renata Prudêncio da. **As ciências de Afrânio Peixoto: psiquiatria, higiene e medicina legal (1892-1935)**. Tese de doutorado. Fiocruz. 2014, p 19.

descrevem um pai sertanejo, culto, autodidata, que não se envolvia em conflitos políticos partidários e para tudo utilizava a sabedoria exemplar que a vida lhe legara.<sup>76</sup>

Primeiro a figura do pai foi relacionada à saga do ouro e se misturava à sina de todos os sertanejos. Francisco Afrânio Peixoto, como centenas de outras pessoas que estavam se deslocando para as regiões das minas, vinha influenciado pelas recentes notícias de descoberta de diamantes nas Lavras Diamantinas. A trajetória de seu pai e de seu tio estava inserida, segundo Afrânio Peixoto, na própria sorte dos sertanejos brasileiros do período imperial, largados à própria sorte e à mercê das intempéries mesológicas:

Faz-se desta sorte, pouco a pouco, a cada calamidade, sêca ou inundação, o refluxo daquelas levas humanas que entraram, ao tempo da cobiça colonial, pelo recesso do país. Três séculos de domínio, sob vários regimes, foram remissos ou incapazes de substituir a ilusão de fortuna fácil das minas pela prosperidade duradoura e permanente das obras de saneamento, engenho e economia social, com que se previnem, contra a natureza os povos válidos, que produzem, trocam, se comunicam, na faina civilizada. Como as aluviões trazidas do maciço do rio, êsses resíduos humanos descem também para o remanso das baixadas e dos brejos, na costa, onde dão fundo e viçam, por vezes<sup>77</sup>.

“Por sorte”, seu pai teria conseguido sobreviver. Nenhum apoio ou assistência teria tido por parte do estado. “O sertanejo vivia de ter sorte”, afirmava Afrânio Peixoto, para denunciar um país que não observava e que, principalmente, não conhecia seus nacionais.

As narrativas que enfatizaram as tristezas e a garra da população sertaneja, largadas “ao deus dará” e em busca de um destino mais promissor, tendo como guia a natureza inóspita e o esquecimento de seus compatriotas, foram contadas em pelo menos duas obras literárias de sua autoria.<sup>78</sup> Confessando na Autobiografia que o enredo de suas obras literárias era parte das memórias de sua infância<sup>79</sup> possivelmente, ao descrever a sina dos dois irmãos, Peixoto estava também contando aquilo que ouvira de seus pais. Segundo esta perspectiva, o que Peixoto queria registrar era que pai vivera e partilhara do destino de centenas de sertanejos, os quais fugiam da seca que “matara-lhe as criações, extinguiu a lavoura; antes do mal maior, da fome, apurou o que pode, e, seduzido pela fama de vida mais fácil descera, como

---

<sup>76</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**..., não paginado.

<sup>77</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Maria Bonita**, 1914, p. 226. In: \_\_\_\_\_. **Romances Completos**. Rio de Janeiro: José Nova Aguilar, 1962. p. 10. Volume único.

<sup>78</sup> As obras que utilizaram esse enredo foram *Maria Bonita* (1914) e *Bugrinha* (1921), respectivamente.

<sup>79</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**..., não paginado.

enxurrada”<sup>80</sup> até as famosas minas, demarcando sua origem modesta e dando ênfase aos méritos que a educação, a cultura e o esforço propiciaram em sua vida.

A região da Chapada Diamantina<sup>81</sup>, extensão na qual se encontra a pequena cidade de Lençóis e que forneceu as primeiras impressões sertanejas às memórias de Peixoto, tem sua história arraigada à descoberta das minas de diamantes desde final do século XVIII e início do XIX. Uma das versões sobre as descobertas de jazidas afirma que estas se deram em terras da sesmaria do Sargento-Mor José Francisco da Rocha Medrado. Gonçalo de Athayde Pereira, membro do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, em um artigo de 1905, relatou que “entre os anos de 1844 até 1848 cerca de 30.000 almas convergiram para o Mucugê”.<sup>82</sup> Outra versão foi contada pelo próprio Afrânio Peixoto, no ano de 1920, em seu romance “Bugrinha”. No prefácio do romance o médico esclarece que “me cobraram que eu contasse a história das terras em que nasci. Pesquisei a fundo e transformei as informações em romance, mas nada foi romanceado”<sup>83</sup>. Resultado, conforme quis registrar, de pesquisas, entrevistas, lembranças e consultas biográficas, a história encontrada foi de que:

Por volta do ano de 1844, um tal de Casusa Prado e seu escravo Pedro Ferreira, vieram do Mucugê e, “abismados” com as figuras ou balizas da cidade de Lençóis, procuraram e descobriram diamante. Encheram piquás de taboca e o senhor mandou o pajem vendê-los à Chapada Velha. Lá o coitado foi preso, acusado de roubo. Logo que contou a história, o povo todo arrancou, como boiada, para toda esta lavra nova. Centenas de pessoas acamparam em torno de um rio. Do alto da serra, quando se olhava para baixo, via-se um acampamento de toldas brancas, que pareciam Lençóis. Ficou o nome ao lugarejo.<sup>84</sup>

Os sertanejos, povoadores dos confins do Brasil, aparecem retratados nos romances de Afrânio Peixoto como exemplos de homens fortes em contraponto àqueles que se acomodavam nas mordomias do litoral. Teria sido fruto e obra dos mineradores, mesmo que movidos pela cobiça, o desbravamento das imensas extensões territoriais que compunham o território brasileiro.

A pesquisa realizada por Glaybson Guedes Barboza da Silva apontou que a mineração marcou alguns capítulos importantes da história da Bahia. Durante os séculos XVII

---

<sup>80</sup> Idem

<sup>81</sup> A região das Lavras Diamantinas, hoje Chapada Diamantina compreendia uma vasta região, naquela época praticamente desabitada, mas que tinham como referências algumas localidades como o Mucugê, Santa Isabel do Paraguaçu, Vila de Lençóis e Andaraí.

<sup>82</sup> PEREIRA, Gonçalo de Athayde. Os primeiros Descobrimientos de Diamantes no Estado da Bahia. **Revista do IGHB**. Bahia, XII (31): 142-151, 1905.

<sup>83</sup> Essa afirmativa consta no prefácio da primeira edição da obra. O exemplar encontra-se na Casa de Memória Afrânio Peixoto, Lençóis Bahia. (PEIXOTO, Afrânio. **Bugrinha**. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1922. 302p).

<sup>84</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Bugrinha**. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1922. p. 538.



e XVIII foi o ouro das jacobinas que avultou os cofres da coroa portuguesa e que deu visibilidade àquela parte do território baiano. Já no século XIX, sobretudo a partir da segunda metade, o diamante suplantou a indústria aurífera e ocupou o posto de principal propulsor da mineração em terras sertanejas. Durante três séculos a mineração transformou a região: abertura das frentes de trabalho, a implantação de fazendas e a urbanização das povoações engendraram severas modificações no espaço. De uma região ocupada unicamente por enormes fazendas de sesmeiros que se valiam da força do trabalho escravizado houve a transformação para um cenário densamente povoado, de pessoas vindas de diversas partes do Brasil.<sup>85</sup>

No ano de 1853, pouco tempo depois da fama das riquezas das minas diamantíferas de Santa Isabel do Paraguaçu terem corrido o Império do Brasil, o Presidente da Província da Bahia, o doutor João Maurício Wanderley, deu mostras do impacto populacional na zona dos diamantes em sua fala na “Abertura da Assembleia Legislativa daquele ano”. O Presidente da Província atribuiu às transformações que tomaram lugar naquela região, inclusive o aumento da violência entre aquele povo, “... aos milhares de aventureiros de todas as Províncias, que busca[va]m fortuna nos terrenos diamantinos, sítos no Município da Villa de Santa Izabel.”<sup>86</sup>

Esses eventos são elucidativos do tipo de sociedade que se organizou nas cidades onde foram encontrados diamantes: tratava-se de núcleos que de uma hora para a outra tiveram sua dinâmica alterada pelo expressivo contingente humano que se dirigiu para aquelas terras, cuja sociabilidade apresenta características próprias. Foi nesse ambiente que se deram as primeiras impressões de Peixoto acerca do sertão, interferindo para a formação da sua perspectiva sobre esse espaço territorial, seja nos debates que foram travados no âmbito científico seja a partir da subjetividade que lhe conferia a característica de ser “um filho do sertão” ou “um intelectual sertanejo”.

Segundo relatórios elaborados pelo governo da Província da Bahia sobre as terras para onde convergiam os mineradores, na segunda metade do século XIX, é possível observar que naquele contexto, formado basicamente por “adventícios”, “aventureiros”, construiu-se um

---

<sup>85</sup> Na dissertação de mestrado de Glaybson Guedes Barboza da Silva há dados informando que durante os anos de 1840 e 1870 a região da Chapada Diamantina recebeu um contingente populacional de mais de cinquenta mil pessoas que vinham de quase todos os estados do Brasil, mas principalmente de Minas Gerais e outras cidades da Bahia. Segundo o autor, esses dados provam que os mineradores preferiam mudar-se constantemente em busca das minas do que alterar suas profissões, ou ainda, que a atração provocada pelo enriquecimento fácil com os diamantes alterava profundamente a dinâmica demográfica do território brasileiro. (SILVA, Glaybson Guedes Barboza da. **Homens com sonhos de riquezas inexauríveis: virilidade, ambição e violência nas minas de diamantes de Lençóis (1850-1870)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, 2012).

<sup>86</sup> *Ibid.*, p. 23.

imaginário bastante negativo em torno da figura do garimpeiro. Em 1882, o escritor e Tenente-Coronel Durval Vieira de Aguiar, incumbido pelo Governo da Província para “atravessar o sertão e descrevê-lo em detalhes” deixou transparecer, na seção em que tratou da educação nas Lavras Diamantinas, parte deste imaginário. Segundo o redator:

A instrução anda muito atrasada na classe inferior, que ainda está muito eivada de costumes licenciosos e desordeiros inoculados na população pela grande massa de garimpeiros, entre os quaes muitos criminosos, que hoje em menor numero afluem para as *Lavras*, vindos de toda a parte do Imperio, como verdadeiras aves de arribação; apenas possuindo a *faca*, o *clavinote* ou a *garrucha* e a *capanga*, e por vestuário – o chapéu e as alpargas de couro, a camisa e a curta calça de algodão<sup>87</sup>.

O ambiente sertanejo, a vila diamantífera, ponto de passagem de pessoas de diversos lugares do mundo, a possibilidade de fuga da justiça, embrenhando-se nos “confins do Brasil”, as aventuras dos garimpeiros em busca da pepita que lhes mudaria a vida, são alguns dos elementos que constiuíram o cenário por onde transitou o pequeno Afrânio Peixoto. Se tudo isso foi densamente explorado na sua literatura, na Autobiografia o autor escolheu lembrar-se de pontos específicos (e estratégicos) da vida sertaneja.

As memórias de infância foram recuperadas pelo intelectual a partir das imagens que guardara da vida pacata na pequena cidade de Lençóis: a figura imperativa do pai sertanejo, as expressões riquíssimas da cultura popular e a esmerada educação que recebera foram pontos elencados e narrados com exaustão na Autobiografia. Não restava dúvida, ao intelectual maduro que, de todas as intensas experiências que um menino sertanejo teve o privilégio de experimentar, a natureza exuberante, a liberdade sem limites sem perigos e as “estripulias com os amigos” haviam marcado não apenas suas memórias, mas o seu caráter. Para alimentar a ideia de que aquilo que era, tinha, em grande medida, a influência dessas experiências, Afrânio Peixoto dedicou-se a contar “aquilo que fora” na infância.

Segundo ele, teve uma “meninice enfática”, vivida sob os preceitos das brincadeiras de roda, dos vastos campos a serem explorados, da audição de causos sertanejos, permeados de fantasmas e de seres mitológicos, “que a imaginação do sertanejo torna-os ainda mais medonhos”<sup>88</sup> e, ainda, das leituras dos “Doze Pares de França” ou da “História de Troncoso”, que eram contadas por sua avó materna, para um grupo de crianças do lugar<sup>89</sup>. Essas características, segundo o médico, haviam lhe proporcionado um espírito livre, indomável,

---

<sup>87</sup> AGUIAR, Durval Vieira de. **Descrições práticas da província da Bahia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cátedra/MEC, 1979. p. 141 – 142. Grifos do autor. (Arquivo da Casa da Memória Afrânio Peixoto: Lençóis/BA. Na 1ª Edição de 1888, *Descrições Práticas da Província da Bahia*).

<sup>88</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**..., não paginado.

<sup>89</sup> Id

rústico que o distinguia das “flores de estufa” tão comum nas grandes cidades.<sup>90</sup> Sua subjetividade “autêntica, incansável, insaciável” era fruto de uma infância diferenciada, tornada possível em virtude das sociabilidades que o sertão proporcionara. Tornar o sertão um lugar autêntico resultava acrescentar autenticidade à sua pessoa.

Uma das características mais apregoadas por Peixoto, tratada como marca fundamental das experiências que vivenciou nas terras sertanejas, foi a de que o sertão era um lugar em que as distinções e diferenciações sociais não possuíam grande valor, não eram condições imprescindíveis de convivência e de trato pessoal e, muito menos, definidoras do local a ser ocupado pelo indivíduo na sociedade. A linha mestra desta ideia desenrolou-se nas descrições harmônicas entre patrões e empregados, entre coronéis e agregados, entre os sinhozinhos e os filhos dos trabalhadores, entre os “doutores” e os sertanejos autodidatas. Segundo esta perspectiva, patrões e empregados conviviam nos mesmos espaços, sentavam-se na mesma mesa, comiam da mesma comida. Nas obras literárias, essa perspectiva de “desaparecimento de hierarquias ou ordens sociais” foi requisitada algumas vezes para caracterizar o sertão.

Uma passagem, retratada na obra “Maria Bonita” (1914), nos parece exemplar de um sentido com o qual Peixoto queria que o sertão fosse reconhecido, para que ele, por extensão, também adquirisse. Trata-se de um momento em que Luís, o filho mais novo do poderoso coronel Joaquim Pedro, foi até a casa dos agregados, retirantes que “desceram como enxurrada”, em busca de uma vida melhor e instalaram-se na fazenda do coronel. O “Seu Lulu”, entrou “sem cerimônia” na casa dos agregados e foi falando para André:

-Ouvi seu nome para a primeira mesa, para a festa de recepção do Promotor que vem de Salvador. Ponha-se no “trinque”. Sorria Luís, olhando a figura do tabaréu, numa posição habitual, de cócoras, no chão, fazendo lentamente seu cigarro de palha de milho. O feitor teve uma expressão satisfeita, pela mostra de consideração com que era tratado. Embora fizesse por merecê-lo. Dona Mariana [mãe de Luís], tão altiva e autoritária, tivera sempre com êle e sua gente tôdas as contemplações, mais de amiga do que de protetora. Prestavam-lhes bons serviços, mas foram sempre pedidos, por bons modos e sem abusos, nunca ordenados numa relação de subalternidade ou autoridade. Alegravam-se entretanto, a cada prova de apreço, que os elevava da posição de dependentes e agregados para amigos.<sup>91</sup>

A evocação desta “cordialidade” e a indistinção entre senhores e empregados foi um tema explorado por Afrânio em pelo menos três romances sertanejos. Em “A Esfinge” (1911), “Maria Bonita” (1914) e “Fruta do Mato” (1920) evocaram as sociabilidades sertanejas do

---

<sup>90</sup> Id.

<sup>91</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Maria Bonita...**, p. 225-226.

ponto de vista do acolhimento e da convivência igualitária. Segundo tal perspectiva, a “Casa Grande” era também o local de apoio e de amparo dos empregados. O preceptor contratado para ensinar as “primeiras letras” para os sinhozinhos, ensinava toda a criançada da fazenda, sem distinções. A comida era servida em uma grande mesa para todos. As senhoras entregavam seus filhos para as sertanejas amamentarem porque “as caboclas eram mais fortes”<sup>92</sup>. O “Seu Lulu” recebera o leite de Isabel, mulher de André. Por isso ele e Maria Bonita “eram irmãos de leite” e Isabel “sua mãe sertaneja”.<sup>93</sup>

As festas eram frequentadas por patrões e empregados, caracterizando uma injúria a ausência de qualquer convidado. Os filhos dos senhores, ao partirem para a cidade em busca de graus mais avançados de estudo, retornavam constantemente à casa sertaneja que os vira nascer, para partilhar do transcorrer da vida dos canoeiros, cozinheiras, lavadeiras, garimpeiros, “como filhos”.<sup>94</sup>

Esses aspectos continuaram a ser salientados na escrita da Autobiografia, mostrando uma singularidade a partir da qual o médico provavelmente gostaria de ser reconhecido. Segundo buscava demonstrar, sua infância sertaneja lhe legara uma visão mais ampla da vida, uma sabedoria singular para tratar as pessoas. Os vícios que geravam as distinções, diferenciações e preconceitos eram frutos da cidade, da vida urbana, do litoral.

Concomitantemente à construção da ideia de que o sertão era o espaço da simplicidade, da liberdade, da singeleza, Peixoto transferiu estes adjetivos para aspectos de sua própria personalidade: esse retrato sertanejo foi constantemente descrito nos romances e enfatizado na Autobiografia. É preciso observar, também, que não se eximiu de retratar as agruras sertanejas, os vícios, o banditismo e a falta de instrução e cultura porque as narrativas literárias também representavam um espaço de denúncia, de diálogos, de conflitos e de tomadas de posição frente ao cenário político, social e cultural no qual ele se apresentava. O que parece ter adquirido importância nas narrativas era atribuir aos males sertanejos as causas de ordem política e social, nunca de causas determinantes e irresolúveis.

Dando especial ênfase à descrição da índole e da personalidade sertaneja, bem como às sociabilidades associadas a esse tipo de vida, ao recordar-se da infância Afrânio Peixoto escreveu que “não via a hora de chegar os finais de semana e, montado no cavalo Passarinho

---

<sup>92</sup> Ibid., p. 256.

<sup>93</sup> Id.

<sup>94</sup> PEIXOTO, Afrânio. A Esfinge [1911]; \_\_\_\_\_ Maria Bonita [1914]; \_\_\_\_\_ Fruta do Mato [1920]; \_\_\_\_\_ Bugrinha [1922]; In: \_\_\_\_\_. **Romances Completos**. Rio de Janeiro: José Nova Aguilar, 1962.

seguir contornando o rio até o Sítio do São José, propriedade da avó Estephânia”<sup>95</sup>. Na simplicidade da casa rural, de piso de tijolos e telhas-vãs se deliciava:

Lembro-me que a verdadeira expressão de felicidade era ver a luz rosada do sol entre as telhas do teto sem forro. Essa impressão dizia-me simplesmente: Um domingo no São José! Do São José, seguíamos para as cercanias, o Lavrado, a Lagoa Encantada, sítio dos arredores, de onde voltava com uma copiosa impressão que me fizeram a alma de menino tão definitivamente “rústica” que, todo o tempo de vida civilizada não foi bastante para evitar o refrém ou *leitmotiv* dessa vida sertaneja que aparece em todos os meus escritos.<sup>96</sup>

A vida rústica do sertão tornou-se uma metáfora para a construção de características que, segundo o médico, o definiam. Estas marcas ficaram registradas em sua Autobiografia como parte integrantes de sua personalidade. Exemplos de como a referência ao sertão se tornou significativa na trajetória intelectual de Afrânio Peixoto podem ser comprovadas pelo discurso de Afonso Pena Junior, no momento em que o sucedeu na Academia Brasileira de Letras. Segundo o novo acadêmico:

A grandeza de Afrânio Peixoto estaria diretamente ligada à gangorra do mundo, das oscilações e balanços típicos em terras de minas. Lugar aonde chega gente fascinada pelo eldorado, e sai gente que se desencantou dele e, principalmente, gente que cerra os dentes e fica, gente que insiste e persiste, a gente sebastianista, essa é a gente de virtude, de exemplo, de energia. Assim era Júlio Afrânio Peixoto.

Foi Afonso Pena Junior quem sugeriu que a condição sertaneja de Afrânio Peixoto tenha lhe legado dificuldades e que “... a educação espartana recebida nos sertões o induzia a sua inexcedível capacidade de *agüentar calado*”<sup>97</sup>. Segundo o novo membro da Academia Brasileira de Letras, quando Afrânio Peixoto esbravejava que era um “‘sertanejo exilado no litoral’ quem sabe se não estaria dando a única resposta que lhe consentia o orgulho de sertanejo, à afrontosa acusação?”<sup>98</sup> O mesmo questionamento feito por Afonso Pena Junior foi realizado por outros pesquisadores que traçaram a trajetória intelectual de Peixoto.

Segundo Fernando Sales, no transcorrer da sua vida na capital federal e no círculo de intelectuais cosmopolitas, “...a condição sertaneja de Afrânio Peixoto chegou a lhe render algumas dificuldades”<sup>99</sup>. O biógrafo não descreve quais dificuldades foram estas, mas

---

<sup>95</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**..., não paginado.

<sup>96</sup> Id.

<sup>97</sup> PENA JUNIOR, Afonso. . Discurso de Posse na sucessão do acadêmico Afrânio Peixoto na Academia Brasileira de Letras. Discursos Acadêmicos. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro, 1947. Grifo no original.

<sup>98</sup> Id.

<sup>99</sup> SALES, Fernando. Op. Cit., p. 135.

podemos imaginar que estavam conectadas com a própria imagem que se tinha do sertão entre a intelectualidade do período ou as características pessoais que Peixoto quis atribuir à sua condição sertaneja. Afonso Pena Junior sugere que os enfrentamentos de Peixoto se deram mais no campo da subjetividade e baseado no “... mal-entendido de beira-mar, em que mora a gente do amor civilizado e é incapaz de compreender e perdoar o amor selvagem do sertão, um misto singular de ternura e de rudeza, ou mesmo de ferocidade”.<sup>100</sup>

Comprendemos que a referência aos sertões tenha se tornado parte indissociável da construção da imagem que Peixoto tentou construir de si mesmo. Marcos Chor Maio, em um artigo sobre a trajetória de Afrânio Peixoto, atentou para o fato de que “...as biografias desse médico baiano geralmente apoiam-se num tripé composto pelo nascimento, no interior da Bahia, o período, como aluno e professor na Faculdade de Medicina, em Salvador e, finalmente, a transferência da província para a corte”.<sup>101</sup> O sertão tornou-se uma maneira de referenciar Afrânio Peixoto.

Reconhecer o sertão como formador de sua singularidade foi uma maneira de se posicionar frente às disputas e conflitos do campo político e científico e, ainda, uma maneira de se diferenciar num momento em que esse reconhecimento lhe parecesse uma distinção positiva. Recorrer ao sertão para a definição de suas especificidades foi uma estratégia de Peixoto, não uma situação biográfica inescapável.

É neste sentido que “trajetória” e “biografia” se diferenciam. Uma trajetória intelectual e, conseqüentemente, a atribuição de sentidos e de significados à própria trajetória está sempre em uma relação de íntima dependência com o movimento. Não há trajetórias fixas. Conforme metaforizou, Erivan Cassiano Karvat, em torno do termo, “a trajetória é sempre relativa a determinado referencial; observando-se que, do ponto de vista do estudo do movimento, não há sentido se falar de movimento sem se especificar o referencial que está sendo adotado”.<sup>102</sup> Nesta perspectiva, o referencial é sempre um observador. Sem o observador a trajetória perderia o sentido.

A partir de Pierre Bourdieu esse sentido de trajetória adquiriu expressão teórica e prática. As trajetórias precisavam estar situadas na relação de onde poderia ser retirado o sentido das posições. Ou seja, a trajetória coloca-se na relação intrínseca entre o sujeito (e sua biografia) e as suas relações com os circunstanciamentos sociais (campos distintos e agentes

---

<sup>100</sup> JUNIOR, Afonso Pena, op. cit., não paginado.

<sup>101</sup> MAIO, Marcos Chor. Afrânio Peixoto: estratégias e desventuras de um intelectual na vida pública. **Revista Ágora**. Ano 2, no. 2, Niterói, 2º. Semestre de 1994. 25-38, p. 27.

<sup>102</sup> KARVAT, Erivan Cassiano. As Vidas de Faris Michael. Reflexões acerca de trajetórias de vida, biografias e escritas a história. **XV Encontro regional de história**. 26 a 29 de julho de 2016.p. 2.

diversos). “É com relação aos estados correspondentes da estrutura do campo que se determinam, em cada momento, o sentido e o valor social dos acontecimentos biográficos”<sup>103</sup> - afirmou Bourdieu- negando a possibilidade de uma reconstituição biográfica “como uma série única e em si suficiente de acontecimentos sucessivos sem outro elo que não a associação a um ‘sujeito’ cuja constância não pode ser mais que a de um nome próprio socialmente reconhecido”<sup>104</sup>.

Em 1911, quando Araripe Junior recepcionou o então jovem e novo acadêmico, que adentrava a sublime porta da Academia Brasileira de Letras, nas longas páginas que redigiu o crítico literário sobre as características do intelectual que ele recebia, não há nenhuma referência ao fato de que Peixoto nascera nos sertões. Em 1947, com o discurso de Afonso Pena Junior, o tom que guiou a homenagem de despedida ao finado membro, foi redigido a partir dessa condição. A cada parágrafo do texto, Afonso Pena Junior requisitava a condição de nascimento como formadora do caráter do intelectual. E Afrânio Peixoto apareceu no discurso da homenagem póstuma como “o sertanejo de fardão acadêmico, filho de um pedrista, respirou a plenos pulmões, na sua infância, a atmosfera mágica dos garimpos, e encheu o peito da esperança imorredoura dos mineiros”<sup>105</sup> ou, ainda a partir da expressão já conhecida de que “sertanejo não leva desaforo para casa... e Afrânio responde, no clarão do tiro”<sup>106</sup>, por fim que se tratava de um “sertanejo, viajado, educador, criminólogo, higienista, era o homem talhado para qualquer cenário”<sup>107</sup>.

O cenário sertanejo alterou-se profundamente ao longo dos quase cinquenta anos em que Peixoto morou no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em que as atribuições e definições lançadas ao sertão alteravam-se, vemos o médico constituindo o seu pensamento intelectual. Possivelmente isso explique parte dos movimentos e das oscilações em assumir ou negar a condição sertaneja de nascimento. Logo na chegada a capital federal, Peixoto alegara ter “despertado para as gentes esquecidas do Brasil sertanejo”<sup>108</sup> após a leitura da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Tal expressão demonstra o distanciamento que Peixoto pretendia adotar em relação ao sertão. Tal como os litorâneos, ele também fora despertado

---

<sup>103</sup> BOURDIEU, Pierre. **As Regras** ..., p. 292.

<sup>104</sup> Id.

<sup>105</sup> JUNIOR, Afonso Pena. Discurso de Posse para a Academia Brasileira de Letras. **Discursos Acadêmicos**. Rio de Janeiro, 1947. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/academicos/afonso-pena-junior/discurso-de-posse>>, consultado em 20 de março de 2015. (Não paginado).

<sup>106</sup> Id.

<sup>107</sup> Id.

<sup>108</sup> PEIXOTO, Afrânio. Discurso de Posse para a Academia Brasileira de Letras. 11/08/1911. In:\_\_\_\_ **Poeira da Estrada**. W. M. Jackson. 19, p. 36.

para o sertão por meio da leitura da obra do engenheiro. Os sentidos atribuídos à trajetória de vida alteravam-se, conforme as definições sobre o sertão adquiriam outros sentidos.

## 1.2 O SERTÃO BRASILEIRO NA PRIMEIRA REPÚBLICA: ENTRE A AUTENTICIDADE E A DOENÇA

Considerando as diferentes visões lançadas ao sertão e ao sertanejo, particularmente durante o período em que Afrânio Peixoto cursou a Faculdade de Medicina, quando mudou-se da Bahia para o Rio de Janeiro ou nos primeiros anos de sua atuação como um intelectual de destaque, podemos perceber as diversas nuances, conotações e sentidos que o sertão adquiriu nos debates daquela intelectualidade brasileira e a maneira como o médico lidou com estas ideias. No campo científico foi considerável o impacto causado pela obra *Os Sertões* lançada em 1902, por Euclides da Cunha.

Segundo Candice Vidal e Souza, não há como precisar quando os escritos sobre o sertão e o sertanejo entraram em pauta nos debates e preocupações dos intelectuais brasileiros. De acordo com a autora, as abordagens referentes ao sertão “são dispersas no tempo e por numerosos tratados descritivos da nacionalidade, as noções sobre um Brasil que se apresenta em sertões e litorais surgem com insistências variadas, desde que estas paragens de baixo do Equador são objetos de narrativas e inspiram o pensamento de quem por aqui passeiam ou vivem”.<sup>109</sup> Entretanto, é possível perceber diferentes abordagens e distintas visões para o tema sertão. Segundo Nísia Trindade de Lima nos escritos sobre o sertão feito por intelectuais do século XIX foi possível identificar duas conotações para os espaços sertanejos. De um lado a perspectiva romantizada do sertão e do sertanejo e de outro a visão do sertão como vazio. Sertão “seria as áreas despovoadas do interior do Brasil ou a área semi-árida do nordeste brasileiro e, ainda, referia-se às atividades econômicas ligadas à civilização do couro”.<sup>110</sup>

Entre os românticos como José de Alencar (1829-1877), Bernardo Guimarães (1825-1884), Franklin Távora (1842-1888) e Alfredo Taunay (1843-1899), por exemplo, houve uma valorização positiva do sertão. As críticas dirigidas a esta escrita condensaram-se, basicamente, na acusação de que os escritores românticos não conheceriam a realidade

---

<sup>109</sup> SOUZA, Candice Vidal e. **A Pátria Geográfica**. Sertão e Litoral no Pensamento Social Brasileiro. Goiânia: EFG, 1997. p. 90.

<sup>110</sup> LIMA, Nísia Trindade de. Op. Cit., 1999, p. 58.



sertaneja e que limitavam-se a tecer seus textos de dentro de seus gabinetes ou em festas de salões.<sup>111</sup> Reclamava-se uma descrição participante, uma perspectiva que aderisse aos métodos científicos para analisar a realidade sertaneja. Foi na abertura proporcionada por críticas como essa que Capistrano de Abreu (1853-1927), Oliveira Lima (1867-1928) e Oliveira Vianna (1883- 1951), dedicaram-se a lançar outros olhares para o sertão, tomando-o enquanto modo de vida associada à atividade pecuária e a aproximação entre ambiente inóspito e vida ascética.<sup>112</sup>

Estes autores denunciavam, ainda, o isolamento físico e social do sertão e atribuíam a ele uma autonomia forçada devido à distância em relação ao poder público e a projetos modernizadores. Essa segunda perspectiva teria sido a que prevaleceu no primeiro período republicano. Foi, aliás, nesse primeiro período republicano que os sertões cresceram em representatividade frente ao cenário político, social e científico. Segundo Nísia Trindade de Lima e Candice Vidal e Souza, o destaque adquirido pelos sertões neste período estava intimamente ligado com o desenvolvimento da ideia de nação.<sup>114</sup> Foi esse, inclusive, o ponto principal da consagração da obra de Euclides da Cunha entre aquela geração de intelectuais.

Euclides da Cunha, mandado para os confins brasileiros com a tarefa de narrar os eventos que estavam acontecendo entre Antônio Conselheiro e as tropas republicanas fez muito mais do que a tarefa à qual fora delegado. Ele descreveu o impacto que o encontro com “um outro país” produziu no seu espírito. Segundo Souza, “o engenheiro ficou espantado com a radical diferença entre a realidade que conhecia e a outra que se deparava. Euclides pôs em questão a existência de um Brasil único”.<sup>115</sup> O autor de *Os Sertões* rompeu com a imagem romantizada do sertão e chocou os intelectuais litorâneos com a descrição daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra que os imigrantes da Europa<sup>116</sup>. Ao olhar para o sertão, Euclides da Cunha questionou o litoral e tentou compreender o “Brasil ignoto” diferenciando-o do “Brasil conhecido”. Tal exercício, feito pelo engenheiro, foi também realizado pela intelectualidade que leu sua obra. De acordo com Souza, as descrições antropológicas de Euclides da Cunha foram fruto de seu atordoamento quando deparou-se com aquela população. Suas pretensões nacionalistas não conseguiam inserir, num primeiro momento, aqueles indivíduos no debate sobre a nação.<sup>117</sup> Raça, território, geografia e cultura passaram a

---

<sup>111</sup> Ibid., p. 65.

<sup>112</sup> SOUZA, Candice Vidal e. Op. cit., p. 62.

<sup>114</sup> SOUZA, Candice Vidal e. Op. cit.; LIMA, Nísia Trindade de. Op. Cit., .

<sup>115</sup> SOUZA, Candice Vidal e. Op. cit., p 95.

<sup>116</sup> CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Obras Imortais da Nossa Literatura. Rio de Janeiro: Três, 1973. p. 103. (Vol. 1).

<sup>117</sup> SOUZA, Candice Vidal e. Op. Cit., p. 101.

ocupar as descrições do engenheiro mais do que o evento da guerra. As conclusões a que chegou formaram uma visão e um imaginário significativo sobre os espaços em que se inseriu, por ocasião da cobertura da Guerra de Canudos.

De uma maneira geral, Euclides da Cunha entendeu que “os sertanejos eram de outra raça”<sup>118</sup>. Entretanto, negar que faziam parte do Brasil causaria problemas políticos significativos e, para dar conta desta contradição, afirmou que eles eram definitivamente “brasileiros”, mas “compatriotas retardatários”<sup>119</sup> pelo descaso com que a política os tratava e, principalmente, “pela distância de três séculos” que os separavam dos moradores costeiros: “o sertão atrasou-se”<sup>120</sup>. Neste embate com um “outro Brasil” o engenheiro passou a avaliar o que era então a civilização.

Considerando-se um civilizado e avaliando sua realidade e a realidade sertaneja a partir do ponto de vista da contradição, Cunha concluiu que o litoral era o lugar do vício, de uma nacionalidade em decomposição insanável.<sup>121</sup> Olhando mais atentamente para aqueles, que num primeiro momento julgou que fossem de “outra raça”, o escritor identificou que talvez essas diferenças apontassem para aquilo que seria de fato o Brasil e vislumbrou o litoral como a civilização da cópia e do artificialismo, reavaliando o sertão a partir da autenticidade, a qual teria se conservado em virtude do isolamento em que vivia a população. Euclides concluiu que era imprescindível, para a formação da nacionalidade, combater tal isolamento e equilibrar as disparidades existentes entre os dois mundos. E, em uma aparente situação de contrariedade, o autor sugeriu que a solução para os problemas do sertão estaria em combater a selvageria com a civilização. O mundo sertanejo passou a ser citado como um incômodo resíduo de barbárie.<sup>122</sup> Entretanto, no diagnóstico que realizou, inserido nas perspectivas científicas do seu tempo, a civilização, mesmo com todos os seus percalços e vícios, era a solução última, aquela à qual estaríamos todos condenados.<sup>123</sup>

Segundo Nísia Trindade de Lima, uma das grandes contribuições da obra *Os Sertões* (1902) foi trazer para o debate aquilo que, por muito tempo, se ignorou, o chamado ‘Brasil Real’. O livro abriu caminho para que a intelectualidade, “dissolvida em modas francesas” executasse, conforme pontuou Nicolau Sevcenko, um giro de 180 graus sobre os próprios pés

---

<sup>118</sup> “Fora do litoral, em que se refletia a decadência da metrópole e todos os vícios de uma nacionalidade em decomposição insanável, aqueles sertanistas, avantajando-se às terras extremas de Pernambuco ao Amazonas, *semelhavam uma outra raça*, no arrojo temerário e resistência aos reveses”. (CUNHA, Euclides. Op. Cit., p. 103). [grifo nosso].

<sup>119</sup> CUNHA, Euclides da. Op. Cit., p. 226.

<sup>120</sup> Id.

<sup>121</sup> SOUZA, Candice Vidal e. Op. cit., p. 94.

<sup>122</sup> CUNHA, Euclides da. Op. Cit.

<sup>123</sup> Ibid., p. 89.

e direcionasse seus olhares da Europa para dentro do próprio Brasil, para a realidade sertaneja<sup>124</sup>. Estado, intelectuais e instituições científicas aliaram-se no propósito de reconhecer, catalogar e inserir “aquele outro Brasil” nos propósitos da mesma nação.

Candice Vidal e Souza chamou a atenção, ainda, para a durabilidade da voz de Euclides da Cunha. Segundo a autora, *Os Sertões* pode ser considerada “a obra fundante dos modos de tratar a existência do sertão e se colocou como um ponto de inflexão no ato de nomear e valorar essa região”<sup>125</sup>. Euclides da Cunha teria conseguido a proeza de escrever uma das reportagens permanentes sobre o interior do Brasil.

De fato, a narrativa feita a partir da sua análise acerca dos acontecimentos ocorridos em Canudos foi apenas o mote a partir do qual sua obra atingiu notoriedade muito rapidamente. Regina de Abreu, ao analisar o fato, pontuou que a obra tornou-se um clássico logo nas primeiras décadas do século XX. A partir das críticas realizadas por José Veríssimo, Araripe Júnior e Sílvio Romero, que seriam os primeiros responsáveis pela consagração de *Os Sertões*, Euclides da Cunha teria se tornado um escritor requisitado a tal ponto que as edições de seu livro esgotavam-se rapidamente. O prestígio obtido levou-o ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Academia Brasileira de Letras, dois momentos de glória detalhados por Abreu.<sup>126</sup>

A obra de Euclides da Cunha proporcionou ao segmento intelectualizado da elite brasileira conhecer aspectos de um Brasil sertanejo, despertando nesse segmento a auto atribuição da função de construir a nação, forjando sua unidade territorial e moral, a partir dos preceitos científicos. Diversos intelectuais reconheceram que “o despertar da nacionalidade”, teria ocorrido neles após a leitura de *Os Sertões*.<sup>127</sup>

Consideramos que os resultados pragmáticos que a leitura d’ *Os Sertões* proporcionou foram diversos no âmbito político e intelectual. Entretanto, dois destes resultados nos parecem significativos para a formação das imagens e representações que aquela elite do início do século XX elaborou sobre as terras sertanejas. O primeiro refere-se ao impacto que a leitura da obra produziu em Capistrano de Abreu e as ações que esse choque

---

<sup>124</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 126

<sup>125</sup> COSTA, Candice Vidal. Op. Cit., p. 90.

<sup>126</sup> ABREU, Regina de. **O Enigma d’Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funart, /Rocco, 1998.

<sup>127</sup> Afrânio Peixoto confessou que despertara para pensar as gentes esquecidas nos confins do Brasil após ler Euclides da Cunha, conforme analisaremos na sequência. Edgar Roquette-Pinto também teria feito essa mesma referência, de acordo com a tese de Vanderlei Sebastião de Souza. (SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Em busca do Brasil**: Edgar Roquette-Pinto e o Retrato Antropológico Brasileiro (1905-1935). Tese de Doutorado. Fundação Oswaldo Cruz-Fiocruz, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde. Rio de Janeiro, 2011).

gerou na escrita da história; em seguida há o movimento das expedições científicas que saíram do litoral em direção “as terras desconhecidas” apresentadas por Euclides da Cunha.

Para Candice Vidal e Souza, a percepção do sertão como um espaço carente de análises remonta ao trabalho pioneiro de Capistrano de Abreu na obra *Capítulos de História Colonial*, publicado em 1907. Ao reservar ao sertão um de seus capítulos, o historiador reconheceu os episódios de povoamento do interior nos tempos coloniais como objeto de estudo.<sup>128</sup> José Carlos Reis atribuiu a Capistrano a tentativa de realizar uma compreensão total e criadora do curso histórico na busca do “homem brasileiro”. Segundo Reis, “adentrando pelo Brasil, o colonizador se alterou e se tornou uma personalidade distintamente brasileira. Vivendo no interior do Brasil, ilhado e sem vínculos contínuos com o litoral, convivendo com os indígenas e a natureza brasileira, foi-se constituindo um “homem novo”, até então inexistente no mundo: a história universal ganhava um novo personagem, o “brasileiro”.<sup>129</sup>

Seguindo os trilhos lançados por Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu corroborou com a ideia deste “novo mundo” existente no Brasil sertanejo e clamou por essa identidade. O brasileiro seria a junção, a mistura de diferentes culturas, de onde surgiria um personagem autêntico. O efeito “fertilizante” dessa autenticidade teria sido fornecido pelo sertanejo.<sup>130</sup>

Solidificando, portanto, aquela imagem de sertão autêntico fornecida por Euclides da Cunha, o historiador foi plasmando os “diferentes elementos nacionais”, na integração com a natureza amplamente definida em seu conteúdo e entrando em comunhão com os adventícios. O resultado, visto pelo viés histórico, seria “o próprio brasileiro, saído do interior sertanejo, lugar desta espécie de alquimia nacionalizante”.<sup>131</sup> Segundo Souza, o sertão foi pensado a partir do seu efeito nacionalizante em virtude da distância com a metrópole e pela possibilidade de uma vida autônoma, que se diferenciava dos parâmetros litorâneos.<sup>132</sup>

Além das possibilidades de revisitar a história, trazendo o sertão para a construção da nacionalidade, outro efeito imediato que a leitura da obra *Os Sertões* produziu foram as expedições de Cândido Rondon, as da Comissão Geológica em São Paulo e as expedições do Instituto Oswaldo Cruz.<sup>133</sup>

Diferente da perspectiva positiva com que o sertão apareceu na obra de Capistrano de Abreu, para a convocação da nacionalidade, os conteúdos dos relatórios científicos

---

<sup>128</sup> SOUZA, 2011, p. 52.

<sup>129</sup> REIS, José Carlos. Capistrano de Abreu (1907) e o surgimento de um “povo novo”: o povo Brasileiro. **Revista de História**. São Paulo, FFLCH-USP, n. 138, p. 63-82, p. 66, 1998.

<sup>130</sup> SOUZA, Candice Vidal e. Op. Cit., p. 52.

<sup>131</sup> Ibid., p. 54.

<sup>132</sup> Id.

<sup>133</sup> LIMA, Nísia Trindade de. Op. Cit., p. 65.

apresentaram um Brasil que, além de desconhecido, estava abandonado frente à ineficiência do Estado em atender as necessidades mais elementares da população sertaneja, sobretudo no que dizia respeito à saúde, educação, habitação e transporte.<sup>134</sup> Dentre estes relatórios, o que mais se destacou na imprensa periódica e nos debates institucionais foi o de Belizário Penna e Artur Neiva, coordenados pelo Instituto Oswaldo Cruz, os quais denunciavam um sertão miserável.

As primeiras viagens expedicionárias coordenadas pelo Instituto de Oswaldo Cruz tiveram início em 1907 e se intensificaram em 1912. Segundo os médicos que executaram a missão, o paralelo que se poderia traçar para o que viam era a escritura de um poema trágico, só comparável ao *Inferno de Dante*. “Os nossos filhos, que aprendem nas escolas que a vida simples de nossos sertões é cheia de poesia e de encantos, pela saúde de seus habitantes, pela fartura do solo, e generosidade da natureza, ficariam sabendo que nessas regiões se desdobra mais um quadro infernal, que só poderia ser magistralmente descrito pelo Dante imortal”<sup>135</sup> escreveram os médicos no relatório.

O relatório elaborado pelos expedicionários, com mais de cento e cinquenta páginas, é rico em diversos tipos de informações. Na parte que registraram o diário da expedição, o dia a dia, a entrada de cidade em cidade, os médicos descreveram com detalhes os moradores da região. Segundo eles:

Chegamos ao arraial de “Amaro Leite” às 9 horas. Uma e meia legoas apenas, aí permanecendo até 2 horas da tarde. O arraial, muito decadente. Em ruína, tem 54 casas e uma população de papudos e cretinos, em condições lastimáveis de moléstia e miséria (...) A solidão, a miséria, o analfabetismo universal, o abandono completo dessa pobre gente, devastada moralmente pelo obscurantismo, pelas abusões e feitiçarias, e física e intelectualmente por terríveis moléstias endêmicas é angustiante. Vive a pobre rejão completamente segregada do mundo.<sup>136</sup>

A partir dos relatos do Instituto Oswaldo Cruz ou Instituto de Manguinhos, como era comumente denominado, o sertão foi denunciado como um lugar lastimável e o sertanejo,

---

<sup>134</sup> Ver: SANTOS, Luiz Antônio de Castro. O pensamento sanitário na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. **Dados**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v.28, n.2, p.193-210, 1985; LIMA, Nísia Trindade e HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. (Orgs.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996. LIMA, Nísia Trindade de. **Um Sertão chamado Brasil**. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999. SÁ, Dominichi Miranda de. Uma interpretação do Brasil como doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna (1917-1935). **História**, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, p.183-203, jul. 2009.

<sup>135</sup> NEIVA, Arthur e PENNA, Belisário. **Viagem Científica pelo norte da Bahia**, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de Norte a sul de Goiás. Brasília: Academia Brasileira de Letras. 1984 [1916, 1ª edição], p. 222.

<sup>136</sup> *Ibid.*, p. 217-221.

além de doente, apresentava-se analfabeto, ignorante, corroído pelo obscurantismo moral. Embora os médicos tenham descrito os habitantes das regiões com simpatia e, na maioria das vezes com consternação, admirando a garra e a audácia do povo que conseguia sobreviver em condições extremamente precárias, o que prevaleceu foi a ideia de um sertão insalubre e infernal.

Essa imagem do sertanejo doente e do sertão insalubre prevaleceu, principalmente no campo científico, por pelo menos duas décadas. Segundo Luiz Antônio de Castro Santos a imagem do sertão como insalubre ganhou destaque no movimento mais amplo, “caracterizado pela reforma da saúde pública, um dos elementos mais importantes no processo de construção de uma ideologia de nacionalidade”.<sup>137</sup> A ênfase em marcar o sertão como um cenário caracterizado por doenças de várias espécies e o espaço como insalubre era uma das estratégias de implementação da saúde pública no Brasil. Para Gilberto Hochman, as estratégias nacionalizantes estiveram diretamente relacionadas com as políticas sanitárias, levadas a cabo pelos médicos sanitaristas, pelos agentes de saúde pública, como intelectuais subordinados aos interesses dos grupos dominantes, tanto nacionais quanto internacionais.<sup>138</sup>

Se, num primeiro momento do movimento sanitarista ocorrido a partir de 1904, o foco principal foi a capital federal, particularmente os portos que estavam recebendo imigrantes estrangeiros, o segundo tempo caracterizou-se pela expansão da atuação dos médicos sanitaristas para o interior do Brasil. Sanear o sertão foi uma maneira encontrada pela elite governante de inseri-lo na constituição de uma única nação. O “fosso” existente entre a cidade e o sertão, tal como foi diagnosticado por Euclides da Cunha, poderia ser transposto na medida em que os compatriotas sertanejos estivessem saudáveis, curados, higienizados. O braço do Estado os atingiria a partir das práticas intervencionistas do campo da medicina e da higiene.

Neste sentido, a partir das expedições científicas, o sertão surgiu pelos relatórios dos médicos expedicionários como um grotesco amontoado de pessoas doentes. As imagens registradas por Carlos Chagas no decorrer do ano de 1907, dos moradores de Lassance, no sertão mineiro, chocaram a elite política e intelectual pela aparência monstruosa dos habitantes. Além de diversas enfermidades conhecidas, que haviam sido detectadas na população sertaneja, como a ancilostomíase e a malária, um estudo cuidadoso coordenado por

---

<sup>137</sup> SANTOS, Luiz Antônio de Castro. O pensamento sanitarista na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. **Dados**. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v.28, n.2, p.193-210. p. 198, 1985.

<sup>138</sup>HOCHMAN, Gilberto. **A Era do Saneamento**. As bases da política de Saúde Pública no Brasil. São Paulo: Hucitec/Anpocs,1998. p. 60.

Carlos Chagas dava conta da descoberta de uma nova doença, até então só existente nos sertões brasileiros. Tratava-se da “Doença de Chagas”, que ficou conhecida como “Doença do Sertão” ou “Doença do Brasil”.<sup>139</sup>

Em 26 de outubro de 1910, em uma sessão solene da Academia Nacional de Medicina (ANM) em que Carlos Chagas foi recebido como membro titular da agremiação, o médico apresentou a primeira caracterização clínica da nova doença, que estava sendo descoberta<sup>140</sup>. Na sessão da ANM que naquele dia reuniu a comunidade médica, acadêmica e política, Chagas discursou fervorosamente, alegando que estávamos diante de um terrível flagelo de vasta zona no país, que traria consequências para a nação, visto que a doença inviabilizava a população para a atividade vital, criando gerações sucessivas de homens inferiores, de indivíduos inúteis, fatalmente voltados à condição mórbida crônica, a tal coeficiente que os tornava elementos inaproveitáveis na evolução progressiva da Pátria. Segundo Simone Kropf:

As palavras de Chagas foram amplificadas por uma estratégia de grande efeito persuasivo: a luz elétrica, inaugurada naquela noite nas dependências da Academia foi usada por Chagas para projetar imagens cinematográficas feita em Lassance, mostrando doentes, na maioria crianças portadoras de distúrbios neurológicos e barbeiros que infestavam as choupanas da região. Tais imagens materializavam, no centro da medicina e do país, rostos de brasileiros que eram a antítese da tão sonhada “civilização nos trópicos”. O aparato do laboratório também foi utilizado para convencer aquela importante audiência. Além de peças anatomopatológicas, 16 microscópios foram franqueados a quem quisesse observar o novo parasito.<sup>141</sup>

O espetáculo foi detalhadamente descrito pela imprensa, ampliando a circulação e a visibilidade dos enunciados de Chagas. Artigos de jornais tentavam exemplificar o atordoamento que sentiram “a legião de pessoas que lotaram o auditório da ANM”<sup>142</sup>. O clima

---

<sup>139</sup> KROPF, Simone Petraglia. **Doença de Chagas**, doença do Brasil: Ciência, Saúde e Nação (1902-1962). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

<sup>140</sup> Os estágios clínicos da doença seriam: A fase aguda que se dividia em duas formas: casos com graves distúrbios cerebrais (geralmente crianças menores de um ano que raramente sobreviviam) e casos sem tais manifestações, que num período de cerca de um mês, evoluíam para o estado crônico- distúrbios endócrinos, cardíacos e neurológicos. Chagas considerou como o sinal clínico mais característico da tripanossomíase a hipertrofia da tireoide (bócio ou papo). Para ele, nas localidades onde havia o bócio endêmico não era o mesmo que ocorria na Europa (que muitos atribuíam a carência de iodo), mas resultado da ação daquele parasito na tireoide. Segundo Simone P. Kropf, além do papo, das deficiências nas funções motoras, na linguagem e na inteligência decorrentes da “forma nervosa e as arritmias cardíacas que a tripanossomíase produzia em indivíduos jovens, levando-os a morte repentina ou perda da capacidade de trabalho”, Chagas definiu a doença como um “fator importante de degeneração humana”. (KROPF, Simone Petraglia. **Doença de Chagas**, doença do Brasil: Ciência, Saúde e Nação (1902-1962). Rio de Janeiro. Fiocruz, 2009. p. 710).

<sup>141</sup> KROPF, Simone Petraglia. A descoberta da doença dos sertões: ciência e saúde nos trópicos brasileiros do início do século XX. In: HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antônio Augusto Passos (Orgs). **Ciência, Civilização e República nos Trópicos**. Rio de Janeiro: Mauad X/Faperj, p 57-81. p. 68, 2010.

<sup>142</sup> Para termos uma ideia mais precisa sobre a repercussão e o impacto provocado pela conferência proferida por Chagas, Simone Kropf transcreveu uma parte do que foi noticiado na imprensa do dia seguinte: “Todos os que assistiram, e era legião o auditório, à sessão da Academia Nacional de Medicina, no seu salão do

era de consternação e tristeza, pelo sofrimento a que estavam relegados uma vasta gama da população nacional, esquecidas nos rincões do Brasil. As declarações chegaram na Câmara Federal, na tentativa de pressionar que os poderes públicos nacionais não se conservassem em inércia criminosa diante desta calamidade.

Em 1911, em uma nova sessão na ANM, diante de ministros e do presidente da República, Hermes da Fonseca (1910- 1914), Carlos Chagas intensificou a associação entre a definição científica da nova doença e sua conformação como objeto social. A ideia que prevaleceu, após esta ampla difusão e divulgação dos diagnósticos dos médicos em relação aos sertões, era de que a decadência orgânica das populações do interior tornava-se um obstáculo ao progresso social e econômico. A intervenção do Estado era urgente e imprimia contornos particulares à medicina tropical no Brasil.

As ideias repercutiram por um longo período, visto que em 1916 em uma frase emblemática para a comunidade científica, o médico Miguel Pereira se referia ao Brasil como um imenso hospital.<sup>143</sup> Grande parte dos olhares e holofotes, tanto da imprensa quanto do poder público, estavam voltados para o grupo do Instituto Oswaldo Cruz. Jornais, revistas científicas, discursos parlamentares enfatizavam a preocupação com a doença. A conclusão, a que chegavam, era a de que o sertão brasileiro estava doente e a população sertaneja degenerada. Era necessário intervir, salvar, redimir. O Instituto Oswaldo Cruz se apresentava como o arauto dessa tarefa. Os méritos de Chagas eram aplaudidos constantemente.

No decorrer da década de 1910 o debate acirrou-se consideravelmente, chegando ao auge com o desenrolar da primeira guerra mundial. Segundo Gilberto Hochman, foi entre a década de 1910 e parte de 1920, particularmente após a primeira guerra mundial, que movimentos nacionalistas requisitaram princípios da nacionalidade.<sup>144</sup> No caso do Brasil, os movimentos e organizações nacionalistas como a “Liga de Defesa Nacional” e a “Liga Nacionalista” vislumbraram diversos caminhos para a recuperação e/ou fundação da nacionalidade: saúde, educação civismo e valores nacionais, etc. Um destes desdobramentos

---

Silogeu Brasileiro, não puderam reprimir a maior expressão de tristeza, reconhecendo, pelas projeções luminosas e pela fita cinematográfica que ilustraram a demonstração científica do Dr. Chagas, que há, em uma vasta zona central do Brasil, um grande flagelo, inclemente como o paludismo de certas regiões amazônicas, cruel como a febre amarela ora felizmente banida desta cidade. Aquela procissão de desgraçados, que só o cinematógrafo podia nos deixar apreciar na sua vida atual; aquele bando de infelizes, que vivem sofrendo ou nascem morrendo, são as vítimas de uma endemia, cuja causa animada Carlos Chagas desvendou”. Citado em: KROPF, Simone Petraglia. **Doença de chagas...**, p. 209.

<sup>143</sup> Consultar essa fonte em: SÁ, Dominichi Miranda de. “A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o ‘imenso hospital’”. **História**, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 16, supl.1, p. 333-348, jul. 2009.

<sup>144</sup> HOCHMAN, Gilberto. Regulando os efeitos da interdependência. Sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado (Brasil, 1910-1930). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 40-61, p. 49, 1993.



foi a Liga Pró-Saneamento do Brasil, fundada em 11 de fevereiro de 1918, no primeiro aniversário de morte de Oswaldo Cruz. Segundo Hochman, o objetivo da Liga era alertar as elites políticas e intelectuais para a precariedade das condições sanitárias e obter apoio para a ação pública efetiva de saneamento do interior do país como ficou consagrado, para o *saneamento dos sertões*.<sup>145</sup>

Naquele contexto de efervescência mundial, crescia no Brasil um discurso de defesa nacional que se ramificava em posições diversas. De um lado, os defensores de um exército forte, e de outro a crítica de que os gastos da união com um “exército, de força permanente, eram inúteis” fazendo entrar em jogo a obrigatoriedade do serviço militar.<sup>146</sup> Dentre os diversos conflitos que estas posições antagônicas geraram naquele contexto, um deles foi emblemático da imagem que aquela elite médica possuía acerca do sertão e dos sertanejos. Imagem essa que corroborava com os relatórios elaborados pelas expedições científicas.

Em 10 de outubro de 1916, à convite dos alunos da cadeira de clínica médica da FMRJ, o médico Miguel Pereira (1871-1918) pronunciou um discurso de recepção a Aloysio de Castro, diretor da faculdade e recém-chegado do Primeiro Congresso Médico Internacional, ocorrido em Buenos Aires. Em seu discurso, Miguel Pereira posicionava-se

---

<sup>145</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A era do ...*, p. 63. [Grifos no original].

<sup>146</sup> Segundo Dominichi Miranda de Sá, o debate sobre o serviço militar obrigatório havia sido posto em pauta desde a chamada “defesa interna” era importante agenda militar na passagem do século XIX para o XX: projetado na cena pública como relevante agenda de modernização republicana, ao Exército cabia, na ocasião, a delimitação de fronteiras e o mapeamento geográfico do território nacional, sobretudo de sua porção norte, num movimento exemplificado, sobretudo pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915), mais conhecida como Comissão Rondon. De acordo com a autora “A partir de 1906, com a atuação de Hermes da Fonseca à frente da pasta da Guerra, intensificaram-se proposições de aumento dos vínculos entre Exército e sociedade, ou melhor, da participação dos militares na propagação das manifestações e sentimentos de patriotismo. Os exercícios de campo dos batalhões passaram a ser feitos como demonstrações públicas anuais e a imprensa passou a veicular notícias e fotos de manobras, corridas, propagandas de educação física, paradas e concurso de pontarias. Apesar da resistência de alguns setores e veículos, como a Liga Operária Antimilitarista e os jornais Correio da Manhã, Gazeta de Notícias e O Século, do Rio de Janeiro, que alegavam obstrução dos preceitos liberais garantidos pela Constituição de 1891, o serviço militar obrigatório – a ser obedecido mesmo em tempo de paz – era propagandeado como medida essencial para a defesa brasileira e fator decisivo para a superação do ‘atraso’ do país. Apesar do decreto n. 6.947, de 8 de maio de 1908, a chamada “Lei de Hermes” permaneceria letra morta até dezembro de 1916, quando foi implementada mediante primeiras convocações de alistados. O intervalo de oito anos entre a regulamentação e a implementação da lei ocorreu porque o congresso postergava a aprovação da legislação integral necessária à efetivação da obrigatoriedade do serviço militar. As justificativas parlamentares eram a insuficiência orçamentária e escassez de potenciais recrutas (...) O conflito mundial de 1914 foram decisivos para que tomassem corpo iniciativas de valorização do exército brasileiro, e o cumprimento da lei do serviço militar compulsório. No entanto, mesmo com a grande guerra, a obrigatoriedade do serviço militar só foi efetivamente implementada após várias campanhas públicas, incluída a iniciativa dos chamados ‘jovens turcos’- oficiais de baixa patente (capitães e tenentes) do Exército, que editavam a revista A Defesa Nacional (...) A partir de 1915 o poeta Olavo Bilac iniciou uma intensa campanha para o serviço militar obrigatório, criando a Liga de Defesa Nacional. Os argumentos utilizados era a de que o exército seria uma escola de civismo, e instrumento fundamental para fornecer a ideia de ‘pátria para a juventude’.” (SÁ, Dominichi Miranda de. *A Voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o ‘imenso hospital’*. *História, Ciência e Saúde -Manguinhos*, Rio de Janeiro, Vol 16, supl. 1, , p. 333-348, jul. 2009).

contra os que questionavam o diagnóstico lançado pelos médicos sanitaristas da precariedade e da doença predominante nos sertões brasileiros, principalmente àqueles que atribuíram que existiria exagero nos índices que apresentavam o número de sertanejos contaminados pela Doença de Chagas.

O discurso de Miguel Pereira dirigia-se também ao deputado federal Carlos Peixoto (1871-1917), parlamentar do Partido Republicano Mineiro (PRM) e líder da bancada do Estado. Segundo passagens do discurso de Miguel Pereira, o deputado federal, que era contrário ao serviço obrigatório, teria dito em um discurso na câmara dos deputados, que em um possível perigo iminente para o Brasil, na falta de um exército, ele mesmo estaria disposto, em função do conflito mundial que ocorria na ocasião, a ir aos sertões brasileiros e convocar os caboclos, os sertanejos de modo a defender o país.<sup>147</sup> Miguel Pereira que na ocasião fazia parte da Liga de Defesa Nacional, presidida pelo poeta Olavo Bilac, teria ficado indignado com a posição de Carlos Peixoto e elaborado o discurso que dava uma resposta à posição do deputado federal. O trecho, embora longo, foi emblemático ao definir os sertanejos:

Fora do Rio ou de S. Paulo, capitais mais ou menos saneadas, e de algumas ou outras cidades em que a providência superintende a higiene, o Brasil é ainda um imenso hospital. Num impressionante arroubo de oratória, já perorou na câmara ilustre parlamentar que, se fosse mister, iria ele, de montanha em montanha, despertar os caboclos destes sertões. Em chegando a tal extremo de zelo patriótico uma grande decepção acolheria sua generosa e nobre iniciativa. Parte, e parte ponderável, dessa brava gente não se levantaria; inválidos, exangues, esgotados pela ancilostomíase e pela malária; estropiados e arrasados pela moléstia de Chagas; corroído pela sífilis e pela lepra; devastados pelo alcoolismo, chupados pela fome, ignorantes, abandonados, sem ideal e sem letras ou não poderiam estes tristes deslembados se erguer da sua modorra ao apelo tonitruante de trombeta guerreira, [...] ou quando, como espectros, se levantassem, não poderiam compreender porque a Pátria que lhes negou a esmola do alfabeto, lhes pede agora a vida e nas mãos lhes punha, antes do livro redentor, a arma defensiva.<sup>148</sup>

Devido ao seu prestígio, como professor da FMRJ e presidente da ANM, a fala de Miguel Pereira causou polêmica na imprensa e nos círculos médicos e políticos, com moções de apoio e solidariedade de um lado e acusações de ter exagerado em suas afirmações, pondo em dúvida seu patriotismo, de outro.<sup>149</sup> O impacto desse discurso transformou-o no ato

---

<sup>147</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. Op. Cit., p. 333-348.

<sup>148</sup> PEREIRA, Miguel. “Discurso proferido em homenagem ao médico Aloysio de Castro em 10 de outubro de 1916”. In: SÁ, Dominichi Miranda de. *A Voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o ‘imenso hospital’*. **História**, Ciência e Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, Vol 16, supl. 1, p. 333-348. jul. 2009. p. 347.

<sup>149</sup> Dominichi Miranda de Sá apresentou os veículos da imprensa da época que reproduziram o discurso do médico. Segundo a historiadora além do *Jornal do Commérico*, de 11 de outubro de 1916, o discurso

fundador de um amplo movimento de opinião pública que diagnosticava a doença como o principal problema nacional e o descaso das elites, a razão pela qual pouco se fizera para solucioná-lo.

Nesse tipo de debate, Afrânio Peixoto estava presente. Não apenas acompanhando, ouvindo ou lendo as notícias propagadas nos jornais sobre seus pares, mas intervindo, questionado e se posicionando. O contato com o imaginário sertanejo representava, para ele, uma maneira de se situar em espaços caracterizados pelo conflito, tanto na construção de sua figura individual quanto na identificação com os interesses dos grupos com os quais dialogava. A definição dos conceitos e a elaboração de uma interpretação sobre o Brasil era algo que permeava a geração de intelectuais na qual se situava e nos campos de poder por onde circulava. Neste sentido, definir, conceituar e defender uma ideia na seara intelectual não estava livre das idiossincrasias, das trajetórias de vida e dos laços afetivos que os atravessavam.

### 1.3 “DO ESPÍRITO DIONÍSIACO PELO APOLÍNEO”: EUCLIDES DA CUNHA, AFRÂNIO PEIXOTO E O SERTÃO.

Ao longo de sua formação científica e acadêmica, Afrânio Peixoto se viu diante de diversas dessas imagens sobre o sertão. Quando mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1902, deparou-se com a efervescência das ideias de Euclides da Cunha e de Capistrano de Abreu, dentre outras. Possivelmente, naquela ocasião, nem sonhasse com a possibilidade de substituir o ilustre escritor d’*Os Sertões* na Academia Brasileira de Letras, fato que veio a ocorrer em 1911, com a morte repentina e inesperada de Euclides da Cunha.

A admiração de Afrânio Peixoto pela obra de Euclides da Cunha foi imediata, conforme confessou em 1919 quando pronunciou uma conferência de comemoração ao escritor. Naquela ocasião, Afrânio Peixoto declarou que a leitura da obra teria “despertado sua nacionalidade” e feito com que “ele lançasse os olhos para as gentes abandonadas dos confins brasileiros”. Colocando-se na condição de “um homem do litoral”, Peixoto situou o sertão e o sertanejo como “o outro” e alegou que teria sido Euclides da Cunha o responsável por ter lhe retirado da inércia “e lançado na alma a necessidade de considerar aquelas terras e

---

foi replicado na *Gazeta de Notícias*, em 14 de outubro de 1916; no *Jornal Correio da Manhã* em 12, 17 e 18 de outubro de 1916, no *Jornal A Noite* em 18 de outubro de 1916. (SÀ, Dominichi Miranda de. Op. Cit., p. 335).

aquelas gentes largadas por Deus e pelos homens”. Peixoto chegou a conclamar “aquela intelectualidade que ainda não reconhecia igual filiação, que o fizesse, o quanto antes”.<sup>150</sup>

Um dos eventos mais marcantes da trajetória intelectual de Afrânio Peixoto, segundo declarou em sua autobiografia, foi a sua eleição para a Academia Brasileira de Letras (ABL), ocorrida em 1911.<sup>151</sup> Para além do fato de adentrar numa das instituições mais requisitadas do período, para quem almejava a consagração intelectual a sucessão se dava no momento da morte repentina de Euclides da Cunha. Num momento de plena consagração da obra e do autor, conforme defendeu Regina de Abreu. Esse evento foi elucidativo das pretensões e dos olhares que Afrânio Peixoto pretendia lançar ao definir, agora com a legitimidade de um imortal, as visões acerca do seu local de nascimento.

No discurso de posse, conforme era de praxe, o novo acadêmico elaborou uma ampla biografia de seu antecessor. Narrou diversos episódios da vida de Euclides da Cunha e estendeu-se na tentativa de explicar a obra *Os Sertões*, do ponto de vista do seu autor. Afrânio Peixoto iniciou o discurso descrevendo, quem foi aquele “homem”:

Euclides foi um dos maiores gênios que o Brasil já teve e só pode ser compreendido se apontarmos aquela bravura improdutiva e arrogante, aquele amor do gesto vistoso e da palavra sonora, aquele despreendimento das utilidades e das conveniências, contidos dentro de timidez, que antes a suspeição tácita da inferioridade dos outros, da modéstia, que era apenas a consciência segura de um justo orgulho, e que sintetizam a sua vida, ruidosa e vazia, gloriosa e desaproveitada, admirada e desquerida.<sup>152</sup>

Essas características de Euclides da Cunha deveriam ser acionadas, segundo o médico, para que entendêssemos o processo de construção de sua obra. Apenas a partir do entendimento “destes rompantes de uma personalidade neurastênica”<sup>153</sup> é que seria possível compreender o olhar que Euclides lançou ao sertão e, principalmente, como o sertão lhe pareceu. Segundo Afrânio, ao escrever a obra, o engenheiro teria esquecido (ou esquecia sempre) “a finalidade da palavra escrita e o destino exato dos livros”<sup>154</sup>. O engenheiro não

---

<sup>150</sup> PEIXOTO, Afrânio. Euclides da Cunha: dom e arte de estilo. Conferência realizada a 15 de agosto de 1919, na comemoração decenária promovida pelo Grêmio Euclides da Cunha. In: \_\_\_\_\_ **Poeira da Estrada**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1944. p. 45-76, p. 58.

<sup>151</sup> Peixoto fez essa declaração no discurso de posse para a cadeira de Euclides da Cunha. O discurso do novo acadêmico iniciou com a seguinte declaração: “Minha primeira ambição consciente foi esta: ser acadêmico... e a vossa indulgência consagra hoje minha ambição de criança.” (PEIXOTO, Afrânio. Euclides da Cunha: o homem e a obra. Discurso de Recepção (sic) na Academia Brasileira de Letras. In: \_\_\_\_\_. **Poeira da Estrada**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1944, p. 9 [1 ed. 1918].

<sup>152</sup> Ibid., p. 11.

<sup>153</sup> Ibid., p. 57.

<sup>154</sup> Id.

escreveria para seus leitores, “escrevia para si”<sup>155</sup>. Esse argumento foi utilizado por Peixoto para defender a ideia de que:

Não querem descrever *Os Sertões* essas terras desertas do Brasil, dignas de senhorio mais ambicioso, nem o depoimento das gentes esquecidas pela nossa incúria ou incompetência em educar e aproveitar; nem ainda, como pretende o seu subtítulo – Campanha de Canudos –, denunciar grande crime coletivo que nos aviltou numa sangueira inútil... Não; é principalmente o cenário, desmedido e grandioso, rude e magnífico, em que viveu, sofreu e pensou a personagem silenciosa que não se descreve e está, entretanto, sempre presente naquelas páginas... Não é livro de história, estratégia ou geografia, é apenas o livro que conta o efeito dos sertões sobre a alma de Euclides da Cunha.<sup>156</sup>

O ponto central ao qual Afrânio Peixoto queria chegar, naquele momento, era o de demonstrar que, embora partilhasse e defendesse a genialidade da obra de Euclides da Cunha, fato quase inquestionável naquele momento, o sertão que o engenheiro teria trazido para as vistas do litoral não tinha relação com aquelas terras propriamente ditas, mas com o efeito que aquelas terras exerceram sobre um espírito bárbaro que era o de Euclides. Selvagem e incivilizado não era uma definição aceita por Afrânio Peixoto para definir o sertão. Bárbaro era tão e unicamente a alma do autor da obra. Essa impressão foi potencializada por Araripe Junior no mesmo momento da posse, no discurso de recepção do novo acadêmico. Araripe Junior pontuou que a sucessão de Euclides da Cunha por Afrânio Peixoto teria sido muito acertada e que:

Apesar do contraste existente entre os dois temperamentos, – entre o de um bárbaro genial, que se exprimia e descrevia, por meio de relâmpagos coetâneos da formação da terra, as sublevações, a ferocidade da sociedade bravia e inconsciente do sertão, e do ateniense tranqüilo, ditirâmico e ao mesmo tempo satírico, embalado no colo de Helena, a bela alma da Hélade, cuja missão tem sido modular a vida planetária: é preciso convir que nenhuma sucessão seria mais propícia do que esta, – *a do espírito dionisíaco pelo apolíneo*. As fulgurações do estilo alcantilado deviam abrir espaço às doçuras de linguagem mais serena.<sup>157</sup>

Tanto Afrânio Peixoto quanto o crítico Araripe Junior - que foi um dos responsáveis pela consagração d'*Os Sertões* - concordavam que havia exagero na obra de Euclides. Araripe Junior, na ocasião do discurso de posse de Afrânio Peixoto, utilizou diversos adjetivos para configurar a excepcionalidade de Euclides da Cunha, mas também os seus destemperamentos. Para o crítico, o engenheiro, para escrever a obra “calcinou-se fundindo nas fornalhas do

---

<sup>155</sup> Id.

<sup>156</sup> Ibid., p. 32-33.

<sup>157</sup> JUNIOR, Araripe. Discurso de recepção do acadêmico Afrânio Peixoto. 14 de agosto de 1911. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Discursos Acadêmicos. Vol 3, p. 129. Rio de Janeiro, 1910-1915. [Grifos nossos]. Também disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/discurso-de-recepcao>

talento os materiais incendiados que se transformaram nesse drama tenebroso de tendências dantescas, que se denomina *Os Sertões*.<sup>158</sup>

Transcorrido quase uma década entre o lançamento da obra e o momento de análise do impacto que a mesma teria causado, os dois acadêmicos assinalavam que era urgente lançar novos olhares sobre as terras sertanejas. O esforço que fez Peixoto para mudar os conceitos daquela elite em relação aos sertões foram significativos. Em um discurso de mais de trinta páginas deslocou a imagem que se tinha sobre o sertão para a imagem que Euclides da Cunha construía sobre o sertão. Para o novo acadêmico, as imagens criadas por Euclides da Cunha sobre o sertão só poderiam ser consideradas se antes, os seus leitores, entendessem quem era, como pensava e o que caracterizava o engenheiro. Euclides da Cunha teria passado para a sua escrita os rompantes, as agruras, os ímpetos nervosos que eram próprios do seu caráter.

Foi esse o sentido que sua realização literária adquiriu no discurso de Afrânio Peixoto, - que embora reconhecesse e rendesse admiração ao trabalho de Euclides da Cunha, precisava demarcar a singularidade da sua atuação – fato endossado na fala de Araripe Junior, que definiu Afrânio Peixoto como “um ateniense tranquilo, embalado no colo de Helena”<sup>159</sup>. Possivelmente, ao falar da entrada de um novo acadêmico no panteão dos imortais, tanto o médico quanto o crítico pretendessem apontar não apenas para um novo olhar sobre o sertão mas, também, para um outro momento da história do país. Era como se o Brasil estivesse deixando para trás o período das violências, das guerras das revoltas para instaurar, finalmente, o momento democrático, tão almejado por aquelas duas décadas de implantação da república.

Por extensão, o sertão deveria deixar de ser violência, selvageria, barbárie e incivilidade para rumar, em equilíbrio, com a pátria democrática. Talvez os primeiros passos para essa guinada pudessem vir por meio de uma mudança de olhares e de narrativas. Algo que se voltasse para as doçuras, para as paisagens, para as linguagens serenas e os amores simples daquelas extensões territoriais. Esse era, aliás, o olhar que Peixoto lançara, ao escrever a obra literária que justificara sua entrada no “panteão dos imortais”. O tempo das sangrias desnecessárias e das violências inúteis teria ficado para trás. A entrada de Afrânio Peixoto marcaria novas maneiras de abordar as terras largadas do Brasil, reflexo das novas estratégias de condução política da nação.

Um olhar equilibrado, que atentasse para as belezas sertanejas, em detrimento da selvageria e da incúria resgatadas pela visão de Euclides da Cunha ou das narrativas que

---

<sup>158</sup> Id.

<sup>159</sup> Id.

grassavam os jornais diários, resultados das expedições científicas às terras sertanejas, por exemplo, não significava que o intelectual fosse um romântico, herdeiro de José de Alencar e do movimento literário de finais do século XIX. Foi Araripe Junior quem fez questão de frisar que, embora as visões de Euclides da Cunha e Afrânio Peixoto sobre as terras sertanejas se distinguissem, não se diferenciava a formação deles. Ambos eram cientistas. Tanto o engenheiro quanto o médico falavam a partir dos conhecimentos técnicos e acadêmicos de suas especialidades no campo da ciência. “Ninguém mais apto para tratar do autor *d’Os Sertões*, do que o homem de ciência que sois”<sup>161</sup> afirmou Araripe Junior, concedendo o aval que permitia ao médico analisar e dar continuidade ao engenheiro.

É preciso salientar, ainda, que as críticas elaboradas por Afrânio Peixoto à obra de seu antecessor, foram sempre do ponto de vista do estilo e, em momento algum, do conteúdo. Mesmo nos momentos mais tensos, em que o médico discordava das caracterizações lançadas às terras e aos homens sertanejos, a estratégia de Peixoto era analisar a personalidade de Euclides da Cunha, que elaborara o olhar sobre aqueles homens e não sobre a população sertaneja em si. Neste sentido, a análise da obra carecia, antes de tudo, de uma análise de seu escritor. Declarou Afrânio Peixoto, para endossar essa ideia que:

[Em Euclides da Cunha] tudo eram explosões e arestas. Não tinha matizes nem reflexões. Desconhecia os meios-tons e as transições insensíveis. Era, por isso, incapaz da ternura e da piedade; não há uma só de suas páginas em que a gente sinta os olhos se molharem de suave quentura comovida. Não escreveu de um regato, de um crepúsculo, canto de pássaro ou capricho de mulher. Jactou-se mesmo, certa vez, de não haver em todos os seus livros uma só destas criaturas. Talvez venha daí a admirável coerência de sua obra: certamente, por isso, lhe falta aquele encanto frívolo e frágil, aquele melancólico e doloroso desencantamento, que só elas conseguem dar a todas as aspirações e esforços humanos. Ao invés, porém, os chapadões bravios, os rios grossos, as florestas despenteadas, as torrentes em fúria, as soalheiras sem tréguas... a fome, a guerra, o medo, o ódio, o sarcasmo, o espanto, o mistério, o delírio, a morte.. em frase curta e emperrada, ou no arranco distendido dos períodos, se apoderam de nós, com arrepios de horror, comoções de pasmo, frêmitos de entusiasmo, para nos levarem, não raro... ao cansaço... A crítica recebida de que ele escrevia com o cipó, Euclides não quis aceitar. Aquele bárbaro, espantado e espantoso quando escrevia, supunha-se policiado, civil e mesureiro.<sup>161</sup>

Diante de um grupo destacado de intelectuais e políticos, o discurso de posse de Afrânio Peixoto demarcou e abriu caminho para a leitura de sua obra literária e da constituição de sua percepção acerca do Brasil sertanejo. Também serviria como uma advertência: embora sucedendo da cadeira que pertencia a Euclides da Cunha, não haveria uma continuidade entre suas ideias e as daquele que o antecedeu. Mesmo que a base e a

---

<sup>161</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Discurso de recepção...**, p. 123.

influência fossem indiscutíveis, Afrânio Peixoto queria demarcar que estaria trazendo para os olhares da elite carioca o sertão da maneira como ele concebia. O sertão que ele conhecera, o sertão que, mesmo dissimulando, o constituía.

Afrânio Peixoto deu continuidade às ideias de um sertão autêntico e de um litoral corrompido por “modas estrangeiras”, por futilidades, por vida de aparência e por relações efêmeras, conforme havia sido denunciado por Euclides da Cunha. Identificou o sertão como um local rústico, indômito, por vezes grotesco, mas verdadeiro, forte, singular. Ao mesmo tempo em que elencava adjetivos para definir o sertão, o médico sabia que estava se auto definindo. Ele não era um homem que das varandas litorâneas lançava o olhar para os confins do Brasil. Ele era a própria paisagem. Na maioria das vezes tomou o sertão como tema, o médico recorreu à literatura. Desta maneira, a literatura e, nos anos finais de sua vida, a escrita de uma Autobiografia foram recursos privilegiados para o intelectual descrever o sertão e situar não apenas o seu lugar de fala, mas o seu local de formação. Ao mesmo tempo em que Afrânio Peixoto assumia essa natalidade, como diferenciação, ele estava a mercê das imagens que vigoravam naquele contexto acerca destes espaços. Resignificar o sertão e apresentar outros olhares da vida sertaneja poderiam ser um recurso não apenas de posicionamento frente a seus pares, mas de construção da sua própria imagem.

Neste sentido, se por um lado Afrânio Peixoto considerou e deu continuidade às imagens de sertão presente em Euclides da Cunha e, em certa medida, em Capistrano de Abreu, por outro, colocou-se veementemente contra as imagens construídas pelos médicos do Instituto Oswaldo Cruz ou por alguns de seus pares da Academia Nacional de Medicina, como, por exemplo, ao discurso de Miguel Pereira. Essas posições construíram um dos capítulos mais interessantes de sua atuação intelectual, conforme veremos no próximo capítulo. Antes, é importante pensar a construção das imagens sertanejas relacionadas à imagem que Afrânio Peixoto imprimiu à sua própria trajetória intelectual bem como a maneira como o médico atrelou essa trajetória de vida a uma história da nação. Isso nos parece claro no texto de sua autobiografia.

Por volta do ano de 1938, Afrânio Peixoto concretizou um projeto que, segundo ele, vinha sendo requisitado, por parte de seus amigos há muito tempo: a escrita de sua autobiografia. O intelectual maduro debruçou-se sobre a sua trajetória na busca daquilo que conferisse sentido à sua vida e à sua atuação intelectual, frente aquela geração. Conforme esclareceu Pierre Bourdieu: “Temos o direito de supor que narrativa autobiográfica inspira-se sempre, ao menos em parte, na preocupação de atribuir sentido, de encontrar razão, de



descobrir uma lógica e uma constância, de estabelecer relações inteligíveis, como a do efeito com a causa eficiente, entre estados sucessivos, constituídos como etapas de um desenvolvimento necessário”.<sup>162</sup>

Tornar-se o “ideólogo da sua própria vida” conforme adjetivou o teórico, refere-se a selecionar, “em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecer entre eles conexões que possam justificar sua existência e atribuir-lhes coerência”.<sup>163</sup> A escrita de uma autobiografia parte da seleção de fatos a partir dos sentidos que o momento presente, o momento da escrita, atribui a eles.

Provavelmente ao atribuir sentido à própria existência, em um momento marcado por arremates e rupturas, como ocorreu a Afrânio Peixoto em finais da década de 1930 e parte da década de 1940, tenha proporcionado ao médico buscar na história da sua vida o sentido para a sua permanência no tempo e na memória da nação, ou seja, a transformação da sua vida em uma vida exemplar.

Entre os anos de 1938 e 1945, quando possivelmente tenha se dedicado a escrita do material autobiográfico, vivia uma fase de acabamentos, de finalizações: tinha acabado de aposentar-se como catedrático da cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, fato que ocorreu em 1937; quase não frequentava mais as reuniões da ABL, que havia sido sua grande paixão cultural<sup>164</sup>, e espaço no qual tivera ampla atuação; e, ainda, enfrentava a doença de seu único filho, Juquinha, que faleceu aos 18 anos, em 1942. Tudo leva a crer que os anos finais da década de 1930 e os diversos acontecimentos que se desencadearam na sua vida tenham motivado o médico a debruçar-se sobre sua trajetória, em busca dos sentidos da sua vida. Um dos intelectuais mais ativos do início do século XX deparou-se com a aposentadoria, com a impossibilidade de frequentar as reuniões acadêmicas e com a terrível luta pela vida do filho, cuja medicina, que ele defendera por toda a vida, nada ou muito pouco estava fazendo.

Entender os elementos que guiaram a escrita da Autobiografia de Afrânio Peixoto prescinde que antes tenhamos que pensar a quem o texto se dirigia, quais eram seus interlocutores e quais eram as suas intenções ao escrevê-lo. Trata-se, portanto, de situar o autor no contexto da escrita dessa obra sobre si, ou seja, os anos de 1930; e observar as

---

<sup>162</sup> BOURDIEU, Pierre. **Razões** ..., p. 75.

<sup>163</sup> Ibid., p. 76.

<sup>164</sup> Peixoto declarou em escrito da Autobiografia que deixara de frequentar as reuniões da ABL por não conseguir se identificar com os novos membros. “Tudo estava caminhando contrariamente ao que sempre acreditei ser aquela casa”- afirmou o médico. A eleição do então presidente Getúlio Vargas como membro da instituição, ocorrida em 7 de agosto de 1941, contrariou Afrânio Peixoto que se sentiu desmotivado a frequentar a “Casa de Machado de Assis”.( PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia** ..., não paginado).

escolhas estabelecidas por ele, naquele momento, para rememorar aspectos de sua vida e trajetória. Ao recordar-se, Peixoto tentou entender suas escolhas, aquelas que, segundo ele, definiam sua vida presente e foram eleitas a partir daquilo que o professor jubilado acreditou ter sido mais importante na sua trajetória, apontada por ele como um tripé: a ciência, a literatura e a educação. Conhecimentos científicos, traduzidos para linguagem literária e que se transformariam em instrumentos para educar, divertir e nacionalizar o país.

Mesmo alegando que fora requisitado por um amigo que escrevesse suas memórias, conforme afirmou em uma carta endereçada a este interlocutor, iniciada apenas por “Meu prezado amigo” e, fato incomum nas correspondências de Afrânio Peixoto, esclareceu que “pede-me algumas notas sobre minha vida e obras. *Le moi est haïssable...* Contudo, nem se deve contrariar o amigo, nem há mais infável prazer do que falar a gente de si...”<sup>165</sup> E, nesta mesma carta, Peixoto resume os pontos principais daquilo que acreditou ser a coluna vertebral das memórias que viria a escrever para satisfazer “o amigo”, destacando que “nasci no sertão da Bahia, de família modesta e de ascendência portuguesa. Fiz estudos na província natal. Cometi uma *Rosa Mística*. Fiz-me médico legista e estudei Higiene. O grande mestre adotou-me como discípulo dileto. Depois veio a literatura...”<sup>166</sup>

Além de tratar de aspectos dos quais não poderia fugir ou que já estavam intimamente ligados a sua figura- o nascimento nos sertões- Peixoto salientou aquilo que só viria á tona a partir da sua confissão: a ascendência portuguesa, a origem modesta e a trajetória intelectual enquanto médico e literato.

Os traços apontados na carta foram os caminhos seguidos na escrita da obra autobiográfica, acrescentado de um viés que não anunciou e que, talvez, não se anuncie tão facilmente. Peixoto descreveria a sua trajetória como uma trajetória exemplar. Sua formação intelectual estava diretamente ligada a seu esforço pessoal, permeado de uma educação satisfatória e diretamente ligada aos seus sucessos escolares. O nascimento nos sertões não o impedira de receber uma educação esmerada.

Possivelmente o que tenha se delineado frente ao autor, quando ele ficou-se sobre suas recordações e sobre sua trajetória, para compor a autobiografia, fosse a constatação de que sua trajetória estava, de alguma maneira, relacionada àquilo que ele defendera nas suas produções intelectuais: a viabilidade de um país tropical, cuja comprovação maior era o homem sertanejo.

---

<sup>165</sup> A carta foi transcrita na íntegra por Leonídio Ribeiro. O biografado não colocou referências de onde estava a carta. (RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 347-349).

<sup>166</sup> Carta transcrita por Leonídio Ribeiro na obra Afrânio Peixoto. (RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 347).

Entretanto, não se tratava de qualquer homem sertanejo, mas aquele no qual uma educação exemplar e talento escolar fizera vicejar os talentos inatos, próprio da mistura racial que o meio brasileiro encarregou-se de plasmar. A ascendência portuguesa lhe proporcionava o orgulho necessário para ligar-se com uma história de vitórias, audácias, além de uma cultura secular europeia. Os traços do caráter, herdados da mistura racial, em que prevalecera o branco português, plasmados com as paisagens e culturas sertanejas, mais o cuidado com a formação cultural e patriótica resultara naquilo que ele era. E aquilo que ele era, resultara naquilo que defendera.

A hipótese que levantamos, ao analisar a autobiografia de Afrânio Peixoto, foi a de que o médico entendeu a sua trajetória de vida como uma maneira de defender que não só ele se tornara um personagem de talento e de sucesso, mas que se tratava da comprovação, por meio da sua figura, que quaisquer brasileiros, particularmente o elemento sertanejo, poderiam tornar-se “homens de talento”, de “estirpe honesta”<sup>167</sup>. Um país feito por brasileiros conscientes de suas origens, orgulhosos de sua formação, com conhecimentos sobre a relação singular entre o clima, a natureza e o homem, assistidos por um estado forte e educados no amor à pátria, resultariam em “verdadeiros brasileiros”, orgulho para as gerações vindouras.

#### 1.4 INTÉRPRETE DE SI MESMO E INTÉRPRETE DO BRASIL: O INTELECTUAL SERTANEJO E A CONSTRUÇÃO NACIONAL

“Razão há que queira eterna glória,  
Quem faz obras tão dignas de memória”  
Camões, II- 113<sup>168</sup> (56)

A busca por uma fórmula que explicasse e formasse a nação foi uma constante nas produções de Afrânio Peixoto. Em todos os seus escritos aparecem, como um pano de fundo, as tristezas e as belezas da nação, numa tentativa constante de definir se a realidade brasileira estava mais para um ou para o outro adjetivo, ambos resumindo as abstrações próprias do Brasil daquele momento. Ao realizar a obra de rememorar as suas vivências, nos parece impossível que essa premissa, constante e permanente em todas as produções de Peixoto, fosse deixada de lado.

Considerando a escrita da autobiografia inserida no amplo rol de produções do intelectual e partidária do tom que ditou as outras obras, nos parece que, ao rememorar sua

---

<sup>167</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Romances completos**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962. p. 390.

<sup>168</sup> CAMÕES, Luis Vaz de citado por PEIXOTO, Afrânio. **Minha terra e minha gente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929, p. 56. [1 ed. 1916]

trajetória, o sentido que Peixoto atribuiu aos seus feitos estava impreterivelmente ligado ao seu projeto maior: a tentativa de explicar, entender e, principalmente, elaborar fórmulas efetivas para a emancipação nacional e, principalmente, comprovar a viabilidade das terras sertanejas e do clima tropical.

A análise dos trabalhos de Peixoto nos proporciona identificar a exacerbação de sua verve patriótica, que foi se intensificando a cada nova produção. Em sua última obra, intitulada “*Livro de Horas*” (1947) o intelectual se dispôs a “colher as orações’ relativas à Bahia”<sup>na</sup>. Ou seja, tratava-se de um projeto no qual elencou uma variedade de histórias e aspectos daquele estado, com destaque especial aos “ilustres baianos” que poderiam servir de exemplos nacionais.<sup>170</sup> Segundo confessou, o livro tinha por objetivo identificar a história, a memória e as tradições “do local de nascimento de nossa pátria”, para a qual deveríamos dedicar “algumas horas contemplação, de oração”.<sup>171</sup>

Antes disso o intelectual já havia se voltado para a produção de pesquisas, escrita de livros e ensaios históricos, lançando obras sobre história da literatura, história do Brasil e história das Américas. A referência aos “locais de origem” como espaços de tradição e de memória foi a mola propulsora das pesquisas históricas de Afrânio Peixoto.

Primeiro Peixoto defendeu efusivamente a ligação do Brasil com Portugal. Para ele esse fato era incontornável, inegável e irremediável. Não era possível, segundo defendeu, explicar o Brasil e os brasileiros sem acionarmos essa origem, esse cordão umbilical que tornava cada brasileiro descendente de Portugal. Todas as suas produções, de caráter histórico, iniciam com um amplo retrospecto da história do país colonizador, dos grandes feitos portugueses e dos homens que renderam orgulho àquela nacionalidade.

Na produção de suas obras históricas Peixoto perseguiu nomes que, por suas ideias e inovações, pudessem servir de exemplos pátrios ou pudessem remeter a exemplos de destaque, de singularidade, de orgulho. Para esta empreitada era fundamental que os nomes remetessem a exemplos brasileiros ou à personalidades pertencentes “à pátria de sua pátria”<sup>172</sup>, ou seja Portugal. O intelectual lastimou em certa ocasião que:

---

<sup>170</sup> A obra é composta por breves ensaios sobre fatos, eventos históricos, cultura, religião, costumes, culinária e, principalmente, um álbum de personalidades baianas que tiveram repercussão nacional por suas “atuações exemplares”, desde os primeiros anos de formação da Bahia até a data em que o livro foi escrito. Nos parece que falar a partir da Bahia era apenas uma estratégia para elencar personalidades admiradas por Peixoto, visto que Nina Rodrigues, por exemplo, aparece como um homem de ideias exemplares. Peixoto justificou que o médico maranhense poderia aparecer num livro sobre baianos porque ele fora um “baiano adotivo”. (PEIXOTO, Afrânio. **Livro de ...**, p. 230).

<sup>171</sup> Ibid., p. 7.

<sup>172</sup> PEIXOTO, Afrânio. **História do Brasil**. Porto: Lello & Irmãos, 1940, p.VI.

A mim me produz sempre tristeza, quando vejo um sábio ou um político, a propósito das coisas brasileiras, invocar o exemplo estrangeiro. Às vezes, um Rui Barbosa se despoja de sua autoridade e se põe, interminavelmente, a citar autores forasteiros, desautorizados. Modéstia? Chamam a isto erudição.<sup>173</sup>

Defender o que era nacional, engrandecer as produções da pátria, buscar exemplos de brasileiros do passado e do presente foi a estratégia encontrada pelo médico para fortalecer a verve patriótica e produzir certo orgulho referente ao Brasil, frente aos olhos estrangeiros. “Primeiro e antes de qualquer coisa precisamos louvar o que é do Brasil. Precisamos traduzir as ideias em ‘brasileiro’, ver as coisas ‘em brasileiro’”<sup>174</sup>, declarou repetidas vezes o intelectual. A história foi acionada por Peixoto como um dos melhores caminhos para a constituição dos critérios que produziriam os principais orgulhos nacionais. Considerando-a como “a mestra da vida”, o médico anunciou em diversas ocasiões que da história deveríamos retirar os conselhos, os exemplos, a lição que os eventos passados poderiam proporcionar para o presente.<sup>175</sup>

O que queremos apontar com essa discussão é o fato de que além da perspectiva pragmática de história, para Afrânio Peixoto- e para grande parte dos integrantes de sua geração- uma história “que servisse à vida” estava impreterivelmente ligada à necessidade de servir à nação. Ou seja, a história elencada por Afrânio Peixoto estava indissociada das histórias pessoais de nomes representativos que, com seus feitos representavam, por extensão, as qualidades da pátria.

François Dosse, ao analisar as produções historiográficas de finais do século XVIII e de grande parte do século XIX, destacou a relação estreita que surgiu entre a história e a perspectiva biográfica nos debates constituintes do viés nacionalizante. Segundo o historiador francês, a figura do herói que inspirou as biografias de vida de grande parte dos historiadores da antiguidade foi cedendo lugar para “as histórias de vida exemplares”.<sup>176</sup> A escolha das vidas que mereciam ser biografadas foi deixando de ser a dos reis e guerreiros e voltou-se para os nomes que evocavam claramente os valores que se queria transmitir à sociedade - “valores humanitários, de moderação no desempenho das responsabilidades, de criatividade no ofício.”<sup>177</sup>

---

<sup>173</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Marta e Maria**. Documentos de Acção Pública. Rio de Janeiro: Gráfica Nacional, 1931, p. 7.

<sup>174</sup> Ibid., p. 7-8.

<sup>175</sup> PEIXOTO, Afrânio. **A Esfinge**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1911; PEIXOTO, Afrânio. **Minha Terra** ....., 1929, p. 67.

<sup>176</sup> DOSSE, François. Op.Cit., p. 167.

<sup>177</sup> Id.

No clamor da constituição dos estados nacionais, os “homens de destaque” erigiram-se em modelos pedagógicos, em exemplos de vida e de orgulho para os seus compatriotas. “Os êxitos das batalhas surgem como um legado efêmero em comparação com a solidez das obras e descobertas dos grandes homens, cujo trabalho pela humanidade é mais construtivo na edificação de um patrimônio cultural comum” - afirmou François Dosse.<sup>179</sup> Trata-se de um momento em que se insiste nos méritos pessoais, associados à sua capacidade universalizante.

A grande mudança que ocorreu, no que se refere a constituição de uma figura heroica para um homem exemplar, foi na perspectiva do coletivo, concluiu o historiador francês. Enquanto que o herói remete a guerras sanguinárias e aos campos de batalha, “o grande homem” se projeta a partir de suas obras. Enquanto que o primeiro destrói, o outro edifica. No âmbito da busca pela constituição nacional a palavra máxima era construir. Neste sentido, o grande homem se entrelaça com a figura do Estado. A sabedoria, a moderação, a edificação, o exemplo e o devir grandioso inspiravam e adjetivavam a ambos.

Para François Dosse, “o século XIX, com o progresso dos valores liberais e democráticos, além do aprofundamento da questão social, agravou a crise do herói opondo-lhe uma estratégia de suspeita a fim de fazer valer outras lógicas mais coletivas e sociais”. O eu tomaria valor na medida em que representasse “o nós”.<sup>180</sup> Os exemplos do amor que o século XIX dedicou ao culto dos “grandes homens” são diversos. Para especificarmos dois destes exemplos, podemos citar os institutos criados para a construção das memórias dos grandes homens, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Brasileira de Letras. Ambos institutos se desenvolveram na busca pelas figuras exemplares do passado, reuni-los, monumentalizá-los como exemplos pátrios.

O que queremos aludir com tudo isso é que as ideias com as quais Afrânio Peixoto se deparou durante a sua formação e a sua atuação intelectual estiveram intimamente relacionadas com aquelas que vigoravam na historiografia, nas biografias, na literatura, na política, nos institutos de sua época, em que se destacavam as figuras exemplares, nomes que poderiam, a partir de suas ideias, de suas produções ou de sua suposta genialidade, servir de exemplos para um povo em formação.

---

<sup>179</sup> Ibid.

<sup>180</sup> François Dosse alerta que, embora a literatura e a história tenham se expandido de uma figura heroica, quase um semideus para a perspectiva do grande homem, não significou que o herói tenha desaparecido do horizonte histórico, biográfico ou literário. Analisando as produções europeias, mais especificamente francesas de final do século XVIII e do XIX, o autor alertou que “a identidade patriótica que se reforça durante o século XIX e reconhece mesmo alguns lampejos nacionalistas, irá exaltar os valores heroicos de certas figuras cuja temeridade, coragem em combate e disposição ao sacrifício continua a transmitir a imagem de uma República sempre às voltas com a guerra”. (DOSSE, François. Op. Cit., p. 168).

As produções intelectuais de Peixoto dialogaram estreitamente com a perspectiva de que um grande homem gerava grandes obras e que as produções dos grandes homens deveriam servir de guia para os seus compatriotas. Orgulhar-se da nação por meio dos feitos dos grandes homens foi uma constante nas produções de Peixoto, elencadas em diversas e reiteradas vezes, conforme iremos demonstrar.

Considerando a perspectiva atribuída por Afrânio Peixoto sobre a escrita da história, é possível acompanhar um pequeno diálogo, tecido entre duas personagens criadas por Peixoto em sua obra literária de estreia, intitulada *A Esfinge*, lançada em 1911. Na narrativa, que retratou a elite carioca da época, em que os encontros nas festas e recepções ocupava a maior parte do tempo daqueles homens, Peixoto trouxe para a trama literária o debate travado entre dois personagens, sobre a obra *Capítulos de História Colonial*, que no romance havia sido escrito pelo historiador Nogueira, claramente identificado com o historiador Capistrano de Abreu. O Conselheiro Machado, personagem retratado como conservador, retrógrado, saudoso da escravidão começou a elogiar a obra para o seu círculo de ouvintes, ao que foi bruscamente interrompido e contrariado pelas ideias do Dr Lisboa, retratado como um filósofo liberal, ponderado e crítico sagaz da sociedade. Os dois passaram a defender suas ideias em torno da função da história. Enquanto para o primeiro a história era meramente “a memória do passado”, contada tal qual aconteceu, de maneira neutra e imparcial para o segundo a história “era a guia das nossas ações individuais ou coletivas, no presente.”<sup>181</sup> O comprometimento do historiador deveria ser, segundo o personagem, com o tempo em que ele vivia, incitando o povo a receber uma “lição histórica” e marchar de acordo com os conselhos que inspiravam.

Na tentativa de defender pontos de vistas divergentes, os personagens buscaram referências nas produções francesas. O Conselheiro criticou a maneira como Taine retratara Napoleão, alegando que o historiador tentara destruir “o mais admirável dos heróis modernos” reduzindo-o a um mero “*condottiere*”.<sup>182</sup> O Dr Lisboa, defendendo Taine, alegou que “o descrédito de Napoleão foi útil à França e ao mundo” e completou que o que fizera o historiador francês fora “curar o povo da cegueira, que pasmava delirante em face do monstro, esquecido do mal que fez pela fama das vitórias que ganhou”.<sup>183</sup> A passagem nos parece elencar uma série de debates enfrentados por Peixoto naqueles idos de 1911. Conforme acompanhamos a narrativa, fica claro que as ideias do Dr Lisboa são valorizadas na obra,

---

<sup>181</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A Esfinge*..., p. 105.

<sup>182</sup> Id.

<sup>183</sup> Ibid., p. 106.

enquanto que o Conselheiro Machado é combatido indicando uma possível defesa de ideias do autor do romance. Neste sentido, a defesa de Peixoto era a de que as figuras heroicas, sanguinárias e guerreiras eram ultrapassadas. O que deveria ser valorizado eram homens que produzissem a paz, por meio de suas ideias e de suas obras, ou seja, a figura do bom patriota.

O debate em torno de Napoleão, após uma longa e truncada explicação de como a figura do herói prejudicou a França na sua formação nacional, foi estendendo-se para outros exemplos de abordagens históricas que substituíssem “a narrativa imparcial dos fatos, em torno de uma figura quase mitológica”<sup>184</sup> na tentativa de demonstrar que o mais importante era a “lição histórica” que os fatos gestavam. O Dr Lisboa conseguiu completar que “Taine é mais útil ao mundo que Thiers, Sorel, Vandal, Houssaye, Masson. É melhor historiador que todos eles...”<sup>185</sup> porque conseguira captar a grande lição que um evento e uma personalidade histórica poderiam dar a um presente. Era preciso prestar atenção- conforme reiterou o personagem - em bem escolher as figuras que poderiam conduzir os destinos da nação e diferenciar os homens sanguinários e destruidores dos edificadores.<sup>186</sup> Filtrar os exemplos a serem seguidos e guardar as lições históricas que servissem à nação foi o conselho que expressou o Dr Lisboa para seus interlocutores no desfecho do romance.

Essa opinião da personagem pode ser entendida como a opinião de Afrânio Peixoto, visto que o intelectual expressou-se da mesma maneira em seu primeiro livro didático de história. Escrito “para crianças pequenas e grandes de minha terra”<sup>187</sup>, Afrânio Peixoto buscou nas “origens e tradições continuadas da história da formação nacional” as verdades necessárias para o momento presente, aquelas “que poderiam servir de lição demorada e útil”.<sup>188</sup>

Tanto por meio da literatura quanto a partir de um livro didático, Afrânio Peixoto entendia a história de maneira pragmática e, principalmente, patriótica. A utilidade da história estaria, segundo ele, na capacidade que os conhecimentos históricos teriam para inspirar,

---

<sup>184</sup> Id.

<sup>185</sup> Id.

<sup>186</sup> Ibid., p. 105.

<sup>187</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Minha Terra** ..., p. 46.

<sup>188</sup> Trata-se da obra “Minha Terra e Minha Gente”, lançada em 1916. O livro alcançou grande sucesso editorial, particularmente quando o autor tornou-se Diretor Geral de Instrução Pública do Distrito Federal e adotou o livro como material didático das escolas. Essa atitude, que lhe rendeu severas críticas do educador e também autor de um livro didático de história João Kopke, não diminuiu o êxito editorial da obra, que chegou a 3ª. edição, com cerca de 14 mil exemplares. A obra é um manual que objetivava a formação do patriotismo, por meio da história dos “grandes homens”. João Kopke escreveu dois artigos publicados na Revista do Brasil de 1919, intitulados “Sobre um certo livro didático” nos quais teceu severas críticas a obra, alegando, dentre outras coisas que tratava-se de um livro muito difícil para as crianças e que, mesmo assim fora adotado como obrigatório. (KOPKE, João. Educação Moral e Cívica: A propósito de um livro didático. **Revista do Brasil**. v.2, n.6, p.146-65, jun. 1916 e v.2, n.7, p.223-43, jul. 1916).



formar e forjar a nação. Não à toa, as últimas produções do intelectual dedicaram-se exclusivamente aos estudos históricos: de sua própria trajetória, do estado da Bahia, do Brasil e das Américas.

Considerando o entrelaçamento destas perspectivas, narrar a sua trajetória de vida só faria sentido se este rememorar servisse à nação. Formado a partir de leituras dos “grandes homens”, acreditamos que a escrita da autobiografia, realizada por Peixoto, tinha por objetivo identificar suas idiossincrasias a partir daquilo que servissem ao coletivo, ao povo e à nação. O sentido que Peixoto buscou para a sua trajetória de vida só poderia ser aquele que condensasse em sua trajetória uma narrativa útil à história do Brasil.

A busca constante por figuras exemplares foi a maneira que o médico entendeu que a história precisava ser contada. As lições apreendidas, por meio das trajetórias exemplares, serviriam de exemplo para a formação da nacionalidade. Na obra *Minha Terra e Minha Gente*, essa referência tornou-se explícita. Em todas as páginas do livro há um desenho, uma referência e uma nota explicativa às “figuras de destaque” tanto da história universal, que de alguma maneira se relacionaram com a história de Portugal, quanto às personalidades nacionais. Na legenda consta uma clara referência aos homens que mudaram o curso da história, “àqueles que alteraram a marcha do mundo”.<sup>189</sup>

Grande parte dos escritos de caráter histórico de Peixoto manifesta um culto à nomes que ele elencou como “exemplos maiores da humanidade”. O médico tornou-se sobejamente reconhecido no círculo de intelectuais do qual participava como um exímio estudioso da obra de Luís de Camões, Padre Antônio Vieira e de Castro Alves. Leonídio Ribeiro quando escreveu a primeira biografia do médico, referiu-se diversas vezes “a obsessão” com que Afrânio Peixoto dedicava-se a pesquisar, compreender e publicar sobre a vida dos homens que ele admirava. Em relação à vida e obra de Padre Antônio Vieira e Castro Alves não foi diferente, afirmou o biógrafo.<sup>190</sup>

Além da dedicação pelo entendimento e enaltecimento de Camões e Castro Alves, que foram, sem dúvida, as grandes paixões do médico, ele buscava nas “figuras exemplares” a tônica que julgava necessária para a formação nacional, os referenciais aos quais o povo deveria voltar-se, identificando assim uma origem e uma inspiração. Em outro romance, este de 1920, estas ideias são reiteradas quando um personagem afirmava categoricamente que “não há povo no mundo que tenha ascendência mais nobre e mais ilustre que o brasileiro” porque “descendemos de [Pedro] Álvares [Cabral], [Vasco da] Gama, Frei Bartolomeu dos

---

<sup>189</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Minha Terra* ..., p. 47.

<sup>190</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 176.

Mártires, Fernão Magalhães, Camões, Antônio Vieira, Pombal...”<sup>191</sup> Era na busca por homens de destaque, trajetórias exemplares que Peixoto entendia estar o cerne “da história como mestra da vida”.<sup>192</sup>

Nos parece, portanto, que foi inspirado e guiado por estes referenciais, que ocuparam grande parte das produções intelectuais de Afrânio Peixoto, que ele escreveu a autobiografia. Sua trajetória ocuparia um espaço no álbum dos “grandes homens”, daqueles que dedicaram a vida para a construção da pátria e sua trajetória estaria impreterivelmente ligada à própria trajetória do país.

Os escritos autobiográficos ficaram inacabados e não chegaram a ser publicados, mas, por meio dos esboços é possível imaginar a estrutura que Afrânio Peixoto daria a obra final. Inicialmente o médico dedicou-se a rememorar os anos de infância, alegando que “sua memória prodigiosa lhe permitia lembrar-se de fatos muito pretéritos”, chegando a assustar seus pais, quando ele contava, com riqueza de detalhes, eventos nos quais participara “e que ainda usava cueiros”.<sup>193</sup> Demarcando, portanto, uma memória acima da média, o médico descreveu diversos eventos vividos na infância, nos sertões diamantíferos da Bahia. A relação da sua trajetória, da constituição da sua figura com as paisagens sertanejas ditou o tom da narrativa. O nascimento sertanejo demarcava sua singularidade e o ligava não só a uma ideia de povo, mas a própria perspectiva de que a autenticidade do Brasil e, por extensão, o nascimento do Brasil teria se dado nas vastas terras sertanejas.

Depois dos eventos mais marcantes de sua infância, Peixoto dedicou-se a narrar a sua transferência para Salvador. A linha condutora de suas análises eram os estudos. Na infância as referências foram à escola primária e em Salvador ao ensino preparatório e, posteriormente, à Faculdade de Medicina da Bahia. Por meio destas escolhas percebemos que Peixoto pretendia demarcar os eventos de sua formação intelectual. Todas as memórias elencadas estavam relacionadas com o processo que o levou a tornar-se um membro da *intelligentsia* brasileira.

Costurando a busca pelo sentido da sua trajetória de vida na medida em que servisse de exemplo e motivo de orgulho nacional, as narrativas foram apresentando diversas defesas que Peixoto estava tomando parte no mundo público do momento em que ele escrevia as suas memórias. Desta maneira, mais do que relatar as memórias da infância e da escola primária, o que surge na narrativa memorialística com mais intensidade são os preceitos que guiavam a

---

<sup>191</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Bugrinha**. In: \_\_\_\_\_. **Romances Completos**. Rio de Janeiro: José Nova Aguilar, 1962. p. 494. Volume único. [1 ed. 1922].

<sup>192</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Minha terra...**, p. 54.

<sup>193</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...** não paginado.

reforma educacional defendida por Peixoto e por um grupo de educadores que ficaram conhecidos como “Pioneiros da Educação Nova”, movimento do qual Peixoto tomou parte no ano de 1932.<sup>194</sup>

Depois de narrar a chegada do pai na vila de Lençóis, como já apresentamos, Peixoto dedicou-se a descrever as impressões que registrou das vivências naquela pequena cidade. A infância foi descrita a partir das memórias da escola, da liberdade proporcionada pela vida no interior, pela apreciação das belezas naturais. Para a saúde do corpo os banhos frios e a alimentação saudável, rica em nutrientes teriam sido os principais legados que o nascimento nos sertões lhe proporcionara. Para a saúde da alma o presente maior fora a convivência em um ambiente em que “estruturas sociais rígidas e enquadradas, não existiam. A vida era simples e guiada por este princípio, o da simplicidade”.<sup>195</sup> Outro exemplo da simplicidade sertaneja que conduziu a narrativa das memórias de Peixoto foi a partir da construção da figura do pai- o sertanejo descendente de portugueses.

---

<sup>194</sup> O documento que inaugurou o manifesto dos pioneiros da educação nova foi uma carta redigida por Anísio Teixeira e assinada por 26 signatários, dentre os quais estavam Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, Roquette Pinto, Delgado de Carvalho, Hermes Lima e Cecília Meireles. O "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova" consolidava a visão de um segmento da elite intelectual que, embora com diferentes posições ideológicas, vislumbrava a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação. Ao ser lançado, em meio ao processo de reordenação política resultante da Revolução de 30, o documento se tornou o marco inaugural do projeto de renovação educacional do país. Além de constatar a desorganização do aparelho escolar, propunha que o Estado organizasse um plano geral de educação e defendia a bandeira de uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita. O movimento reformador foi alvo da crítica forte e continuada da Igreja Católica, que naquela conjuntura era forte concorrente do Estado na expectativa de educar a população, e tinha sob seu controle a propriedade e a orientação de parcela expressiva das escolas da rede privada. A escola integral e única proposta pelo manifesto era definida em oposição à escola existente, chamada de "tradicional". Assim conceituava o manifesto a "escola ou educação nova". Segundo Helena Bomeny, "A educação nova, alargando sua finalidade para além dos limites das classes, assume, com uma feição mais humana, a sua verdadeira função social, preparando-se para formar 'a hierarquia democrática' pela 'hierarquia das capacidades', recrutadas em todos os grupos sociais, a que se abrem as mesmas oportunidades de educação. Ela tem, por objeto, organizar e desenvolver os meios de ação durável com o fim de 'dirigir o desenvolvimento natural e integral do ser humano em cada uma das etapas de seu crescimento', de acordo com uma certa concepção de mundo." (BOMENY, Helena. *Novos talentos, vícios antigos: os renovadores e a política educacional. Estudos Históricos*. Os anos 20. Rio de Janeiro, v.6, nº 11, p.24-39, 1993, p. 27). Coerentemente com essa definição da "educação nova", os educadores propunham um programa de política educacional amplo e integrador, assim registrado no manifesto. Segundo um trecho da carta: "A seleção dos alunos nas suas aptidões naturais, a supressão de instituições criadoras de diferenças sobre base econômica, a incorporação dos estudos do magistério à universidade, a equiparação dos mestres e professores em remuneração e trabalho, a correlação e a continuidade do ensino em todos os graus e a reação contra tudo que lhe quebra a coerência interna e a unidade vital, constituem o programa de uma política educacional, fundada sobre a aplicação do princípio unificador que modifica profundamente a estrutura íntima e a organização dos elementos constitutivos do ensino e dos sistemas escolares. (O MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA (1932). *Revista HISTEDBR* on-line, Campinas, n. especial, p. 188-204, ago. 2006, p. 192. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1\\_22e.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf) consultado em fev. 2016. (Série Documentos).) Sobre esse tema ver também: SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena Maria Bousquet, COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

<sup>195</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Autobiografia* ..., não paginado.

Segundo Afrânio Peixoto o capitão Francisco, como seu pai ficou conhecido, embora nunca tivesse recebido uma educação formal, era um autodidata e via na educação o único caminho para que seus filhos se tornassem “grandes homens”<sup>196</sup>. Ele, por ser o primogênito, teria recebido muito mais atenção que seus irmãos. Firme nesse intento, Peixoto recordou-se que o pai não mediu esforços para despertar o amor pelas letras e pelos livros em seus filhos: “comprava papel e lápis, recitava versos, realizava leituras e os incentivava a decorar lições inteiras de geografia”<sup>197</sup>.

A tentativa de relacionar a figura paterna com a educação esmerada que recebeu tornou-se uma constante na escrita das memórias. Peixoto descreveu seu percurso escolar atentando para o fato de que, mesmo morando nos confins do Brasil, nada lhe faltara. Recebeu educação, instrução e cultura da melhor qualidade, demonstrando que o sertão não fora, para ele, símbolo de incivilidade ou barbárie.

Narrado a partir da perspectiva de oferecer o exemplo e de servir de exemplo, as páginas em que se ocupou de descrever o processo escolar, desde as primeiras letras, ofertada por seu pai autodidata até a escolha da escola que melhor serviria à educação “dos grandes homens nacionais”, Peixoto estava lidando com as imagens e defesas que fez ao longo de sua vida e que ainda militava no momento da escrita da autobiografia, qual seja, a ênfase de que o único caminho para a constituição da nação brasileira passava pela constituição da educação.

Afrânio Peixoto, junto a outros segmentos da elite intelectual de sua época, “compartilhava da ideia de que o Estado poderia civilizar a nação”<sup>198</sup>. Atentando para tais propósitos, os projetos educacionais carregavam a carga ideológica de “instrumentos de construção da nacionalidade brasileira”<sup>199</sup>. Ao identificarmos as estratégias de atuação que Afrânio Peixoto atribuiu a seu pai, na condução de sua vida escolar, é quase impossível não relacionar a figura paterna aos atributos que Peixoto considerava encargo do estado para com os nacionais. Utilizar a metáfora do pai, da mãe e da família para referir-se ao estado, a nação ou ao país colonizador foi uma estratégia acionada por Peixoto quando ele descreveu a história do Brasil, em uma obra de 1940.<sup>200</sup>

---

<sup>196</sup> Id.

<sup>197</sup> Id.

<sup>198</sup> EDLER, Flávio Coelho. Op. Cit., p. 176.

<sup>199</sup> Id.

<sup>200</sup> Citamos duas passagens que demonstram a metáfora familiar para explicar a maneira como Afrânio Peixoto via a relação do Brasil com Portugal. As duas passagens são da obra História do Brasil, escrita em 1940. Em uma delas o intelectual afirmou que “Portugal, comparado a qualquer das nações colonizadoras de ontem e de hoje, foi benemérito, julgado em si, teve a abnegação que só tem, na linguagem humana, um epíteto: foi materno [...] como essas criaturas divinas que morrem, ou ficam perpetuamente enfermas, esvaídas de fadiga e fraqueza, por terem a glória de haver criado um filho muito grande [...] Filho às vezes ingrato: também é da

Na autobiografia essa referência aparece velada, mas pode ser facilmente associada quando identificamos a maneira como Peixoto propunha a atuação do estado. Para o intelectual o “Estado deveria encarregar-se de prover os nacionais com cultura e educação. O mais se faz”.<sup>201</sup> Ao narrar suas memórias, Peixoto destacou que esse papel foi feito com esmero por seu pai e os resultados logrados, conforme ele próprio representava, foram excelentes.

Se, nos confins sertanejos faltava o “braço do estado provedor”, conforme teria denunciado a partir de suas obras literárias, essa carência, no seu caso em específico, teria sido suprida pela presença de um pai exemplar, um “sertanejo autodidata” - “um daqueles que os viajantes estrangeiros de outrora mencionavam admirados”. O pai exemplar teria identificado todas as carências das escolas e dos métodos de ensino da pequena vila de Lençóis e atuado imediatamente. Por meio da intervenção paterna, Peixoto recebera “uma educação condizente com as suas necessidades e valorizando as suas potencialidades”<sup>202</sup>. Tanto as necessidades quanto as potencialidades eram previamente identificadas pela perspicácia paterna.

Os apontamentos feitos pelo capitão Francisco - afirmou Peixoto - eram sempre respeitados pelos professores e autoridades locais. O fato de não possuir educação formal não alterava o respeito e a admiração que ele despertava entre seus conterrâneos. Segundo Peixoto, o sertão tinha a singularidade de valorizar as vivências, a sabedoria, os conhecimentos que se formavam “unicamente pelo amor”<sup>203</sup>. No sertão, destacava Peixoto, as relações não se pautavam nas mesmas diferenciações instituídas nas cidades, um título de bacharel não teria mais valor que as experiências adquiridas na prática.<sup>204</sup>

Afrânio Peixoto recordou-se que tão logo completara seis anos, a primeira preocupação do pai fora a de levá-lo para uma escola. “Todos os homens de bem passam pela escola”<sup>205</sup> - repetia seu pai todas as vezes que a instituição parecia, aos seus olhos de menino, um castigo e o rompimento das infindáveis horas de brincadeiras e liberdade. Em Lençóis havia duas escolas, uma de ensino público e a escola de meninos da professora Maria da Purificação. “Na escola de instrução pública ministrava aula um colérico e austero

---

natureza”. (PEIXOTO, 1940, p.75). Em outra: “Esse Brasil foi uma criação contínua de Portugal. O Brasil esquece, às vezes, o que custou: o pai andava pelos expedientes da miséria, mas ao filho nada faltou para se defender, crescer prosperar.” (PEIXOTO, Afrânio. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: Nacional, 1940. p.101).

<sup>201</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia** ..., não paginado.

<sup>202</sup> Id.

<sup>203</sup> Id.

<sup>204</sup> Id.

<sup>205</sup> Id.

professor”<sup>206</sup>, enquanto que na outra, ministrava aulas uma adorável professora. Peixoto confessou que não teve dúvidas de que queria ir para a escola da professora Maria da Purificação. Seu pai fez valer a sua vontade, e desde o primeiro dia ele fora tão bem recebido na escola, “... de maneira tão carinhosa e acolhedora que a escola me pareceu o melhor lugar do mundo, impressão que levei pela vida afora”, testemunhou.<sup>207</sup>

A figura da professora Maria da Purificação, a primeira mestra, foi acionada outras vezes pelo intelectual. Na autobiografia a professora surgiu como protagonista da sua paixão por estudar. “Depois de meu pai devo à minha primeira professora tudo o que sou”<sup>208</sup>, confessou. Estendendo a importância que a sua formação infantil teve no homem que ele se tornou, Peixoto afirmou que “... estou hoje convencido que, se há maus alunos, é que não tiveram um sorriso ou uma carícia para os acolher à entrada da Escola”<sup>209</sup>. Mais uma vez, ao acionar as memórias de infância era o intelectual maduro quem falava. Um dos projetos mais defendidos por Afrânio Peixoto se constituiu na importância que o governo deveria dispensar à educação primária.

Peixoto criticava o fato de a União deixar a cargo dos Estados os cuidados com a educação básica. Suas denúncias dirigiam-se a “odiosa mania de exportarmos demais- não só comercialmente- mas espiritualmente, leis, ideias instituições”.<sup>210</sup> No Brasil, afirmava o médico, não se legisla para o Brasil, mas para os “países cultos”<sup>211</sup>. Para Peixoto, por tender sempre à imitação, os políticos brasileiros teriam copiado aspectos da legislação norte-americana sem atentar para as singularidades das realidades nacionais.

Em um artigo publicado em 1925, Afrânio Peixoto debateu longamente a importância da educação primária. Após algumas críticas às cópias importadas e ao clamar que “o Brasil encontre soluções brasileiras para problemas brasileiros”<sup>212</sup> a sua intenção era criticar o descaso por parte da união, com os primeiros anos da educação, tidos pelo médico como os mais importantes para a formação do brasileiro. “Desde o Acto Adicional, pela Monarquia afora, além da República, imitando os Estados Unidos, foi concedidos às províncias e aos Estados o cuidado da instrução primária reservando-se à União a educação secundária e superior”<sup>213</sup>- explicava. Segundo sua perspectiva, isso era um grave erro. No nível

---

<sup>206</sup> Id.

<sup>207</sup> Id.

<sup>208</sup> Id.

<sup>209</sup> Id.

<sup>210</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Marta e Maria...**, p. 10.

<sup>211</sup> Id.

<sup>212</sup> Ibid., p. 8.

<sup>213</sup> Ibid., p. 10.

educacional secundário e superior o ensino voltava-se unicamente para a formação profissional e não implicava na formação patriótica. “É de menos importância nacional” – afirmou, reiterando que “a educação primária deve ser encargo da União porque é nesse período que se forma uma personalidade brasileira”.<sup>214</sup>

Segundo Peixoto, a nação corria grande risco desatendendo da educação primária, mantendo-a distante dos ideais da pátria ou não dando a devida importância para os pequenos brasileiros. Primeiro porque era na fase infantil que as ações lograriam maiores resultados, principalmente para impor modelos nacionais, citar exemplos pátrios, incentivar o amor à nação<sup>215</sup>. Outro risco que a União corria ao desassistir a educação infantil era o de que muitos estados poderiam distanciar-se dos projetos nacionais e impor uma educação “baseada em critérios regionais”.

A intervenção da União, em matéria de instrução primária, se impõe como a defesa da democracia e até da unidade nacional, porque a alma, pela língua, pela história, pelas tradições é um liame tão poderoso, quanto os interesses comuns, a defesa cívica do território, os correios, telégrafos, navios e estradas que nos comunicam e trocam valores.<sup>216</sup>

Equiparando a importância da educação primária com o destaque que se dava pela “modernização material” do Brasil, Peixoto clamava que as autoridades não descuidassem “da alma”, enquanto reformavam e ampliavam “o corpo”. Essas defesas foram crescendo consideravelmente em seus discursos, pronunciamentos e posturas públicas. Flávio Edler, ao discorrer brevemente sobre a trajetória do intelectual, afirmou que alguns analistas têm visto na figura do educador o principal investimento de Peixoto.<sup>217</sup> De fato, nada ocupou tão longamente as preocupações de Afrânio Peixoto do que a questão educacional. O intelectual via a educação como o instrumento legítimo para a construção da nação. Os investimentos deveriam ser longos e demorados na área educacional, começando com as primeiras letras. Nenhum brasileiro deveria ficar longe da escola e a escola deveria ser o braço da nação nos longínquos territórios do país.

Não é à toa, portanto, que ao escrever suas memórias, os primeiros anos escolares tenham adquirido tanta importância. Além de resumir páginas e páginas de defesas feitas nas obras editadas, nas conferências públicas e nos discursos pronunciados, enfatizar os detalhes

---

<sup>214</sup> Id.

<sup>215</sup> Id.

<sup>216</sup> *ibid.*, p. 11.

<sup>217</sup> EDLER, Flávio Coelho. *Op. Cit.*, p. 167.

de sua formação escolar era demonstrar, pelo exemplo, que a educação poderia “fazer brasileiros”<sup>218</sup> em qualquer lugar da nação.

Por meio das memórias da autobiografia, ficamos informados que Peixoto iniciou seus estudos com a professora Maria da Purificação e naquela escola permaneceu até os oito anos de idade, quando precisou ser transferido para a escola de instrução pública, na qual ministrava aulas “o professor colérico”. As diferenças entre uma escola e outra foram consideráveis. Do amor e da singeleza com que a professora conduzia as suas aulas ele passara “para a austeridade, para os castigos corporais, para as sabatinas e para os famigerados prêmios de aprendizagem”<sup>219</sup>.

Além da escola de instrução pública representar uma denúncia à maneira como o Estado conduzia a educação, conforme já identificamos, as descrições apresentam outra defesa que Peixoto conduzia de maneira didática na descrição de suas memórias: a educação primária deveria estar à cargo das mulheres.

Ao recordar-se da escola “do professor colérico”, Peixoto denunciou a ineficácia de uma educação excessivamente intelectualista e moralista, bem como a barbárie dos castigos corporais. Todas estas premissas ele teria vivenciado com aquele professor. Entretanto, não era culpa do professor a condução de um ensino incapaz, mas da falta da atuação pública, da inexistência de formação docente e do fato incontornável de que ele era um homem e por esse motivo, não possuía o talento necessário para ensinar as crianças. Faltava aos homens a sensibilidade, o carinho, o amor na condução dos pequenos estudantes. Por isso, afirmou o médico, ele estava convencido de que “o ensino primário era uma vocação feminina”<sup>220</sup>.

A defesa “da capacidade natural” que todas as mulheres teriam para conduzir a educação infantil estava atrelada a outra premissa que Peixoto vinha constituindo por meio de suas obras literárias e das posturas científicas: a da necessidade da emancipação feminina por meio do trabalho e da ampliação dos seus direitos civis.

Em 1936 o médico escreveu a obra *Eunice ou A Educação da Mulher*, na qual sintetizou as defesas que estava fazendo ao longo de diversos outros escritos, particularmente os de âmbito literário. Na obra em específico, Afrânio Peixoto defendia que a formação feminina deveria ser orientada para o trabalho. Delimitando os espaços de atuação para a mulher, de acordo com as “suas singularidades anatômicas, fisiológicas e psicológicas”, o médico via no magistério primário “a vocação natural da mulher e um antídoto a tutela

---

<sup>218</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Marta e Maria** ..., p. 11.

<sup>219</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**..., não paginado.

<sup>220</sup> Id.



parental ou marital”.<sup>221</sup> Foi na perspectiva da emancipação feminina que Peixoto defendeu o divórcio e lidou com essa questão em várias das suas obras literárias. Para o narrador do romance “*As razões do Coração*” (1924) se as mulheres tivessem a autonomia profissional e a ampliação dos direitos civis para o divórcio, bem como “a independência de escolher o seu companheiro, fará o casamento durar enquanto se amarem, e os dois farão por isso, pois já não terão o privilégio da indissolubilidade.”<sup>222</sup> Suas críticas ridicularizaram uma sociedade que fornecia às mulheres uma formação orientada meramente para os casamentos arranjados, baseado no ideal romântico e “a base de prendas ridículas como aulas de dança, bordados e artes decorativas”.<sup>223</sup>

Quando descreveu a escola da sua primeira professora primária as características atribuídas à figura reforçavam suas convicções, principalmente quando o professor colérico foi apresentado como a outra opção. Além de ser descrita a partir de qualidades que Peixoto julgava ser “naturalmente, porque eram biologicamente” femininas, o magistério forneceria um espaço ideal, de ampliação da maternidade, de realização pessoal e de fonte de renda para as mulheres. A constituição da nação ideal precisava passar, necessariamente, pela estruturação dos diversos personagens sociais no desenvolvimento dos papéis que melhor se conviessem, pautados numa moral científica. E o papel das mulheres, associado à família e à educação, era um deles.

Em um discurso pronunciado no Instituto de Educação do Distrito Federal, quando foi convidado para ser paraninfo de uma turma de normalistas, o médico recordou-se, mais uma vez, da sua primeira professora, das primeiras impressões registradas sobre a escola e fortaleceu, diante das formandas, a importância da figura feminina na condução da educação primária no Brasil. Para reforçar suas convicções o médico recorreu à lembrança do seu primeiro dia de aula:

A mim não me esqueceu nunca minha primeira Mestra a cujo suave e terno influxo parti, resoluto para todas as conquistas da inteligência. Por um carinho de seus olhos aprovadores, dei todas as minhas energias infantis por aprender (...) Fui menino prodígio na escola por causa dela. Depois de meus pais, foi a esta Mestra inicial e aos outros que a continuaram, que devo o pouco que sou...<sup>224</sup>

---

<sup>221</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Eunice ou a Educação da mulher**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1944. p. 46.[1 ed.1936].

<sup>222</sup> PEIXOTO, Afrânio. *As razões do coração*. In: \_\_\_\_\_. **Romances completos**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962.p. 646. [1 ed. 1924].

<sup>223</sup> EDLER, Flavio Coelho. Op. Cit., p. 178.

<sup>224</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Discurso para as formandas**. Apud RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 170.

Utilizando-se de um discurso carregado de emoção, em que resgatava as suas memórias de infância e a importância daquela pequena escola sertaneja para a formação do homem que se tornara, Afrânio Peixoto declarava a função essencialmente política da educação. Era pelas mãos das professoras primárias e, posteriormente, de todos os outros professores, que passaria o futuro da nação. Na perspectiva teórica projetada pelo médico, as funções sociais estariam pré-estabelecidas e, dentro desse modelo, o mundo público para as mulheres deveria ser uma extensão da vida doméstica. A vocação das professoras era “ser mãe dos filhos alheios”.<sup>225</sup> Neste sentido, o magistério tornava-se a profissão feminina ideal para uma sociedade ideal.

Segundo a perspectiva do médico, um dos maiores problemas do analfabetismo brasileiro passava pela desconsideração em preparar as escolas de primeiras letras, em atentar para a vocação feminina para a escola primária e a falta de modernização dos métodos de ensino e aprendizagem.

Tecendo um amplo diálogo entre a infância e as defesas que vinha fazendo na vida adulta, Peixoto recordou-se de mais um fato que proporcionou a ele o êxito nos estudos e que justificava suas posturas, “muitas vezes incompreendidas”, que clamava por uma ampla reforma educacional. Segundo narrou, a inteligência aguçada de seu pai e de sua professora observaram que ele “era um pequeno trêfego, irrequieto, incapaz de cinco minutos de imobilidade, sentado”<sup>226</sup>. Após a observação desta singularidade, o pai solicitou que a professora permitisse que o pequeno Afrânio Peixoto pudesse sair, “a miúdo e sempre que pedisse, ir ao jardim ou ao quintal, dar uns pinotes, o que, satisfeito, tornava a ocupar o meu lugar”<sup>227</sup>. A este pequeno gesto de sensibilidade paterna e condescendência da professora, Peixoto atribuiu a felicidade de seus estudos primários. A escola tornou-se um espaço agradável, por vezes encantador, muito diferente daquilo que corriqueiramente se falava ou se pensava dos espaços escolares<sup>228</sup>. As memórias foram complementadas com a conclusão de que “a moderna pedagogia reconhece a necessidade de aulas curtas, entremeadas as disciplinas teóricas, com os brincos, exercícios, cânticos e outras diversões para ocorrer à

---

<sup>225</sup> Ibid., p. 171.

<sup>226</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**. Páginas datilografadas e avulsas. Não publicada. [S.l.: s.n.], [1938?]. Rio de Janeiro, Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto, ABL. (Não paginado)

<sup>227</sup> Id.

<sup>228</sup> Um exemplo de como eram os espaços escolares e a educação primária no Brasil foi descrito pelo acadêmico e amigo de Afrânio Peixoto, Viriato Corrêa (1884-1967) publicou uma obra memorialística sobre os primeiros anos escolares. Intitulado *Cazuza*, o livro foi publicado pela primeira vez em 1938 e descreve uma escola castigo, com métodos disciplinares bastante rígidos, baseadas em castigos corporais e de uma educação baseada na memorização e na imobilidade, completamente diferente das memórias que Peixoto estava escrevendo em sua autobiografia. Ver CORRÊA, Viriato. *Cazuza*. 32 edição. São Paulo, Editora Nacional, 1992.

necessidade imperiosa de movimento e de variedade que têm as crianças”<sup>229</sup>. A falta de observação e de cuidado com essa quase insignificante característica infantil - a necessidade de mobilidade- promoveria, segundo Peixoto “a hostilidade que as crianças têm da escola.”<sup>230</sup>

Além de estender o poder médico científico para o âmbito educacional, considerando que os conhecimentos da medicina higiênica apontavam para a importância dos exercícios corporais para a eficiência do cérebro, Peixoto ainda demonstrava que a sensibilidade e a observação necessária faltava ao professor de instrução pública. A ausência de uma formação docente e as características “essencialmente masculinas” impedia que ele atentasse para as coisas simples, que a educação exigia. Os resultados, no entanto, teriam sido desastrosos para diversas gerações de meninos, educados naqueles moldes.

Sem formação, sem vocação e desassistido por aqueles que deveriam zelar pelo ensino público, o professor conduzia as suas aulas “da maneira como tinha sido educado”. “Assim aprendi, assim fizeram comigo, assim refaço com os meus alunos”<sup>231</sup> teria lastimado o mestre em uma conversa com o pai de Afrânio Peixoto, por ocasião de um fato em que ele, “dedicado aluno, levou bolos de um certo Arthur Pereira, mau aluno de todas as disciplinas, era, entretanto, peritíssimo na matemática, tinha todos os números na ponta da língua e, antes que qualquer um pudesse responder, já elle respondia”.<sup>232</sup> As razões para o castigo físico tão hediondo teria sido o fato de que Peixoto era muito ruim em matemática. Ao confessar essa fraqueza o médico estava chamando a atenção para a valorização das múltiplas inteligências dos alunos. “Cada um possui capacidades diferentes”, justificava-se Peixoto, as quais deveriam ser consideradas. O sucesso escolar não poderia centrar-se unicamente na capacidade de exibir vastos conhecimentos, mas em fazer a diferença em alguma área do saber, afirmava Peixoto.<sup>233</sup>

O intelectual recordou-se que, num sistema em que o saber gerava prêmios, o Arthur Pereira, seu colega de escola, levava todos nas sabatinas de matemática e que “esgotados os prêmios, recorria-se ao castigo corporal, o pequeno impetuoso e bravo dava bolos em todos os colegas”.<sup>234</sup> Peixoto reiterou que “nunca o professor atentou na profunda imoralidade desse

---

<sup>229</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**. Páginas datilografadas e avulsas. Não publicada. [S.l.: s.n.], [1938?]. Rio de Janeiro, Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto, ABL. (Não paginado)

<sup>230</sup> Id.

<sup>231</sup> Id.

<sup>232</sup> Id.

<sup>233</sup> Id.

<sup>234</sup> Id.

ensino: um mau aluno, rebelde, indisciplinado, que só sabia cálculo mental e humilhava todos os bons alunos por ter disposição natural para uma disciplina” .<sup>235</sup>

O pai mais uma vez foi acionado. Ele foi até a escola e depois de “uma longa e cortês discussão com o professor” conseguiu que ele compreendesse a atrocidade dos castigos físicos para crianças e da ineficácia de conceder prêmios desta natureza. O pai, segundo Afrânio Peixoto, não aceitou a perpetuação daquela pedagogia retrógrada e no dia seguinte mandou-lhe livros, “decerto de pedagogia, visto que fizeram algum efeito: nunca mais acionou-se os bolos e palmatórias para a humilhação dos argumentos”.<sup>236</sup>

As memórias dedicadas à escola de instrução pública restringiram-se a este relato e foi concluída com um longo debate sobre a necessidade de uma formação de professores eficiente e moderna. Faltava aos cursos normais no Brasil debater teoria, ampliar os estudos para as áreas das ciências, da medicina, da psicologia. Era urgente entender o ser humano na sua amplitude para um ensino efetivo. Reconhecer o cérebro humano e considerar que havia diferentes aptidões seria uma maneira de tornar a escola moderna e mais eficaz. Segundo Peixoto:

No dia em que essas variedades de inteligência forem conhecidas, cultivadas, aperfeiçoadas teremos um rendimento social incomparável, como não acontece ainda hoje, em que resolvemos julgar todas as criaturas como iguais, e capazes da mesma coisa. [Não] haverá classes, senão escolas, especializadas para essas variedades de inteligência. Porque contrariar a natureza, realçando aqui esticando acolá, para o rendimento miserável da escola ainda de hoje, usina da mediocridade, quando deverá ser a animadora das boas disposições naturais?<sup>237</sup>

A defesa, portanto, de uma escola com exercícios físicos, com ausência de castigos e considerada a partir das singularidades e capacidades dos alunos viria a resultar não apenas em uma educação de qualidade e frutífera no âmbito individual, mas, principalmente, na esfera coletiva. Seria o princípio da formação de “grandes homens” que teriam suas capacidades singulares valorizadas e ampliadas. Ele confessara sua incapacidade para a matemática, que em nada prejudicava a efetivação de uma carreira de destaque no campo das letras e da ciência, porque ele tivera estes talentos valorizados.

Por dezenas de passagens, a escola, as didáticas utilizadas pelo pai ou pela “professora exemplar” foram expostas pelo médico, não apenas no processo de como aconteceu a prática, mas nos excelentes resultados que a mesma logrou. Uma educação livre de regras rígidas, empreendida e praticada com amor e com respeito às singularidades dos educandos, com

---

<sup>235</sup> Id.

<sup>236</sup> Id.

<sup>237</sup> Id.

incentivos e com ideais previamente traçados, que apontassem o valor do ensino para a vida adulta foi um dos aspectos mais salientados.

Descrevendo suas experiências, muitos anos depois de vividas, Afrânio Peixoto ressaltou, nos eventos do passado, as propostas que pretendia legitimar no momento da escrita. Por outro lado, a maneira como recordou-se e as ênfases conferidas às memórias angariavam legitimidade para a figura pública que projetara: um intelectual sertanejo.

O papel das instituições era reforçado na medida em que o médico queria destacar a existência destes espaços nos rincões do Brasil, bem como garantir e promover a escola enquanto um lugar de emancipação nacional. Uma escola única e igual, independente do lugar onde estivesse situada. A defesa educacional de Afrânio Peixoto, levada a cabo no mundo público no mesmo momento em que escrevia suas memórias, apregoava uma “escola nacional, agregada, disseminada, profusa, *usina ‘em série’ de formação dos mesmos brasileiros educados e cultos*”.<sup>238</sup>

No momento da escrita da autobiografia Peixoto defendia um governo centralizador e autoritário, e considerava a formação escolar o único caminho para que a União mantivesse as rédeas curtas em relação à autonomia dos estados. O intelectual “preocupou-se menos com a modernização política, cujos tons autoritários endossava, do que com a modernização social amparada em instituições normativas”<sup>239</sup> observou Flávio Edler. Era por meio do estado provedor e jardineiro e do estabelecimento efetivo de instituições normativas que os investimentos em educação e cultura deveriam se dar. Um estado que atentasse para as singularidades nacionais e soubesse “escolher e prover as melhores sementes reeducando os homens sociáveis, bons e justos”.<sup>240</sup> A escola tornava-se, a partir desta perspectiva, um local de identificação dos talentos e de valorização dos melhores.

Repetidas vezes Peixoto afirmou que “os males do Brasil de hoje e de todos os tempos resumem-se apenas nisto, privação ou deficiência, ou perversão da educação física, intelectual, cívica ou política.”<sup>241</sup> Segundo esta perspectiva, mais do que valorizar conteúdos, o papel da escola era o de promover nacionalidade para o grupo e a integração, a valorização e a observação das capacidades individuais dos educandos. Essa foi uma ideia que tomou

---

<sup>238</sup> PEIXOTO, Afrânio. A educação nacional e a reforma da constituição.. Apud \_\_\_\_\_. **Marta e Maria...** p. 11 (grifo nosso). [Publicado pela primeira vez no Jornal “A Noite” em 1925].

<sup>239</sup> EDLER, Flávio Coelho. Op. Cit., p. 179.

<sup>240</sup> Id.

<sup>241</sup> PEIXOTO, Afrânio. Discurso Pronunciado na Câmara dos Deputados em 10 de agosto de 1925. Apud, PEIXOTO, Afrânio. **Marta e Maria...**, p. 16.

corpo na história da educação brasileira por volta dos anos de 1930.<sup>242</sup> Era a bandeira do grupo de escolanovistas, conforme já salientamos.

Após receber “as primeiras letras” ficamos sabendo que, por volta do ano de 1885, com a escassez das minas de diamantes e a falta de perspectiva que assolou a região da Chapada Diamantina, o Capitão Francisco com sua família mudaram-se para o Salobro, pequeno vilarejo próximo a Canavieiras, litoral norte da Bahia e local onde os pais de Peixoto viveram o resto de suas vidas.

Neste segundo momento e, tão logo instalaram-se no local, a preocupação da família, segundo a narrativa de Afrânio, foi a de encontrar alguém para confiar a educação formal dos filhos. Se em Lençóis havia dois grupos escolares, no Salobro não havia nenhum. O Capitão Francisco, depois de muito procurar, encontrou para o cargo “um culto agrônomo, chamado Glicério Lino de Santana”, provavelmente um dos únicos a possuir uma educação formal naquela região. Nas memórias, Peixoto engrandeceu a atuação do professor Glicério, alegando que “ele era um homem culto, formado em uma ampla variedade de conhecimentos. Falava várias línguas e dominava humanidades”.<sup>243</sup>

Com o preceptor, Peixoto terminaria o ensino primário e iniciaria o curso preparatório, finalizado alguns anos depois em Salvador, no Colégio Florêncio. A importância do professor Glicério na formação acadêmica de Afrânio Peixoto foi, segundo ele, intensa. Segundo descreveu Fernando Sales, “o professor Glicério ensinava-lhe um pouco de francês, latim, geografia e história, além dos conhecimentos da língua materna”.<sup>244</sup>

O que Peixoto insiste em destacar é que, mesmo longe dos centros urbanos, a educação que recebera nas terras sertanejas era de excelente qualidade, equiparando-se àquela ensinada nas capitais. O nascimento nos sertões não teria lhe privado de receber uma educação esmerada, moderna e completa. Segundo suas memórias, ele ficou pouco tempo sob a instrução do professor Glicério. Sua perspicácia teria contribuído para que ele rapidamente excedesse o que o professor sabia e constataram que precisaria de “mestres e de disciplinas mais eficientes”.<sup>245</sup> Dali seus pais o enviaram para a capital, para os preparatórios, “com vista à escola superior”.<sup>246</sup>

---

<sup>242</sup> LOURENÇO FILHO M.B. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1930 (Bibliotheca da Educação, v. XI).

<sup>243</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>244</sup> SALES, Fernando. Op. Cit., p. 53.

<sup>245</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>246</sup> SALES, Fernando. Op. Cit., p. 52 e 53.

Antes de seguir para Salvador, as vivências no litoral norte baiano marcaram suas memórias e tornaram-se também materiais para a composição de seus romances. Segundo a narrativa de Peixoto, quando realizou a mudança da cidade de Lençóis para a região de Canavieiras, o seu pai continuou na saga de conquistar uma situação econômica privilegiada. Teria sido na tentativa de evitar que os filhos passassem por dificuldades semelhantes as que lhe acontecera, que o pai os incentivava a estudar.

Peixoto descreveu que uma das maiores alegrias do pai era quando um filho tinha destaque nas lições e nas notas. Para satisfazer essa alegria, Peixoto narrou que tornara-se “obsessivo por ser um bom aluno” e essa auto cobrança foi tanta, que quando já estava na Faculdade de Medicina, em uma disciplina em que todos os seus colegas estavam reprovando, ele chegou a comprar uma pistola e estava decidido: “se quando chegasse a minha vez eu fosse mal na prova me daria um tiro na cabeça”.<sup>247</sup> Mais do que a tentativa de demonstrar o quanto era dedicado, obstinado e orgulhoso, nos parece que o que tentava demarcar nas suas narrativas autobiográficas, era que o conhecimento, a instrução, a emancipação por meio dos estudos não era algo fácil e sempre prazeroso, mas um prêmio que se conquistava por meio de muito esforço, de muita abnegação e, por vezes, pagando-se um alto preço.

Demarcar as dificuldades que tivera para formar-se, para alcançar a intelectualidade, garantia maior sentido à posição ocupada no presente, além de demonstrar que ele, um sertanejo, conseguira chegar aos postos mais elevados de seu tempo. Comprovando que o esforço pessoal, a dedicação, a abnegação de todas as outras coisas e de outro as dificuldades financeiras da família tinham valido à pena. “Seu pai se desdobrava para que ele e os irmãos tivessem o privilégio de estudar.”<sup>248</sup>

A mudança para o litoral norte baiano pouco alterou o contexto social, político e cultural das vivências da família Peixoto. As duas regiões tinham como característica econômica a extração de diamantes. A única distinção de Canavieiras em relação a Lençóis era que, paralelo à atividade mineradora, havia o cultivo do cacau. Inicialmente Francisco Afrânio Peixoto continuou no ramo comercial. Alguns anos depois, provavelmente quando os negócios do diamante começaram a decair naquela região, para não mudar-se novamente, o pai de Peixoto comprou uma fazenda cacaeira, ariscando-se nos negócios desse ramo. A dinâmica econômica, política e cultural das grandes fazendas de cacau forneceu um farto material para os romances de Peixoto. As observações infantis e as reflexões do jovem médico resultaram na elaboração de pelo menos dois romances que tiveram como cenário a

---

<sup>247</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>248</sup> Id.

região de Canavieiras<sup>249</sup>. Poucas distinções podem ser observadas em relação às narrativas que se passavam na região da Chapada Diamantina. O sertão continuava sendo um imenso espaço com características muito semelhantes, pautados em valores de liberdade, de simplicidade e corrompidos por querelas políticas partidárias.

O que ficou registrado nas memórias de Afrânio Peixoto continuou sendo o ambiente competitivo que as extrações de diamante proporcionavam e, principalmente, as disputas políticas que as famílias sertanejas enfrentavam. Denunciando, ao mesmo tempo, a “qualidade do populacho” e a ineficiência das instituições estatais, que se eximiam da função corretiva e normativa<sup>250</sup>, Peixoto apresentava um sertão corroído pelo caruncho da política coronelista, caudilhistas e partidária. “Espíritos das mais diversificadas formações se achavam reunidos nestas terras em busca da riqueza fácil”<sup>251</sup> - rememorava o intelectual. E isto, necessariamente, daria lugar à mais desenfreada incompreensão, proporcionando os choques armados, as vinditas decorrentes de simples pretextos às vezes forjados para justificar uma má ação. Relatou o médico que teria sido em “Canavieiras, antes de completar nove anos de idade, que presenciei as animosidades políticas que dividiam em dois grupos as gentes do sertão: de um lado os conservadores e de outro os liberais”.<sup>252</sup>

Afrânio Peixoto recordou-se que as brigas entre entusiastas do partido liberal e do partido conservador eram acirradas e dividiam a pacata população sertaneja, provocando as mais terríveis consequências. De suas memórias infantis, as brigas e atrocidades cometidas em nome de uma política partidária lhe forneciam as cenas mais grotescas das terras sertanejas. Se houvesse algum tipo de inferno para ser descrito, a partir daquele cenário, ele certamente não se referiria à doença, à precariedade ou à insalubridade, mas diria respeito às vicissitudes produzidas pelos mandatários políticos.

De fato, as desavenças políticas eram o mote para uma série de perversidades cometidas nas cidades brasileiras, particularmente nas cidades do interior. Isso sobretudo desde os movimentos liberais de 1842, quando os ânimos ficaram em polvorosa frente às duas posições políticas prevalentes no império. De um lado os liberais e de outro os conservadores. Segundo Ilmar Rohloff Mattos, um dos eventos mais significativos para demarcar posições e dividir as pessoas em grupos distintos, politicamente falando, se deu em 1842 quando membros e entusiastas da política liberal planejaram um significativo ataque nas forças

---

<sup>249</sup> Os romances que descreveram as fazendas de cacau, no norte baiano foram Maria Bonita [1914] e Fruta do Mato [1920]

<sup>250</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>251</sup> Id.

<sup>252</sup> Id.



conservadoras, que vigoravam no Império desde o Golpe da Maioridade. Nas palavras do autor:

Conta-se, a propósito dos movimentos liberais, que foram tramados na Corte pelos componentes do Clube dos Patriarcas Invisíveis, os quais, embora tivessem a pretensão de unir as forças liberais de três províncias, além de alguns setores da província fluminense, acabaram por optar pela deflagração do movimento na Província de São Paulo, por sua proximidade com o Rio Grande do Sul. Conta-se também que, além dos liberais gaúchos não poderem vir em ajuda dos paulistas, aqueles da Comarca de Curitiba se retraíram, seduzidos pela promessa de desligamento de São Paulo, efetivamente cumprida alguns anos depois com a criação da Província do Paraná. Aos liberais em armas de São Paulo juntar-se –iam, imediatamente depois, os mineiros liderados pelo tímido José Feliciano Pinto Coelho e pelo intrépido Teófilo Otôni, enquanto que os da Província do Rio de Janeiro teriam sido imobilizados pela ação enérgica do Presidente Honório Hermeto Carneiro Leão. Conta-se ainda que os “liberais do Norte”, particularmente os de Pernambuco, não encontraram meios materiais nem argumentos político-ideológicos para juntarem-se aos do Sul. Conta-se, por fim, que derrotados foram condenados pelo Código Criminal, acusados de rebeldes.<sup>253</sup>

Após estes fatos, diversas narrativas sobre o ocorrido ganharam corpo, exemplificando os desdobramentos do evento a partir da população que tomava parte de um lado ou de outro. Ainda, segundo Ilmar Mattos, “preocupados em narrar com escrupulosa exatidão” os acontecimentos daquele ano na Província de Minas Gerais, o Cônego José Antônio Marinho sublinharia “o entusiasmo e a dedicação com que os ricos proprietários, fazendeiros, abastados, grossos negociantes, fortes capitalistas apoiavam o movimento”.<sup>254</sup> Pelo lado dos conservadores a narrativa tomava outro viés. Tratando de 1842, o ministro da Justiça, Paulino José Soares de Sousa lamentava que os rebeldes tivessem apelado para “homens de pouca importância social, uma massa enorme de homens ferozes, sem moral, sem religião e sem instrução alguma, além de nuvens de nagô e minas para fazer valer seu desrespeito com o poder instituído”.<sup>255</sup>

A obra de Ilmar Rohloff Mattos analisa aspectos da formação e dos propósitos dos dois partidos políticos e nos apresenta um quadro riquíssimo sobre as desavenças entre os dois lados da política brasileira do período. Essas intrigas foram sentidas por Afrânio Peixoto no período que mudou-se para o litoral norte da Província baiana, segundo relatou em suas memórias.

De acordo com sua narrativa, ele recordava-se dos tempos da infância, em que as querelas políticas eram o assunto privilegiado entre seu pai e os moradores do sertão. Tanto em Lençóis quanto em Canavieiras, famílias inteiras matavam-se em nome do partido liberal

---

<sup>253</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff. **O Tempo Saquarema**. São Paulo: Hucitec, 1987. p. 104

<sup>254</sup> *Ibid.*, p. 104.

<sup>255</sup> *Ibid.*, p. 110 e 111.

ou conservador. Alguns membros da própria família deixavam de conversar entre si pelo resto da vida, em nome de intrigas políticas partidárias. O tom que conduzia a narrativa das memórias era o que denunciava uma política tão mesquinha e medíocre. Nos ideais civilizadores de Peixoto faltava a atuação de um estado forte, que dissolvesse as diferenças em nome de um propósito comum, de um bem maior, que era o bem nacional. A formação da nação precisava estar acima das querelas regionais e das divergências partidárias, incitava o intelectual. Antes e à frente de quaisquer diferenças políticas, dever-se-ia colocar os propósitos nacionais. Talvez destes aspectos resultasse as suas intrigas com a soberania política dos estados. Foi na escrita das obras literárias, portanto, que Peixoto encontrou um espaço privilegiado para efetivar determinadas denúncias. As impressões que dedicou às memórias políticas e a maneira como justificou a demarcação destes eventos indicava que aquilo que ele teria presenciado na infância lhe fizeram desenvolver aversão a política partidária. Para Peixoto, os propósitos do homem público deveriam estar acima dos propósitos individuais ou personalistas.

Afrânio Peixoto destacou que a política nunca lhe atraiu, porque ele fora “curado de suas ilusões” desde muito cedo. Esse desapontamento político é fruto do intelectual maduro, conforme iremos apresentar. No decorrer de sua vida, as relações políticas sempre foram a chave de entrada do intelectual no mundo público. Entretanto, no momento da escrita da autobiografia, Peixoto vivenciava diversas decepções com a implantação do governo de Getúlio Vargas e, estas impressões, implicaram no juízo de valor atribuído ao mundo político.

Segundo Peixoto, ter vivenciado as consequências que as pretensões políticas egoístas produziam para a população sertaneja o impulsionou a afastar-se do mundo político, tanto quanto pode. Peixoto atribuía ao caudilhismo e ao coronelismo político a responsabilidade pelo analfabetismo e pelo atraso cultural comum à nossa classe dirigente e à massa popular.<sup>256</sup>

Enquanto morou em Canavieiras, recordou-se que seu pai, “homem de bom senso e sabedoria, alheava-se em relação às facções conservadora ou liberal. Nada o induziria a uma maior participação na vida política local.”<sup>257</sup> Segundo ele, o pai percebera que “meter-se naquelas brigas era inútil e acabava por fortalecer ainda mais as trevas da ignorância em que vivia aquela pobre gente, cega e facilmente influenciável”<sup>258</sup>. Essa recusa em definir-se membro das facções locais não significava que o pai não tivesse uma postura política, pelo contrário, Peixoto afirmou “que o pai tivera sempre suas posições bem definidas” e que seu

---

<sup>256</sup> EDLER, Flávio Coelho, Op. Cit., p. 177.

<sup>257</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>258</sup> Id.

comportamento, “sem exacerbações, assegurara-lhe o respeito a que se impusera desde que ali chegara.”<sup>259</sup>

O contexto e a denúncia elencada por Afrânio Peixoto ao analisar as disputas entre iliberais e conservadores nos anos de infância foram recordados na vida adulta como a origem do “menosprezo” que dedicou à política ao longo de sua vida. Segundo Afrânio, a convivência próxima com as falcatruas políticas que ocorriam durante o Império e que continuaram a ocorrer no período republicano, marcado pelo mandonismo dos grandes coronéis, mostrou a ele que “a política era uma dama de posições, que em nada lhe atraía”.<sup>260</sup> Entretanto, mesmo querendo atribuir às longínquas lembranças da infância a mágoa que com a qual ele observava a condução do processo político no Brasil, é impossível não relacionar o desprezo e a denúncia ao mundo público com os eventos que se seguiram após a instauração do governo de Getúlio Vargas. Ou seja, foram a partir das impressões, dos sentimentos e dos desfechos do presente que as memórias adquiriram sentido.

Após um longo discurso que declarava por quais motivos ele estava se afastando do mundo público, Peixoto evitou os enfrentamentos que aquelas declarações pudessem provocar atribuindo-as as suas vivências infantis. Segundo recordou-se, ele desacreditou da política no momento que viveu a seguinte situação:

Nunca tive inclinação pela política; talvez, me tivesses curado della, desde a infância, as tropelias que vira praticadas em Lençóis e Cannavieiras, a cada mudança de governo, entre conservadores e liberaes, na monarchia e as agressões armadas com que os poderosos na República se agravavam mutuamente nessas terras largadas de Deus e do homem. Talvez uma circunstância na meninice tivesse influído para o desdém à coisa pública. Uma ocasião em Cannavieiras o chefe político Dr Antônio Salustiano Vianna fora pedir a meu Pae me emprestasse por algumas meias horas, para fazer-lhe uma acta eleitoral da Boa Vista, do Jacarandá, no Rio Pardo, onde havíamos habitado e havíamos de habitar. Eu tinha boa letra e conhecia a gente da zona. Foi assim que, mediante dictado, lavrei uma acta pela qual o Jacarandá dava ao Dr. Severino dos Santos Vieira, oitenta e dois votos para senador do Estado da Bahia. A acta verdadeira não havia chegado e o chefe político quizera remeter todos os papeis eleitoraes pelo vapor do dia seguinte. Eu fiz de escrivão e assignei os papeis com os nomes dos mesários calligraphia fantasista, pelo grau de educação de cada um. Cursivo polido ou garatujas grosseiras segundo a cada personagem devia corresponder. Isso curou-me da política. Vi logo ao começar a vida a sua inutilidade. Esta dama de tantos posições não teve mais mystério nem sedução para mim. Mais tarde, quando contei ao interessado, Dr Severino Vieira riuse elle muito e ficou a me tratar com indulgencia. Não me quis porém, jamais aproximar dos poderosos.<sup>261</sup>

---

<sup>259</sup> Id.

<sup>260</sup> Id.

<sup>261</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**. Apud: RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 159.

A longa narrativa dedicada por Peixoto para relatar o fato, além de nomear a todos os envolvidos – como forma, possivelmente, de afirmar a autenticidade dos fatos narrados - e reiterar que ele não precisava dos conchavos políticos para manter-se, demonstrou que os desdobramentos políticos conduzidos por Getúlio Vargas, e que respingavam diretamente na sua pessoa, não lhe atingiam, porque ele nunca quisera fazer parte do mundo público e, menos ainda, aliar-se aos poderosos.

Na descrição dos eventos políticos, além de demarcar suas crises presentes, o médico recorreu às memórias para demonstrar com quais posições criou afinidades e para demarcar que ele e sua família não estavam atrelados às aristocracias locais e que não partilhavam dos “modos retrógrados” com que se fazia política no Brasil.

As ideias que quis demarcar demonstravam que seu pai era um liberal e por meio dos conselhos e dos exemplos recebidos ele teria, desde muito cedo, se inclinado pelo mesmo posicionamento político. Defendera a abolição como um ato de humanidade e intercedera pela república como uma alternativa de reforma política. Posicionar-se como um liberal era estar aberto às mudanças que a modernidade e o progresso requeriam. Peixoto aludira ao fato de que, mesmo sem ter frequentado as faculdades tradicionais do Império, seu pai era um entusiasta das novas ideias e da renovação mental. Atrelar essa posição política ao que ele teria vivido na infância garantiria a sua relação com o desenrolar da história do Brasil, demonstraria seu protagonismo no desenvolvimento dos fatos.

Participar do desenrolar dos fatos ou presenciar o desenvolvimento da história do Brasil na categoria de protagonista foi outro sentido atribuído por Peixoto a si mesmo em suas memórias. Tudo o que escolheu como recordação a ser registrada demarcava o quanto ele estava atrelado e consciente dos fatos mais importantes da história da pátria. Ainda em Canavieiras, quando recebia aulas do professor Glicério, Peixoto atribuiu destaque ao que ele definiu como “o seu primeiro ensaio de história, de política, de poesia”.<sup>262</sup> Trata-se de um caderninho guardado com bastante cuidado pelo intelectual “ao longo de sua vida”, no qual consta um poema sobre o evento da abolição da escravidão. A data inscrita sobre o poema foi exatamente o dia 13 de maio de 1888.

Não é possível comprovar se o poema foi realmente escrito neste dia mas, o que importa, é atentar para a existência do caderno e para a tentativa de convencimento realizada por Afrânio Peixoto para a fidedignidade do documento, bem como a atribuição da data concomitante ao evento. O que nos parece mais importante na passagem foi a necessidade de

---

<sup>262</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia** ..., não paginado.

demonstrar que, mesmo nos confins do Brasil, ele estava a par dos maiores acontecimentos do país. Nenhuma notícia ou informação lhe faltava. Tão logo o evento acontecia a informação chegava ao seu conhecimento e, ainda, possuía discernimento para dissertar sobre ela.

Segundo informações contidas na obra de Fernando Sales, este caderninho teria sido uma sugestão do professor Glicério, para que seu aluno “treinasse a escrita, elaborasse pesquisa e tecesse opiniões”<sup>263</sup>. Ao que consta, os temas para os textos eram escolhidos pelo menino e o professor o ajudava a desenvolver a pesquisa histórica e o cuidado com a língua.<sup>264</sup> Diversos temas foram abordados na pequena obra, “por escolha livre”, recordou-se Peixoto. Os assuntos eram significativos tanto do contexto social e político de finais do século XIX, quanto das posturas políticas adotadas na família de Peixoto.

O título do caderno que, segundo ele, foi sugestão do professor Glicério, foi a expressão latina “*Paucum ex omnibus*”, ou “Um pouco de tudo”. O caderno apresenta ainda aspectos da literatura, poemas, história e geografia que eram temas de sua predileção. A “obra” consta, inclusive, com um prefácio feito por um intelectualizado caixeiro viajante que passava pelo comércio do seu pai, o português Elísio do Rego Barreto.<sup>265</sup>

Segundo o prefácio, escrito pelo caixeiro viajante, “*Paucum ex omnibus*” despertaria a curiosidade, como obra em que se veria gramática, geografia e história natural. O “prefaciador” escreveu, sobre o caderno de versos de Afrânio Peixoto, que “o que mais prende a atenção, é vêr-se por quem é escripta; uma creança de onze annos, eis o auctor! É uma creança na verdade, mas uma creança que promete ser vulto<sup>266</sup>”. Reiterando que o caderno datava do ano de 1888, na Autobiografia o médico afirmou que “nestes versos de oitenta e oito, eu celebrava meus pais, a vida, a infância, ao Dois de Julho, a Victor Hugo, a Castro Alves, ao Brasil”.<sup>267</sup> O adulto Afrânio Peixoto queria comprovar que o intelectual que ele se tornaria já estava na criança que ele fora.

Outra possibilidade que o “caderninho de 1888” trouxe para a construção do intelectual sertanejo é o acesso às leituras que ele fazia ou a partir de quais influências ele gostaria de estar relacionado. Houve preocupação por parte de Afrânio Peixoto em registrar o que ele lia, desenvolvendo algumas resenhas de livros, retirando citações e aforismos ou simplesmente emitindo sua opinião sobre a obra. Segundo citou, suas preferências de infância

---

<sup>263</sup> SALES, Fernando. Op. Cit., p. 85.

<sup>264</sup> Id.

<sup>265</sup> Id.

<sup>266</sup> Acervo Cultural Casa da Memória de Afrânio Peixoto.

<sup>267</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia** ..., não paginado

recaiam sobre “Álvares de Azevedo, François-Rene de Chateaubriand, Castro Alves, Cícero, Vitor Hugo, Virgílio, Bayard e Domingos José Gonçalves de Magalhães”.<sup>268</sup>

Além das epígrafes, epílogos, citações, opiniões de suas leituras, Afrânio Peixoto registrou no caderno versos dedicados a sua mãe e ao seu pai e, ainda, textos que faziam referências a aspectos políticos do Brasil, particularmente registrando os eventos que transformavam a nação naquele momento. Dentre os escritos do caderno, o poema em que dissertou sobre a Lei Áurea parece emblemático da busca de sentido realizada por Peixoto para recordar-se e, principalmente, dos elementos com os quais entendia que eram constituintes do homem que se tornara.

O primeiro, como foi salientado, tem a data de 13 de maio de 1888, dia da abolição da escravatura. Os versos comemoram a abolição com grande alegria e se intitula “Ao dia 13 de Maio de 1888”. Nas linhas abaixo consta uma epígrafe de Virgílio, escrita em latim “*Libertas quo sera tamen*” e, em seguida, dez versos condenando a prática da escravidão, as amarguras gerada por esta atividade e, por fim, a exaltação aos novos tempos que surgiam a partir daquele dia, particularmente pela possibilidade de igualdade para todos e pelo desfrute da liberdade<sup>269</sup>.

Na sequência do caderno, consta outro poema de relativo destaque. Este foi datado de sete de setembro de 1888 [9?]. Provavelmente em um debate ou estudo sobre o evento da independência do Brasil, Afrânio tenha sido estimulado a escrever sobre o significado da data, principalmente naquele momento que os negros, anteriormente escravizados, almejavam a “cidadania”. Neste escrito, o personagem principal é a nação brasileira, particularmente o povo brasileiro, acrescido dos novos personagens, os negros libertos. Versos como “Não faltam braços valentes/ Para o trabalho fazer,/ Nem cabeças proeminentes./ Falta somente a instrução,/ Luz, progresso, progredir/ *Para as almas que a nação/ Acaba de redimir*”<sup>270</sup> apontam para a perspectiva positiva da população brasileira, vistos a partir da capacidade de iniciativa e de vontade de trabalho e progresso.

A relação que Peixoto tecia entre o intelectual maduro e aquela criança que escrevera os versos eram destacadas pela genialidade do menino, que tão precocemente tivera intuições

---

<sup>268</sup> PEIXOTO, Afrânio. [1888?]. Acervo Cultural Casa da Memória de Afrânio Peixoto. Lençóis, BA. Não paginado.

<sup>269</sup> Poema escrito por Afrânio Peixoto, datado de 13 de maio de 1888: “Quando por entre as negruras/ Atrozes do captiveiro,/ Só se viam as amarguras,/ E choroso um povo inteiro./ Foi então que a Liberdade,/ Com divina majestade/ Surgiu, quebrando os grilhões,/ Um a um com suas mãos,/ Unindo seus corações/ Fazendo delles irmãos!...” (Caderno de Infância. Acervo Casa da Memória Afrânio Peixoto. Lençóis, Bahia. Não paginado).

<sup>270</sup> Documento da Casa da Memória Afrânio Peixoto, Lençóis, Bahia. Não paginado. [Grifos nossos]

visionárias da sociedade. Provavelmente esta afirmativa dirija-se ao fato de que os versos preconizam a importância da educação para a “as almas que a nação acaba de redimir”. Desde os anos de 1888 que a sua defesa se dava em nome da instrução e do esclarecimento. Esse sentido parecia ser prodigioso para a sua figura intelectual.

Possivelmente, mais do que demonstrar erudição, registrar suas opiniões sobre os eventos, ou demonstrar o quanto o sertão estava em contato direto com as informações e acontecimentos do Brasil, este documento demonstra a tentativa de Afrânio Peixoto em registrar que ele presenciou os acontecimentos mais marcantes da história do país e que se colocava, como almejou grande parte da sua geração, na linha de frente que vivenciava um Brasil em rápida transformação.

Ao longo de sua trajetória, Peixoto considerou o caderninho de infância significativo para o intelectual maduro e o conservou nos seus arquivos pessoais. Na Autobiografia, o médico referiu-se a ele da seguinte forma: “Por essa época comecei com minhas mais longínquas elucubrações litterárias (...) ainda possuo um caderninho escrito com letra infantil, que diz muito sobre mim”.<sup>271</sup> A afirmativa demonstra o apreço que Peixoto dedicou a este documento, considerando-o elucidativo de suas práticas e influências culturais dos tempos passados.

Além de apontar para um menino prodígio, o caderno indica que desde muito cedo Peixoto tivera contato com nomes significativos da cultura nacional e mundial, fora incentivado a ter orgulho crescente de sua terra, de sua gente e de sua família, além de registrar suas impressões sobre as mudanças mais significativas da nação. A construção do intelectual atuante, militante e patriótico iniciara, segundo esta perspectiva, nos anos de infância. Desde os mais remotos tempos que sua trajetória estivera relacionada ao desenrolar dos eventos nacionais e tudo o que era devia àquilo que fora.

A última fase das memórias sertanejas do médico refere-se ao momento em que mudou-se da pequena cidade sertaneja para a província. O fato se deu por volta do ano de 1889 quando o pai julgou necessário que ele continuasse sua formação em Salvador. Um meio irmão de sua mãe, Filogônio Olímpio de Sousa, se responsabilizou por sua acolhida na província além de ajudar com parte dos custos do Colégio. Este é o único momento e a única citação de Peixoto referente a uma ajuda familiar externa. Este fato é relevante para pensarmos a estrutura partilhada pelo médico para a construção da sua intelectualidade. Diferente da maioria dos jovens que estavam empreendendo uma carreira intelectual, Peixoto

---

<sup>271</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia** ..., não paginado

afirmava não ter contado com contatos familiares influentes, como foi apresentado por Sérgio Miceli na sua obra *Intelectuais à Brasileira*.

Segundo as pesquisas e análises realizadas por Miceli, a carreira da maioria dos jovens que direcionavam-se à intelectualidade era patrocinada por familiares outrora importantes no campo aristocrático do Império. Com a proclamação da República, estas famílias aristocráticas em decadência, mantinham um capital simbólico significativo de relações sociais, o que permitia “abrir um caminho” de destaque dentro da estrutura social republicana. Segundo Miceli:

Assim, o êxito maior ou menor deste gênero de estratégia depende da capacidade de utilizar a única espécie de capital disponível, a saber, o capital de relações sociais e de honorabilidade que, em certos casos e sob certas condições, os “parentes pobres” da oligarquia poderão acionar a seu favor.<sup>272</sup>

A maneira como Peixoto narrou suas memórias apontaram para o lado extremo daquilo que, segundo Miceli, se processava na formação intelectual da Primeira República. O que Peixoto quis demarcar foi a conquista pessoal da sua intelectualidade, baseada em uma educação efetiva, no amor à pátria, aos grandes homens e aos grandes exemplos, a dedicação do pai em lhe prover nos aspectos institucionais e ao talento pessoal. A construção desta delimitação relacionava a sua figura a figura da maioria dos brasileiros simples e batalhadores, aqueles de descendência portuguesa, que nasceram nos sertões brasileiros, que por meio do esforço pessoal, atrelado à educação e a muito trabalho, poderiam chegar a destacar-se e contribuir para o orgulho da nação. Por meio desta perspectiva, a trajetória intelectual de Peixoto contradiz a conclusão principal de Miceli, segundo a qual a intelectualidade era o destino daqueles que não possuíam outras alternativas, diante da nova estrutura republicana. Para Afrânio Peixoto a intelectualidade representou justamente a ascensão social, nos moldes que os novos tempos proporcionaram.

Com as novas configurações e possibilidades econômicas que o advento da República proporcionou, podemos inferir que a família de Peixoto tenha adquirido uma condição estável e favorável, visto que todos os seus irmãos tiveram acesso a cursos superiores ou encaminharam-se para a vida religiosa<sup>273</sup>.

---

<sup>272</sup> MICELI, Sérgio. Op. Cit., p. 22-23.

<sup>273</sup> Na cidade de Lençóis nasceram os irmãos Estefânia de Moraes Peixoto, que se tornou religiosa da Congregação das Irmãs Dorotéias, Filogônio de Souza Peixoto, farmacêutico, dentista e fazendeiro de cacau na província do Espírito Santo, Maria Constança de Moraes Peixoto, e Júlia de Moraes Peixoto, que se dedicaram à assistência à pobreza na cidade de Salvador. Em Canavieiras nasceram Álvaro (o primeiro, falecido com um ano de idade), Álvaro Afrânio Peixoto, farmacêutico, Mário Afrânio Peixoto, cirurgião-dentista, Arthur Afrânio Peixoto, padre, Helena de Moraes Peixoto e Jovita de Moraes Peixoto, igualmente dedicadas à vida religiosa como irmãs Dorotéias. (JÚLIO AFRÂNIO PEIXOTO - 1876-1947 -. **Dicionário Histórico-Biográfico das**



A postura adotada por Peixoto para recordar-se de sua história foi aquela que o relacionava ao povo, a origem modesta e ao nascimento sertanejo. Sua “meninice enfática”, vivida de maneira simples e rústica e a possibilidade de ter conhecido o sertão, de maneira empírica e nas suas diversas nuances, foi uma estratégia de diferenciação requerida pelo intelectual para relacionar-se com seus pares. A característica de que tivera “uma origem modesta” e de que vivera nos sertões, foram acionadas quando ele já havia construído uma sólida figura em meio àquela elite.

Ao projetar a sua figura pública, Peixoto fez questão de recordar-se ou voltar-se para aquilo que o relacionava ao povo brasileiro. Isso aumentava significativamente seus méritos diante de um quadro de constituição nacional e o distinguia de seus pares, quando a maioria deles estava intimamente ligada a relações sociais, patrocínios, e indicações. A intenção do médico, ao salientar as diversas dificuldades que precisou vencer para chegar onde estava, sem recorrer ao auxílio dos poderosos, como fez questão de enfatizar, embora não corresponda com o que de fato aconteceu, era a de demonstrar a sua persistência em constituir uma vida de sucesso e de destacar que o único caminho que teve para efetivar seus intentos fora o talento atrelado à educação.

Sua trajetória exemplar poderia servir de inspiração para os nacionais, principalmente para a elite política. Era urgente promover a educação como o primeiro e principal caminho de emancipação nacional. O problema do Brasil não era o sertão, não era a falta de estruturas físicas, não era o clima tropical. Sua trajetória era a comprovação da viabilidade do povo e das terras sertanejas. O maior problema brasileiro era o descaso que a classe dirigente legava à educação. “Não haveria vício, de corpo ou de caráter que não pudesse ser suplantado por meio de uma educação eficiente”.<sup>274</sup>

Suas memórias buscavam construir a ideia de que o brasileiro sertanejo, se bem educado, bem conduzido, bem instruído, poderia tornar-se um orgulho nacional. Cada aspecto de sua narrativa memorialística era uma comprovação prática das ideias que expressava na teoria. Os traços psicológicos negativos poderiam ser contornados pela educação - afirmava Peixoto. “Vazado em um nacionalismo civilizador”<sup>275</sup>, conforme inferiu Flávio Edler, o projeto educacional de Peixoto estava voltado à identificação dos obstáculos reais que impediriam a nação de prosperar. Reiteradas vezes e por diversas vias, o intelectual tentou comprovar que esse obstáculo não era, de maneira alguma, o sertão ou o clima. Se todos os

---

**Ciências da Saúde no Brasil** (1832-1930) Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz. Disponível em: (<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>) .

<sup>274</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>275</sup> EDLER, Flávio Coelho. Op. Cit., p. 177.

argumentos que lançou para defender suas teses tivessem sido infrutíferos, a sua trajetória comprovaria, de maneira inquestionável, a viabilidade do homem sertanejo, cuja terra e clima só teriam feito vicejar os talentos inatos.

## 2 AFRÂNIO PEIXOTO, A INTELECTUALIDADE, A MEDICINA E A VIDA PÚBLICA.

Em um discurso intitulado “Ato de Fé: Conselho a Moços Brasileiros”, pronunciado por Afrânio Peixoto em 1919, por ocasião da formatura de uma turma de médicos da FMRJ da qual foi paraninfo, é possível identificar algumas das suas principais ideias sobre a função de um intelectual; sobre as obrigações que cabiam à medicina; e, sobre as obrigações que recaiam sobre cada brasileiro, particularmente para aqueles de “índole científica”.

Após discorrer sobre as alegrias que cada um deveria ter presenciado ao terminar o ensino preparatório e o êxtase com que se realizava a matrícula “para a Faculdade superior, para iniciação numa carreira definitiva, lustre e glória da existência”, o médico passou a dissertar sobre “o que os esperava” e afirmou que não seria ele, naquela ocasião, que os iria amedrontar “com os perigos da jornada, com as tentações do caminho, com as solicitações de interesse ou as angustias da profissão”<sup>276</sup> - coisas que, certamente, eles já teriam vivenciado “nas enfermarias e laboratórios da medicina”. A sua função, naquela ocasião, era a de lembrá-los que “um médico é um personagem que conta nas coletividades humanas, pois dentre os técnicos, somos nós exatamente aqueles que melhores serviços podemos prestar as causas públicas”<sup>277</sup> e alertou-os de que “servindo aos brasileiros, não vos descuideis de, principalmente, servir ao Brasil”.<sup>278</sup>

Apregoar que a carreira intelectual e que a atividade científica tivessem como função máxima “trabalhar em função da nação” foi a bandeira não apenas de Afrânio Peixoto, mas da geração da qual ele participou. A ciência, servindo à nação, era a premissa que transpassava as produções daquela geração de intelectuais e tomou distintas correntes, no entender de cada um.

Partindo dessas considerações, o objetivo deste capítulo é perseguir a construção da carreira científica de Afrânio Peixoto no entrelaçamento que a construção de sua figura intelectual teve com a missão auto atribuída de construção da nação. Para tanto, buscamos, na primeira parte do capítulo, identificar na escolha de Afrânio Peixoto pela carreira intelectual o início daquilo que ele definiu como “estar irremediavelmente condenado a pensar as coisas do

---

<sup>276</sup> PEIXOTO, Afrânio. Ato de Fé: Conselho a moços brasileiros. Discurso de Paraninfos aos Doutorandos de 1919, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pronunciado em 29 de Dezembro, na sessão solene de formatura. In: \_\_\_\_ **Poeira da Estrada**. Ensaios de Crítica e de História. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson. 1944, p. 371-393.

<sup>277</sup> Ibid., p. 378.

<sup>278</sup> Ibid., p. 379.

Brasil”. Neste sentido, buscaremos elencar os sentidos atribuídos pelo médico à sua formação na Faculdade de Medicina da Bahia, às relações com os seus “mestres”, particularmente a partir da influência exercida por Nina Rodrigues para a sua formação, não apenas na escolha da especialização - no âmbito da medicina legal - mas das propostas lançadas pela Escola Tropicalista Baiana; e as possibilidades oferecidas por esta formação para se pensar as coisas do Brasil. Acreditamos que as “trivialidades que se ensinam na Bahia”- conforme declarou Peixoto - foi uma fonte buscada pelo médico para conferir identidade à sua atuação.

Na segunda parte do capítulo apresentamos a chegada de Afrânio Peixoto no mundo público carioca, as impressões que registrou sobre a capital federal e, ainda, a maneira como se aproximou de figuras influentes daquele contexto. Partimos da reconstituição das sociabilidades do intelectual, a partir de um grupo político formado por jovens parlamentares, provenientes de distintas províncias do norte, porque perseguimos a hipótese de que a aproximação de Peixoto com o grupo, que ficou conhecido como “Jardim da Infância”, foi significativa para a formação das ideias que ele fortaleceu no mundo científico, particularmente aquelas que definiam o sertão e a viabilidade de uma nação localizada em um lugar de clima tropical. Defendemos que as sociabilidades, os debates, as atuações científicas nas quais o intelectual tomou parte foram responsáveis pela intensificação da sua verve patriótica, na medida em que precisou posicionar-se frente às distintas perspectivas de nacionalidade e de intervenções propostas para o mundo público da época, por distintas vertentes institucionais.

## 2.1 A FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA E OS TEMPOS DE ESTUDANTE

Avançava o ano de 1890 quando Francisco Afrânio Peixoto chegou à Salvador com seu filho primogênito Afrânio Peixoto. Chegara o momento de deixá-lo na capital da Província, para que ele completasse os preparatórios.

Ele seria deixado aos cuidados do tio, Filôgonio de Souza, um meio irmão de sua mãe que de “tão nosso amigo o chamávamos de papai Filô”.<sup>279</sup> Os anos de colégio e, principalmente, o período em que cursou a Faculdade de Medicina da Bahia, marcaram as memórias provincianas de Peixoto. Tanto na pequena cidade sertaneja quando em Salvador foi a partir das instituições de ensino que as memórias foram acionadas.

---

<sup>279</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

Para as memórias do tempo do Colégio, ganhou destaque especial a figura do professor Manuel Florêncio do Espírito Santo, diretor do estabelecimento. Afrânio registrou que:

Foi meu tio Filô que me conduziu ao Collégio Florêncio, dirigido por um negro de excelsas qualidades moraes e intellectuaes. Manuel Florêncio do Espírito Santo, ali no topo das ladeiras, da Gamelleira, da Montanha da Conceição, no prédio que fora outrora o Collégio Sebrão, que frequentara Castro Alves.<sup>280</sup>

A condição racial do diretor foi rememorada em inúmeras passagens, tanto na autobiografia quanto nas obras científicas escritas no decorrer de sua trajetória intelectual. Foi a Manuel Florêncio do Espírito Santo, o diretor do colégio, que Afrânio Peixoto atribuiu a construção de uma de suas convicções a respeito das raças: a de que o “disvelamento [sic] das raças no Brasil é menos pigmentar do que cultural: Muito preto e mestiço conheci e venero porque tiveram e têm culta alma branca”.<sup>281</sup> Em outra ocasião, Peixoto referiu-se que os negros e mulatos teriam saído de uma posição inicial de má educação e indisciplina social dos tempos da Colônia para outra, observada desde fins do Império “na qual eles melhoraram muito”, e “se impuseram nas armas, nas artes, no jornalismo, nas ciências, no magistério, na magistratura e na política, inspirando respeito e admiração pelos brancos”.<sup>282</sup> Para descrever o admirado professor Manuel Florêncio, Afrânio Peixoto reiterou que ele “era um negro de alma branca”.<sup>283</sup>

Depois de narrar, demoradamente, sobre a importância que teve o professor Manuel Florêncio em sua formação moral e espiritual, dada a sabedoria com que conduzia o trato com os estudantes e o orgulho declarado por ele ter se tornado “o aluno dileto do mestre”, Peixoto afirmou que “dos outros professores conviria dizer alguma coisa”<sup>284</sup> e referiu-se ao professor de português, “Elias de Figueiredo Nazareth, era um negro luzidio, muito asseiado [sic] e elegante”.<sup>285</sup>

Narrado a partir das peripécias, do destaque, do aluno prodígio e da inteligência acima da média, a descrição dos tempos do colégio foi contada como um prelúdio à sua entrada na Faculdade de Medicina. Ao descrever que cursara sete disciplinas no primeiro ano, obtendo

---

<sup>280</sup> Id.

<sup>281</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Clima e Saúde**. Introdução Bio-geográfica à civilização brasileira. São Paulo: Nacional, 1938. p. 142.

<sup>282</sup> Id.

<sup>283</sup> A formação do pensamento do intelectual em relação aos debates raciais travados por ele e por grande parte da intelectualidade científica do início do século XX será feita com mais detalhes no decorrer da tese.

<sup>284</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**..., não paginada.

<sup>285</sup> Id.

destaque em todos os exames por suas notas excelentes e, recebendo a gratuidade das mensalidades do ano seguinte, “fato nunca antes ocorrido”, Peixoto enfatizou que:

Não me recorde destes eventos por vaidade, mas pra acentuar o estado de espírito posterior. Devo dizer que o prestígio alcançado por mim foi extraordinário. Todos os preparatórios, com notas plenas e distintas, em dois anos; premiado com a gratuidade do curso no segundo ano. Tornei-me popular não só no colégio, como na instrução pública do estado.<sup>286</sup>

Foi ao recordar-se dos tempos do colégio que Peixoto justificou o fato de ter escolhido a carreira intelectual. Segundo demonstrou, ele fora “um menino raquítico, de saúde delicada, pequeno e enfermizo”. Sua distinção era a inteligência aguçada.

A persistência com que Afrânio Peixoto declarava que fora um “menino raquítico e enfermizo” nos leva a pensar nas indicações elaboradas por Sergio Miceli, sobre a carreira intelectual. Embora Peixoto tenha rompido com a generalização de que a intelectualidade era a tábua de salvação a que recorriam aqueles que estavam em decadência financeira e tenha demonstrado que tornar-se um intelectual lhe proporcionou a ascensão social, parece-nos que Peixoto não conseguiu romper com o estigma da tarefa ou do papel do intelectual. Tal conclusão comprova-se pela persistência em afirmar a sua condição física, como se o médico quisesse provar que não teria condições de exercer outras tarefas que não fosse a de pensar. Ou, ainda, que apesar de sua condição física teria superado todas as expectativas, que poderiam tê-lo condenado precocemente, a não ser ninguém.

De qualquer maneira, julgamos que vale a pena problematizar o retrato criado por Peixoto sobre suas condições físicas ou, conforme descrevi Sergio Miceli, acerca do *handicaps* corporal<sup>287</sup>. Segundo tal conceito, a opção pela carreira intelectual, naquele fim de Império e início da República, se dava por uma parcela muito específica de personagens. Primeiro porque, conforme apurou o teórico, grande parte dos que se destacavam nos estudos eram filhos provenientes de famílias em considerável decadência financeira. Além disso, Sérgio Miceli declarou que era comum entre os que optavam pela intelectualidade, manifestar

---

<sup>286</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...** não paginado.

<sup>287</sup> “Afora o fato de que os letrados em questão são originários de famílias oligárquicas cuja situação material está em declínio e cujo único veículo com as frações dirigentes é de parentesco ou de compadrio, o quadro das características pertinentes extraídas das biografias destes escritores revela duas séries de determinações, uma positiva e outra negativa: o ingresso às carreiras intelectuais associa-se, de um lado à posse de trunfos que resultam da posição na pátria ou linhagem (como, por exemplo, o fato de ser filho único, de ser o primogênito, de ser o único filho homem, etc.) e, de outro, aos efeitos que provocam *handicaps* sociais (tais como a morte do pai, a falência material da família, etc.) biológicos (em especial nos casos de tuberculose) ou então estigmas corporais (como por exemplo a surdez, a gagueira, etc)”. (MICELI, Sérgio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 22 e 23.

determinadas singularidades físicas - limitações biológicas e corporais, particularmente relacionadas ao estado de saúde - que os tornavam incapazes ou limitados para assumirem outras carreiras.

Aos olhos de uma sociedade aristocrática, em que trabalhos manuais eram desmerecidos, cabia aos filhos da aristocracia em decadência, sem fortunas para herdar, preencher as posições dominantes no âmbito das frações dirigentes, ou seja, conseguir cargos (postos administrativos ou políticos). Para Sérgio Miceli, aqueles que não possuíam características para as funções que exigiam destreza ou força física, tinham ainda por opção a carreira religiosa. A carreira intelectual seria a solução para os que, além de não possuir características para postos de comando, não tinham vocação religiosa e apresentavam limitações biológicas ou corporais. Isso determinava “de maneira negativa” uma inclinação para a carreira intelectual<sup>288</sup>, apurou o autor.

Tais afirmativas devem ser compreendidas à luz de uma sociedade em que, a formação da intelectualidade, estava apenas se esboçando. Não era atribuída importância, naquele momento, para os “que viviam” de pensar, de analisar ou de elucubrar sobre “problemas de ordem metafísica”, como os destinos nacionais, as características da raça, a viabilidade dos climas, por exemplo. Conforme apontou Mariza Corrêa, o Brasil presenciava os primeiros anos de constituição de uma elite intelectual. Passar da condição de colônia para a de sujeitos da soberania nacional implicava, necessariamente, a constituição das instituições do saber.<sup>289</sup> Para esta tarefa, muito recente no Brasil daquele momento, era que se requeria a atividade intelectual. Foi no embate diário para atribuir sentido e importância para a tarefa que os personagens intelectuais ganharam destaque e foram acrescidos de importância. Antes disso, eram de somenos.

A análise de diversas biografias dos intelectuais da Primeira República, realizada por Miceli, demonstrou que para as famílias em declínio investir na educação dos filhos, na “escolha” de cursos superiores, no casamento ou para a nomeação em cargos públicos era o único recurso disponível na tentativa de escapar a um rebaixamento social ainda maior. Na análise de uma trajetória intelectual em específico, como a de Afrânio Peixoto, torna-se possível entender estes pressupostos sob outros prismas. Para Peixoto e outros membros de sua família, foi a carreira intelectual que proporcionou à ascensão social.

Diferenciando-se daqueles intelectuais provenientes de famílias aristocráticas do império, a trajetória de Peixoto inseriu-se nos novos personagens, que enriqueceram com as

---

<sup>288</sup> MICELI, Paulo. Op. Cit., p. 22.

<sup>289</sup> CORRÊA, Mariza. Op. Cit., p. 16.

possibilidades proporcionadas a partir do regime republicano e por meio da educação e da carreira intelectual. Investir na educação dos filhos não foi, portanto, o último recurso utilizado pela família para não cair no rebaixamento social, mas a primeira estratégia para alçar postos de representações significativas. Entretanto, Peixoto não se eximiu de explicar a opção pela intelectualidade que, segundo ele, “sempre foi uma vocação” visto que era um menino prodígio e possuía uma saúde frágil. A análise conduzida por Sergio Miceli foi muito perspicaz ao distinguir que:

Num estágio incipiente de formação de um campo especializado de produção de bens simbólicos, quando ainda não existe uma definição estrita do trabalho intelectual, o trabalho socialmente definido como simbólico recai sobre as mulheres e os homens que com elas se identificam e que por essa via se apropriam dessa espécie de trabalho, ainda um tanto destituído de valor econômico.<sup>290</sup>

Nos parece bastante interessante observar que em finais dos anos de 1930 - quando já havia se dado um esforço significativo para conferir importância à figura do intelectual - Peixoto ainda tenha recorrido à sua condição “frágil e delicada” como justificativa por “ter sido escolhido” pela carreira intelectual.

Em sua autobiografia declarou repetidas vezes que a sua condição física “raqúitica”, “a sua cabeça gigante sobre um corpo frágil”, lhe legara o apelido de “cabeça de comarca”. O médico chegou a recordar-se de que, em um retrato que dera de presente a um amigo, quando tinha seis anos de idade, escrevera atrás da foto sua primeira autobiografia, na qual declarava: “Pequenino e impertinente/ Magro, feio e canhoto: /Este é o retrato indecente/ Do tal Afrânio Peixoto”.<sup>291</sup>

Os recursos acionados para explicar que, praticamente, não tivera outra opção a não ser recorrer à carreira intelectual, visto que sua capacidade intelectual era vantajosa enquanto que sua capacidade física era debilitada, foi a explicação que Peixoto deu para o momento em que decidiu optar pela Faculdade de Medicina. Não tinha disposição para a “famigerada matemática” e era exímio em química, física e história natural. Parece que para ele não restava dúvidas de no pequeno Afrânio estava o futuro médico. Foi com esta convicção que ele declarou que aos dezesseis anos entrava para a Faculdade de Medicina da Bahia (FMBA).

Escolhido por sua condição física ao destino intelectual e por sua condição natal a cursar a Faculdade de seu estado, Peixoto atribuiu os sentidos de sua formação médica a estes

---

<sup>290</sup> MICELI, Sérgio. Op. Cit., p. 25.

<sup>291</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**..., não paginado.



dois atributos, considerados por ele quase como incontornáveis. “A ciência médica era minha vocação natural. Tive o privilégio de estar na Bahia. Na Bahia se estuda mais que no Rio”.<sup>292</sup>

A Faculdade de Medicina da Bahia e a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro eram as duas únicas instituições de ensino médico existentes no país. A reivindicação de recursos e a disputa em relação a estas demandas eram motivos de conflitos constantes entre as duas instituições.<sup>293</sup>

Criada em 1832, a FMBA veio a substituir a antiga Escola Médico-Cirúrgica da Bahia fundada em 1808 com a chegada da Corte de D. João VI ao Brasil. Recursos escassos e excessiva centralização administrativa, sob responsabilidade do Governo Imperial - o que reduzia drasticamente a autonomia da Faculdade -, despreparo de professores e alunos, instalações precárias e arcaicas, carência de funcionários, falta de equipamentos, baixos salários, eram registros recorrentes nas “Memórias Históricas da Faculdade de Medicina da Bahia”<sup>294</sup>.

Atrelada à carência institucional havia a carência teórica. Segundo Marcos Chor Maio, grande parte da historiografia sobre a FMBA denunciava a presença de um ensino eminentemente teórico, livresco, declamatório, em detrimento do ensino prático, de que se descurou até a segunda metade do século XIX, e que supria a falta de laboratórios pela explanação de sistemas e discussão de doutrinas”.<sup>295</sup> Mesmo que grande parte das críticas feitas pela elite tivesse por objetivo sensibilizar o governo imperial pela causa da medicina e das instituições, não há como negar as más condições do ensino naquele contexto. Frente a esse quadro de precariedade, foi que surgiram grupos, que inicialmente se situavam à margem da instituição oficial da prática médica. Na FMBA o grupo mais importante, constituído inicialmente fora da Faculdade, mas que, quando incorporado, lhe deu características singulares, foi o da Escola Tropicalista Baiana (ETB).

A ETB lutou pela afirmação da singularidade brasileira no terreno das pesquisas das doenças tropicais e, segundo Marcos Chor Maio, conseguiu fugir da armadilha determinista tanto climática quanto racial<sup>296</sup>. Os trabalhos dos defensores da Escola corresponderam a um

---

<sup>292</sup> Id.

<sup>293</sup> CORRÊA, Mariza. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil...

<sup>294</sup> SANTOS-FILHO, Lycurgo. **História Geral da Medicina Brasileira**. São Paulo: Hucitec/ Edusp, 1991.

<sup>295</sup> MAIO, Marcos Chor. A medicina de Nina Rodrigues: análise de uma trajetória científica. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 11 (2): 226-237, Abr/Jun, 1995. p. 227.

<sup>296</sup> MAIO, Marcos Chor. A medicina de Nina Rodrigues: análise de uma trajetória científica. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 11 (2): 226-237, Abr/Jun, 1995; PEARD, Julian. **The Tropicalist School of Medicine of Bahia, 1860-1889**. Tese de Doutorado, New York: Department of History, Columbia University. 1990; CORREA, Mariza. **As Ilusões da Liberdade**. Op.Cit.

amplo rol de pesquisas, sintonizadas com os conhecimentos científicos internacionais na área de parasitologia que teve origem a partir da atuação de três médicos estrangeiros: o português, de origem alemã Otto Wucherer (1820-1875); o escocês John L. Paterson (1820-1882) e o português José Francisco Silva Lima (1826-1910). A visibilidade desse grupo estava calcada, basicamente, no diagnóstico preciso de epidemias que, com frequência, assolavam Salvador. Elaboravam suas pesquisas a partir do Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia, nas “sessões médicas”, nas quais eram debatidos casos clínicos. Estenderam a atuação e visibilidade do grupo por meio de artigos. Para isso, fundaram a revista *Gazeta Médica da Bahia*, em 1866 que, segundo Julian Peard, tornou-se a revista médica nacional mais importante do século XIX.<sup>297</sup>

Como foi salientado, os médicos fundadores da ETB não tinham relações com a FMBA. Eram médicos e políticos que atuavam a partir do Hospital de Caridade e que tinham amplas repercussões por propagarem perspectivas que iam de encontro a diversas demandas da sociedade civil. Foi na década de 1880, quando a FMBA passaria por diversas reformas, em consonância com a emergência do saber médico no país, que os médicos precursores da Escola Tropicalista foram assimilados pela Faculdade de Medicina, se tornando docentes da instituição.

O período em questão (final do século XIX e início do século XX), segundo Marcos Chor Maio e Lilia Moritz Schwarcz, registraria um momento de inflexão na trajetória de profissionalização da medicina “acadêmica”.<sup>298</sup> Lilia Moritz Schwarcz analisou a incorporação dos entusiastas da Escola Tropicalista dentro do movimento mais amplo que estendeu os conhecimentos médicos dos consultórios para a população como um todo. A Faculdade de Medicina da Bahia foi emblemática, segundo essa pesquisadora, do “deslize temático que parece acompanhar a história desse estabelecimento [a FMB] o qual em momentos diversos – de 1870 a 1930- privilegiou abordagens diferentes”<sup>299</sup>. Situando a incorporação dos médicos da Escola Tropicalista na década de 1880, quando prevaleceu os estudos de Higiene Pública, sendo substituído pelo da Medicina Legal, com a nova figura do perito- que ao lado da polícia explicaria a criminalidade e determinaria a loucura-, para nos anos de 1930 ceder lugar ao “eugenista”, que passou a separar a população enferma da sã.<sup>300</sup>

---

<sup>297</sup> PEARD, Julian. **The Tropicalist School of Medicine of Bahia, 1860-1889**. Tese de Doutorado, New York: Department of History, Columbia University. 1990. Apud: MAIO, Marcos Chor. *A medicina de Nina Rodrigues...*, p. 228.

<sup>298</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nina Rodrigues...*, p. 228; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 189

<sup>299</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo...**, p. 189.

<sup>300</sup> Id.

Neste sentido, a ETB inseriu-se nos debates que implicava uma grande atuação médica no dia-a-dia das populações, particularmente em virtude das moléstias infecto contagiosas.

Foi a partir dessas incorporações que emergiu na instituição uma nova representação sobre os fundamentos do saber médico, expressa pela noção de “medicina experimental”. Ao mesmo tempo em que se redefinia o estatuto de cientificidade, em moldes universalistas, elaborava-se um programa de pesquisas orientado para a nosologia e a terapêutica nacionais.<sup>301</sup> As reformas se processaram de maneira diferente na FMRJ e na FMBA. O que se viu na Bahia, segundo Marcos Chor Maio, foi a consolidação da medicina tropical, fundando uma tradição médica. Lilia Moritz Schwarcz corrobora com essa ideia, conforme declarou:

Os médicos da faculdade do Rio de Janeiro buscavam sua originalidade e identidade na descoberta de doenças tropicais como a febre amarela e o mal de Chagas, que deveriam ser prontamente sanadas pelos programas “higienicos”. Já os médicos baianos farão o mesmo ao entender o cruzamento racial como o nosso grande mal, mas ao mesmo tempo, nossa suprema diferença. Ou seja, enquanto para os médicos cariocas tratava-se de combater doenças, para os profissionais baianos era o doente, a população doente que estava em questão. Era a partir da miscigenação que se previa a loucura, se entendia a criminalidade, ou, nos anos 20, se promoviam programas eugênicos de depuração. Se o jargão é comum, a atenção é diversa.<sup>302</sup>

Atrelada à reforma do campo médico (de 1879 a 1884) a Bahia presenciou também um aumento de produção de periódicos na área e a criação de associações profissionais que indicariam tanto a consolidação da prática médica quanto o caminho que levaria as especializações<sup>303</sup>. Segundo Marcos Chor Maio, a ETB contribuiu para esse processo de especializações que começaram a ser levadas a cabo na FMBA.

O grupo que inicialmente elaborava críticas ao ambiente médico passou a ser paulatinamente aceito até ser totalmente assimilado pela comunidade acadêmica. A proposta dos pesquisadores da Escola centrava-se, entre outras coisas, na pesquisa de doenças tropicais e notabilizou-se por seus trabalhos sobre beribéri, ancilostomíase, filariose e ainhum, todas elas doenças associadas ao clima tropical.

Segundo Flávio Edler, em contraste com as ideias de medicina tropical desenvolvidas pelas potências coloniais europeias, os tropicalistas baianos teriam forjado sua própria

---

<sup>301</sup> MAIO, Marcos Chor. Nina Rodrigues..., p. 228.

<sup>302</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo**..., p. 190.

<sup>303</sup> Depois da segunda metade do século XIX surgiram a Gazeta Médica da Bahia, Gazeta Acadêmica, Revista Médico-Legal da Bahia e a criação de associações profissionais como a Sociedade Médico-Farmacêutica de Beneficência Mútua, a Sociedade Médica da Bahia e a Sociedade Médico-Legal da Bahia. MAIO, 1995, p. 229.

definição de medicina tropical, baseados na crença otimista sobre a possibilidade de se construir um lugar para o Brasil ao lado das nações civilizadas, apesar de seu clima e do povo miscigenado. Esse é um dos pontos significativos da identidade e dos sentidos que a FMBA quis imprimir às suas práticas e às suas pesquisas.

Segundo a historiadora Julyan G. Peard, a Escola Tropicalista Baiana se deu no contexto da revolução bacteriológica e da grande expansão colonial europeia. Esse fato relegou importância e distinção ao grupo de médicos, que passaram a atuar na Faculdade de Medicina da Bahia quando, ainda no século XIX, esforçaram-se por adaptar a medicina ocidental para melhor atacar questões específicas do nosso clima e da nossa geografia, buscando novas respostas para a velha questão de se as doenças de climas quentes seriam ou não distintas daquelas da Europa temperada. Em sua busca, usaram os instrumentos da própria medicina ocidental para se contrapor às ideias a respeito da fatalidade dos trópicos e de seus povos, e reivindicaram à competência brasileira nesse pensamento.<sup>304</sup>

A reinterpretação da condição tropical e a busca por imprimir sentidos singulares à prática médica que se desenvolvia na instituição foi um forte diferencial da Faculdade de Medicina da Bahia. Sem dúvidas, a Escola Tropicalista Baiana definiu o olhar que a Faculdade de Medicina da Bahia teria sobre a própria prática médica, além de estabelecer critérios de pesquisa, de filiação e de especialidades por um longo período.

A análise das memórias cunhadas por Afrânio Peixoto enquanto frequentou a FMBA nos mostram o esforço do médico em situar as diferenças e as distinções da medicina que se praticava na Bahia e da medicina que se praticava no Rio de Janeiro. A descrição das disciplinas, dos métodos dos professores, das abordagens, dos estudos foi resgatada para conferir sentido ao profissional que Afrânio Peixoto se tornara. Embora o médico tenha considerado importante os estudos e os cursos que realizou após a sua formação, ele deixou claro que a maioria dos direcionamentos que seguiu, ao longo de sua trajetória intelectual, fora iniciada pelos mestres baianos.

Torna-se interessante apontar que quando, no ano de 1892, Afrânio Peixoto matriculou-se na FMBA, a instituição estava passando por mais uma das amplas reformas conduzidas nas faculdades, desde o início do império e intensificadas sobremaneira com a instauração da república. No momento que adentrou a FMBA, as instituições que ofertavam o ensino médico estavam sendo atingidas pela Reforma Benjamim Constant, a primeira levada a cabo no período republicano e que, dentre importantes e requeridas mudanças que executou,

---

<sup>304</sup> PEARD, Julyan G. **Race, Place and Medicine: The Idea of the Tropics in Nineteenth-Century Brazilian Medicine.** Index, Durham, S.C./ London Duke University Press, 1999.

um das mais importantes foi a da autonomia didática concedida às faculdades com relação ao reconhecimento das habilitações exigindo-se, para a prática da "arte de curar", o licenciamento ou a graduação emitidas pelas faculdades de medicina.<sup>305</sup>

Esta dinâmica institucional refletia a preocupação com a delimitação da esfera de atuação da prática médica em oposição aos considerados curandeiros e charlatães<sup>306</sup>. Segundo o Dicionário de História da Saúde, produzido pelo Instituto Oswaldo Cruz, no verbete Faculdade de Medicina da Bahia, consta que a reforma de 1891, organizou as disciplinas em 29 cadeiras, distribuídas em 12 seções e seis séries, compreendendo seis anos de curso. As disciplinas estavam classificadas de modo bastante original, em relação aos antigos currículos. As séries de disciplinas cursadas por Peixoto, quando iniciou o curso, foram:

- ciências físicas e naturais; ciências que entendem com a estática e a dinâmica do homem; ciências que entendem com a estática e a dinâmica do homem doente; e ciências que entendem com a estática e a dinâmica do homem são e do homem doente.<sup>307</sup>

Em dois decretos promulgados e aprovados pelo presidente da república Floriano Peixoto e referendados pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Fernando Lobo, ficava estipulado que, de dois em dois anos, a congregação, de cada uma das instituições de ensino médico, indicaria ao governo um catedrático ou substituto "para estudar nos países estrangeiros os melhores métodos do ensino e as matérias das respectivas cadeiras, e examinar os estabelecimentos e instituições das nações mais adiantadas da Europa e da América"<sup>308</sup>.

A reforma estabeleceu que, além de ampliar a duração do curso, na matrícula dos candidatos, exigia-se a comprovação de conhecimentos de latim, francês, lógica, aritmética e geometria. Os exames passaram a ser anuais, e para obtenção do título o aluno deveria defender tese em português ou latim. Segundo Schwarcz, o novo currículo previa a ampliação e valorização da cadeira de higiene.<sup>309</sup>

Quanto aos temas de estudo e as áreas privilegiadas de atuação na FMBA, segundo pesquisa realizada por Nádia Maria Dourado Rocha, sobre a produção das teses na Faculdade

---

<sup>305</sup> BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. A Faculdade de Medicina da Bahia na Época de Nina Rodrigues. **Gazeta Médica da Bahia**. nº76, Suplemento 2, p. 63-79, 2006.

<sup>306</sup> MAIO, Marcos Chor. Nina Rodrigues..., p. 229.

<sup>307</sup> FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz – disponível em (<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>). Consultado em 07 dez 2015.

<sup>308</sup> Id.

<sup>309</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo...**, p. 196.

no período de 1852 até 1900, há prevalência de estudos relacionados com as afecções mentais e suas relações sociais. Considerando, como destacou Rocha, que os temas das teses eram pontos definidos pela congregação da Faculdade, a prevalência de estudos na área das afecções mentais e higiênicas é significativa para pensarmos as linhas centrais do pensamento difundido naquela instituição e com os quais Afrânio Peixoto deparou-se.

Segundo o levantamento da autora, em 26 teses analisadas entre os anos de 1890 até 1900 há diversas citações a autores europeus como “Bénédict Morel, Charles Samson Féré, Dominichi Esquirol, Wilhelm Wundt, Alfred Binet, Théodule Ribot, Sigmund Freud e Herbert Spencer. Os dados indicam uma preocupação com a psicopatologia, um processo de investigação pré-experimental e uma grande sintonia entre a produção baiana e europeia”.<sup>310</sup> Nas mesmas teses a autora elencou os principais autores nacionais citados pelas pesquisas realizadas. Segundo ela, Raimundo Nina Rodrigues foi o vencedor das citações, aparecendo em 20 das 26 teses analisadas, seguido por Juliano Moreira, Medeiros e Albuquerque e José Estelita Tapajós.<sup>311</sup>

Os aspectos que Afrânio Peixoto selecionou para recordar-se, em sua Autobiografia, sobre os anos de faculdade, foram diversos: desde as amizades “de valor inestimável” que travou naquele recinto, seja com colegas ou com professores, até as lições detalhadas que recebeu, destacando as suas afinidades e conduzindo suas narrativas para a construção da sua imagem de estudante dedicado e destacado, além de um jovem contestador, tanto da prática pedagógica quanto do valor dos conteúdos. Além de denotar que o ensino na Faculdade de Medicina “se fazia com base experimental”, com “professores rígidos, coléricos” e com um amplo cabedal de informações e conhecimentos “adquiridos nos melhores centros de estudo do velho mundo”<sup>312</sup>, Peixoto recordou-se que quando da sua chegada à Faculdade, não teve as melhores impressões:

Os professores nos eram antipathicos; Luiz Anselmo da Fonseca, pardo, combatido pela vida, chegara tardiamente ao professorado, azêdo, e exigente com os alumnos. José Olympio de Azevedo, minucioso e exigente, fazia uma chimica de reações decoradas, entre um caderninho de notas do seu antigo preparador Pedro Celestino e o compêndio de Martins Teixeira. José Rodrigues da Costa Doria, professor de História Natural, transferido de Medicina Legal e a contra-gosto na nova investidura. No fim do anno, Fonseca reprovou a maioria dos seus alumnos.<sup>313</sup>

---

<sup>310</sup> ROCHA, Nádía Maria Dourado. A Preocupação com questões psicológicas nas teses da Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX. **Temas de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia**, vol. 8, no. 2, 163-173, 2000. p. 163.

<sup>311</sup> Ibid., p. 166 e 167.

<sup>312</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia** ... não paginado.

<sup>313</sup> Id.

Parece-nos que, mesmo tentando positivar a imagem da Faculdade como a instituição que o formou e da qual ele havia se tornado o médico e o intelectual que era, o quadro que se esboçava, a partir das memórias, era diferente daquele almejado pelo intelectual e muito próximo daquilo que possivelmente fosse a realidade nos anos de 1891 naquela instituição, conforme a historiografia da época.

Segundo Lilia Moritz Schwarcz a constituição da Faculdade de Medicina como uma instituição respeitada se deu através de um longo processo. A passagem dos “cirurgiões babeiros” a “médicos profissionais” foi marcada por sofrimentos, penúrias e desorganização.<sup>314</sup> Lycurgo Santos Filho, descreveu o triste quadro das faculdades de medicina no século XIX quando “os professores, em boa parte mal preparados para as novas atribuições, transformando-se em doutores por decreto de 1832 eram motivo de chacota devido às aulas monotonamente lidas e os critérios pouco científicos de contratação.”<sup>315</sup> Segundo o autor, na escola carioca o quadro era ainda mais sério visto que:

Os alunos provinham de classes privilegiadas em termos econômicos e guardavam pouco respeito por seus mestres da faculdade, oriundos basicamente de estratos mais humildes da população- em sua maioria pardos e mestiços- e muitas vezes aparentados aos primeiros barbeiros e sangradores.<sup>316</sup>

O historiador afirmou ainda que, na Bahia, esse quadro era agravado por uma situação objetivamente complicada: faltava material didático, os lentes eram poucos e a assiduidade baixíssima.<sup>317</sup> Mesmo que tal realidade estivesse se alterando ao longo das décadas, nos parece certo que a instituição que recebeu Afrânio Peixoto ainda era muito precária e, esta característica, surgiu nas suas descrições referentes aos anos de formação.

Por diversas passagens foi possível identificar as más condições da Faculdade e o despreparo do corpo docente. Percebe-se, também, que os primeiros anos foram os mais difíceis, com os professores “menos preparados” e que conforme aumentava a série, as aulas tornavam-se mais significativas e a identificação com os professores, mais próxima.

Dialogando com a proposta da renovação educacional, conforme elencado no primeiro capítulo, os exames e os “suplícios” provocados por um ensino meramente intelectual foram aspectos elencados pelo médico para denunciar um ensino “arcaico, inspirado nos métodos de tortura”. Segundo Peixoto, as suas recordações mais tristes da faculdade referiam-se aos

---

<sup>314</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças...**, p. 196.

<sup>315</sup> SANTOS-FILHO, Lycurgo, Op. Cit., p. 180.

<sup>316</sup> Ibid., p, 278.

<sup>317</sup> Id.

momentos dos exames e a rigidez dos professores. “Das piores coisas do ensino, não tenho dúvidas que figuram os exames em primeiro lugar. Exige-se um conhecimento decorado e não incorporado. Um cartaz colado no muro cai no primeiro vento. Com o ensino decorado é a mesma coisa”<sup>318</sup>. Afrânio Peixoto utilizou longas páginas para dissertar sobre suas impressões das provas e dos exames, relacionando-os as suas experiências passadas e as posturas que adotara para a sua vida, depois de ter passado por situações vexatórias, vergonhosas, tristes e desesperadoras frente a estas maneiras de avaliar o conhecimento.

Segundo ele, na Faculdade os professores sentiam prazer em reprovar e elogiavam lições “puramente copiadas, esnobavam conhecimentos originais”. Confessou o médico que, se as memórias que escrevia tivessem “alguma utilidade humana” que as justificasse “digo logo a que chegou minhas conclusões sobre o assumpto”. Segundo rememorou, ele estava convencido de que “todas as cogitações dos pedagogos e educadores sobre a escola, o gymnasio e mesmo a Universidade, levam a conclusão que taes estabelecimentos são menos usinas de conhecimento do que institutos de treino com que se possa adquirir o conhecimento.”<sup>319</sup>

Para o médico, os anos de Faculdade teriam-no feito refletir sobre a mediocridade com que a educação era conduzida. Precisava-se sair dos bancos escolares para começar a pensar por si. Os professores não admitiam o livre pensamento. Exigia-se “a cópia, da cópia, da cópia...”<sup>320</sup> Demarcando sua autenticidade frente aquele quadro, Peixoto inferiu que, “por nunca se render a conhecimentos pré-definidos, crenças vazias ou meras fantasias de pretensos sábios”<sup>321</sup> teria sofrido na pele “a ojeriza com que nossos mestres tratam aqueles que pretender ter ideias inovadoras”<sup>322</sup>. Situando que sua passagem pela faculdade tenha sido um momento de reflexões próprias e o início de uma carreira intelectual frutífera, visto que não se contentava em repetir fórmulas, mas dedicava-se pela busca de pensamentos originais, o intelectual atribuiu sentido à trajetória de uma vida, indicando que os inícios foram precoces.

Isso teria provocado, conforme confessou, uma grande frustração e o curso médico só começou a fazer sentido quando a vida estendeu-se para fora do estabelecimento de ensino e ele pode usufruir de outras experiências educativas, como por exemplo ampliar seus pensamentos por meio de um “clube literário”.

---

<sup>318</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia** ..., não paginado.

<sup>319</sup> Id.

<sup>320</sup> Id.

<sup>321</sup> Id.

<sup>322</sup> Id.



Fora neste momento da vida que Peixoto afirmou ter encontrado “os dois maiores amigos, que levei para a vida inteira, que foram Egas Muniz Barreto de Aragão e Manoel Bernardo Calmon Du Pin e Almeida”<sup>323</sup>. Indicando que as relações políticas que o impulsionaram a uma carreira de sucesso tenham sido acionadas a partir daquela instituição de ensino, visto que a relação que manteve com a família Calmon lhe legou postos importantes no campo político do período, Peixoto sugeriu que o seu sucesso era sempre fruto de sua capacidade. Os colegas da faculdade sabiam da sua genialidade, dedicação e inovações constantes. Participar dos cargos públicos promovidos pelas famílias de seus amigos demonstrava que sua eficiência era propagada para além dos bancos escolares.

Sobre estes amigos Peixoto estendeu-se em longas narrativas, possivelmente pela importância da família Calmon na sua trajetória e, porque, foi a partir desses dois amigos que Peixoto arriscou suas primeiras investidas na carreira literária. Para contar das peripécias da juventude, o intelectual maduro garantiu a seus leitores que fora um “jovem rebelde”, leitor assíduo de “literaturas condenáveis” e que na euforia que o pequeno grupo de amigos lhe proporcionava, teria investido no “mundo palavroso e místico dos simbolistas”<sup>324</sup>. A narrativa das peripécias literárias procurou demarcar também, a jovialidade de Peixoto, a sua ligação com o mundo literário mais amplo e a demonstração de que fora um jovem leitor dos autores estrangeiros que faziam sucesso na *Belle Époque* brasileira. Sobre as aventuras com estes dois amigos afirmou que:

Éramos os três inseparáveis; liamos os mesmos livros, tínhamos os mesmos gostos, e andávamos sempre juntos. Encontrávamo-nos cedo na Faculdade, della volvíamos à última aula [nos dedicávamos a] muita litteratura, franceza, portugueza e nacional, porém, muito estudo também...<sup>325</sup>

Dos três amigos, Egas Muniz ficou conhecido por ser “médico, poeta, linguísta, poliglota”. Ainda estudante fundou duas revistas literárias “Revista Acadêmica” e “Renascença”. Foi professor de francês e de alemão após formar-se médico. Por fim, passou em concurso na Faculdade de Medicina da Bahia, para a cadeira História Natural Médica, na qual atuou até o fim da vida. Segundo seus biógrafos, ele nunca deixou Salvador.<sup>326</sup> A única referência que encontramos de Peixoto sobre esta amizade foi o relato de memória da Faculdade. Quanto ao outro amigo, os laços foram mais marcantes e duradouros, mais com a

---

<sup>323</sup> Id.

<sup>324</sup> Id.

<sup>325</sup> Id..

<sup>326</sup> LACAZ, Carlos da Silva. **Vultos da Medicina Brasileira**. São Paulo: Pfizer, 1966.

família Calmon do que com o Bernardo, visto que ele morreu precocemente, provavelmente logo após concluir o curso médico.

Os Calmon eram de grande importância política na Bahia. Peixoto tornou-se íntimo da família devido ao contato próximo com o filho Bernardo. Passou a frequentar a casa cotidianamente e, segundo declarou “os Calmons o adotaram, em virtude de estar tão sozinho em Salvador, tornei-me um filho daquela generosa família”.<sup>327</sup> Essa relação foi significativa à trajetória de Peixoto, como veremos no decorrer do texto.

Dentre todas as literaturas que, provavelmente, os jovens estudantes tinham acesso, Peixoto pontuou que foi “a franceza, portugueza e nacional” que o grupo se dedicou com mais cuidado. As “estripulias” do grupo de amigos intensificou-se com o desenrolar do curso médico e, no último ano da faculdade, rendeu alguns frutos. Peixoto relatou que “findava o curso quando assumiu a cátedra de psiquiatria um jovem professor substituto, era o Juliano Moreira”.<sup>328</sup> O jovem professor logo identificou-se com o grupo de amigos, “por afinidade de idade e de leituras”<sup>329</sup>. Em pouco tempo ele estava inserido nos debates literários, de cunho simbolista, promovido pelos amigos.

Segundo declarou Peixoto, os integrantes do grupo faziam leitura detalhadas de literatura, declamavam poemas e declaravam-se simbolistas, chegando a assumir certa filiação a três expoentes do movimento.<sup>330</sup> Resultante dos debates literários, o grupo resolveu que cada membro deveria produzir uma obra “que chocasse a Bahia”. Segundo Fernando Sales, dos cinco integrantes, apenas Peixoto concretizou o estabelecido com a publicação da obra *Rosa Mística*. Todos os outros desistiram do propósito por diferentes motivos. Juliano Moreira teria alegado que “temia comprometer sua já iniciada carreira científica e abandonou, em tiras manuscritas, o romance, que lhe competia fazer por decisão do grupo”.<sup>331</sup>

Estas influências literárias, recebidas no convívio com os jovens provincianos de Salvador, foram significativas para a trajetória de Afrânio Peixoto. Em diversas ocasiões este momento foi citado, numa tentativa de ponderar a imagem do intelectual sisudo que se atribuía a Afrânio Peixoto. Quando, em 1945, Homero Senna conduziu uma entrevista com

---

<sup>327</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia** ..., não paginado.

<sup>328</sup> Id.

<sup>329</sup> Id.

<sup>330</sup> A tríade simbolista de minha admiração, como escreveu Afrânio Peixoto no prefácio de sua primeira obra literária *A Rosa Mystica* (1900), era composta pelos autores Gabriele D’Annunzio, Maurice Maeterlinck, e Eugênio de Castro aos quais, inclusive, Peixoto enviou um exemplar da obra.

<sup>331</sup> SALES, 1985, p. 71. Sales afirma que esta história teria sido ouvida, do próprio Juliano Moreira, pelo médico, escritor e discípulo de Moreira, Lopes Rodrigues, que costumava reproduzir em rodas de amigos. O nome dos integrantes não foi citado, mas conforme podemos supor, pelos menos quatro dos membros seriam Afrânio Peixoto, Egas Muniz, Manoel Calmon e Juliano Moreira.

Afrânio Peixoto, para a elaboração da obra *República das Letras*, o intelectual fez questão de recordar-se das extravagâncias do momento da juventude, declarando que:

Em Salvador, quando estudante, pelo desejo de aparecer, de me tornar conhecido (...) para escandalizar o honesto público, que fazia eu? Numa época de respeitabilidade e de costumes rígidos, na qual até mesmo usavam apenas roupas escuras e graves, como sobrecasacas e fraques, e numa cidade provinciana, eu alarmava as populações saindo à rua sem chapéu. Sou, portanto, - diz-me sorrindo - o precursor dessa moda que veio, afinal, a se tornar tão popular. Mas andar sem chapéu não bastava. Então resolvi passar a trazer sempre numa das mãos um lenço branco amarrotado e na outra uma flor, ou mais precisamente, uma Angélica... Assim, e com o cabelo muito untado de cosmético e repartido ao meio, à maneira dos pré-rafaelistas, é que passeava pelas ruas da minha muito amada Bahia.<sup>332</sup>

Depois de firmar uma carreira intelectual, os momentos da juventude passaram a fazer sentido para Peixoto, na medida em que o apresentavam como um transgressor da ordem, um incomodado com as mesmices. Nas obras da biblioteca pessoal de Afrânio Peixoto consta o livro de Mário R. Martins, intitulada *Evolução da Literatura Brasileira*, sublinhado com um lápis vermelho, possivelmente realizado pelo médico, a seguinte passagem:

Os maiores e os mais claros espíritos, porém, nem sempre tiveram mocidade comedida e circunspecta: inúmeros seguiram tortuosos caminhos ou simplesmente disparataram antes de se lançarem à realização de um nobre destino. Afrânio começou disparatando, *pour épater le bourgeois*. Estudante, ainda, sonhou sonhos delirantes e procurou atrair sobre si a admiração de todos. O seu cérebro torturado e bizarro sugeria-lhe atitudes funambulescas, gestos espalhafatosos, paradoxos desconcertantes. Tornou-se, logo, assás conhecido nas rodas patuscas pela esquisitice de andar sempre de cabeça ao vento, pois ainda não existia a Liga Contra o Chapéu, e com um lírio na mão. Aproximava-se dos amigos a passos lentos, a cabeleira desfeita, o olhar distante, rolando o lírio entre o polegar e o indicador, com ares de importância e mistério.<sup>333</sup>

Ao que parece, a passagem agradava porque ela foi reiterada nas memórias biográficas e, ainda, declarada para a entrevista do Homero Senna, procurando demonstrar que era possível ser um jovem estudioso, disciplinado, exemplar nas lições de medicina e poder desfrutar do lado artístico e cômico que a juventude proporcionava. A passagem “do Bonde Fantasma” era uma das histórias preferidas do intelectual maduro. O evento foi declarado a Homero Senna, foi transcrito na autobiografia e foi sublinhado em lápis no livro de Mário R Martins:

---

<sup>332</sup> SENNA, Homero. **República das Letras**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957. p. 96.

<sup>333</sup> MARTINS, Mario R. **Evolução da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: [s.n], 1945. p. 363.

Em dada ocasião, Afrânio subiu na Cidade do Salvador, um por um, os estreitíssimos degraus de pedra do *charriaux* com o risco eminente de rolar por eles, reduzido a pedaços. E isso fez, porque, dizia êle, estava “encantado”. Ainda na Bahia montou um barril de cerveja, num dos antigos bondes de tração animal e, de parceria com vários colegas, percorreu a Cidade Alta e a Cidade Baixa numa orgia baquica, espetacular e ruidosa. Experimentou certa vez dar mil e quinhentas voltas em torno de uma mesa, com grande estufefacção para uma veneranda senhora da alta estirpe, única e vexada testemunha da cena estranha, afirmando que assim fazia porque estava “encantado”. No teatro comprava três ingressos e se, admirado, o porteiro lhe perguntava pelos amigos, explicava solícito que um era pra ele e os outros dois para os espíritos que o acompanhavam. Estava “encantado”.<sup>334</sup>

Na autobiografia Peixoto justificou suas atitudes alegando que “tive eu também meus excessos de juventude. Lembro-me que fiquei famoso e choquei a sociedade baiana pela história do bonde fantasma”.<sup>335</sup> Se, na autobiografia e nas entrevistas finais, a recordação dos tempos simbolistas foi feita com naturalidade e até orgulho, não foi dessa maneira que o intelectual recebeu as primeiras críticas à jovialidade literária. Araripe Junior criticou ferozmente a fase mística de Peixoto, que teria sido salva pelo investimento na ciência. Ao seu exemplar da obra *Rosa Mística*, conservado na ABL, o médico escreveu na abertura: “Incorrigível. Só o fogo! Afrânio Peixoto, 1914”.<sup>336</sup>

Entretanto, possivelmente na medida em que foi amadurecendo e revivendo sua trajetória, os anos de deslumbramento com aquela “literatura decadente”, foram tornando-se parte daquilo que o autor acreditou ter sido. E os aspectos místicos, sensíveis, musicais e, principalmente, céticos do movimento foram revistos como qualidades. Afrânio Peixoto atribuiu a sua maneira de ver o mundo e de lidar com os conhecimentos científicos aqueles encontros com os amigos, à influência de determinados filósofos e a admiração por alguns de seus maiores mestres<sup>337</sup>.

Aos professores baianos, da Faculdade de Medicina, foram dedicadas diversas páginas, descrevendo as aulas ministradas, as singularidades de cada um ou as excentricidades

---

<sup>334</sup> Id.

<sup>335</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia** ..., não paginado.

<sup>336</sup> Nota escrita com a letra de Afrânio Peixoto no exemplar que se encontra na ABL.

<sup>337</sup> Em relação às influências literárias e filosóficas de Peixoto temos alguns nomes declarados por ele em uma única ocasião. Foi na entrevista concedida por ele a João do Rio, por volta de 1905 [?] para a composição da obra *Momento Literário*. Ao ser inquirido sobre as obras e leituras que o influenciaram ele respondeu que: “1º. — Sobre a minha “formação” ... Não lhe parece enfático? Não sei de muitos em nossa terra que, como o Sr. Nabuco, possam falar, com interesse para outrem de sua “formação”. Muito mais os amorfos. Se posso transmutar em preferências literárias o conteúdo de sua pergunta dir-lhe-ei que Nietzsche, d’Annunzio e Maeterlinck, para os dias festivos do espírito; e Anatole France, Eça de Queirós e Machado de Assis, para a intimidade de todas as horas, são os meus autores prediletos...” (RIO, João do. **O Momento Literário**. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. [S.L: s.n.], não paginado).

praticadas. De todos, dois ocuparam mais longamente as memórias do médico. Peixoto declarou que um deles lhe legou o ceticismo com o qual ele dedicava-se a medicina e o outro teria sido o maior de todos os mestres, porque se dedicava “à pesquisa de assumptos nacionais”. Tratava-se de Ramiro Affonso Monteiro (1839-1902) e Nina Rodrigues (1862-1906) respectivamente.

## 2.2 NINA RODRIGUES, AFRÂNIO PEIXOTO E A AUTORIDADE INTELECTUAL

No ano de 1916 Afrânio Peixoto tomou parte em um episódio consideravelmente espinhoso. Por ocasião do discurso em que assumiria a cátedra de Higiene na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o intelectual declarou, diante de um recinto lotado de professores, estudantes e políticos, que não comungava da crença médica e não acreditava na medicina<sup>338</sup>. Em uma parte do discurso teria declarado:

Não há uma só, uma sequer das doenças crônicas que a nossa Medicina tenha sabido curar. As agudas curam-se por si mesmas, se o organismo é socorrido pela própria resistência que nós não podemos suprir. Existem alguns paliativos, medicações sintomáticas que tenteiam, enquanto se esperam as reações do organismo: o melhor médico será sempre o que souber melhor contemporizar.<sup>339</sup>

Esse pronunciamento fez com que alguns médicos, presentes na cerimônia, se levantassem e saíssem do recinto. No dia seguinte, diversos jornais, de várias cidades, publicaram réplicas e trélicas sobre o tema do discurso, atribuindo a Peixoto o epíteto de “cético.”<sup>340</sup>

Dominichi Miranda de Sá, citando fontes e discursos de médicos da década de 1920, afirmou que Afrânio Peixoto “era conhecidíssimo no meio letrado da cidade por seu orgulhoso ceticismo.”<sup>341</sup> Segundo a autora, a possível descrença com as coisas do mundo, particularmente aquelas referentes ao âmbito da ciência, era utilizado para explicar, as vezes por ele mesmo, o seu ecletismo.

---

<sup>338</sup> O discurso foi transcrito na íntegra por Leonídio Ribeiro. RIBEIRO, 1950, p. 62.

<sup>339</sup> PEIXOTO, Afrânio. Discurso de Posse para a Cátedra de Medicina da FMRJ. Publicado no “ornal do Comércio. Rio de Janeiro, 04 de agosto de 1916. Apud: RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. p. 62.

<sup>340</sup> Estes fatos foram relatados em duas reportagens anônimas publicadas uma no “Jornal do Comércio”, do Rio de Janeiro em 4 de agosto de 1916; e a outra no jornal “O Estado” em São Paulo, provavelmente na mesma data. As duas referências foram recortadas das publicações originais e coladas em um caderninho que Peixoto conservava com notícias que lhe dizia respeito. Os cadernos encontram-se na Casa de Memória de Afrânio Peixoto, em Lençóis, na Bahia.

<sup>341</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. **A Ciência como profissão**. Médicos, Bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 158.

Outros críticos contemporâneos entendiam essa característica como sendo “uma falha de princípios que esclareceria a errância de Peixoto pelos múltiplos caminhos dos ‘labirintos de ideias’”.<sup>342</sup>

A definição, estabelecida por seus pares, foi incorporada pelo médico, que encontrou na perspectiva do ceticismo uma das bandeiras da sua atuação como higienista defendendo que, os arsenais de conhecimento médico e das práticas da clínica não bastavam para curar. A única maneira de manter os organismos livres das doenças, da degeneração e dos sofrimentos causados por estes males era, segundo defendia Peixoto, a prevenção.

Neste sentido, na busca por legitimar a característica que lhe havia sido impingida, Peixoto utilizou-se de vivências pessoais para encontrar a origem de sua descrença. Atribuiu essa origem aos contatos com a literatura simbolista e com um professor dos tempos da Faculdade, o Ramiro Affonso Monteiro (1839-1902). A impressão que o professor Ramiro “lhe causou no espírito” só não teria sido maior que a exercida por Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906).

Segundo Afrânio, “no quinto anno travei relações com dois professores, ambos do sexto, os mais notáveis da Faculdade de Medicina no meu tempo: Conselheiro Ramiro Affonso Monteiro e Professor Nina Rodrigues”<sup>343</sup>. Em relação a Ramiro Monteiro o médico recordou-se que:

Ramiro Monteiro era de um scepticismo médico desencorajador. Medicina, para elle, era apenas a arte de ajudar a natureza a curar doenças curáveis. Therapeutica resumia-se em expectativa armada, que socorria apenas a um ou outro caso precisamente indicado. Num primeiro momento, com a violência das paixões moças, pensei que esse homem seria nefasto, collocado alli, no fim dos estudos médicos, para tirar ainda a pouca fé na Medicina, com que sahiamos da Escola. Depois fui vendo que elle tinha razão, e que ao contrário, elle nos preparava para evitar decepções infalliveis àquelles que creem na Medicina, como uma religião. O que elle era, além de um critico sagaz e profundo da medicina, era um homem sincero até o sacrificio.<sup>344</sup>

A descrição dos métodos e das ideias de Ramiro Monteiro ocupou mais de três páginas dos escritos de memórias. Nem mesmo Nina Rodrigues, de quem Peixoto se considerou um “discípulo dileto”, recebeu tantas referências de memórias quanto o Ramiro Monteiro. Peixoto ateu-se em contar a trajetória da vida do médico, “que era alto, grande, louro e diziam as más línguas, tivera, na mocidade, com o seu aspecto de bello homem, mais de uma aventura

---

<sup>342</sup> Ibid., p. 159.

<sup>343</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia** ..., não paginado.

<sup>344</sup> Id.

amorosa”<sup>345</sup> e que também “fora médico por necessidade”, tendo sido, inclusive, desencorajado pelo Doutor que fez o parto de seu primeiro filho, quando Ramiro iniciava os estudos clínicos, alegando que “a um pai de família não era mister estudar”.<sup>346</sup> Segundo Peixoto, o professor Monteiro lhes contava dezenas de histórias, ilustrativas daquilo que já havia passado, no exercício da cátedra e da medicina.

Dentre as histórias, Peixoto escolheu o relato de uma que, para ele, possuía aspecto extremamente significativo: comprovava que o conhecimento médico ou as drogarias, curavam menos que a fé, indicando que nada lhe marcara mais o espírito do que a comprovação de que a “medicina nada curava”. Peixoto concluía, desde aqueles tempos, que “o que curava era essencialmente a fé, inclusive a fé na ciência”.<sup>347</sup>

O relato apresentado sobre o professor Ramiro Monteiro e a passagem da fé é um longo e detalhado e que vale a pena dispensarmos uma análise mais cuidadosa, pelas reflexões que tal passagem proporciona. Segundo Peixoto em Camaru, a terra natal do professor Ramiro, havia uma senhora, viúva, mãe de filhas já casadas, “possuidora de milagroso breve, que favorecia o trabalho do parto, em toda a cercania. Era pô-lo no pescoço e, logo, a natureza ajudava ao desejo das pacientes”<sup>348</sup>. Em função de ser tão milagroso, uma das famílias do local, que precisava frequentemente do breve, propôs à dona a compra do amuleto. Foram mal recebidos. Um breve milagroso não se vendia. Desiludidos, o casal resolveu “com uma tesourinha, retrós da mesma cor, abrir o bentinho, copiar a oração e fechar, sem que a dona viesse a saber jamais da violação do segredo.” Qual foi a surpresa, porém, ao perceberem que “desdobrando o papel amarellecido de tantos tratos em que beneficiara leram-lhe o que a vista delles não podia acreditar. Tratava-se do recibo de compra de um cavalo.”<sup>349</sup> O professor Ramiro “concluía com um sorriso malicioso nos lábios” sua grande lição:

-Menino, não é remédio que cura. É a intenção com que tomamos. Não pense que faço ironia sobre o breve milagroso. A intenção da doadora, a confiança na oração, e a dos outros, nesta confiança, é que faziam o milagre. Pouco importa o remédio. O Doutor que cura é a fé... Todos os doentes, meu filho, são crentes dessa nossa religião. E a todos elles a fé vale mais do que todas as drogarias...<sup>350</sup>

Peixoto emendou a lição recebida de seu professor, com suas conclusões, colhidas ao longo de mais de quarenta anos de reflexão, afirmando que:

---

<sup>345</sup> Id.

<sup>346</sup> Id.

<sup>347</sup> Id.

<sup>348</sup> Id.

<sup>349</sup> Id.

<sup>350</sup> Id.

Não é verdade que Trousseau dissera, de um remédio que estava na moda: “Tome-o enquanto cura”? A triaga curou. As sangrias curaram; os sinapismos e purgantes curaram; tudo cura, na hora em que a gente crê que elles curam. Por exemplo, dizia elle, agora cura a anti-pyrina, aproveite porque daqui dez annos não curará mais. De facto, agora quem cura é a aspirina. Até a fé, mesmo a fé no céu, é sujeita à moda.<sup>351</sup>

Esses julgamentos, rememorados na idade tardia e justificados a partir da admiração pelo professor Ramiro, são explicativos de diversas posturas de Peixoto, ao longo de sua trajetória. A ironia, a postura cética, descrente, desiludida de mundo, tornou-se mais intensa conforme se passaram os anos e não pode ser dissociada daquilo que o médico se tornou. Poderíamos apontar, ainda, a requisição da fé como uma condição para a cura. Neste quesito, os sertanejos estariam mais preparados do que os “homens da cidade”. Peixoto reiterou que aquelas palavras ainda ressoavam em sua memória e que “tudo o que fizera, de tudo o que estudara, nunca conseguira se livrar daquela convicção”.

Ao lado de Ramiro Monteiro, Afrânio Peixoto revelou que Raimundo Nina Rodrigues foi o professor que mais lhe influenciou na trajetória acadêmica. Segundo o médico, tanto Ramiro Monteiro quanto Nina Rodrigues reforçaram em seu caráter a descrença pela medicina. O primeiro por seu “cepticismo assustador” e, Nina Rodrigues, pela impressionante habilidade em “descartar tudo o que os pobres estudantes acreditavam ser verdadeiro”.<sup>352</sup> A influência do médico da cátedra de Medicina Legal foi determinante não apenas nas escolhas profissionais de Peixoto ou na definição de um campo de atuação, mas no sentido que ele atribuiu à sua trajetória intelectual.

Nina Rodrigues tinha sido aluno da FMBA e, no último ano do curso, em 1886, estagiou na Santa Casa de Misericórdia, espaço privilegiado da ETB. Dentre as atividades mais significativas de Nina Rodrigues, nos tempos de estudante, a direção de uma revista acadêmica obteve relativo destaque. Nina foi diretor da *Gazeta Acadêmica* (1885-1887), periódico dos estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia, inspirada na revista da Escola Tropicalista Baiana. Segundo Marcos Chor Maio, a publicação desta revista era não apenas “um importante instrumento de formação acadêmico-científico, no qual publicavam casos clínicos observados em hospitais, estudos científicos realizados no Brasil e no exterior e

---

<sup>351</sup> Id.

<sup>352</sup> Id.



artigos voltados para o ensino médico, mas também um degrau importante na ascensão profissional para a futura carreira docente”.<sup>353</sup>

Logo após concluir o curso de medicina, Nina Rodrigues começou uma série de trabalhos e pesquisas relacionados com a realidade tropical, dando especial atenção para a alimentação, uma das variáveis intervenientes na relação saúde-doença e, ainda, para o estudo da lepra. Tais abordagens demonstram, segundo Marcos Chor Maio, a relação do médico com o programa da Escola Tropicalista Baiana<sup>354</sup>. Entre 1888 e 1892, Nina Rodrigues escreveu uma série de artigos na *Gazeta Médica* da Bahia relatando sobre epidemias (abasia coreiforme, influenza, beribéri, febre amarela), casos clínicos, higiene pública e revisitou a questão racial no país, já associada à medicina legal, com o artigo Os Mestiços Brasileiros.<sup>355</sup>

Quando ingressou no corpo docente da Faculdade de Medicina da Bahia, em 1889, por meio de um concurso para o cargo de Adjunto da 2ª. Cadeira de Clínica Médica, pertencente a 5ª. Seção médica daquela faculdade, que tinha como titular o Conselheiro José Luiz de Almeida Couto, Nina Rodrigues já possuía diversos estudos voltados para a compreensão da realidade brasileira, particularmente as de análises raciais e da presença do negro no seio da sociedade.

Com a reforma Benjamim Constant, Nina Rodrigues foi transferido para a cadeira de Medicina Legal, na qual atuaria como professor substituto do catedrático Virgílio Damásio. A partir de então, iniciam-se as produções do médico, as quais revelaram a influência das doutrinas do médico criminalista italiano Cesare Lombroso.<sup>356</sup> Foi a partir destas influências

---

<sup>353</sup> MAIO, Marcos Chor. A Medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma trajetória científica. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 11 (2), p. 226-237, abril/jun, 1995. p. 229.

<sup>354</sup> Id.

<sup>355</sup> Ibid., p. 230.

<sup>356</sup> Cesare Lombroso (1835-1909) tornou-se bastante referenciado entre os médicos brasileiros de finais do século XIX e início do século XX. Sejam para partilhar dos preceitos da antropologia criminal do médico italiano ou para renegar as suas doutrinas, ele servia de referência para a grande maioria dos intelectuais brasileiros daquele período. Afrânio Peixoto citou diversas vezes o conteúdo e a influência das suas ideias que, segundo Marcos Cesar Alvarez, “pretendeu construir uma abordagem científica do crime”. Formado em medicina, Cesare Lombroso tornou-se famoso por defender a teoria que ficou popularmente conhecida como a do “criminoso nato”, expressão que na realidade foi criada por Henrico Ferri, outro médico dedicado aos estudos da antropologia criminal. Ao partir do pressuposto de que os comportamentos são biologicamente determinados, e ao basear suas afirmações em grande quantidade de dados antropométricos, C. Lombroso construiu uma teoria evolucionista na qual os criminosos aparecem como tipos atávicos, ou seja, como indivíduos que reproduzem física e mentalmente características primitivas do homem. Sendo o atavismo tanto físico quanto mental, poder-se-ia identificar, valendo-se de sinais anatômicos, aqueles indivíduos que estariam hereditariamente destinados ao crime. Ao longo de seus trabalhos, Lombroso incorporou à sua teoria do atavismo várias outras categorias referentes às enfermidades e às degenerações congênitas, que ajudariam a explicar as origens do comportamento criminoso, acabando mesmo por considerar igualmente as causas sociais em suas explicações. Mas ele nunca abandonou o pressuposto de que as raízes fundamentais do crime eram biológicas e que poderiam ser identificadas a partir dos estigmas anatômicos dos indivíduos. Em termos gerais, Lombroso reduziu o crime a um fenômeno natural ao considerar o criminoso, simultaneamente, como um primitivo e um doente. O livro mais importante de Lombroso, “*L’Uomo Delinquente*”, foi publicado pela primeira vez em 1876. Este trabalho,

e, principalmente, após a publicação da obra “As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil”, de 1894 que, segundo Mariza Corrêa, podemos identificar o emparelhamento das perspectivas de Nina Rodrigues com o campo da medicina legal. Essa obra foi definitiva tanto na sua trajetória acadêmica, quanto nos rumos que sua cátedra assumiria e, de acordo com Mariza Corrêa, da própria definição dos estudos antropológicos no Brasil.<sup>357</sup>

No momento em que Afrânio Peixoto escreveu sobre as memórias referentes a Nina Rodrigues, a exemplo de outros biógrafos do mestre de medicina legal, elencou eventos laudatórios e curiosos do professor, muito mais do que as ideias que o mestre defendia, o teor das suas aulas ou as relações com os cientistas de outros países.<sup>358</sup> Peixoto recordou-se que Nina Rodrigues tratava “a todos os estudantes, indistintamente, por “Dr”, o que lhe criava um círculo imenso de deferências, porque nos antecipava a esperança em realidade, com a distância de vários anos”<sup>359</sup>. Além da singularidade do tratamento pessoal dispensado aos alunos, Peixoto recordou-se de um dos eventos mais marcantes que viveu com Nina Rodrigues: a arguição de sua pesquisa de doutoramento.

Em mais um fato narrado em tom de peripécia, Peixoto lembrou os eventos que o levaram a escolher o mestre Nina Rodrigues para presidir sua banca e declarou que, antes de terminar o curso médico, ele teria passado a ajudar Nina Rodrigues em diversos trabalhos, porque inscreveu-se como assistente de laboratório de prática de medicina legal. Possivelmente tenha sido por influência do professor que o jovem estudante começou a publicar a pesquisar naquela área, produzindo um artigo em 1897, enquanto cursava o último ano do curso, intitulado “Epilepsia e consciência”. Entre o primeiro artigo publicado na área

---

no qual o autor desenvolve suas principais ideias acerca das raízes do crime, foi inúmeras vezes reeditado na Itália e traduzido em diversos países europeus. O livro ganhou notoriedade a partir da segunda edição italiana em 1878, e com as traduções em francês e alemão, publicadas em 1887, passou a ser amplamente conhecido no exterior. Ao longo das cinco edições em italiano, foi sendo ampliado por Lombroso que, a cada publicação, adicionava novos dados antropométricos para confirmar suas teorias. Em 1899, publicou *Le Crime, Causes et Remèdes*, no qual deu atenção também aos fatores socioeconômicos que causariam o crime. As teorias de Lombroso tiveram um grande impacto em sua época, permanecendo por muitos anos como o tema por excelência das discussões jurídicas e penais. Talvez a repercussão de suas ideias se deva tanto ao caráter reducionista e simplista dos argumentos propostos, o que deve ter facilitado a divulgação para um público mais amplo, quanto ao empenho com que ele próprio se lançou na defesa e difusão de suas teses. (ALVAREZ, Marcos Cesar. A Criminologia no Brasil, ou como tratar desigualmente os desiguais. **Dados** - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 45, nº 4, p. 677 a 704, 2002. p. 679).

<sup>357</sup> CORREA, Mariza. Op. Cit.

<sup>358</sup> Mariza Correa afirmou no estudo sobre a Escola Nina Rodrigues que os escassos biógrafos do médico “parecem dar mais importância ao fato de que ele recebia os estudantes que o procuravam com um relógio na mão, para lembrar-lhes o passar do tempo” ou de que “ele costumava praticar o alemão com uma hamburguesa” do que citar referências que realmente ajudariam a compreender a atuação pública de Nina Rodrigues. (CORRÊA, Mariza. **Ilusões da liberdade...**, p. 63).

<sup>359</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginada.

até 1899, além da sua tese de doutoramento, Peixoto produziu mais dois estudos no campo médico legal, todos publicados em revistas médicas da Bahia e do Rio de Janeiro.<sup>360</sup>

Para a tese de doutoramento, inspirando-se nos estudos conduzidos por Nina Rodrigues sobre a medicina legal e a antropologia criminal, Peixoto estudou a relação entre o indivíduo epilético e as possibilidades de imputação criminal. O tema, além de demonstrar a filiação de Peixoto com os estudos conduzidos por Nina Rodrigues, na área do direito criminal, a partir da intervenção do médico, ajudava para a efetivação dos projetos levados a cabo pela própria FMBA, imprimindo identidade aos estudos e ao intelectual formado naquela instituição, bem como reforçando uma suposta identidade entre ambos.

O que entrou em pauta nos estudos aos quais Nina Rodrigues tomou a frente, influenciando a produção de outras pesquisas e debates teóricos, era a constituição da nação por meio do arsenal científico. Conforme demonstrou Mariza Corrêa, a formação da pátria passava pela delimitação de “um corpus juris adequado ao status de nação que o país desejava”.<sup>361</sup> Em outras palavras, “tratava-se de criar um aparato legal que expressasse o controle desejado pelo Estado nacional, efetivando a liquidação dos focos locais de poder”.<sup>362</sup> A postura mais ofensiva de Nina Rodrigues, conforme afirmação de Lilia Moritz Schwarcz, foi aquela antagonizada por ele com “os colegas de direito” que, naquele momento, eram os responsáveis pela conformação do Código Penal de 1894. Para Nina Rodrigues, a jurisdição sobre o corpo do doente deveria ficar a cargo dos saberes médicos. A partir desta premissa, o professor de medicina legal atacou fervorosamente as concepções, segundo ele “ultrapassadas” do jusnaturalismo, que apostava em concepções de igualdade e livre-arbítrio.<sup>363</sup>

Ampliando os estudos sobre duas premissas pesquisadas por Nina Rodrigues - a importância dos estudos médicos para as definições legais e o entendimento de que a miscigenação era em si, um retrocesso e um grande fator de degeneração - a pesquisa de doutoramento de Afrânio Peixoto atentou para as manifestações da epilepsia, considerada uma consequência imediata do enfraquecimento da raça, por meio do “cruzamento misto”.

---

<sup>360</sup> PEIXOTO, Afrânio. “Epilepsia e Consciência”. Memória apresentada à Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, 1897; \_\_\_\_\_. “Heranças do Adultério: Contribuições para o estudo de uma questão psycosociológica”. **Arquivo de Jurisprudência Médica e Antropológica**. Rio de Janeiro, s/e. 1898. Separata de 15 páginas; \_\_\_\_\_, “Coexistência episódica dos delírios persecutórios e místico da melancolia”. **Brazil Médico**. Rio de Janeiro, 1899.

<sup>361</sup> CORRÊA, Mariza. Op. Cit., p. 23.

<sup>362</sup> Id.

<sup>363</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nina Rodrigues, um radical do pessimismo. In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 93

Lilia Moritz Schwarcz chama a atenção para “a sinistra originalidade encontrada pelos médicos baianos” que, ao diagnosticar “o enfraquecimento da raça permitia não só a exaltação de uma especificidade da pesquisa nacional, mas a identidade de um grupo profissional”<sup>364</sup>, o médico legal.

Calcado em duas frentes - a que pretendia debater o código penal por meio das premissas médicas e definindo a constituição de um campo de saber médico - a tese de Peixoto demonstrou a reivindicação que aqueles cientistas pretendiam impor na esfera pública: “eles não se limitavam a aplicar a lei mas, em muitos casos, intentavam elaborar e modificar as leis”<sup>365</sup>. A pesquisa médica só possuiria legitimidade científica e reconhecimento público se estivesse atrelada aos debates nacionais.

Foi na esteira de Nina Rodrigues que Peixoto realizou suas primeiras pesquisas e intervenções no campo médico e, embora tenha ressignificado os ensinamentos recebidos pelo mestre naquele momento de formação, conforme apurou Mariza Corrêa, a busca pelo sentido de sua atuação médica sempre foi referenciada à Nina Rodrigues e à medicina legal. A adesão do médico àquele pensamento e, principalmente, à identidade conferida pela FMBA aos seus doutores foram maiores do que se pode concluir em um primeiro momento.

Primeiro porque os estudos conduzidos no interior daquela instituição sobre clima tropical e possíveis doenças climáticas se manifestaram como tentativa de conferir viabilidade à nação. Essa premissa foi adotada em toda a sua intensidade por Peixoto, chegando a lhe conferir um pensamento combativo com figuras eminentes do cenário médico do início do século. Em seguida, porque a defesa que propagou ao longo da sua vida era a de que a miscigenação racial causaria a degeneração do homem, em alguma medida.

O que queremos inferir é a impossibilidade de se conhecer o intelectual Afrânio Peixoto e as diversas defesas ou conflitos dos quais ele tomou parte, no campo intelectual do início do século no Brasil, dissociado do ensino propagado na FMBA ou da figura de Nina Rodrigues. E essa inferência não se refere, na sua totalidade, aos conhecimentos adquiridos, mas à necessidade expressa pelo médico de buscar uma identidade para a sua atuação. Tal identidade passaria, necessariamente, pela forma como concebia e dava sentido às suas “origens”.

Na Faculdade de Medicina da Bahia, Nina Rodrigues teve protagonismo na ampliação dos debates sobre a disciplina de medicina legal. O médico maranhense dedicou-se a pensá-la

---

<sup>364</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Espetáculo da Miscigenação. **Estudos Avançados**, São Paulo, USP, 8 (20), p. 145, 1994.

<sup>365</sup> CORRÊA, Mariza. Op. Cit., p. 11.

tanto do ponto de vista teórico, quanto prático, adaptando-a as singularidades brasileiras. Segundo Mariza Correa, as primeiras referências à medicina legal, propostas por Nina Rodrigues, se deu quando ele assumiu a essa disciplina por volta de 1892. As definições teóricas do professor se solidificaram quando ele teve acesso às obras de Cesare Lombroso, provavelmente após a publicação da obra *A Nova Escola Penal*, de Viveiros de Castro.<sup>366</sup>

Os primeiros escritos de Nina Rodrigues, sobre a medicina legal, tiveram como fio condutor as perspectivas teóricas da escola italiana, como foi mencionado. Entretanto, conforme as críticas internacionais se desenvolviam para o pensamento de Lombroso, Nina Rodrigues “passou a incorporar outras perspectivas teóricas aos seus trabalhos, sem abandonar, no entanto, a suposição básica da hereditariedade como destino- que em maior ou menor grau era compartilhada por quase todos os cientistas da época”.<sup>367</sup>

Outra característica importante da maneira como Nina Rodrigues estava conduzindo seus conhecimentos e, provavelmente, transmitindo-os aos seus alunos durante suas aulas, diz respeito ao fato do médico se “inteirar das críticas feitas aos métodos de Lombroso, acrescentar algumas críticas ao debate e buscar outras fontes de reforço teórico que suas pesquisas demandavam”.<sup>368</sup> Foi assim que Nina Rodrigues chegou às obras de Gabriel Tarde, importante sociólogo de finais do século XIX.

Nina Rodrigues tornou-se um nome de referência nos estudos de medicina legal no Brasil, a partir da FMBA. Os conhecimentos em torno deste campo da prática médica demandavam a defesa dos profissionais, que atuavam na área, em virtude da inexistência das especializações. A medicina legal adquiriu legitimidade e ampliou consideravelmente seu campo de atuação juntamente com a ascensão que o conhecimento médico, como um todo, adquiriu em finais do século XIX e, principalmente, no início do século XX. Dentro deste quadro, segundo Mariza Corrêa, “se a medicina clínica cura, se a higiene previne as moléstias do organismo individual e social, a medicina-legal contribuiria para diagnosticar e indicar o tratamento adequado, de acordo com os parâmetros médicos e jurídicos dos atos que atentavam contra a normalidade da vida social”.<sup>369</sup>

A tese de Afrânio Peixoto, defendida em 1897, inseriu-se neste escopo. Intitulada *Epilepsia e Crime* (1897) o estudo perseguiu os fundamentos e as relações entre o crime, considerado como uma manifestação da inadaptação do indivíduo às imposições sociais, e a

---

<sup>366</sup> Ibid., p. 68.

<sup>367</sup> Ibid., p. 70.

<sup>368</sup> Ibid., p. 72.

<sup>369</sup> Ibid., p. 73.

epilepsia, entendida como um tipo de degeneração patológica mais violenta.<sup>370</sup> O estudo foi dividido em quatro partes: I-Epilepsia; II-Crime; III Criminosos epiléticos e IV Inimputabilidade social e jurídica do epilético.

Afrânio Peixoto iniciou o seu trabalho lançando uma crítica aos estudos médicos mais recentes, alegando que os conhecimentos produzidos no Brasil, na maioria das vezes, eram puramente teóricos e careciam de experimentações, da prática e da observação. Chegou a acusar que, muitos cientistas, declinariam do exercício de ensinar um fato observado se esse fato não se adequasse à teoria.<sup>371</sup>

Em seguida o médico dedicou-se a conceituar a epilepsia, alegando que o primeiro passo para o conhecimento do assunto “era despir-se de preconceitos”. Em seguida, o autor lançou questões que debatiam com o conhecimento do momento, acerca das definições sobre os casos de epilepsia, discutindo com grandes estudiosos do tema.

A contribuição lançada por Peixoto era condizente com os estudos de Cesare Lombroso, propagados e defendidos no Brasil por Nina Rodrigues, segundo o qual a epilepsia era um mal hereditário. A sua preocupação não era posicionar-se frente ao pensamento de Lombroso - com o qual concordava - mas esclarecer “as confusões” propagadas por médicos ao definir, apressadamente, a epilepsia. Segundo Afrânio, era comum confundir crises agudas com um quadro epilético e isso era inadmissível.<sup>372</sup> Para além das conceituações teóricas e na busca por apresentar um estudo original no campo médico, Peixoto demonstrava estar tomando parte ativa nos debates legais, e inferindo importância incontestável ao fato de que os estudos médicos precisavam ser considerados ao tratar os indivíduos criminosos.

Segundo Renata Prudêncio da Silva, “o objetivo de Afrânio era demonstrar o caráter sintomático das atuações criminais em epiléticos, análise que o teria levado a concluir pela imputabilidade social e jurídica destes indivíduos”.<sup>373</sup> O ponto esmiuçado por Peixoto referia-se à capacidade técnica, especializada que deveria ser requisitada para o diagnóstico da doença. Uma crise aguda provocada por intoxicações, febres, gravidezes não poderiam ser entendidas como epilepsia. O diagnóstico de um quadro epilético demandaria, segundo queria comprovar, análises muito mais apuradas, feita com base nos rigores do conhecimento médico especializado.

Ainda segundo Renata Prudêncio da Silva, o aspecto mais importante da tese de Peixoto não era somente a confrontação e validação do campo teórico, mas do próprio modo

---

<sup>370</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Epilepsia e Crime*. Bahia: V. Oliveira & Comp. Editores, 1898. p. 02.

<sup>371</sup> *Ibid.*, p. 03.

<sup>372</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Epilepsia e Crime*. Bahia: V. Oliveira & Comp. Editores, 1898.

<sup>373</sup> SILVA, Renata Prudêncio da. Op. Cit., p. 254.

da ciência médica operar suas classificações e diagnósticos, o modo pelo qual se estruturava o conhecimento do campo. Ao fim e ao cabo tratava-se da discussão de uma questão metodológica.<sup>374</sup> Esse aspecto fazia com que seu trabalho se atrelasse à perspectiva da produção do conhecimento a partir de realidades singulares, no caso, a produção de um conhecimento científico atrelado à realidade brasileira, e de casos distintos, que quebrassem com a hegemonia dos pensamentos já produzidos e abrissem espaço para novos saberes. Ou seja, apontava para a metodologia da Escola Tropicalista Baiana e daquilo que defendia Nina Rodrigues.

Neste sentido, a predileção de Peixoto pela medicina legal, campo que atuou de maneira intensa ao longo de sua vida, teve início com as aulas e, principalmente, com a admiração que nutriu por Nina Rodrigues desde o primeiro momento. Fruto destas influências, admirações e afinidades, a tese de conclusão de curso de Peixoto versou sobre a prática da medicina legal e aproximou-se dos conceitos e definições da psiquiatria. Segundo as críticas da época, o trabalho do estreante inovou por trazer a tona um arsenal inovador, acerca das implicações sociais, na construção ou delimitação do indivíduo criminoso<sup>375</sup>.

Para os escritos de memória, a relação entre Peixoto e Nina Rodrigues foram elencadas a partir de fatos mais privados, que explicariam melhor a personalidade dele do que a influência do mestre. Dentre os aspectos que, segundo Peixoto, a figura de Nina Rodrigues lhe foi especialmente importante, ele elencou a banca de doutoramento e as afinidades com a psiquiatria e medicina legal.

Peixoto não relatou, na sua Autobiografia, o processo de elaboração da pesquisa, mas dedicou longas páginas ao dia de apresentação e arguição do trabalho. O destaque para essa descrição foi à constatação de que determinados eventos lhe tiravam o uso da razão: ser avaliado era uma destas situações. A ênfase da memória foi deslocada para a “sua personalidade singular” em detrimento de uma análise mais apurada da pesquisa. Toda a narrativa que envolveu o processo de apresentação de sua tese está envolvida por sentimento de culpa e tentativas de justificar-se, num reconhecimento de que sua “personalidade indômita” prevalecia sobre seu caráter bom e tranquilo. Segundo Afrânio:

Nina Rodrigues presidiu a minha these e, com Frederico Castro Rabello, arguiu-a, por sinal que, apesar de amigo de ambos, que me iam dar distinção, o estado mental de examinando, que foi

---

<sup>374</sup> Ibid., p. 256.

<sup>375</sup> Essa interpretação da tese de Afrânio Peixoto foi feita por Leonídio Ribeiro. Segundo Ribeiro, as cartas que chegaram da Europa com críticas a obra de Peixoto ficaram surpresas com a perspicácia do jovem médico ao atentar para as sociabilidades do indivíduo criminoso, deslocando o foco da prevalência exclusivamente biológica. (RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 27, 28 e 29).

para mim sempre de meia loucura, me levou a destrac-tal-os, a ambos... (...) Frederico comparava a humanidade a um exército no qual havia uns mancos e estropiados atrás, com a bagagem; o corpo do exército que marchava seguro no meio; e, na vanguarda, os arrebatados, entusiastas, loucos, que seriam os batedores. Eu era destes. Recebendo o cumprimento respondi-lhe, grosseiramente, que preferia isso, às comodidades do estado maior, que era onde elle estava... Nada mais estúpido.<sup>376</sup>

O “ataque” ao professor Frederico foi seguido de outro, dirigido ao admirado professor Nina Rodrigues:

Nina me accusou de certa affirmativa, em páginas que procurava, e não achava, na these, folheando-a de diante para traz e de traz para adiante; oppuz-lhe tenazmente a contradicta. Por fim, já cansado de esperar, acudo: -É a página tanto. Elle lê e encontra, em vez da affirmativa, uma negação... -Não li assim, disse elle lialmente, dahi tel-o injustamente accusado... -É desta maneira que lêem nossas pobres theses, os nossos mais distinctos professores -repliquei com ironia descabida. Risada geral e Nina que me dá explicações sobre explicações. Nada mais injusto, mas um e outro, não me levaram a mal, reconhecendo que o exame me tirava a razão e eu, um ser dócil e bom, perdia o juízo nestas occasiões...<sup>377</sup>

Estas, e outras situações, foram levantadas por Peixoto na escrita de sua Autobiografia, demonstrando que uma das premissas que considerava parte de sua formação era seus rompantes emocionais, provocados por determinadas situações, nas quais ele se transformava, chegando a “beirar a loucura”. Nenhuma palavra foi emitida sobre os debates médicos, sobre o processo de constituição daquele pensamento no cenário científico do momento. Tudo o que relatou inferia sobre a constituição da sua personalidade e da amizade e proximidade que tivera com Nina Rodrigues.

No seguimento desta narrativa, Peixoto demonstrou que “o bom Nina Rodrigues”<sup>378</sup> entendeu perfeitamente que ele estava em um “estado anormal de ânimo”<sup>379</sup> e que desconsiderou as grosserias, tornando-se, mesmo depois do fim do curso, um de seus maiores incentivadores. Com efeito, o apoio de Nina Rodrigues foi definitivo para os rumos que a trajetória de Afrânio Peixoto tomou. Não apenas no que se refere às propensões científicas, mas no desenrolar da carreira profissional.

Alguns meses depois da banca de doutoramento, Nina Rodrigues escreveu uma carta para Peixoto, afirmando que a publicação da obra “Epilepsia e Crime” seria “não só um favor às letras pátrias como poderia chegar mesmo a obter algum retorno pecuniário”<sup>380</sup>. Com este

---

<sup>376</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>377</sup> Id.

<sup>378</sup> Id.

<sup>379</sup> Id.

<sup>380</sup> SILVA, 2014, p.255.



aval, Peixoto prontamente iniciou o processo de publicação da pesquisa, mantendo a carta enviada por Nina Rodrigues como parte do prefácio do livro. A primeira edição foi paga com recursos próprios. Foram impressas cerca de mil cópias.

No prefácio podemos encontrar a declaração de que Rodrigues considerou o trabalho de Peixoto inovador. Para o professor de medicina legal a junção dos tópicos epilepsia e crime como um “programma de transcendentales problemas sociais” era ousada, audaciosa e, embora discordasse com diversos pontos do trabalho, não poderia negar o caráter inédito, apresentado pelo jovem aluno, constituindo o único trabalho brasileiro do gênero.<sup>381</sup>

Segundo Nina Rodrigues, à parte os rompantes exagerados e pretenciosos, próprios dos estreatantes, o trabalho de Peixoto teria bastante merecimento, considerando-o eficiente em expor as leituras até então existentes acerca do tema abordado.<sup>382</sup> A grande questão da obra, conforme afirmou Leonídio Ribeiro, foi a de reconhecer, ao lado da “criminalidade sintomática”- que se traduzia por perversão mental, desorganização psíquica, alterações promovidas por entidades mórbidas ou estados teratológicos – a criminalidade essencial que, a maneira de moléstias idiopáticas, existe por si, como produto normal de algumas individualidades, seres antissociais que não têm, em valor algum, o conceito harmônico de regime social, animados unicamente da grande força de um hipertrofiado egoísmo<sup>383</sup>”.

Neste sentido, para além do diagnóstico do perito sobre as possibilidades do indivíduo ser um criminoso em potencial, era necessário entender o que os aspectos sociais, a partir das premissas que o grupo (entendido como nação, país, estado) no qual o indivíduo estava inserido, entendia por crime. Definir um criminoso seria uma relação recíproca entre a esfera do social e o campo da ciência.

Assim que teve em mãos o trabalho editado, Afrânio Peixoto não hesitou em enviar um exemplar “para conhecidos cientistas do velho mundo”, o que demonstra suas pretensões em firmar-se no campo científico da época. Segundo Leonídio Ribeiro, a resposta não se fez esperar:

Enrico Morselli, de Gênova; Benedickt, de Viena; Féré, Lacassagne, Chaslin, Toulouse, Christian, Tarde de Paris, Bombarda, de Lisboa, enviaram á Afrânio honrosos autógrafos. No Brasil Clóvis Bevilacqua, Franco da Rocha, Viveiros de Castro, logo proclamaram o valor do adolescente que surgia para a vida científica tão bem armado.<sup>384</sup>

---

<sup>381</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Epilepsia e crime**. Bahia: V. Oliveira & Comp. Editores, 1898, p. 3.

<sup>382</sup> RODRIGUES, Nina. Prefácio. Apud: PEIXOTO, Afrânio. **Epilepsia e Crime**. Bahia: V. Oliveira & Comp. Editores, 1898. Não paginado.

<sup>383</sup> Id.

<sup>384</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 28. Não foi encontrado nenhuma das referências enviadas a Afrânio pelos nomes citados por Leonídio Ribeiro. O autor também não referênciava esses documentos. Entretanto,

Quando analisa a tese inaugural de Afrânio Peixoto, Leonídio Ribeiro finaliza os argumentos dizendo que “os conceitos originais trazidos pelo jovem estudante baiano, emitido em 1898, coincide com a doutrina já vitoriosa do professor Di Tullio, o grande mestre de antropologia criminal da Universidade de Roma, publicada meio século mais tarde”.<sup>385</sup> As pretensões do biógrafo e ex-aluno de Afrânio Peixoto foi a reiterar o que o médico vinha fazendo na escrita da Autobiografia, ou seja, apontar para a sua genialidade precoce e comprovar que no Brasil se produziam conhecimentos originais, antes que os pesquisadores do tão admirado “velho mundo”.

Sobre o possível impacto que a obra de Peixoto teria causado, temos os prefácios acrescentados ao livro, em sua primeira (e única) publicação. Afrânio Peixoto solicitou que dois de seus professores baianos realizassem uma carta de apresentação da pesquisa. O primeiro, como já foi apontado, foi Nina Rodrigues e o outro Juliano Moreira.

Nina Rodrigues foi mais transparente em sua escrita e fez questão de esclarecer que discordava do estudo em diversos pontos capitais, entre eles o conceito de degeneração, as ideias acerca da criminologia e, até mesmo, sobre a percepção da constituição da epilepsia, ou seja, a coluna vertebral do trabalho. Entretanto, o professor reconhecia que era um trabalho que merecia ser publicado, visto que os “desacordos eram simples divergências científicas”. Ou seja, o trabalho dirigia-se para um caminho diferente daquele que era apontado pelo professor que havia lhe inspirado para os estudos de medicina legal, mas possuía o caráter científico exigido pela cátedra e deveria ser respeitado como um trabalho que trazia contribuições inéditas para o campo. Juliano Moreira “foi mais suave nas críticas”, afirmou Renata Prudêncio da Silva. Segundo a pesquisadora, “Moreira afirmava ver no trabalho de Afrânio ideias muito próximas às suas, considerando suas divergências como ‘pequenas minúcias’”.<sup>386</sup> O destaque conferido por Moreira foi mais ao autor do trabalho do que ao trabalho em si e afirmou que a pesquisa não era isenta de falhas, mas que estas poderiam ser corrigidas por Peixoto a quem atribuía o poder de “analysar a si e a tudo que produz”.<sup>387</sup>

O doutoramento em medicina corou um momento muito significativo para Afrânio Peixoto. Ele findava os tempos de sua formação e iniciava os anos de sua atuação médica. Peixoto declarou, em todas as ocasiões em que teve a oportunidade, que sua relação com a FMBA e com os “mestres baianos” foi a promotora de uma educação diferenciada e, por

---

o fato de que Afrânio teria recebido elogios e críticas destes estudiosos do tema também é enunciado no prefácio feito por Nina Rodrigues para a edição da obra.

<sup>385</sup> Id.

<sup>386</sup> SILVA, Renata Prudêncio da. Op. Cit., p. 254.

<sup>387</sup> MOREIRA, Juliano. Op. Cit., não paginado.

vezes, “melhor do que se praticava na capital da república”.<sup>388</sup> Entretanto, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro tornou-se o seu desejo maior, tão logo percebeu que sua predileção era a intelectualidade mais do que a clínica. Foi com vistas a mudar-se da província para a capital e, principalmente, “objetivando dar aulas na Faculdade de medicina da capital de meu país”<sup>389</sup>, que a trajetória de Peixoto enveredou-se nos dois últimos anos do século XIX. Isso se deu concomitantemente ao surgimento de um pensamento que demonstrava que, para pensar as coisas do Brasil, de maneira mais efetiva, era necessário estar no epicentro dos debates nacionais: a capital federal.

### 2.3 A CÁTEDRA DE MEDICINA PÚBLICA DA FACULDADE DO RIO DE JANEIRO E A MUDANÇA DA PROVÍNCIA PARA A CAPITAL FEDERAL.

Nos anos que se seguiram ao doutoramento, Peixoto manteve-se atento às pesquisas que relacionavam ciência e sociedade, como demonstram as primeiras produções do médico, os artigos já citados. A perspectiva adotada por Afrânio Peixoto nestes primeiros anos de atuação científica, como podemos observar por meio de suas produções, foi as relações entre o meio natural, as definições científicas e a maneira como essas delimitações estavam dialogando com o contexto social, contribuindo e acordando com as defesas da medicina legal.

A questão sociológica, tratada por Peixoto como “aspectos sociológicos” ou “herança social” era um paradoxo caro para o intelectual baiano. Vemos no desenvolvimento de suas obras uma tentativa constante de observar o meio para a definição de uma prática científica. A partir da tese inaugural, Afrânio Peixoto ampliou os seus debates na seara científica, buscando fixar-se profissionalmente e, principalmente, voltando-se para as questões da nacionalidade com dedicação. Foi perseguindo ideias como essas que o intelectual dirigiu-se aos ensinamentos referentes ao clima e as condições mesológicas como ponto de partida para pensar o Brasil e os brasileiros. Embora o debate fosse bastante forte no âmbito científico, a partir das diversas teorias deterministas, propagadas pelo pensamento médico daquele contexto, vemos que essa premissa adquiriu importância significativa nas defesas nas quais Peixoto tomará parte, demonstrando o crescimento de sua verve nacional, atrelada ao desenvolvimento de suas perspectivas científicas. Dialogando com as amplas e diversas

---

<sup>388</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>389</sup> Id.

teorias que circulavam na época, particularmente por estrangeiros, sobre as condições de viabilidade ou inviabilidade da nação, o jovem médico assumiu a tarefa de ressignificar estes olhares a partir do arcabouço científico.

Direcionar a atenção para a natureza e para as características geográficas da nação constituiu um lugar comum nos quadros do pensamento intelectual do período, como apresentou Tânia Regina de Luca. Segundo a autora, por maiores que fossem as discordâncias acerca da realidade nacional, tanto para os intelectuais brasileiros quanto para os estrangeiros, em um ponto todos pareciam concordar: o Brasil, com suas fronteiras quase continentais, ostentava um patrimônio geográfico invejável, que o distinguia dos demais países. Não é de surpreender que nos discursos sobre a nação brasileira o espaço tenha ocupado posição destacada. Segundo a autora, as dimensões do país insuflavam o orgulho nacional <sup>390</sup>. Foi esse o ponto observado por Peixoto para amplificar o seu nacionalismo. Relacionar a grandiosidade geográfica da nação a uma relação de equivalência com a grandiosidade da população brasileira, rejeitando qualquer perspectiva que produzisse preconceitos “ou conclusões apressadas” sobre as possibilidades do clima tropical para o desenvolvimento do homem.

Tal tese parecia um tanto quanto espinhosa de defender, em virtude, principalmente, da produção científica europeia, a qual indicava o tom das pesquisas nacionais. Neste sentido, uma das primeiras posturas adotadas por Peixoto foi a de incentivar a produção nacional a partir de seus próprios termos, e lançar brados críticos aos seus pares que reproduziam preconceitos europeus. As primeiras delimitações de um projeto nacional foram sistematizadas a partir dos debates com Nina Rodrigues e despertaram as primeiras conclusões de que talvez, a província estivesse pequena para as suas pretensões. Pareceu-lhe relativamente claro que os rumos de sua vida profissional não poderiam ser outros senão aqueles em que a atividade científica pudesse ser conciliada com uma forte atuação pública. Defender o Brasil e emancipar os brasileiros, a partir de um amplo rol de conhecimentos científicos pareceu, ao jovem médico, a sua missão como intelectual.

Entretanto, a vida prática fez com que, ao concluir o curso, Peixoto voltasse para Canavieiras, cidade onde moravam seus pais, para atuar na clínica. Seu pai acabara de falecer e sua mãe necessitava dos cuidados do filho mais velho. A alternativa, entretanto, não durou muito. Peixoto percebeu que não conseguiria clinicar. Segundo suas memórias, “ao final de

---

<sup>390</sup> DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. p. 86.

um mês percebi que não tinha talento para exercer a clínica”.<sup>391</sup> Primeiro porque os procedimentos lhe apavoravam: ter uma vida em suas mãos era uma responsabilidade para além de suas capacidades e, em segundo lugar, o médico afirmou que ele não conseguia estabelecer a cobrança para as suas consultas. Achava um sacrilégio cobrar de um doente.<sup>392</sup> Quando percebeu sua “incapacidade” para a prática da medicina, Afrânio empreendeu uma viagem para o sul, em vista de uma nova tentativa de clinicar, agora em São Paulo. Durante a viagem, passou pelo Rio de Janeiro e sentindo que ali seria seu “pouso definitivo”.<sup>393</sup>

Retornando à Bahia e convencido de que não exerceria a clínica, Peixoto confessou a Nina Rodrigues seu encanto pela capital do Brasil. Afirmou categórico ao mestre que não lhe restava dúvidas de que Salvador, a Bahia e todo o sertão tinham ficado pequenos para suas pretensões<sup>394</sup> não porque se desconsiderasse as possibilidades do estado, mas porque estava convencido de que queria exercer a cátedra e elegera a prática da medicina legal como a especialidade de sua preferência. Logo em seguida à declaração reiterou que não tinha qualquer pretensão de substituir seu amado mestre na condução da disciplina na FMBA, visto que “estimava-o bastante para não desejar a substituição dele, ainda moço, e com poucos anos de professorado”.<sup>395</sup> Dada estas condições entendera que só lhe restava ariscar a sorte em um concurso para a cadeira de medicina pública da FMRJ. Demonstrando o quanto estava firme neste propósito alegou que, inclusive, já se informara que o professor Souza Lima, lente da cadeira de Medicina Pública, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, estaria para aposentar-se. Deixou clara sua intenção de pleitear a vaga e tornar-se “professor na Faculdade de Medicina da Capital de meu país”.<sup>396</sup>

Segundo Peixoto, Nina Rodrigues fez de tudo para demovê-lo desta ideia. Primeiro o mestre lhe alertou que haveria um concurso para preparador de medicina legal na FMBA e que o cargo seria dele, se ele quisesse. Tanto fez Nina Rodrigues que chegou a convencer João Muniz Aragão, já inscrito no concurso, a desistir e deixar que Peixoto concorresse como candidato único para a vaga da FMBA. Afrânio Peixoto recordou-se que, para satisfazer Nina Rodrigues, ele chegou a realizar as provas do concurso para preparador de medicina legal e fora “unanimemente aprovado, não sem hostilidade de dois professores que acharam ocasião

---

<sup>391</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...** não paginado.

<sup>392</sup> Id..

<sup>393</sup> Memórias autobiográficas citadas em: RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 33

<sup>394</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado..

<sup>395</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 33.

<sup>396</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

de pequena vingança. Nomeado, disse logo a Nina Rodrigues que não pretendia ficar na Bahia”.<sup>397</sup>

Provavelmente Nina Rodrigues tenha mostrado desapontamento em face de tão obstinado pensamento de mudança porque, em seguida, Peixoto narrou que desculpou-se com o professor e que agradecia os seus esforços por mantê-lo em Salvador, mas eram suas pretensões dedicar-se a medicina legal e ministrar as aulas no campo médico. Peixoto narrou que conseguira convencer o mestre e que ele chegou a mostrar-se compreensivo e convencido com os argumentos de seu aluno, entretanto, ponderou os aspectos reais da mudança de situação. Segundo Peixoto “Nina Rodrigues bondosamente convenceu-me de que, para esse concurso, deveria eu sistematizar estudos e conhecimentos para vencer”<sup>398</sup> e, ainda, “alertou-me ao fato de que ouvira falar de que um jovem e promissor médico da capital, chamado Oswaldo Gonçalves Cruz estaria disputando aquela vaga”<sup>399</sup>. Por fim, Nina Rodrigues o aconselhou que investigasse a informação e, caso se confirmasse, “deveria abrir mão de minhas pretensões”.<sup>400</sup>

Estes conselhos foram seguidos ao pé da letra. Peixoto narrou que acatara todos os conselhos do velho mestre e dedicou-se com extrema dedicação aos estudos e a investigar sobre as possibilidades de disputar a requerida vaga:

Foi assim que, por dois anos, preparador de Medicina Legal, fui eu, o mais estudioso e aproveitável de seus alunos. A ausência de Fróes que substituí na Faculdade de Direito a Rodrigues Dória então no Parlamento, fui nomeado professor. Avancei nos estudos práticos e teóricos. Com Juliano Moreira avancei um pouco mais na Psiquiatria e com Alfredo de Andrade, no Laboratório Municipal de Análises, Química Bromatológica e Toxicológica. Tudo com o objetivo de conquistar a vaga para professor da FMRJ.<sup>401</sup>

Todas as referências aos estudos praticados demonstram a filiação que o médico pretendia estabelecer com os professores da Bahia e com os laboratórios da FMBA, reiterando que os conhecimentos adquiridos naquela especialidade específica tinham origem na instituição que se formara. Peixoto declarou que, por dois anos, exerceu a cátedra de medicina pública, ministrando aulas para o curso de Direito com o único intuito de aperfeiçoar seus conhecimentos. Seguindo os conselhos dados por Nina Rodrigues, Peixoto empreendeu

---

<sup>397</sup> Id.

<sup>398</sup> Id.

<sup>399</sup> Id.

<sup>400</sup> Id.

<sup>401</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 33. Segundo documentos oficiais, Afrânio Peixoto teria sido nomeado preparador da cadeira de Medicina Legal em 1899, permanecendo no cargo até o ano de 1903, quando saiu um decreto de exoneração a seu pedido.

viagem até o Rio de Janeiro para investigar as intenções do médico Oswaldo Cruz para a vaga de Souza Lima. Segundo registrou detalhadamente em suas recordações, o primeiro encontro com o eminente médico de saúde pública, Oswaldo Cruz, teria se dado da seguinte maneira:

Nina Rodrigues dera-me carta para êle, julgando indispensável, tal a sua capacidade, que dêle indagasse se era ou não concorrente à vaga de Souza Lima. Procurei-o, pois, ansioso, levando outra carta para o seu companheiro de escritório, à travessa de São Francisco, o Dr Luiz Barbosa, que me devia apresentá-lo. Fiz-lhe a pergunta desejada. Gonçalves Cruz, como se chamava então, moço simpático, de *croisé* e cartola, bigodes frizados, em riste, e bela cabeleira negra, anelada, de trato tímido e discreto, pôs-me logo à vontade. Partira, de fato, para a Europa, com essa intenção. No Instituto Pasteur se inscrevera para os estudos de Higiene. E estreará, nas revistas médicas, com um estudo médico-legal sobre “Reação de Florence”. Mas tanto se apaixonara pela Bacteriologia, que esquecera o mais, abrindo mão de um concurso que o obrigaria ao estudo de outras disciplinas. Era, hoje, exclusivamente bacteriologista, quando muito estendendo-se a outros problemas de Higiene...<sup>402</sup>

A longa narrativa sobre Oswaldo Cruz, recordada por Peixoto com detalhes e, ainda, o destaque para a ideia de que Oswaldo Cruz já era um nome respeitado no campo médico do período, julgando indispensável consultá-lo, “tal a sua capacidade”, demonstra que a memória de Afrânio Peixoto coincide com o chamado “mito” criado em torno da figura do médico sanitaria, como demonstrou estudo elaborado por Nara Brito<sup>403</sup>.

Segundo a pesquisadora, o destaque que a figura de Oswaldo Cruz adquiriu formou-se, com mais intensidade, depois de sua morte. Contudo, conforme destacou, uma das funções do “culto à memória de Oswaldo Cruz” foi o de atribuir à sua figura um talento nato. Em colaboração ao destaque adquirido por Oswaldo Cruz e pela trajetória do médico sanitaria, o que Afrânio Peixoto evidenciou em suas memórias foi o respeito e a polidez com que o médico era tratado entre os seus pares.

O tom das recordações de Peixoto, sobre este evento, demarcaram a figura de Oswaldo Cruz e a “licença simbólica” concedida por ele, para que o jovem forasteiro disputasse a sonhada vaga na cátedra de medicina pública da FMRJ. Com a desistência de Oswaldo Cruz, Peixoto poderia concorrer tranquilamente.

Peixoto confessou que ficou aliviado com o “aval” de Oswaldo Cruz. Retornou para a Bahia para efetivar os seus propósitos. Estava certo de que a abertura do concurso se daria sem demora. Entretanto, um novo empecilho surgiu: faltava-lhe condições financeiras para efetivar tal intento.

---

<sup>402</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 34.

<sup>403</sup> BRITTO, Nara. **Oswaldo Cruz**. A construção de um mito na ciência brasileira. Rio de Janeiro: Oswaldo Cruz, 1995.

Tramando sua trajetória na tentativa de demarcar a “origem modesta” e na negação dos “favores políticos” para alcançar os objetivos traçados, a narrativa de Peixoto recaiu, nestes aspectos, em contradição. Ao mesmo tempo em que o médico tentou reforçar os “méritos próprios”, para alcançar o sucesso, ele discorreu sobre a ajuda recebida, por parte do governador do estado da Bahia, para realizar a mudança da província para a capital. Peixoto narrou que, sem dinheiro e sem recursos financeiros para manter-se no Rio de Janeiro, a única solução que lhe ocorreu foi dirigir-se diretamente ao governador do estado da Bahia e solicitar uma carta de recomendação, para que ele conseguisse um cargo na capital. O médico salientou que não conhecia o governador e, por isso, julgou mais fácil enfrentar uma recusa “porque se me recusasse o seu auxilio, de um desconhecido, não haveria humilhação”.<sup>404</sup>

De fato, o médico marcou um horário com Severino Vieira e declarou suas intenções e o porquê que recorrera a ele. Segundo o médico, o governador fez de tudo para que ele desistisse da mudança, alegando que ofereceria a ele “qualquer outro lugar no Estado de que precise, porque prefiro tel-o aqui. Não é justo que a Bahia vá deixando partir aquelles que a podem bem servir”.<sup>405</sup> Peixoto recordou-se que foi tomado de uma súbita vaidade, mas que manteve-se firme nos seus propósitos:

Fiz-lhe ver que eu já tinha três logares e na minha idade não podia ambicionar mais, como estipendio. O que tentava fazer demonstrava até o meu idealismo, arriscar-se a um concurso em terra estranha para vir a ganhar a quarta parte daquillo que já tinha na terra natal, sem maior esforço. E acrescentei: Si na minha idade não tentar uma imprudência semelhante, não será na velhice que hei de cumprir o meu ideal que é ser professor da Faculdade de Medicina da Capital do meu paíz...<sup>406</sup>

Diante de tais argumentos, o governador cedeu e solicitou que passasse no outro dia para pegar a carta e almoçar com ele. “De um desconhecido”, Peixoto declarou, com orgulho, que tornara-se “rapidamente um membro do grupo de intimidade do governador”<sup>407</sup> e que isso lhe fora concedido unicamente “por sua capacidade intelectual e profissional”, sem necessárias influências políticas ou familiares. Tornara-se admirado por seus méritos. A passagem da conversa, com o governador, reitera a imagem que Peixoto pretende imprimir para si mesmo: a do sucesso pelo talento. Peixoto declarou, ainda, que embora tivesse um conhecido no governo ele optara por não usar essa influência e que decidira abrir mão disso para “ir pelo caminho mais difícil”. Tomara preferência pela estratégia que demonstraria para

---

<sup>404</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**..., não paginado.

<sup>405</sup> Id.

<sup>406</sup> Id.

<sup>407</sup> Id.



o governador a sua capacidade e, principalmente, a sua pretensão de mostrar ao Brasil a importância dos filhos da província baiana para a construção do cenário nacional.

O contato com o governador Severino Vieira foi repleto de sucesso, declarou o médico. Segundo a narrativa em torno deste evento, o governador foi muito mais generoso do que ele esperava e, essa ajuda, definiu grande parte de seus sucessos na Capital Federal. Segundo suas memórias:

No dia seguinte como combinado, o Governador tirou do bolso interno da sobrecasaca um envelope que me estendeu. Recebi-o com a morte na alma, mas creio, dissimulei a minha emoção e agradei. Esperei o meu bonde no ponto, subi ao veículo, e só muito tempo depois tive coragem de tirar o envelope, que enfiara no bolso, para saber o que era. Havia urgência da intervenção. Abrindo o envelope, tive uma surpresa. Eram telegrammas, endereçados ao Presidente da República, ao *leader* do governo na Câmara, o sr J. J. Seabra, e ao *leader* da bancada bahiana, dr. Paula Guimarães<sup>408</sup>.

Segundo Afrânio, “Si eu mesmo escrevesse estes despachos não os faria mais generosos”.<sup>409</sup> O governador falara pessoalmente com o Presidente da República, alegando que “deixando de ser seu ministro, ainda não lhe pedira um favor pessoal. Era agora ocasião, em favor de seu particular amigo, que desejava uma nomeação de médico da Saúde Pública, na próxima reforma”.<sup>410</sup> Esta apresentação fora tão promissora que proporcionara a ele chegar ao Rio “com o pé direito”. “Refreando o meu entusiasmo levei, contudo, os despachos ao telegrapho. Dois dias depois noticiavam os jornaes a minha nomeação de médico da saúde pública, na capital do meu país...”.<sup>411</sup>

Afrânio Peixoto fez questão de narrar, nas suas memórias, que a carta de Severino Vieira deixara os políticos curiosos por saberem quem era esse “particular amigo”. Tanto que, ao chegar à capital, “toda a bancada baiana estava no porto”, com o objetivo de conhecer o “ilustre filho da Bahia, tão aclamado pelo governador”.<sup>412</sup> Em virtude do desconhecimento do nome de Afrânio Peixoto no círculo político de então, cogitaram que tratava-se “do futuro genro de Severino Vieira”<sup>413</sup>. Neste sentido - lembrou-se Afrânio Peixoto que - “os abraços

---

<sup>408</sup> Id. Destaque no original.

<sup>409</sup> Id.

<sup>410</sup> Id.

<sup>411</sup> Essa busca de favores no mundo político foi, segundo Peixoto primordial na sua trajetória, criando condições para que o vissem como um político, aspecto que não lhe era agradável. Neste aspecto Peixoto esclareceu em um trecho de suas memórias autobiográficas, citada por Leonídio Ribeiro que: “... já contei como Severino invocado me facilitou colocação no Rio, e como seu interesse por mim manifestado levou a crer a Seabra, Paula Guimarães e outros, uma influência política na Bahia que eu não tinha absolutamente”.<sup>411</sup> (RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 160).

<sup>412</sup> Id.

<sup>413</sup> Id.

que me receberam no porto eram menos para mim, do que ao interesse por mim manifestado pelo Governador. Ia, pois entrar no Rio de Janeiro com o pé direito”.<sup>414</sup>

Enquadrando o momento da chegada ao Rio de Janeiro como a comprovação daquilo que ele estaria predestinado a fazer e a ser, Afrânio Peixoto narrou a ocasião como “a origem mítica do seu sucesso e de sua obstinação”<sup>415</sup>. Embora tenha feito questão de alertar o leitor que contaria uma “anedota ou um myto em torno de sua figura”<sup>416</sup>, construída por alunos, a história lhe pareceu importante o suficiente para aparecer nas memórias daquilo que ele considerava que tinha se tornado. Considerando que a maneira como ele gostaria de ser é tão importante quanto aquilo que ele era, Afrânio Peixoto narrou que, em certa ocasião, em que fora paraninfo de uma turma de médicos, o aluno que elaborou o discurso em sua homenagem, passou a contar os pequenos sucessos dele, desde que chegara da província. “Dizia o aluno que, ao chegar ao Rio, diante da paisagem marítima, urbana e montanhosa da Guanabara, com o punho fechado, ameaçando céus e terra, eu exclamara: -Agora, nós. Vou tomar-te, de assalto...”<sup>417</sup> Mais de trinta anos depois, a memória do médico retornou a esse ponto, revisitando-o e ressignificando-o, concluindo que, talvez, a frase do aluno não fora de toda uma lenda, era também a maneira que ele recordava sua trajetória na Capital Federal.

#### 2.4 O RIO DE JANEIRO NO INÍCIO DO SÉCULO XX E AS IDEIAS SOBRE RAÇA, CLIMA TROPICAL E NAÇÃO.

Afrânio Peixoto chegou à capital federal por volta do ano de 1902, em um momento de plena transformação do Rio de Janeiro. Segundo afirmou Nicolau Sevckenko, as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX foram de intensas, bruscas e significativas mudanças tanto no cenário físico, quanto político, cultural e social da metrópole brasileira<sup>418</sup>. Se na vida de província os impactos do mundo moderno chegavam de forma mais atenuada, as grandes metrópoles do início do século foram o palco privilegiado para a constatação de que vivíamos em um mundo em ebulição.

Talvez essa sensação de mudança, de modernidade, de civilização e de progresso tenha encantado o espírito do jovem Afrânio Peixoto que, desde que realizou a visita ao Rio

---

<sup>414</sup> Id.

<sup>415</sup> Id.

<sup>416</sup> Id.

<sup>417</sup> Id.

<sup>418</sup> NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. República – da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 159. V. 3.

de Janeiro decidira por viver, definitivamente, na metrópole. Podemos imaginar, a partir da imagem que Afrânio Peixoto pretendeu imprimir à sua trajetória, as suas pretensões em estar no centro dos acontecimentos. Se Paris era a grande atração exterior dos brasileiros cultos e apatacados daquele período, o Rio de Janeiro era o fascínio dos provincianos que sonhavam em ver seus nomes luzir nas altas rodas mundanas ou nas *coteries* literárias da Capital, afirmou Antônio Luís Machado Neto, ao analisar a vida intelectual brasileira entre os anos de 1870 até 1930.<sup>419</sup>

Afrânio Peixoto efetuou a mudança da província à capital num momento decisivo das transformações tecnológicas e da ascensão dos conhecimentos científicos: o progresso lançado pelas grandes nações do velho mundo chegara ao Brasil, a galope e “a todo custo”. As elites econômicas, políticas e intelectuais almejavam orquestrar-se ao concerto da modernidade. A “saída do atraso para os trilhos do progresso” tornara-se uma frase comum e um anseio coletivo das elites políticas, culturais e científicas dos grandes centros. Outra perspectiva unânime era aquela que acreditava estar nas mãos dos intelectuais versados nas ciências empreenderem as tarefas mais urgentes de transformação social.

No Brasil da época, a chegada deste progresso tão apregoado, se dava em consonância com o pensamento que vigorava no resto do mundo. Segundo Nísia Trindade de Lima, a chamada *intelligentsia* brasileira<sup>420</sup> se filiava às escolas estrangeiras, particularmente às que defendiam o darwinismo social do inglês Herbert Spencer (1820-1903), o monismo alemão de Ernst Haeckel (1834-1919) e o positivismo francês de August Comte (1798-1857)<sup>421</sup>. Estar apto para indicar os caminhos ou guiar a marcha do progresso passava por dominar o amplo cabedal de conhecimentos sociais e científicos, além de defender a república, a abolição da escravatura, a industrialização - que geraria o crescimento e o progresso econômico entrelaçado com os investimentos estrangeiros. Não era mais possível “uma vida de aldeia” diante de um mundo que era avaliado a partir de conceitos de “evolução”.

A ciência tornou-se a grande mensageira da tarefa de transformação do mundo e, os cientistas- incluindo todos aqueles que partilhavam de suas benesses- os agentes legítimos

---

<sup>419</sup> MACHADO NETO, Machado Antônio Luís. **Estrutura Social da República das Letras.** Sociologia da Vida Intelectual Brasileira (1870-1930). São Paulo: USP, 1973. p.. 62.

<sup>420</sup> O termo foi utilizado por Nísia Trindade de Lima na obra *Um sertão chamado Brasil*, em referência ao conceito de Karl Mannheim para quem a *intelligentsia* compreende a atividade dos intelectuais em prol do conhecimento e da formação da nacionalidade. Trata-se, segundo Mannheim de um grupo social com incumbência de oferecer interpretações do mundo para dada sociedade. LIMA, Nísia Trindade. **Um Sertão Chamado Brasil:** Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ-UCAM. 1999.

<sup>421</sup> SEVCENKO, Nicolau. História da vida privada no Brasil. O prelúdio republicano, astúcias e ilusão do progresso. In: NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada** ..., p. 20.

para efetivar a mudança. Desta maneira os engenheiros, os médicos, os arquitetos tornaram-se os missionários dos novos tempos, em detrimento de um saber enciclopédico que havia feito à fama dos intelectuais do período passado. Os novos tempos exigiam novos saberes e a necessidade de mudança implicava que eles fossem saberes práticos, empregados para as transformações efetivas da realidade social. Considerando estas duplas tarefas dos intelectuais, Mariza Corrêa os definiu como um misto de cientistas e pensadores sociais.<sup>422</sup>

O Rio de Janeiro já era uma das cidades mais populosas do Brasil. “No início do século XX a população carioca era pouco inferior a 1 milhão de habitantes” destacou Nicolau Sevcenko<sup>423</sup>. A vida corria a passos largos, num ritmo frenético: bondes e alguns veículos transitavam pelas ruas encurtando distâncias e agilizando a rapidez das necessidades; nos cafés, teatros e confeitarias lotadas de pessoas, discutia-se política, viagens, cultura, leituras. Jornais, semanários e revistas de entretenimento transmitiam ideias, modas, hábitos e anunciavam as grandes descobertas do mundo tecnológico e científico.

Afrânio Peixoto já havia se declarado um admirador das novas tecnologias que, segundo ele, vieram para democratizar o conhecimento, “para nivelar os indivíduos”.<sup>424</sup> A alusão às vantagens que as tecnologias poderiam legar ao desenvolvimento humano e o deslumbramento que os novos tempos causaram no espírito do médico foi traduzido num evento de memória, referente ao período quando ainda era aluno da FMBA. Foi em um procedimento que tivera que realizar para o admirado professor Ramiro Affonso Monteiro.

A passagem é bastante significativa de como os “novos tempos” atuavam sobre as impressões da geração de intelectuais do período e, por isso, merece ser relatada na íntegra, tanto para demonstrar as sensações do médico frente às tecnologias, como a maneira como os novos instrumentos da modernidade ocupavam o espaço dos conhecimentos tradicionais.

Afrânio Peixoto relatou que corria o ano de 1896 e a direção da Faculdade de Medicina da Bahia havia adquirido diversos materiais provenientes das recentes descobertas no campo médico. Desta maneira, estava ele na enfermaria “muito aplicado, tomando com um esfigmógrafo de Jaquet, o traçado do pulso de um doente”.<sup>425</sup> Neste instante, entrou na enfermaria “o renomado e experiente professor”. Observou atentamente o serviço do aluno, tomou o outro pulso do doente, sentindo-o com o polegar, apalpou por alguns instantes e recomendou que, quando Peixoto tivesse terminado o trabalho, se dirigisse à sua mesa, na sala

---

<sup>422</sup> CORRÊA, Mariza. Op. Cit., p. 09.

<sup>423</sup> SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias e ilusão do progresso. In: NOVAIS, Fernando, SEVCENKO, Nicolau (Orgs). **História da vida** privada..., p. 21.

<sup>424</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**..., não paginado.

<sup>425</sup> Id.

central da enfermaria. Peixoto relatou que, depois de tomar o traçado do pulso do doente, fixou-o com “a tintura de benjoim” e foi, “triumphante, à mesa central da enfermaria”<sup>426</sup>. O professor, após observar o traçado, perguntou qual era o diagnóstico. Sem titubear, o orgulhoso aluno lhe ofereceu o seu parecer: “-Pulso de Corrigham, duplo dicrotismo de insuficiência da aorta...”<sup>427</sup>. O professor lançou um olhar aprovador e lhe parabenizou por ter conseguido tal feito, com tanta precisão, utilizando-se do aparelhinho. No mesmo momento, o mestre retirou “de dentro da pasta um papel, onde desenhara, á pena, o traçado que obtivera, apenas com os dedos palpando a radial do doente. Era admirável. Superpunham-se exatamente. O dedo tomara o traçado como o aparelho”<sup>428</sup>. O jovem, já adepto dos novos tempos, concluiu que jamais saberia elaborar um diagnóstico sem o uso do aparelho. Entretanto, percebeu que chegara ao mesmo resultado, sem ter metade do conhecimento que o professor possuía. A partir disso, o estudante concluiu que “Sciencia deve ser isto. Economia de esforço. João Ninguém, com uma pequena machina faz o mesmo que João Tudo com toda a sua sciencia e toda a sua aristocracia de experimentador. Com um pequenino aparelho que custa uma pequena nota de dinheiro adquire-se a mesma possibilidade que um dos maiores mestres no assunto”<sup>429</sup>.

Em outras passagens, de sua Autobiografia, o médico reiterou a ideia de que a tecnologia, quando bem empregada, proporcionava avanços, diminuía esforços e agilizava a vida prática. “Tão logo tive acesso a essas maquininhas, já me tornei um adepto”<sup>430</sup>, concluía, definindo e delimitando o seu lugar nas novas engrenagens científicas: a de ser um jovem cientista, a de aderir aos novos tempos e a de reconhecer que o conhecimento científico facilitaria a vida. A ciência encantava e a crença nas práticas científicas movia as mudanças sociais, políticas e culturais.<sup>431</sup>

É possível que o Rio de Janeiro tenha se apresentado para Afrânio Peixoto como estando à frente de sua província natal, no que se refere a propagação das descobertas científicas e no partilhamento das informações e debates culturais, visto que neste período explodiam revistas, jornais, semanários, teatros e as famosas reuniões, saraus e encontros literários com nomes que Afrânio Peixoto nutria admiração desde a Bahia.

---

<sup>426</sup> Id.

<sup>427</sup> Id.

<sup>428</sup> Id.

<sup>429</sup> Id.

<sup>430</sup> Id.

<sup>431</sup> Id.

Segundo Flávio Edler, no meio intelectual da *Belle Époque* carioca, nacionalistas, cosmopolitas, positivistas, espiritualistas, ufanistas e pessimistas envolviam-se em debates acirrados.<sup>432</sup> As disputas, em torno de temas mundanos, animavam as *coteries* literárias nas quais Afrânio Peixoto começou a tomar parte desde 1903. Segundo o autor, é sobejamente conhecido que as propostas nacionalistas exerciam forte atração sobre os profissionais liberais, jornalistas, professores, oficiais do exército, estudantes dos cursos superiores – representantes dos setores médios urbanos - e segmentos das elites políticas que participavam destes espaços de discussões. Provavelmente tenha sido nestas reuniões que Afrânio Peixoto começou a entrar em contatos com as ideias fervilhantes sobre as possibilidades e viabilidades da formação de uma nação brasileira, visto que os seus trabalhos, produzidos a partir do período em questão, apontam para tal preocupação.

Seus interesses, particularmente os de cunho científico ou cultural, pode ser medido pelas “entradas” que realizou nos espaços institucionais da época, os quais, grosso modo, se estendiam para três campos diferentes, que se interconectavam. Para um forasteiro que almejava adentrar a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro era necessário, antes, tornar-se conhecido nas esferas políticas, culturais e científicas.

Quanto aos espaços políticos, o jovem sertanejo vinha bem equipado. Conforme já apresentamos, a chegada dele no Rio de Janeiro se deu com forte apoio do governador da Bahia e cartas de recomendações para figuras políticas importantes da capital federal. Ainda, para além do campo pessoal, o contexto político de 1902 já se apresentava em relativa estabilidade, se comparado ao período que se seguiu à implantação da República.<sup>433</sup> Conforme Jeffrey Needell, o governo de Campos Sales (1898-1902) marcou o início de uma nova era, de otimismo e encorajamentos nas crenças de um futuro promissor para a economia, para os investimentos estrangeiros e para as reformas, marcadas pelo ritmo da ciência e das tecnologias.<sup>434</sup>

É preciso esclarecer que estes ideais estavam atrelados a um contexto muito maior, de incorporação, por parte das grandes potências industriais, de novas áreas, não meramente territoriais, mas áreas de influência, visando à transformação dos hábitos de vida das sociedades, alterando as suas práticas de produção e de consumo a um novo padrão de economia de base científico-tecnológica. A incompreensão destes novos padrões, por parte

---

<sup>432</sup> EDLER, Flávio Coelho. Op. Cit., p. 175.

<sup>433</sup> SEVCENKO, Nicolau. **A literatura como missão...**

<sup>434</sup> NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

das sociedades mais tradicionais, gerou diversos episódios de revoltas, que eram sentidas por uma elite que defendia a implantação da modernidade e da civilização no embate com comunidades vistas como tradicionais.

Um dos exemplos mais marcante deste impasse foi, segundo a historiografia, a Revolta de Canudos (1893-1897). Os eventos de revolta e de resistência àquilo que se julgou serem infortúnios do novo sistema político trouxe como consequência mais imediata a tentativa de incorporação dos personagens que estavam de fora do processo de transformação—principalmente os sertanejos, os negros e as mulheres. O choque de realidade que as insurreições armadas produziram no espírito deslumbrado das elites intelectuais da primeira república que, na maioria das vezes, conheciam melhor os países da Europa do que os estados brasileiros, foi significativo para o desenrolar dos principais eventos que marcaram esse momento histórico.

A realidade do sertão brasileiro, tal qual interpretada por Euclides da Cunha, produziu um olhar para a nação nas suas múltiplas faces, conforme já analisamos. Importa destacar ainda que, segundo Nísia Trindade de Lima, o impacto que essa nova maneira de olhar para o país causou naqueles intelectuais que, segundo a autora, ao olhar para o Brasil olharam também para si mesmos. Se havia um país por ser feito, por ser restaurado, reformado, forjado era porque, em última instância, esse país não tivera, até então, intelectuais engajados na sua construção e definição. A construção do país passaria pela construção da sua intelectualidade.<sup>435</sup> Os intelectuais, que sentiram o descompasso de sua aldeia em relação ao andamento universal<sup>436</sup>, tomaram para si a responsabilidade de construir a nação dos seus sonhos. Não é possível entender a atuação dos intelectuais na Primeira República dissociando-os desta premissa. Pensar o Brasil nas suas diversas possibilidades e, principalmente, nas suas múltiplas problemáticas foi a tarefa que ocupou parte daquela geração do início do século XX, a qual constituiu a visão acerca de si mesma como a quem se destinava o papel de “descrever das ‘fabulosas riquezas’ do Brasil, para começar a crer nas ‘decisivas possibilidades do trabalho’”<sup>437</sup>. Isso implicava “arregaçar as mangas” e construir a nação, lidando com os

---

<sup>435</sup> Segundo Nísia Trindade de Lima, o debate sobre a construção da nacionalidade e a reflexão sobre a identidade intelectual são indissociáveis no pensamento social brasileiro da primeira república. (LIMA, Nísia Trindade de. Op. Cit., p. 13).

<sup>436</sup> LIMA, Nísia Trindade de. Op. Cit., p. 24.

<sup>437</sup> Texto de Edgar Roquette-Pinto, exemplificando a tarefa que coube a sua geração de intelectuais. Segundo ele: “Venho das últimas gerações da monarquia. Assisti aos cinco anos às primeiras festas da República. Penso que o país deve um grande serviço à minha geração: foi a primeira a descrever das ‘fabulosas riquezas’ do Brasil, para começar a crer nas ‘decisivas possibilidades do trabalho’. Recebemos a noção de que um moço bem nascido e bem criado não devia precisar trabalhar... Ouvimos ainda o eco dos eitos. Diziam-nos que nosso céu tem mais estrelas que os outros... Minha geração começou a contar as estrelas. E foi ver se era

conhecimentos científicos propagados no velho mundo e com a missão nacional de que o país precisava dar certo.

Enquanto esteve na província, a maior preocupação de Afrânio Peixoto foi com a sua formação profissional. Com a sua mudança e, tão logo estabeleceu-se no Rio de Janeiro, Peixoto empreendeu forças para tornar-se conhecido na sociedade carioca a partir das suas atuações científicas. Ser reconhecido como “um homem de ciência” foi o primeiro investimento do médico no novo círculo social.

Assim que chegou ao Rio de Janeiro, Afrânio Peixoto hospedou-se no famoso Hotel da Lapa onde também “residiam, além do vice-presidente da República Afonso Pena<sup>438</sup>, a maior parte da bancada paulista e vários parlamentares, entre eles o senador João Pinheiro e os deputados Carlos Peixoto Filho, João Luís Alves, David Campista e Gastão da Cunha, Pedro Moacir, Pandiá Calógeras, Miguel Calmon, João Luiz Alves, Estêvão Lôbo, James Darci, Elói de Souza e Alcindo Guanabara”.<sup>439</sup> O local parecia ser estratégico para os propósitos a que o médico tinha estabelecido desde a mudança da província, afinal, o hotel era constantemente ocupado por figuras de destaque da elite carioca. Foram nesses encontros que Afrânio Peixoto confessou ter conhecido Euclides da Cunha e Capistrano de Abreu.<sup>440</sup> A partir das sociabilidades travadas no Hotel, Afrânio Peixoto aproximou-se de Carlos Peixoto Filho, que acabara de chegar ao Rio de Janeiro para exercer o cargo de deputado federal por Minas Gerais. “Nossas afinidades começaram porque tanto eu quanto Carlos Peixoto éramos daquelas personalidades que nunca levam desaforo pra casa”, ironizou Peixoto em suas memórias.<sup>441</sup>

No campo institucional, uma das primeiras tarefas do médico foi apresentar-se na Academia Nacional de Medicina (ANM) e começar a frequentar os encontros e reuniões dos sócios, até escrever a carta que declarava suas intenções em tornar-se um membro daquela congregação, partilhando das engrenagens da sociedade médica da capital federal. Para tornar-se uma figura conhecida, Afrânio Peixoto começou a realizar visitas “imprevistas” para

---

verdade que nos nossos bosques havia mais vida. E começou a falar claro aos concidadãos. Com minha geração, o Brasil deixou de ser um tema de lirismo.” “A inquietação artística de Roquette-Pinto” (entrevista concedida para o jornalista Joel de Silveira). **Revista Vamos Ler**. Rio de Janeiro, 23/03/1939, p.45. Arquivo Pessoal Edgard Roquette-Pinto - Academia Brasileira de Letras (APERP-ABL). Apud: SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Em Busca do Brasil: O retrato antropológico Brasileiro (1905-1935)**. Tese de doutorado. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

<sup>438</sup> Em 1903 Afonso Pena foi eleito vice-presidente pela chapa de Rodrigues Alves. Em 1906 ele conseguiu alcançar a presidência da República. Segundo Afrânio Peixoto no período em que foi vice-presidente ele teria morado no Hotel.

<sup>439</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>440</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 56.

<sup>441</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.



críticos literários aclamados da Academia Brasileira de Letras.<sup>442</sup> Estes eventos foram narrados de maneira esparsa na sua obra Autobiográfica. Segundo documento publicado por Leonídio Ribeiro, ele começou a frequentar a ANM ainda em 1902, tornando-se aceito como membro em 1903, o que demonstra a rapidez de suas ações para adentrar os círculos institucionais do Rio de Janeiro.<sup>443</sup>

Naquele contexto, nos parece que uma das ideias que mais marcaram Afrânio Peixoto tenha sido as distintas perspectivas acerca dos diagnósticos sobre o Brasil e as diferentes opções de viabilidade nacional que surgiam a partir destas ideias. Segundo Lucia Lippi de Oliveira, o debate nacional foi uma das premissas que mais ocupou as preocupações dos intelectuais desde os últimos anos do século XIX, visto que a *intelligentsia* brasileira se deparava com um grande problema: as ideias que alimentavam, inspiradas na maioria das vezes no liberalismo europeu, chocavam-se com as reais condições do Brasil. “A biologia darwinista, a filosofia bergsoniana, a história de Taine, a psicologia de Le Bon e a escola italiana de sociologia forneciam o arcabouço em cima do qual aquela geração pensava as imposição das diferenças, das desigualdades”.<sup>444</sup>

Segundo as pesquisas de Roque Maciel de Barros, Mariza Corrêa, Lúcia Lippi de Oliveira, Lília Moritz Schwarcz, Nísia Trindade de Lima, Ângela de Castro Gomes, entre outros, a construção de um ideal de nacionalidade se processou no Brasil concomitantemente com a autoconsciência da intelectualidade em construir um espaço de atuação, uma definição enquanto grupo responsável por lançar as coordenadas nas quais a estrutura de Estado e ideia de nação deveria assentar-se.<sup>445</sup> Neste sentido, esses autores afirmam que a identidade intelectual brasileira definiu-se segundo um padrão europeu, que atribuía ao grupo de

---

<sup>442</sup> Em relação às “visitas imprevistas” realizadas pelo jovem médico assim que chegou a cidade, temos a narrativa de duas. A primeira foi feita a José Veríssimo e a segunda a Olavo Bilac descrita na Autobiografia. In: PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>443</sup> “Logo depois de sua chegada ao Rio, Afrânio apresentou a sua candidatura à Academia Nacional de Medicina em requerimento datado de 17 de setembro de 1903, assinado por Júlio Afrânio Peixoto e acompanhado da lista de trabalhos científicos que já havia publicado”. (RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 189).

<sup>444</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi de, **A Questão Nacional na Primeira República**, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990, p. 69. Essas indicações sobre as relações entre o mundo intelectual europeu e o brasileiro aparecem, segundo a autora, de forma implícita na análise dos intelectuais brasileiros deste momento. Neste aspecto a autora refere-se a teoria evolucionista de Charles Darwin (1809-1882), a Henri Bergson (1859-1941), a Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893), a Gustave Le Bon (1841-1931) e a Cesare Lombroso (1835-1909), Enrico Ferri (1856-1929) e Raffaele Garofalo (1851-1934).

<sup>445</sup> BARROS, Roque Spencer de. **A ilustração brasileira e a ideia de universidade**. São Paulo: FFCL/USP, 1959; CORRÊA, Mariza. **As ilusões da Liberdade: a Escola de Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil**. Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 2001; OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. **A Questão Nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990; LIMA, Nísia Trindade de. **Um sertão Chamado Brasil**. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ, 1999; GOMES, Ângela de Castro. História, ciência e historiadores na Primeira República. In: HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antônio Augusto Passos (Orgs) **Ciência e Civilização nos Trópicos**. Rio de Janeiro: Faperj, 2010.

intelectuais esclarecidos a luz que guiaria o povo nacional ao progresso, à modernização e a um padrão de vida esclarecido. Em última instância, livres da ignorância, o povo alcançaria o padrão máximo da civilização e tornar-se-ia emancipado. Para o alcance deste ideal, caberia à intelectualidade guiar o processo.

Thomas Skidmore identificou que o maior desafio para aqueles “missionários da nação” era a leitura e a influência dos referenciais europeus que os guiavam, desde finais do Império, e as “anomalias políticas” do Brasil, tais como o processo de independência sendo guiado pela bandeira real de Bragança; ou a economia essencialmente agrícola que continuava a tolerar a escravidão apesar do fim do tráfico em 1850; a existência de um Brasil que ainda era um país católico, embora faltasse à Igreja tanto riqueza pessoal quanto institucional para atuar; e, por fim propagava uma base filosófica e política importadas da França.<sup>446</sup>

A constatação deste quadro, por parte dos intelectuais brasileiros, atrelado ao desejo de instauração dos “padrões da nacionalidade”, resultou numa série de estudos acerca do país e da nação. Os personagens mais interessantes desta empreitada eram, segundo Lilia Moritz Schwarcz “os obscuros ‘homens de ciencia’” que, a partir de finais do século XIX, no interior dos estabelecimentos em que trabalhavam, “tomaram para si a quixotesca tarefa de abrigar uma ciência positivista e determinista utilizando-se dela para liderar e dar saídas para o destino desta nação”.<sup>447</sup> Ou seja, aqueles intelectuais “misto de cientistas e políticos, pesquisadores e literatos, acadêmicos e missionários” se debateram nos “incômodos limites que os modelos lhes deixavam: entre a aceitação de teorias estrangeiros - que condenavam o cruzamento racial - e a sua adaptação a um povo a esta altura já muito miscigenado.”<sup>448</sup> O desafio em enfrentar as teorias prevalentes naquele contexto e forjá-las a ponto de possibilitar novas leituras de viabilidade nacional foi a tarefa mais espinhosa da geração do início do século XX no Brasil.

O brasilianista Thomas Skidmore chamou a atenção para o fato de que a intelectualidade brasileira, inspirada e encantada com o “nível de progresso e desenvolvimento” atingido pelos países europeus, tomou “o liberalismo europeu oitocentista, que havia acompanhado a Revolução Industrial, a rápida urbanização e o crescimento econômico, como modelo para o desenvolvimento do seu país<sup>449</sup>”. Isso justificou a crença na ciência como guia e luz para a efetivação do projeto de nação. A ciência estaria

---

<sup>446</sup> SKIDMORE, Thomas. **Preto no Branco**. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

<sup>447</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit., p. 18.

<sup>448</sup> Ibid., p. 19.

<sup>449</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. Cit., p. 67.

impreterivelmente ligada ao progresso, à modernização, à emancipação. As soluções e as respostas para os maiores impasses deveriam ser encontrados na prática científica.

Um aspecto que o autor chama a atenção é para o descompasso existente entre a história e o desenvolvimento europeu e as realidades latino-americanas. A tentativa de importação das ideias gerou, como consequência imediata, a desconsideração de todo o trajeto centenário dos países europeus e a crença de que aquele nível de desenvolvimento estaria diretamente ligado com a “qualidade racial de seu povo”. Progresso, desenvolvimento e civilidade foram intimamente relacionados com as teorias evolucionistas de Charles Darwin. A mistura destas duas perspectivas resultou na conclusão de que o grande desenvolvimento da Europa, invejado pelos países que almejavam tornar-se uma nação, começou a ser explicado do ponto de vista “científico”. Ou seja, a prosperidade de um país estaria intimamente relacionada com a superioridade do homem branco, ariano e as qualidades climáticas da Europa. Tais justificativas, da superioridade europeia, “foram exportadas para a América Latina a reboque do liberalismo europeu, e essa justaposição criou um paradoxo desconfortável para os intelectuais brasileiros: como tornar-se uma grande nação sendo tão diferente da Europa?”<sup>450</sup>

Utilizadas, na maioria das vezes, para legitimar o imperialismo europeu, as ideias deterministas desenvolveram-se em três frentes que condenavam a realidade nacional, em diferentes medidas: a natureza exuberante do país, atrelada ao clima tropical, tornaria inviável o desenvolvimento de um povo e, ainda, a sua incontornável miscigenação racial. Viajantes estrangeiros, cientistas e estudiosos concluía, conhecendo ou não o país, que um povo e um território com estas características estariam fadados ao desaparecimento.

As ciências modernas e o desenvolvimento de um modelo cientificista chegavam ao Brasil a partir do viés colonialista, afirmou Thomas Skidmore, ou seja, como possibilidade de corroborar para a autoridade intelectual da Europa e deslegitimar qualquer luta em prol da emancipação das nações tropicais.<sup>451</sup> Concluía-se, baseados em preceitos científicos, “que os europeus do norte eram raças superiores e desfrutavam de um clima ideal; por implicação, as raças mais morenas e os climas tropicais jamais poderiam produzir civilizações comparáveis”.<sup>452</sup> Dentre o amplo espectro de teorias científicas, que afirmavam a superioridade da Europa, o ponto de destaque (e talvez o mais nevrálgico) era as características raciais e climáticas atribuídas às terras brasileiras. Para grande parte dos

---

<sup>450</sup> Id.

<sup>451</sup> Ibid., p. 73.

<sup>452</sup> Ibid., p. 67

cientistas europeus, a viabilidade de uma nação estaria impreterivelmente ligada a sua pureza racial e as suas condições climáticas favoráveis o que implicava numa produto completamente oposto ao que o Brasil apresentava.

Embora uma vertente pessimista de interpretação seja antiga entre nós, conforme detectou Lilia Moritz Schwarcz, ela se radicalizou em finais do século XIX, particularmente a partir da visão de viajantes estrangeiros. O material coletado pelo olhar etnográfico europeu, forneceu material para diversos ensaios, nos quais prevalecia, na grande maioria, a definição de que o Brasil se apresentava como uma “nação degenerada, de raças mistas”. Esta foi a perspectiva adotada, por exemplo, pelo historiador inglês Henry Thomas Buckle (1821-1862), fiel à teoria do determinismo climático, por Arthur de Gobineau (1816-1882) e por Louis Agassiz (1807-1873) e suas perspectivas deterministas raciais.<sup>453</sup>

Segundo Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos há, no pensamento ocidental, uma longa tradição de teorias que postulam a existência de um determinismo climático ou geográfico, sobre os comportamentos humanos. De fato, segundo Maio e Santos:

Remonta ao grego Hipócrates, no século V antes de Cristo, a crença de que aos quatro elementos naturais- terra, fogo, ar e água- correspondiam respectivamente quatro “humores” no corpo humano: sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra. E que o desequilíbrio na distribuição dos humores pelo corpo- o predomínio de um sobre os demais- seria responsável pelas diferentes patologias do corpo e do caráter.<sup>454</sup>

Segundo os pesquisadores, foi no século XVIII, impulsionados por uma vasta literatura sobre viagens e pela reflexão iluminista sobre a natureza humana e suas diferenças, que as teorias da determinação climática ganharam força. Naquele mesmo período, iniciaram-se as pesquisas médicas sobre as diferentes doenças contagiosas e sua relação com as condições ambientais. As conclusões, a que estes pesquisadores chegaram, contribuíram para emprestar cientificidade ao determinismo climático. No século XIX, essas teorias ganharam ainda mais visibilidade e expressão, com o predomínio de uma concepção de história que atribuía ao meio físico um papel determinante. A difusão e implantação destas teorias, desenvolvidas por Henry Buckle, afirmavam que a chave da civilização estava no clima e no tipo de homem que as condições climáticas produziam.

---

<sup>453</sup> A esse respeito ver: SKIDMORE, Thomas. Op. Cit.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit. e MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs) **Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

<sup>454</sup> MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. (Orgs). **Raça como questão...**,p. 28.

O livro de Burckle, *History of Civilization in England* (1857), trazia uma análise sobre a precipitação pluvial, a topografia, o sistema hidrográfico e os regimes de vento no Brasil elaborados unicamente a partir de relatos de viagens, visto que o inglês nunca teria visitado o país. A conclusão que Henri Burckle chegou, ao imaginar a natureza e o clima brasileiro, foi a de que aqui “lamentavelmente em meio a pompa e fulgor da natureza, nenhum espaço é deixado para o homem. Ele fica reduzido à insignificância, pela majestade que o circunda”<sup>455</sup>. Desprovidos, portanto, de espaço, o homem vegetaria a mercê da natureza. No segundo capítulo da obra, o autor analisou os efeitos do clima, da alimentação e do sol sobre o progresso social e sobre a acumulação da riqueza e afirmava que, nas sociedades “primitivas”, os homens se encontravam inteiramente submetidos à natureza, o que aumentava o peso dos fatores geográficos no seu desenvolvimento.

Ao lado das teorias do determinismo climático, o pensamento europeu do século XIX concedeu grande importância a outro tipo de determinismo, o racial, na explicação das diferenças humanas. O debate racial e doutrinas racialistas se originaram na Europa ocidental e foram bastante importantes no debate intelectual e nas práticas políticas de meados do século XIX até meados do século XX.<sup>456</sup> Essas doutrinas envolvem, segundo a exposição de Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos, ao menos três pressupostos específicos. O primeiro consiste em afirmar que os homens se diferenciam em grandes grupos chamados “raças”, os quais possuem certa unidade física, que lhes confere determinadas características psicológicas e culturais. Segundo esta visão, a distância entre essas ‘raças’ seria tão grande que, para alguns racialistas, elas configurariam espécies diferentes. O segundo pressuposto refere-se ao do domínio do grupo sobre o indivíduo. Isso significa supor que o comportamento do indivíduo é determinado, em grande medida, pelo grupo racial ao qual ele pertence. O terceiro pressuposto afirma que as ‘raças humanas’ seriam não apenas diferentes, mas também desiguais.<sup>457</sup>

A questão racial emergiu com força determinante após a abolição da escravatura e, as ideias de Arthur de Gobineau e Louis Agassiz, exerceram uma influência definitiva nos intelectuais brasileiros. Segundo a análise de Gobineau, realizada em mais ou menos um ano

---

<sup>455</sup> Citado por SKIDMORE, Thomas. Op. Cit., p. 70.

<sup>456</sup> Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos chamam a atenção para o fato de que, embora o termo racismo seja um termo bastante antigo e muito difundido, para designar comportamentos marcados pelo ódio e pelo desprezo para com aqueles que têm características físicas bem definidas e distintas das nossas sendo utilizado, as doutrinas racialistas, ou seja, uma ideologia sobre as diferenças humanas só surgiram no debate intelectual do século XIX. P. 29.

<sup>457</sup> MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. (orgs). **Raça como questão: História, ciência e identidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2010. P. 29.

de observação, enquanto esteve no Brasil como diplomata, além da natureza suntuosa que pouca chance dava à ação humana, tinha também a “natureza de seu povo, que considerava feio e inferior por força de seu alto grau de mestiçagem”.<sup>458</sup> Artur de Gobineau construiu a imagem do brasileiro como consequência de seu suposto atraso evolutivo: o país das raças misturadas não teria futuro. Segundo um trecho, da sua famosa obra, *Essai sur l'inégalité des races humaines*, de 1855, “a população do Brasil estava destinada a desaparecer, devido a sua “degenerescência” genética. Mediante um curioso cálculo aritmético, o cientista europeu estimou que fossem necessários menos de duzentos anos para se ver o fim dos descendentes de Costa-Cabral [sic] e dos imigrantes que o seguiram.”<sup>459</sup>

Ideias semelhantes às de Artur de Gobineau foram lançadas por Louis Agassiz, outro famoso viajante cientista suíço que emigrou para os EUA em 1840. Em 1865, quando esteve no Brasil, em uma expedição científica para colher espécimes da fauna e da flora brasileiras, o cientista afirmou que qualquer um que duvidasse dos males provocados pelas misturas das raças deveria vir ao Brasil. Nada poderia negar a deterioração decorrente do amálgama de raças. Mais uma vez reiterava-se a constatação de que a intensa mestiçagem brasileira gerava a condenação do povo e, por extensão, da nação.<sup>460</sup>

Segundo Lilia Moritz Schwarcz, Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos, não podemos perder de vista que estes decretos científicos estavam mergulhados em determinados princípios, extraídos da história das sociedades europeias, particularmente aqueles relacionados aos ideais imperialistas. Quando os pensadores racialistas estabeleciam hierarquias entre as ‘raças’ eles estavam legitimando, com o aporte da ciência, a dominação de certos povos sobre outros. Uma das razões para a difusão, no século XIX, das explicações deterministas, tanto climáticas quanto raciais, para as diferenças humanas é que elas serviam de contraponto às teorias que defendiam a igualdade política e legal entre os indivíduos.<sup>461</sup> Outro aspecto que não podemos ignorar é o fato de que, embora estas teorias tenham tido intensa visibilidade e circulação, tanto no Brasil quanto no exterior, elas não correspondiam a um consenso no que se referia à representação do país. Segundo Schwarcz, temos que analisar a força e a relevância destas interpretações pessimistas mas, principalmente, “pensar a interpretação local, assim como analisar a seleção de textos e autores que aqui se fez”.<sup>462</sup>

---

<sup>458</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. Cit., p. 68.

<sup>459</sup> Ibid., p. 71

<sup>460</sup> Ibid., p. 47.

<sup>461</sup> MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. (Orgs). **Raça como questão...**: SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit., p. 36.

<sup>462</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit., p. 36.

Os primeiros anos da implantação da República tiveram, portanto, de um lado, a vontade de seus agentes políticos e intelectuais de empreender a formação da nação e, de outro, o desafio de conciliar as ideias europeias, tão amplamente admiradas, como símbolo de ciência e de progresso, para uma realidade tão diversa, como se caracterizava o Brasil. Essa sensação foi sintetizada por diversas crônicas da época. Segundo tais escritos, a elite brasileira “pensava como europeu e sentia como brasileiro” ou, ainda, apresentavam a intelectualidade brasileira como “estrangeira em sua própria terra”<sup>463</sup>.

A República, segundo Lúcia Lippi de Oliveira, foi vista pelos intelectuais e propagandistas como uma etapa da “atualização” do Brasil, do seu ingresso no século civilizado.<sup>464</sup> Os primeiros passos rumo a esse intento ocorreu nos governos civis e paulistas de Prudente de Moraes (1894-1898), Campos Salles (1898-1902) e Rodrigues Alves (1902-1906), que buscaram, prioritariamente, a recuperação das finanças e da imagem do Brasil no exterior, constituída a partir de viajantes estrangeiros e das teorias deterministas de ampla circulação. Para este segundo ponto, acreditam que seria necessário uma ampla reforma social, arquitetônica, intelectual e cultural.

No início dos anos de 1900, esse era o assunto do momento para a equipe dirigente e para os intelectuais. Havia, de um lado, a perspectiva científica propagada por intelectuais europeus, acerca da incapacidade do Brasil em tornar-se uma grande nação por localizar-se nos trópicos e por ser composto de homens miscigenados e, de outro, o início da formação de uma perspectiva nacional que, “filtrando as leituras”, debatendo pensadores, buscava uma solução para a superação dos maiores problemas de ordem estrutural e elaborava pesquisas e estudos experimentais para superar as condenações lançadas aos países localizados nos trópicos.

A primeira reação significativa, por parte daquela intelectualidade frente a esse quadro, se deu com as severas críticas destinadas ao regime político republicano, tornando-se clichê a frase declarada por Souza Bandeira de que “essa não é a república dos meus sonhos”.<sup>465</sup> Se, conforme era comum nos países europeus, fosse possível medir o sentimento de identidade nacional a partir da estabilidade política, o desenvolvimento econômico e a formação de uma literatura nacional, “o Brasil deixava muito a desejar aos olhos de seus cidadãos cultos”<sup>466</sup> afirmou Thomas Skidmore.

---

<sup>463</sup> Analogia da frase de Euclides da Cunha sobre os sertanejos que seriam estrangeiros em sua própria terra. A intelectualidade da virada do século XIX, segundo o cronista, se sentiria também deslocada.

<sup>464</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Op. Cit., p. 90.

<sup>465</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. Cit., p. 154.

<sup>466</sup> Id.

De acordo com os espaços em que estavam inseridos e, principalmente, a partir das ideias que compartilhavam, os posicionamentos intelectuais ganhavam caminhos distintos. Segundo Thomas Skidmore e Lúcia Lippi de Oliveira, grande parte dos “combates intelectuais” se processavam a partir de duas posições divergentes: de um lado aqueles que viam e defendiam um futuro grandioso para o Brasil, desconsiderando as condenações dos determinismos europeus e, de outro, aqueles que reconheciam que alguma coisa estava errada e tentavam, apreensivos, entender a relação, formular e criar novos caminhos e novas soluções. De uma maneira geral, as visões diferentes acerca do futuro da nação possibilitou que os grupos ficassem conhecidos como os ufanistas e os pessimistas.

Afonso Celso surgiu como o exemplo desses primeiros. A obra “Porque me ufano do meu país” (1901) foi uma tentativa da construção do orgulho nacional. Escrito para crianças, o livro procurava demonstrar que nenhum país do mundo possuía natureza tão generosa, terras tão férteis e uma história tão superior, dentre outras oito razões elencadas para comprovar que o Brasil era um país exemplar. Para o autor, a nossa história era uma das mais lindas, visto que “o nosso regime colonial foi mais suave do que quase o de todos os povos americanos”.<sup>467</sup> Na obra foi, ainda, valorizado o trabalho de catequese dos jesuítas, a ação dos bandeirantes, a expulsão dos holandeses, a guerra dos Palmares, a Retirada de Laguna. Até o regime de escravidão o autor conseguiu pintar com cores atenuantes alegando que, embora tenha sido a “maldita instituição”, no nosso país ela teria sido mais suave e humanitária do que nos Estados Unidos, por exemplo. Aqui, a emancipação teria se processado de forma progressiva e, após a abolição, o contingente escravizado “incorporou-se à população, em perfeito pé de igualdade”.<sup>468</sup> Para finalizar a obra e aumentar o grito de clamor sobre a necessidade do desenvolvimento de um sentimento nacional positivo, o autor bradou: “Confiemos em nós próprios, confiemos no porvir, confiemos, sobretudo, em Deus, que não nos outorgaria dádivas tão preciosas para que as desperdiçássemos esterilmente”.<sup>469</sup> O livro destinava-se para a educação escolar de crianças, possivelmente os filhos da elite que, mais dia menos dia, tornar-se ia a classe dirigente ou a nova intelectualidade.

A postura ufanista repercutiu por um longo período na intelectualidade brasileira. É o que podemos notar quando comprovamos que, em 1910, foi lançada a obra de Olavo Bilac e Manuel Bonfim, também de caráter ufanista, intitulada “Através do Brasil” (1910). Com a mesma conotação nacionalista, os dois autores apresentaram o país a partir das aventuras de

---

<sup>467</sup> CELSO, Conde de Afonso. **Porque me ufano do meu país**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001. p. 79.

<sup>468</sup> Ibid., p. 190.

<sup>469</sup> Ibid., p. 198.



dois meninos e do amigo sertanejo. Esse fio condutor construiu um texto que descreveu a história do Brasil, das suas riquezas naturais, dos seus personagens ilustres e das qualidades do homem do interior e do litoral. Segundo Lucia Lippi de Oliveira, a forma ficcional do texto diluiu seu ufanismo, tornando-o mais discreto. Talvez esse atenuante tenha contribuído para a “aceitação inquestionável”<sup>470</sup> da obra. Editado em 1910, “este texto, largamente usado nas escolas primárias, talvez tenha sido um dos canais mais eficazes para a difusão de certo tipo de ufanismo, utilizado para a formação das novas gerações.”<sup>471</sup>

Embora houvesse outros posicionamentos frente a esta questão, no que se refere aos ufanistas e aos pessimistas, visto que a realidade era mais diversificada do que propõe esta dualidade, para fim de compreendermos as perspectivas que atingiram Afrânio Peixoto, naquele início de século, estas contradições foram significativas, conforme ele mesmo afirmou em 1916:

Os Brasileiros oscillam, ordinariamente, entre um desenganado pessimismo e um optimismo ridículo. Pode-se acompanhar, de séculos atrás, a frase que ouvimos de vez em quando: - “o país está á beira de um abysmo...”. Sempre andamos, entre macambusios ou gabolas. E nem as lamúrias de uns, nem os êxtases dos outros produzem nada.<sup>472</sup>

A partir da passagem acima é possível perceber que as posições referentes a julgamentos nacionais, que propunham avaliar a viabilidade do futuro do Brasil, estavam incomodando Peixoto. Conforme ele quis afirmar, as posturas dos brasileiros frente a esse tipo de questões não poderiam ficar meramente nos debates. Para ultrapassá-las era necessário realizar obras efetivas. De acordo com aquilo que julgava ser a melhor alternativa para enfrentar os principais “males do Brasil”, Peixoto declarou que estaria disposto a apontar perspectivas mais pragmáticas.

Estas ideias começaram a aparecer, de maneira constante, a partir da chegada do médico à Capital Federal. O impacto da vida cosmopolita, sentida profundamente a partir da transformação dos espaços públicos, da demolição dos velhos casarões, das mudanças nos hábitos de consumo, da moda, da ascensão do jornalismo, da crônica e do destaque da atuação dos médicos em todos estes cenários, representando os arautos da ciência que guiaria a entrada do país na civilização provocou, em Afrânio Peixoto, uma releitura do Brasil. Segundo o autor, no texto da sua Autobiografia, as primeiras impressões que registrou do Rio de Janeiro referiram-se a velocidade que a vida corria, das diversidades de ideias trocadas na

---

<sup>470</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Op. Cit., 132.

<sup>471</sup> Id.

<sup>472</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Minha Terra...**, p. V.

porta das livrarias, das possibilidades de partilhar pensamentos sobre questões sociais, políticas e culturais e, principalmente, o Brasil se apresentou como uma nação que estava por se fazer.

Nada ocupou mais as preocupações de Peixoto, naquele momento e nas décadas seguintes, do que a tentativa de construir o arsenal de conhecimentos que pudesse “prever” e “preparar” os destinos do Brasil. Os grupos com os quais Afrânio Peixoto dialogou, desde que chegou ao Rio de Janeiro, o ajudaram a definir o rumo de seus posicionamentos. O reencontro com Miguel Calmon (1879-1935), irmão de Bernardo Calmon e a aproximação com Carlos Peixoto Filho (1872- 1917) lhe proporcionou participar de debates políticos de grande projeção no cenário nacional e, ainda, concedeu-lhe entradas nas distintas rodas de conversas e de debates, angariando amizades e inimizades. A característica principal dos amigos, com os quais Afrânio Peixoto estabeleceu os primeiros contatos no Rio de Janeiro, era a euforia partilhada quanto à possibilidade de reestruturação política e social do país. Afrânio Peixoto começou a definir os rumos de seu nacionalismo nos debates e enfrentamentos que começaram a surgir nesses espaços, conforme veremos a seguir.

## 2.5 RELAÇÕES SOCIAIS E POSICIONAMENTOS POLÍTICOS NO RIO DE JANEIRO DA PRIMEIRA REPÚBLICA

Depois de alguns meses morando no Grande Hotel do Largo da Lapa, Afrânio Peixoto e alguns amigos decidiram alugar uma casa “nas Laranjeiras”. Para esta empreitada tomaram partido os amigos Miguel Calmon, Carlos Peixoto Filho, Primitivo Moacyr e Eloy de Souza, todos jovens provincianos que haviam chegado à capital federal há pouco tempo e que também se hospedavam no hotel.<sup>473</sup> Com exceção de Afrânio Peixoto, todos os outros companheiros estavam envolvidos com carreiras parlamentares. Miguel Calmon e Carlos Peixoto Filho tinham sido eleitos deputados federais, o primeiro pelo estado da Bahia e o segundo por Minas Gerais. Primitivo Moacyr (1867-1942) trabalhava, desde 1895, como redator de debates da câmara dos deputados e, posteriormente, como redator dos documentos parlamentares, ocupando o cargo por pelo menos até 1926. Durante este percurso, Primitivo Moacyr dedicou-se aos estudos da história da educação no Brasil, objetivando elaborar

---

<sup>473</sup> PEIXOTO Afrânio. *Autobiografia...*, não paginado.

propostas de intervenção sobre o ensino público na primeira república.<sup>474</sup> Eloy de Souza (1873-1959) formou-se em Direito na “Escola do Recife” e foi deputado federal entre 1897 até 1914, ano que foi eleito senador. Enquanto atuou na câmara dos deputados Eloy de Souza destacou-se por pensar o nordeste brasileiro, principalmente na busca por uma solução do problema das secas que, segundo a compreensão do deputado, era o maior mal que assolava o nordeste sertanejo.

Segundo pesquisa conduzida por Maria da Conceição Maciel Figueira, sobre o impacto da proposta elaborada por Eloy de Souza no combate as secas no nordeste, o resultado imediato foi a criação em 1907, por sugestão do deputado, do Regulamento da Inspeção de Obras Contra as Secas, futuro Departamento Nacional de Obras contra as Secas.<sup>475</sup> Este primeiro grupo de contato de Afrânio Peixoto, na capital federal e as relações que foram estabelecidas entre eles, foi significativo para a construção do pensamento do médico, sobre a realidade brasileira, conforme pretendemos demonstrar.

A “casa das Laranjeiras” estava constantemente cheia de homens representativos do cenário político e cultural daquele contexto, conforme atestam as narrativas de Afrânio Peixoto e algumas esparsas pesquisas realizadas sobre a atuação daqueles políticos. Segundo o jornalista parlamentar Sertório de Castro, em uma obra que reuniu suas crônicas sobre os políticos da Primeira República, “a casa das laranjeiras” estava constantemente cheia de pessoas porque todo o dia convergia uma “romaria de políticos” para à “república dos solteirões”:

A romaria que os políticos de todos os vultos e de todos os recantos do país faziam quotidianamente ao castelo da coluna da rua Guanabara, aos poucos mudava de direção. E os romeiros, na realidade, não mostravam sentir grande diferença na mudança, porque no mesmo bairro, e numa distância diminuta uma da outra, estava a casa do novo chefe, e o mesmo bonde das Águas Férreas que os conduzia, até bem pouco, às audiências do morro da Graça, levava-os à “república” de solteirões da esquina da rua das Laranjeiras com a rua Soares Cabral onde Carlos Peixoto vivia na companhia jovial do Sr. Afrânio Peixoto, que ainda não era nem deputado, nem homem de letras profanas, e aí trabalhava no seu tratado de medicina legal; do deputado pelo Rio Grande do Norte Sr. Eloy de Souza, e do Sr. Primitivo Moacir, um belo espírito que nunca deixou de se comprazer com o retraimento de uma

---

<sup>474</sup> Segundo Francisco Venâncio Filho, Primitivo Moacyr nasceu na Bahia e ficou órfão muito cedo, sendo educado em asilo. Quando ainda era adolescente fez concurso para o magistério elementar, sendo designado para Lençóis. Devido às limitações da carreira, solicitou transferência para Salvador, o que lhe foi negado. Recebeu então o convite do Inocêncio de Góis Calmon, presidente de Pernambuco para inspetor do Liceu de Recife. Essa foi a oportunidade que teve para iniciar seus preparatórios para ingresso no ensino superior. Migrou para a capital federal onde cursou Direito na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, onde recebeu o grau de bacharel em ciências jurídicas em 20 de dezembro de 1894. (VENÂNCIO FILHO, Francisco. Primitivo Moacir e a história da educação. **Cultura política**: revista mensal de estudos brasileiros, Rio de Janeiro, Vol., n. 24, p.94-97, Fevereiro de 1943. p.94)

<sup>475</sup> FILGUERA, Maria da Conceição Maciel. **Eloy de Souza**: Uma interpretação sobre o Nordeste e os dilemas das secas. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte CCHLA. Natal: EDUFRN, 2011.

modesta condição de funcionário da Câmara, embora nunca lhe faltassem títulos e qualidades para ocupar as mais altas posições.<sup>476</sup>

O breve relato, feito pelo irônico cronista parlamentar, demonstra a importância que a “casa das Laranjeiras” foi obtendo no cenário político da Primeira República e, para a nossa pesquisa, interessa observar os primeiros contatos travados por Peixoto com as personalidades da capital federal. Possivelmente Peixoto tenha morado com aqueles amigos entre os anos de 1903 até por volta de 1910, período que correspondeu ao governo de Rodrigues Alves (1902-1906) e Afonso Pena (1906-1909) no cenário político. Foi a partir do governo de Afonso Pena que os jovens políticos da “casa das Laranjeiras” adquiriram uma significativa atuação pública.

O “novo chefe”, a que Sertório de Castro se referia, era Carlos Peixoto Filho, que dia a dia alçava maior representatividade dentro do Congresso Nacional, modificando os polos do poder instituído sob domínio da velha oligarquia, segundo afirmativa de Giovanni Stroppa Farquin. Conforme crescia a representatividade e oposição de Carlos Peixoto, líder da câmara, frente aos velhos mandatários da República, e, principalmente, conforme a sucessão do paulista Rodrigues Alves pelo mineiro Afonso Pena foi se tornando certa, as reuniões na “casa das Laranjeiras” ficaram mais concorridas porque Carlos Peixoto Filho tomou-se protagonista nos possíveis rumos que adquiriria aquela decisão.

A ascensão de Carlos Peixoto no congresso nacional foi um capítulo de destaque no cenário político da Primeira República. O jovem político mineiro representou uma das maiores oposições “aos velhos mandatários da república oligárquica”. Segundo Giovanni Stroppa Farquin, os conchavos políticos da sucessão de Rodrigues Alves, e que resultaram na eleição de Afonso Pena, contaram com a participação dos políticos da velha guarda, reunidos em torno da coligação chamada o “Bloco”<sup>477</sup>. Uma vez eleito, com o apoio do “Bloco”, Afonso Pena procurou limitar a interferência desta coligação- representada pelos políticos

---

<sup>476</sup> CASTRO, Sertório de. **A República de que revolução destruiu**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos e Cia, 1932, s/p. Versão digital disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/sertorio.html#11>>

<sup>477</sup> FARQUIN, Giovanni Stroppa. “**Políticos da Nova Raça**”: o Jardim da Infância e a experiência do poder na primeira república. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em história da Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais, 2007. Sobre as alianças que ficaram conhecidas como “O Bloco”, Alzira Alves de Abreu destacou que desde a eleição de Francisco de Paula Rodrigues Alves (1902-1906) que a sucessão da presidência se tornou alvo de disputas intensas entre os estados, que viram na tentativa de prorrogação da hegemonia paulista sobre a nação um obstáculo às suas pretensões. Pela primeira vez, parte dos grandes estados conseguiu se unir em torno de uma candidatura presidencial que não fosse a preferida dos paulistas. Tal coligação ficou conhecida como “o Bloco” e reuniu os estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia e Rio de Janeiro. O nome de Afonso Pena foi visto como o mais forte e elaborada a chapa Afonso Pena-Nilo Peçanha. (ABREU, Alzira Alves. (AFONSO PENA **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)**). Verbetes “.”, disponível em: <<http://atlas.fgv.br/verbetes/afonso-pena>> consultado em 10 de junho de 2016).

consolidados no cenário nacional, utilizando, para isso, do apoio de uma jovem frente ministerial e parlamentar, composta em sua maioria por integrantes do grupo que se reunia no Grande Hotel e na “casa das Laranjeiras”, apelidada pelas forças de oposição e pela crônica política da época de “Jardim da Infância”.<sup>478</sup>

Dominichi Miranda de Sá alertou para o fato de que o nome “jardim da infância” referia-se tanto “à pouca idade dos integrantes e, mais ainda, aos presumidos ‘romantismo’ e ‘ingenuidade’ de suas propostas de renovação das práticas políticas republicanas e de maior centralidade dos problemas sociais e econômicos na pauta da câmara”.<sup>479</sup> De fato, as análises que se fizeram sobre a atuação do grupo definem-no como preocupado em “introduzir na política republicana, certos elementos vitais de que ela, na opinião de seus componentes, parecia ter sido privada pelos conchavos de facções e corrilhos, sob orientação de velhos chefes”.<sup>480</sup> O grupo almejou destacar-se posicionando-se contra os políticos de longa data. Isso se evidenciou após a eleição de Afonso Pena, candidato que a bancada mineira apoiava.

Os jovens, recém-chegados à capital federal, circulavam pela alta sociedade carioca e frequentavam círculos intelectuais como a Academia Brasileira de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico. A grande maioria deles estava se reencontrando no Rio de Janeiro, uma vez que já se conheciam dos tempos da Faculdade, o que proporcionava uma afinidade de ideias e uma coesão cada vez maior em torno de um objetivo comum.<sup>481</sup> O longo período que Afrânio Peixoto conviveu com aqueles amigos consolidou uma amizade que perdurou por

---

<sup>478</sup> O nome “Jardim da Infância” foi cunhado em um discurso acalorado, feito pelo líder da oposição, o deputado Augusto de Freitas para demonstrar a sua indignação em relação aos rumos que o governo de Afonso Pena tomava, se distanciando cada vez mais dos políticos que o haviam ajudado a se eleger, os líderes do *Blcco*. Segundo Leonídio Ribeiro, em uma reunião na Câmara dos Deputados, a indignação era crescente e para defender Pinheiro Machado, jogado pra escanteio pelo presidente eleito, Augusto de Freitas declarou: “O chefe do Partido Republicano é um prisioneiro, eu disse um prisioneiro, de políticos da nova raça, aparecidos como de improviso na representação dos poderes públicos, convertendo esse país num verdadeiro Jardim da Infância”. O grupo ficara assim nomeado e adquiriu uma fama crescente nos primeiros anos de governo do novo presidente. (RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 150 ). Giovanni Stropha Farquin pesquisou os integrantes do grupo e encontrou os seguintes políticos: João Pinheiro da Silva (1860-1908) Serro, MG; Miguel Gastão da Cunha, (1863-1927) São João del Rei, MG; David Moretzohn Campista, Rio de Janeiro RJ (1863-1911) Estevão Lobo Leite Pereira de Campanha MG (1869-1908) João Pandiá Calógeras Rio de Janeiro RJ (1870-1934); Afrânio de Melo Franco de Paracatu MG (1870-1943); Carlos Peixoto de Melo Filho (Ubatuba MG (1872-1917); Augusto Tavares de Lira, Macaíba RN (1872-1958); Elói Castriciano de Souza, Recife PE (1873-); Celso Baima, Assumpção Paraguai (1874-1959); Miguel Calmon Du Pin e Almeida, Salvador BA (1879-1935); Leovigildo de Amorim Filgueiras, da Bahia e Primitivo Moacir do qual não foi possível identificar a cidade natal nem o ano de nascimento. (FARQUIN, Giovanni Stropha. Op. Cit., p. 02).

<sup>479</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. “A voz do Brasil....”, p.337.

<sup>480</sup> FRANCO, Afonso Arinos de Mello. **Um estadista da República**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1955. 3v, p. 159.

<sup>481</sup> Para saber mais sobre os propósitos e ideias defendidos pelo grupo, ver a dissertação de Giovane Farquin, que pesquisou exclusivamente a trajetória, as ideias e as interferências que estes jovens tiveram na política da Primeira República. (FARQUIN, Giovanni Stropha. Op. Cit.).

toda a vida. Peixoto atribuiu a eles “o despertar das ideias práticas”<sup>482</sup> ou seja, a relação entre os conhecimentos teóricos e as possibilidades de efetivação de ideias, além do início de um debate sobre as questões nacionais.

Eloy de Souza concedeu uma entrevista a Leonídio Ribeiro, quando da realização da primeira obra biográfica sobre Afrânio Peixoto. Na ocasião, o velho integrante da “república de solteirões” recordou-se que um dos capítulos mais importantes de sua vida se deu nas vivências e convivências com aqueles velhos amigos. Segundo ele, as reuniões organizadas por Carlos Peixoto e João Pinheiro eram recheadas de discussões sobre a realidade nacional e as reestruturações possíveis, a partir do campo da política<sup>483</sup>. De acordo com essa entrevista, as frequentes conversas, na casa das Laranjeiras, resultaram em grandes projetos. Os jovens debatedores sonhavam “com uma política visando à saúde, à higiene e à assistência social”.<sup>484</sup>

Parece-nos que a principal importância destes primeiros eventos, vividos por Afrânio Peixoto na capital federal, sejam a visibilidade que o grupo alcançou e a possibilidade de encontrar com personalidades de significativo destaque naquele meio como, por exemplo, Capistrano de Abreu e Euclides da Cunha que, segundo Eloy de Souza, “eram frequentadores assíduos das reuniões”.<sup>485</sup> Além disso, o destaque que Carlos Peixoto foi adquirindo frente ao cenário político fez com que os jovens debatedores da política nacional pudessem acalentar sonhos maiores, de alcançar lugares de destaque. Foi o que recordou-se Eloy de Souza, por ocasião da entrevista. Segundo ele, durante as reuniões, cada um descrevia o Brasil que sonhava e traçava as estratégias para a efetivação dos passos que levariam a alcançar os intentos. “Tudo isso era anotado”, afirmou o político potiguar. Uma vez, relatou, antes de terem sido definidos os candidatos para a sucessão presidencial de Rodrigues Alves, “sonhamos que Afonso Pena seria eleito. E neste futuro governo seria criada uma pasta ministerial exclusiva da saúde e da educação. Como ministro figuraria Afrânio Peixoto”.<sup>486</sup>

Considerando que a memória de Eloy de Souza esteja bastante comprometida com o desenrolar dos fatos, por ser laudatória, na medida em que Leonídio Ribeiro solicitou que ele se recordasse da atuação de Afrânio Peixoto dentro do grupo, na ocasião da morte do médico, o que podemos retirar do longo relato que apresentou, confrontando-o com a historiografia da época, era de que o motor, daquelas reuniões e debates, era o sonho “por uma nova

---

<sup>482</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>483</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 147.

<sup>484</sup> Entrevista concedida por Eloy de Souza a Leonídio Ribeiro em 07/07/1947. Enviada por carta endereçada de Natal, RN. Transcrita em RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 151-156.

<sup>485</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 156.

<sup>486</sup> Ibid., p. 151-152.

política”<sup>487</sup>. As biografias que analisaram a trajetória de Carlos Peixoto afirmam que ele “participava de grupos de discussão sobre os destinos nacionais com Afrânio Peixoto, Euclides da Cunha e Miguel Calmon du Pin e Almeida, futuro ministro da Viação (1906-1909) e da Agricultura (1922-1926), tendo-se tornado leitor assíduo de Alberto Torres (1865-1917) nos anos seguintes”.<sup>488</sup> Essa informação nos parece significativa para identificar as influências teóricas e o teor dos debates que se travavam nos encontros da “casa das Laranjeiras”.

Consideramos a influência deste grupo de amigos definitivo, em diversos posicionamentos, que Afrânio Peixoto tomou ao longo de sua trajetória intelectual. Além disso, nos parece que as relações com os jovens provincianos tenham fornecido o arrefecimento da identidade sertaneja para Afrânio Peixoto. Segundo o relato de Ely de Souza, o sertão foi pensado a partir das suas reais possibilidades e “Peixoto se mostrou um defensor do uso das técnicas científicas.”<sup>489</sup> O deputado recordou-se que foi a partir de um longo debate sobre o problema das secas no nordeste, que Peixoto lhe proporcionou uma longa aula sobre como “os maiores povos do passado contornaram o problema, chegando a criar civilizações no deserto”<sup>490</sup>. Aquela sugestão teria lhe despertado para uma de suas principais militâncias na vida pública: o projeto de irrigação das zonas do nordeste, atingidas pelas secas periódicas. Eloy de Souza recordou-se que “Afrânio possuía um interesse genuíno por estas questões.”<sup>491</sup>

Segundo Maria da Conceição Maciel Filgueira, no Brasil, a institucionalização das propostas de combate aos efeitos das secas começou em 1904, no Governo Rodrigues Alves, com a instalação da “Comissão de Estudos e Obras Contra os Efeitos das Secas” e depois com a criação da “Superintendência de Estudos e Obras Contra os Efeitos das Secas” em 1906, no Governo Affonso Penna. Esses empreendimentos chamaram a atenção de Eloy de Souza que, em 1906 fez um discurso acalorado clamando o cumprimento da lei que existia desde 1904 e intentando criar um órgão federal encarregado de resolver definitivamente a questão. Eloy de Souza referiu-se que os compromissos, relativos à solução do problema, deveriam ser assumidos por Afonso Pena e garantia “que ele e seu íntimo amigo, ministro da aviação, Dr Miguel Calmon” estariam empenhados pela “redenção do Nordeste”.<sup>492</sup>

---

<sup>487</sup> Ibid., p. 147-150.

<sup>488</sup> VENÂNCIO Filho, Alberto. Carlos Peixoto e o “jardim de infância”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, p.161-188, Out-Dez. 1972. p. 182.

<sup>489</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 156.

<sup>490</sup> Id.

<sup>491</sup> Id.

<sup>492</sup> FILGUEIRA, 2011, p. 238 e 239.

Nos parece que este assunto era cuidadosamente discutido na “casa das Laranjeiras” e todos que partilhavam dos debates estavam empenhados em pensar o sertão a partir da perspectiva da transformação dos problemas, por meio de técnicas científicas. Eloy de Souza recordou-se, por fim, que Afrânio Peixoto lhe sugeriu que ele fizesse uma viagem para o Egito, a fim de verificar *in loco* a solução encontrada pelos “moradores do deserto” para irrigar a terra.<sup>493</sup> A viagem ocorreu de fato e, na ocasião, o deputado aproveitou para visitar as barragens e os sistemas de irrigação de Alexandria, Jerusalém, Lausanne e Interlaken, na Suíça.<sup>494</sup>

Os discursos propagados, pela intervenção parlamentar dos políticos com os quais Peixoto mantinha relações de amizade, tornaram-se, por algumas vezes, a base sobre a qual ele procurava sustentar as suas posições nos espaços por onde circulava. A posição de que o sertão não era constituído pela incúria, doença e insalubridade era constantemente defendida, a partir da ideia de que “para todos os males há uma solução, não podemos desesperar das terras do Brasil”. Essa postura, claramente nacionalista, era a maneira como Peixoto entendia que deveriam ser conduzidos aqueles debates no mundo político. A visibilidade para a qual seria importante chamar a atenção era a que apresentava soluções, não a que demonstrava a incapacidade ou possível inviabilidade das terras brasileiras. Para Afrânio Peixoto essa era a única postura aceitável para um intelectual, cuja missão era nacional.

Nos anos em que morou na casa das Laranjeiras essa postura se intensificou e repercutiu nas tomadas de posição e, principalmente, nas atividades que Peixoto foi desenvolvendo naquele cenário. A primeira década do século XX foi decisiva para a consolidação da carreira profissional de Afrânio Peixoto e definidora da construção de sua figura intelectual. Foi entre 1903 até 1911 que o médico adentrou as instituições que sonhara frequentar e tornou-se um escritor de renome, tanto no âmbito científico como literário.

Foi na tentativa de conjugar o mundo científico e de ampliar a sua atuação intelectual, por meio da literatura, que os esforços de Peixoto se concentraram. Dialogando com o contexto social da Primeira República e representando os desafios daquela intelectualidade, em vias de especializar-se, Peixoto conseguiu transitar entre o intelectual polivalente e esboçar as primeiras definições de um especialista, em higiene e medicina legal.

Sua entrada no mundo científico da Primeira República se deu por meio das relações políticas tecidas na Bahia, da influência que os amigos da “casa das Laranjeiras” foram adquirindo, no governo de Afonso Pena, e nas suas constantes investidas para a acumulação

---

<sup>493</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., 154.

<sup>494</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., 156. FILGUEIRA, Maria da Conceição Maciel. Op. Cit., p. 245.



de capital simbólico que proporcionasse angariar entradas em institutos de produção científica ou cultural da Primeira República, como a ABL e o IHGB, por exemplo.

No próximo capítulo analisaremos as estratégias acionadas por Peixoto para manter-se na capital federal, bem como a maneira a partir da qual o médico foi dialogando com o conhecimento, com as ideias e com as propostas nacionais do Brasil da Primeira República. Analisaremos as primeiras entradas de Peixoto no cenário médico da capital federal, bem como as definições que o seu pensamento foi adquirindo no diálogo com os seus pares. Em seguida, demonstraremos como a eleição para a Academia Brasileira de Letras representou uma perspectiva para Afrânio Peixoto elaborar e aplicar propostas de viabilidade nacional, além de um amplo retrato sobre as condições reais do Brasil e dos brasileiros.

### **3 “SER SÓ CIENTISTA É LIMITADO, SER SÓ LITERATO É SUPERFICIAL”: A CIÊNCIA E A LITERATURA EM AFRÂNIO PEIXOTO.**

O objetivo deste capítulo é o de analisar as definições que Afrânio Peixoto atribuiu à ciência e à literatura na interface da aplicabilidade que uma e outra atuação garantiriam à sua trajetória intelectual. Trata-se de pensar a maneira como o médico entendia o lugar da ciência e as possibilidades da literatura, no propósito maior de definir uma atuação efetiva entre os brasileiros, objetivando a promoção da emancipação nacional. Foi no diálogo entre a importância da ciência e a função da literatura, para a alteração das realidades nocivas à pátria, que os esforços de Peixoto se concentraram a partir da segunda década do século XX. Promover uma literatura que fosse um instrumento de propagação das ideias científicas foi a maneira encontrada por Peixoto para ampliar a propagação dos ideais que elevariam o país, frente aos nacionais e às nações estrangeiras. Além disso, acreditamos que a literatura tenha se apresentado como um espaço fértil de comprovação e reiteração de ideias gestadas no campo científico. Por meio da criação de cenários e de personagens, Afrânio Peixoto poderia elencar a viabilidade das defesas nas quais estava tomando parte no campo médico.

Para essa exposição, iniciaremos o capítulo demonstrando as relações entre Afrânio Peixoto e Oswaldo Cruz e a maneira pela qual aproximação ou a distância estabelecida entre eles repercutiu nas instituições que eles representavam, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e o Instituto Oswaldo Cruz, respectivamente. Pretendemos demonstrar as amarras e interfaces do campo político daquele contexto, que estava, na maioria das vezes, conforme demonstrou Sergio Miceli, subordinado às relações personalistas e políticas. O que surgia dos embates, travados entre os diferentes diagnósticos produzidos pelos intelectuais, não eram apenas as suas posições pessoais, mas posições representativas dos embates e das estratégias das quais eles estavam tomando parte num cenário político mais amplo. Analisaremos, neste sentido, um dos episódios mais polêmicos no qual Peixoto tomou parte: as suas críticas aos estudos de Carlos Chagas e, mais especificamente, sobre a descoberta da doença que ficou conhecida como “doença dos sertões”.

Por fim, perseguiremos os objetivos de Afrânio Peixoto ao mobilizar a sua eleição para a Academia Brasileira de Letras e o início da sua carreira literária. Além de observar o cenário literário do contexto em que essa fase de sua trajetória estava inserida, objetivamos apresentar como a literatura era entendida por Afrânio Peixoto, bem como os propósitos que ele elencava para a prática literária num cenário de emancipação nacional.

### 3.1 “A CIÊNCIA APLICADA AO MEIO E AO POVO BRASILEIRO”: CONFLITOS MÉDICOS E NACIONALIDADE

Enquanto morava com o grupo de amigos no Hotel da Lapa ou na “casa das Laranjeiras” e adentrava os espaços sociais, através dos salões e dos encontros sociais ou culturais, Afrânio Peixoto observava e partilhava dos ideais de reformas e de transformações urbanas em que estava inserida a capital federal nos primeiros anos do século XX. Em função dos contatos estabelecidos, a partir do governador Severino Vieira, Peixoto narrou em sua Autobiografia que se viu rapidamente inserido no epicentro dos sonhos daquelas mudanças. Ele “faria parte da equipe que comporia os ministérios do presidente Rodrigues Alves”<sup>495</sup>, ou seja, estaria impreterivelmente ligado aos médicos intelectuais que se autodeclaravam arautos da tarefa de reforma, não só da saúde pública, mas do Brasil.

Segundo recordou-se, logo que chegou ao Rio de Janeiro estreitou as relações com o nome mais cotado para ser ministro de Negócios Interiores, do governo de Rodrigues Alves, o Joaquim José Seabra. J.J. Seabra, como ficou conhecido, seria protagonista de um evento importante da trajetória do médico na capital:

O meu amigo J. J. Seabra, que morava na Rua Andrade Pertence, passava no Hotel da Lapa todas as noites, depois do jantar para convidar-me a um passeio a pé, de digestão. Fazia planos e me dava sugestões de organização da nova vida, na Capital Federal.<sup>496</sup>

Provavelmente essa amizade tenha despertado esperanças em Afrânio Peixoto, de ocupar cargos mais importantes que o de médico de saúde pública, visto que Peixoto confessou que J.J. Seabra aconselhava-se com ele sobre as sugestões de nomes para ocupação de cargos importantes, que a pasta ministerial lhe proporcionava.<sup>497</sup>

Em uma das conversas Peixoto afirmou que o futuro ministro lhe consultou sobre o que ele achava do jovem médico bacteriologista Oswaldo Cruz. Peixoto declarou que relatara ao ministro aquilo que sabia, as impressões que lhe ocorrera na ocasião em que encontrou Oswaldo Cruz, quando viera averiguar se o médico concorreria à vaga de professor da FMRJ. Garantira a J. J. Seabra que Oswaldo Cruz teria lhe transmitido uma impressão muito agradável naquela ocasião, e que lhe parecera “um moço de muita capacidade.”<sup>498</sup>

---

<sup>495</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**..., não paginado.

<sup>496</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 35.

<sup>497</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**..., não paginado.

<sup>498</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 36.

De fato, nestes anos de 1902, Oswaldo Cruz já vinha demonstrando a sua capacidade e dedicação ao campo médico brasileiro, particularmente à microbiologia. Antes mesmo de concluir o curso médico na FMRJ em 1892, Cruz publicou artigos sobre microbiologia na destacada revista “Brasil Médico”. Segundo Nara Britto, sua tese intitulada “Veiculação Microbiana pelas Águas” (1892) foi exemplar no que diz respeito às ideias inovadoras que estava propondo.<sup>499</sup> Seu interesse pela microbiologia levou-o a montar um pequeno laboratório no porão de sua casa. Contudo, a morte de seu pai, no mesmo ano de sua formatura, impediu o aprofundamento dos estudos, por um tempo. Somente em 1896 pôde realizar o seu sonho: especializar-se em bacteriologia no Instituto Pasteur de Paris que, na época, reunia grandes nomes da ciência.

Ao voltar da Europa, Oswaldo Cruz encontrou o Porto de Santos assolado por violenta epidemia de peste bubônica e logo se engajou no combate à doença. Para fabricar o soro antipestoso foi criado, em 25 de maio de 1900, o Instituto Soroterápico Federal, instalado na antiga Fazenda de Manguinhos, tendo como diretor geral o Barão de Pedro Afonso. Segundo as memórias de Peixoto, fora os mestres do Instituto Pasteur que o indicaram ao diretor do Instituto Soroterápico, para que o jovem bacteriologista atuasse como diretor técnico.

De acordo com as datas, a visita de Afrânio Peixoto ao Instituto foi um pouco antes de Oswaldo Cruz tornar-se o diretor do local, fato que aconteceu em 1902. Peixoto relatou á Joaquim Seabra que havia “visitado o seu Instituto e tive d'elle offerecimento para o que viesse a precisar para o meu concurso”.<sup>500</sup> O relato memorialístico enfatizou essas passagens, demonstrando que Peixoto não era um desconhecido para Oswaldo Cruz, em função do que viria a acontecer entre os dois.

Assim que tornou-se diretor do Instituto, os trabalhos de Oswaldo Cruz ficaram mais notáveis, visto que ampliou suas atividades, não mais restringindo-se à fabricação de soro antipestoso, mas dedicando-se também à pesquisa básica aplicada e à formação de recursos humanos. Tratava-se de um grande esforço para implantar no Brasil a medicina experimental, símbolo da modernidade e do progresso<sup>501</sup>.

Em sua Autobiografia, Afrânio Peixoto mencionou que ficou curioso diante das perguntas do Ministro. Por que estaria ele questionando-o sobre Oswaldo Cruz? A resposta que recebeu foi a de que “-Talvez lhe venha a interessar esta minha curiosidade, mas nada lhe

---

<sup>499</sup> BRITTO, Nara. Op. Cit., p. 25.

<sup>500</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>501</sup> OSWALDO CRUZ. Verbete produzido pelo Instituto Oswaldo Cruz. Disponível em: <<http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/oswaldo-cruz>>

posso dizer, com receio de alguma indiscrição”.<sup>502</sup> Na passagem da autobiografia, transcrita na íntegra por Leonídio Ribeiro, Peixoto preocupou-se em deixar claro que ele era íntimo de J. J. Seabra e que fora por intermédio de sua descrição que o futuro ministro tivera as primeiras impressões sobre Oswaldo Cruz.

Peixoto quis enfatizar, na descrição de suas memórias, que fora provavelmente a partir da sua colaboração que J. J. Seabra se decidira por escolher Oswaldo Cruz para o cargo de diretor geral de saúde pública. E declarou que ficou surpreendido ao descobrir, ao lado da nomeação de Oswaldo Cruz, uma nomeação para ele próprio, de secretário do novo diretor. Segundo suas memórias:

Dois dias depois, ao abrir o *Jornal do Commercio*, li, sem querer crer nos meus olhos, a seguinte varia: Foi nomeado diretor geral da Saúde Pública do Distrito Federal o Dr. Oswaldo Gonçalves Cruz. Foi nomeado secretário da Diretoria Geral de Saúde Pública o Dr. Júlio Afrânio Peixoto. Só não dei pulos de alegria porque não são de minha natureza.<sup>503</sup>

As nomeações de Oswaldo Cruz e de Afrânio Peixoto, dois jovens médicos muito preocupados com os debates em torno da importância da ciência como instrumento efetivo de transformação nacional, para o cargo de diretor e de secretário da Saúde Pública do Distrito Federal, fazia parte dos ideais reformistas do presidente Rodrigues Alves e do ministro do interior, como salientamos. O governo de Rodrigues Alves foi um marco no que diz respeito “à busca por um novo tempo”. Segundo Jeffrey Needell, esse governo caracterizou-se pela intensa preocupação com as transformações sociais e culturais que derrubariam a ideia de um passado colonial e dariam início a um tempo moderno e civilizado. Neste sentido, foram empreendidas diversas reformas, das quais destacaram-se duas: a reforma urbana e a reforma na saúde. Segundo Nara Britto, tratava-se de “um projeto inovador na época, de mudanças na saúde pública brasileira que, entre outros objetivos, visava combater as doenças endêmicas”.<sup>504</sup>

Desde o final do século XIX que as autoridades políticas vinham se esforçando para mudar a imagem, na maioria das vezes negativa, que o Brasil possuía no exterior. De maneira geral, o Brasil era representado por viajantes estrangeiros a partir de três amálgamas principais: uma nação de mestiços, um clima tropical, aliado ao grande número de doenças e a

---

<sup>502</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>503</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 36.

<sup>504</sup> BRITTO, 2009, p. 14

desordem urbana e social.<sup>505</sup> Devido à expansão econômica e ao rápido crescimento populacional do período, desde cedo ficou evidente que a estrutura urbana da Capital Federal necessitava passar por reformas amplas e estruturais. Além da falta de estrutura portuária e de ferrovias que ligassem o porto aos armazéns e estabelecimentos culturais, a cidade não poderia mais conviver com ruelas estreitas, mal iluminadas e pouco arejadas, péssimas condições de moradia, regiões pantanosas e sem saneamento, disseminação de doenças, turbulência política e desordem social. Para concretizar essas ideias, o governo de Rodrigues Alves, a partir da atuação do ministério do interior, ampliou sobremaneira a atuação efetiva dos médicos e engenheiros nas chamadas reformas urbanas.

Essa foi, segundo Vanderlei Sebastião de Souza, uma das principais características da Primeira República: a ampliação do conhecimento científico deveria proporcionar qualidade de vida à população. A legitimação da atuação do médico, em diversos espaços da sociedade, foi efetivada em virtude da emergência que os problemas de saúde alçaram no período. A expansão da autoridade médica, junto ao Estado e a setores da elite nacional, foi vista como uma solução para os problemas mais prementes da nação. Segundo o pesquisador, aquele segmento da intelectualidade estava:

Organizado em torno de instituições como a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o Instituto de Manguinhos e a Academia Nacional de Medicina e entendia que a reforma social, necessária ao país, não poderia ser levada a cabo sem a intervenção do conhecimento científico dos quais os médicos eram a expressão máxima num país com uma precária organização institucional.<sup>506</sup>

Neste sentido, a partir do início do século XX, os médicos passaram a ocupar um espaço público cada vez maior, inserindo-se nos aparatos do Estado, ocupando as tribunas do Congresso Nacional e as páginas dos principais jornais do país. O objetivo era legitimar a medicina preventiva, fazendo a defesa do saneamento, da eugenia, do cuidado materno-infantil e da educação higiênica em geral. Os argumentos para essa intervenção eram sempre os mesmos: a reforma social, a defesa do progresso material e a garantia da expansão civilizacional do Brasil.<sup>507</sup>

Foi esse contexto, segundo reiterou Vanderlei Sebastião de Souza, que permitiu “que um grupo de cientistas e intelectuais exercesse o seu desejo de tutela sobre a vida pública empregando, para isso, suas ferramentas científicas para o conhecimento da realidade

---

<sup>505</sup> SEVCENKO, 1999, p. 28; LIMA, 1999; SOUZA, Vanderlei Sebastião. Op. Cit., p. 47

<sup>506</sup> SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Op. Cit., p. 42, 43 e 44.

<sup>507</sup> Id.

nacional.”<sup>508</sup>. O resultado imediato das relações estabelecidas entre a ciência e o Estado era a garantia, por parte daquela geração, para a efetividade das ideias gestadas no campo científico, por meio das ferramentas estatais.

Foi a partir da premissa da efetivação das intervenções sonhadas pela medicina pública que Peixoto recordou-se da nomeação de seu nome, ao lado de Oswaldo Cruz, para a atuação nos cargos mais importantes daquelas reformas. O médico declarou que não cabia em si de alegria, porque “ele, um forasteiro, um adventício” fora indicado para um cargo de grande importância para a comunidade médica.<sup>509</sup>

A ênfase na alegria com que a notícia da sua nomeação foi recebida preparou o terreno para que o médico transmitisse aos seus leitores a frustração que sofreu na sequência. Segundo Peixoto “momentos depois, quando ainda não tinha voltado de meu desalinho da manhã”<sup>510</sup>, entrou pela porta o secretário de J. J. Seabra e o Dr Pelino Guedes, “com ar misterioso”, dizendo que havia “mouros na costa”<sup>511</sup> e alegando que fora procurado pelo Dr. Oswaldo Cruz e que este não poderia aceitar a nomeação “do tal secretário”, proposto por J. J. Seabra. O motivo, justificado por Oswaldo Cruz, era o desconhecimento do nome indicado e, ainda, de que se comprometera com um seu amigo para tal cargo. Alegava que preferia ter o direito de escolher com quem trabalharia.<sup>512</sup> Em seus escritos autobiográficos Afrânio Peixoto salientou que “respondi-lhe imediatamente que ia vestir-me, para dizer a Seabra que não seria eu secretário da Diretoria de Saúde Pública, devendo o Dr Gonçalves Cruz ter, nessa função, o seu candidato e seu amigo.”<sup>513</sup>

Peixoto deixou claro, na narrativa de suas memórias, que o evento lhe atingiu consideravelmente, mas que ele conduziu os acertos de forma diplomática. Afirmou que diante do constrangimento de J. J. Seabra e da sua insistência para que Oswaldo Cruz o aceitasse, ele tomou a atitude de retirar a responsabilidade do acontecido tanto de um quanto de outro. “À noitinha - narrou Afrânio Peixoto - fui até à Saúde, esperar o Ministro para dizer-lhe: – Não me fizesse, pelo amor de Deus, o agravo de me impor a quem não me queria...”<sup>514</sup>.

A recusa de Oswaldo Cruz em aceitar Afrânio Peixoto para seu secretário repercutiu por um longo tempo nas memórias de Peixoto. Embora ele tenha feito um relativo esforço em comprovar que não guardara nenhum rancor é possível identificar certa ironia nos relatos.

---

<sup>508</sup> Ibid., p. 46.

<sup>509</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>510</sup> Id.

<sup>511</sup> Id.

<sup>512</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>513</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 36.

<sup>514</sup> Id.

Peixoto descreveu que logo após o ocorrido, e tão logo Oswaldo Cruz assumiu o Departamento de Saúde Pública do Distrito Federal, “para se desculpar”, ele lhe ofereceu a direção do Hospital de Jurujuba<sup>515</sup>. Ao que parecia uma generosidade de Oswaldo Cruz, Peixoto acrescentou, em tom irônico, que “tratava-se de um Hospital onde se recolhiam os pestosos”<sup>516</sup>. Ele recusou. “Não tinha capacidade clínica para exercer o cargo”<sup>517</sup>. Não só recusou como anunciou que estaria saindo do seu lugar de médico da saúde pública. Diante dessa atitude, inesperada e um tanto quanto passional, Seabra invocou conhecidos do médico para demovê-lo da decisão. Como resposta Peixoto declarou que:

Invocaram a Paula Guimarães, para obter de mim, pelo menos a decisão de conservar esse lugar [o de médico da saúde pública] único que tinha no Rio de Janeiro. A este amigo lembra-me que respondi à sua pergunta *ultimatum*: – Mas então, que vai Você fazer? Sem hesitar respondi: – O Acre está por povoar.<sup>518</sup>

Sem titubear, Peixoto declarou que abandonou o posto, alegando que não poderia submeter-se a chefia de Oswaldo Cruz, que não queria “exercer funções de seu dependente” e que, ainda, não “guardava ressentimento de subordinado infeliz”.<sup>519</sup> Em tom de façanha, Peixoto declarou que ficara sem nenhum emprego no Rio de Janeiro, “mas tão bem comigo e, sobretudo com o Dr Gonçalves Cruz, que continuamos o resto da vida enamorado um do outro, mantendo relações cerimoniais”.<sup>520</sup>

Após o incidente com Oswaldo Cruz, Peixoto afirmou que abandonara o seu posto de médico da saúde pública, cargo que havia conseguido para efetivar a mudança da província para a capital. Por estar “sem ocupação no Rio de Janeiro” o médico aproximou-se de Juliano Moreira que, naquele momento, conduzia a reestruturação do Hospital Nacional de Alienados (HNA). O projeto de reestruturação do hospital era pretencioso e, segundo o pensamento reformista da época, imprescindível para dar legitimidade ao regime republicano que apregoava os novos tempos.<sup>521</sup>

Renata Prudêncio da Silva afirmou que as reformas no HNA faziam parte de um projeto maior de saneamento, levado a cabo nos primeiros anos do século XX, principalmente

---

<sup>515</sup> Ibid., p. 37.

<sup>516</sup> Id.

<sup>517</sup> Id.

<sup>518</sup> Id.

<sup>519</sup> Ibid., p. 38.

<sup>520</sup> Ibid., p. 37.

<sup>521</sup> CASTRO SANTOS, Luiz A. de. O Pensamento Sanitarista na Primeira República: Uma Ideologia de Construção da Nacionalidade. **Dados**, vol. 28, nº 2, p. 193-210, 1985; AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho (Org.). **Loucos pela vida**: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz. 1995; ENGEL, Magali Gouveia. **Os delírios da razão**: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930) Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.



na capital federal. Segundo a autora, o ministro J. J. Seabra, justificava a iniciativa alegando em um relatório escrito em 1903 que “desde sua inauguração em 1852, poucas alterações havia sofrido, tanto na parte física/estrutural quanto científica/teórica<sup>522</sup>. Fazendo jus, portanto, aos anseios civilizatórios, o HNA era o exemplo da nossa incúria em relação aos alienados. A “casa dos loucos”, como era comumente conhecida e como o próprio Afrânio Peixoto referiu-se ao lugar em algumas passagens, deveria ser completamente repensada e entrar em consonâncias com os modernos métodos científicos de repouso, de tratamento e de cura da alienação.

Segundo o mesmo relatório, elaborado pelo Ministro J. J. Seabra em 1903 e dirigido ao presidente da República, a instituição estaria mergulhada em profunda decadência moral e material, tornando-se premente reformas que trouxessem “assistência aos insanos ao nível que alcança nas nações cultas”<sup>523</sup>. As reformas no hospício eram clamadas como obras de humanidade e de civilização e parece que foi esse o impacto que causou no imaginário social da época. Era fundamental manter a saúde da população, por meio de reformas sanitárias e do combate às epidemias, mas também era imprescindível preocupar-se com o destino dos indivíduos marcados pela desordem mental.

Foi, portanto, a partir da ideia de civilização, de modernidade e de ressignificação da imagem do Brasil frente aos nacionais e, principalmente, frente ao estrangeiro, que as reformas no HNA foram conduzidas. Atreladas a estas ideias, Afrânio Peixoto e Juliano Moreira dedicaram-se intensamente na constituição o HNA como uma instituição não apenas de cuidados e tratamentos, mas de produção de saber. A dedicação dos principais estudos teóricos do campo da psiquiatria, conduzidos por pensadores europeus juntamente com a análise e observação dos pacientes brasileiros, produziram a ressignificação daqueles saberes, à luz da realidade nacional.

Nos anos em que atuou no HNA vemos emergir na produção intelectual de Afrânio Peixoto a propagação de saberes diferentes daquele com que o médico estava dialogando enquanto era estudante ou assistente da FMBA. A aproximação de Peixoto com Juliano Moreira proporcionou ao primeiro a ampliação do diálogo para as questões da psiquiatria, bem como com uma nova perspectiva de interpretação da raça e das relações com a degenerescência, distanciando-se dos estudos de Cesare Lombroso, defendido por Nina

---

<sup>522</sup> SILVA, Renata Prudência da. Op. Cit., p. 183.

<sup>523</sup> SEABRA, Joaquim José. **Relatório da Comissão de Inquérito sobre as condições da Assistência a Alienados no Hospício Nacional e Colônias da Ilha do Governador**. Disponível em <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1887/000443.html>> Último acesso em 20/03/2015.

Rodrigues, e aproximando-se de uma perspectiva que tornasse possível a realidade nacional, a partir de seus próprios termos.

Arelado ao desenvolvimento de sólidos estudos teóricos no campo da psiquiatria médica, ciência em processo de formação e legitimação no campo médico brasileiro daquele momento, Moreira e Peixoto dedicaram-se a alterar a filiação do pensamento psiquiátrico do alienismo francês, de base moral, para a perspectiva da racionalidade médica do alemão Emil Kraepelin. Segundo Vera Portocarrero, a abordagem puramente organicista que caracterizou a psiquiatria do século XIX, baseada no argumento da degenerescência fisiológica, “é logo vista como insuficiente para a compreensão da racionalidade da loucura, do mesmo modo como foram as definições morais.”<sup>524</sup>

Segundo a autora, ao posicionar-se em outra frente para o estabelecimento da psiquiatria no Brasil, Juliano Moreira demonstrou que abandonava os preceitos adotados no século XIX (da loucura com base nos julgamentos morais) e alçava seus estudos para os caracteres psicológicos da loucura, transitando de um conhecimento passado para o que havia de mais atual nos estudos psiquiátricos.

Em um de seus primeiros artigos, publicados a partir da sua atuação no HNA, enquanto questionava a doutrina da degeneração, apresentada por Morel<sup>525</sup>, Peixoto alegou que aquele pensamento teria encontrado vasta aceitação e, por vezes, “irrefletida” entre a comunidade médica brasileira. O médico atribuía essa submissão ao fato de que era mais fácil imitar do que construir pensamentos próprios, ou em suas palavras “é mais fácil pensar com os outros do que observar consigo mesmo”.

Enquanto atuou no HNA Afrânio Peixoto publicou mais de dez estudos referentes ao conhecimento psiquiátrico, a medicina legal e a higiene, relacionando as perspectivas teóricas

---

<sup>524</sup> PORTOCARRERO, Vera. **Arquivos da Loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p.. 65.

<sup>525</sup> A perspectiva da degeneração ou degenerescência tornou-se popular nos meios médicos e científicos em finais do século XX e ainda era consideravelmente utilizada no início do XX em especial entre os psiquiatras franceses e italianos. Esta teoria foi sistematizada por Benedict Augustin Morel (1809-1873), no Tratado das degenerescências, de 1857. Segundo o cientista, a degenerescência se definia como desvio de um tipo primitivo perfeito, transmissível hereditariamente. Depois de 1870, Valentin Magnan (1835-1916) redefiniu a degenerescência à luz do evolucionismo, considerando-a um estado patológico, em que o desequilíbrio físico e mental do indivíduo degenerado interromperia o progresso natural da espécie; certos tipos específicos de loucura estariam associados à degenerescência - todo degenerado seria um desequilibrado mental, mas nem todo louco seria degenerado. A degenerescência poderia ser herdada ou adquirida e se manifestaria em sinais físicos, intelectuais e/ou comportamentais, chamados estigmas. Ver: BERCHERIE, Paul. **Os Fundamentos da Clínica: História e Estrutura do Saber Psiquiátrico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989; ODA, Ana Maria Galdini Raimundo e DALGALARRONDO, Paulo. A paranoia, segundo Juliano Moreira e Afrânio Peixoto. **Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental**. vol. IV, n. 2, São Paulo, Abr/Jun, 2001, p. 125-133.

com as observações experimentais.<sup>526</sup> A maioria destes trabalhos tornaram-se relatórios de apresentações em congressos médicos, que constituíam uma privilegiada ferramenta de circulação de saberes entre os países. Nestes congressos Peixoto apresentou três trabalhos provenientes de seus estudos e observações realizados no HNA.

O primeiro deles foi apresentado em Buenos Aires, no ano de 1904. Trata-se do “2º. Congresso Médico Latino-americano” organizado em 1903 e que aconteceu em 1904 na capital da Argentina. Neste evento, Afrânio Peixoto participou tanto como apresentador de dois relatórios quanto como membro organizador do congresso. Na ocasião o médico atuou na qualidade de secretário da “Comissão Central Brasileira”, que teve como presidente João Batista de Lacerda e como vogal Antônio Augusto de Azevedo Sodré, João Batista de Azevedo Lima e Carlos Arthur Moncorvo Filho. Todos esses nomes estavam engajados no projeto de reforma da saúde pública do governo e desenvolviam suas atuações em diferentes frentes, conforme demonstrou o relatório apresentado pelo ministro J. J. Seabra, já citado.

Afrânio Peixoto foi com a incumbência oficial de dar contas dos processos conduzidos pelo governo no tratamento dos alienados. Na ocasião, Peixoto apresentou dois trabalhos intitulados “Defesa Social contra o alcoolismo no Brasil” (1904) e “Defesa Social contra a tuberculose no Brasil” (1904).<sup>527</sup> Posteriormente o conteúdo destes artigos foi publicado em uma edição da revista *Brazil Médico*, importante periódico do período. Os dois artigos tinham em comum a tentativa de chamar a atenção para a relação indissociável entre os agentes de saúde e os agentes estatais. A saúde da população estava indissociada da atuação dos agentes do estado. Tanto o alcoolismo quanto a tuberculose eram tratados no HNA porque, segundo se defendia na época, as consequências daquelas doenças repercutiam na saúde mental do indivíduo, apregoava o conhecimento científico da época.

Enquanto instituição asilar, o HNA preocupava-se em separar da população geral os indivíduos que representassem perigos sociais mais significativos, tanto de contágio quanto de desestruturação da ordem. A ocorrência do alcoolismo e da tuberculose eram vistas como um

---

<sup>526</sup> Segundo o quadro descrito por Renata Prudêncio da Silva, entre os anos de 1903 até por volta de 1906, enquanto atuou no HNA, Peixoto publicou as seguintes produções: “Epilepsia”; “A paranoia e as síndromes paranoides”; “A loucura maníaco-depressiva”; “Novos Ensaio sobre o tratamento de Bechtereff na epilepsia”; “Tratamento da Epilepsia: Método de Bechterew” no ano de 1904 e “Grandes Syndromes mentaes: A depressão, a agitação e confusão”; “Classificação das moléstias mentaes do professor Emil Kraepelin”, “Relatório apresentado ao Exmo Sr. Dr. J. J. Seabra sobre a reestruturação do Hospital Nacional de Alienados”; “La folie maniaque-depressive” no ano de 1906 e “Les maladies mentales dans les climats tropicaux,” “La paranoia légitime: son origine et nature” em 1906. Os artigos foram publicados em revistas médicas brasileiras e internacionais, bem como anais de congressos médicos. (SILVA, Renata Prudêncio da. Op. Cit., p. 188).

<sup>527</sup> PEIXOTO, Afrânio. Defesa social contra a tuberculose. *Brazil Médico*. Ano XVII, no. 34, 8 de setembro de 1904, p. 345-347.

sério perigo para as pretensões de uma população saudável, além dos elevados custos que a existência de alcoólatras e tuberculosos acarretava para os cofres públicos.<sup>528</sup>

Segundo a apresentação realizada no congresso, sobre os problemas causados pelo álcool, o médico afirmou que dissertaria sobre a “loucura alcoólica” e apresentou dados estatísticos para comprovar o perigo eminente que o uso da substância causava na população. Segundo seus estudos “em 10 anos de observação, de 1893 a 1902, entre 6.780 loucos de todo o gênero que passaram pelo Hospital Nacional de Alienados, 1.925 eram loucos alcoólicos, o que assignala 28% da totalidade”.<sup>529</sup> Em seguida Peixoto demonstrou que, dentre os 400 casos de loucura que estavam sob seus cuidados naquele momento, a loucura alcoólica também representava 28%, ou seja, o maior percentual na distribuição das outras manifestações da enfermidade.<sup>530</sup> O médico finalizou com o clamor de que o Brasil necessitava elaborar, de maneira urgente, medidas antialcoólicas, se intentasse “usufruir a tão sonhada civilização”<sup>531</sup>. Para ele, a medida mais eficaz naquele momento, e que manteria resultados efetivos para os próximos anos, era o investimento na educação- “como a maior arma de combate contra o alcoolismo, porque a convicção vinda do conhecimento é a única base da hygiene social”.<sup>532</sup> Segundo quis demonstrar, a educação preventiva já estava sendo aplicada em diversos países, desde a escola, nas oficinas e que “tudo neste particular está por se fazer entre nós: aprendemos, por enquanto, humanidades poeirentas e sciencias ociosas em vez de utilidades immediatas”.<sup>533</sup>

A grande preocupação de Afrânio Peixoto era a de que os efeitos do álcool não paravam no indivíduo acometido pela doença, mas geravam consequências sociais graves: estendiam-se para os espaços sociais, desestruturando a ordem, provocando violências, destruindo famílias e, o mais pernicioso estendia-se pela hereditariedade, à espécie, num processo que poderia provocar “uma geração de loucos, degenerados, aleijados e

---

<sup>528</sup> NASCIMENTO, Dilene Raimundo. **Fundação Atauilho de Paiva**. Liga Brasileira contra a Tuberculose: um século de luta. Rio de Janeiro: Quadratim/Faperj, 2001.

PEIXOTO, Afrânio. Defesa social contra o Alcoolismo no Brazil. Relatório apresentado no Segundo Congresso Medico Latino-Americano, Buenos Aires, abril de 1904. **Brazil-Médico**, Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, anno XVIII, n.35, p.355-57, 15 set. 1904, p. 355.

<sup>530</sup> As outras referências da loucura eram: demência precoce; epilepsia; loucura maníaca depressiva; degeneração inferior; demência terminal; idiotia; paralyisia geral; syphilis cerebral; imbecilidade; debilidade mental; demência senil; paranoia. Enquanto que a loucura alcoólica atingiu um percentual de 28%, as outras manifestações ficaram abaixo de 13%. (Id).

<sup>531</sup> Ibid, p. 354.

<sup>532</sup> Ibid., p 357.

<sup>533</sup> Id.

incapazes”.<sup>534</sup> A apresentação do artigo enfatizava a urgência com que os governos deveriam acudir a estes males sociais.

A escolha do tema de pesquisa não foi aleatória, mas retirada de um dos debates mais prementes da capital federal daquele início de século. Como demonstrou o historiador Sidney Chalhoub, a condenação ao alcoolismo estava diretamente ligada aos ideais de branqueamento social, de emergência dos conhecimentos médicos e da implantação de uma moral burguesa para os trabalhadores negros, pobres e marginalizados do Rio de Janeiro daquele contexto.<sup>535</sup> O que vemos apontar no artigo de Afrânio Peixoto era a legitimidade do médico para inferir sobre assuntos de ordem social. O discurso de criminalização do consumo de álcool foi crescendo consideravelmente nos primeiros anos do século XX. Quanto mais crescia a autoridade médica no seio dos debates políticos e jurídicos, mais forte tornava-se os brados que condenavam os males do alcoolismo.<sup>536</sup>

Com a ascensão dos conhecimentos médicos no âmbito da higiene, a condenação do alcoolismo e da tuberculose tornou-se ainda mais ferrenha. Tratava-se, segundo a perspectiva dessa especialidade médica, de males evitáveis por meio de instrução, educação e difusão de conhecimentos higiênicos. A estratégia educacional tornou-se a ferramenta mais eficaz, segundo os defensores da higiene, de barrar esse tipo de mal social. Afrânio Peixoto, atrelado aos saberes médicos higiênicos do período, passou a defender a educação como o investimento primordial para a reparação dos impactos causados pelo alcoolismo e pela tuberculose.

Na participação de Peixoto no 2º. Congresso Latino-Americano essa premissa ficou clara e pode ser identificadas nos trabalhos do médico, apresentados naquela ocasião. Peixoto

---

<sup>534</sup> Id.

<sup>535</sup> CHALHOUB, Sidney. **Trabalho**, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. Campinas, Ed. Da Unicamp, 2008.

<sup>536</sup> Segundo o pesquisador Fernando Sérgio Dumas dos Santos, o grande alvo das propostas antialcoólicas no início de século foi, realmente, a população pobre. A vinculação estreita entre miséria social e alcoolização dominava o pensamento de todos os setores, inclusive das classes trabalhadoras que, apesar de não abdicarem do botequim como espaço de lazer, agiam de forma a legitimar a condenação do hábito e do espaço, incorporando ao senso comum as noções burguesas a respeito da questão. Alguns setores dirigentes empenhados nas campanhas antialcoólicas, porém, não propunham nenhum tipo de atuação específica contra as classes populares. Ao contrário, Belisário Penna, em conferência realizada a convite da recém-criada Liga Nacional contra o Alcoolismo, em 27 de junho de 1921, afirmou que o vício alcoólico ocorre, também, "entre os dirigentes, os poderosos e os ricos" e "entre as classes intermediárias", resultando, no primeiro caso, "na dissolução de costumes, no fausto, na luxúria, no egoísmo, na violência, na extorsão, no egotismo"; nas classes médias, o autor identifica que o consumo de bebidas alcoólicas "resulta na subserviência, na bajulação, no servilismo, no latrocínio, na fraude, na falsificação e na burla". (SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. Alcoolismo: Algumas Reflexões acerca do Imaginário de uma Doença. **Physis**- Revista de Saúde Coletiva. Vol. 3, Número2, 1993, p. 81-82).

voltou-se para os conhecimentos higiênicos, tanto como uma ampliação da atuação do médico no seio da população quanto como uma ferramenta de intervenção pública, por meio da educação. Tanto a defesa social contra a tuberculose quanto à defesa social contra o alcoolismo tinha como linha de frente a utilização dos conhecimentos higiênicos atrelados à ferramenta didático-educativa e aos mecanismos de atuação do poder público. Segundo o médico, era fundamental propagar “licções hygienicas, em vez de dissertações eruditas” ou, ainda “antes da criação dos sanatórios precisaria primeiro dos Bismarks, que imporiam ao nosso proletário essa reforma social”.<sup>537</sup>

Segundo essa perspectiva, a higiene era constituída como um dispositivo apto a intervir e a transformar tanto o contexto social quanto a realidade individual. Neste sentido, sociedade e indivíduo eram tomados como objetos imbricados de tal forma que o cuidado de um constituía a defesa do outro. Foi a partir desta lógica que Peixoto posicionou-se ao partilhar com seus pares, no referido congresso, seus estudos, experimentos e análises de dois males sociais que o afligiam o país naquele momento: a tuberculose e o alcoolismo. Guardadas as devidas diferenças, em relação a um tema e ao outro, uma coisa era comum aos dois: o problema social e a necessidade da educação higiênica.

No artigo sobre a tuberculose o médico começou afirmando que nenhum indivíduo nascia tuberculoso, contudo certas condições sociais promoveriam a doença. A afirmativa esclarecia um antigo preconceito médico de que a tuberculose fosse hereditária.<sup>538</sup> Demonstrando a evolução das pesquisas naquela área e o quanto os médicos brasileiros estavam partilhando das produções atuais no âmbito da medicina, Peixoto chamava a atenção para as intervenções nos espaços sociais como passíveis de erradicar a doença. Não sendo hereditária ela era evitável. Caberia, então, às intervenções médicas evitar que o homem não adquirisse a doença. Para levar a cabo essa empresa de prevenção, era imprescindível a junção entre o conhecimento médico, a educação e a atuação dos órgãos públicos.

Aos médicos, Peixoto recomendava transformar os textos científicos em textos didáticos, de fácil entendimento, o que propagaria a produção de manuais de aplicação prática

---

<sup>537</sup> PEIXOTO, Afrânio. Defesa social contra a tuberculose. Relatório apresentado no Segundo Congresso Medico Latino-Americano, Buenos Aires, abril 1904. In: \_\_\_\_ **Brazil-Médico**, Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, anno XVIII, n.34, p.345-47, 8 set. 1904. p. 346.

<sup>538</sup> Em outro artigo publicado na mesma época, Peixoto esclareceu esse ponto afirmando que (...) “Não há muito tempo todas as doenças eram hereditárias: para tomar uma só delas, a tuberculose, vimo-la sofrer sucessivas interpretações etiológicas: primeiro herdava-se a tuberculose, depois falou-se na heredituberculose tardia, mais tarde na predisposição... . Agora, Berend demonstrou-o, filhos de héticos até, ninguém traz originariamente a semente de Koch e só mais tarde, nós todos, na vida, vamos ficando mais ou menos tuberculosos.” (PEIXOTO, Afrânio. Defesa social contra a tuberculose. Relatório apresentado no Segundo Congresso Medico Latino-Americano, Buenos Aires, abril 1904. In: \_\_\_\_ **Brazil-Médico**, Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, anno XVIII, n.34, p.345-47, 8 set. 1904.)

e inteligível, que poderiam ser distribuídos em escolas, liceus e faculdades. Atrelado ao poder público, o médico chegou a propor que algumas disciplinas fossem dispensadas para que, em seu lugar, entrassem aulas de higiene, de cuidados básicos<sup>539</sup>. A argumentação de Afrânio Peixoto se dava, segundo Renata Prudêncio da Silva, “em uma via dupla, entre a organização da aparelhagem do Estado e a constituição de sua população saudável e civilizada, considerado por ele como processos interdependentes”.<sup>540</sup>

A atuação no HNA estava fornecendo ao médico uma visão prática das agruras que acometiam os brasileiros. Nos parece que esse trabalho proporcionou ao médico uma análise apurada da ausência de interferências públicas na vida prática da população. A maioria dos casos recolhidos no hospício era de incúria pública. Tratava-se do resultado da inexistência de uma educação bem conduzida, que ensinasse critérios básicos de higiene em todas as suas competências. Isso incomodou sobremaneira o médico. Além de apresentar uma realidade brasileira em que o futuro estaria comprometido, havia os itens de solução imediata. Se os casos continuassem a ocorrer naquela proporção, “não haveria asilo para todos”<sup>541</sup>, declarou Peixoto. A capital federal demonstrava estar assolada pela doença e pela falta de educação e cultura. Os males do Brasil estavam por todas as partes.

Dos trabalhos realizados por Peixoto, a partir da atuação no HNA, um dos mais importantes, senão o mais importante, foi feito em parceria com Juliano Moreira e apresentado por ocasião do “XV Congrès International de Médecine”, realizado na cidade de Lisboa em abril de 1906. Esse evento foi marcante em dois sentidos. Primeiro porque proporcionou a Peixoto a sua primeira viagem à Europa e, ainda, garantiu ao médico uma das defesas mais significativas de sua trajetória intelectual: a defesa da viabilidade nacional e a reinterpretção das doutrinas deterministas tão propagadas no velho mundo. Foram as primeiras análises que contradiziam o conhecimento europeu e apresentavam novas

---

<sup>539</sup> Neste artigo Afrânio Peixoto propôs que a educação higiênica acontecesse em todos os níveis de ensino, desde a escola primária em que o professor “além do pão do espírito” deveria fornecer aos seus alunos, por meio do exemplo e da prática, as “vantagens do asseio, acostumando-os a serem limpos, a tossirem convenientemente, a servirem-se do lenço e do escarrador, a se alimentarem, recrearem, trabalharem, dormirem convenientemente para conservação da saúde”. Também propunha a educação higiênica para as classes mais adiantadas, na escola secundária, no liceu, em ginásios e internatos propondo este ensino no lugar de “declinações latinas mofadas, algumas datas de batalhas sem interesse, umas especiarias em ciências sem préstimo”. Em relação ao alcoolismo, a proposta de Peixoto, levada a cabo em uma obra de 1912, era também bastante didática. Propunha, a partir de desenhos, demonstrar para os educandos as implicações nocivas do uso do álcool. Estes desenhos representavam famílias sendo destruídas pelo pai bêbado; bêbados caídos em sarjetas; bêbados abandonados no pátio de manicômios, bêbados sendo conduzidos à prisão. Além disso, por meio de dados e estatísticas demonstrar o número de doentes mentais provocados pelo uso do entorpecente. (PEIXOTO, Afrânio. Defesa social contra a tuberculose. **Brazil Médico**, Rio de Janeiro, 1904, p. 346; \_\_\_\_\_. **Defesa social contra o alcoolismo**. Revista Brazil Médico, Rio de Janeiro, 1904).

<sup>540</sup> SILVA, Renata Prudêncio da. Op. Cit., p. 116

<sup>541</sup> PEIXOTO, Afrânio; MOREIRA, Juliano. Defesa social contra ..., p. 346.

perspectivas científicas para a abordagem do clima e da raça. No evento, Afrânio Peixoto apresentou dois artigos em colaboração com Juliano Moreira. Um deles recebeu o título de “La paranoia légitime: son origine et nature” (1906)<sup>542</sup> e o outro foi “Les maladies mentales dans les climats tropicaux” (1906).<sup>543</sup>

No primeiro artigo, cujo tema era a paranoia, os médicos brasileiros iniciaram demonstrando um vasto conhecimento sobre as doutrinas propagadas nos centros de estudos e pesquisa da Europa, a partir de inúmeras referências a nomes consagrados pela medicina daquele momento. Dissertaram sobre os nomes importantes para as abordagens psiquiátricas e alertaram que as posições tomadas por eles eram distintas daquelas que tornaram-se unânimes na condução dos estudos até aquele momento. Os jovens médicos brasileiros pretendiam deixar claro, frente ao corpo médico europeu presente em peso no congresso, que seus posicionamentos eram inovadores e representavam a maneira como aqueles estudos estavam sendo conduzidos e experimentados no Brasil.

Embora o debate principal fosse sobre a definição e a manifestação da paranoia e das síndromes paranoides, diversos parágrafos do artigo são ocupados por críticas ao conhecimento enraizado, definido e terminado que tanto orgulhava os europeus. Neste sentido, as primeiras páginas do artigo foram dedicadas a criticar a proliferação de ideias “mal formadas”, “concluídas apressadamente” que proliferavam aos quatro cantos do mundo.<sup>544</sup>

Afrânio Peixoto e Juliano Moreira se posicionaram contra ideias consagradas no campo médico europeu, tais como a teoria da degenerescência de Benedict-Augustin Morel (1809-1873), que buscava encontrar a unidade entre o quadro clínico, a evolução e a causa biológica da loucura, diferenciando as "causas ocasionais" e as "causas determinantes" de

---

<sup>542</sup> A primeira versão do documento foi publicada em PEIXOTO, Afrânio e MOREIRA, Juliano. La Paranoia Legitime, son origine et nature. **Rapport au XV Congrès International de Médecine**. Lisbonne, 1906. Tão logo retornaram ao Brasil, os médicos reproduziram o documento em uma publicação da Revista Brasil Médicos. PEIXOTO, Afrânio e MOREIRA, Juliano. A paranoia e as síndromes paranoides. **Arquivos Brasileiros de Psiquiatria**, Neurologia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, n.1, 1906, p.5-33. Para as citações deste estudo foi utilizada a versão da fonte publicada pela Revista História, Ciência e Saúde, para facilitar o acesso do leitor ao documento. PEIXOTO, Afrânio e MOREIRA, Juliano. A Paranoia e as Síndromes Paranoídes. **História**, Ciências e Saúde. Sessão Fontes, Vol. 17, supl. 2, Rio de Janeiro, dezembro de 2010, p. 539-561.

<sup>543</sup> Este artigo foi publicado em: PEIXOTO, Afrânio. MOREIRA, Juliano Les maladies mentales dans les climats tropicaux. **Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins** Ano II,n.3, p. 222-241,setembrode 1906. Posteriormente em: PEIXOTO, Afrânio e MOREIRA, Juliano. Climat et Maladies du Brésil. **Annales d'hygiene publique et medecine legale**. Paris, 1908. Para a pesquisa foram utilizadas citações da publicação desta fonte feita pela Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. PEIXOTO, Afrânio e MOREIRA, Juliano. As doenças Mentais nos climas tropicais. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, Vol. VIII, n. 4, p. 794-811. São Paulo, Out/Dez. 2005.

<sup>544</sup> PEIXOTO, Afrânio e MOREIRA, Juliano. As doenças Mentais nos climas tropicais. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, Vol. VIII, n. 4, p. 794-811. São Paulo, Out/Dez. 2005.p. 795.



cada perturbação mental. Nesse contexto teórico a degenerescência hereditária constituiria a causa mais importante das doenças psiquiátricas e permitiria uma sistematização coerente e científica dos diagnósticos e classificações<sup>545</sup>. Segundo essa perspectiva, um fator biológico de natureza hereditária desempenharia um papel maior na etiologia dos transtornos mentais. Outros autores, ao longo da construção do conhecimento psiquiátrico, já haviam enfatizado o aspecto hereditário como prevalente nas manifestações da loucura mas, com Morel, o sentido de degenerescência atinge maior amplitude, repousando sobre a concepção de que a herança que se transmite através das gerações não se restringe ao plano biológico, mas incluem dimensões morais e de comportamentos – virtuosos ou viciados.

Assim, a hereditariedade representaria um fator determinante e uma camisa de força para o diagnóstico. Considerando o quadro brasileiro, a teoria da degeneração condenava qualquer possibilidade de emancipação do elemento nacional, condenados que estavam por caracterizar-se a partir da raça miscigenada. Diante de tais premissas, a perspectiva nacionalista de Afrânio Peixoto e Juliano Moreira apontava para a possibilidade de buscar outras teorias que proporcionassem fugir do quadro condenatório. A virulência com que se revestia a crítica dos médicos brasileiros frente aos seus pares europeus foi um bom exemplo do tom que assumiam certas polêmicas na época. Moreira e Peixoto criticaram não apenas a teoria de Morel, mas acusaram os médicos que partilhavam desta teoria. A acusação dirigia-se ao fato de que:

Os critérios da degenerescência em psiquiatria são três ou quatro estigmazinhos irrisórios (...) que são tomados com muita austeridade para esfumegar as suas consequências, permitindo de um lado supor degenerada toda a espécie humana, marcando-lhe, do outro, como destino inelutável, o hospital, o manicômio, a prisão, a esterilidade e a extinção, fazem crer que chegamos a um *finis hominis* irremediável.<sup>546</sup>

Em contraponto à teoria da degeneração de Morel, os médicos brasileiros se declararam seguidores do alemão Emil Kraepelin, para quem a paranoia não era uma manifestação de loucura degenerativa, mas tratava-se de um “pensar errado, pensar de viés”. Neste sentido, a supremacia não era para as manifestações biológicas, na maioria das vezes irreversíveis da loucura, mas dos seus aspectos sociais. Primeiramente, segundo os médicos, era fundamental definir e diferenciar as manifestações que até então se diagnosticava como

---

<sup>545</sup> PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Morel e a Degenerescência. **Revista Latino-americana de psicopatologia fundamental**. São Paulo, v. 11, n. 3, p. 490-496, setembro 2008, p. 492.

<sup>546</sup> PEIXOTO, Afrânio e MOREIRA, Juliano. A Paranoia e as Síndromes Paranoides. **História, Ciências e Saúde**. Sessão Fontes, Vol. 17, supl. 2, Rio de Janeiro, dezembro de 2010, p. 539-561. p. 540

paranoias. Fruto daquilo que eles chamaram de “babel psiquiátrica”, os diagnósticos apressados e mal feitos faziam com que os médicos diagnosticassem como loucura paranoica manifestações que, se bem examinadas, teriam outros nomes.

O mais relevante deste estudo nos parece ser a conclusão dos médicos. Segundo eles, os aspectos sociais seriam indissociáveis para a emissão do diagnóstico da moléstia: alguns indivíduos paranoicos não se tornavam incompatíveis com os ambientes sociais no qual viviam, enquanto que uma pequena minoria era apontada como doente. A caracterização da doença estaria, desta maneira, atrelada aos conceitos sociais e a convivência no seio dos grupos. Os doentes diagnosticados com loucuras paranoicas eram aqueles que se tornavam incompatíveis com os preceitos sociais estabelecidos e isso variava, conforme os grupos sociais. Um diagnóstico preciso, moderno e apurado não poderia se eximir destas análises. Considerar tudo fruto da degeneração biológica era incompatível com os novos tempos.<sup>547</sup>

Mesmo tendo como foco o debate sobre a paranoia, Moreira e Peixoto fizeram questão de criticar os diagnósticos de “homens degenerados” atribuídos pelo pensamento europeu, particularmente a partir dos determinismos raciais, de que o brasileiro seria um indivíduo degenerado e, em última instância, inviável do ponto de vista científico. O tom era acusatório e manteve-se desta maneira por toda a introdução do texto, que criticou de forma ferrenha a ideia de degeneração, de atavismo e de hereditariedade aos moldes do determinismo racial europeu. Por outro lado, não negaram a existência da degeneração, postura impossível dentro do campo científico daquele momento, mas relativizaram suas consequências. Segundo os autores, a degeneração “existe, ela é profunda, a ela se deve grande parte das nossas misérias. Mas não é menos verdade que muito se tem abusado de sua fama, exagerando capitalmente a sua ação”<sup>548</sup>. Embora, na segunda parte do artigo, os autores desenvolvam a ideia central do texto com mais profundidade, o que apareceu com destaque foi a postura de defesa nacional.

A presença em um Congresso Internacional parecia, aos jovens médicos brasileiros, uma oportunidade valiosa para começar a desconstrução dos diagnósticos negativos lançados ao Brasil e iniciar, efetivamente, o projeto de formação e legitimação da intelectualidade nacional, ao mesmo tempo em que produziam conhecimentos singulares sobre o Brasil. O argumento utilizado pelos pesquisadores, para criticar Morel e seus seguidores, foi o de condenar os determinismos, enfatizando que tratava-se de uma ciência obsoleta, marcada por preconceitos de viajantes, e demonstrar a construção dos novos saberes como atrelados ao que

---

<sup>547</sup> Id.

<sup>548</sup> Id.

havia de mais moderno nas ciências: a junção entre a teoria e a prática ou seja, a releitura das teorias frente as realidades nacionais.<sup>549</sup>

Após debater sobre as incongruências de conceitos como degeneração, atavismo e hereditariedade para explicar a paranoia, os autores encaminharam os estudos para a conclusão de dois aspectos fundamentais: um referente às raças e outro ao meio. A paranoia seria uma moléstia mental proveniente do meio e não da raça ou da hereditariedade. Não haveria nenhuma raça que tivesse “propensão natural” para desenvolver a loucura paranoica e muito menos algo que comprovasse que a herdávamos de nossos pais ou avós. O que produziria a paranoia seria a nossa incapacidade social de educar os indivíduos.<sup>550</sup>

Segundo os médicos, a própria ideia de indivíduo degenerado era ultrapassada, pois “diante da degeneração do indivíduo, haveria a obra de regeneração da espécie, esta suprimindo ou corrigindo aquele”.<sup>551</sup> E, a regeneração da espécie se daria por meio de um forte empreendimento em educação. A maneira como seríamos educados definiria se desenvolveríamos a loucura paranoica ou não. Segundo os autores:

Nos esquecemos por completo do meio em que vivemos uma vida inteira de combate e reacções incessantes, para tudo atribuir a causas metaphysicas da biologia, ainda sem provas. Trata-se de um conhecimento absurdo explicar, a partir do atavismo, desde o crime até a loucura. Parece-nos claro que cada criança que nasce é socialmente comparável ao primeiro homem; o Eu lhe vem hypertrophiado, e a julgar pela ampliação possível, sem as restricções modificadoras, cada um seria comparável a um louco ou a um criminoso; é a educação, a disciplina, a cultura que as submettem, modificam, adaptam, dando-lhes por fim essa identidade ethica que é apenas o aspecto moral daquela identidade social de que fala Tarde.<sup>552</sup>

Segundo os médicos, a adaptação do indivíduo à sociedade se daria não por um fator de hereditariedade, mas sim por meio da sociabilização promovida pela educação, processo que se imiscui com a própria possibilidade civilizatória:

É pura ilusão supor que sejamos todos moldados por herança à vida das sociedades. Este contrato tácito faz-se através dos primeiros anos com a convivência, a lição, a experiência; vem sem violência, porque vem desde o começo, pelo próprio fato de viver no meio civil. Evolução, civilização, educação são equivalências correspondentes à espécie, raça, indivíduo; exista a espécie, diferencie-se a raça, reúnam-se os indivíduos em sociedade, e pela própria força que os anima estes destinos se cumprirão. Assim para frente: para trás a observação é idêntica. *Tenhamos, pois, a boa fé de procurar em nós principalmente no meio que vivemos as causas de nossos males.*<sup>553</sup>

---

<sup>549</sup> Id.

<sup>550</sup> Ibid., p. 541.

<sup>551</sup> Ibid., p. 540.

<sup>552</sup> Ibid., p. 541.

<sup>553</sup> Ibid., p. 542, Sem grifo no original.

A exposição dos médicos brasileiros estava carregada de novas possibilidades. Se ficasse comprovado, por meio do rigor do método científico, que os nossos males eram de origens sociais e não raciais ou geográficas, a obra de emancipação do Brasil poderia ser levada a cabo, frente aos olhos europeus. Desconstruindo as teorias de degeneração racial e de impossibilidade de vida nos trópicos, Moreira e Peixoto abriam espaço para a construção de uma nação viável, aos moldes das sociedades modernas. O que nos faltava não era uma pureza racial ou um clima temperado. O que nos faltava era transformar o meio e os indivíduos a partir da regeneração produzida pela educação e pela ciência, neste caso a higiene.<sup>554</sup>

Do ponto de vista dos europeus talvez essa verve extremamente nacionalista não tenha sido compreendida em sua totalidade. Pensando unicamente na ideia da loucura paranoica e não percebendo a defesa nacional adjacente à essa perspectiva, o médico português Júlio de Mattos considerou absurda a ideia de que deveríamos ao processo educativo, empreendido por nossos pais e professores, o fato de não nos tornarmos indivíduos paranoicos.<sup>555</sup> O que Júlio de Mattos estava pensando era o processo que geraria uma moléstia mental, enquanto que o posicionamento de Moreira e Peixoto referia-se a uma crítica à ideia de degeneração da raça, tão constantemente aplicados ao Brasil.<sup>556</sup>

Segundo Renata Prudêncio da Silva, além de Júlio de Mattos, o médico francês M. Plactet, alienista chefe do Asilo de Villejuif, parabenizava a distinção elaborada por Peixoto e Moreira entre a paranoia e as síndromes paranoides e afirmava que, na França, tal distinção já estava sendo feita<sup>557</sup>. Os posicionamentos gerados a partir da apresentação do artigo detiveram-se no conteúdo específico do estudo, não atentando para o aspecto da defesa da viabilidade nacional, intrínseca na postura dos médicos brasileiros. As críticas não

---

<sup>554</sup> Em um artigo de 1942, publicado em espanhol, Afrânio Peixoto retomou a ideia lançada no congresso médico de Lisboa e afirmou que “sobre la paranoia mantenemos correcta y aumentada, nuestra primitiva concepción. ‘Paranoia’ aun para nosotros ela la concepcion kraepelianiana, la que llamamos ‘legítima’. *Pero, corrigimos, em lo que respecta al origen meramente educativo*. Y aumentamos: de um lado hay los principios, los rudimentos paranoicos, normales ou iniciales de la vanidade, de la presunción, del complejo de inferioridade, produciéndose contrariados o no correspondidos por el ambiente, la lucha contra éste instalando-se uma paranoia delirante, megalómana que persige y es perseguida”. (PEIXOTO, **Paranoia**. São Paulo: Nacional, 1942, p. 119. [Grifo nosso].

<sup>555</sup> O posicionamento de Julio de Mattos diante da perspectiva da exposição dos médicos brasileiros foi analisada por Renata Prudêncio da Silva. (SILVA, Renada Prudêncio da. Op. Cit., p. 237).

<sup>556</sup> MATTOS, Júlio. XV Congrès International de Médecine. Lisbonne: Imprimerie Adolpho de Mendonça, 1906, p. 554. (Apud, SILVA, Renata Prudêncio da. Op. Cit., p. 237)

<sup>557</sup> PLACTET, M. Alienista-chefe do asilo de Villejuif. XV Congrès International de Médecine. Lisbonne. Imprimerie Adolpho de Mendonça, 1906. Apud: ANTUNES. Jose Leopoldo Ferreira. **Medicina, Leis e Moral**. Pensamento médico e comportamento no Brasil. (1870-1930) São Paulo: Unesp, 1999.

intimidaram os médicos que, naquele mesmo congresso, aproveitaram para apresentar outro artigo. O segundo estudo atacava essencialmente a questão mais delicada das críticas, a da viabilidade nacional a partir das teorias, argumentos e estratégias científicas. Trata-se do artigo já citado, “Les maladies mentales dans lês climats tropicaux”.

Este artigo ampliou sobremaneira a posição de Afrânio Peixoto frente às teorias negativas lançadas ao Brasil, no que diz respeito à constituição racial do brasileiro e da localização geográfica do país. As ideias iniciadas tiveram longa repercussão no pensamento de Afrânio Peixoto e definiram sua tomada de posição não apenas no campo científico, mas, sobretudo, no campo da atuação política.

As posturas iniciadas com o incidente com Oswaldo Cruz lançaram Afrânio Peixoto à busca por vias diretas para a elaboração de seus argumentos científicos. A importância adquirida pelo Instituto Oswaldo Cruz cresceu significativamente nas primeiras décadas do século XX. Os médicos daquela instituição tornaram-se os arautos da elaboração de um diagnóstico sobre a nação, ancorada na construção e difusão do pensamento científico. Embora Peixoto tenha tomado parte em algumas ligas e alguns movimentos lançados pelos médicos que estavam a frente daquele instituto, os diálogos e relações estabelecidos foram sempre formais e diplomáticos. Algumas das posturas, adotadas por Peixoto, demonstravam claramente a tentativa de diferenciar-se do que estava sendo difundido e propagado por Oswaldo Cruz e seus correligionários. Tal postura não resultava de antagonismos ou discordância de ideias, mas de divergências políticas.

### 3.2 O CLIMA TROPICAL, A “DOENÇA DOS SERTÕES” E A ELABORAÇÃO DE UM DIAGNÓSTICO SOBRE O BRASIL.

A imagem negativa, atribuída à mistura racial e à localização tropical do Brasil, perdurou por um longo período na comunidade médica e científica brasileira. Conforme descrevemos no capítulo dois, desde as impressões registradas por Gobineau, Agassiz ou Burckle que os estrangeiros elaboravam imagens de que as condições naturais do Brasil aliada a sua incontornável miscigenação racial resultariam na impossibilidade da constituição de um povo, de uma nação.

As primeiras demonstrações, por parte de Afrânio Peixoto, de que este pensamento o incomodava ou que o atingia nas intenções que pretendia inferir ao seu trabalho intelectual, se

deram a partir da elaboração dos dois artigos, em parceria com Juliano Moreira. Tanto no artigo que discutiu a paranoia quanto naquele em que o debate estendeu-se para as doenças mentais nos climas tropicais, o argumento que conduziu a escrita era o da defesa da viabilidade nacional.

Diante da comunidade médica estrangeira, as estratégias utilizadas pelos médicos brasileiros foram as de demonstrar que “as terras de clima tropical” estavam realizando seus próprios diagnósticos acerca da condição climática. Os estudos, conforme demonstraram, eram realizados a partir de pesquisas empíricas e experimentais, aliadas a teoria dos grandes pesquisadores do assunto.

Demonstrando que o Hospital Nacional de Alienados havia sido transformado em uma instituição capaz de gerar saberes, Peixoto e Moreira defenderam teses de que não haveria nenhuma doença própria de um clima. As doenças eram cosmopolitas. Tal assertiva resultava em duas perspectivas: a viabilidade de uma nação localizada nos trópicos e a desconstrução de antigos preconceitos, que manchavam a imagem do Brasil, diante das outras nações.

O combate aos preconceitos referentes ao clima tropical e a ressignificação da imagem da nação objetivavam, também, angariar imigrantes europeus, que tornaria possível mais um objetivo de uma parcela considerável daquela comunidade médica: o branqueamento da população mestiça. A entrada de imigrantes europeus, brancos e membros de um estágio civilizacional “superior” acarretaria, segundo o pensamento vigente, na depuração do sangue e da cultura nacional. Desconstruir preconceitos resultaria em proporcionar a entrada de imigrantes e tornar mais próximo o sonho da viabilidade nacional.

Neste sentido, Peixoto e Moreira detiveram-se, em longas passagens, no esforço de demonstrar que o calor tropical não possuía qualquer relação com as doenças mentais, com a chamada “loucura tropical”, conforme ideia recorrente entre a população europeia daquela época. O diagnóstico da loucura tropical, moléstia que, segundo acreditava-se, tinha por origem as alterações da temperatura corporal e que se manifestava tanto nos nativos quanto nos estrangeiros, tornou-se extremamente nociva em finais do século XIX e início do século XX.<sup>558</sup>

Foi na intenção de discutir este tema que Peixoto e Moreira escreveram o artigo sobre “As moléstias mentais e o clima tropical”. Os médicos iniciaram demonstrando que as concepções de que cada região da terra tinha uma característica mórbida tinha se tornado recorrente porque as regiões às quais atribuía-se estes diagnósticos não falavam de si mesmas.

---

<sup>558</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. Cit., p. 153.

Sem produzir conhecimentos e observações próprias, as regiões tropicais estavam propensas a serem definidas por estudos pouco aprofundados e, segundo afirmaram os médicos, “na maioria das vezes realizadas por médicos viajantes apressados”.<sup>559</sup>

Movimentando, portanto, os arsenais científicos de que dispunham e ancorados nos métodos empíricos requeridos para a condução e produção de novos saberes, os pesquisadores combateram, de forma veemente, a ideia de que haveria qualquer tipo de doença tipicamente climática. O que produziria as manifestações das doenças não era o condicionante climático, afirmavam os médicos, mas algumas “condições mais ou menos favoráveis” de propagação.<sup>560</sup> Por meio desta afirmativa, Moreira e Peixoto corroboravam com o conhecimento que atribuía ao meio mesológico as condições propícias para o aparecimento e para a propagação das doenças. Extinguindo-se as condições propícias, acabariam as possibilidades mórbidas. O que atacavam era a existência de doenças típicas de determinados climas ou de fatores geográficos, inferindo diretamente na perspectiva científica dos “trópicos insalubres”.<sup>561</sup>

Contrapondo-se aos “antigos preconceitos arraigados” e demonstrando que a comunidade médica brasileira dialogava com os conhecimentos consolidados pelas ciências modernas, os médicos demonstraram que os males dos climas tropicais poderiam ser contornados por meio de conhecimentos higiênicos. “Não há região no mundo que particularmente possua uma única doença-afirmou Peixoto e Moreira-, e não há doença que não possa, mesmo em seus domicílios eventuais, ser exterminada pelos meios higiênicos de nosso tempo”.<sup>562</sup>

Por meio de dados levantados a partir dos estudos e observações conduzidas no HNA, Moreira e Peixoto demonstraram que a média nacional de doenças mentais era exatamente igual, em proporções percentuais, a qualquer outro país do mundo, localizado em qualquer ponto geográfico.<sup>563</sup> Para finalizar os argumentos, Peixoto e Moreira recordaram seus pares

---

<sup>559</sup> PEIXOTO, Afrânio e MOREIRA, Juliano. As doenças Mentais nos climas tropicais..., p. 795.

<sup>560</sup> Id.

<sup>561</sup> HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (Orgs.). **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004; CAMARGO, Erney Plessmann. Doenças Tropicais. **Estudos Avançados**. Vol. 22, no. 64. São Paulo, 2008. p. 95-110.

<sup>562</sup> PEIXOTO, Afrânio e MOREIRA, Juliano. As doenças Mentais nos climas tropicais ..., p. 796.

<sup>563</sup> Segundo os dados apresentados pelos médicos brasileiros, “Em um total de 1.806 doentes observados no Hospital Nacional de Alienados ao longo do ano de 1904, encontramos 217 dementes precoces, ou seja, 12%, dos quais 165 homens e 52 mulheres, perfazendo uma proporção de 14,5% para os primeiros e 7,8% para as segundas. O número total de 12% é inferior ao de Kraepelin, que indica de 14 a 15%; inferior igualmente aos de Séglas e Deny que encontram de 13 a 14%; de J. Crocq, perfazendo 15,66%; e de Levi Bianchini que chega a 28%; é quase igual ao de Sérieux que encontra de 12 a 16%. A proporção de 10% dada por Meeus é a menos elevada entre todos os autores. Nosso número total de 12% aproxima-se, em suma,

europeus que “o Brasil era um país de extensão continental” e que o clima tropical era apenas uma das categorias climáticas brasileiras. Ao que apreço, esse argumento desarmaria os membros da plateia que, por ventura, viessem a questionar a apresentação assistida. Haveria no Brasil, inclusive, climas semelhantes ao dos países europeus.

Neste tom, Peixoto e Moreira provocaram o brio dos europeus, lançando a dúvida: se no Brasil haveria uma ampla gama de tipos climáticos, porque atribuir ao calor o causador de uma demência mental? Moreira e Peixoto alegaram que “um certo número de imigrantes devia ter trazido da Europa taras degenerativas que ocasionavam as manifestações mórbidas e, nestes casos, estas últimas teriam certamente aparecido da mesma forma, se os emigrantes não tivessem deixado suas pátrias”.<sup>564</sup> Neste sentido, nenhum fator climático poderia contribuir, evitar ou produzir a manifestação da moléstia. As doenças eram fruto de fatores alteráveis e não imutáveis.

O artigo em pauta torna-se, portanto, revelador não apenas das defesas nacionais de Moreira e Peixoto, mas também da maneira como estava acontecendo a produção do conhecimento científico no Brasil. Fazer ciência era, em última instância, alterar os diagnósticos lançados por sábios europeus e iniciar a produção de conhecimentos próprios. As únicas causas aceitas para as manifestações de doenças biológicas, mentais ou psicológicas eram o descuido com o meio, a falta de instrução e o despreparo dos indivíduos em organizar seus espaços de acordo com as modernas descobertas higiênicas. Tratava-se da junção dos campos do saber científico para a efetivação dos projetos nacionais.

Para Renata Prudêncio da Silva, além do amplo debate que os artigos de Moreira e Peixoto provocaram naquele contexto é preciso atentar, ainda, para a prerrogativa que Peixoto passou a utilizar em suas defesas, referentes aos países colonizados. Se as colônias estavam insalubres, grande parte da culpa era dos próprios europeus, que “não apenas difamavam as regiões tropicais, como consentiam a proliferação das doenças em várias de suas colônias.”<sup>565</sup>

Se, do ponto de vista dos intelectuais brasileiros, havia unanimidade quanto à defesa das possibilidades de progresso e de formação nacional do país na esfera internacional, nas estruturas internas do campo essas defesas se davam a partir de perspectivas distintas. As posições intelectuais estavam intimamente ligadas aos lugares ocupados pelos médicos, na engrenagem política e institucional. Diversas disputas se instauraram entre os médicos brasileiros por divergências ideológicas.

---

bastante daqueles obtidos por Sérieux, Séglas e Deny”. (MOREIRA, Juliano; PEIXOTO, Afrânio. PEIXOTO, Afrânio e MOREIRA, Juliano. *As doenças Mentais nos climas tropicais...*, p. 803).

<sup>564</sup> Ibid., p. 805.

<sup>565</sup> SILVA, Renata Prudêncio da. *Op. Cit.*, p. 135.



Neste sentido, não bastava para aqueles agentes do campo científico simplesmente construir argumentos para a defesa nacional frente ao estrangeiro. Era imprescindível que estes conhecimentos encontrassem ressonância entre os seus pares, no campo médico nacional. Tarefa árdua, porque estava atrelada a mecanismos mais sutis de controle, a brigas pessoais, a disputas por visibilidade e patrocínio político.

É isso que percebemos ao analisar um dos maiores conflitos no qual Afrânio Peixoto tomou parte: as críticas lançadas a Carlos Chagas e à “doença de chagas”, que ficou conhecida como “doença dos sertões”. Segundo Flávio Edler, uma das maiores questões científicas, no campo brasileiro do início do século XX, foi o debate em torno da chamada “medicina tropical”. Como já salientamos, exatamente no final do século XIX e nos primeiros anos do XX houve um grande esforço por parte da comunidade médica científica do Brasil em desconstruir a ideia de trópico insalubre, tão propagado pela geografia médica do período anterior.<sup>566</sup> A desconstrução dos estigmas lançados aos países tropicais passava pelo aspecto missionário de cada cientista em relação ao seu país. Seus protagonistas entendiam-na como essencialmente vinculadas aos rumos do projeto de afirmação dos ideais nacionalistas, vazados no modelo civilizatório do liberalismo europeu, a que aspirava a recém-proclamada República do Brasil. Para Edler, a ideia de que o clima gerava seres anêmicos era estendida para o aparato político da nação, contribuindo para a imagem de um país também indisposto e doente.<sup>567</sup>

Neste sentido, combater os “antigos preconceitos”, as “antigas crenças” era comprovar a viabilidade da nação tropical. Foi em momentos de desconstrução da geografia médica, que atribuía aos trópicos a designação de “insalubres”, que Patrick Manson lançou a obra “Tropical diseases: a manual of the diseases of warm climates”, publicada em 1898 e que recebeu ótima acolhida entre os grupos médicos dos países tropicais. No Brasil, os médicos do Instituto Oswaldo Cruz, particularmente Carlos Chagas, definiram-se como defensores da perspectiva médica científica de Patrick Manson. Para a aparente contradição que poderia gerar essa tomada de posição, Flávio Edler esclareceu que:

Quando centramos nosso foco de análise no interior da profissão médica, não como uma totalidade harmônica, mas como formada por um conjunto diferenciado de

---

<sup>566</sup> STEPAN, Nancy Leys, **The picturing Tropical Nature**. London: Reaktion Books, 2001; HEIZER Alda e VIDEIRA, Antônio Augusto (Orgs). **Ciência, civilização e república nos trópicos: 1889-1930**. Rio de Janeiro: Mauad X Faperj, 2010.

<sup>567</sup> EDLER, Flávio. Medicina Tropical. Uma ciência entre a Nação e o Império. In: HEIZER Alda e VIDEIRA, Antônio Augusto (Orgs). **Ciência, civilização e república nos trópicos: 1889-1930**. Rio de Janeiro: Mauad X Faperj, 2010, p. 339-356. p. 340.

grupos articulados em tona de práticas científicas distintas, cada qual lutando para definir fronteiras disciplinares sobre parcela do trabalho médico, antepomo-nos às interpretações que se apoiam exclusivamente na ideia de heteronomia dos conhecimentos e jurisdições médicas. Sem negar que estivessem sempre sujeitos a fatores externos à profissão, aqueles discursos e práticas eram sustentados, regulados, transmitidos, revistos, criticados ou rejeitados segundo certos padrões e convenções/metodologias internos à profissão<sup>568</sup>.

O pano de fundo, portanto, para as tomadas de posição ou o possível paradoxo em que estes intelectuais estavam envolvidos deve ser entendido à luz daquilo que eles estavam debatendo nos meandros do campo médico. Sob esta perspectiva, podemos analisar com mais detalhes as tomadas de posição dos médicos frente às demandas que enfrentavam.

Para Afrânio Peixoto, ser um nacionalista passava por elevar a condição nacional frente aos olhos estrangeiros, por meio da construção de um conhecimento próprio. Encontrar “soluções brasileiras para problemas brasileiros”<sup>569</sup> tornou-se uma frase recorrente nos ensaios do médico. Qualquer intervenção ou filiação a países estrangeiros era vista, por ele, com ressalvas. A valorização do conhecimento nacional e dos sábios nacionais foi uma premissa amplamente defendida pelo intelectual.

A perspectiva de Carlos Chagas não era muito diferente do ponto de vista teórico, uma vez que para Chagas, ao lado das doenças cosmopolitas, outras doenças caracteristicamente tropicais, isto é, aquelas cujos processos etiológicos e patogênicos estavam subordinados aos fatores climáticos, representariam as doenças relevantes do ponto de vista médico-social. Assim, para Chagas, o nacionalismo passava pela obrigação de estudo e pesquisa da nosologia brasileira, a fim de promover o aperfeiçoamento da nossa raça e de realizar, pelo método profilático, a redenção sanitária do vasto território brasileiro.<sup>570</sup> Enquanto Carlos Chagas defendia e militava pela criação de uma cadeira de Medicina Tropical na FMRJ, acreditando que o conhecimento minucioso da nossa realidade (que era inegavelmente tropical) proporcionaria a ampliação da viabilidade nacional, Afrânio Peixoto considerava ofensivo dizer que haveria doenças típicas do clima tropical e combatia ferozmente a perpetuação da

---

<sup>568</sup> Ibid., p. 349

<sup>569</sup> PEIXOTO, Afrânio **Clima e Saúde**: Introdução biogeográfica à civilização brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938, p. 66 e 67.

<sup>570</sup> EDLER, Flavio Coelho. Medicina Tropical.... KROPF, Simone Petraglia. Carlos Chagas e os debates e controvérsias sobre a doença do Brasil (1909-1923). **História**, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, p.205-227, jul. 2009, KROPF, Simone Petraglia. **Doença de Chagas**, doença do Brasil: ciência, saúde e nação, 1909-1962. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. CAPONI, Sandra. As coordenadas epistemológicas da medicina tropical. **História Ciências e Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p. 113-149, 2003.

ideia que distinguia, por quaisquer modos que fosse, países de clima quente e países de clima frio. A questão fundamental era, portanto, política, não científica.

De acordo com pesquisas realizadas por Magali Romero de Sá, a partir da segunda metade do século XIX, os conhecimentos referentes ao clima tropical sofreram amplas transformações e transferiram-se da abordagem exclusiva das características climáticas, singularidades da vegetação ou dos miasmas, para a descoberta de animais invertebrados, principalmente insetos, como hospedeiros intermediários de vermes e protozoários e outros microrganismos causadores de doenças em homens e animais. Essa mudança, do foco de atenção, das condições mesológicas para a microbiologia deslocou, também, os olhares das teorias miasmáticas, do determinismo climático, para agentes específicos causadores de doenças. Foi a partir desta perspectiva que Afrânio Peixoto e Juliano Moreira partiram para a construção dos argumentos apresentados por ocasião do congresso internacional, em Lisboa. O grande desafio era não só o de desconstruir a ideia de que o próprio clima era causador das doenças, mas de demonstrar que os meios profiláticos poderiam combater as condições específicas de *habitat* privilegiado para os transmissores destas doenças.<sup>571</sup>

A postura de Peixoto, traduzida no combate às ideias de que o clima tropical era insalubre e patológico, fazia parte de um movimento maior que mobilizava parte da comunidade médica daquele momento. Após a publicação da obra de Patrick Manson, as ideias referentes ao clima foram resignificadas. Arelado ao combate travado pela desconstrução das ideias de miasmas, de trópicos insalubres e de doenças tipicamente tropicais, começou a ganhar fôlego os conhecimentos que debruçavam-se sobre determinados animais, particularmente insetos que hospedavam vermes e micróbios e que serviriam de vetores à propagação das doenças causadas por esses organismos e que se proliferavam com mais intensidade em locais com climas propícios. Esses saberes eram patrocinados e muito valorizados por metrópoles europeias que possuíam colônias em países tropicais. Conhecer as singularidades do clima e catalogar todas as possíveis doenças que os trópicos, ainda praticamente desconhecidos, poderiam apresentar, era uma maneira de obter êxito no processo colonizador. Tratava-se, portanto, de um saber muito valorizado por instituições e cientistas europeus. Os estudos acerca desta questão era, segundo Magali Romero de Sá, um desejo de cientistas estrangeiros, principalmente aqueles cujas nações estavam em expansão

---

<sup>571</sup> SÁ, Magali Romero de. A ciência, as viagens de coleta e as coleções: medicina tropical e o inventário da história natural na primeira república. In HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antônio Augusto (Orgs). Op. Cit., p. 229.

imperialistas em países de clima tropical.<sup>572</sup> Descobrir as dificuldades e as singularidades das regiões tropicais, em relação às doenças desconhecidas, motivava a criação de um conhecimento especializado em climatologia tropical.

Os temas relacionados à medicina tropical tratavam dos mecanismos de transmissão de doenças por artrópodes (insetos e aracnídeos) e o ciclo evolutivo de parasitos no meio ambiente e seus hospedeiros vertebrados e invertebrados. Segundo Magali Romero de Sá, diante das características específicas do Brasil, no quadro da saúde pública da época, “as tradições de pesquisa pastoriana e mansoniana desenvolviam-se aliadas e integravam os trabalhos de microbiologia com os estudos de parasitologia e helmintologia, no sentido de dar respostas aos problemas apresentados pelas doenças tropicais”<sup>573</sup> Diante da emergência destes saberes e das condições propícias que o Brasil apresentava, de *habitat* privilegiado para diferentes espécies de animais, em virtude da densa floresta e das condições climáticas, os estudos que buscavam desvendar a fauna e a flora brasileira tornaram-se prementes para evitar e controlar a proliferação dos insetos hospedeiros.

Desde a capital federal que o problema de saúde pública, causada pela malária, assustava os agentes de saúde. Para Sandra Caponi, a tradução imediata do quadro de emergência da descoberta dos agentes transmissores de doenças, aliada ao desenvolvimento da microbiologia e de processos profiláticos, resultariam na criação e no crescimento constante do Instituto Oswaldo Cruz. Desde o início de sua atuação, o Instituto de Manguinhos desenvolveria pesquisas relacionadas a micro-organismos vetores e parasitas como parte das atividades da instituição. Oswaldo Cruz tentaria, diversas vezes, ampliar a abrangência das pesquisas, voltando-se para “o estudo das doenças infecciosas tropicais, seguindo as linhas do Instituto Pasteur de Paris (...) com o ensino da bacteriologia e da parasitologia.”<sup>574</sup> A transformação do Instituto Soroterápico Federal em Instituto de Patologia Experimental ocorreu no ano de 1907, sendo renomeado para Instituto Oswaldo Cruz por volta de 1908, tendo novo regulamento e quadro pessoal ampliado.<sup>575</sup>

As duas primeiras décadas do século XX foram períodos riquíssimos em relação às campanhas de coleta e de mapeamento de recursos naturais, bem como de levantamento das condições epidemiológicas e socioeconômicas da propagação das doenças. Havia uma

---

<sup>572</sup> SÁ, Magali Romero de. **Adolpho Lutz**. Obra completa. Febre amarela, malária, protozoologia. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

<sup>573</sup> SÁ, Magali Romero de. A ciência, as viagens de..., p. 229

<sup>574</sup> BENCHIMOL, Jaime L. **Pereira Passos**, um Haussmann tropical: a renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1990, p. 26.

<sup>575</sup> STEPAN, Nancy. **Gênese e evolução da ciência brasileira**. Rio de Janeiro: Artenova, 1976. BENCHIMOL, Jaime. **Manguinhos: do sonho à vida**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1990.

concepção utilitarista para o conhecimento médico/científico: desvendar as associações patológicas existentes na natureza que deveria ser dominada. Em torno dos anos de 1908 e 1910 intensos esforços foram feitos, por parte do governo, para o reconhecimento, mapeamento e exploração das distintas regiões brasileiras, com o objetivo de desvendar os elementos patogênicos da nação. O conhecimento científico estaria intimamente ligado com a legitimação do Brasil frente às outras nações. “O fortalecimento dos institutos de pesquisa e a produção de conhecimentos próprios seria uma condição indiscutível à hegemonia do Brasil na América do sul”, argumentou João Batista de Lacerda, diretor do Museu Nacional, defendendo a expansão das expedições e aumento dos acervos dos museus brasileiros.<sup>576</sup>

Neste sentido, a formação de um rol de conhecimentos, voltados para a chamada medicina tropical, estaria na ordem do dia e ocuparia grande parte dos debates públicos. Embora a luta pela criação de uma cadeira de Medicina Tropical na FMRJ só tenha ocorrido no final da primeira década do século XX, os conflitos em relação a essa especialidade vinham se desenrolando há muito mais tempo.

O crescimento, em importância e reconhecimento público, do Instituto Oswaldo Cruz foi uma das molas propulsoras para a defesa da necessidade da especialidade de medicina tropical, afirmou Flávio Edler.<sup>577</sup> A crença de que os cientistas do instituto descobririam a cura para os maiores males que atravancavam o desenvolvimento da nação era o motor que impulsionava a atenção não apenas do corpo médico científico, mas que também mobilizava os atores políticos e a sociedade em geral. Exemplos do apoio público destinado ao Instituto de Manguinhos traduziram-se rapidamente, a partir da expansão não só da instituição, mas de todo o seu quadro clínico e orçamentário. No início do ano de 1909, os membros do instituto Oswaldo Cruz ampliaram seus espaços de atuação para além dos limites da capital federal e adentraram os territórios “nunca antes assistidos pela ciência”. A legitimidade, para a execução de tais tarefas, era garantida a partir dos anseios civilizatórios e expansionistas da nação. As obras públicas, realizadas na capital federal, em regiões até então distantes e inóspitas, eram dificultadas porque os trabalhadores ficavam acometidos de doenças. A malária, por exemplo, era um entrave para a construção física do país. Oswaldo Cruz tornava-se, a cada dia, referência indispensável no que dizia respeito ao combate destas doenças. Tanto nas terras distantes do sertão quanto aos arredores da capital federal, o trabalho dos médicos sanitaristas era requisitado constantemente. Conforme demonstrou

---

<sup>576</sup> Passagem citada por BICALHO, Magdalena de Lacerda. A personalidade de João Batista de Lacerda. In: \_\_\_\_\_. **João Batista de Lacerda: comemoração do centenário de nascimento, 1846-1946.** Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1946. p. 34.

<sup>577</sup> EDLER, Flávio Coelho. *Medicina Tropical...*\*, p. 353.

Simone Kropf, em 1905, por exemplo, a Companhia Docas de Santos solicitou a Oswaldo Cruz providências para combater uma epidemia de malária que atacava os trabalhadores que construíam a usina hidrelétrica em Itatinga; no início de 1907 o médico foi incumbido de missão semelhante em Xerém, na Baixada Fluminense, onde a doença prejudicava os trabalhadores de canalização de água, para a capital federal.<sup>578</sup>

A trajetória da cidade para o sertão marcou o início de uma cartografia da nação traçada a partir dos missionários da ciência. Um grupo de médicos iria enfrentar os sertões, moraria com os sertanejos e traçaria as condições reais dos habitantes desconhecidos do Brasil. Tratava-se de um momento histórico em que “a ciência iria para a roça” e analisaria o Brasil real, que teria tido sua primeira prévia com a obra de Euclides da Cunha.<sup>579</sup>

A primeira e importantíssima amostra das consequências dos médicos cientistas ampliarem seus laboratórios para o espaço sertanejo se deu com a atuação de Carlos Chagas, em nome do grupo de Oswaldo Cruz, e resultou na descoberta da doença que viria a ser conhecida como “doença do Brasil” ou “doença dos sertões”. A visibilidade de Carlos Chagas, membro do IOC, tornou quase inconteste a necessidade de um conhecimento médico que atrelasse a ciência ao conhecimento específico das condições propícias de criação e proliferação de doenças.

Segundo Simone Petraglia Kropf, em 1907 quando foi enviado ao interior de Minas Gerais, enquanto dava assistência aos trabalhadores da Estrada de Ferro Central do Brasil, que ligaria a capital federal á Belém do Pará, empreendimento importantíssimo segundo os ideais da época, Chagas instalou um pequeno laboratório no vagão de um trem e começou a coletar espécimes da fauna brasileira, motivado pelo seu crescente interesse em entomologia e pela protozoologia. Nestes experimentos, encontrou um protozoário do gênero *Trypanosoma* no sangue de um sagui. Na época, o estudo dos tripanossomas provocava interesse no campo da medicina tropical, em virtude do impacto causado pela tripanossomíase africana (também conhecida por doença do sono) nas colônias daquele continente. Chagas acompanhava os estudos dos tripanossomas em virtude do intercambio do IOC com protozoologistas alemães<sup>580</sup>.

Os experimentos no laboratório improvisado resultaram, segundo Kropf, na descoberta de um inseto, muito comum nas casas de pau-a-pique que era conhecido pelo nome de

---

<sup>578</sup> KROPF, Simone. A descoberta da doença dos sertões..., p. 58.

<sup>579</sup> FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CASA DE OSWALDO CRUZ. **A ciência a caminho da roça:** imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1992.

<sup>580</sup> KROPF, Simone. **A descoberta da doença dos sertões...**,p. 57-79.

barbeiro, por picar preferencialmente na face. Chagas examinou alguns barbeiros e encontrou, em seus intestinos, um protozoário com certas características que o fizeram pensar que poderia ser um parasito natural do inseto ou então de uma fase evolutiva de um tripanossoma de vertebrados. Retornando ao Rio de Janeiro, o jovem médico dedicou-se sistematicamente ao estudo sobre o ciclo evolutivo do novo protozoário, denominado *T. Cruzi*, suspeitando que pudesse ser patogênico para o homem. Começou então a realizar exames de sangue nos moradores da região e identificou o parasito no sangue de uma menina sertaneja de dois anos, adoentada. Comunicou a descoberta em nota enviada ao “Brazil Médico” em 14 de abril de 1909. Em 22 de abril do mesmo ano, Oswaldo Cruz anunciou a descoberta de uma entidade mórbida do homem, a partir de análises e experimentos conduzidos por Carlos Chagas, em sessão extraordinária na Academia Nacional de Medicina.<sup>581</sup>

Sob a liderança de Chagas e com a colaboração de vários pesquisadores do IOC, a nova tripanossomíase tornou-se central nos estudos conduzidos pelo Instituto. De acordo com Kropf, a descoberta da nova tripanossomíase passou a ser tratada, pelos contemporâneos e pela memorialística médica, como o mito glorificador da ciência brasileira. Uma das considerações mais recorrentes, quanto à sua importância, difundida pelo próprio Oswaldo Cruz, foi a de que teria sido um feito único na história da medicina, pelo fato de que, o mesmo pesquisador, ter descoberto num curto intervalo de tempo, uma nova enfermidade, sua causa e seu transmissor.<sup>582</sup>

A descoberta da Doença de Chagas marcou de maneira definitiva a importância do Instituto Oswaldo Cruz, não apenas diante do corpo médico científico da época, mas nos ideais de nação, de nacionalidade, de progresso e de saúde. A atuação dos médicos do Instituto era vista como condição indispensável para a redenção do país que, segundo constataram boquiabertos, estava abandonado há mais de trezentos anos. Carlos Chagas teve um reconhecimento imediato, sendo aclamado pela comunidade científica nacional e internacional, além da imprensa e dos setores governamentais<sup>583</sup>.

---

<sup>581</sup> Id.

<sup>582</sup> Ibid., p. 64.

<sup>583</sup> Segundo Simone Kropf, “A descoberta e os primeiros estudos da nova entidade mórbida tiveram impacto decisivo na carreira científica de Chagas. Em 1910 ele foi nomeado membro titular da prestigiosa ANM em caráter excepcional, já que não havia vaga disponível na ocasião. Em 1911, no pavilhão brasileiro da Exposição Internacional de Higiene e Demografia, realizada em Dresden na Alemanha, a doença de Chagas foi apresentada com destaque, despertando grande interesse do público. Outro marco importante foi a conquista em 1912 do prêmio Schaudinn de protozoologia concedido pelo instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo. No ano seguinte o pesquisador brasileiro foi indicado ao prêmio Nobel de medicina”. (KROPF, Simone. **A descoberta da doença dos sertões...**, p.64).

Além do aspecto simbólico que o processo de descoberta da doença de Chagas provocou, é preciso atentar, ainda, para dois aspectos fundamentais para a arena científica do momento. Segundo Flávio Edler, a descoberta da doença demonstrou que o Brasil possuía condições de produzir uma ciência própria, voltada às necessidades nacionais. Por outro lado, a subdivisão do conhecimento médico, aceita como cientificamente válida por grande parte daqueles atores, só foi possível porque havia no Brasil uma demanda por “novas dinâmicas socioprofissionais” onde os grupos médicos, que atuavam na periferia dos impérios, tenderam a defender sua existência e visibilidade social.<sup>584</sup>

Neste sentido, o clima tropical ofereceria uma distinção e contribuiria para o reconhecimento “do outro”. Os conhecimentos produzidos nas metrópoles eram testados nas colônias e médicos e cientistas, instalados nas colônias, proporcionavam o intercâmbio de ideias gerando, entre os centros científicos do velho mundo e as coletividades médicas emergentes da periferia, outro intercâmbio: de fatos e teorias médicas.<sup>585</sup> Além da perspectiva do outro, visto pelos espaços internacionais, as pesquisas de Carlos Chagas apresentaram também “o outro brasileiro”, os sertanejos. Chagas desvendou a vida dos moradores do interior, a partir da perspectiva científica.

Para Simone Kropf, o olhar que a doença de Chagas trouxe sobre a nação revolucionou o entendimento que se tinha de Brasil e redefiniu os mecanismos de atuação por parte da elite governante.<sup>586</sup> Neste sentido, o que Chagas trouxe para o conhecimento do público não era apenas a descrição detalhada dos estágios de uma manifestação patológica, mas a descoberta de uma população largada à própria sorte, desprovida da presença da atuação pública e assolada por uma doença que se manifestava a partir de condições favoráveis como o clima quente do sertão mineiro.

No cenário internacional as pesquisas de Chagas também encontraram o terreno fértil tornando-se imediatamente consagrada, principalmente dado o interesse que os europeus estavam dispensando a medicina tropical. O episódio foi representado de imediato como tendo uma dimensão bem mais ampla do que a realização científica de um indivíduo. A descoberta constituiu-se como um evento simbolicamente expressivo e legitimador do projeto de ciência materializado pelo Instituto Oswaldo Cruz. Quanto a este aspecto Kropf argumentou que:

---

<sup>584</sup> EDLER, Flávio. *Medicina Tropical. Uma ciência entre a Nação...*, p. 343.

<sup>585</sup> *Ibid.*, p. 345

<sup>586</sup> KROPF, Simone. *A descoberta da doença dos sertões...*



Além de ser uma contribuição relevante aos novos conhecimentos produzidos na época sobre a relação entre vetores, parasitos e doenças humanas e tornou-se desde logo símbolo de uma ciência que pretendia legitimar-se publicamente por sua capacidade de associar produção de conhecimentos originais, sintonizados com a agenda científica internacional, e o compromisso social em identificar e solucionar os problemas sanitários do país, de modo a ditar os caminhos da modernização para a jovem república<sup>587</sup>.

Em relação ao crescimento que o Instituto Oswaldo Cruz foi recebendo ao longo dos primeiros anos do século XX no Brasil, Flávio Edler, Marcos Chor Maio e Mariza Corrêa nos chamam a atenção para o fato de que a ascensão do Instituto Oswaldo Cruz tornou-o a principal referência em produção de conhecimento científico, chegando a nublar o papel da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Esse fato causou, segundo Mariza Corrêa, certo ressentimento no grupo de médicos da Faculdade, que não estavam atrelados ao instituto de pesquisa como, por exemplo, Afrânio Peixoto.<sup>588</sup>

O outro aspecto apontado pela historiografia que analisa os eventos que se seguiram à descoberta da doença de Chagas, foi o surgimento de um retrato dos sertões e das populações sertanejas, desenhadas pelos conhecimentos médicos científicos e, principalmente, emoldurados a partir da Doença de Chagas.<sup>589</sup>

Afrânio Peixoto sentiu-se pessoalmente atacado pela impetuosidade com que o Instituto Oswaldo Cruz e seus médicos missionários julgaram a produção científica produzida até então e voltou-se contra aquilo que denominou de “pelos acusações ilegítimas”, proferidas por “determinados médicos”, que se apregoavam o fato de terem “descoberto os sertões”.<sup>590</sup> Segundo Peixoto afirmou ironicamente “os sertanejos habitam nossos sertões há quatrocentos anos” mas só agora teriam “autorização para viver” porque teriam sido descobertos pela ciência.<sup>591</sup>

O posicionamento de Afrânio Peixoto, frente à representatividade adquirida pelos médicos do IOC foi combativo. Primeiro porque Peixoto acreditava que clamar por uma

---

<sup>587</sup> Ibid., p. 58.

<sup>588</sup> CORRÊA, Mariza. **As ilusões da Liberdade**: A escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001; EDLER, Flávio. “Afrânio Peixoto: Uma cruzada civilizadora por la nacion possible”. **Revista Biomédica**, vol. 23, no. 3, 2012; MAIO, Marcos Chor. “Afrânio Peixoto: estratégias e desventuras de um intelectual na vida pública”. **Revista Ágora**, no. 2, Niterói, 1994.

<sup>589</sup> A ideia de que a doença de Chagas proporcionou e delimitou uma moldura para o entendimento da sociedade brasileira foi desenvolvida por Simone Kropf, embasada nos conhecimentos teóricos de Charles Rosenberg. Ver: KROPF, Simone. *Doença de Chagas, doença do Brasil: ciência, saúde e nação (1909-1962)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, UFF, 2006.

<sup>590</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Sessão Magna da Academia Nacional de Medicina**. Discurso proferido em 30 de junho de 1913. Rio de Janeiro: Tipografia Bernard Frères. 1913.

<sup>591</sup> Id.

medicina tropical, baseada em “conhecimentos vindos de fora” era uma postura pouco nacionalista e, ainda, porque acreditava que “inventar uma doença mórbida, de ocorrência nos sertões” era reforçar as perspectivas negativas lançadas ao Brasil e condenar os nacionais ao fracasso, em virtude de sua mesologia. Não nos restam dúvidas de que, um dos motivos mais fortes que permeava o combate travado por Afrânio Peixoto para com Carlos Chagas, era pessoal, permeado pelo distanciamento que o médico baiano quis imprimir à sua figura e a de Oswaldo Cruz e seus correligionários.

A partir das narrativas acionadas pelas expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz e da representatividade que o grupo de médicos expedicionários adquiriu no cenário político brasileiro daquele momento, Peixoto ateu-se aos aspectos negativos do empreendimento, mostrando-se inconformado diante deles. Mediante o acesso a fotografias, que mostravam sertanejos papudos, terras assoladas pelas secas e “centenas de patrícios degenerados”, o médico sertanejo enfrentou os diagnósticos elaborados pelo grupo de Manguinhos, contestando-os, particularmente no que se referia ao número e as porcentagens de sertanejos doentes que constavam nos relatórios.<sup>592</sup>

As estratégias utilizadas por Peixoto para combater os diagnósticos negativos lançados à nação, particularmente para as terras sertanejas e para o clima tropical, foram diversos. O médico demonstrou uma postura combativa a quaisquer ideias que não resultassem numa imagem se não otimista ao menos viável para a nação brasileira. Os debates tecidos no âmbito científico foram transpostos para a sua atividade literária e, conforme iremos analisar, o material privilegiado por Afrânio Peixoto para constituir seus romances foi a realidade sertaneja. Entendemos a literatura de Afrânio Peixoto como uma estratégia para propagar as imagens que ele acreditava que resultariam em efetiva transformação nacional.

Durante muito tempo a repercussão da descoberta de Carlos Chagas permaneceu como o aspecto mais importante dos estudos científicos brasileiros. Talvez o exemplo maior da consagração e do reconhecimento que a pesquisa provocou na comunidade médica do período tenha sido a sua indicação para o recebimento do Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia em 1921. Atrelado à repercussão da importância do pesquisador no mundo científico, adquiriram igual fama os combates e as críticas lançadas ao estudo de Carlos Chagas por Afrânio Peixoto.

---

<sup>592</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Sessão Magna da Academia Nacional de Medicina**. Discurso proferido em 30 de junho de 1913. Rio de Janeiro: Tipografia Bernard Frères. 1913, Não paginado.

Peixoto declarou-se, desde o primeiro momento, um questionador dos dados e dos diagnósticos lançados por Carlos Chagas. Ele combateu a defesa de Chagas para a construção de uma cadeira de medicina tropical na FMRJ e produziu discursos significativos pelo uso da quinina para a erradicação da malária em regiões da Amazônia.<sup>593</sup> Contudo, o evento de maior repercussão foi o ataque contra Carlos Chagas e a descoberta da Doença de Chagas, em 1922 e que repercutiu por longos anos na Academia Nacional de Medicina.

Por ocasião da posse do médico Figueiredo Vasconcelos, na Academia Nacional de Medicina, o então presidente Miguel Couto, escolheu Afrânio Peixoto para fazer o discurso de recebimento do novo sócio. Peixoto iniciou o discurso com a seguinte afirmativa:

Durante o vosso consulado, podereis ter feito mais, o que clama e o que reclama, mas não o quiseste. *Poderíeis ter achado alguns mosquitos, inventado uma doença rara e desconhecida, doença de que se falasse muito, mas quase ninguém conhecesse os doentes, encantoada lá num viveiro sertanejo de vossa província, que magnanimamente distribuireis por alguns milhões de vossos patrícios, acusados de cretinos. Poderíeis ter feito uma reforma suntuária gastando cinco vezes mais que Oswaldo Cruz para fazer cinquenta vezes menos, mas vos ficariam tempo e saldos para a crítica mercenária aos inimigos que houvésseis provocado. Poderíeis mais, e tudo o que a vaidade sem escrúpulo e a imprudência provocante podem fazer tentar.*<sup>594</sup>

Carlos Chagas sentiu-se pessoalmente ofendido com esse trecho do discurso e iniciou um longo processo de acusações a Afrânio Peixoto. Chagas exigiu o direito de defender-se e a Academia Nacional de Medicina precisou abrir um processo para averiguar o caso, tarefa que durou mais de dois anos e contou com uma comissão que investigou, detalhadamente, todos os passos da descoberta da doença, que viajou para o sertão de Minas Gerais para investigar as condições e as quantidades de doentes. Ao final, a pesquisa de Carlos Chagas foi considerada válida e fidedigna pela comunidade médica que analisou o caso, fazendo intervenções *in loco* e confirmando os dados referentes aos “milhões de sertanejos doentes”.<sup>595</sup>

Para além das acusações e das consequências do processo de contestação da Doença de Chagas que, ao que parece, fez com que o médico brasileiro perdesse a indicação ao Nobel

---

<sup>593</sup> PEIXOTO, Afrânio. Quinina do Estado: Discursos na Câmara dos Deputados, em 13 e 19 de agosto de 1925. In: \_\_\_\_\_ **Marta e Maria**: Documentos de acção pública. Lisboa: Sociedade Gráfica Editorial, 1931. p. 159-204.

<sup>594</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Boletim da Academia Nacional de Medicina**, n.20, 1922, p. 723. Apud: RIBEIRO, 1950, p. 190. Sem grifo no original.

<sup>595</sup> A descrição do processo em que Carlos Chagas defendeu-se das acusações de Afrânio Peixoto foram descritos nos boletins da ANM: Boletim da Academia de Medicina, no. 19, 1923; Boletim da Academia de Medicina, no. 21, 1923; Parte dos embates foram transcritos no Jornal do Comércio de 17 de dezembro de 1922 e na obra biográfica, escrita por Leonídio Ribeiro, há a transcrição dos trechos mais importantes dos referidos documentos. (RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 189-212).

de Medicina de 1921, o mais significativo destes eventos é investigarmos as posturas políticas que permeavam a prática médica. Estamos convencidos de que o que estava em jogo, naquele momento, não era a veracidade da descoberta da doença, mas as disputas entre duas instituições de produção de saberes e, principalmente, a defesa de dois projetos diferentes de formação nacional. Afrânio Peixoto requisitava um caminho diferente para a prática da ciência no Brasil e entendia que era necessário construir uma imagem da nação que se distanciasse daquela que registrava uma doença com o nome de “Doença do Brasil” ou “Doenças dos Sertões”.

### 3.3 DA CIÊNCIA PARA A LITERATURA: O CONCURSO PÚBLICO E A VIDA LITERÁRIA.

Terminadas as obras de reformas no HNA, Afrânio Peixoto voltou-se aos propósitos do concurso para a cátedra de medicina pública da FMRJ. Desde que chegara à capital o concurso fora adiado por diversas vezes. Segundo Afrânio Peixoto, o tempo de espera foi útil para que ele se preparasse para a realização das provas.

Em 1906 realizou sua primeira viagem para a Europa. Esse evento possuía carga simbólica significativa, tanto para a esfera científica quanto cultural naquele contexto. Segundo o relato feito por Peixoto, ele viajara com um grupo de outros seis médicos brasileiros, “todos querendo especializar-se nos laboratórios europeus”.<sup>596</sup>

De acordo com o que relatou em suas memórias, Afrânio Peixoto partira para a Europa com “a incumbência oficial” de visitar as colônias de alienados de “*systema no restraint*” ou “*open door*” principalmente da Escócia. Considerando que Peixoto estava atuando no HNA, a viagem constituía o aprimoramento para a condução dos seus trabalhos na instituição.

De fato, conforme detalhado relato feito para a composição de sua autobiografia, o médico realizou as visitas em uma “comuna” chamada Gheel, onde os alienados conviviam com a população.<sup>597</sup> Segundo ele, a experiência vivida no povoado “lhe marcou profundamente o espírito”<sup>598</sup>. Uma das frases mais marcantes, que ele teria ouvido naquela

---

<sup>596</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>597</sup> Segundo Vera Portocarrero desde o século VII que era uma prática comum os loucos serem levados a Gheel, na Bélgica, em peregrinação até a Igreja de Santa Dymphne, na esperança de uma cura milagrosa. Os doentes que não ficavam bons até o final da novena eram, muitas vezes, deixados na casa de algum habitante do lugarejo, até a próxima festa da padroeira. Assim, a população foi criando o hábito de acolher os alienados e até de trata-los. PORTOCARRERO, Vera, **Arquivos da Loucura**. Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2002, p. 134

<sup>598</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

ocasião, não fora pronunciada por um grande sábio europeu, mas pelo maquinista que o conduziu até Gheel. Depois de descer do trem e olhar no entorno, Peixoto indagou “onde ficavam os loucos?” ao que recebeu a seguinte resposta: “os loucos somos todos nós! Eu já fui, o *chef de gare* já foi, o cozinheiro e os criados, todos aqueles sujeitos que o senhor vê passar são ou já foram loucos...”.<sup>599</sup> Segundo recordou-se, de todas as experiências que ele vivera naquela viagem, a convivência com os alienados da colônia belga alteraram suas percepções de mundo. A frase “‘loucos somos todos nós’ permanece até hoje em meus ouvidos” confessou.<sup>600</sup>

Depois de cumprida a formalidade, Peixoto recordou-se que visitou mais de dez países europeus. “França, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Itália, Suíça, Áustria, Alemanha, Espanha e Portugal”.<sup>601</sup> Todas as visitas tinham por objetivo “realizar meus estudos particulares” que eram “a medicina legal em Vienna, a técnica das autopsias em Berlim e a bacteriologia no Instituto Pasteur em Paris”.<sup>602</sup> Na Autobiografia, Peixoto descreveu as aulas, os conteúdos estudados e a importância do grupo de médicos brasileiros naquelas instituições de ensino. Narrado a partir das peripécias vividas e de algumas anedotas pessoais, conforme estava sendo conduzidas as memórias autobiográficas, o que podemos inferir das passagens em que referiu sobre os estudos na Europa é a importância simbólica que a especialização naqueles laboratórios conferia à busca pelas especialidades em terras brasileiras.

Foi quando estava nesta viagem que, segundo declarou Peixoto, ele recebeu o anúncio de que o tão esperado concurso para a cátedra de medicina pública iria sair. Estavam abertas as inscrições. Segundo o médico, a notícia teria lhe causado profundo espanto porque, antes de partir, ele se garantira com o ministro do interior J. J. Seabra de que não se realizaria o evento enquanto ele estivesse “em viagem tão dispendiosa”.<sup>603</sup> Segundo ele, o ministro lhe afirmara que o concurso só aconteceria após o seu retorno. Para Peixoto, essa falta teria feito com que ele rompesse as relações com J. J. Seabra. “A leviandade” com o ministro agiu lhe causou indignação. “Eu teria pago os favores que ele me fez fazendo um maior a ele: reformando o Hospital Nacional de Alienados”.<sup>604</sup> Acionando seus contatos pessoais, Peixoto relatou que conseguiu adiar as inscrições até o momento do seu retorno.<sup>605</sup>

---

<sup>599</sup> Id.

<sup>600</sup> Id.

<sup>601</sup> Id.

<sup>602</sup> Id.

<sup>603</sup> Id.

<sup>604</sup> Id.

<sup>605</sup> Id.

Sobre o concurso realizado, as únicas fontes que encontramos foram as memórias autobiográficas. O processo foi descrito como “extremamente difícil” porque “todos estavam contra mim” ou, ainda, pelo fato de que “ninguém queria um adventício, um forasteiro, contra os filhos da terra”.<sup>606</sup> Primeiro Afrânio Peixoto declarou que ,mesmo antes do concurso, muitas pessoas “já articulavam contra, para derrubá-lo”. Sua viagem à Europa teria se dado “exactamente para completar meus estudos, pois que encontrara fechado os laboratórios da Escola [FMRJ]”.<sup>607</sup> Os concorrentes de Afrânio Peixoto foram o Dr João de Barros Barreto e Henrique Tanner de Abreu, ambos já atuavam como preparadores das disciplinas do concurso, na referida Faculdade.

Segundo Peixoto, sua vitória “contra os seus oponentes, que eram os preferidos da congregação”<sup>608</sup> teria se dado unicamente porque ele tivera vantagens que os outros dois médicos não tiveram: ele aprendera algumas “trivialidades” que se ensinavam na Bahia e que não eram consideradas na FMRJ.<sup>609</sup> A cada vitória Peixoto relatava que “sem querer” havia dado um “*knock-out* nos laboratórios”, um “*knock-out* nos concorrentes” e um “*knock-out* na Faculdade”<sup>610</sup> e chegara ao lugar sonhado, contrariando aqueles que não o aceitavam.

As memórias relativas ao concurso pretenderam reiterar a criação do mito que, segundo Leonídio Ribeiro, teria se estabelecido em torno do concurso realizado por Peixoto. Segundo relatou o biógrafo, as peripécias do médico baiano teriam ganhado fama e, no segundo dia do concurso, a congregação ficou lotada para observar como ele conduziria as provas práticas.

Assistir concursos públicos era uma prática corriqueira, principalmente entre a comunidade acadêmica e política daquele período. Segundo Vanderlei Sebastião de Souza, em virtude de polêmicas criadas em torno dos concursos, um bom número de autoridades e curiosos se faziam presentes nestes eventos para assistir ao desempenho dos candidatos, uma vez que a prova era aberta ao público. De maneira corriqueira, os concursos públicos realizados em instituições como o Museu Nacional, o Instituto de Manguinhos e as Faculdades de Medicina sempre foram prestigiados pelos homens de letras e pelas autoridades públicas, aguardados com expectativa e caracterizados como grandes eventos sociais. “Era o

---

<sup>606</sup> Id.

<sup>607</sup> Id.

<sup>608</sup> Id.

<sup>609</sup> Id.

<sup>610</sup> Id.

momento não apenas da aprovação para um cargo público, mas também para se apresentar perante seus pares, conquistar prestígio e por eles ser julgado”.<sup>611</sup>

Segundo Leonídio Ribeiro, a notícia de que Afrânio Peixoto teria feito “um brilhante concurso” para a FMRJ, espalhou-se rapidamente entre a intelectualidade do período. De acordo com este biógrafo, o médico baiano tornara-se assunto nas rodas de conversa e institutos científicos do período em virtude da “audácia” com que conduziu o processo, bem como o destaque que obteve frente aos concorrentes.<sup>612</sup>

Logo após a vitória no concurso e enquanto aguardava a nomeação para o cargo, Peixoto recebeu o convite para atuar como diretor do Instituto Médico Legal do Distrito Federal. Entretanto, na segunda década do século XX foi na carreira literária e editorial que Afrânio Peixoto percebeu um espaço rico para a atuação pública, conciliando os seus propósitos de atuar tanto na esfera científica quanto literária. Tratava-se de definir suas atuações na esfera das especializações, que começaram a ser exigências para aquele que estivesse sintonizado com os tempos modernos sem deixar de lado o projeto pessoal de ampliar-se a partir das intervenções literárias.

Percebemos que durante a primeira década do século XX as produções do médico foram especificamente de cunho científico. Foi o período de produção de artigos no campo da psiquiatria, de traduções de obras psiquiátricas de nomes de destaque no cenário médico europeu. Foi, também, o momento da escrita e publicação de dois manuais, voltados para os alunos de medicina e peritos criminais, que alcançaram relativo sucesso editorial.<sup>613</sup> Ou seja, entre os anos de 1897 até por volta de 1913, Afrânio Peixoto elaborou suas obras científicas mais significativas.<sup>614</sup> A partir de 1915 houve uma ampliação no tema das pesquisas e produções conduzidas pelo intelectual no campo do folclore, da medicina popular, da história do Brasil, literatura e crítica literária.

Essa constatação chama a atenção para o fato de que, ao mesmo tempo em que adentrava a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e participava ativamente de diversos debates na arena científica, as predileções de estudo do médico se voltaram para as produções de cunho cultural, de caráter abrangente. Isso não quer dizer que esta fosse uma particularidade sua. O ambiente polivalente das discussões institucionais e das diversas rodas de sociabilidades, disponíveis na capital federal, fornecia um rico material para aquele que quisesse se dedicar às pesquisas diversas. Entretanto, uma figura que passou a ser requerida

---

<sup>611</sup> Id.

<sup>612</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit., p. 49.

<sup>613</sup> Trata-se da obra Elementos de Medicina Legal (1910) e Elementos de Higiene (1911).

<sup>614</sup> Ver o anexo das produções bibliográficas do médico, por data de publicação.

naquele contexto foi a do intelectual especialista, o que contradiz o quadro das produções intelectuais do médico.

A pesquisadora Dominichi Miranda de Sá elaborou um amplo estudo sobre o quadro cultural de finais do século XIX e das três primeiras décadas do XX, apontando às transformações pelas quais passaram a produção do saber no período.<sup>615</sup> Segundo a autora, naquele momento, entrou em curso um processo de desvalorização da figura do bacharel enciclopedista, do literato retórico, do diletante ou do beletrista para despontar a ideia de que o “verdadeiro” intelectual deveria definir campos de atuação especializados, no intuito de tornar o conhecimento experimental, prático e pragmático nas transformações das realidades. Tratava-se da alteração do “beletrista”, do orador de palavreado bonito e vazio, para o cientista experimental, versado nos conhecimentos da sua atuação e perito nas suas áreas, particularmente laboratoriais.

José Murilo de Carvalho chama a atenção para o fato de que, ao interpretar a vida intelectual nos países colonizados, em particular na Ibero-América, é imprescindível atentar para duas características atreladas à produção dos conhecimentos na América portuguesa. A primeira, segundo o historiador, diz respeito ao incisivo controle que a metrópole exerceu sobre a produção dos conhecimentos na colônia; e a segunda se refere à tradição ocidental a que se filiou a ibero-americana, diferenciando-se, no campo das ideias, do mundo anglo-saxão, por exemplo. Essas diferenças atingem tanto o que se refere aos valores, às visões de mundo e, também, aos “contrastes no campo da linguagem, nos estilos de pensar, nos modos de discurso, nas práticas retóricas”.<sup>616</sup>

A constatação de que todo o conhecimento produzido no Brasil, durante o império e primeiros anos da república, estivesse eivado pela prática da retórica, como elemento indispensável para a produção do conhecimento, é uma chave de leitura interessantíssima para a análise sobre a construção intelectual daquele período. “Sem citações de autoridades estrangeiras, nenhum pensador nacional seria levado a sério”<sup>617</sup>, afirmou José Murilo de Carvalho, demonstrando que as referências longas, a demonstração de vasta erudição era o caminho para a aceitação de um pensamento intelectual. A maneira de dizer era mais importante do que o que dizer.<sup>618</sup>

---

<sup>615</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. **A Ciência como profissão...**

<sup>616</sup> CARVALHO, José Murilo de. História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi**, Rio de Janeiro, no. 1, , p. 123-152. jan/dez, 2000. p. 126.

<sup>617</sup> Id.

<sup>618</sup> Ibid.,. 127- 146.



Assim, entender os meandros do pensamento intelectual brasileiro, passa por desvendar a estrutura retórica que pontuaram os discursos e a produção dos saberes no Brasil. “Inteligência, para o brasileiro, seria antes ornamento e prenda, não instrumento de conhecimento e de ação”<sup>619</sup>, concluiu Carvalho. Uma consequência desse prestígio pela palavra escrita, dessa crença mágica no poder das ideias seria o bacharelismo, a fascinação que todo brasileiro demonstrava pelo título de doutor.<sup>620</sup> A perspectiva intelectual estava indissociada da palavra sonora, da frase bem feita, da retórica enfim.<sup>621</sup> O autor demonstrou, ainda, que a presença da retórica era tão premente e indispensável, para a intelectualidade brasileira daquele momento, que até as críticas à retórica eram feitas em estilo retórico. “Não há prova mais convincente do predomínio da retórica do que o fato de se recorrer a ela para a atacar”.<sup>622</sup>

As afirmativas de José Murilo de Carvalho nos auxiliam a entender as amarras que surgiram no tecido intelectual daquele momento quando, em nome dos novos tempos e, principalmente, para romper com o intelectual enciclopedista característico da colonização portuguesa, os intelectuais brasileiros puseram-se a combater o retórico, em nome do técnico.

Para Dominichi Miranda de Sá, essa transformação, da imagem do intelectual, foi extremamente significativa para a geração que presenciou os anos finais do século XIX. Nos primeiros anos do século XX foi possível perceber, segundo a autora, uma mudança deste perfil. A supremacia das ciências, particularmente a ciência médica, exigiu a constituição do intelectual especializado, aquele que dominasse um amplo cabedal de conhecimento nos aspectos específicos do seu campo de atuação. A transformação da imagem intelectual fez com que o enciclopedista, o erudito, o beletrista fosse visto como um retrógrado, um obsoleto, um atrasado enquanto que a figura do especialista foi angariando *status* de modernidade, de praticidade, de pragmatismo e associado, automaticamente, aos “tempos modernos”.<sup>623</sup>

A análise da trajetória intelectual de Afrânio Peixoto nos demonstra que, ao mesmo tempo em que ele almejava um conhecimento especializado também dedicava-se à ampliação de seu repertório de estudos. Estar atrelado aos novos tempos significava abrir mão de uma série de coisas, particularmente de marcar presença ou tornar-se sócio das instituições produtoras de saberes naquele contexto. Conciliar a quantidade de saber, que era necessário

---

<sup>619</sup> Ibid., p. 129.

<sup>620</sup> Id.

<sup>621</sup> Ibid., p. 130.

<sup>622</sup> Id.

<sup>623</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. **A Ciência como profissão...**, p. 125.

apresentar para não parecer um diletante e, ainda, esforçar-se para dominar um campo específico destes saberes foi talvez, um dos maiores desafios daquela geração.

Se para a geração que vivenciou os últimos anos do império a crença nos saberes tornou-se o mote da transformação nacional, a geração dos primeiros anos do século XX começou a duvidar daquela erudição e a buscar a aplicação prática de repertórios culturais. Não bastava memorizar fatos, falar diversas línguas ou demonstrar erudição se esta se apresentasse vazia de ação, objetividade e pragmatismo. Conforme o pensamento que foi se consolidando, os novos tempos exigiam uma atuação conectada com a ciência moderna, especializada e responsável pelas demandas sociais do seu tempo.<sup>624</sup>

Considerando que tratava-se de um momento anterior à implantação das Universidades, todo o conhecimento especializado era produzido, veiculado e legitimado por meio das diversas instituições.<sup>625</sup> Neste sentido, a Academia Nacional de Medicina (ANM), a Academia Brasileira de Ciência (ABC), a Academia Brasileira de Letras (ABL), o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o Museu Nacional (MN), o Instituto Manguinhos/ Instituto Oswaldo Cruz (IOC) foram vanguardistas no propósito de produzir saberes a partir de métodos criteriosos, estabelecidos pelas prerrogativas científicas.

Segundo Schwarcz, grande parte do pensamento intelectual brasileiro de finais do século XIX e início do XX eram produzidos a partir de centros e de instituições nas quais estes intelectuais estavam vinculados. “Estes estabelecimentos, apesar de diversos entre si e distintos na atuação”<sup>626</sup>, foram decisivos para a compreensão de diferentes concepções produzidas no Brasil e contribuem ainda, “para dar voz a outro tipo de intelectual, que na maioria das vezes restou desconhecido pelo seu trabalho interno, mas que é relevante para a recuperação das interpretações da época”.

Durante os anos de 1902 até 1920 Afrânio Peixoto conseguiu tornar-se membro da maioria das instituições produtoras e propagadoras de saber da capital federal daquele momento. Em 1903 foi aceito na ANM, em 1911 na ABL, em 1916 na ABC e em 1919 no IHGB, além da FMRJ e do diálogo constante com o MN.

Ao que parece, em detrimento da grande onda que ceifava os adeptos das “belas letras”, Afrânio Peixoto foi constituindo suas definições naqueles espaços a partir da defesa de um conhecimento vasto, erudito e retórico. Contudo, é inegável o esforço do médico em adentrar nos campos de especialidade, buscando defini-la a partir das suas práticas científicas.

---

<sup>624</sup> Id.

<sup>626</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças...**, p. 19.

Segundo alegação do próprio Peixoto, a prática das especialidades era “útil” e por vezes “urgente”, entretanto, defendeu-se, uma nação tão jovem quanto o Brasil carecia de mestres, de grandes eruditos, de sábios que pudessem guiar os anseios do povo nas suas múltiplas realizações. As entrelinhas desta posição foi enunciada no discurso pronunciado por ocasião da entrada de Peixoto como membro do IHGB, em 1919. “Consolemo-nos de nosso caos” – dizia o médico na ocasião- o Brasil está ainda, talvez, no berço; quando muito já revela o menino prodígio que há de ser. E como hoje em dia se educa até antes do nascimento, mister lhe será um educador.”<sup>627</sup>

Talvez o médico estivesse se propondo à tarefa de ser esse educador. De não apenas indicar os objetos de anseio nacional, mas de se propor a tarefa de guiar os estudos que resultariam na ampliação do quadro cultural brasileiro frente aos próprios nacionais e diante do estrangeiro. Tornar-se membro daquelas instituições contribuía para a ampliação dos estímulos de pesquisas, bem como garantia legitimidade para apresentar suas ideias, frente aos seus pares e à população de uma maneira geral. Era a consagração intelectual.

Segundo Dominichi Miranda de Sá, de todas as instituições que promoviam os debates e a produção do conhecimento na Primeira República, a ABL representava “o termômetro” que media o ajustamento da identidade dos intelectuais da cidade, sobretudo dos cientistas.<sup>628</sup> O fato de que estava ocorrendo severas críticas ao intelectual enciclopédico e de que o ponto máximo da consagração de um intelectual fosse a sua aceitação como membro de uma academia de letras, não era visto como uma contradição ou um paradoxo, pelo contrário. Nas primeiras décadas do século XX o cientista não se eximia de pleitear uma vaga junto aos imortais da Academia Brasileira de Letras, por exemplo, a despeito de não possuir nenhuma obra literária propriamente dita. Adentrar o “sagrado panteão” era uma sorte almejada por muitos e conquistada por poucos. Afrânio Peixoto dedicou-se com sofreguidão a tornar-se membro da “consagrada” instituição.

Ainda de acordo com a autora, nos primeiros anos do século XX, a imprensa diária, particularmente os espaços dedicados a artigos de opinião e crônicas diárias, começou a apresentar severas críticas aos cientistas que adentravam ABL. Pautados em diversos argumentos, observava-se, conforme demonstrou Sá, tanto um movimento de profissionalização do literato como as definições das especialidades médicas. O que

---

<sup>627</sup> PEIXOTO, Afrânio. Discurso de Posse no IHGB. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Tomo 85, Vol. 139. (1919). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921, p. 503.

<sup>628</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. Op. Cit., p. 144

defendiam os críticos era que, para adentrar a ABL, tornava-se imprescindível que o intelectual demonstrasse possuir talento literário.<sup>629</sup>

Segundo Afrânio Peixoto, ao sair da Bahia ele havia definido “o propósito de dedicar-se apenas a carreira científica e abandonar de vez a literatura”<sup>630</sup>. Sua experiência com a “Rosa Mística” (1900) não teria sido do seu agrado e ele abnegara aquela produção. Essa lembrança, evocada no final de sua vida, na ocasião da escrita de suas memórias, contrapõe-se com algumas pistas que relampejam no decorrer da sua trajetória.

Desde que chegara à capital federal o médico aproximou-se de figuras literárias. Ele narrou que, por convite de seus amigos da “casa das Laranjeiras”, começara a frequentar a Livraria Garnier, iniciara passeios na Rua do Ouvidor e visitara, em algumas ocasiões, José Verissimo e Rui Barbosa para discutir ou agradecer as impressões que aqueles críticos haviam dispensado “a seu malfadado livro de estreia”, a Rosa Mística.<sup>631</sup>

Dentre todos os aspectos relevantes que a Rua do Ouvidor representou para o Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX, a efervescência literária era, sem dúvidas, a característica mais marcante daquele espaço. Francisco de Assis Barbosa, perseguindo o escritor Lima Barreto pelos diversos espaços da Rua, descreveu que poder-se-ia encontrar diferentes grupos reunidos na Rua do Ouvidor, quase todos se aglomeravam nos cafés e nas confeitarias. “Nunca existiram tantos- afirmou Barbosa observando a quantidade de cafés presentes na Rua do Ouvidor- seria impossível nomeá-los: Café do Rio, Café Cascata, Paris, Papagaio, Jeremias, Americana, Java, Criterium...” Além dos cafés, outro ponto de encontro eram as confeitarias, como a Colombo e a Pascoal.<sup>632</sup> O assunto, recorrente naqueles espaços, era a literatura estrangeira e nacional, tanto a que já fora produzida quanto a que estava por se fazer.

Brito Broca descreveu que algumas figuras literárias, que já haviam conquistado relativa fama, presidiam os grupos reunidos nos cafés e nas confeitarias. Olavo Bilac, Paulo Barreto, Gustavo Barroso, Joaquim Sales, Goulart de Andrade e o jovem Adoasto de Godoi “chefiavam” diferentes rodas, afirmou o escritor.<sup>633</sup>

Aqueles que não queriam ser confundidos com os boêmios dirigiam-se à Garnier - “A Sublime Porta”- conforme afirmativa de Francisco de Assis Barbosa, a uma placa

---

<sup>629</sup> Id.

<sup>630</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>631</sup> Id.

<sup>632</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952. p.

35.

<sup>633</sup> BROCA, Brito. Op. Cit., p. 126.

dependurada “nos umbrais” de entrada da livraria.<sup>634</sup> Afrânio Peixoto declarou que frequentava a Garnier. Em uma ocasião, teria cedido ao convite e a insistência de Mário de Alencar<sup>635</sup>, em levá-lo a conhecer “o grande literato nacional” Machado de Assis, que visitava o lugar todos os dias.

Possivelmente Peixoto tenha se tornado um frequentador assíduo do local, porque as narrativas, referentes a eventos vividos na livraria, tornaram-se constantes no relato de suas memórias. Dentre os eventos, conhecer Machado de Assis foi o que o autor atribuiu maior importância. Segundo confessou, ele se dirigia até a livraria para “ficar admirando as palestras de Machado de Assis”.<sup>636</sup> Por ser amigo íntimo de Mário de Alencar, o contato com o escritor foi ficando mais próximo. Foi aos encontros com Machado de Assis que Peixoto atribuiu o seu retorno à literatura.

Segundo Afrânio Peixoto, embora ele tivesse se mantido “à distância” e “tratando o grande escritor nacional com diligência”, em algumas frases, algumas intervenções e por meio de alguns eventos Machado de Assis viera a conhecê-lo. Em certa ocasião, Machado teria relatado a Mário de Alencar que admirava a ironia de Afrânio Peixoto e afirmara que “um livro, feito com essa ironia, póde muito bem nos dar um bom acadêmico”.<sup>637</sup>

Peixoto atribuiu a “esse aval” o fato de Mário de Alencar ter se dedicado insistentemente para que ele se lançasse candidato a uma vaga na Academia Brasileira de Letras. Diante da recusa de Afrânio Peixoto, Mário de Alencar teria agido “sem o seu conhecimento” e “armado a cabala” que o levaria a assumir a cadeira de Euclides da Cunha, no panteão dos imortais.<sup>638</sup>

Ao relatar o evento, que o levou a tornar-se um membro da ABL em 1911, Peixoto alegou que o escritor Mário de Alencar, depois de ouvir os incentivos de Machado de Assis, considerou oportuno inscrever Peixoto à vaga de Euclides da Cunha. Sem que o referido pretendente a vaga soubesse, conforme explicara, Mário de Alencar organizou os votos, enviou os pedidos e inscreveu Afrânio Peixoto. Nesse meio tempo, Afrânio Peixoto, supostamente, “no total desconhecimento do que vinha ocorrendo”, empreendeu uma viagem

---

<sup>634</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. Op. Cit., p.41.

<sup>635</sup> Mário de Alencar (1872-1925) tornou-se o melhor amigo de Afrânio Peixoto desde que ele chegara ao Rio de Janeiro. As correspondências trocadas entre ele e o jovem literato e poeta foram inúmeras. Peixoto atribuiu a esse amigo o “descobrimento do Rio de Janeiro” cultural. Além de ser filho de José de Alencar, Mário de Alencar era amigo íntimo de Machado de Assis, o que proporcionava a Peixoto desfilar por lugares bastante restritos daquela intelectualidade, particularmente a literária.

<sup>636</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>637</sup> Id.

<sup>638</sup> Id.

para a Europa, com o intuito de visitar a Grécia, Roma, Turquia e Egito, conforme declarou no seu discurso de posse para a ABL.<sup>639</sup>

Durante a viagem, realizada entre outubro de 1910 e janeiro de 1911, o médico recordou-se que se encontrou com Aluísio de Azevedo, em Nápoles, na Itália, e que conversaram longamente sobre os concorrentes à vaga de Euclides da Cunha. Peixoto chegou a sugerir, a Aluísio de Azevedo, um nome para substituir Euclides da Cunha, uma vez que supostamente o próprio Afrânio “ignorava” que ele mesmo era candidato<sup>640</sup>. Como não saíra nada oficial até então, Azevedo também não conhecia os nomes dos concorrentes à vaga. “Quando, finalmente me encontrei em Eloan, um dos subúrbios do Cairo, recebi carta do meu novo amigo, de Nápoles, exprobando-me a hipocrisia. - Você, consultado por mim, em quem devia votar, de dois candidatos á vaga de Euclides da Cunha, inclinou-se por um, sendo entretanto, candidato”.<sup>641</sup> Segundo Peixoto, aquela notícia teria sido, para ele, uma grande surpresa. Justificou-se o médico que:

Houvera fraude pia de Mario de Alencar, que imprimira cartões com o meu nome, com sua letrelinha fina, os redigira por mim, pedindo voto aos Acadêmicos. Havendo ele, Aloysio, certamente recebido do Brasil e não do Egypto, o pedido de suffragio. Agora mesmo recebera de Stockolmo, do Oliveira Lima, cartão em que me dizia, não lhe pedira o voto, mas já o enviara ao Mário de Alencar, que lhe comunicara minha candidatura.<sup>642</sup>

Segundo Brito Broca, na obra *A vida literária no Brasil*, o desconhecimento de Afrânio Peixoto sobre sua candidatura foi uma estratégia arquitetada por ele e por Mário de Alencar. Se houvesse recusa do nome de Afrânio, por parte da Academia, ele poderia alegar que não queria ocupar aquela vaga, que nada fizera para que isso ocorresse, mantendo-se incólume neste quesito podendo, desta maneira, mover nova campanha, em outra ocasião. A constatação de Brito Broca se deu a partir de algumas evidências pesquisadas. O autor encontrou, entre os documentos de Rui Barbosa, um cartãozinho escrito por Afrânio Peixoto solicitando o sufrágio deste eminente membro da ABL, em favor de sua candidatura. Para Broca “não há dúvidas de que a letra seja de Afrânio Peixoto, ou Mário de Alencar é um exímio falsificador de caligrafias”.<sup>643</sup> Outro aspecto que levou Brito Broca a tecer este

---

<sup>639</sup> PEIXOTO, Afrânio. Discurso de posse. In: \_\_\_\_\_. **Poeira da Estrada...**

<sup>640</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>641</sup> AZEVEDO, Aloísio de. Epistolário Acadêmico. Cartas de Aluísio de Azevedo. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Ano XXI, no. 99, Vol. XXXIV, Março de 1930. p. 368.

<sup>642</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado

<sup>643</sup> BROCA, Brito. Op. Cit., p. 260.

juízo, refere-se à rapidez com que Peixoto teria escrito a obra literária que justificasse sua escolha na Academia Brasileira de Letras. Nas palavras do crítico literário:

Em menos de três meses, enquanto fazia uma viagem de férias, visitando diversos lugares, Afrânio teria escrito *A Esfinge*, uma obra com mais de trezentas páginas? Parece loucura. Ao que me parece, a obra já estava escrita, faltava apenas o motivo para publicá-la. O motivo surgiu com a eleição para a Academia.<sup>644</sup>

Para corroborar com esta ideia, Afrânio descreveu, em suas memórias, que nesta viagem encontrou com o livreiro Francisco Alves e que lhe perguntou se ele poderia editar uma obra literária de sua autoria.<sup>645</sup> Essa nos parece outra evidência de que a obra já estivesse escrita antes de, inclusive, pleitear a vaga de Euclides da Cunha, para a ABL. O certo é que em menos de três meses ocorreu a escrita e a publicação da obra *A Esfinge*. A primeira edição saiu com mil exemplares e esgotou-se rapidamente. Em agosto de 1911, data da posse na ABL, a obra estava em sua segunda edição.

Quanto a este aspecto, merece atenção pensarmos sobre as dificuldades que os escritores encontravam para publicar suas obras. Neste período, embora houvesse editores no Brasil, as impressões eram feitas, na maioria das vezes, na Europa. De acordo com o historiador Laurence Hallewell, “o valor da importação do papel era maior que o da importação dos livros”<sup>646</sup>, o que ocasionava ser mais barato produzir o livro fora do Brasil e importar do que importar os materiais necessários para a impressão dos exemplares. Além dos altos custos das edições, era muito raro conseguir que um editor aceitasse os trabalhos produzidos pelos escritores, principalmente se eles fossem de caráter literário. Exemplos desta dificuldade podem ser constatados a partir de Lima Barreto. Segundo a biografia escrita por Francisco de Assis Barbosa, Lima Barreto não encontrava editores para suas obras. Mendigava de porta em porta e recebia negativas. Na primeira vez que o literato teve uma obra publicada “foi conseguida a duras penas, junto a um amigo e ele precisou vender os direitos autorais. Outras vezes ele arcava com todos os gastos, endividando-se até não mais poder”.<sup>647</sup>

Em um amplo estudo sobre a vida literária no Brasil da Primeira República, Antônio Luiz Machado Neto investigou as estruturas sociais que movimentavam a escrita das obras e

---

<sup>644</sup> Id.

<sup>645</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>646</sup> HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua História**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.p. 275.

<sup>647</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. Op. Cit, p. 234.

as relações estabelecidas entre os autores e as editoras. Segundo o autor, no Brasil da Primeira República “não se viveu da literatura (ou de outra atividade cultural assemelhada) salvo exceção e por algum período da vida, assim mesmo acumulando com o jornalismo”<sup>648</sup>. Tal constatação é demonstrativa das dificuldades que os autores enfrentavam para a produção, publicação e venda de suas obras.

Para o pesquisador, o trabalho com a pena, no Brasil daquele momento, estava sempre como uma segunda ocupação. Era trabalho para as horas vagas para o tempo que se deixava a ocupação normal e principal.<sup>649</sup> Segundo o autor, o livro didático vendia sempre mais e era preferido pelos livreiros. Afrânio Peixoto conseguiu conciliar a escrita de manuais didáticos, intercalando-os com as obras literárias. Talvez essa relação tenha lhe proporcionado as edições de um vasto número de obras, num cenário tão precário quanto o da produção de livros no Brasil daquele momento.

Em um tributo póstumo ao livreiro Francisco Alves, publicado no jornal O Imparcial, de 1917, Afrânio Peixoto declarou que conhecera Alves no ano de 1909 “em um verão nas Paineiras onde erámos os dois hóspedes que não jogavam. A uma ambição minha, de ir novamente à Europa, o livreiro perguntou-me: -Por que não vai? -Não tenho com quê.”<sup>650</sup> Foi naquela ocasião que Francisco Alves teria proposto que Peixoto escrevesse um livro, com que angariasse fundos para a sonhada viagem. Provavelmente o editor tivesse conhecimento do concurso prestado por Peixoto para a cátedra de medicina pública da FMRJ, e isto lhe interessasse. Peixoto atribuiu ao próprio Alves a sugestão de que ele escrevesse um novo manual de medicina legal. Enquanto os outros escritores penavam para que as editoras publicassem suas obras, Peixoto declarou que o livreiro solicitou uma obra a ele. Dado o sucesso que o manual alcançara, Peixoto recordou-se que sentiu-se a vontade para sugerir ao Alves que ele publicasse também um romance seu.<sup>651</sup>

Laurence Hallowell apresentou, detalhadamente, o momento em que Peixoto solicitou a Francisco Alves a publicação da sua obra *A Esfinge*. Segundo o pesquisador, transcrevendo

---

<sup>648</sup> MACHADO NETO, Antônio Luz. **Estrutura Social da República das Letras**. Sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1973. p. 77.

<sup>649</sup> Ibid., p. 80. Em dados levantados pelo autor, “Aloysio de Azevedo lastima-se de ter de vender um romance de seiscentas páginas por oitocentos mil-reis; Alencar vendia seus romances para a Garnier por quatrocentos; Oliveira Lima vendeu os direitos autorais de sua *História da Civilização* por seiscentos dólares e Coelho Neto, os de *A cidade Maravilhosa* por três contos de reis; Lima Barreto oferecida de graça as *Recordações do escrivão Isaias Caminha* a um editor português.” (NETO MACHADO, Antonio Luz. Op. Cit., p. 81 e 82.)

<sup>650</sup> HALLEWELL, Laurence. Op. Cit., p. 275.

<sup>651</sup> Segundo Leonídio Ribeiro, o Manual de Medicina Legal, depois transformado em Elementos de Medicina Legal teve dez edições, todas pela Livraria Francisco Alves e chegou a 23. 600 exemplares. RIBEIRO, 1950, p. 418. Já Laurence Hallowell, na obra *História do Livro no Brasil*, apurou que a obra chegou a 25 mil exemplares. (HALLEWELL, Laurence. Op. Cit., p. 286).



o artigo d'O Imparcial, Peixoto declarou que encontrou o livreiro enquanto ambos estavam na Europa [naquela viagem realizada em 1910]:

Contei-lhe o que sucedera ao João Ribeiro, quando, oferecendo *O Fabordão* ao Garnier tivera a seguinte resposta: ‘-O livro didático, a carne, é para o Alves; a literatura, o osso, é para mim’. Não quisera me acontecesse o mesmo. Quanto devia dar-lhe, para que me publicasse *A Esfinge*? Respondeu-me irônico: ‘Atendo ao Garnier: se tenho livro didático, devo ter também o literário’. Como poderia haver laivo de impolidez nessa querela de “carne e osso”, acrescentou: “E não será osso-pois que terá mil colegas [os outros médicos] a esgotarem uma primeira edição para ver se não escorregou”.<sup>652</sup>

A obra literária *A Esfinge* foi considerada um sucesso e, até 1919, teve cinco edições da Francisco Alves além de duas edições em espanhol, lançadas em Buenos Aires (1912) e em Barcelona (1920). “Entre todos foi o romance brasileiro de maior vendagem desde *Canaã*, oito anos antes” afirmou Laurence Hallewell, atribuindo o sucesso da obra a dois fatores: “primeiro por ter se tornado atraente para o público feminino e pela atração adicional de ser um *roman à clef*”<sup>653</sup>. Não ficamos informados se a alegação do livreiro, de que os pares de Peixoto comprariam a obra pra avaliar a sua escrita, tenham se efetivado.

O pesquisador Jeffrey Needell, ao analisar o contexto literário daquele momento, chamou a atenção para outro requisito indispensável para se “alcançar o sucesso” naquela sociedade, definida por ele como *belle époque*: “o papel que um autor desempenhava na alta sociedade, bem como o modo de vida que retratava era, muitas vezes, o que determinava seu êxito junto ao reduzido público leitor”. Segundo o historiador, muitas vezes o leitor do Rio exigia apenas uma única coisa do autor: posição<sup>654</sup>. Como vimos, Peixoto esforçou-se para conquistar espaços que garantiam essas posições. Além de frequentar todos os salões mais disputados da capital, o médico empreendera viagem para a Europa, era professor de medicina e acabava de adentrar o panteão dos imortais.

Lawrence Hallewell afirmou ainda que, foram “os sucessos editoriais alcançados com Afrânio Peixoto que estimularam Francisco Alves a aventurar-se mais na literatura.”<sup>655</sup> A

---

<sup>652</sup> Ibid., p. 286, 287.

<sup>653</sup> Ibid., p. 287. 287. *Roman à clef* era como se chamava os romances que procuravam apresentar personagens reais com nomes fictícios no enredo do romance. A obra *A Esfinge* foi inteiramente construída baseada neste estilo. Os contemporâneos de Peixoto poderiam se encontrar no romance. As referências as personagens reais são bastante claras. Na *Esfinge*, por exemplo, consta um personagem chamado historiador Nogueira que acabara de publicar uma obra intitulada “Capítulos de História Colonial” referindo-se claramente ao Capistrano de Abreu. Euclides da Cunha, Mário de Alencar, Barrão do Rio Branco também são facilmente reconhecíveis. Wilson Martins preocupou-se em desvendar os personagens reais presentes na obra de Peixoto. Ver: MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. Vol. V e VI. São Paulo: Cultrix, 1978.

<sup>654</sup> NEEDELL Jeffrey. Op. Cit., p. 215.

<sup>655</sup> HALLEWELL, Laurence. Op. Cit., p. 288.

venda dos livros passou a constituir uma importante fonte de renda para o médico baiano, conforme é possível apurar nas cartas trocadas entre ele e as diversas editoras junto as quais publicou. Os números eram vantajosos em função das vendas elevadas.<sup>656</sup>

Por meio da análise de uma série de correspondências pessoais arquivadas na Casa da Memória Afrânio Peixoto, em Lençóis, é possível investigar que Peixoto construiu uma estratégia muito interessante para tornar suas obras, particularmente as de cunho literário, conhecidas. Além de enviar exemplares para os seus amigos mais próximos, Peixoto também encaminhava suas obras para moradores daquelas terras sertanejas que a sua literatura retratava. Isso pode ser comprovado pelo elevado número de cartas que Peixoto recebia, em agradecimento as obras recebidas e, ainda, outras correspondências enviadas por Peixoto e, por vezes arquivada uma cópia, em que ele declarava, ao seu interlocutor, que enviava “seu mais recente romance” e pediria, “não fosse muito”, fazer a leitura “para todos”, em “voz alta, como requer as contações de histórias sertanejas”.<sup>657</sup> Em outras correspondências constam pedidos por novas publicações e, às vezes, exigências para que Peixoto “não se esqueça que também morou em Lençóis, agora que só fala de Canavieiras. Quando vem o romance que retratará nossa terra?”<sup>658</sup>. Algumas destas reclamações foram utilizadas como prefácios, que justificavam a escrita das obras literárias que, mais uma vez, relatariam sobre o universo sertanejo.

O que nos parece importante observar, destes eventos e da larga correspondência trocada entre Peixoto e os moradores do sertão, é que sua escrita encontrou um incentivo interessante para se expandir. Além disso, a identidade que Peixoto queria atribuir à sua figura intelectual estava, cada mais, atrelada à diferenciação sertaneja. Embora essa constatação se desse, na maioria das vezes, definida a partir da capital federal, ser um representante das terras sertanejas ou representar o “filho ilustre do sertão” foi se tornando uma perspectiva interessante para o seu projeto intelectual e para a construção da sua imagem pública.

A entrada de Afrânio Peixoto na Academia Brasileira de Letras lhe garantiu a legitimidade para expressar-se por meio da literatura. Bastou adentrar aquela instituição para que o médico ampliasse tanto a sua carreira literária quanto as intervenções no que diz

---

<sup>656</sup> Renata Prudêncio da Silva analisou com detalhes as correspondências trocadas entre Peixoto e as editoras e a importância do êxito editorial na trajetória do médico. Ver: SILVA, 2014, p. 54-73.

<sup>657</sup> Correspondência para “Gonzaga”. 13/03/1918. Pasta Correspondências Pessoais. 1910-1930. Casa da Memória Afrânio Peixoto, Lençóis – BA.

<sup>658</sup> No prefácio do romance *Bugrinha* (1921) consta a seguinte afirmativa: “De Lençóis, minha terra natal ‘o coração diamantífero da Bahia’ recebi tocante apêlo. Teria esquecido o meu berço e os anos felizes da infância, tanto que adotara outros cenários para os meus romances? Não valeriam acaso as minhas reminiscências, sequer um livro de piedade filial? Daí a *Bugrinha*”. (PEIXOTO, Afrânio. *Bugrinha*. In: \_\_\_\_\_. **Romances completos...**, p. 479.

respeito a produção de conhecimentos culturais, nas suas várias vertentes. A atuação de Peixoto, a partir da ABL, lhe proporcionou inferir sobre projetos que ele julgava vitais e imprescindíveis para a emancipação nacional. A escrita das obras literárias era um deles.

### 3.4 A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS: A CULTURA À SERVIÇO DA NAÇÃO

Uma das hipóteses que guia esse trabalho é a de que Afrânio Peixoto encontrou na atividade cultural o caminho para garantir a sua participação no projeto de viabilidade nacional. Acreditamos que tal premissa tenha se tornado o norte do seu trabalho e o projeto da sua vida. As propostas pensadas pelo médico exigiam uma atuação coletiva: os intelectuais exerceriam papel fundamental não só para guiar o povo, mas para elaborar o material que o educaria. Segundo acreditava, “a aristocracia intelectual”, a “agremiação dos homens cultos” possuía a incumbência de unir-se em um projeto grandioso de pesquisa e estudo da história e da cultura brasileira para, em seguida, disseminar estes saberes nacionais entre a população do próprio país e no âmbito internacional. Tratava-se de um ambicioso projeto educacional de valorização “das coisas, dos homens e dos saberes brasileiros”.

Estes anseios encontravam ressonância no contexto social, político e cultural da Primeira República e diversos intelectuais, partindo de sonhos semelhantes, dedicaram-se a analisar o país nas suas diversas vertentes, tentando, a partir destas análises, lançar propostas efetivas para a transformação da nação.<sup>659</sup> Cada intelectual a seu modo e dentro de seus espaços de atuação, trabalhou arduamente para garantir o futuro do Brasil.

As ferramentas com as quais Afrânio Peixoto trabalhou para levar a cabo estas ideias é o que nos interessa analisar neste item do capítulo. Percebemos que a entrada de Afrânio Peixoto na Academia Brasileira de Letras marcou significativamente os seus esforços na promoção, pesquisa e disseminação da cultura brasileira. Foi por meio de projetos lançados a partir da ABL que o médico tentou unir ciência e literatura, buscando diversos argumentos que conciliasse a prática científica a uma carreira no campo das letras. Segundo a expectativa de Afrânio Peixoto, a ABL deveria reunir entre seus membros “todas as glórias nacionais”<sup>660</sup>, tentando ser “o índice abreviado da cultura nacional”<sup>661</sup>.

---

<sup>659</sup> Nos referimos às trajetórias intelectuais de Euclides da Cunha, Silvio Romero, Manuel Bonfim, Alberto Torres, Capistrano de Abreu, etc..., por exemplo.

<sup>660</sup> PEIXOTO, Afrânio. Um sábio e um poeta. Discurso de recepção ao Sr. Oswaldo Gonçalves Cruz, na Academia Brasileira de Letras. 26/06/1913. In: \_\_\_\_\_. **Poeira da Estrada**. Ensaios de crítica e de história. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1944. p. 106.

<sup>661</sup> *Ibid.*, p. 117.

Diante das querelas levadas a cabo por literatos que objetivavam que a ABL recebesse apenas literatos, visto que era uma academia das letras nacionais, Peixoto foi um dos mais fervorosos defensores de que a Academia deveria ser um espaço de consagração para os homens sábios, para aqueles que elevavam a nação com seus feitos, fosse em estudos de literatura, medicina, artes, engenharia, etc.<sup>662</sup>

A justificativa alegada por Peixoto na imprensa diária da capital federal, particularmente entre os anos de 1910 até 1920, quando essa questão ganhou maior relevância, era a de que a ABL possuía inspiração na Academia Francesa<sup>663</sup>. Por isso, tanto uma instituição quanto a outra não vacilavam em “querer possuir todas as joias ao seu alcance”.<sup>664</sup>

Peixoto foi um defensor de que aquela instituição era um recinto de sábios. Estava claro para ele que todos os estudos, em qualquer área, utilizavam-se das letras para se realizar. Isso bastava para justificar que os homens cultos, de distintas formações que efetivassem trabalhos de contribuição nacional, estivessem entre os membros imortais da academia.

No ano de 1913 Peixoto foi indicado para escrever o discurso de recepção de Oswaldo Cruz como membro da ABL. Segundo Dominichi Miranda de Sá, sempre que uma eleição causava rebuliço, Peixoto era o escolhido para pronunciar o discurso e acalmar os ânimos com seus argumentos ou com sua própria trajetória, que justificava as polêmicas eleições da Academia<sup>665</sup>. A escolha de Oswaldo Cruz estava causando diversas críticas na imprensa diária. Seu concorrente fora Emílio de Meneses, o sarcástico poeta que não deixou por menos a preferência dos consagrados sábios nacionais pelo cientista e não por ele, um homem de letras.

Na ocasião do discurso, utilizando do seu melhor estilo retórico, Peixoto quis provar, para a plateia presente e para os leitores futuros, que “toda a obra de letras é uma obra de ciência”<sup>666</sup> e que, por isso, não deveria causar nenhum assombro a escolha de um cientista em detrimento de um poeta. Afirmando que “Homero escreveu em versos um guia de viagens pelo Mediterrâneo” e que Vergílio escrevera *As Geórgicas* “como um tratado de meteorologia aplicada, de agricultura e economia rural” e que “o poema de Lucrécio sobre a natureza das

---

<sup>662</sup> Id.

<sup>663</sup> Sá, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão...**

<sup>664</sup> PEIXOTO, Afrânio. Um sábio e um poeta..., p. 105.

<sup>665</sup> Sá, 2006, p, 148,

<sup>666</sup> PEIXOTO, Afrânio. “Um sábio e um poeta”. Discurso de recepção ao sr. Oswaldo Gonçalves Cruz, na Academia Brasileira de Letras. 26/06/1913. In: \_\_\_\_ **Poeira da Estrada**. Ensaios de crítica e de história. W. M. Jackson. Rio de Janeiro, 1944, p. 105.

coisas é o prefácio encantador das ciências contemporâneas”<sup>667</sup> Peixoto argumentava que não havia distinções entre as inteligências.<sup>668</sup> Neste mesmo tom, o médico declarou que “o *folklore*, ocupação de literatos até ontem, é a *fama* de agora, estudo de etnografia”<sup>669</sup>. Buscando exemplos semelhantes no campo da história e da filosofia, evocando a legitimidade de nomes que se constituíam em referências de erudição e de conhecimento, o médico afirmava que era “tão medíocre expelir as ciências de entre as letras como seria exigir que só se considerem estilistas os que escrevem com um estilete. Já existem obras-primas datilografadas” ironizou.<sup>670</sup>

O discurso tornou-se emblemático não só daquilo que Peixoto defendeu dentro da academia, mas dos projetos que efetivou. Para ele era indispensável a “união” dos saberes, das técnicas e das artes para o grande propósito a que todos os intelectuais brasileiros deveriam estar engajados: o da construção da nação. Quaisquer outras querelas eram de somenos, diante da grandiosidade da missão à qual estavam destinados.

A ideia de que a literatura constituía a missão mais importante para a constituição nacional datava do século XIX. Segundo Jeffrey Needell, foi a primeira geração de românticos que assumiu a “sua condição de missão em 1836, sob a influência dos românticos franceses”<sup>671</sup>, os quais defendiam o papel da literatura no progresso e civilização da nação. O desenvolvimento de uma literatura própria daria a consciência, a memória e a alma da nação.<sup>672</sup> Foi com esta inspiração que a Academia Brasileira de Letras foi criada, em 1897.

Na tentativa de fundar uma organização “que servisse aos sábios francófilos ou aos interesses dos literatos”, de clara inspiração romântica, os expoentes da ABL pretendiam encorajar o surgimento de uma literatura verdadeiramente nacional.<sup>673</sup> Jeffrey Needell destaca que “nos acordes iniciais” da ABL ecoava a paixão romântica por uma tradição literária nacional e por uma grande obra que expressasse a alma do Brasil.<sup>674</sup> Seguindo a tradição, Peixoto alertava constantemente os membros da ABL para aquela tarefa que, segundo suas estimativas, ainda estava por se fazer.

---

<sup>667</sup> PEIXOTO, Afrânio. “Um sábio e um poeta”. Discurso de recepção ao sr. Oswaldo Gonçalves Cruz, na Academia Brasileira de Letras. 26/06/1913. In: \_\_\_\_ **Poeira da Estrada**. Ensaios de crítica e de história. W. M. Jackson. Rio de Janeiro, 1944, p. 105.

<sup>668</sup> PEIXOTO, Afrânio. Um sábio e um poeta..., Op. Cit., p. 105.

<sup>669</sup> Ibid., p. 106.

<sup>670</sup> Id.

<sup>671</sup> NEEDELL Jeffrey. Op. Cit., p. 213.

<sup>672</sup> Id.

<sup>673</sup> Ibid., p. 226.

<sup>674</sup> Ibid., p. 227.

Desde a sua entrada na Academia que seus esforços expressaram-se na tentativa de efetivar não só uma obra, mas um projeto que expressasse a alma do Brasil. Para o médico essa expressão não poderia estar unicamente na literatura, embora os romances tivessem um papel fundamental na tarefa. Para Peixoto a “verdadeira alma nacional” estava na sua cultura, manifesta em múltiplas realizações do espírito brasileiro.

Em um discurso pronunciado em dezembro de 1922 quando, na função de secretário da ABL, Peixoto precisou dar contas dos trabalhos e projetos efetivados na instituição no ano morredouro e lançar os planos para o vindouro, o intelectual deixou claro suas ideias sobre a função da Academia e as propostas que julgava urgentes.

No ano de 1923 Afrânio Peixoto assumiu uma importante tarefa naquela casa. Fora eleito presidente da ABL. Tal cargo, segundo declarou, lhe proporcionava amplas obrigações e, na condição de líder, o médico clamava aos outros sócios o auxílio que garantiria a efetivação das funções.

Afrânio Peixoto começou seu pronunciamento elencando que a Academia Brasileira era de “inspiração peregrina” e que era sempre uma “característica dos jovens copiar”<sup>675</sup>. Entretanto, prosseguiu o médico, as semelhanças entre a instituição brasileira e a francesa se reduzem a estrutura e a programação, porque o funcionamento era completamente diferente. Ao mesmo tempo em que expressou as diferenças que eram passíveis de serem percebidas, o médico reinterpretou a função estabelecida pelos membros fundadores como sendo a da Academia. Recorrendo a uma metáfora Peixoto afirmou que:

Na Europa se faz estrada para servir a centros de povoamento e produção, na América ellas [as estradas] devem ser feitas para povoar o deserto e dele obter os produtos necessários: lá homens de letras consagram sua glória numa academia, aqui as academias se devem formar para produzir os homens de letras, dignos desse nome.<sup>676</sup>

A partir do recurso discursivo, o médico apontava que a ABL deveria ser vista como uma instituição promotora de saberes e, vista desta maneira, Peixoto acreditava no aspecto pedagógico da mesma. Caberia à Academia gerar “homens de letras”. Numa relação recíproca entre a produção de saberes e a formação de homens, Peixoto legitimava a existência da instituição a partir de tais propósitos. As afirmativas de Peixoto tinham por objetivo

---

<sup>675</sup> PEIXOTO, Afrânio. A academia brasileira, o passado e o presente. Discurso de encerramento dos trabalhos acadêmicos de 28 de dezembro de 1922 e programma do novo anno em 1923. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro, p. 23- 44. 1923, p. 24.

<sup>676</sup> Id.

estabelecer os critérios básicos para a formação dos acadêmicos. Esta estratégia, como veremos, se coadunavam com os propósitos que Peixoto teve ao redigir o discurso.

A ênfase no aspecto de formação da Academia e, ainda, na função dos acadêmicos, foi salientada pelas frases exaltadas de Peixoto quando declarou que o objetivo daqueles homens, reunidos naquela agremiação, representantes da cultura nacional era, ao fim e a o cabo, o comando da nação. Bradou o médico que:

O governo dos melhores, no sentido aristotélico, é a aristocracia dos mais educados, mais polidos, mais cultos, mais letrados, que, portanto, podem pretender a uma orientação eficaz da Pátria: à *Academia e pela Academia* para os grandes destinos de nossa Pátria<sup>677</sup>.

Peixoto queria registrar que os homens, reunidos naquele recinto, correspondiam àquela aristocracia intelectual clamada, desde tempos imemoriais, para dirigir o destino da pátria. Os meios para atingir tais propósitos precisavam ser ditados e organizados a partir de uma instituição promotora de saberes, neste caso a ABL.<sup>678</sup>

Outro elemento de destaque no discurso do médico foi a persistência irônica com que ele utilizou-se do termo “imortal”, com o qual a academia legava seus signatários. Segundo Peixoto, não era possível vangloriar-se do epíteto sem fazer por merecê-lo e lembrou-se da “(...) expressão feliz de Maeterlinck [poeta de nacionalidade belga] para quem a imortalidade não era apenas a eterna lembrança, mas trabalhar para ser lembrado”.<sup>679</sup> O trabalho para o qual Peixoto conclamava aquela intelectualidade tinha por objetivo legar-lhes à imortalidade, não apenas como um homem de letras e membro da ABL, mas como um sujeito que permaneceria por meio das suas obras.

Baseado em citações dos “sábios do conhecimento mundial” e recorrendo ao seu mais lapidado discurso retórico, o médico pretendeu mexer com os brios dos “consagrados sábios nacionais” daquele momento. Ele pretendia apresentar o seu projeto para o ano seguinte, enquanto estivesse na presidência da instituição e clamava pelo auxílio dos sócios.

Segundo foi apresentado, tratava-se de um projeto urgente, em que se objetivava “reunir a alma nacional”<sup>680</sup> e apresentá-la “pronta, acabada e grandiosa” aos olhos das nações estrangeiras. Se aqueles anseios fossem efetivados, o Brasil seria alçado, lado a lado, com as grandes civilizações.

---

<sup>677</sup> Ibid., p.33.

<sup>678</sup> Id.

<sup>679</sup> Ibid., p. 34.

<sup>680</sup> Ibid., p. 35.

Segundo suas intenções, para dar conta daquela “cruzada intelectual” que expandiria as letras e a cultura nacional “para o mundo” e, ainda, organizaria o maior arsenal de documentos e de produções relativas “à história, à geographia, à ethnographia, à sociologia, isto é, o estudo do Brasil e dos Brasileiros”<sup>681</sup> precisava-se de braços dispostos e cabeças pensantes.

O projeto iniciaria com a coleta de documentos que expressassem a cultura brasileira, a sua história ou as grandes personalidades nacionais, bem como a reimpressão de obras raras e caras para o conhecimento da nação. A primeira sugestão, para a empreitada, seria a reunião transformada em coleções sobre “a linguagem”, “os dizeres” e “as expressões da nossa gente”. Em seguida, o médico apresentou uma proposta que resultaria num vasto estudo de história do Brasil, “desde os antigos viajantes que declararam sobre as riquezas da pátria para o resto do mundo”, bem como sobre “trajetórias biográficas de brasileiros ilustres que caíram no esquecimento nacional”. Tratava-se do projeto histórico e, ainda, médico declarou que “já estava trabalhando na constituição de cadeiras que ensinaria literatura portuguesa nas principais faculdades europeias”.<sup>682</sup>

A preocupação com a imagem do Brasil no exterior, particularmente frente aos países europeus, era antiga entre a comunidade política e intelectual brasileira. Segundo a historiografia que analisa o tema, uma das maneiras mais eficazes dos países colonizados apresentarem-se aos olhos estrangeiros era por meio das exposições que se tornaram frequentes a partir do século XIX. Os ideais de ‘modernidade’ e ‘civilização tão requeridos pelas nações do período, “justificaram intervenções econômico-sociais, político-ideológicas e militares nos quatro cantos do mundo. As exposições internacionais foram, a um só tempo, espelho e motor desse processo”.<sup>683</sup> A frequência e insistência com que a historiografia dos anos finais do século XIX e início do XX têm demonstrado que o Brasil participava destas exposições internacionais demonstra a preocupação que a elite política e intelectual tinha em apresentar-se aos olhares estrangeiros. Segundo os pesquisadores Nelson Sanjad e Anna Raquel de Matos Castro em análises sobre uma exposição brasileira realizada em Turim, no ano de 1911, por meio das exposições internacionais, o país visitante angariava “relações

---

<sup>681</sup> Ibid., p.. 43.

<sup>682</sup> Id.

<sup>683</sup> SANJAD, Nelson e CASTRO, Anna Raquel de Matos. Comércio, política e ciência nas exposições internacionais. O Brasil em Turim, 1911. *Varia História*, vol.31 no.57, Belo Horizonte, p. 819-861, set./dez. 2015. p. 819.



diplomáticas e comerciais”, conseguia expor “seus aparatos científicos e culturais” permitindo que as nações estrangeiras o julgassem, medindo “a distância entre o ‘desenvolvido’ e o ‘atrasado’” e, ainda, garantiam “a construção de uma imagem nacional, relacionada a representação da diversidade social, cultural e étnica do país, apresentando e escondendo suas singularidades.”<sup>684</sup>

Partilhando portanto, da mentalidade recorrente entre a elite intelectual e política, não só de mostrar o Brasil no exterior, mas de ressignificar a sua imagem, trabalhando na construção de um aparato nacional que elevasse o país à condição de “moderno” e “civilizado”, Peixoto dedicou-se a investir nos aspectos culturais, particularmente o literário, a partir da ABL. Por diversas vezes o intelectual demonstrou que não bastava apenas reunir “o vasto acervo cultural da nossa gente”, mas era urgente de apresentá-los às nações estrangeiras. A constituição do orgulho pátrio passava pela aceitação, reconhecimento e respeito que o Brasil tivesse no exterior. Eram as grandes nações civilizadas que deveriam reconhecer o Brasil como um país como uma nação no rumo de tais conquistas.

A ajuda solicitada naquele momento era para efetivar estas obras. Segundo o médico, parte do êxito da ABL residia no fato da apurada seleção exigida para a entrada na casa.<sup>685</sup> Chamando a atenção, ainda, para o quanto aquelas cadeiras eram cobiçadas, Peixoto recordou-se que “antes de declaradas as vagas, antes mesmo de findo o nojo e rezada à missa do sétimo dia as candidaturas já apareciam. Custa muito, sem dúvida, esperar uma semana a quem pretende a imortalidade...”<sup>686</sup> Tal ironia intentava demonstrar que a permanência em uma instituição tão aclamada precisava ser justificada por meio de trabalhos efetivos, de produção de saberes e de orgulho nacional.

Em tom sarcástico, Peixoto chegou a alegar que fazia-se “mister que a instituição [providenciasse] um seguro que salvguarde as precárias immortalidades [dos acadêmicos]”<sup>687</sup>, visto que a concorrência e a disputa para aquelas cadeiras beirava o “canibalismo”<sup>688</sup>. Toda a parte introdutória do discurso, que reiterava a importância do lugar ocupado pelos membros da ABL ou a demarcação da importância daqueles quarenta homens cultos, frente a “milhões” que foram preteridos, pretendia fortalecer o orgulho dos acadêmicos e, principalmente, chamá-los para ocupar o merecimento do honorável privilégio. Peixoto não

---

<sup>684</sup> SANJAD, Nelson e CASTRO, Anna Raquel de Matos. Op. Cit., p. 820.

<sup>685</sup> PEIXOTO, Afrânio. A academia brasileira, o passado e o presente..., p. 30.

<sup>686</sup> Id.

<sup>687</sup> Id.

<sup>688</sup> Id.

se furtou de recordar-lhes que, além do mérito, da fama e da honra os acadêmicos recebiam também o jeton.<sup>689</sup>

O pagamento de um honorário para a participação nas reuniões da ABL soava como uma afronta para os intelectuais preteridos pela casa, concluía Peixoto e declarava ironicamente que “era demais, talento e fortuna! Os Brasileiros são tão amigos da equidade, que toleram milhões aos incapazes, porque são incapazes; mas, que homens de talento os consigam, ainda para bem geral, está o que é imperdoável”.<sup>690</sup> Podemos perceber que Peixoto recorreu a diversos recursos para clamar àquela intelectualidade a ajuda que julgava necessária para o projeto que deveria partir da ABL. Era naquela instituição que Peixoto acreditava encontrar o espaço privilegiado para a realização das propostas. Segundo ele, a ABL reunia intelectuais das mais diversas formações que, além de tudo, dominavam o discurso, a oratória e a escrita tão necessários para uma empreitada deste porte.

Objetivando nada menos que o registro indelével do seu nome e do nome daquele grupo como os “forjadores da nação” ou, ainda, como uma elite capaz de identificar os meandros da cultura nacional e registrá-la para os “tempos vindouros”, Peixoto sugeriu a elaboração de um amplo e heterogêneo registro de estudos daquilo que ele catalogou como “cultura brasileira”. Ao apontar às “frentes de pesquisa” que estava propondo, Peixoto esclareceu que estas estariam divididas em dois blocos: a literária e a de estudos brasileiros, que compreenderiam “a história, a geographia, a ethnographia, a sociologia, isto é, o estudo do

---

<sup>689</sup> O Jeton era uma bonificação paga aos acadêmicos para a participação nas reuniões e eventos da Academia. Segundo a fala de Peixoto, esse jeton era pago pelo estado, conforme a afirmativa: “Vivíamos de uma pensão do Estado, em casa de empréstimo: já era muito, para quem tinha talento, editores, consagração oficial. Mas eis que, além dístico, um benemérito varão, Francisco Alves, que honradamente ganhara milhões no commercio de livros, entendeu, restitui-los às letras, para decência e dignidade dellas, usufructo em favor do progresso da literatura e da língua nacional”. PEIXOTO, Afrânio. “A academia brasileira, o passado e o presente” (Discurso de encerramento dos trabalhos acadêmicos de 28 de dezembro de 1922 e programma do novo anno em 1923). **Revista da Academia Brasileira de Letras**. P. 23- 44, p. 32. Após a morte do livreiro Francisco Alves, em 1917, e a doação de sua fortuna para a ABL, o jeton passou a ser pago por meio dos recursos desta herança. Segundo Antônio Luís Machado Neto, “os escritores que galgavam os degraus da glória acadêmica recebiam de jeton, nas reuniões da Academia a quantia de cem mil réis. Isso equivalia a um estipêndio de quatrocentos a quinhentos mil réis por mês durante o período das sessões e não há negar que devia ter certo peso no orçamento modesto daqueles que não eram ricos de nascença ou não integravam a pequena corte dos exitosos profissionais liberais que logravam fazer fortuna na advocacia, na medicina ou nos negócios”. NETO, Machado A. L. **Estrutura Social da República das Letras**. Sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1973. P. 83. Só para termos uma ideia do quanto este valor representava naquele contexto, particularmente para aqueles que pretendiam viver das letras, em 1910 Coelho Neto queixou-se para Humberto de Campos que o Garnier ofereceu trezentos mil réis para que ele e Olavo Bilac confeccionassem um dicionário de sinônimos. “Trezentos mil reis para os dois, isto é, para o trabalho de dois homens durante três meses”, esbravejava Coelho Neto. In: NETO, 1973, p. 82. Outro exemplo pode ser observando a partir da biografia de Lima Barreto. Segundo Francisco de Assis Barbosa, em um caderninho onde estava anotado o “Orçamento definitivo” de Lima Barreto para o mês, isso quando já havia assumido o concurso de amanuense, resultavam em 340 mil réis mensais. Esta soma resultava do seu salário na Secretaria de Guerra mais a aposentadoria do seu pai. (BARBOSA, Francisco de Assis. Op. Cit., p. 124).

<sup>690</sup> PEIXOTO, Afrânio. A academia brasileira, o passado e o presente..., p. 32.

Brasil e dos brasileiros, de que a literatura nacional é apenas a fina flor intellectual”.<sup>691</sup> Peixoto procurou deixar claro no discurso que acalentava a pretensão de que a condução dos trabalhos estivesse a cargo de especialistas em áreas distintas do conhecimento. Tal justificativa reiterava seus argumentos de que a Academia de Letras deveria reunir intelectuais de todas as especialidades, para a produção dos vastos saberes, conforme requeria a formação da nacionalidade brasileira.

A pesquisadora Tânia Regina de Luca, ao analisar a produção intelectual brasileira veiculada no periódico Revista do Brasil, entre os anos de 1916 até por volta de 1925, perseguindo o tema da formação nacional a partir daquelas produções intelectuais, situou as proposições efetivadas pelos intelectuais, reunidos em torno da revista, em quatro linhas fundamentais. A definição dos temas foi tomada a partir das ocorrências com que eles eram utilizados nos debates realizados no periódico. Segundo Luca, os assuntos mais prementes, aqueles que importavam à constituição da nacionalidade brasileira, giravam em torno da “História e Geografia, Etnia, Ciência e Língua- como elementos definidores do objeto [nacional].”<sup>692</sup>

Para a pesquisadora, os momentos que se seguiram à primeira guerra mundial proporcionaram novos desafios para a intelectualidade brasileira, resultando na constatação da enorme distância que separava o Brasil dos países industrializados. Além disso, tornou-se quase unânime a ideia de que o Brasil era uma “nação fraca, potencializando o temor, sempre latente, de que o país não seria capaz de manter a sua independência e unidade diante da pressão das potências imperialistas.”<sup>693</sup> Fortalecer, portanto, a identidade nacional a partir dos aparatos culturais era uma maneira de demonstrar a construção nacional aos olhos estrangeiros e buscar soluções para um país ainda em projeto, “como um edifício em construção, um imenso laboratório ou oficina na qual a nação estava sendo forjada,”<sup>694</sup> conforme descreveu Tania Regina de Luca.

Assim, os propósitos que reuniram os intelectuais em torno da publicação de uma revista, destinavam-se a esmiuçar a história, a geografia, a língua, a produção literária, o sistema político, as características antropológicas da população “num esforço que, segundo seus mentores, permitiria aos brasileiros assenhorem-se efetivamente do país”.<sup>695</sup> Ainda,

---

<sup>691</sup> Ibid., p. 43.

<sup>692</sup> LUCA, Tânia Regina de. **Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)Ação**. São Paulo: Unesp, 1999. p. 12

<sup>693</sup> Ibid., p. 40.

<sup>694</sup> Id.

<sup>695</sup> Ibid., p. 41.

segundo a pesquisadora, longe de se limitarem a uma atitude contemplativa, os intelectuais ansiavam por influir nos destinos do país, apontar caminhos, forjar políticas de ação.

As propostas lançadas pelos intelectuais, reunidos em torno do periódico Revista do Brasil, eram muito semelhantes àquilo que Afrânio Peixoto elencou no discurso de 1922. Tanto um quanto outro justificava seus projetos “no interior de um discurso que erigia como problema primordial do país a ausência de uma consciência nacional, capaz de transformá-lo em um todo organicamente estruturado”.<sup>696</sup>

Tal constatação demonstra a sintonia de Afrânio Peixoto com os tempos em que ele viveu, além de esclarecer suas pretensões. Diante de projetos parecidos ele demarcava, a partir da instituição a partir da qual veiculava suas ideias, a preocupação em tomar parte na condução dos destinos do país. Somente um esforço coletivo, que reunissem todas as produções culturais e que mobilizasse todos os intelectuais poderia resultar na construção nacional. Nenhum esforço produzido por aquela intelectualidade deveria ser desperdiçado. Conforme concluiu Tânia Regina de Luca, o projeto dos intelectuais objetivada “dar um sentido de conjunto ao país, incutir no seu povo a consciência do próprio valor e estabelecer uma ‘corrente de ideias e pensamentos’”.<sup>697</sup>

Os trabalhos propostos por Peixoto, a partir da ABL, são representativos, também, de outra crença recorrente na época, aquela que atribuía à intelectualidade os esforços para a compreensão do país.<sup>698</sup> Segundo Peixoto, somente a aristocracia intelectual saberia discernir aquilo que fosse significativo e realmente importante para a construção e efetivação da nação.

Em relação à construção da história do Brasil, Peixoto alegava que se tornava necessário que aqueles “homens de saber” observassem os seus mais importantes compatriotas, aqueles que haviam contribuído para o orgulho nacional nos tempos passados e que poderiam servir de exemplo para o tempo presente.<sup>699</sup> A justificativa de formar um acervo na ABL era, entre outros, o de proporcionar mais um local para a pesquisa e para o reconhecimento das personalidades de destaque na história do Brasil, demonstrando o esforço de Peixoto em tornar a instituição um centro de produção de saberes.

Tendo em vista sempre o olhar estrangeiro, em mais de um momento o médico denunciou o descaso nacional com os “seus homens ilustres”. Em uma passagem que narrou

---

<sup>696</sup> Ibid., p. 46.

<sup>697</sup> Ibid., p. 47.

<sup>698</sup> Ibid., p. 41.

<sup>699</sup> Esse também era o fio condutor dos trabalhos desenvolvidos a partir do IHGB, desde sua fundação. Ver: GUIMARÃES, Manuel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, no. 1, p. 5-27., 1988.

um fato que lhe ocorreu, Peixoto contou “como ficara corrido de vergonha diante de um sábio estrangeiro” que lhe pedira “indicação de uma livraria onde se pudesse prover-se das obras de José Bonifácio.”<sup>700</sup> O motivo da vergonha estava ligado ao fato de que “não havia em lugar nenhum, e ainda as bibliotecas mais providas, a Nacional mesmo, de que justamente nos ufanamos”, quaisquer escritos de Bonifácio, “além de alguns salteados folhetos”.<sup>701</sup> A indignação de Peixoto referia-se a que “nenhuma obra significativa foi editada do grande homem que há um século nos deu a liberdade política e é, até agora, o maior dos brasileiros”.<sup>702</sup>

Tais situações deveriam ser evitadas se intentássemos “fortalecer a imagem do Brasil aos olhos do mundo”. “Até a Europa” teria reconhecido José Bonifácio “como um dos maiores brasileiros”<sup>703</sup>, enquanto no Brasil os nacionais mal sabiam sobre a sua existência. Uma academia brasileira de letras não poderia se esquivar da tarefa de honrar seus maiores e, aqueles quarenta homens, escolhidos a dedo para representar a cultura nacional, não poderiam ignorar esta tarefa, com o perigo deles próprios caírem no ostracismo.

A proposta de confeccionar um acervo para a memória dos brasileiros ilustres era a primeira etapa do empreendimento que, em seguida, deveria voltar-se para o item intitulado “Primeiros Documentos”, que compreendiam a reedição de obras de “Hans Staden, Gandavo completo nos seus dois tratados; Cardim complexivo nas suas três memorias... e, depois destes, outros e outros, documentos, até o governo geral, indispensáveis á cultura nacional”<sup>704</sup>. A história seria, segundo o médico, a base para o reconhecimento do Brasil tanto interna quando externamente.

No momento em que lhe pareceu apropriado e para levantar o ânimo dos intelectuais, Peixoto anunciou uma das informações que lhe dava maior orgulho: a conquista de uma cadeira de estudos de literatura brasileira na Faculdade de Letras da Universidade de Paris, “onde professor idôneo, que conhece a nossa língua, e já o nosso paiz, fará curso regular de literatura nacional”.<sup>705</sup> Segundo Peixoto, o curso estaria sendo conduzido pelo professor George Le Gentil e aconteceria “todas as segundas-feiras, ás três horas da tarde”. O curso seria um “acordo com o governo Francez, e Portuguez mais esta Academia”.<sup>706</sup> O programa do curso teria sido organizado a partir das definições de “alguns intelectuais” que tinham se

---

<sup>700</sup> PEIXOTO, Afrânio. A academia brasileira, o passado e o presente..., p. 43.

<sup>701</sup> Id.

<sup>702</sup> Id.

<sup>703</sup> Id..

<sup>704</sup> Id.

<sup>705</sup> Ibid., p. 32.

<sup>706</sup> Ibid., p. 36.

inspirado no sucesso alcançado “pelos nossos exotismos” aos olhos franceses que “desde Marmontel com *Os Incas*, até Chateaubriand com *Os Natchez*”<sup>707</sup> encantaram-se com o romantismo nacional.

Ao que parece, o projeto era audacioso e pretendia não apenas tornar a literatura brasileira conhecida em Sorbonne como espalhar para o mundo, de maneira efetiva, “o conhecimento dos valores nacionais”.<sup>708</sup> Além disso, Peixoto previa que o curso “methodizado, systematizado”, daria “talvez livros de crítica que serão publicados na língua original franceza”, tornando a literatura nacional conhecida naqueles espaços que, segundo alegara, não eram lidas em função da “ignorância do nosso secreto idioma”.<sup>709</sup>

Além da França, os propósitos do projeto era “tão logo que as possibilidades permitam” oferecer “outro curso em inglez, em Universidade britânica, com que falaremos a outro pedaço do mundo, que nos ignora também”.<sup>710</sup> Se estes dois propósitos fossem alcançados e se ambos os cursos estivessem em pleno funcionamento, não restava dúvida, declarou Peixoto, a Academia estaria prestando um dos maiores auxílios à pátria: a propagação “da melhor das propagandas: a espiritual”.<sup>711</sup>

Parece-nos claro que o projeto esboçado com entusiasmo por Afrânio Peixoto e apresentado para os seus pares, era uma das propostas mais queridas do médico. Após observar atentamente as teorias científicas que apontavam para um futuro incerto no âmbito da constituição biológica dos brasileiros, o médico enveredou-se para aquilo que ele julgava ser “o espírito da raça: a sua cultura.”<sup>712</sup> No espaço cultural havia diversas maneiras de salvar o Brasil e de lançá-lo ao resto do mundo com o otimismo que sua verve nacionalista intentava e, ainda, tornava-se uma estratégia vantajosa de intervenção social. A “salvação” do país, diante das outras nações, não se daria apenas por meio de ressignificações no campo da ciência, mas pelo reconhecimento da cultura, particularmente da literatura.

A ideia de que a literatura fosse o retrato mais acabado de uma nação vinha de longa data. Desde pelo menos os românticos, inspirados por Ferdinand Denis, conforme já

---

<sup>707</sup> Id.

<sup>708</sup> Ibid., p. 37.

<sup>709</sup> Id.

<sup>710</sup> Id.

<sup>711</sup> Id.

<sup>712</sup> Na página 27 do artigo, que reproduziu o discurso de Peixoto, ele esclareceu a ideia de que segundo sua concepção, a cultura representava a alma da nossa raça. Transcrevo essa passagem: “A Academia Brasileira no designo de seus creadores não foi portanto um cenáculo de apostolado feito, como verdadeiramente uma academia de merecimentos em acção, que desse a todo o Brasil o estímulo fecundo da cultura da língua vernácula, - a alma sensível da raça, - e da perfeição da fôrma e da ideia literária, que é como vence no seu tempo e sobrevive na memória dos tempos a alma perecível dos povos...”. (Ibid., p. 27).

demonstramos.<sup>713</sup> Entretanto foi com a obra “Introdução a História da Literatura Brasileira” (1882) de Silvio Romero que tais ideias ganharam suas formas mais acabadas. Conforme apontou Erivan Cassiano Kavart, munido com os elementos da abordagem naturalista, Romero ampliava o conceito de literatura que, de Belas Letras, passava a identificar “um conjunto de documentos humanos tomados ao vivo” (e “não um acervo de mentiras”), além agregar aquilo que o autor identificava como “ideal civilizador”.<sup>714</sup>

Herdeiro das perspectivas da História da Literatura Brasileira, de Sílvio Romero, Peixoto entendia a escrita de romances como um espaço para se apresentar a realidade, “documentos humanos tomados ao vivo”, além de garantir o registro das singularidades da pátria, expressando-a naquilo que poderia haver de mais elevado.

Nos parece, inclusive, que tenha sido a partir destas premissas que o médico tenha declarado uma de suas frases mais polêmicas no campo da literatura. Em 1940, em um livro intitulado “Panorama da Literatura Brasileira” Peixoto declarou que “a literatura é o sorriso da sociedade”.<sup>715</sup> As críticas a esta expressão foram inúmeras e repercutem até os dias atuais. Lúcia Miguel Pereira utilizou a expressão para definir o momento literário da *belle époque* cuja característica principal era escrever obras que servissem de deleite. Os autores eram, normalmente, “homens inteligentes e sensíveis, mas que a angústia da criação nunca atormentou”.<sup>716</sup> Alfredo Bosi considerou a expressão simbólica de uma literatura que vivia em torno da Academia, dos jornais, da boemia carioca e da burocracia.<sup>717</sup> Contudo, acreditamos que tanto Lúcia Miguel Pereira quanto Alfredo Bosi esqueceram-se de situar, quando tomaram a explicação da expressão de Peixoto, a perspectiva nacionalista tão defendida pelo intelectual. A literatura brasileira deveria ser o sorriso com o qual o Brasil encantaria o resto do mundo. Uma literatura produzida com perspectivas nacionais, que retratasse a gente e a terra brasileira nas suas múltiplas manifestações representaria a melhor parte da nação, daí ser o seu sorriso.

Poderíamos elencar diversos aspectos para analisarmos essa expressão, entretanto, para os propósitos desta pesquisa escolhemos citar naquilo que a literatura representava para o projeto intelectual de Afrânio Peixoto. Outra coisa que os críticos literários desconsideraram ao analisar a frase é o momento em que ela foi pronunciada. Os embates travados entre Afrânio

---

<sup>713</sup> NEEDELL, Jeffrey. Op. Cit.; KARVAT, Erivan Cassiano. **Da História como cânone** ....

<sup>714</sup> KARVAT, Erivan Cassiano. **Da História como cânone** ..., p. 184.

<sup>715</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Panorama da literatura brasileira**. São Paulo: Companhia Nacional, 1940, p. 5.

<sup>716</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira**. Prosa de Ficção. De 1870-1920. Rio de Janeiro,; José Olympio, 1973, p. 255.

<sup>717</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 197.

Peixoto e o movimento modernista precisam ser considerados, para analisarmos o sentido da frase. De toda a forma, a citação de Peixoto foi utilizada para definir as produções literárias brasileiras das duas primeiras décadas do século XX, quando Afrânio Peixoto foi considerado um dos autores mais representativos do momento. Considerando que a frase foi pronunciada nos anos 40 e condensou a expressão mais acabada de Peixoto sobre como entendia a literatura para a sociedade, consideramos que ela precisa ser revista, a partir do projeto desenvolvido ao longo da trajetória intelectual de Peixoto, e não como definidora de um momento específico da literatura brasileira.

### 3.5 DE CIÊNCIA E DE LITERATURA - AS INFLUÊNCIAS DA OBRA LITERÁRIA DE AFRÂNIO PEIXOTO

Em finais da década de 1920, Afrânio Peixoto foi convidado a ministrar um curso de férias com o tema “Lições sobre literatura Nacional” para estudantes universitários dos Estados Unidos, “interessados em conhecer o Brasil”.<sup>718</sup>

Tratava-se de um acordo entre o Institute of International Education, de Nova York representando universidades americanas e a universidade do Rio de Janeiro. O curso, ministrado em período de férias, era composto por diversos temas. O material referente ao curso, ministrado por Afrânio Peixoto, resultou na obra “Noções de História da Literatura Brasileira”, publicada, em 1931 pela Francisco Alves.

Além de um amplo apanhado de biografias e descrições literárias sobre “autores nacionais”, iniciando pela “literatura colonial”, definida como “imitação da metrópole”, passando pela literatura do século XVIII, a qual intitulou “literatura reacionária: uma reação à metrópole”, para chegar à “literatura emancipada” datada do século XIX. Dentre a literatura emancipada Peixoto dividiu-a em “Problemas nacionais” e “Influências estrangeiras”.<sup>719</sup> A obra, de quase quatrocentas páginas, citou centenas de autores que escreveram sobre o Brasil “no primeiro e segundo século” até o desenvolvimento daquilo que Peixoto denominou de reações à literatura portuguesa e o início da literatura nacional.<sup>720</sup>

---

<sup>718</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Noções de história da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931. p. 05.

<sup>719</sup> Id.

<sup>720</sup> Na parte introdutória da obra Peixoto citou as referências nas quais ele havia pesquisado para “montar o curso” e citou nomes que antes dele “traçaram seus programas” sobre a história da literatura brasileira e ele “julgava por bem mostrá-los:” Ferdinand Dennis e o *Resume de Histoire Litteraire du Bresil*. Paris, 1821; Ferdinand Wolff e o *Le Bresil Litteraire, Historie de la Literature Bresilienne*, Berlin, 1862; o cônego Dr J. C.



Dentre os aspectos mais interessantes da obra encontra-se a definição de “literatura” elaborada pelo médico para seus ouvintes estrangeiros. Segundo Peixoto, “a literatura e as artes são decorrências sociais, refletem, derivam, continuam, como a flor na ponta do galho, o ramo, o tronco, a raiz de que provêm.”<sup>721</sup> Para subsidiar o conhecimento dos alunos estrangeiros nestes itens, que fariam conhecer a literatura nacional, Peixoto descreveu em longas páginas, “a sociologia nacional”, citando, com detalhes minuciosos “a terra”, “o clima”, “a localização” e “a gente do Brasil” além de uma “sinopse da civilização brasileira” para cada século abordado.

Mais do que falar da literatura brasileira, Peixoto utilizou o curso para apresentar o Brasil para os estudantes estrangeiros. Na obra publicada foram colocadas fotografias de indígenas, de plantas, de objetos étnicos da “coleção do Museu Nacional.”<sup>722</sup> Para Peixoto, a literatura estava indissociada de uma função política. Consistia num instrumento para descrever, apresentar, registrar as coisas nacionais. “A arte pela arte é uma utopia, um contra-senso sociológico”<sup>723</sup> afirmava o médico, como justificativa de suas extensas explicações de cunho histórico e social.

O que vemos, portanto, surgir com a literatura de Afrânio Peixoto é uma posição política que intentava analisar a “realidade social” por meio de um instrumental científico, resultando em uma “tradução literária”. O Brasil e os brasileiros constituíam o material privilegiado para as análises, que eram permeadas dos principais conceitos científicos propagados pelo médico e pelos conhecimentos estabelecidos no momento em que escrevia.

Semelhante aquele impulso de que foram tomados Lima Barreto e Euclides da Cunha, segundo descreveu Nicolau Sevcenko, ao se perceberem diante de um povo largado a própria miséria e ignorância, tanto pelo governo imperial quanto republicano, os escritores entenderam que alguma coisa deveria ser feita para alterar o quadro.<sup>724</sup> Afrânio Peixoto encontrou na atividade literária tanto um espaço de denúncia quanto um espaço de exaltação nacional. Sem considerar isso um paradoxo, Peixoto descreveu o Brasil a partir de suas misérias e de suas belezas. A literatura para Afrânio Peixoto adquiriu ares militantes.

---

Fernandes Pinheiro e o Resumo da História Literária, Rio, 1872; Silvio Romero e a História da Literatura Brasileira, Rio, 1888 e, por fim José Verissimo e a História da Literatura, Rio, 1916. (PEIXOTO, Afrânio. **Noções de história da literatura** ..., p. 20 e 21).

<sup>721</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Noções de história da literatura** ..., p. 14.

<sup>722</sup> As fotografias são de “Ramo de Pau Brasil”; “Índio Contemporâneo de Matto Grosso”; “Aparelhagem para uso do Paricá”; “Cerâmica de Marajó”; “Bastidor para trabalho de contas ou missangas dos índios Uapixaná”; “Trocano- Instrumentos sonoros para comunicações a distância entre aldeias dos índios”; “Machados de pedra e ornamentos para lábios dos índios Tembetás”. (PEIXOTO, Afrânio. **Noções de história da literatura**...)

<sup>723</sup> Ibid., p. 18 e 19.

<sup>724</sup> SEVCENKO, Nicolau. 1983, p.14.

Atrelando denúncias políticas com análises científicas e psicológicas, Peixoto desenvolveu uma literatura truncada. Às vezes, páginas e mais páginas foram usadas com descrições geográficas dignas de manuais ou livros didáticos. Em outras, o médico reproduzia discursos inteiros que havia emitido ou ouvido em sessões da Academia Nacional de Medicina ou, ainda, aulas proferidas para seus alunos tanto da Faculdade de Medicina quanto da de Direito.<sup>725</sup>

Segundo a declaração de Afrânio Peixoto, a “literatura serve para divertir, educar, e nacionalizar.”<sup>726</sup> Cumprindo com estes propósitos o médico, como um digno representante da cultura bacharelesca e retórica, entendia que era necessário divulgar um vasto repertório de obras, de autores, de conceitos, de definições. Tais premissas foram constantes nos seus romances. Ao mesmo tempo em que Peixoto narrava um “romance mundano” em que a filha de uma notável família da elite carioca, educada no Colégio de Sion engravidava de um “aventureiro, um dândi, um charlatão”, era possível ter acesso aos debates mais polêmicos sobre eugenia, puericultura, anatomia e debates legais sobre o divórcio. Tudo numa mesma sequência de parágrafos.<sup>727</sup>

Nos seus romances, que tiveram como base a descrição dos sertões, as terras do interior da Bahia, há a prevalência das descrições geográficas, da história e das denúncias políticas. Chamado de romances regionais, por Afrânio Coutinho, foram nestas obras que Peixoto mais explorou o diálogo entre a ciência e a literatura. Em amplas apresentações sobre o processo histórico que resultou na colonização dos sertões, da presença dos bandeirantes, da descoberta das minas, do relato minucioso da “gente”, da “raça” e da “terra” a literatura do médico torna-se, por vezes, um compêndio de história natural.

Na obra “Noções de História da Literatura Brasileira” (1931), Peixoto expôs o seu programa literário. Afirmando que partira de conhecimentos prevalentes no campo científico, o médico apontou que “ocupou-se em reinterpretar a realidade brasileira, naquilo que lhe pareceu mais útil ao país.”<sup>728</sup> Traduzindo para as obras literárias suas defesas mais significativas, na introdução do referido livro Peixoto elaborou um texto amplo, remontando aos clássicos gregos e romanos (Aristóteles, Plínio, Virgílio ou Hipócrates) passando por Ibn-Kaldun, na idade média e Bodin, Charron, Fenelon na modernidade, até os iluministas

---

<sup>725</sup> Exemplos destas relações serão descritas com detalhes no próximo capítulo.

<sup>726</sup> PEIXOTO, [1938?], não p.

<sup>727</sup> Aspectos gerais da obra *As Razões do Coração*, de 1924. PEIXOTO, Afrânio. “As Razões do Coração”. In: **Romances Completos**, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962.

<sup>728</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Noções de História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931. p. 10.

Rousseau e Montesquieu para demonstrar a permanência e o vigor deste pensamento que, a partir de Lamarck e Burckle, segundo o médico, foi apropriado pelos saberes científicos. Tais premissas eram a base dos conhecimentos que perpassavam os intelectuais daquele quartel de século. Peixoto não se contrapôs a essa teoria. Pelo contrário. Segundo afirmou, tratava-se de um fato inegável e legitimado por centenas de argumentos, ao longo dos tempos. Entretanto, o médico pretendia “demonstrar os perigos que tais pensamentos representaram para o Brasil”<sup>729</sup>, porque desconheciam, estes sábios do passado, os recentes conhecimentos da higiene.

Aos determinismos inescapáveis ao pensamento científico da época, Peixoto demarcou a sua contribuição. Estava certo, para ele, que o meio era o responsável pela formação do homem e da nação (povo). Entretanto, defendera, a exemplo de outros médicos do período, o meio não como uma condenação, conforme pontuara Burckle, mas como uma entidade contornável, passível de intervenções, domado pela educação, e saneado por conhecimentos higiênicos. Era nesta perspectiva que sua obra literária se desenvolveria: descrever o Brasil e os brasileiros a partir do meio no qual estavam inseridos, mas, principalmente, na luta constante e diária para vencer as intempéries naturais.

Além dos fatores geográficos e históricos, Peixoto utilizou sua literatura para apresentar a “raça” ou “a gente” brasileira. Herdeiro e partidário dos saberes que circulavam na sua época e em seu contexto, Peixoto entendia a formação nacional a partir das três raças originárias, atreladas ao intenso processo de miscigenação. Neste sentido, entendia a miscigenação como o grande flagelo nacional. Desde Nina Rodrigues e as aulas de medicina legal, nos tempos de estudante que ele deparara-se com as teorias da degeneração racial. Os aspectos negativos, decorrentes da mistura de raças, era um pensamento que atravessava todas as suas defesas e posições. Entretanto, e isso era também uma característica daquele contexto no qual produzia suas posições, em determinados momentos Peixoto defendeu que as singularidades nacionais e o maior mérito da colonização portuguesa teria sido o legado da mistura racial. Tais posturas demonstram com clareza os paradoxos daqueles pensadores sociais.

Tratava-se, conforme já foi assinalado daquela “quixotesca tarefa” de abrigar uma ciência positiva e determinista, cunhada em território estrangeiro para liderar e dar saídas ao destino da nação.<sup>730</sup> De fato, essa tarefa foi bastante espinhosa para aqueles intelectuais que, segundo definiu Schwarcz, precisavam “se mover nos incômodos limites que os modelos lhe

---

<sup>729</sup> Ibid., p. 20.

<sup>730</sup> SCWARCZ, 1993, p. 18.

deixavam: entre a aceitação das teorias estrangeiras – que condenavam o cruzamento racial- e a sua adaptação a um povo a essa altura já muito miscigenado.”<sup>731</sup> Os paradoxos tornavam-se uma condição recorrente para a formação das ideias que buscassem equilibrar estes extremos.

Neste sentido, vemos a literatura escrita por Afrânio Peixoto se debatendo com três questões que eram recorrentes nos espaços científicos, políticos e culturais nos quais ele se encontrava e que foram também apontadas por Lilia Moritz Schwarcz como as questões fundamentais daqueles intelectuais cientistas: a raça, o homem (povo) e o clima.<sup>732</sup>

A primeira dizia respeito à resolução da questão racial brasileira. Peixoto lançou-se na busca por respostas ora defendendo a miscigenação como a solução para o branqueamento da população e ora a condenando como a razão de todos os males da nação.

Em seguida havia a necessidade de descrever, classificar, ordenar e organizar o povo brasileiro. Peixoto escolheu como personagem privilegiado o homem sertanejo. Identificando, a partir da tradição trilhada por Euclides da Cunha, que o sertanejo era o cerne da nacionalidade, o médico tomou-o quase como um objeto de estudo. A saga sertaneja na luta constante com a natureza hostil foi o símbolo utilizado pelo médico para refletir sobre as teorias mesológicas, demonstrando que a técnica, a racionalidade, a experiência eram instrumentos de combate à teoria determinista que via no clima motivo de condenação do povo. Ao tratar do sertão, Peixoto também elaborou suas denúncias políticas. O sertanejo foi descrito como “um forte” nas mãos de uma república fraca. Em cada obra literária Peixoto reiterava a busca por um projeto de emancipação nacional, cujo único caminho para a efetivação era a ciência. Partindo da ideia da ressignificação e da busca pela viabilidade da nação, o médico lançou ideias não só para entender o país, mas para apontar os “caminhos que o tornariam grande”. Um dos pontos mais defendidos por Peixoto era o fato de que para se entender o Brasil era necessário conhecê-lo, nas suas múltiplas manifestações, particularmente as culturais. Tais conhecimentos precisariam vir de uma única via: autores nacionais.

E, a terceira questão, tal qual Sílvio Romero, Peixoto destacava a hegemonia do clima sobre o homem. Estava certo para ele que o clima exercia poder não só sobre o físico, mas também sobre o psicológico dos indivíduos. Contudo, acima da supremacia do clima estava o poder da técnica, o domínio do homem sobre o meio. Se os problemas do clima eram resolvíveis, os da raça eram mais delicados. Tanto pra Romero quanto para Peixoto.

---

<sup>731</sup> SCHWARCZ, 1993, p. 62.

<sup>732</sup> Id.

Segundo Thomas Skidmore, Sílvia Romero via o Brasil como resultado das três raças formadoras, numa escala etnográfica que se movia entre raças inferiores e superiores. Para o crítico literário os portugueses eram uma raça inferior ao “germano-saxão”.<sup>733</sup> Outro aspecto importante no pensamento de Romero, que repercutiu no pensamento de Peixoto, era sobre a superioridade dos negros em relação aos índios. Romero defendia que os índios eram os mais decaídos da escala etnográfica enquanto que os africanos apareciam como os derrotados.<sup>734</sup>

A observação dos resultados da miscigenação talvez tenha sido um dos pontos mais interessantes para aqueles intelectuais. Medir o grau de pureza ou influência dos três elementos formadores das matrizes étnicas brasileiras foi uma tarefa à qual se dedicaram com sofreguidão. Tanto Romero, no final do século XIX quanto Peixoto, nas primeiras décadas do século XX, estavam convencidos de que o Brasil era “um amplo laboratório” em que as misturas ainda estavam acontecendo.

As relações e influências que o pensamento de Sílvia Romero exerceu sobre os de Peixoto são facilmente percebidas. Embora estas ideias estivessem sendo defendidas por diversos intelectuais naquele período, Peixoto declarou que Silvio Romero chamara sua atenção desde que lera a “História da Literatura Brasileira” (1888).<sup>735</sup> Embora representantes de duas gerações diferentes, vemos a constância das mesmas angústias, tanto em um quanto em outro, o que demonstra a permanência das ideias que atribuíam ao Brasil um futuro duvidoso em decorrência de sua raça e do seu clima.

Foi a partir de ideias recorrentes nos debates científicos e culturais, das primeiras décadas do século XX, que Peixoto compôs seus enredos, formou seus discursos e situou seus personagens literários. As definições e indefinições com as quais se deparava no mundo científico eram transpostas para seus romances. Levando a cabo que literatura era análise sociológica, Peixoto se debateu, dentre esses três temas, com dois de forma mais intensa e com recorrente: a raça e o clima.

Quanto à raça, embora tenha se esquivado diversas vezes em conceituar o termo alegando que se tratava de uma definição “vaga” e, por vezes, subjetiva, visto que cada qual julgava a sua raça a melhor “e, para oposição, a dos outros é desprezível”<sup>736</sup>, vemos essa

---

<sup>733</sup> Ibid., p. 76.

<sup>734</sup> Id.

<sup>735</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>736</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Clima e Saúde**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1938, p. 32. Demonstrando a íntima relação entre a ideia de raça e povo, na sequência deste pensamento Peixoto chamou a atenção dos leitores para os nomes dos povos. “Os nomes gentílicos são cheios de intenção [de julgar a sua raça a melhor e das outros a pior]: se os alemães se têm por ger man, homem de guerra, nobre portanto, têm os russos

questão ocupar grande parte do pensamento do intelectual. A constituição dos personagens peixotianos refletia os desafios que o pensamento do autor se deparava no contexto social em que vivia.

Nos seus últimos trabalhos Peixoto elaborou um pensamento mais seguro sobre esse tema, se comparado a outros momentos em que tentou defini-lo. Na obra “Clima e Saúde”, de 1938, esclareceu que todas as definições lançadas por pensadores estrangeiros sobre as raças brasileiras não passavam de menosprezo, que intentava engrandecer seus próprios povos. Era uma atitude natural, esclarecia o médico. Cada qual queria desprezar a raça que não era a sua. “Foi o que fez o Conde de Gobineau - ironizou Peixoto - era meio nobre, meio burguês e preocupado com o seu condado”.<sup>737</sup> Desta maneira, ele demonstrava estar convencido que de “linhagismo ou racismo sempre foi sentimento”<sup>738</sup> e concluía que tudo não passava de mera “ideologia política.”<sup>739</sup> Foi na mesma obra que definiu a trajetória que o teria levado a elaborar, depois de muito tempo, um conceito de raça:

Consideremos apenas a Lamarck, repetindo antigas ideias gregas, que fez da evolução uma adaptação morfológica às necessidades do meio, admitindo a herança dos caracteres adquiridos e a influência dos fatores externos; Darwin ajuntará a seleção; Weismann a germino-seleção de Vries, a mutação; Lotsy a hibridação; Rosa as mutações regulares e dicotômicas, por evolução interna ou elogenêse; Abel a reação boa ou má, ao meio e à necessidade. Adapta-se a natureza viva ao meio, à função. A conformação é a raça, estabilizada relativamente.... ou reage a natureza viva ao meio, à função e o resultado é a raça. Talvez nem ação, nem reação apenas contínua inter-ação: isso é a raça.

A citação é elucidativa daquilo que Peixoto concluiu, ao longo de uma trajetória de estudos, sobre o grande problema nacional referente à raça. Sua obra literária será a resposta à construção deste pensamento que ora vacilava entre as definições lamarckistas, ora do darwinismo social se aproximando daquilo que passou a defender: raça é interação, do homem, com o meio, com a história.

Em relação ao clima (e não separado da raça), Peixoto julgou ter encontrado a fórmula nacional a partir da leitura de Os Sertões (1902) de Euclides da Cunha. O médico considerava um grande prêmio suceder o “grandioso engenheiro nacional” na ABL. Foi a Euclides que Peixoto atribuiu ter concluído que nenhum elemento nacional era mais exemplar do que o

---

por slavos, derivado de ‘sclavus’ ou servos. Aliás os sérvios, que são slavos repetem no nome, a servidão... De Húngaro se fez “ogre”, canibal, comedor de gente; de Búlgaro, bugre, selvagem, até invertido...”.

<sup>737</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Clima e saúde** ..., p. 33.

<sup>738</sup> Id.

<sup>739</sup> Ibid., p. 40.

sertanejo para exemplificar a luta entre o homem e o clima resultando no exercício constante da ação, reação e interação entre um e outro.

Neste sentido, buscou em Euclides da Cunha a inspiração necessária para alegar que “o Brasil nascera com a obra *Os Sertões*.”<sup>740</sup> Tal defesa inferia que os sertões brasileiros, mais do que um espaço meramente geográfico, representavam uma condensação dos clima do Brasil, atrelado à sua história mais autêntica e, por isso, eram o espaço privilegiado do nascimento nacional e que o sertanejo surgia como a definição mais autêntica do povo. Segundo Afrânio Peixoto, Euclides da Cunha retrataria “nos caracteres de sua obra [Os Sertões] a impressão conjunta das paisagens e das gentes do Brasil.”<sup>741</sup> Tratava-se de uma escrita original, afirmou Peixoto, que garantia originalidade para o Brasil. O estilo de Euclides da Cunha era o estilo brasileiro.

A defesa da originalidade de Euclides da Cunha começou a ser elencada por Peixoto desde o discurso de posse em 1911 quando assumiu a cadeira do saudoso engenheiro. Tal postura foi intensificando-se a cada novo discurso proferido. Em uma conferência realizada em 1919, vemos esta defesa adquirir sua forma mais acabada. Peixoto estava convencido de que Euclides da Cunha elaborara com *Os Sertões* a epopeia da nacionalidade brasileira.<sup>742</sup> O local de origem não poderia ser outro a não ser o sertão ( nas suas manifestações climáticas, históricas e étnicas) e o personagem principal o sertanejo.

Essa conclusão entusiasmada foi acompanhada por uma defesa que intentava relacionar a figura de Euclides com uma construção genuína da nacionalidade brasileira. Foi para corroborar com esse argumento que Afrânio afirmou que “Euclides [era] filho de antigos sertanejos”<sup>743</sup>. Essa ascendência explicaria o caráter forte e destemido do escritor. Segundo a defesa de Peixoto, Euclides aprendera com seus pais baianos “a pelejar, a sofrer e a nunca se render.”<sup>744</sup>

Euclides da Cunha em quem, segundo Peixoto, o caráter forte e impetuoso dominava conseguira parir o “nacionalismo brasileiro” afirmou, apontado “para a independência ou a aspiração de autonomia intelectual do Brasil”.<sup>745</sup> Tudo isso fora concretizado, segundo o médico, no livro *Os Sertões*, “um livro que, a propósito do tema nacional, em que entra a terra do Brasil, o coração mesmo profundo dele, o sertão do Brasil” também descrevia “a mais

---

<sup>740</sup> PEIXOTO, Afrânio: Euclides da Cunha: Dom e arte de estilo..., p. 45-74

<sup>741</sup> PEIXOTO, Afrânio. Euclides da Cunha: o Homem ..., p. 38-39.

<sup>742</sup> PEIXOTO, Afrânio: Euclides da Cunha: Dom e arte de estilo...,p. 72.

<sup>743</sup> PEIXOTO, Afrânio. Euclides da Cunha: o Homem ..., p. 11.

<sup>744</sup> Ibid., p. 39.

<sup>745</sup> PEIXOTO, Afrânio: Euclides da Cunha: Dom e arte de estilo..., p72 e 73.

legítima gente brasileira”.<sup>746</sup> Esse legítimo representante do povo, afirmou Peixoto, não era “o íncola, nem o africano, nem o reinol, porém o derivado deles, o brasileiro caldeado e no seu esboço mais definido - o sertanejo.”<sup>747</sup>

A partir da literatura Afrânio Peixoto pretendeu apresentar o Brasil de acordo com aquilo que ele entendeu que fosse não apenas a representação mais fidedigna e mais autêntica do país, mas lapidando o legado de Euclides da Cunha. Neste sentido, as interpretações sobre o Brasil, elaboradas por Afrânio Peixoto, durante toda a década de 1910 e 1920, preocuparam-se em retratar os sertões brasileiros. Tal perspectiva, declarou o médico, deveriam ser conduzidas a partir da perspectiva dos “brasileirismos” e da “construção da nacionalidade”, uma vez que desde a leitura de Euclides da Cunha que ele entendera que o estilo brasileiro só poderia ser aquele, retratado na obra. Se aquela intelectualidade clamava por uma literatura que legasse e definisse a sua nacionalidade ela precisava estar impreterivelmente ligada ao estilo, a tônica e aos elementos elencados por Euclides da Cunha.

Concomitante com as principais características da literatura brasileira das primeiras décadas do século XX, a produção literária de Peixoto esforçou-se em apresentar um quadro sociológico do país, discutindo questões referentes à raça, clima, sertão e viabilidade nacional além de representar um lugar privilegiado para enfrentamentos políticos, composições e defesas de ideias travadas nos espaços científicos da Primeira República.

---

<sup>746</sup> Ibid., p. 72.

<sup>747</sup> Ibid., p. 73.



#### **4 “PARA RETRATAR O MEU PAÍS E A MINHA GENTE”: O BRASIL E O BRASILEIRO NA LITERATURA DE AFRÂNIO PEIXOTO**

Este capítulo tem por objetivo investigar a literatura produzida por Afrânio Peixoto. Pretendemos identificar o estilo literário do médico, os elementos constituintes de seus enredos, de seus cenários e de seus personagens. Para tanto, no primeiro item do capítulo buscaremos analisar o que cerceava o estilo literário de Peixoto, a partir do contexto e das instituições nas quais ele estava situado. Desta maneira, entendemos que Peixoto produzia a sua literatura no diálogo constante com os outros escritores e com a situação e localização social, política e cultural do médico naquela engrenagem.

Em seguida, pretendemos perseguir as descrições referentes à terra sertaneja, tomada como espaço privilegiado para caracterizar os cenários nos quais os romances se passavam. Pretendemos identificar os diálogos estabelecidos por Peixoto entre a literatura e a ciência, identificando a maneira como as teorias científicas repercutiam nas descrições das paisagens naturais. Neste sentido, entendemos que a literatura de Peixoto se construía num diálogo constante com suas posições e defesas no mundo científico. Pretendemos trazer à tona esses debates, esses diálogos e tentar identificar os possíveis conflitos inerentes a eles.

No próximo item abordaremos “o homem” sertanejo, transcrito na literatura de Afrânio Peixoto a partir da constituição de seus personagens. Da mesma maneira que em relação a terra, perseguiremos as teorias científicas que coordenaram a formação do pensamento e da construção dos personagens literários. Investigaremos quais personagens foram elencados pelo médico para a reconstituição e reconstrução do seu retrato sertanejo, bem como os diálogos que, a partir destes personagens, é possível estabelecer com o cenário científico da capital federal das décadas de 1910 e 1920.

O Brasil que apareceu pela obra literária de Afrânio Peixoto estava permeado do tempo que ele vivenciou: tratava-se, de uma maneira geral e conforme estamos afirmando ao longo deste estudo, de um país dividido entre o litoral e o sertão. Esse foi um dos detalhes mais emblemático do retrato literário construído pelo intelectual sobre o Brasil. De um lado a cidade, o litoral e, de outro, a quilômetros de distância, o sertão.

Embora a palavra sertão seja empregada no seu sentido mais universal, como o espaço que adentrava o interior do Brasil e, por definição, longe do litoral,<sup>748</sup> para Peixoto este sertão mostrou-se mais circunscrito. Tratava-se das terras do interior do estado da Bahia e de

---

<sup>748</sup> SOUZA, Candice Vidal e. Op. Cit. LIMA, Nísia Trindade de. Op. Cit.

algumas regiões do sul do estado, próximo ao litoral, mas distante dos núcleos econômicos, metropolitanos e citadinos. Neste sentido, a ideia de sertão se delimita, para a obra literária do médico de duas maneiras. Uma que representa um espaço bem específico, denominado e localizável geograficamente, no interior baiano e outra que pretende referir-se a uma ideia geral sobre o sertão, no sentido mais amplo do termo. Assim, ao referir-se ao sertão, Peixoto entrelaça tanto os espaços geográficos onde passou a infância e a adolescência, quanto às representações constituídas naquele momento sobre as terras brasileiras.

As regiões da Chapada Diamantina e da cidade de Canavieiras foram as localidades geográficas tomadas por Afrânio Peixoto para explicar a vida sertaneja na sua totalidade. O médico apresentou-as como correspondendo a uma realidade válida para todo o território nacional em que se desenvolviam pequenos núcleos populacionais, baseados nas características de vida e estilos que prevaleciam no sertão. O sertão, para Afrânio Peixoto era universal, dentro dos seus limites. Assim, o sertão ficava definido como os espaços onde a “alma sertaneja” vicejava. Um dos critérios utilizados por Peixoto para “a ordenação” do Brasil sertanejo foi aquele que observou, descreveu e relacionou três elementos fundamentais: a terra, o homem e a cultura.

“A terra” surgiu como protagonista das aventuras sertanejas. A tentativa de singularizar e de descrever a paisagem regionalista foi prevalecente na obra. Tratava-se de uma natureza soberana que dominava a tudo e a todos. Segundo essa ideia, os homens estavam à mercê das intempéries e das ações dos cataclismos naturais. Aquela amplitude selvagem, indômita e incomensurável estendia-se sobre os homens e aquém deles. A ideia que Peixoto pretendeu fixar a seus leitores era a de que os homens constituíam apenas uma parte daquela exuberância natural. O homem não era o motivo para a natureza, mas um mísero elemento. Tudo já estava ali antes da ação humana e tudo permaneceria quando aquelas breves vidas passassem. A luta do homem com o meio era, segundo o médico, o capítulo mais importante da história da humanidade. E no sertão, a observação da luta entre o homem e a natureza se tornava mais aparentes. Só havia dois finais para aquela contenda: ou o homem domava a natureza e impunha-se sobre ela, ou a natureza domava o homem e fazia-o adaptar-se às suas voluptuosidades. O consolo apresentado por Peixoto era o de que, em ambos os casos, a vida humana permanecia possível.

A ação da adaptação era vista como a atitude que distinguia os homens de outros animais. Referindo-se aos conceitos que propagava nos manuais de higiene, Peixoto declarava que “Hipócrates, no primeiro livro de higiene que se escreveu, constatou que tudo o que

crece sobre a terra, participa das qualidades da terra.”<sup>749</sup> Se nos manuais científicos o médico explicava didaticamente as determinações entre as características da terra e as qualidades dos homens, na literatura a transcrição tornava-se poética, na medida em que tentava associar as agruras da terra e do clima sertanejo à coragem e bravura do homem. As qualidades da terra eram estendiam-se nas qualidades humanas, numa inter-relação indissociável.

Visto por este viés, o sertanejo representaria um elemento privilegiado para as posições que Peixoto pretendia demarcar: a observação da ação, adaptação ou reação do homem ao meio. Carente, ainda, de grande parte do repertório das técnicas que a civilização teria conquistado ao longo dos anos, o sertanejo brasileiro se apresentaria como o elemento mais primitivo da nação e serviria para as ponderações levadas a cabo pelo médico na constituição ou comprovação de suas teorias científicas. Sem realizar uma visita propriamente dita ao sertão, mas tomando-o no seu sentido amplo e metafórico, Peixoto constatou que as terras sertanejas poderiam servir, segundo esta perspectiva, de laboratório. “Todas as civilizações são absurdamente isto- afirmou um personagem romanesco de Peixoto- a submissão da natureza ao homem”<sup>750</sup>. Essa era uma hipótese do médico, levada para o debate no campo literário.

Assim, nas obras “A Esfinge”, “Maria Bonita” e, principalmente, em “Bugrinha” há dezenas de páginas que ocuparam-se em descrever a exuberância do quadro natural. Ao mesmo tempo em que a natureza dominava, ditava os ciclos e o ritmo da vida, era possível situar a ação humana, em meio àquela magnitude. O homem atuava sobre a natureza, formando os pequenos núcleos civilizados. A luta feroz entre a natureza grandiosa e o homem medíocre era o concerto do sertão. Em algumas batalhas havia vitória humana que, ao dominar determinadas técnicas impunha-se sobre a soberania do meio natural. Destas batalhas épicas, travadas ao longo de centenas de anos, é que se alteravam tanto a natureza quanto o homem. A natureza moldava o homem e o homem moldava a natureza, numa luta eterna entre a selvageria e a civilização.

#### 4.1 A LITERATURA DE AFRÂNIO PEIXOTO

Afrânio Peixoto reproduziu em sua literatura aspectos da sua interpretação acerca de sua época e de sua inserção nela. As ações sociais dos personagens eram representativas

---

<sup>749</sup> PEIXOTO, Afrânio. Bugrinha...\*, p. 476. Exatamente a mesma frase foi declarada em PEIXOTO, Afrânio. **Clima e Saúde...**, p. 16.

<sup>750</sup> PEIXOTO, Afrânio. As razões do coração..., p. 628.

daquilo que se passava nos espaços que o autor circulava. Tal transparência chegava a retratar cenas realmente vividas. Tanto que a primeira obra de sucesso de Peixoto foi considerada um *roman a clef*. Esse realismo, premeditadamente intoxicado de historicidade e de presente, é uma característica comum da literatura que se desenvolveu no Brasil daquele período, conforme tem sido demonstrado por estudos historiográficos que trataram deste mesmo tema, no mesmo momento.<sup>751</sup>

A partir da leitura das páginas literárias de Afrânio Peixoto foi possível acompanhar movimentos culturais, transformações sociais, mudanças de hábitos, de costumes, de comportamentos, análises e pareceres históricos, registros biográficos, além de uma série de discussões filosóficas, críticas sociais, morais e culturais, bem como a extensão de debates que estavam sendo encaminhados a partir da ciência.

A realidade vivida por Afrânio Peixoto foi deslindada em vários eventos e reconstituídos nos seus romances. O pensamento ou opinião dos personagens, apresentados a partir dos longuíssimos debates travados entre outros personagens, era a estratégia do autor para apresentar opiniões diversas sobre um mesmo assunto. Muitas vezes Peixoto recorreu à sua pena para descrever eventos que ele assistia. O papel ocupado por um personagem na engrenagem social, reconstruída no enredo das obras, torna-se revelador da maneira como o autor sentia ou julgava determinados espaços sociais.

Afrânio Coutinho, tentando “catalogar” o estilo literário de Peixoto, situou a sua escrita como um misto entre o simbolismo e o realismo, “manifestadas em seu descritivismo paisagístico, no cunho pictórico, de quadros da natureza ao mesmo tempo em que se sobressai o seu gosto pela análise psicológica, tão típico da escola”.<sup>752</sup> Arelado a isso, o crítico atribuiu à literatura de Peixoto “a expressão da tendência nacionalizante que conduziu a ficção brasileira desde o romantismo”.<sup>753</sup> Os romances regionais seriam a expressão máxima dessa tendência na literatura do médico, apontou o crítico.

Conforme a famosa frase de Peixoto, a partir da qual ele conceituara a literatura como “uma expressão sociológica” que desabrochava em um sorriso,<sup>754</sup> as narrativas de Afrânio

---

<sup>751</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto (1881-1922)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964; SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983; CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

<sup>752</sup> COUTINHO, Afrânio. Nota Editorial. In. PEIXOTO, Afrânio. **Romances Completos**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962. p. 09.

<sup>753</sup> *Ibid.*, p. 10.

<sup>754</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Panorama da Literatura Brasileira**. São Paulo; Companhia Nacional, 1940. p. 5.

Peixoto oscilaram entre apresentar o “Brasil real”, descrevendo-o nos seus múltiplos e descontraídos detalhes; e a tentativa de conciliar aquela realidade, por vezes hostil, à propostas de transformação, na qual o Brasil, como nação, pudesse desabrochar. A literatura de Peixoto descreveu e, por vezes, transcendeu a realidade vista e vivida, numa tentativa incessante de conjugar os impasses do presente com a crença nas possibilidades do futuro, tão típico dos intelectuais daquela geração.

Neste sentido, buscaremos investigar neste item, o estilo narrativo de Peixoto, os elementos constituintes dos cenários de seus romances, os possíveis cerceamentos de sua escrita literária, a relação entre o texto e o contexto a partir do qual Peixoto escrevia os seus romances e, principalmente, a maneira como o intelectual traduzia a sua ciência na literatura.

Os protagonistas e narradores das obras literárias de Peixoto são sempre representantes da elite, tanto nas obras do ambiente urbano quanto nos sertanejos. Trata-se sempre dos filhos de famílias abastadas, normalmente jovens recém-formados nas Faculdades de Direito, de Medicina ou de Engenharia que elaboravam seus pareceres sobre a sociedade que observavam. As análises lançadas pelos personagens e narradores tornam-se, portanto, comprometidas com a visão de mundo propalada por indivíduos privilegiados na estrutura social e econômica. Pautados na retórica, no domínio de amplo um cabedal de conhecimentos enciclopédicos, bacharelescos e emitindo comparações entre o Brasil e os países europeus, pelos quais viajavam, as narrativas tornam-se bastante reveladoras da vida na qual o autor estava inserido e comungava.

Na década de 1910, Peixoto publicou três romances: *A Esfinge* (1911), *Maria Bonita* (1914) e *Fruta do Mato* (1919). Neste momento, a característica principal de sua obra foi o regionalismo, conforme apontou Afrânio Coutinho.<sup>755</sup> Nos parece que a escolha do tema sertanejo e regional é um reflexo dos debates nos quais Peixoto estava tomando parte no mundo científico. Conforme salientamos, a primeira e a segunda década do século XX foram significativas para a elite política e intelectual do Brasil “conhecer” os sertões, conforme apontou Nicolau Sevcenko, Nísia Trindade de Lima e Candice Vidal e Souza, entre outros pesquisadores.<sup>756</sup> As imagens sobre o sertão, apresentadas para aqueles nacionalistas, situados no litoral, provinham principalmente da obra de Euclides da Cunha e das expedições científicas coordenadas pelo Instituto Oswaldo Cruz. Embora Peixoto não tenha participado de nenhuma viagem ao sertão brasileiro, ele voltou-se à descrição daquelas paisagens, à

---

<sup>755</sup> COUTINHO, Afrânio. Nota Editorial..., p. 10.

<sup>756</sup> SEVCENKO, Nicolau. **A literatura como...**; SOUZA, Candice Vidal e. Op. Cit.; LIMA, Nísia Trindade de. Op. Cit.

análise dos sertanejos e à construção de um retrato sobre aquelas terras. A legitimidade acionada pelo médico, para realizar esta empreitada, foi a sua natalidade sertaneja.

Nos prefácios e introduções das obras literárias se tornou comum a afirmação da veracidade de seus relatos. Peixoto fazia questão de demonstrar que seus personagens e alguns eventos relatados tratava-se de memórias pessoais, dos tempos que vivera nos sertões. Assim, as notas explicativas de Peixoto alertavam para a existência real de personagens citados em seus romances. Em *Maria Bonita*, por exemplo, em uma narrativa em que apresenta um desafio de violas entre sertanejos, o autor explicou nas notas finais que “Fabião das Queimadas e Manuel Tavares existiram. Foram cantadores famosos, como tantos, do sertão do Brasil. Escusava inventar tipos e lhes atribuir versos alheios, se a realidade me fornecia exemplos e exemplares acabados, dessa genuína arte popular, a que aludi”<sup>757</sup> e, ainda, outro exemplo significativo apareceu em *Bugrinha*, outra obra de trama sertaneja. No final da obra Peixoto esclareceu que “[o personagem] Gonzaga me é caro porque duvidaram dele, de seus bons propósitos, como se o sertão não fora digno de o lograr [...] mas até seu nome conservei e está na memória de todos em Lençóis.”<sup>758</sup>

Se durante a década de 1910 o tema sertanejo prevaleceu unânime na literatura do médico, a partir da década de 1920 há a oscilação entre a cidade (a capital federal) e o sertão, editando duas obras para um ambiente e as outras duas para o outro. A análise das obras sertanejas da década de 1920 demonstra que elas são significativamente diferentes daquelas escritas nos anos anteriores. Tanto *Bugrinha* (1921) quanto *Sinhazinha* (1928) tiveram como inspiração reconstituir eventos históricos. *Bugrinha* teria sido escrita sob encomenda, dos “conterrâneos de Lençóis” e *Sinhazinha* teria tido inspiração na famosa inimizade das famílias ancestrais de Castro Alves. Bem diferente de *A Esfinge* (1911), *Maria Bonita* (1914) ou *Fruta do Mato* (1919) cuja inspiração nos parece que ter sido a de descrever um sertão diametralmente oposto daquilo que as expedições científicas, coordenadas por médicos do Instituto Oswaldo Cruz, davam a conhecer.

Se os sentimentos que dominavam as tramas eram universais (como a cobiça, a inveja, a paixão, o ciúme, o amor, a decepção, etc) os grupos sociais que as expressavam eram “típicos daquele Brasil do início do século XX”<sup>759</sup>, segundo definiu um crítico literário para

---

<sup>757</sup> PEIXOTO, Afrânio. Notas Finais da obra *Maria Bonita* [1914]. In \_\_\_\_\_. **Romances completos** ..., p. 330.

<sup>758</sup> PEIXOTO, Afrânio. Notas Finais da obra *Bugrinha* [1921]. In \_\_\_\_\_. **Romances Completos** ..., p. 592.

<sup>759</sup> GEISE, Wilhelm. Afrânio Peixoto, Romancista. **Revista da Academia Brasileira de Letras**, Rio de Janeiro, ano 23, no. 130, p. 131, 173, out, 1932. p. 154.

os personagens de Peixoto. As tramas dos romances desenhavam-se nos salões e na casa grande das famílias abastadas da capital federal ou nos recônditos sertanejos de um lado e, de outro, “o povo”.

O “povo” que apareceu em Peixoto foi unicamente os representantes sertanejos, construídos a partir de um amplo repertório daquilo que Peixoto denominou “cultura popular”. Neste sentido, os personagens literários de Afrânio Peixoto ganhavam vida na narrativa a partir de “seus dizeres”, dos adágios, das histórias, dos contos, das trovas populares, das mentalidades. Os elementos “do povo” foram reconstituídos nos romances por meio dos personagens sertanejos (jagunços, clavinoteiros, feitores, monges, pescadores, roceiros, canoieiros, juízes de paz, cartorários, mineradores, agregados).

Nos romances urbanos de Peixoto, os personagens principais oscilaram entre “as damas”, “as moças, esbeltas e bem trajadas”, “os jovens bacharéis desempenados”, “os diplomatas”, “os conselheiros”, “os deputados”, “os senadores”, “os futuros ministros”, “os artistas”, “os políticos profissionais”, “os aspirantes a acadêmico” e “poetas”... Todas as tramas se desenvolveram em torno dessa pequena elite que se ocupava quase que apenas com as viagens, com as roupas, com as obras de artes adquiridas no estrangeiro, naquela rotina “de viver pelas casas uns dos outros a ver o fundo dos pratos, a examinar o rótulo das garrafas, a côr dos tapêtes, indagando o preço e a procedência das cortinas e dos objetos...”<sup>760</sup>

As personagens femininas representam um aspecto bastante interessante na literatura de Peixoto. Conforme vinha defendendo, nas suas intervenções científicas e políticas, as mulheres representavam um dos elementos mais importantes para a estruturação da sociedade, nos moldes que almejava o médico. Sua concepção geral era a de que as mulheres possuíam o poder de controlar as futuras gerações, tanto do ponto de vista genético quanto moral e educacional. Naquele espaço científico, que caminhava a passos largos para as concepções eugênicas, tal papel era de importância fundamental.

Peixoto chamou a atenção dos seus leitores para a maneira como as mulheres influenciavam as decisões no mundo público. Descrevendo, com riqueza de detalhes, a intimidade das famílias cariocas e sertanejas do início do século, Peixoto demonstrou que a maioria das opiniões professadas pelos homens no mundo público eram adquiridas no convívio marital, maternal ou fraternal. Desta maneira, era por meio da admiração, do amor ou da paixão que nutriam pelas mulheres que os homens definiam os seus posicionamentos na esfera política. Ao fim e ao cabo, aquelas posturas, exibidas com orgulho por homens

---

<sup>760</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A esfinge...*, p. 72.

aparentemente senhores do si, eram o reflexo das opiniões femininas que, discretamente impunham suas vontades na subjetividade masculina.

A mulher era um elemento extremamente poderoso para Peixoto e ele pretendeu demonstrar isso em seus romances. Na primeira obra literária, “A Esfinge”, Peixoto descreveu a história do artista Paulo de Andrade, aparentemente um típico representante da elite carioca. Um jovem formado na Escola Politécnica que decidiu pela carreira artística, tornando-se escultor. Em busca de aperfeiçoar suas técnicas e conquistar a sociedade carioca, o jovem empreendeu uma viagem pela Europa, particularmente visitando os países da antiguidade clássica. Retornando ao Brasil e inserindo-se nas sociabilidades da elite carioca o jovem começou a frequentar as recepções, as reuniões, os cafés, as apresentações no Teatro Municipal e apaixonou-se por Lúcia, sua prima e “a moça mais linda do Rio de Janeiro”. A trama se desenvolve em torno desta paixão e dos conchavos realizados por aquele grupo no mundo público, que implicava na esfera privada. Desta maneira, Lucia foi prometida a um pretendente que apresentava maiores possibilidades de lhe garantir uma vida glamorosa. Sem titubear, Lucia trocou “o amor verdadeiro prometido pelo primo, por uma pasta de ministro” prometido pelo outro pretendente, um “político profissional”.

A trama proporciona tanto uma denuncia ao mundo publico, representado pelo Vicente da Câmara, desafeto do Paulo de Andrade, quanto um retrato das futilidades daquele mundo social carioca. O consolo de Paulo de Andrade foi voltar para a cidade sertaneja em que nascera, a fim de curar a alma do desprezo de Lúcia. A vida pacata e simples do sertão deveria ser um remédio para as feridas produzidas pela civilização.<sup>761</sup>

No mesmo tom foi escrita “Maria Bonita” (1914), segunda obra literária de Peixoto, e “Fruta do Mato” (1919). As duas passaram-se exclusivamente em terras sertanejas e representaram o retrato de uma vida autêntica, singular e pautadas em sociabilidade próprias, conforme iremos apresentar no transcorrer do capítulo. O que nos parece mais importante neste momento, é atentar para as relações entre o universo de crenças do autor e as suas representações literárias e, ainda, a maneira como os estudos científicos de Peixoto influenciavam a constituição de suas personagens, particularmente as femininas, suas preferidas.

A partir da segunda metade da década de 1920, Peixoto iniciou estudos endócrinos, incorporando as perspectivas de Nicolas Pende e citando-as nos seus romances. Como reflexo da filiação tais conceituações científicas, no âmbito da construção das personagens femininas,

---

<sup>761</sup> Ibid., p. 89.



o médico elaborou debates sobre a maternidade, o aborto, a histeria, a infertilidade e a capacidade, segundo ele exclusivamente feminina, de controlar a qualidade genética das futuras gerações. Realizando um apelo para que as mulheres aderissem à maternidade e, principalmente, que pudessem escolher seus maridos, Peixoto descreveu as mudanças corporais e psicológicas que se processavam nas mulheres que passavam de moças a mães. Em uma passagem significativa desta característica, descrita na obra *As Razões do Coração* (1924) numa trama que descreveu toda a formação educacional das mulheres da elite carioca, que estudaram nos colégios internos, cuidado por freiras francesas, o médico construiu uma narrativa em que se tornou possível acompanhar a trajetória de Regina, filha de uma importante e destacada família da capital federal. A constatação da personagem feminina era a de que toda mulher estaria condenada “naturalmente” a transformar-se de menina a mulher/mãe. Tal processo era o melhor que lhes poderia ocorrer e ocorria a todas, se elas deixassem que a natureza cumprisse com o papel que lhe cabia na estrutura feminina. Em uma visita realizada à Vivi, sua melhor amiga dos tempos de meninice, a protagonista observou atentamente as transformações pelas quais ambas passaram:

Enquanto ordenava e dispunha um lugar para Jorge em torno à mesa da criança, Regina embevecida, olhava-a... A criatura esbelta, flexível, de modos firmes e resolutos que se tornara Vivi, depois da maternidade. Aquela criatura impetuosa desaparecera... desaparecera completamente. Agora era plácida, tranquila, acolhedora. Até a sua palidez romântica se mudara em uma cor sadia, que ficava bem à senhora forte, generosa, corpulenta, que era agora... Vivi mudara, mudara totalmente... Vivi era mãe. A maternidade transformara aquela mulher.<sup>762</sup>

A ação bioquímica das glândulas moldaria, segundo o médico, não apenas o corpo físico, a saúde, mas os caracteres psicológicos da mulher, a partir dos hormônios da gestação. Nesta mesma obra, Peixoto incorporou diversos termos do vocabulário psicanalítico de Sigmund Freud e das ideias psicológicas de John Dewey. Em outro trecho essa afirmativa pode ser verificada, na seguinte passagem:

As mulheres imperfeitas, mutiladas voluntariamente, fraudulentamente, ou naturalmente avessas à maternidade caem em histeria... Viver é criar. A mulher que se nega a isso torna-se a mulher-brinquedo, a mulher-máquina de prazer, a mulher-manequim de jóias e vestidos, todas as outras mulheres, que não são bem mulheres, porque não sabem ou não podem criar, ou fogem à criação... A loucura, nestes casos, torna-se uma consequência natural.<sup>763</sup>

---

<sup>762</sup> PEIXOTO, Afrânio. *As Razões do Coração...*, p. 685.

<sup>763</sup> *Ibid.*, p. 686.

Segundo Wilson Martins, as obras de Afrânio Peixoto tinham como público privilegiado as mulheres.<sup>764</sup> Considerando que as afirmativas apresentadas nos romances tinham sido escritas por um médico, não é difícil imaginar que elas tivessem uma implicação pedagógica, esclarecedora e instrutiva para aquele público feminino. Isso vinha de encontro aos propósitos assumidos por Peixoto para a sua atuação literária que era, também, a de instruir. Em 1936 o médico lançou o livro “Eunice, ou a Educação da Mulher” no qual realizou um compêndio que “sem ter a intenção de ser didático” reunia um vasto estudo sobre as características das mulheres e pretendia defender a importância da realização de um ensaio sobre “a educação da mulher”. Esse projeto se tornou bastante significativo para o médico, na década de 1930, particularmente quando ele aproximou-se e passou a propagar ideias eugênicas. Na obra sobre a educação da mulher Peixoto afirmou que: “À medida que as mulheres se educarem ou se forem educando, irá melhorando o mundo. A felicidade comum depende da educação da mulher. Com essa educação educará os filhos, maridos, esposas de outros maridos, da geração vindoura. Educada e educadora”.<sup>765</sup>

Paralelo à disputa entre o masculino e o feminino, que se tornou quase uma obsessão na literatura de Afrânio Peixoto, desenvolvia-se um vasto mundo social e político. As amarras e intrigas do mundo da política também constituíam material privilegiado para os debates entre as personagens. O mundo da política ocupava quase completamente as ocupações dos homens da capital federal, segundo a narrativa das obras. “Quando não fazem política, flertam” concluía o narrador de *A Esfinge* (1911). O tom com que os narradores descreviam as atuações dos homens no mundo político era de escárnio. Paulo de Andrade, personagem de *A Esfinge* observava com tristeza e indignação que “organizar conchavos, fazer parcerias, criar estratégias para chegar a cargos importantes na estrutura republicana”<sup>766</sup> era a única ocupação dos “filhos daquele regime.”<sup>767</sup> Os narradores das obras denunciavam enfaticamente que o regime republicano era o responsável imediato por aquele quadro de coisas. De maneira irônica Peixoto afirmava, por meio de seus personagens, que o jogo político não passava de estratégias para angariar vantagens próprias. Numa passagem de “Uma Mulher como as Outras” essa denúncia foi declarada:

O filho do Conselheiro Machado- descrevia o narrador da obra- não fora promovido a ministro residente, no movimento diplomático, e esperava o genro um tabelionato

---

<sup>764</sup> MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. 1897-1914. São Paulo: 2001.

<sup>765</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Eunice ou a educação da mulher**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1947. p. 315- 316.

<sup>766</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A Esfinge...*, p. 89.

<sup>767</sup> Id.

prometido, mas que não chegava. Isso ia mal. A culpa era do regime. Também, que esperar de uma república?<sup>768</sup>

Segundo a denúncia, aqueles que criticavam o regime eram os mesmos que buscavam os favores pessoais, oferecidos pelo sistema. “A arte de governar consiste em tirar o mais possível de dinheiro de uma grande parte dos cidadãos, para dá-lo à outra parte”<sup>769</sup> concluía doutoralmente o Conselheiro Machado, que não conseguira o cargo para o filho. E, finalizava alegando que “governar é explorar a todos, em proveito de alguns. A velha lei da biologia- o parasitismo...”<sup>770</sup>

A República teria despertado a cobiça pelo governo, afirmava Peixoto. “Qualquer João-ninguém sonha em ser presidente”<sup>771</sup>, denunciava um personagem. Em outra obra, a denúncia contra o regime republicano seguiria, em tônica mais acalorada. “Em lugar de vinte reis por tôda a vida- refletia o personagem entristecido- temos vinte de quatro em quatro anos, continuando-se nos mesmos processos velhacos, ociosos, desonestos, sem nenhuma vantagem para o País...”<sup>772</sup> E, confessando a nostalgia de um tempo passado, o personagem emendou que:

Tínhamos um rei cheio de defeitos, mas justo e probo, porque sentia a subsistência garantida e a sucessão assegurada... dois partidos que se esforçavam em corresponder à vontade do monarca... e vinte presidentes de província que atendiam aos partidos e ao soberano para os acessos na carreira política... Trocamos isso por um presidente escolhido entre os oligarcas do senado, da Câmara, dos Estados, das classes armadas, senhor absoluto nos dois primeiros anos do gôverno e humilhado nos outros dois em que já começa a governar o oligarca sucessor... duas câmaras que se apuram, se elegem, se pagam, sem a menor importância ao papel sujo que as fórmulas ainda preparam e que supõem representar eleições que não se realizam... e vinte governadores e presidentes de estados que se revezam, se conchavam, se traem e nos exploram... empregando todos os mesmos processos de cinismo, corrupção e violência...<sup>773</sup>

Tais denúncias, propagadas por meio da obra literária, era um sintoma comum em grande parte dos intelectuais que se declararam republicanos e que, tão logo instaurou-se a nova forma de governo, decepcionaram-se com a condução política do novo regime.<sup>774</sup> Por

---

<sup>768</sup> PEIXOTO, Afrânio. Uma mulher como as outras..., p. 646.

<sup>769</sup> Id.

<sup>770</sup> Id.

<sup>771</sup> PEIXOTO, Afrânio. A esfinge..., p. 207.

<sup>772</sup> Id.

<sup>773</sup> Id.

<sup>774</sup> Ver por exemplo a obra *A Margem da História da República*, que foi organizada em 1924 por um grupo de intelectuais decepcionados com os rumos político do Brasil. Conduzidos por Vicente Licínio Cardoso o livro contou com a colaboração de outros doze autores, dentre eles Oliveira Viana, Ronald de Carvalho, Tristão de Ataíde, Gilberto Amado, etc. os ensaios apresentam a situação do país como crítica e propõe uma reação dentro da ordem. Tratava-se de reformular a ordem respeitando a tradição. Ver: CARDOSO, Vicente Licínio, et ali. *À Margem da História da República*. Brasília: UNB, 1981. Tomo I e II. [1 ed.1924].

meio dos personagens fictícios e do enredo romanceado, Peixoto demarcava suas posições políticas e declarava também a sua decepção.

Nicolau Sevckenko demonstrou uma série de relatos, de diversos intelectuais que presenciaram a instauração do regime republicano e a frustração que se seguiu a este processo. Segundo o historiador, aqueles “mosqueteiros intelectuais” que tinham defendido o fim do Império e propagado as boas novas do sistema republicano sentiram-se pessoalmente traídos na sua militância e malogrados nos seus propósitos<sup>775</sup> e, “obliterados no prestígio público, duplamente pela pressão das oligarquias e pelo analfabetismo crônico da população, os escritores entregavam-se a reações insólitas”,<sup>776</sup> como a crítica eschachada, afirmou Sevckenko.

No caos instalado pelo regime republicano, no qual os intelectuais foram esterilizados, visto que a prática republicana se voltou para os políticos e partidos que se assenhoraram da situação, coube aos intelectuais denunciar, lançar críticas e descrever as incompetências do novo governo. Sobretudo a incapacidade técnica e administrativa que os caracterizava. Toda a obra literária de Peixoto manteve como pano de fundo críticas contundentes ao sistema político republicano.

As maiores denúncias não diziam respeito à exclusão da grande maioria da população no universo de decisões políticas, das imensas desigualdades sociais do sistema, da situação precária da população (se não com raras exceções). As inferências de Peixoto em relação à política e ao regime republicano eram denúncias de cunho interno e diziam respeito às estratégias das quais os candidatos lançavam mão para atingir seus intentos, ou seja, alcançar os cargos. Tratava-se, portanto, de apontar para as escolhas políticas que eram feitas, as quais, segundo o intelectual, estavam sempre baseadas em interesses particulares, em maior ou menor participação na imprensa ou a partir de artimanhas, conchavos e presentes oferecidos pelos políticos e para os políticos.

Havia, segundo Peixoto, um imenso fosso que separava a prática da política republicana e o povo brasileiro. Se a corrupção não era um mal republicano, conforme declarou na obra *Minha Terra e Minha Gente*, com o novo regime político ela “tocou ao auge: quase não há eleições, dignas desse nome e por isso, os homens de brio relutam em ser eleitores ou em comparecer nos comícios.”<sup>777</sup> Para Peixoto as distâncias que separavam “as estruturas teóricas” da política republicana da compreensão que o povo pudesse ter delas não

---

<sup>775</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão...*, p. 86.

<sup>776</sup> *Ibid.*, p. 87.

<sup>777</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Minha Terra e Minha Gente...*, p. 178.

se representava meramente pela incompreensão do sistema por parte do povo, mas e principalmente, pela indiferença do povo em relação aquela política. “Disse Aristides Lobo, um d’estes, que o povo brasileiro assistira a isto, [a República] “bestificado”; é um engano, assistira indiferente, indiferente á sorte da Monarchia.”<sup>778</sup> O povo era indiferente à política porque não a compreendia, denunciava o médico. Os políticos, que desvendaram as estruturas do recente jogo instaurado pelo novo regime, voltaram às engrenagens para uso próprio, pessoal e personalista. Isso teria tomado proporções grandiosas com a República, quando subiram à estrutura de governo “uma escória vil e egoísta”<sup>779</sup>, fato que justificaria a afirmativa de que “à República devem-se males que não convém esquecer, se não do regime, ao menos culpa dos homens pouco capazes, que o têm servido”.<sup>780</sup> O intelectual chamava a atenção para a impossibilidade de que o povo compreendesse a estrutura democrática se não fosse instruído para isso e, tal constatação, retornava ao ponto maior de suas defesas: era necessário instruir o povo para que ele soubesse e pudesse participar da estrutura política e, ainda, era necessário instruir os candidatos para que soubessem governar. O que faltava ao Brasil era instrução, particularmente instrução patriótica e cívica, para todos:

É difícil fazer compreender aos brasileiros que há uma ciência ou arte de administração, talvez a mais complicada, para a qual se requer tirocínio e capacidade. Só a instrução difundida, que cria uma consciência coletiva, capaz de escolher e impor homens idôneos, nos dará bons administradores... por isso, à medida que baixa o nível dela, aumenta o desgoverno do Brasil. Na República tem então havido períodos nefastos. Cumpre, como medida de salvação pública, cuidar da instrução primaria, da instrução profissional, da educação moral e cívica, sem as quais os povos degeneram na barbaria passiva, preliminar da submissão aos mais capazes.<sup>781</sup>

Ao lado dessas denúncias, Peixoto demonstrava que, em virtude da maneira como eram escolhidos os representantes políticos, a política se anulava em si mesma. Quem tinha sido escolhido ou indicado ficava a dever favores a quem o indicara e, ao mesmo tempo, estaria preocupado com as próximas indicações e o lugar ao qual estaria destinado, na estrutura cambiante daquele sistema. Isso era tudo, afirmava, num círculo vicioso e infundável no qual as coisas públicas, o bem comum, a participação do Estado na construção da nação era meramente metafórica e simbólica. O Estado se separava da nação. Tratava-se de uma engrenagem política em que o acesso à cidadania não se efetivava, denunciou Peixoto. A

---

<sup>778</sup> Id.

<sup>779</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A Esfinge...*, p. 207.

<sup>780</sup> Ibid., p.189.

<sup>781</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Minha terra e minha gente...*, p. 190

política se preocupava em gerir a própria política, concluía. Na já comentada obra “A Esfinge” há uma passagem elucidativa desse jogo. Trata-se do momento em que o “político profissional”, Vicente da Câmara, depois de realizar imensos esforços para receber uma pasta de ministro, foi substituído por outro nome, mais perspicaz que ele e de representatividade maior. O narrador apresentou o fato da seguinte maneira:

E então, para evitar dissensões, outros nomes apareceram, outros estados reclamaram, outras combinações se ajustaram [para a pasta de ministro pretendida pelo Câmara]... Interesses, conchavos, compromissos despegam-se daqui para além, numa faina de acertar, descontando desde já... sôbre os presumidos e presumíveis. E quem virá então? – Fala-se de vários... principalmente do Araújo Bastos, que tem sôbre o Câmara a vantagem de ser genro do Governador em exercício, dono de Estado sem dissidência, e incapaz de ser perigoso...<sup>782</sup>

Se a cidade estava atolada em tal lama política, os respingos do sistema recaíam sobre as terras sertanejas, afirmava Peixoto. O sertão vivenciava, a sua maneira, os desmandos, as falcatruas, os joguetes levados a cabo pela incompetência dos políticos. A incúria do Estado em assistir a imensidão do território nacional e, principalmente, a ausência de um projeto que relacionasse a constituição do Estado com a constituição da Nação, no sentido pelo do termo constituía um dos maiores males do Brasil que recaia com força maior sobre a população sertaneja. Carente do braço do governo estadual, o gerenciamento das vidas sertanejas ficava a cargo das famílias aristocráticas, de capangas armados, “da ignorância dos que adquiriam poder, antes de possuir discernimento e civilidade.”<sup>783</sup> O que se vivenciava no Brasil era a prevalência de um Estado pautado no autoritarismo, no patrimonialismo e que passava longe da conquista dos direitos civis.

Tal narrativa apresenta e pondera um sertão que se constitui por meio de um olhar forasteiro. Tratava-se sempre do impacto que o sertão causava ao homem cosmopolita que chegava aquelas terras ou, ainda, do olhar de “filhos sertanejos” que deixaram suas “aldeias” e retornavam, anos depois, surpreendidos com o atraso ou encantados com a autenticidade de seu local de nascimento. A partir desta condição, os narradores, porta-vozes do retrato sertanejo tecido por Afrânio Peixoto, analisaram o sertão e os sertanejos do ponto de vista etnográfico. Talvez porque esta também era a condição do próprio autor. Foi situado em seu gabinete, na capital federal ou na casa de veraneio em Petrópolis, que Afrânio Peixoto analisou, recordou, reconstituiu a vida e a cultura sertaneja, unindo os fios do presente no qual escrevia com o passado que vivera. O olhar civilizador, tão característico da sua condição e da

---

<sup>782</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A Esfinge...*, p. 129, 130.

<sup>783</sup> *Ibid.*, p. 124.

sua geração, entrava constantemente em conflito com a sensação de que no sertão vicejava uma vida autêntica, plena de nacionalidade.

Intentando dar coloração de romance para as suas obras literárias, o médico utilizou-se sempre de uma trama de “estilo novelesco”: em todas as obras o evento principal inicia-se em torno de uma relação amorosa impossível. A impossibilidade se apresentava pelas distinções de classe - quando conduzidas nos cenários sertanejos - ou pelas amarras constituídas pelo jogo social, particularmente aqueles que giravam em torno de interesses políticos, quando se desenvolviam na capital federal. O bacharel que se apaixonava pela sertaneja, a moça que preferia os maridos dos cargos mais altos, preterindo os que não tinham representatividade pública; ou paixões despertadas entre filhos de famílias rivais, pautadas em desavenças imemoriais pela disputa de supremacia política de uma região. Entretanto, logo nas primeiras páginas de cada obra fica evidente a amplitude dos debates, e o tema inicial perde-se em meio de análises históricas, políticas, sociais e científicas.

Os romances de Afrânio Peixoto são o exemplo maior daquilo que o médico entendia como atuação intelectual: cativar pela forma e instruir pelo conteúdo. O intelectual militante perpassa toda a sua escrita literária. Sua crença na possibilidade de transformação do homem a partir da educação, aliado a uma militância científica e nacionalista conduziram a construção de romances em que os leitores, muitas vezes, eram tratados como ouvintes de um conferencista. Assim, amplas palestras sobre higiene, criminologia, história, psicologia foram levadas a cabo por meio dos enredos literários. A geografia, o clima do sertão e a índole dos sertanejos foram vistas como objetos clínicos, analisados a partir de Lamarck, e dos neolamarckistas, de Darwin, Sigmund Freud, Gabriel Tarde, Maeterlinck, Du Bois, Cícero e Chateaubriand, conforme identificou um crítico contemporâneo de Peixoto.<sup>784</sup> Em outras passagens, das obras de Peixoto, é possível identificar a forte presença do naturalismo, conforme demonstrou Lilia Moritz Schwarcz ao afirmar que na obra *A Esfinge* os personagens cediam lugar “as leis naturais” que lhes estreitavam o horizonte, reduzindo-os a meras categorias da ciência. “Muitas vezes - afirmou a autora - longe do enredo, heróis e heroínas abriam espaço para reflexões estranhas àquele local, dando lugar as conclusões [que eram] dos cientistas da época.”<sup>785</sup>

Se, na medida em que Afrânio Peixoto especializava-se enquanto romancista, estas características tenderam a amenizarem-se, elas nunca foram completamente abandonadas, outorgando-lhe, aliás, um estilo. O discurso literário de Peixoto quase não se distinguia de

---

<sup>784</sup> BELLO, José Maria. **Á Margem dos livros**. Anuário do Brasil: Rio de Janeiro, 1922. p. 46.

<sup>785</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças...*, p. 152.

suas obras científicas. Se o estilo era diferente o fio condutor das ideias eram o mesmo. Por isso, ao apresentar um povoado sertanejo, Peixoto divagava entre as teses “de Lamarck e a adaptação morfológica às necessidades do meio”<sup>786</sup> ou com estudos “mais recentes” de “Abel e a reação boa ou má, ao meio e a necessidade.”<sup>787</sup>. Até o crescimento populacional eram apresentados pela ótica malthusiana, descrevendo “personagens soturnos” que analisavam (e por vezes controlavam) “as taxas de natalidade para as damas da sociedade carioca”<sup>788</sup>.

O darwinismo, por exemplo, apareceu complementando psicológica e biologicamente o quadro social, uma vez que apontava para conflitos que não eram socialmente construídos, mas que estavam enraizados em nossa condição animal. Raramente Peixoto afirmava alguma opinião. Na maioria das vezes ocupou-se em apresentar opiniões divergentes sobre uma mesma questão, colocando-as em debate nos diálogos dos seus personagens. Essa estratégia possibilitava que personagens diferentes debatessem, se alfinetassem, destilassem impropérios uns contra os outros revelando, em grande medida, o quadro de opiniões sobre diversos assuntos comuns àquela intelectualidade.

Em “Fruta do Mato” (1919) há uma passagem significativa deste “fazer ciência” por meio da literatura. A obra, cujo cenário foi o litoral norte da Bahia, das grandes fazendas de cacau, descrito como um universo sertanejo, apresenta uma trama que se desenvolve em torno de uma fazenda de cacau e de uma tradicional família da região. A fazenda fazia parte da história da região e seus antigos proprietários eram comerciantes de negros escravizados. Descrevendo “o comércio infame” que vigorou naquela região e as consequências destes fatos históricos para o desenvolvimento do Brasil, a obra se inicia quando o culto bacharel Dr Virgílio decidiu comprar a antiga fazenda de cacau, que estava sendo vendida a um preço muito baixo. Firme nestes propósitos, o bacharel, que passou a conviver na região, para apreciar a fazenda, acabou apaixonando-se por Joaquina, a fruta do mato, herdeira dos antigos proprietários da fazenda e casada com um importante representante político daquela localidade.

Enquanto apreciava a fazenda que objetivava comprar, o Dr Vergílio precisou pernoitar na propriedade. Enquanto dormia sozinho na casa, o protagonista foi surpreendido, no meio da noite, por “um grupo de jagunços, que andavam as tropelias após a queda dos

---

<sup>786</sup> PEIXOTO, Afrânio. A Esfinge..., p. 139.

<sup>787</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Clima e saúde**..., p. 41. Todos estes nomes eram recorrentes no cenário médico/científico da primeira república e foram citados nas obras literárias de Peixoto, nas análises realizadas nos personagens e pelos personagens. Em *Clima e Saúde* o médico explicou a influência que estes estudos tiveram para a formação de seu pensamento sobre raça, clima, adaptações e humores.

<sup>788</sup> PEIXOTO, Afrânio. Uma Mulher como as outras...\* p. 460.



conservadores e com a subida dos liberais.”<sup>789</sup> Segundo registrou o narrador, aquele banditismo “era natural” naquelas regiões, quando “a política açulava a vindita entre os adversários.”<sup>790</sup> Em tais momentos “grupos de criminosos, canalha desclassificada, se armava e percorria, de déu em déu, toda a comarca e adjacências fazendo arruaças, depredações, crimes de violência e de sangue.”<sup>791</sup> O narrador exacerbava-se com aquele quadro, declarando que os sertanejos “eram violentos por natureza” e que chegavam a desejar as disputas políticas “para ter a quem matar, para ver o sangue correr”.<sup>792</sup>

Quando foi acordado pelos clavinoteiros e depois de ter perdido completamente o sono, o bacharel decidiu tomar um café tropeiro com o “grupo de famigerados assassinos”<sup>793</sup>, enquanto esperava o dia amanhecer. Sentado em torno do fogo, o Dr Vergílio passou o olho por todos aqueles homens, que riam e contavam histórias e mudou aquele pensamento inferido algumas linhas atrás. Analisando atentamente os indivíduos, o narrador afirmou que se surpreendera ao constatar que:

em nenhum dos rostos notei o que esperava, a sinistra apreensão do banditismo, o sêlo da maldade, aquela aparência que devia espelhar a alma, face repuxada, anômala, assimétrica, convulsa, deturpada, que nos meus livros modernos de direito criminal aprendera que é dos facínoras, do homem delinquente, como o imaginara a fantasia dos sábios.<sup>794</sup>

Entretanto, continuava o narrador, entre aqueles homens:

um tinha algumas mortes na cacunda, outro já cumprira sentença, este fugira do cárcere, aquele era famanaz no sertão de Condeúba... Todos teriam sua fé de ofício carregada de façanhas que, no entanto, não se estampavam na fisionomia, ao menos daqueles exemplares que eu ali tinha à vista.<sup>795</sup>

Concatenando neste ponto, entre a “determinação do crime” e as “condições sociais”, o narrador debateu-se em seus pensamentos, acionando teorias de Lombroso, de Darwin, de Lamarck para concluir que o que fazia o banditismo, ali, naquelas terras largadas do Brasil eram, unicamente as ocasiões. Nenhuma marca facial demonstrava que aqueles homens fossem assassinos- pensou o bacharel. “Porque não eram!” afirmou. “Nenhum deles era

---

<sup>789</sup> PEIXOTO, Afrânio. Fruta do Mato..., p. 385.

<sup>790</sup> Id.

<sup>791</sup> Ibid., p. 386.

<sup>792</sup> Ibid., p. 386.

<sup>793</sup> Id.

<sup>794</sup> Ibid., p. 389.

<sup>795</sup> Ibid., p. 389.

bandido: tornaram-se bandidos pela corrupção do meio em que viviam”<sup>796</sup>. E concluiu com a seguinte afirmativa:

A cada ascensão e queda de partido no Brasil turvam-se os ares e treme a terra no sertão com o levante da canalha, ao serviço das vinganças, dos chefetes dos pequenos burgos que na violência, reproduzem os debates de tribuna e de jornalismo dos chefes dos grandes centros policiados. Não se comparam, pois, os bandidos sertanejos com os criminosos das cidades. No sertão, a cura do banditismo era a substituição das mazelas por educação, polícia, pela assistência aos costumes partidários e, principalmente, patriotismo.<sup>797</sup>

Ao defender o homem sertanejo da mácula de criminosos natos, que lhes infringia “os doutos”, o médico estava posicionando-se em duas frentes. A primeira seria a de estender, para um público mais amplo, a crítica ao pensamento da antropologia criminal, de Lombroso, Ferri e Garófalo, nas quais baseavam-se amplos estudos nas décadas finais do século XIX e início do XX, período que ambienta a história de Fruta do Mato. De outro lado, Peixoto chamava a atenção para o fato de que as mazelas sertanejas não eram condenações eternas e muito menos fruto de instâncias científicas ou biológicas. Eram sociais e políticas.

A falta de instrução, de acesso à cidadania e de “civildade” eram as bases nas quais estavam ancorados todos os males propagados sobre as terras sertanejas, denunciava Peixoto. Ao mesmo tempo em que realizava essas discussões nos romances, Peixoto demonstrava os paradoxos que estava envolvido o pensamento científico daquele momento em que, longe de conclusões definitivas, debatia-se em longas concatenações, hipóteses e tomadas de posição, na tentativa de construir uma conclusão original. A literatura proporcionaria esse espaço de debate e da constituição de defesas. Se, primeiramente o médico demonstrava partilhar das teorias deterministas, particularmente aquelas propagadas e defendidas pelo seu antigo mestre Nina Rodrigues, em seguida Peixoto demonstrou e demarcou a sua posição frente aquelas questões.

A estrutura do enredo da trama era uma peça fundamental para as pretensões pedagógicas da escrita literária. Assim, a formação primeiro de um cenário, normalmente pautado em saberes que eram patrimônio comum no pensamento da época para, em seguida, descrever e criticar as teorias científicas que colaboravam para a manutenção de antigos preconceitos foi uma maneira encontrada por Peixoto para conduzir os debates que pretendia tomar partido ou inferir ideias que julgava fundamentais. O objetivo final da história era, quase sempre, o de instruir os leitores naquilo que constituía as suas defesas. Essa foi uma

---

<sup>796</sup> Ibid., p. 387.

<sup>797</sup> Ibid., p. 390.

estratégia recorrente de montagem de cenário, apresentação das ideias, réplica e tréplica dos enredos literários de Peixoto.

Na continuação desta mesma passagem é, ainda, digno de nota uma das finalizações do enredo. Trata-se do momento em que o narrador que era o próprio Dr Virgílio, recordou-se do “o último júri, do meu ‘colega’ promotor público” e com intenções claramente pedagógicas descreveu para seus leitores que:

Durante o júri, o promotor público, ao poder de citações, de Lombroso, Ferri, Garófalo e outros e outros, pretendia ser criminoso-nato um pobre escravo que vingara o tormento e desonra dos seus e dos parceiros num mau senhor, libidinoso e cruel, o famigerado Gustavo Ribeiro, este sim digno de receber a tacha de tais criminalistas. Essa meia ciência, declamada com ênfase, a uns doze pobre diabos ignorantes, valera a pena última a meu pobre cliente.<sup>798</sup>

O bacharel finalizou as suas ponderações alertando para a urgência de que aqueles conhecimentos “propagados por sábios peregrinos” fosse reavaliado, problematizado. A trama de Fruta do Mato se desenvolvia nos anos finais a abolição da escravatura e fica ainda mais interessante o médico trabalhar com aquele cenário com vistas nos anos de 1919, quando escrevia a trama e revelava-se completamente contrários aos determinismos pessimistas que conduziram o país até aquele momento.

Ao descrever com lástima a condenação “pobre escravo” Peixoto lidava ainda com mais uma estratégia de convencimento, a da emoção produzida por uma boa narrativa literária. O narrador finalizou com o alerta de que era necessário “ser cético com os conhecimentos científicos”.<sup>799</sup> “Cuidemos para não cair em condenações eternas- alertou o personagem Virgílio- essa pobre gente, joguête de raiva e dissensões partidárias, ora violenta e facinorosa, se educada e vigiada, seria como as estirpes honestas...”<sup>800</sup>

Como grande parte daquela geração de finais do século XIX e início do XX, Peixoto era partidário da ideia de que a ciência e o progresso produziram a felicidade humana, e propagava anseios de derrotar ideais arcaicos, apoiados em dramas religiosos, e defendia a necessidade da renovação dos costumes nacionais, sem alterar drasticamente a estrutura social. Quaisquer caminhos indicados por Peixoto para a revolução dos costumes ou para a emancipação dos aspectos que ele julgava tradicionais eram ditados pelo racionalismo científico, por preceitos da ciência ou da jurisprudência que ele partilhava e propagava.

---

<sup>798</sup> Ibid., p. 389- 390.

<sup>799</sup> Ibid., p. 390.

<sup>800</sup> Ibid., p. 387.

Peixoto circulava em espaços sociais, literários, políticos e científicos bastante heterogêneos e sua literatura refletia diversas correntes de pensamento, prevalecendo, sem dúvida, sua verve científica. Neste sentido, uma das características mais marcantes da obra literária de Afrânio Peixoto é a impossibilidade de definição de suas correntes literárias. Ao mesmo tempo em que o médico foi visto como partidário do realismo, do simbolismo ele também era um escritor diletante e um atento observador da realidade humana e social pelo viés naturalista, tudo isso transpassado pelo seu inseparável “instinto de nacionalidade”.<sup>801</sup> Tal característica foi uma das mais reiteradas pelos críticos da época e é sem dúvida representativa da trajetória intelectual do médico.

Tão logo foi lançada “A Esfinge”, Gilberto Amado elaborou a crítica de que:

O livro é grande. O thema é o Brazil, mal escondido na leveza da intriga; a comparsaria que age neste Brazil, caracterizando-o quase, elle nol-a revela complexa, variada, inteiramente inédita, numa literatura que se tem dado de preferencia à descripção de estados atmosféricos e à exaltação de alguns sentimentos pessoases.<sup>802</sup>

Interessa ainda demarcar que a literatura de Afrânio Peixoto emanava a partir da Academia Brasileira de Letras, ou seja, do espaço dos consagrados “homens de letras”. Quaisquer inovações eram vistas com ressalvas, conforme demonstrou Jeffrey Needell, uma vez que a base da escrita era a oficialidade da língua e o seguimento da norma culta vigente.<sup>803</sup>

A escrita literária de Peixoto estava cerceada pela sua crença pessoal de que a escrever era algo quase sagrado. Escrever bem era uma premissa para qualquer intelectual propagava Peixoto e, essa foi uma das bandeiras mais fortes da sua atuação na ABL.

A autora Dominique Miranda de Sá mapeou diversos discursos dos homens de letras da Primeira República, particularmente aqueles que frequentavam a ABL e identificou em Peixoto um dos expoentes mais ferrenhos da defesa de que a escrita se mantivesse “pomposa”, como teria sido a escrita dos chamados “homens de letras enciclopédicos, bacharelescos”. Segundo a pesquisadora, “Afrânio Peixoto censurava os ‘austeros homens de ciência modernos’ por estarem por demais apegados à maior ‘paixão da moda’ senão mesmo

---

<sup>801</sup> CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993; SHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990.

<sup>802</sup> AMADO, Gilberto. Minha Impressão da ‘Esfinge’ **Jornal O Paiz**. 09 de setembro de 1911. Recortes de Jornais. Casa da Memória Afrânio Peixoto, Lençóis, BA.

<sup>803</sup> NEEDELL, Jeffrey. **A Belle Époque**. Op. Cit.

contaminados pela maior epidemia daqueles tempos: o desmazelo escrito.”<sup>804</sup> Segundo Sá, o médico não se cansava de acusar seus pares de “empregarem inúmeros esforços para escrever mal [...], de rejeitar a ‘frivolidade da forma’ para dar provas de sua inteligência científica”.<sup>805</sup> O que Peixoto estava demarcando com seus discursos, por vezes ácidos e ofensivos, era aquilo que para ele soava de fundamental importância: o valor da forma escrita, a necessidade das divagações retóricas, a indispensabilidade das citações e referências a leituras e a um patrimônio universal de saberes.

As grandes preocupações, que perpassavam a escrita da obra, diziam respeito, na maioria das vezes, ao conhecimento em empregar bem os pronomes, saber utilizar as regras gramaticais e por vezes acrescentar longas citações de autores estrangeiros, de referências científicas para legitimar o pensamento defendido. Tais recursos lhe pareciam tão importantes que no prefácio da segunda edição da obra *A Esfinge feita* ainda em 1911, Peixoto elaborou um desabafo, afirmando que: “[...] o ‘achaque e o ridículo’ destes jacobinos e nacionalistas da América é falarem não como daqui e do nosso tempo, mas como da Península e do século XVI. Dão a vida por isso e por isso só leem gramáticas e dicionários e nos outros livros procuram exemplos ou catam defeitos”.<sup>806</sup>

Os brados dirigiam-se às críticas recebidas pelo seu modo de escrever. Ao que consta, Peixoto fora acusado de “empregar o português fora dos critérios” e a nota preliminar foi minuciosa em defender e explicar cada passagem em que recaíram as acusações e de demonstrar, por citações às obras consagradas, de onde foram retiradas ou a partir de que se justificavam. Por fim, Peixoto atacou duramente seus críticos, afirmando que “coloniais querem ser, ao menos nisso, metropolitanos” ou ainda acusou que “a verdade é que mestiços, para iludirem a casta, querem parecer castiços”<sup>807</sup> e por isso ocupavam-se com a forma e não com o conteúdo. E, por fim considerou que “onde reconheci enganos me emendei: sou dócil e perfectível”.<sup>808</sup>

Tais defesas situam a verve literária de Peixoto dentro dos “padrões” requeridos pela ABL. Foi sobejamente propagada pelos críticos literários das primeiras décadas da república essa paixão que os acadêmicos demonstravam pela forma, muitas vezes preferindo-a aos conteúdos de suas escritas, conforme demonstrou Brito Broca e Machado Neto, ao chamarem

---

<sup>804</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. **A Ciência como profissão...**, p. 130.

<sup>805</sup> Id.

<sup>806</sup> PEIXOTO, Afrânio. Nota Preliminar à segunda edição” In: \_\_\_\_\_. **Romances completos...**, p. 41.

<sup>807</sup> Ibid., p. 42

<sup>808</sup> Id.

a atenção para o fato de que, nos representantes angariados pela ABL, a vida literária, muitas vezes, se sobrepunha à própria literatura.<sup>809</sup>

Afrânio Peixoto estava completamente envolvido com estas questões e apresentou-se como um representante das defesas propaladas pela ABL tornando-se, inclusive, quase que o advogado principal dos acadêmicos que sofriam ataques da imprensa por suas obsessões pela retórica. A esse respeito foi ainda a pesquisadora Dominique Miranda de Sá que apresentou um retrato de Peixoto nas ocasiões de defesa das produções veiculadas a partir da ABL. Segundo a autora “nem sempre *blasé*, e volta e meia bastante irritado,” Afrânio Peixoto defendia os “já tão difamados bacharéis que, segundo ele eram, na verdade, injustiçados.”<sup>810</sup>

Estas afirmativas demonstram o quanto Peixoto estava envolvido com as questões “oficiais” da produção e propagação da literatura, o que o situa naquele grupo que, segundo Nicolau Sevcenko, seria o dos “vitoriosos”<sup>811</sup>, ou seja, aqueles que a partir do “condão de consagração” outorgado pela Academia “conseguiram desfrutar de enorme sucesso e prestígio pessoal, elevados a posições de proeminência no regime e de guias incondicionais do público urbano.”<sup>812</sup> Tratava-se, segundo Sevcenko de “autores da moda porque assumiam o estilo impessoal e anódino da *Belle Époque*”.<sup>813</sup> Eram, nas palavras do autor, aqueles triunfadores do momento<sup>814</sup> e que sabiam muito bem que “o segredo do seu sucesso repousava sobre um perfeito ajustamento aos gostos e anseios do público, daí suas temáticas sedições e sua linguagem aparatosa, repontada da retórica.”<sup>815</sup>

De fato, é possível perceber em Afrânio Peixoto todas estas características. Sua literatura era um retrato destes elementos apontados por Sevcenko e, possivelmente, o médico tivesse orgulho em oferecer um “retrato fidedigno” do país que ele vivenciava, conforme alegou em sua autobiografia. Entretanto, ser “elevado a posições de proeminência no regime” não impedia Peixoto de efetivar, por meio de sua literatura, críticas a diversas esferas da vida pública, o que o coloca partidário daquilo que Sevcenko demonstrou que não se coadunava, ou seja, os intelectuais militantes.

Segundo Sevcenko os intelectuais que não atingiram sucesso nas novas engrenagens do regime republicano, “espoliados que foram, como réprobos, pelas elites vitoriosas, aferram-se ao seu último recurso, fazendo da literatura como instrumento e fim da sua ação.

---

<sup>809</sup> BROCA, Brito. Op. Cit., MACHADO NETO, Antônio Luiz. Op. Cit..

<sup>810</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. **A Ciência como profissão...**, p. 159.

<sup>811</sup> SEVCENKO, Nicolau. **A literatura como missão...**, p. 104.

<sup>812</sup> Ibid., p. 103.

<sup>813</sup> Id.

<sup>814</sup> Id.

<sup>815</sup> Id.

[...] É nela, por isso, na literatura, que deixarão o registro da sua missão.”<sup>816</sup> De fato, é inegável a constatação de que grande parte dos autores consagrados pela instituição atuavam dentro da esfera pública, o que acabava restringindo sua liberdade criadora e balizando seus comportamentos diante do poder local, visto que a literatura que se tornava possível dentro da ABL era aquela que atrelava-se, umbilicalmente, à noção de poder público, a um só tempo influenciando e sendo influenciada pelo mesmo.<sup>817</sup>

Entretanto, se para Peixoto a literatura não foi o seu último recurso- e nem o único- ela representou um espaço considerável para registrar a missão da qual ele se sentiu tolhido a levar a cabo naquela sociedade. Tratava-se de um espaço privilegiado de debate, que atingia grupos que de outra maneira não poderiam conhecer as suas perspectivas de mundo, o seu projeto político de intervenção pública. Não à toa Peixoto encarregava-se pessoalmente da distribuição de suas obras, enviando-as para algumas regiões do país e presenteando algumas as mulheres que conhecia com exemplares de seus romances, conforme é possível averiguar pela quantidade de cartas enviadas a Peixoto, em agradecimento as obras enviadas por ele.<sup>818</sup>

Além de disseminar suas perspectivas científicas, o médico utilizou o recurso literário para apregoar suas ideias em relação ao passado, ao conceito de história, ao valor do colonizador português, a formação étnica do povo brasileiro e dispensou grande parte de suas narrativas para apresentar o sertão, tanto para os moradores litorâneos que iriam ter o privilégio de conhecer “as terras largadas do Brasil” quanto para os próprios sertanejos que teriam suas terras relatadas e retratadas para a posteridade. Grande parte destes assuntos referia-se a contendas tecidas na sua vida pública, tanto na cátedra quanto na condição de parlamentar.

Demarcar o momento vivido pelo Brasil como um espaço de passagem entre aquilo que o país teria herdado historicamente e as potencialidades que aquela realidade proporcionava, para um futuro próximo, era o mote da escrita do médico. Partindo da premissa de que “não adiantava desesperar do que se sucedeu”<sup>819</sup> sugeria que era necessário trabalhar arduamente para transformar o material herdado em algo promissor. Um dos

---

<sup>816</sup> Ibid., p. 128.

<sup>817</sup> CARVALHO, José Murilo de et al. **Sobre o pré-modernismo**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988; e MICELI, Sérgio. **Poder, sexo e letras na República Velha**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1977.

<sup>818</sup> No Arquivo Pessoal da Casa de Cultura Afrânio Peixoto, em Lençóis, há uma quantidade considerável de cartas agradecendo a Peixoto o envio da “sua última obra”. Há dezenas de cartas assinadas por mulheres e outra quantidade considerável de cartas escritas de diversas cidades do interior da Bahia, o que demonstra o esforço de Peixoto em fazer a sua literatura chegar a diversas regiões (pelo menos de seu estado natal, com o qual mantinha maior número de relações).

<sup>819</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Minha terra e minha gente...**, p. 45.

caminhos para atingir tais intentos começava em positivar a nossa herança portuguesa e glorificá-la. O primeiro passo, para um futuro grandioso encontrava-se, segundo Peixoto, em reler o passado tirando apenas as “boas lições”. A base para a nacionalidade brasileira não poderia vir de outro lugar senão daquilo que poderíamos encontrar de bom no processo irreversível do passado histórico.

A glorificação do passado apresentava-se ao lado da crença na industrialização como a força máxima que conduziria os povos ao desenvolvimento material e a inserção das “aldeias” no concerto mundial. Segundo Nicolau Sevcenko, essa premissa era ideia recorrente naquela intelectualidade que possuía o fascinante fenômeno da consciência dividida – tão típica da passagem do século XXI para o XX – a de serem românticos e deterministas.<sup>820</sup>

Por fim, é preciso demarcar o otimismo nacionalista que guiou cada página dos romances de Peixoto. Nada do que ele observava e descrevia sobre o Brasil e sobre os brasileiros era definitivo, mas passageiro. O Brasil daquele momento era um retrato transitório daquilo que seria, um dia, o Brasil verdadeiro, quando a higiene se propagasse como uma ferramenta de sobrevivência no clima tropical, quando a raça se apresentasse “estabilizada” e, principalmente, quando a educação fosse propalada a todos os brasileiros, ensinando-os a votar, a ter orgulho da história, da geografia, ou seja, quando a educação os instruisse nos conhecimentos nacionais e os tornassem verdadeiros patriotas. Provavelmente Peixoto pretendia que a sua literatura despertasse em seus leitores os anseios para este novo tempo, para este futuro em que o Brasil seria, verdadeiramente, uma nação.

Foi o escultor Paulo de Andrade, protagonista d’A Esfinge, que insinuou estas pretensões que poderiam ser levadas a cabo por meio da arte, da escultura, da literatura. Para o personagem de Peixoto os objetos de arte teriam a função de “plasmar, de fundir, numa forma tangível as aspirações esparsas da nacionalidade brasileira, apenas esboçada, e com que num dia, adiante, ela se deve apresentar no futuro, já consciente do seu destino, desde esses primeiros dias.”<sup>821</sup> A função do artista seria, portanto, a de captar, por meio da sua sensibilidade, “as formas transitórias e errantes da nossa nacionalidade, apenas esboçada” e “um dia, decorridos muitos anos, os homens vindouros veriam em cada canto, em cada praça resquícios da arte plasmada naqueles primeiros momentos da construção nacional e que ele [o escultor Paulo de Andrade] executara”.<sup>822</sup> Nos parece provável que era essa também a perspectiva que o médico pretendia imprimir para a sua atuação literária.

---

<sup>820</sup> SEVCENKO, Nicolau. **A literatura como missão...**, p. 113.

<sup>821</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A esfinge...*, p. 78.

<sup>822</sup> Id.



#### 4.2 “A TERRA”: A NATUREZA E O CLIMA TROPICAL NO SERTÃO.

Luciana Murari localizou uma expressão do cronista Matheus de Albuquerque, proferida em 1911, na qual afirmava que “no Brasil, fora do Rio e São Paulo, tudo o mais é paisagem...”<sup>823</sup>. Segundo a pesquisadora, o cronista parodiava, bem no estilo *belle époque*, o Lorde Beaconsfield, que dissera certa vez que “em todo o mundo só existiam Londres e Paris, e o resto era paisagem.”<sup>824</sup> Para Murari, qualificar um espaço como paisagem significava, no universo de referências daqueles homens, “defini-los a partir do domínio da natureza selvagem, do mundo rural, dos territórios incultos, das fronteiras da civilização”.<sup>825</sup> Tais “paisagens” representariam, a um só tempo, o espaço da selvageria e um elemento privilegiado de criação cultural das nacionalidades.<sup>826</sup> Não á toa, Peixoto escolheu como tema privilegiado de suas descrições “as terras largadas do Brasil”.<sup>827</sup> Construir imagens sobre estes espaços representava uma maneira de assimilá-las ao concerto nacional, de incorporá-las às imagens da nação e de demonstrar a supremacia do homem sobre o ambiente natural, produzindo civilização, conforme ansiava grande parte do pensamento científico da época.

Na escrita de seus romances, Peixoto efetivou a premissa que defendera efusivamente no campo médico ao longo de toda a sua trajetória intelectual, de que “é a terra que faz os viventes, é a terra diversa que produz asiáticos e europeus.”<sup>828</sup> Retomando estudos clássicos, desde Hipócrates, Athenodoro, Heródoto, Platão, Aristóteles, Quinto Curcio, Plínio, Cícero, chegando aos modernos como Rousseau, Renan, Montesquieu para afirmar que todos os grandes sábios da humanidade teriam percebido a relação intrínseca entre o “clima, a terra e os viventes, produtos destes”.<sup>829</sup> A intenção do autor era alertar sobre a necessidade de considerar os pressupostos geográficos para atuar efetivamente sobre a realidade prática. “Não só para compreender e acudir à nossa gente é necessário conhecer a nossa terra; o estudo da Geographia é hoje, como sempre, indispensável á prosperidade e á grandeza dos

---

<sup>823</sup> ALBUQUERQUE, Matheus. **Sensações e Reflexões**. Lisboa: Portugal-Brasil Limitada, [19--], 1º. Edição, 1916, p. 67. In: MURARI, Luciana. “**Tudo o mais é paisagem**”: Representações da Natureza na Cultura Brasileira. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2002, p. 08.

<sup>824</sup> Id.

<sup>825</sup> Ibid., p. 10.

<sup>826</sup> Id. p. 10.

<sup>827</sup> PEIXOTO, Afrânio. A Esfinge..., p. 123.

<sup>828</sup> PEIXOTO, Afrânio. Discurso de Posse no IHGB pronunciado em 1919. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Tomo 85-vol. 139. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1921, p 501-510, 1921. p. 505.

<sup>829</sup> Ibid., p. 506.

povos. O mundo sempre foi dos que souberam e sabem Geographia”<sup>830</sup>, afirmou Peixoto no discurso de posse no IHGB, declamado em 1919.

Embora a afirmativa descrita tenha sido emitida só em 1919, desde pelo menos o início de 1900 que Peixoto vinha defendendo essa postura. O mesmo discurso produzido por ocasião da posse no IHGB foi transcrito para a obra *Clima e Saúde*, de 1938, o que demonstra a persistência deste pensamento de Peixoto. Na obra literária Peixoto demonstrou, de maneira pedagógica e elucidativa a teoria do homem ser um produto do meio. Tanto nos seus aspectos geográficos quanto sociológicos, conforme atribuição feita por Ramiz Galvão aos escritos de Afrânio Peixoto.<sup>831</sup>

A ideia prevalecente nas descrições dos cenários sertanejos dos romances de Peixoto é aquela em que, ora a natureza aparece como soberana e o homem insignificante para, em seguida as coisas se invertem e o homem tomar posse das suas características de animal superior e, por meio da técnica, da inteligência, da adaptação e de conhecimentos históricos acumulados se projetar sobre ela, construindo espaços esparsos de civilização.

O desejo de uma modernidade em que a técnica se impusesse sobre a natureza e, ao mesmo tempo, a natureza continuasse intocada, como reduto de originalidade representou um típico dilema de Peixoto e, possivelmente, de grande parte dos intelectuais da sua geração. Essa premissa, a de “uma consciência dividida”<sup>832</sup> perpassou toda a produção literária do médico ao ocupar-se em elaborar um retrato das “paisagens sertanejas”.

“Aquilo tudo que era paisagem” apareceu como a personagem principal da composição do Brasil sertanejo de Afrânio Peixoto. As longas descrições dos cenários naturais, da erosão, da seca, das margens e dos cursos dos rios, das densas florestas, dos caminhos empoeirados ocuparam considerável preocupação do médico, em fixá-las no papel, guardando para aquele momento e os vindouros, as belezas do quadro natural da nação:

A estrada subia agora num aclave lento, alongando pelos zigue-zagues que riscavam um traço incerto na vertente da montanha. Era uma paisagem transitória de

---

<sup>830</sup> Ibid., p. 507.

<sup>831</sup> GALVÃO, Ramiz. Discurso de recepção do Sr. Afrânio Peixoto no IHGB proferido em 1919. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Tomo 85-vol. 139. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, p 512-515. 1921. p. 512.

<sup>832</sup> A definição da existência de uma “consciência dividida”, ou seja, de que os intelectuais do início do século XX no Brasil “pensavam como estrangeiros e sentiam como brasileiros” ou que estavam constantemente oscilando entre “a cópia e a autenticidade” ou entre “o romantismo imaginativo e um naturalismo pululante” foi atribuída primeiramente a escrita de Euclides da Cunha e a análise realizada pelo engenheiro sobre os sertões brasileiros. (GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora**. São Paulo: Ática, 1974; SEVCENKO, Nicolau. **A Literatura como missão...**; BERNUCCI, Leopoldo M.. A ontologia discursiva de Os sertões. **História, Ciência e Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 5, supl. p. 57-72, Julho, 1998.

cataclismo. Sentia-se ali, asperamente essa luta tenaz, que é o aspecto constante, mas tantas vezes dissimulado, da natureza. Grandes massas de pedra, roliças pela erosão, parecendo penedos errantes de um dilúvio, vestidas de musgo escuros, disseminavam-se entre plantas rasteiras sobre a terra desagregada e frouxa. Próxima, a ladeira mais íngreme, vestia-se de árvores grandes que subiam, tôdas perfiladas, num aprumo correto de disciplina. Guardavam os troncos lisos naquela marcha penosa de ascensão, uma linha rígida, resistindo à conformidade de topografia. Depois, adiante já em cima, arbustos menores, formavam a trama inextrincável das ramagens: juçaras e palmeiras espaçadas... ainda bromélias e cactos dispersos... finalmente a pedra lisa, mas já vestida e apossada pelos líquens escuros que a abafavam numa branda mas invencível armadura. Fôra um combate silencioso e milenário da vida contra a oposição bruta da terra. As árvores perfiladas da montanha seriam lições vigorosas de vontade, serenas e pertinazes, que afrontavam a condição física, se opunham aos acidentes do tempo, reparavam a caducidade das formas, para a vitória final, certa e definitiva...<sup>833</sup>

Ao mesmo tempo em que louvava a grandiosidade do mundo natural, Peixoto observava a necessidade de que o homem assumisse o comando sobre as forças da natureza. Por vezes esse trabalho era apontado como uma tarefa solitária, em que cabia apenas a cada indivíduo apossar-se daquele universo, utilizando-se da razão e dos conhecimentos culturais e históricos. Outras vezes a função era outorgada ao Estado. Nas passagens em que Peixoto inferia aos poderes públicos a necessidade do domínio da natureza, o médico indicava que era urgente organizar as populações dispersas do interior do Brasil ou, ainda, promover a migração que povoasse “o imenso deserto sertanejo”. Paralelo a isso, Peixoto desafiava a classe dirigente a fazer a promoção de projetos políticos de irrigação e controle das secas, de intensificação da agricultura que tiraria o sertanejo da “inércia” e da “preguiça”, do incentivo à industrialização, à captação das águas dos rios, a criação de barragens, de eletricidade. Ou seja, o amplo universo “moderno” era clamado, como condição indispensável de inserção e de salvação do sertão.

Neste sentido, a estratégia narrativa que dava a conhecer o sertão era aquela que contrapunha o sertão à cidade. Era em comparação com a vida cosmopolita que a paisagem sertaneja se tornava mais magnânima, mais selvagem ou mais autêntica. Segundo concluía Peixoto, por meio de seus personagens, nos centros cosmopolitas “o enfrentamento entre homem e a natureza havia sido minimizado pela ação da técnica e pelo avanço da civilização sobre o meio natural, tornando-o muitas vezes, homogêneo, sem face e sem singularidades”.<sup>834</sup> Já no sertão “quem dominava, ainda, era a mata, a vastidão territorial e as

---

<sup>833</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A Esfinge...*, p. 164.

<sup>834</sup> *Ibid.*, p. 198.

intempéries naturais.”<sup>835</sup> Num misto entre a admiração e a crítica, Peixoto concluía que, no sertão, a natureza magnânima (bela ou impetuosa) definia o ritmo de vida da população, ditava os locais onde se criariam núcleos populacionais, vilarejos e também condenava estes mesmos espaços ao abandono. Tratava-se, segundo queria demonstrar o intelectual, de um estágio primitivo do homem em que ele estava, na maioria das vezes, “à mercê de Deus”. Antes que uma possível condenação do sertanejo pudesse ser inferida pelo leitor, cativado pela narrativa do médico, sua narrativa partia para a defesa dos sertanejos, alertando que a “odisseia” sertaneja era uma das páginas mais memoráveis da história do Brasil. Vencer a natureza era uma tarefa gigantesca, a qual o sertanejo não fugira.

Adentrar o sertão teria sido, por si só, uma tarefa de coragem, afirmava Peixoto. “Além do natural receio da floresta imensa que os índios tresmalhados habitavam, o sertão era o sertão. Não havia nada. Por isso, durante longos anos viveram os nossos ‘como caranguejos, arranhando as praias do mar’”<sup>836</sup> Segundo Peixoto, “aqueles que ousaram, destemidos, aventurar-se no deserto das matas virgens e nos perigos dos índios bravos, das doenças pestilentas, do desamparo previsto”<sup>837</sup> teriam sido os protagonistas “da página mais forte da história de nossa terra”.<sup>838</sup>

Reconstituindo a saga dos primeiros desbravadores do sertão, Peixoto descreveu os seus personagens sertanejos labutando naquele enfrentamento primitivo, entre o homem e a terra. O que lhes ditava o ritmo da vida eram os desastres naturais, as intempéries ou o aconchego da terra fértil e do rio caudaloso. Sempre que uma catástrofe natural acontecia (seca, ventanias, erosão) a população, ora consternada e ora conformada, acatava o ritmo pré-estabelecido pela terra, pelo clima, pelo solo. Algumas vezes Peixoto decretava, por meio da narrativa, que o homem sertanejo havia adquirido a sabedoria secular de que contra a natureza “não há lutar”<sup>839</sup>, outras vezes, esse mesmo homem partia em confronto contra as agruras naturais e, contrariando qualquer prevenção, construía suas casas nos locais mais inóspitos, “entre o rio caudaloso e a mata cerrada, numa tentativa inconsciente de não se render.”<sup>840</sup> Dezenas de páginas literárias ocuparam-se em descrever o enfrentamento e a acomodação entre a terra e o homem, descritas por Peixoto como o próprio segredo da existência humana.

---

<sup>835</sup> Id.

<sup>836</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Minha terra e minha gente* ..., p. 110.

<sup>837</sup> Ibid., p. 111.

<sup>838</sup> Id..

<sup>839</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Maria Bonita*..., p. 302.

<sup>840</sup> Ibid., p. 327.

Em “Maria Bonita”, de 1914, Afrânio Peixoto descreveu as consequências sociológicas resultantes do embate entre natureza e homem. Tais constatações foram retratadas a partir do episódio que narrou a chegada da família de Maria Bonita, a protagonista da obra, à região de Canavieiras, para instalarem-se na fazenda cacaeira da Boa Vista. O narrador relatou que:

Aquela família não era da terra, provinham do sertão entre a Bahia e Minas Gerais. Desciam, assim como eles, de tempos em tempos grupos de retirantes para o litoral, fugindo da seca. Eles vêm tristes, mas resignados à miséria, contra a qual não há lutar. Largados de todo socorro, que não podem prever, nem esperam, só os seus instintos e as intempéries lhes determinam os costumes e o curso da vida.<sup>841</sup>

Essa era a saga e a sina de grande parte das populações sertaneja. Largados a si mesmos, contavam unicamente com a resignação. A sabedoria que prevalecia nestes momentos era aquela adquirida das antigas gerações que lhes indicava como inserir-se nos novos espaços, nas novas geografias, até que outra tormenta os levasse para novos lugares. Neste sentido, o homem aparecia pequeno, a natureza gigante. Teria sido esta a saga de ocupação do sertão, concluía o médico, antes da “faina civilizadora”. Foi, ainda, na obra Maria Bonita que Peixoto pontuou essa maneira de ocupação:

Antes de dominar os instrumentos da civilização que pudesse organizar, a partir da técnica e dos conhecimentos, a prosperidade duradoura e permanente das obras de saneamento, engenho e economia social, com que se previnem, contra a natureza os povos válidos, que produzem, trocam, se comunicam os sertanejos estão à mercê de Deus.<sup>842</sup>

Tais momentos, “primitivos”, ainda estavam por serem vencidos na maior parte do sertão, afirmava o narrador. O domínio da técnica, a constituição dos aparatos culturais eram apontados como a única solução para alçar o homem daquela condição primitiva, diminuir-lhe as angústias e outorgar-lhe o conforto mínimo e merecido. Entretanto, indicava o narrador onisciente, isso não aconteceria se o sertanejo dependesse exclusivamente de sua “própria sorte” ou do aparato cultural primitivo com que se abastecia, desde tempos imemoriais. Tornava-se então, imprescindível, que o braço do Estado chegasse até os “confins do Brasil”. Desta maneira, Peixoto indicava a necessidade da elaboração de projetos políticos que assistissem a população sertaneja. Somente a partir disso, concluía o narrador que a paisagem cederia lugar às vilas, às cidades, às estradas e aos trilhos de trem.

---

<sup>841</sup> Ibid., p. 226.

<sup>842</sup> Ibid., p. 226.

A desproporção entre a população e a quantidade de terra era, segundo Peixoto, um dos maiores problemas do Brasil e que ficava mais evidente nas terras sertanejas. “Há uma desproporção enorme entre o Brasil e a gente que o povoa: ele é imenso, ela é contada, e tão pouco numerosa, que não é exagero dizer-se, habitamos um deserto”<sup>843</sup> declarou o médico na obra *Minha Terra e Minha Gente*. Segundo tal perspectiva, naquele ano de 1916, “os brasileiros atuais são apenas três, por quilômetro quadrado! O problema do povoamento do Brasil [é] o mais difícil dos nossos, e o essencial para a constituição da nossa nacionalidade.”<sup>844</sup>

O sertão despovoado era a justificativa imediata que os personagens literários de Peixoto usavam para definir o espaço como o lugar onde prevalecia a barbárie. Embora ambientado no mesmo momento histórico em que a vida transcorria na capital federal, o sertão era apresentado em “atraso”. O sertão era retratado como “uma imensidão de terra, onde o matuto anda horas e horas, no lombo do cavalo, antes de encontrar uma casa, um casebre, uma alma viva que lhe ceda um gole de água, para si ou sua animália”<sup>845</sup> e isso lhe conceituava como um espaço “ainda por se fazer”. As vastas terras desertas demonstravam que “a faina civilizadora, que bota abaixo as matas e preenche o solo com plantações, úteis a alimentação, que constrói casas regulares, escolas, correios e telégrafos”<sup>846</sup> estava longe de ser uma realidade naquelas terras sertanejas.

Os sertanejos eram retratados como carentes das técnicas que os tornariam “povos válidos”, lembrava Peixoto, e isso também era uma consequência da falta de povoamento. A falta de concorrência, “a falta do estímulo da necessidade” tornava aquela população “preguiçosa”. Isso não era uma condição natural, recorria rapidamente às inferências de Peixoto, mas uma junção entre as características climáticas do meio, mais o descaso político e social: “Quando [o sertão] for habitado, e a competência estimular a atividade, para satisfazer os encargos da vida, e um regime apropriado facilitar a iniciativa e o trabalho, estes brasileiros serão os grandes conquistadores da civilização, como os brancos e delicados europeus não seriam capaz de fazer”<sup>847</sup>.

Nestes trechos Peixoto demarcava suas intenções de que a modernidade, de que a urbanidade incorporasse “o primitivismo sertanejo”. O povoamento da terra resultaria na

---

<sup>843</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Minha terra e minha gente...*, p. 215.

<sup>844</sup> Id.

<sup>845</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A Esfinge...*, p. 138.

<sup>846</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Sinhazinha*. In: \_\_\_\_\_. **Romances completos**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962. p. 780. [1 ed.1929]

<sup>847</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Minha Terra e Minha Gente* ..., p.214.

“domesticação” da natureza e na civilidade dos homens. Estas ideias eram recorrentes e quase unânimes naquele meio intelectual. Peixoto reproduzia, portanto, aquela tradição de pensamento instaurada desde Euclides da Cunha<sup>848</sup> de que, o que caracterizava o sertão, era o seu descompasso civilizacional em relação à vida litorânea.

Da mesma maneira que Euclides da Cunha preconizou na obra “Os Sertões”, Afrânio Peixoto observava as extensões territoriais dos “confins do Brasil” do ponto de vista da cidade. Foi situado do litoral que Afrânio Peixoto descreveu o sertão. Embora valorizasse aquilo que ele definiu como a “grandiosidade da vida selvagem e primitiva”<sup>849</sup>, sua militância médica e científica se concentraram na alteração daquele quadro natural pela instauração da “civilidade”. Assim, Peixoto deliberava sobre a necessidade de domar a natureza ao mesmo tempo em que se deleitava com a relação poética identificada por ele no concerto entre o homem e a grandiosidade do meio. Do louvor a natureza Peixoto passava à defesa da transformação, daqueles mesmos recursos naturais, em elementos de modernidade:

Não foi parca a natureza com o Brasil. Os minerais abundam. As quedas d’água os saltos enormes dos rios que descem dos planaltos, são riquezas intactas até agora, forças vivas que amanhã bastarão à indústria, quando transformadas em energia elétrica. Só Paulo Afonso e as cataratas do Iguaçu darão para as maiores ambições industriais. As estradas de ferro não são fáceis em terrenos tão acidentados, mas o curso dos rios navegáveis em grandes trechos concorre para comunicar os sertões bravios.<sup>850</sup>

Em passagens como essa Peixoto deixava claro suas pretensões de “equiparar” o sertão com as pretensões da economia capitalista e, os recursos naturais do Brasil tornavam-se elementos fundamentais de contribuição “da paisagem” para a indústria. Neste sentido, o médico debateu-se com aquelas contradições, próprias de sua época e consideráveis para a formação e construção das suas ideias intelectuais. Ao mesmo tempo em que almejava a incorporação do sertão, a transposição do abismo que separa uma sociedade da outra, o médico entendia que o sertão era também, a um só tempo, o local onde a vida se desenrolava mais autêntica.<sup>851</sup> Civilizar o sertão implicava corrompê-lo. Abandonar o sertão à própria sorte soava imoral.

---

<sup>848</sup> OLIVEIRA, Ricardo de. Euclides da Cunha e a invenção de um Brasil Profundo. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, USP, vol. 22, no. 44, p. 511- 537, 2002,. VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha e a República. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 10, no. 26, p. 276- 291, 1996,

<sup>849</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Clima e saúde...**, p. 65.

<sup>850</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Minha terra e minha Gente...**, p.202.

<sup>851</sup> CUNHA, Euclides da Cunha. Op. Cit; LIMA, Nísia Trindade de. Op. Cit.; 1999; SOUZA, Candice Vidal e. Op. Cit.

Na obra “Maria Bonita”, escrita em 1914, o personagem Luís, um jovem recém-formado advogado, filho dos coronéis da região do rio Pardo, litoral sul da Bahia, depois de anos estudando na capital, retornava ao sertão e analisava filosófica, política e sociologicamente a vida sertaneja. As análises do personagem de Peixoto indicam, com riqueza de detalhes, os paradoxos que possivelmente assolavam a sua alma, dentro daquelas angústias entre identificar uma vida “autêntica” e, ao mesmo tempo, “incivilizada”.

Do ponto de vista do personagem Luís, “a gente [do sertão] vivia a sua vida calma, sem rumor nem aspirações, feliz com as necessidades satisfeitas, e na ignorância de ambições a satisfazer, seguia descuidada do mundo, da sociedade, de si mesma.”<sup>852</sup> A partir da perspectiva do personagem bacharel, a alegria sertaneja encontrava-se na característica “de andar descuidada do mundo e de si mesma” - ou seja, na sua implacável ignorância de um mundo maior ao seu redor. Tal desconhecimento soava, para o bacharel, tanto uma dádiva quanto um desalento.<sup>853</sup>

No julgamento do jovem advogado, se o sertanejo tivesse acesso ao efervescente mundo que transcorria ao seu redor, tomaria consciência da sua condição e isso lhe legaria tristeza porque alteraria a sua condição original e faria com que ele passasse a viver como um desgraçado: nem lá (na civilização) nem cá (no sertão).<sup>854</sup> Depois de debater-se com este paradoxo - em que, ao mesmo tempo que almejava civilização para aquela pobre gente combatia-a como o germe das angústias - o personagem chegou à conclusão de que era melhor a ignorância do que “os sonhos de civilização”, visto que “nunca dominaremos todas as técnicas nem teremos acesso a todos os mundos”.<sup>855</sup> A civilização era, por fim, uma ilusão. Entretanto, tal constatação pesarosa, demonstrava a angústia que era do narrador e não do sertanejo: “saber da existência de um mundo maior, produz na alma humana o desejo de possuí-lo. O sertanejo não deseja nada porque ignora tudo e por isso segue conformado.”<sup>856</sup>

A partir desta conclusão, o jovem bacharel entendeu que ali, naquele canto esquecido do mundo, as únicas angústias que atingiam os sertanejos eram as necessidades básicas de sobrevivência: ter um abrigo, ter comida, satisfazer os instintos. “Nenhuma guerra, nenhuma questão filosófica, nada ...”<sup>857</sup>, lastimava-se e admirava-se o personagem. Aquilo que afligia, com tanto pesar o seu coração, era insignificante para o morador do sertão. Luís concluiu que

---

<sup>852</sup> PEIXOTO, Afrânio. Maria Bonita..., p. 279.

<sup>853</sup> Id.

<sup>854</sup> Id.

<sup>855</sup> Id.

<sup>856</sup> Ibid., p. 325.

<sup>857</sup> Id.



as carências atribuídas aos sertanejos eram feitas pelos homens civilizados, pelos litorâneos que, “com sua empáfia julgavam tudo saber”<sup>858</sup>. Quem morava no sertão não era atingido pelas faltas e carências propaladas pelos intelectuais da cidade. “Aqueles homens e mulheres que subiam e desciam os rios em suas canoas, que plantavam e colhiam o seu sustento, que amavam e brigavam por suas paixões não se sentiam destituídos de nada, porque desconheciam tudo”.<sup>859</sup> Talvez o embate com “a civilização lhes legasse a ciência de que nada possuíam e isso lhes causasse as suas desgraças”<sup>860</sup> - confabulou, assustado, o personagem.

A medida do saber e do conhecimento eram atribuídos, pelo personagem, ao patrimônio cultural propalado pela cultura ocidental, acadêmica e livresca por excelência. O sertanejo, por desconhecer tais saberes “desconhecia tudo”. Às vezes, na ânsia por instaurar ou divulgar o mundo civilizado, que presenciara nos seus anos de estudo em Salvador, o personagem Luís esforçava-se por apresentar aos sertanejos a existência de um mundo maior, de vastas produções intelectuais, de amplas e constantes descobertas, de infindáveis filosofias. A cada tentativa de convencer o sertanejo sobre a imensidão de coisas a serem conhecidas, ele era interrompido por constatações, vindas daqueles personagens, tais como: “Não estude muito seu Lulu- aconselhava um agregado de seu pai- Estudar muito faz distinguir-se. Feliz são os seixos rolados. Lisos e iguais. Estudar faz subir mais alto e ter horizonte maior. Quanto mais alto olhar, mais dores verá!”<sup>861</sup> O personagem voltava seus olhos para o “tabaréu” que lhe pronunciara tal afirmativa e entendia que “só lhe cabia concordar”.<sup>862</sup> O sertão era um universo próprio. Tentar entender o sertão com os olhos da cidade poderia ser um grande impropério.

Costurando uma vida primitiva, a mercê das intempéries mesológicas, juntamente com a elaboração de estratégias para o enfrentamento dos determinismos foi o tom que guiou a formação dos retratos sertanejos da obra literária de Afrânio Peixoto. Temperada com a voracidade da modernidade e da civilização, bem como com a constatação da alegria presente na simplicidade, na autenticidade do sertanejo, Peixoto oscilou entre o encantamento e a desilusão. Nos momentos em que a incorporação do sertão à formação do quadro nacional parecia impossível, Peixoto destilou seu ódio contra as elites dirigente, acusando-as e culpando-as por aquele quadro de coisas. É possível observar uma tentativa, por parte de Peixoto, em tornar os seus retratos sertanejos veículos de empatia e de ligação entre o litoral e

---

<sup>858</sup> Ibid., p. 239.

<sup>859</sup> Ibid., p. 279.

<sup>860</sup> Id.

<sup>861</sup> Ibid., p.239.

<sup>862</sup> Ibid., p. 279.

o sertão. Levar o sertão para o litoral parece ter sido uma intenção constante de Peixoto e ele esforçou-se para tornar as terras sertanejas não só legíveis aos moradores da capital, mas em sensibilizar o seu leitor tanto para a beleza sertaneja, quanto para a verificação de como se processava uma vida realmente rústica. Perseguindo este intento, Peixoto adentrou as moradias dos sertanejos, observou os pratos que comiam, o cheiro dos lugares, as frases recorrentes, a insegurança, a falta de informação, o alvoroço com as notícias, os crimes frequentes, as brigas políticas e partidárias, etc. Todos esses elementos foram incorporados a personalidade e a índole do homem sertanejo, na tentativa de comprovar uma das teses científicas de Peixoto de que cada indivíduo era reflexo do meio em que vivia.

Foi na obra “A Esfinge” (1911) que as definições do meio social sertanejo foram identificadas na constituição física e psicológica do morador do sertão. Foi o personagem Paulo de Andrade, também homem viajado que retornou a casa paterna depois de longos doze anos morando no Rio de Janeiro e visitando Paris, Grécia, Egito. No retorno à Amparo (nome fictício para Lençóis) o protagonista encontrou um amigo de infância, o Maurício. Reconhecendo-o na Rua do Mercado, começou a conversar com ele, tentando retornar aos tempos de meninice, revivendo as memórias. Tal anseio se tornou impossível, alegou o personagem. O Maurício não conseguia conversar nada que não fossem as intrigas políticas da pequena cidade, as rivalidades entre os partidos do Coronel Guimarães e a gente do Alcântara. Sem conseguir engrenar qualquer assunto, Paulo se despediu do colega:

Viu-o afastar-se e olhava-o com grande lástima, profunda piedade. Magro, encurvado precocemente envelhecido, com a obsessão da gente do Alcântara... Está o que fizera a vida de aldeia a uma criança viva, forte, inteligente, autoritária, com vontade... Assim ele... os outros também... Como se má atmosfera pesasse sobre tudo, as esperanças de outrora se definharam, amesquinhadadas definitivamente... Apenas os que fugiram puderam crescer e vicejar livremente... Provavelmente das gerações subsequentes e de muitas outras para além, no futuro, o destino seria o mesmo. Apareceriam outros mandões, outros pequeninos motivos de discórdia. Que importa houvesse lá fora luta tremenda e civilizadora, pela conquista do Direito, pela posse do Progresso, pela cultura da Arte?... Ali, no Amparo, em todos os outros Amparos de que o Brasil está cheio, a preocupação absorvente, única, exclusiva, seriam as pequeninas rivalidades locais, envenenadas e violentas que, se não terminavam no sangue, viviam do doesto e produziam essa imensa ruína.<sup>863</sup>

Diferente das perspectivas que identificavam o clima como o maior vilão do sertão, Peixoto demonstrou a inferência do meio sobre os indivíduos eram de ordem política e social. O sertão, que estava corrompido por relações políticas medíocres e, na maioria das vezes egoístas, fazia repercutir suas consequências sobre a própria estrutura física dos sertanejos que

---

<sup>863</sup> PEIXOTO, Afrânio. A Esfinge..., p. 141.

se deixavam abalar e eram pessoalmente afetados por questões tão pequenas se comparadas “a luta tremenda e civilizadora” que se devolia em torno daqueles núcleos sertanejos. As lutas políticas partidárias tornavam a atmosfera sertaneja pesada e repercutiam tanto no corpo quanto na alma do sertanejo que se apresentava sem viço e sem sonhos. A fonte de degenerescência do sertão não estava, a partir deste ponto de vista, nas suas paisagens naturais ou no clima tropical, mas nos aspectos sociológicos, políticos e históricos.

Para tornar o sertão conhecido aos leitores litorâneos Peixoto demarcou a vastidão de territorial e a prevalência da natureza sobre o homem, conforme apresentamos. Concomitantemente, o médico descrevia as características étnicas, sociais e culturais daquelas regiões. O que demarcava o espaço da cidade em relação ao sertão eram as distâncias. Primeiro Peixoto situou a distância daquelas terras sertanejas para com as terras litorâneas e, por extensão a distância entre o universo do homem do litoral e o universo do sertanejo; em seguida era possível constatar a distância entre um núcleo sertanejo e outro (característica da falta de população) e, por fim, a distância entre eles e um mundo considerado moderno, pleno de informação, de descobertas tecnológicas e de acesso às instituições promotoras do saber, da ordem e da moral. O sertão poderia ser avaliado, nestes trechos, a partir da falta dos elementos que a perspectiva científica do médico considerava indispensável.

Ainda, para o personagem Luís, a identificação daquelas ausências ou de tais distâncias só era perceptível por aqueles que vinham de fora, conforme ele afirmara no trecho analisado acima. A conclusão a que chegava o personagem, enquanto deslizava na proa de uma canoa, rio abaixo, no dia que retornava à casa paterna, depois de longos anos de ausência, era a de que:

A fábula de uma civilização distante, de independência de um estado constituído, não os atingia [os sertanejos] ou interessava. Se pagavam impostos, eram indiretos, desfalcados no preço do cacau, aumentados no custo das mercadorias, e era só, embora muito... O estado não lhes dava nada em troca, também nada reclamavam, por compensação.<sup>864</sup>

A passagem pela Faculdade de Direito legara ao jovem personagem a percepção de aspectos da vida sertaneja que passava despercebido pela sua população autóctone. Dentro do vasto desconhecimento que incomodara o personagem, o que foi se acentuando na narrativa era a constatação de que o sertanejo era indiferente ao papel e a função do estado. “Eles ignoravam a existência de um estado que os deveria prover”, constatou o personagem

---

<sup>864</sup> PEIXOTO, Afrânio. Maria Bonita..., p.279.

consternado, compreendendo que este “descaso” implicava no fato de que desconhecendo o estado o sertanejo ignorava que fazia parte de uma coletividade. Ele não se sentia um nacional e isso prejudicava não só a estrutura daquelas terras, mas ameaçava a ordem da nação.

Essa constatação do personagem de Peixoto era partilhada por grande parte daqueles intelectuais que, após o sucesso de *Os Sertões* (1902), ficaram alertados de que os sertanejos estavam dissociados do projeto nacional. Havia nos sertões brasileiros, denunciava Euclides da Cunha, uma população que ignorava a pátria e era por ela ignorada. Segundo as concatenações que vieram à tona após essa informação, a formação do Brasil como nação demandava a incorporação daquelas populações.<sup>865</sup> O personagem criado por Afrânio Peixoto chegava às mesmas conclusões que Euclides da Cunha.

Na busca por tentar entender aquele descaso do estado em relação aos sertanejos, o personagem Luís entrou, mais uma vez, em paradoxo. Primeiro afirmou raivoso que a população sertaneja “era, apenas, como parasitos daninhos tolerados pela árvore assaltada, que oneram e às vezes matam, sem uma defesa ou lástima.”<sup>866</sup> Embora Luís fosse um daqueles sertanejos ele se viu apartado daquela identidade. Talvez, na sua percepção, o seu título de bacharel o distinguisse da população analfabeta, ignorante, desinteressada da cultura civilizadora que ele observava e, considerando tais qualidades, na sua opinião indispensáveis para o exercício da cidadania, o personagem concluiu raivoso que tais carências os definiam como “ervas daninhas”, que parasitavam a grande árvore nacional. Tratava-se de uma perspectiva que atribuía ao próprio sertanejo a culpa pela sua situação.

Nesta e em outras passagens semelhantes Peixoto esbravejou contra os moradores do sertão, atribuindo-lhes inclusive a culpa pela situação do Brasil daquele momento. Ao fazer um apanhado geral da nação, Peixoto identificava nas terras sertanejas o espaço de maior atraso. Isso lhe provocava desespero e seus brados ecoavam contra a inércia e apatia em que viviam aquelas populações culpando tanto elas quanto o estado pelo descompasso daquelas terras em relação ao concerto nacional. Nestes momentos Peixoto tornava-se porta-voz de uma opinião bastante generalizada naquele contexto que entendia que a incorporação do sertanejo para a constituição da nação era imprescindível e, no entanto, uma tarefa cada vez mais difícil frente aos rumos (ou a falta de rumos) tomado pelo regime político republicano.

Os intelectuais, que se sentiram particularmente desafiados para estes projetos e, ao mesmo tempo impedidos de o fazerem, efetivavam suas denúncias contra o sistema. Ao que parece, a questão política era apenas uma das questões. Havia uma série de outros agravantes

---

<sup>865</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão.** ....

<sup>866</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Maria Bonita*..., p. 279.

para a efetivação daqueles anseios. Era diante desta tarefa quase gigantesca e demasiadamente onerosa que Peixoto se desesperava da situação e julgava-a quase sem solução. Mesmo que houvesse uma força portentosa por parte da política, poderia ser que o sertanejo não mudasse nunca. Sua constituição étnica singular, a maneira que fora desenvolvendo sua vida, os “vícios que adquirira” poderiam ser incontornáveis. As distâncias entre o universo do sertão e os anseios dos nacionais litorâneos pareciam intransponíveis. Nestes trechos, os sertanejos eram repelidos do projeto nacional e acusados de “elementos que nada produziam”.<sup>867</sup> Possivelmente Peixoto se arrependia da rigidez com que julgava “aquela pobre gente” porque, poucas linhas depois de emitir afirmativas tão duras, o mesmo personagem voltava atrás e afirmava que o sertanejo era um povo “pacato e bom que, ambientado naquelas águas turvas e benignas dos rios e nas matas úmidas e veneráveis do rio Pardo resultavam numa gente feliz e saudável.”<sup>868</sup>

Diversos eram os problemas que impediam a inserção do sertanejo no quadro maior da composição nacional. O analfabetismo, a precariedade institucional, a ausência de estradas e viação era os elementos mais urgentes de intervenção, no âmbito econômico. No cenário científico, as agruras tornavam-se mais significativas, segundo demonstrou Nísia Trindade de Lima. Havia a indolência, a mestiçagem e a predominância de uma série de doenças endêmicas, que os tornavam “degenerados”, e “indispostos”.<sup>869</sup> Peixoto apontou, ainda as propensões que um meio “frouxo”, sem instituições promotoras da ordem e dos bons costumes gerava a incidência bandidos foragidos da justiça, que utilizavam o sertão como esconderijos.

Todos estes elementos estavam, incontestavelmente, atrelados à imagem do sertão e dos sertanejos e fazia parte do senso comum dar-se conta da existência de tal cenário. Entretanto, mesmo diante de tudo isso, o sertão também era o lugar por excelência “da essência da vida nacional”.<sup>870</sup> Por isso que, ao mesmo tempo em que louvava o sertão, Peixoto esbravejava contra ele, num misto de amor e ódio que caracterizava, por extensão, o pensamento social brasileiro daquele momento em relação à vida sertaneja. A escrita literária de Peixoto demonstra uma tentativa de equilibrar “paixões tão disparatadas” e “condenações tão duras” entre o Brasil real (advindo das condições perceptíveis a partir do ponto de vista científico) e o Brasil legal (aquele que surgia no universo oficial e que, por vezes, estava longe de corresponder à realidade). Encontrar o meio termo entre um e outro foi

---

<sup>867</sup> Ibid., p. 287.

<sup>868</sup> Ibid., p. 279.

<sup>869</sup> LIMA, Nísia Trindade de. **Um sertão chamado Brasil**....,p. 123.

<sup>870</sup> Ibid., p. 91.

perceptivelmente o desafio maior da construção dos cenários sertanejos de Peixoto que, mesmo valendo-se da estratégia literária intentavam registrar um retrato fidedigno da “terra e da gente brasileira”.<sup>871</sup>

Nísia Trindade de Lima mapeou alguns discursos ambivalentes lançados ao sertão brasileiro daquele momento e afirmou que, àquela ambivalência em que se debatia o pensamento social brasileiro em relação às terras sertanejas teria se instaurado desde “a geração de 1870” para a qual “prevaleceu uma visão idílica das regiões interioranas do Brasil e de seus habitantes”.<sup>872</sup> Aquela geração, marcada principalmente por romancistas como José de Alencar, Franklin Távora Bernardo de Guimarães, entre outros, consolidaram “a ficção romântica sobre a forma indianista, sertanista e regionalista”<sup>873</sup> e adotaram como base de suas narrativas a aclamação de uma natureza exuberante, o vigor e a bondade inatos nos indígenas e dos sertanejos e a identificação de que o campo e os sertões eram lugares propícios à vida saudável e harmoniosa e, em contraponto a cidade revelava-se como o espaço de doenças e vícios.<sup>874</sup> Sobre essa realidade idílica, a obra de Euclides da Cunha teria marcado, segundo a pesquisadora, uma ruptura significativa com aquele pensamento. O sertanejo foi visto como um forte, entretanto rude e carente de civilização.

Atribuímos à construção das imagens da natureza e do homem sertanejo dos romances de Afrânio Peixoto a junção de dois aspectos. Primeiro é possível perceber a inspiração de Peixoto nos escritores românticos. Foi o próprio médico que declarou, na sua autobiografia, que um dos expoentes da geração de 1870, o José de Alencar seria, para ele, o maior autor nacional.<sup>875</sup> O médico considerava Alencar uma personalidade exemplar, que conjugara literatura com ação política e nacionalismo.<sup>876</sup> Possivelmente Alencar tenha influenciado o estilo narrativo, particularmente aquele que se preocupava em descrever as paisagens sertanejas.

Em seguida entendemos que Peixoto buscava “continuar o legado de Euclides da Cunha”<sup>877</sup>. Considerando o impacto que a leitura da obra causou naquela intelectualidade tornava-se quase impossível desconsiderar a perspectiva de análise social e de narração de um

---

<sup>871</sup> RIBEIRO, Leonídio. **Afrânio Peixoto**, Op. Cit., p. 349.

<sup>872</sup> LIMA Nísia Trindade de & HOCHMAN Gilberto. Condenados pela raça, absolvidos pela ciência. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs). **Raça**, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1992, p. 23-41. p. 28.

<sup>873</sup> COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 57.

<sup>874</sup> LIMA Nísia Trindade de & HOCHMAN Gilberto. Op. Cit., p. 28.

<sup>875</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>876</sup> Id.

<sup>877</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Euclides da Cunha: dom e arte de estilo...**, p. 78; EDLER, Flávio Coelho. **Afrânio Peixoto...**.\*

Brasil real instaurada pelo engenheiro. Abandonar esta vertente talvez fosse inconcebível para um homem de ciência. Além disso, Peixoto declarou que Euclides da Cunha forjara o primeiro exemplar de literatura nacional e inaugurara uma prosa essencialmente nacionalista, conforme já analisamos. Tais inferências demonstram o apreço do médico pela escrita e abordagem euclidiana.

Nesse misto entre as inspirações de José de Alencar e da necessidade da escrita científica inaugurada por Euclides da Cunha, Peixoto descrevia os habitantes do Brasil sertanejo como “um povo forte, bem adaptado ao meio, corajoso e aventureiro”<sup>878</sup> para em seguida esbravejar contra “uma calaçaria, feita pelas misturas mais heterogêneas, uma massa mal formada de indivíduos débeis”<sup>879</sup>. As misturas raciais e a incapacidade política<sup>880</sup> eram analisadas pelo médico por meio de seus aparatos científicos. Lidar com a realidade da miscigenação e conciliá-la a partir de uma militância nacionalista foi, possivelmente, o maior desafio do pensamento de Afrânio Peixoto e de toda aquela geração de médicos e analistas sociais.

Quando abordava o sertão do ponto de vista da grandiosidade e da autenticidade Peixoto ignorava completamente o componente étnico da formação do sertanejo. A formação racial miscigenada era ignorada e o sertanejo surgia como uma continuação e permanência do desbravador português. Quando identificava a indolência, a preguiça, a falta de iniciativa, a bandidagem, a ausência de instituições promotoras da ordem, do saber e da moral Peixoto atrelava imediatamente estas condições à constituição étnica do sertão e definia-os do ponto de vista do atavismo herdado de “índios tresmalhados, bravios, indolentes, insubmissos que nunca constituíram povoamentos e sociedades significativas”<sup>881</sup>.

Esse misto de endeusamento das belezas naturais e de crítica à formação étnica da população era também um sintoma daquela intelectualidade do qual Peixoto não conseguiu fugir, nem superar. Tânia Regina de Luca apontou que o grupo de intelectuais que contribuía para a escrita de artigos no periódico *Revista do Brasil*, entre os anos de 1916 até pelo menos 1922, prevalecia, tal como demonstrou Peixoto na sua literatura, “o deslumbramento ante as potencialidades da terra” e um discurso crescente de que, face a um bem tão precioso, quanto aquela natureza exuberante e aquela extensão territorial vantajosa, era necessário a efetiva posse daqueles bens.<sup>882</sup>

---

<sup>878</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Maria Bonita...*, p. 326.

<sup>879</sup> *Ibid.*, 327.

<sup>880</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A esfinge...*, p. 206.

<sup>881</sup> *Ibid.*, 209.

<sup>882</sup> LUCA, Tânia Regina de. *A revista do Brasil...*, p. 86.

A constatação de que o verdadeiro empoderamento daqueles bens só poderia vir a partir do controle de técnicas proporcionadas pela ciência e por meio de uma efetiva formação de consciência nacional, também era lugar comum entre aquela intelectualidade. A partir deste viés civilizador, Afrânio Peixoto construiu um quadro em que um dos maiores problemas do sertão era a falta de uma consciência nacional entre os sertanejos. A ausência do braço estatal causava a inexistência de instituições promotoras da ordem, tornando o sertão um espaço largado à própria sorte, imoral e permissivo. Em relação ao quadro natural Peixoto só rendeu elogios. Nenhuma linha apresentou qualquer empecilho à vida humana vinda das características físicas ou climáticas da terra. Quaisquer que fossem os males do sertão ele eram de ordem social, moral ou política.

Ao descrever o povoado do Jacarandá, pequeno distrito de Canavieiras onde moravam os pais de “Maria Bonita” (1914), Peixoto dedicou-se em apontar as mazelas do lugar, do ponto de vista moral. O povoado era ponto de encontro das populações disseminadas pela ribeira e subsidiária do porto de embarque e desembarque de mercadorias, o que resultara, segundo o narrador da obra, num “arraial de mais de uma centena de casas”<sup>883</sup>. Em tal arraial vivia uma “população mesclada, de vendeiros, pequenos lavradores, canoeiros, artífices, mulheres fáceis, gente sem profissão, sem passado limpo, quase sempre criminosos reconhecidos tranquilamente fora da ficção da lei.”<sup>884</sup> Contudo e contrariando essa mescla de coisas, o narrador descreveu que o local “era um distrito de paz, produzia e exportava cacau, piaçava, diamantes com que avultavam as riquezas municipais e estaduais. Não havia escola, correio ou polícia, ainda menos telégrafo, caminhos ou intervenção pública de outra natureza”.<sup>885</sup> Isolados do mundo, os sertanejos só poderiam contar com eles mesmos, defendia o narrador onisciente. Defendendo que o homem adaptava-se aos seus meios, a conclusão a que chegava era a de que “a vida seguia como podia. A justiça se adequara aquela realidade e constituía uma estrutura social que lhe garantia a perpetuação deste quadro de coisas”.<sup>886</sup>

Afrânio Peixoto atribuía à possibilidade de uma vida pacífica, mesmo diante da ausência de quase todos os aparatos com que se estruturavam as sociedades civilizadas, a índole do sertanejo, que era “naturalmente boa”. Aquela índole pacífica, retraída, conformada tornava possível que, diante de um mundo em ebulição, o sertanejo se mantivesse inalterado, “expectador inerte” do que acontecia ao seu redor.

---

<sup>883</sup> PEIXOTO Afrânio. Maria Bonita..., p. 234.

<sup>884</sup> Id.

<sup>885</sup> Id.

<sup>886</sup> Id.



Nesses momentos da narrativa, Peixoto desviava o olhar da natureza para observar a constituição do sertanejo, a partir dos seus aspectos étnicos. Segundo o médico, a vida do sertão era uma consequência daquela índole pacífica, mesclada, herdada atavicamente dos ancestrais habitantes e povoadores das terras sertanejas. Ao mesmo tempo, teria sido a realidade própria do sertão que legara aquelas características aos seus moradores. Neste sentido, o homem e a terra constituíam um único elemento. Ao mesmo tempo em que o homem era um produto do meio o meio incidia sobre o homem.

Objetivando catalogar os sertanejos a partir dos referenciais antropológicos e, seguindo uma tradição que vinha se desenvolvendo desde Sílvia Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Roquette-Pinto, o médico pretendia formular um quadro que identificasse as singularidades da formação étnica do sertanejo. Dentro deste quadro, o sertanejo era um mestiço, originário da composição entre o branco e o índio e herdeiro da “índole” que prevalecia em cada um destes matizes raciais.

Segundo Vanderlei Sebastião de Souza, “nas primeiras décadas do século XX, sobretudo no período entre-guerras, a antropologia física procurou na psicologia das raças a explicação para a relação entre a biologia constitucional dos indivíduos e seu temperamento”.<sup>887</sup> Neste sentido, segundo boa parte do pensamento científico da época, a conduta e a disposição mental era parte da natureza de cada grupo racial, de modo que não se poderia pensar na diferenciação entre os tipos antropológicos sem levar em consideração a classificação de seu “caráter antropológico”.<sup>888</sup> Baseado nestes pressupostos, Peixoto atribuiu a índole pacífica do sertanejo aos seus matizes raciais portugueses e indígenas. A partir destas heranças, o médico entendeu que o sertanejo herdara duas capacidades indispensáveis para sobreviver no sertão: o espírito de aventura e a índole pacífica e adaptável.

Não fora qualquer português que contribuía para a formação do sertanejo, alertava Peixoto, mas aquele “bandeirante corajoso, destemperado e ousado”<sup>889</sup> que, somado ao “índio bravo, bem adaptado e indomável”<sup>890</sup> resultara “nos primeiros exemplares de brasileiros”<sup>891</sup>. A junção de um e de outro legara ao sertanejo características que se expressava, “tanto biológica quanto psicologicamente, atrelado àquelas manifestações originais.”<sup>892</sup> A estas “excelsas origens”<sup>893</sup> o médico atribuía a invejável capacidade adaptativa do homem

---

<sup>887</sup> SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Op. Cit., p. 191.

<sup>888</sup> Id.

<sup>889</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Minha terra e minha gente...**, p. 224.

<sup>890</sup> Ibid., p. 223.

<sup>891</sup> Id.

<sup>892</sup> Id.

<sup>893</sup> Ibid., p. 224.

sertanejo, herança da psicologia indígena, tanto quanto a sua coragem e resignação tão necessários ao enfrentamento das características próprias do meio que, na maioria das vezes, era hostil.

Foi atribuindo às características singulares da formação étnica do sertanejo que Peixoto julgou possível a “conquista do sertão”. A partir da junção dos elementos indígenas aliada à presença do português bandeirante, destemido, cobiçoso é que teve início uma das maiores páginas da saga da história do Brasil: a ocupação e domesticação de uma natureza selvagem e que, segundo as perspectivas de vários “sábios” da época, representava uma tarefa impossível ou resultaria malograda, visto o clima tropical prevalente naquelas terras.

Quando analisamos a escrita literária de Peixoto, a partir dos retratos e da narrativa sertaneja construídas pelo intelectual, atrelando-os aos debates nos quais ele estava tomando parte naquele contexto, percebemos que, além de dar a conhecer um país sertanejo aos habitantes do litoral ou legitimar a sua própria condição de homem sertanejo, Peixoto estava, também, respondendo a alguns enfrentamentos nos quais se debatia no mundo científico. Frente a um quadro de diagnósticos, constatações e retratos fornecidos pelos expedicionários do Instituto Oswaldo Cruz sobre as doenças endêmicas que se alastravam naquelas terras e acabavam ficando conhecida como “doenças dos sertões”, a narrativa literária de Peixoto apresentava, claramente, um contraponto. Por meio do seu relato, o sertão que surgia era diametralmente oposto aquele apresentado pelos médicos expedicionários. Estava claro que não era um sertão idílico, como fora narrado pelos românticos do império, mas um sertão onde o que faltava era unicamente saneamento, educação e inserção daquela região ao concerto industrial e capitalista no qual estavam tomando parte as terras litorâneas. Carecia, portanto, equacionar o sertão aos outros espaços da sociedade.

Por outro lado, e é o que pretendemos analisar com mais cuidado no próximo item, entendemos que o retrato sertanejo de Peixoto também procurava comprovar, frente aos seus pares, a defesa que o médico estava tomando parte desde os primeiros anos do século XX, sobre as possibilidades e viabilidades da vida humana num clima tropical. A partir desta premissa, percebemos que as imagens de Peixoto descreveram, com riquezas de detalhes, as paisagens próprias do clima tropical e a maneira como os sertanejos encontraram estratégias de sobrevivência naqueles espaços. Neste sentido, Peixoto identificava e narrava tanto a formação biológica e étnica do sertanejo como promotora de um homem forte e adaptável, quanto as soluções encontradas por eles para tornar a vida viável e saudável naquele regime

climático, adaptando-se equilibradamente com o meio e se apresentando como portadores dos modernos conhecimentos da ciência higiênica.

#### 4.2.1 O CLIMA TROPICAL

Nos parece que um único consenso perpassou toda a obra literária de Peixoto. Trata-se da constatação da grandiosidade da natureza brasileira. As riquezas naturais do país foram descritas como insuperáveis e inigualáveis. Em *Minha Terra e Minha Gente* Peixoto afirmou, ufanando-se do seu país, que “se Burckle teria chegado a pensar que numa pompa tamanha de natureza não devia haver lugar para o homem, Agassiz, mais prático, calculou que só o vale do Amazonas daria para nutrir a humanidade inteira.”<sup>894</sup> Seleccionando apenas duas frases esparsas das perspectivas lançadas ao Brasil por este dois cientistas europeus, Peixoto ficou com o argumento que melhor legitimava suas pretensões naquele momento e, valendo-se da legitimidade dos dois intelectuais, utilizou Agassiz para reafirmar seu posicionamento.

Todas as descrições da flora e da fauna eram momentos de deslumbramento de Peixoto em relação a sua terra. “A flora é prodiga e até desperdiçada. Num clima úmido e quente, propício a vida, vicejam arvores frondosas, palmeiras esbeltas, lianas, cipós inextrincáveis que apertam a intimidade num labirinto de troncos e ramos, folhas, palmas e espinhos”<sup>895</sup> maravilhava-se Peixoto nas suas narrativas. Nenhum detalhe da flora ou da fauna brasileira lhe soava nocivo ou danoso:

Matas profundas e sombrias que se ocultam grandes reservas e provisões naturais, possuem também miasmas e são difíceis de ser conhecidas e aproveitadas. Isso tem feito os europeus proclamarem a insalubridade dos climas quentes, como se fora uma condição inevitável. Aliás, eles são propensos a difamar todas as regiões do mundo, fora a Europa. Para eles os homens dificilmente poderiam viver nos trópicos: se o calor e a umidade não o impedissem, haviam de impedi-los as doenças que, por isso, chamaram de doenças tropicais. Essas doenças não existem. Nenhuma doença é própria de um clima. Tudo é evitável.<sup>896</sup>

As defesas mais enfáticas de Peixoto dirigiam-se à viabilidade da vida humana em meio a uma natureza tão prodigiosa. Para Peixoto, desdenhar da terra grandiosa que comporia o quadro natural do país era um ato abominável e completamente antipatriótico. Não havia, reiterava Peixoto, uma única coisa que pudesse ser condenada no quadro natural brasileiro. Tudo era contornável, evitável e alterável a partir de intervenções sanitárias, higiênicas e

---

<sup>894</sup> Ibid., p. 202.

<sup>895</sup> Ibid., p. 210.

<sup>896</sup> Ibid., p. 210, 211.

educativas. Ao tomar o sertão como tema de suas narrativas literárias Peixoto utilizou exemplos da vida sertaneja para demonstrar que o clima não era nocivo e muito menos causaria empecilho para o desenrolar da vida humana. De maneira didática, Peixoto demonstrou como a composição étnica do sertanejo, resultado do processo histórico do sertão, legou a este elemento condições privilegiadas para enfrentar e adaptar-se aquele meio singular do sertão, pleno de clima tropical.

Primeiro, como apresentamos em linhas acima, Peixoto identificou na condição miscigenada do sertanejo um elemento positivo. O índio, indicado pelo intelectual como “reflexo demorado da terra”<sup>897</sup> e o português bandeirante definido como “corajoso, destemido, cobiçoso, aventureiro” teria resultado no elemento sertanejo. Herdeiros daquelas características (para o bem e para o mal) Peixoto demonstrava que a índole do sertanejo era pacífica, resignada, conformada e sem anseios de progresso como seus ancestrais indígenas e, ao mesmo tempo, cobiçosa, destemida e aventureira conforme lhes legara os bisavós portugueses.

Muitas vezes Peixoto inferiu que a resignação do sertanejo beirava à apatia.<sup>898</sup> Entretanto, teria sido essa mesma submissão que lhes garantia a permanência e a sobrevivência em ambientes, por vezes, tão severos. Diante de uma natureza ameaçadora, o sertanejo empreendia “paciência resignada e persistente”<sup>899</sup> em repetições contínuas, prevendo ou adequando-se àquilo que o meio proporcionava, declarava Peixoto. Era com esta paciência adaptativa que, quando “os rios secavam, os canoeiros, para navegar, carregavam consigo enxadas para escavar os valos de passagem. A estrada, por terra, era constantemente invadida pelo mato daninho que, por sua vez, era constantemente tirado, numa luta sem fim.”<sup>900</sup>

O sertanejo não desertava, afirmava Peixoto e, por isso, o clima nunca lhe fora um empecilho. Na memória de todo o sertanejo vicejava o legado dos portugueses que teriam sido “os conquistadores do deserto”. Atrelado a essa bravura destemida, o sertanejo teria recebido e partilhava de uma série de conhecimentos indígenas, com os quais aprenderam, por meio de culturas imemoriais, a dominar técnicas adaptativas:

Um regime alimentar, de hábitos e de vestimentas que permitiram enfrentar e adaptar-se ao calor. O banho frio e constante, as roupas adequadas, a ingestão de

---

<sup>897</sup> PEIXOTO, Afrânio. A Esfinge..., p. 210.

<sup>898</sup> PEIXOTO, Afrânio. Maria Bonita..., p. 324.

<sup>899</sup> PEIXOTO, Afrânio. Minha terra e minha gente..., p. 225

<sup>900</sup> PEIXOTO, Afrânio. Maria Bonita..., p. 326.

frutas e muito líquido foi fundamental para a viabilidade do homem no clima tropical. Os silvícolas brasileiros sempre fizeram isso.<sup>901</sup>

No romance “Bugrinha” (1921), Peixoto descreveu diversos alimentos tropicais, típicos da dieta sertaneja e que, segundo o narrador, “tornavam-se vitais no enfrentamento do calor, típico do nosso clima”.<sup>902</sup> Além disso, há uma referência constante ao hábito dos banhos frios, narrando-os como um hábito saudável, além de rejuvenescedor.

A rotina sertaneja era descrita em íntima consonância com o clima do sertão. “O trabalho na roça começava bem antes do amanhecer, para que, quando o sol estivesse bem alto no céu, fosse já hora de descansar, embaixo de uma mangueira”.<sup>903</sup> Em outra passagem, da obra *Maria Bonita*, o narrador descreveu que “na roça recolhem-se ainda cedo, vedando pelas aberturas cerradas à invasão dos insetos que as luzes atraem, procurando no sono, distração para as longas horas de ócio.”<sup>904</sup> Além destas pequenas “medidas higiênicas”, o sertanejo levava a cabo outras, mais providencias, que dizia respeito a arejar a casa, levantá-la a uma altura considerável, evitando a entrada de animais ou insetos pestilentos, além de evitar as enchentes que as cheias dos rios poderiam provocar. Tais enfrentamentos demonstravam que o sertanejo, a seu modo, dominara a natureza, numa equilibrada relação com as possibilidades apresentadas pelo meio:

A casa soerguida e avarandada, suspensa nos esteios contra as inundações das cheias e para abrigo, nas épocas normais, dos tabuleiros onde é secado o cacau, tinha o aspecto e a simplicidade uniforme das que se distribuem pelas margens do rio. A sala, que de fora dava ingresso, de entrada, espera, visita, permanência, e até dormida, dos hóspedes ou de algum adventício ou agregado, possuía a mobília simples, costumeira da vida rústica: o relógio de parede, a mandôlina sobre a mesa, a espingarda num dos cantos, algumas cadeiras e bancos rudes para assento.<sup>905</sup>

Por meio da narrativa de Peixoto, conseguimos adentrar na casa sertaneja e não apenas comprovar o domínio da técnica sobre as condições mesológicas, mas também observar as sociabilidades próprias daquelas regiões. Segundo o narrador, o oferecimento de pouso para os transeuntes que iam e viam naquelas terras era uma questão de honra, para qualquer sertanejo. Desta maneira, a arquitetura das casas, além de bem conjugada com a mesologia da região, também apresentava peças largas, arejadas, que serviam tanto de lugar para amarrar as redes para o pernoite dos hóspedes, quanto de intervenção higiênica, que viabilizava a saúde,

---

<sup>901</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Minha terra e minha gente...*, p. 121.

<sup>902</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Bugrinha...*, p. 456.

<sup>903</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Bugrinha...*, p. 456.

<sup>904</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Maria Bonita ...*, p. 280.

<sup>905</sup> Id.

mesmo que muitos sertanejos não tivessem consciência do fato. As peças grandes, com poucas mobílias, sem cortinas ou tapetes, com janelas largas equilibrava a temperatura dos lugares, além de “limpar o ar” de qualquer elemento nocivo.

Ao descrever estes cenários, Peixoto criava a ideia do sertanejo como a “raça forte”. Não forte apenas na coragem com que “desbravou” as terras tropicais impondo a técnica sobre a selvageria, mas fisicamente e culturalmente. Havia identidade na maneira que o sertanejo se situava nos seus espaços. Não era possível identificar cópias, dissimulações tão comuns nas sociabilidades litorâneas, apontava Peixoto. Tudo na rotina sertaneja soava de maneira autêntica porque tinha sido pensada de acordo com as necessidades e pelo ritmo ditado pelo clima da região. O sertanejo, neste sentido, executava aquilo que Peixoto defendia enfaticamente na sua atuação científica: “em Roma sede romanos”; porque haveríamos de trazer aos trópicos hábitos polares?”<sup>906</sup>

Na continuação do trecho em que analisou a casa sertaneja, o narrador apresentou os moradores. “Dormitava o Amâncio na rede, fumando um longo cigarro de palha. A espôsa, a Sinh´Ana, vistosa e pimpona, tipo de morena desempenada, a que o buço encrespava o lábio e o outono, de formas roliças, conferira a sadia autoridade de mulher forte.”<sup>907</sup> Aqueles sertanejos, afirmava Peixoto por meio do personagem Luís, eram o símbolo da saúde, da disposição. Suas vidas se desenrolavam em harmonia com os espaços que ocupavam. “Nenhuma moda estrangeira, nada!”<sup>908</sup> admirava-se o personagem, demonstrando que a constituição daquelas sociabilidades eram frutos do processo histórico “abrasileirado”, a partir da realidade do sertão.

As divagações do personagem estenderam-se para o contexto científico dos anos de 1914 e ele inferiu, a partir daquilo que observava, que no sertão, o resultado da interação das raças ao meio fora harmonioso. Raça era sempre uma questão de interação ou adaptação entre o homem e o meio. Nestas passagens, a miscigenação mostrava-se como atributo indispensável para a formação e ocupação do Brasil, visto suas características singulares de clima, terra e condições históricas de colonização. Afirmava o médico: “Estou convencido que o clima brasileiro não é causador de qualquer mal. Clima e saúde são patíveis se o homem sabe adaptar-se. Por isso, insisto, temos que encontrar soluções brasileiras para os problemas brasileiros”.<sup>909</sup> Segundo quis demonstrar nos seus romances, o sertanejo era o produto

---

<sup>906</sup> PEIXOTO, Afrânio. Clima e saúde..., p. 68.

<sup>907</sup> PEIXOTO, Afrânio. Maria Bonita..., p. 280.

<sup>908</sup> Id.

<sup>909</sup> PEIXOTO, Afrânio. Clima e saúde..., p. 12.

genuíno da adaptação do homem ao clima. Tratava-se de uma “solução” brasileira para a questão da sua singularidade climática. Reiterando tal ideia, Peixoto afirmou que:

“Clima” não é apenas ambiente, na terra, isto é, meio em que os seres que nela existem se banham com satisfação ou dificuldade: é ação que determina reação, acomodamento, alterações, novas formas de seres, dotados de qualidades que retratam esses meios diversos. O clima é assim o artista da vida.<sup>910</sup>

Retirar o foco das teorias deterministas, particularmente as do darwinismo social, que condenavam o clima tropical foi uma estratégia utilizada por Peixoto para compor seus cenários sertanejos. O que surgiu nas narrativas literárias foi a concepção de um homem forte e adaptável ao meio.

O que Peixoto pretendia demonstrar era que as teorias deterministas não poderiam mais ser tomadas nos seus aspectos meramente científicos. Conforme apresentara desde 1906, na apresentação do artigo “As doenças Mentais nos Climas Tropicais”, tais preceitos tinham sido cunhados em períodos em que a ciência carecia de base experimental e sociológica, quando era feita por meio de “relatos de viajantes apressados”.<sup>911</sup> Naquele momento, alegava o médico, com o advento das pesquisas amparadas em “modernos métodos científicos” e, principalmente a partir “dos recentes estudos sociológicos e antropológicos”, estava comprovado que atrelado ao clima havia um processo histórico e social, que geraria outra compreensão sobre os antigos preconceitos de raças ou de clima.

Foi na defesa de que uma sociedade só se tornaria compreensível a partir da análise de seu processo histórico, atrelado as suas condições naturais, que Peixoto desviou o olhar do determinismo climático para a observação dos elementos formadores dos ambientes. A raça seria a resultante do processo de adaptação que se processava entre o homem e o meio. Primeiro tornava-se necessário elaborar um amplo estudo acerca destas condições, explanava Peixoto, para só depois ser possível emitir pareceres científicos contra ou a favor dos povos. O tempo dos julgamentos morais, religiosos, sentimentais ou políticos precisavam ser abandonados em nome das análises históricas, sociológicas, antropológicas, baseadas em critérios científicos, defendia o intelectual.<sup>912</sup>

Para convencer o leitor de seus argumentos e, possivelmente, para defender-se dos embates que essas afirmativas poderiam causar no campo científico, Peixoto explanou longamente sobre os antigos preconceitos propalados pelos determinismos raciais e climáticos

---

<sup>910</sup> Ibid., p. 15.

<sup>911</sup> MOREIRA, Juliano e PEIXOTO, Afrânio. As doenças mentais nos climas tropicais ..., p. 795.

<sup>912</sup> PEIXOTO, Afrânio. Clima e Saúde..., p. 44, 45.

alegando que eles não passavam de sentimentalismos. “Linhagismo ou racismo sempre foi sentimento”<sup>913</sup> declarou, no intuito de afirmar que cada povo considerava a sua raça sempre a melhor. “É natural isso tudo, é humano”<sup>914</sup> justificava Peixoto. Diante destes sentimentos naturais, de querer parecer sempre o melhor, a história teria sido usada como estratégia política para defender os posicionamentos acionados pelos cientistas ao defenderem o “amor-próprio” de sua raça ou de seu país.

“Esse natural estado de espírito criou e mantém a noção das raças, ainda agora cheia de prejuízos”<sup>915</sup>, declarou o médico e, ironizando os “sábios do passado” que acionaram tais sentimentalismos para justificar suas “superioridades raciais”, foi ao Conde de Gobineau que Peixoto destilou suas ironias, afirmando que:

Esse racismo investiga também as origens e estatue uma linhagem [...] Foi o que fez o Conde de Gobienau. Esse diplomata sem sucesso no seu país, e que no Brasil foi até esbordado pelo Visconde de Sabóia, era meio nobre, meio burguês, de família mal organizada apenas preocupado com o seu “condado” que teria origem divina em Odin [...] Em carta a Cosima Wagner, em 80, declara que seu *Ensaio sobre a origem da desigualdade das raças* foi escrito, entre outras razões, para demonstrar a superioridade de sua própria raça [...] O que lhe importava era ele.<sup>916</sup>

Segundo os argumentos de Peixoto esse personalismo teria se tornado a regra para a atribuição dos determinismos raciais e climáticos tão difundidos nas primeiras décadas do século XX. Diante disso, ele clamava que as análises e, principalmente, a propagação daquelas teorias, estivessem atreladas a investigações mais profundas e criteriosas. “Tudo isso é ideologia política”<sup>917</sup> afirmava categoricamente o intelectual, desautorizando a legitimidade daqueles conhecimentos.

Seguindo o mesmo tom, Peixoto passou dissertar sobre outra ideia recorrente no cenário científico que, segundo o médico, considerava determinadas doenças como “originárias” ou “próprias” de um lugar. Com o mesmo estilo irônico o médico elencou diversos fatos que induziam o leitor a questionar sobre as inferências científicas propagadas a partir da Europa:

Só a Europa e os europeus valiam [...] As doenças tinham nomes que eram labéus continentais: a peste era “oriental”; a cólera “indiana”; a febre amarela, tifo “americano”. Malefício algum foi europeu, nem difteria, nem tifoide, nem

---

<sup>913</sup> Ibid., p. 35.

<sup>914</sup> Ibid., p. 37.

<sup>915</sup> Id.

<sup>916</sup> Ibid., p. 33, 34.

<sup>917</sup> Ibid., p. 31



tuberculose... Foi ela, a Europa que inventou as “doenças tropicais”. Pódera, não havia trópicos na Europa...<sup>918</sup>

Apresentando as opiniões que estava defendendo e propagando, Peixoto aconselhou os leitores a “deixar os europeus” que propagavam apenas ideologias políticas e elencou os estudos que, em sua opinião, valeriam a pena serem considerados para superar os “preconceitos”. Para tais propósitos Peixoto declarou estar alinhado aos pensamentos de “Lamarck, Darwin, Weismann, Vries, Lotsy, Rosa e Abel”.<sup>919</sup> Segundo Peixoto, estes cientistas teriam traçado um longo caminho de demonstração da influência do meio sobre o homem e elaborado amplas teorias que comprovavam a validade de suas ideias sem serem, ainda “suficientemente considerada pelos europeus.”<sup>920</sup> Era ao lado destes nomes e angariando a legitimidade destes estudos que Peixoto se colocava para afirmar que “raça é uma milenária adaptação, conformação ou reação”<sup>921</sup> do homem às suas condições históricas e climáticas.

Bem no seu estilo didático, Peixoto relacionou esse processo entre raça e condições climáticas e históricas a formação de um calo. “O calo seria a adaptação da pele à pressão e ao atrito de um corpo duro? Ou é a reação, da pele sensível, a esse contato lesivo? Há, na realidade as duas ações, e há mais [...] É o calo uma reação e uma adaptação”<sup>922</sup>, concluía o médico.

Neste sentido, as perspectivas de Peixoto que descreveram a formação do homem sertanejo, estavam carregadas destas ideias e pretendiam torná-las ainda mais didáticas, apresentando por meio das narrativas, a trajetória do sertanejo na ocupação do território brasileiro, as singularidades que incidiram sobre esse elemento nacional frente às particularidades do meio. A raça que se formara era única, porque só poderia ser analisada na relação com ela mesma. Não era possível fazer comparações entre as raças, alertava Peixoto porque “a vida, o vivente é o seu meio [...] Esse meio é criação, é alimentação, é cultura, é saúde, são hábitos: biologia vem a ser sociologia [...]”<sup>923</sup>

Investigar a relação entre a natureza grandiosa, o clima tropical e “esse meio que era criação” perpassou a obra literária de Peixoto e foi o conteúdo de suas narrativas. Desde os primeiros anos da sua mudança para a capital federal que Peixoto iniciou estudos naquilo que,

---

<sup>918</sup> Ibid., p. 35, 36.

<sup>919</sup> Ibid., p. 40, 41.

<sup>920</sup> Ibid., p. 43.

<sup>921</sup> Ibid., p. 41.

<sup>922</sup> Ibid., p. 41, 42.

<sup>923</sup> Ibid., p. 46.

à época, chamava-se folclore ou estudos sobre “fama”. Peixoto realizou uma ampla investigação sobre os elementos históricos que, juntamente com a realidade mesológica, teria legado ao Brasil uma raça adaptada ao clima e a geografia e uma cultura única. A estes estudos ele denominou “estudos de cultura popular”, na intenção de retratar um sertão repleto de cultura.

#### 4.3 “UM SERTÃO QUE É CULTURA”: FOLCLORE, HÁBITOS E COSTUMES SERTANEJOS

Dentre os diversos estudos que mobilizou a intelectualidade brasileira desde o fim do Império, a busca por aquilo que representasse genuinamente a nação em nascimento foi um dos itens que mais os ocupou. No campo literário, a busca pela autenticidade se refletiu no discurso romântico.<sup>924</sup>

Se, no campo da literatura, este movimento começou tão logo se processou a mudança da condição política de colônia para império, foi apenas a partir da chamada geração de 1870 que a busca pelo nacional ganhou uma amplitude maior, estendendo-se além das produções literárias para o campo científico e jurídico. O desenvolvimento dos trabalhos nos outros campos dos saberes teria sido influenciado, conforme já vimos, pelas teorias científicas, políticas e filosóficas propagadas pela Europa, particularmente “a filosofia positivista, o determinismo científico de Taine e pelas teses evolucionistas de Darwin e Spencer”.<sup>925</sup> A busca pela autenticidade brasileira desembocou na constatação de que uma nação era feita pelo seu povo. Buscar, identificar e catalogar o povo brasileiro tornou-se o principal desafio.

Silvio Romero teria sido um dos primeiros intelectuais brasileiros a demarcar o período que findaria “as expressões românticas” sobre a autenticidade brasileira e demarcaria o surgimento das análises realistas, em que o nacional fosse trazido a partir das manifestações populares, analisados sob a ótica científicista. Na obra “Contribuições para o Estudo do Folk-

---

<sup>924</sup> Como se sabe, a ideia básica do projeto romântico de construção de uma literatura nacional era fornecer informações sobre o passado histórico do Brasil; forjar uma mitologia que pudesse sustentar o surgimento da nação, sobretudo através da imagem idealizada do índio; descrever os costumes, as tradições, bem como a natureza exuberante, exaltando o que era o “elemento típico”, de modo a tentar constituir uma visão daquilo que era considerado como brasileiro e representava a sua cor local. Os primeiros esforços neste sentido puderam ser identificados em José de Alencar (1829-1877), Gonçalves Dias (1823-1864), Juvenal Galeno (1836-1931), Sousândrade (1832-1902), Melo Moraes Filho (1844, 1919). Ver: CASEMIRO, Sandra Ramos. **A Lenda da Iara: nacionalismo literário e folclore**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2012, p. 79-80.

<sup>925</sup> RIBEIRO, Cristina Betioli. **O Norte**, um lugar para a nacionalidade. Campinas: UNICAMP, Instituto de Estudos da Linguagem. Dissertação de Mestrado, 2003, p. 15.

lore Brasileiro. Estudo sobre a Poesia Popular no Brazil”, de 1888, o crítico literário sugeriu o fim do romantismo e o início de um novo momento para as letras brasileiras:

A literatura nacional é ainda muito pobre de trabalhos sobre a nossa poesia e contos populares. Durante três séculos em que o Brasil foi colônia o problema das criações anônimas ainda não tinha despertado a atenção dos sábios. Ao nosso século pertence a contribuição definitiva da linguística e mitologia comparadas, da crítica religiosa e etnografia [...] Com o transbordamento do romantismo sobre a Europa, começaram os assuntos populares a preocupar a ciência [...] Entre nós o romantismo foi mudo sobre as criações anônimas. O célebre sistema literário desenvolveu-se no Brasil de 1820 a 1870 e nem uma só palavra proferiu sobre as canções e lendas populares [...] Quando assinalo o ano de 1870, como fechando o ciclo da romântica brasileira, não quero dizer que ela tenha falecido de todo; é que depois daquele ano começou a desenvolver-se entre nós a reação anti-sentimental e as tendências científicas principiaram a predominar, ainda que fracamente, na literatura do país.<sup>926</sup>

Silvio Romero demonstrou a proposta ensejada por diversos intelectuais expoentes da Escola do Recife, tais como Araripe Junior, Capistrano de Abreu, Souza Bandeira, Graça Aranha, dentre outros, de que a busca pela nacionalidade deveria ser processada considerando os estudos científicos. O povo e a cultura popular tornavam-se objetos a serem analisados a partir de tais pressupostos.

Segundo a pesquisa realizada por Cristina Betioli Ribeiro, o projeto encabeçado por este grupo possuía interesses diferentes dos expoentes românticos. No que se refere à presença do povo e das criações populares, os intelectuais da “geração de 70” intentavam romper com o indianismo, aproximar-se cada vez mais do cientificismo positivista e apresentar uma solução para a produção de uma literatura nacional autêntica, baseada, naquele momento pelo resgate do folclore do norte.<sup>927</sup> A repercussão e as influências do projeto, pretendido por aquela geração, repercutiu longamente nos literatos da Primeira República. Segundo Ribeiro, embora o grupo da Escola do Recife tenha se declarado fortemente contrário às abordagens românticas da cultura popular e do folclore, produzida a partir da inspiração europeia, eles mantiveram “um olhar elitizado sobre o *povo*; esta nebulosa ideia de povo que elegem para descrever”<sup>928</sup>

Parece que um dos grandes desafios para aquela geração e 1870, e que irá permanecer para as próximas gerações de intelectuais, era definir *o povo*. O que guiava a busca pelas respostas era o pensamento cientificista, que permitia que aqueles intelectuais relacionassem e

---

<sup>926</sup> ROMERO, Sylvio. **Contribuições para o estudo do folk-lore brasileiro**. Estudo sobre a Poesia Popular no Brazil. Rio de Janeiro: Typ. Lammert & C. 1888, p. 40 e 41.

< <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01614300#page/7/mode/1up>>

<sup>927</sup> RIBEIRO, Cristina Betioli. Op. Cit., p. 18.

<sup>928</sup> Id.

adaptassem o modelo europeu de estudos folclóricos com as teorias científicas sobre a miscigenação, a raça, o meio e a evolução. Ficava para trás a perspectiva romântica, em nome da abordagem científica. Assim os propósitos em relação ao popular voltavam-se para a descoberta e catalogação das expressões folclóricas do ponto de vista da mestiçagem étnica e cultural, das influências raciais para a formação da cultura popular, se debruçando na coleta e no registro documental da poesia e das narrativas orais. O popular passou a ser visto e registrado a partir do distanciamento provocado entre o observador (o cientista) e o objeto observado (o povo e suas manifestações).<sup>929</sup>

Segundo Ribeiro, um dos maiores impasse em que se viram aqueles pesquisadores era o desafio de integrar o folclore (a partir do ponto de vista do primitivo) a uma produção literária erudita, tal como era preconizado naquele momento, particularmente pela elite literária que se reunia na ABL.<sup>930</sup> Os estudos acerca das manifestações populares adentraram a Academia por meio de uma visão científicista, ou seja, na tentativa de definir as manifestações populares como expressões de aspectos étnicos, raciais, evolucionistas, ambientais e históricos. O elemento folclórico era, na maioria das vezes, elemento de curiosidade, particularmente no que se referia ao estudo de um aspecto exótico ou genuíno da nossa nacionalidade.<sup>931</sup>

Possivelmente foram as propostas apresentadas por Silvio Romero sobre os estudos populares que mais influenciaram Afrânio Peixoto neste debate. Desde 1909 que Peixoto demonstrou grande interesse em “estudar aquilo que era típico do povo”.<sup>932</sup> Conforme sua militância nacionalista crescia, aumentava também a dedicação do médico em “desvendar e propagar a alma brasileira”. Em todos os seus romances o tema da cultura popular perpassou sobremaneira a narrativa, chegando a tornar-se um grande projeto de “conhecer e dar a conhecer o Brasil” por meio das produções populares. Peixoto demonstrou especial e crescente apreço não apenas em registrar aquilo que definiu como “a nossa mais elementar forma de manifestação nacional”, mas em tornar as manifestações populares conteúdos recorrentes da narrativa literária, da formação dos personagens sertanejos e elementos fundamentais da composição dos diálogos. A obra literária de Peixoto foi, também e ao mesmo tempo, um amplo projeto de registro e catalogação de manifestações daquilo que

---

<sup>929</sup> RIBEIRO, Cristina Betioli. **Um norte para o romance brasileiro**: Franklin Távora entre os primeiros folcloristas. Campinas: UNICAMP, Tese de Doutorado, 2008.

<sup>930</sup> Ibid., p. 45.

<sup>931</sup> Ibid., p. 45.

<sup>932</sup> PEIXOTO, Afrânio. Lembrança de Aloísio de Azevedo. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Ano IV, no. 11., p. 311- 320. Janeiro de 1913

Peixoto e os seus pares, membros da ABL e dos círculos científicos da Primeira República, definiram como manifestações de cultura popular.

Em uma palestra realizada na ABL em 1928, Peixoto declarou a filiação de seu pensamento, métodos e observações da cultura popular ao antropólogo inglês Willian John Thoms criador do termo Folk (povo) lore (saber) que, segundo Peixoto, teria demonstrado pela primeira vez:

A consciência e a importância do Folclore, ou das tradições populares, para o estudo da história humana, da inter e demopsicologia, das ciências, das artes, das literaturas populares, com o que o assunto não interessa só a sábios, mas a homens de letras, portanto, também a nós.<sup>933</sup>

Mesmo datado de 1928, essa importância atribuída “ao saber do povo” ocupava Peixoto há muito mais tempo. Possivelmente o intelectual estivesse envolvido com a observação de tais saberes desde que fora aluno de Nina Rodrigues, visto que muitos dos pressupostos propagados por Peixoto soavam atrelados ao que o mestre baiano defendera nos seus estudos sobre religiões afro-brasileira.<sup>934</sup> Para Peixoto, “desvendar” os saberes populares passava por investigar e constatar certa universalidade humana, manifesta no primitivismo (tanto intelectual quanto cultural).<sup>935</sup>

No prefácio da obra “Trovas Brasileiras”, publicada em 1919, Peixoto inferiu sobre a ideia de que os saberes populares eram propalados “pelas grandes crianças rústicas” demonstrando estar atrelado naquelas ideias que concebia o povo como estas crianças, ou seja, depositário de conhecimentos primitivos conforme vinha defendendo Arthur Ramos, outro declarado “discípulo” de Nina Rodrigues. Segundo esta vertente, para Arthur Ramos “as crianças, os loucos, certos neuróticos, e os ‘povos atrasados’ compartilhariam das mesmas características primitivas.”<sup>936</sup>

Para Afrânio Peixoto, as manifestações populares (trovas, canções, versos, quadrinhas, adágios) teriam como característica principal manifestarem aspectos universais dos serem

---

<sup>933</sup> PEIXOTO, Afrânio. Exortação à Academia Brasileira. Discurso Pronunciado em agosto de 1928. In: \_\_\_\_\_. **Miçangas**. Fama, Folclore e História. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1947. p. 11.

<sup>934</sup> Essa filiação ao pensamento científico de Nina Rodrigues, principalmente no que se refere a essa busca pelo primitivo, ficou mais evidente a partir da década de 1920 e, principalmente nos anos de 1930 quando se inicia o projeto da Escola Nina Rodrigues. Entretanto, as referências ao mestre baiano é bem mais antiga, conforme veremos no decorrer deste subtítulo. Para Nina Rodrigues a religião seria um campo privilegiado para o estudo do grau de avanço cultural de um determinado povo. Seria, também, terreno fértil para as análises do fenômeno de “aculturação”, isto é, o movimento de absorção de uma cultura por outra. Ver: RODRIGUES, Raimundo Nina. **O animismo fetichista dos negros baianos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/UFRJ, 2006; \_\_\_\_\_. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

<sup>935</sup> PEIXOTO, Afrânio. Prefácio à primeira edição da obra trovas brasileiras.” In: \_\_\_\_\_. **Trovas Brasileiras** (Populares: popularizadas). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1919. p. V.

<sup>936</sup> GUTMAN, Guilherme. Raça e psicanálise no Brasil: o ponto de origem: Arthur Ramos. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 10, n.4, p. 711-728, dez, 2007. p.716.

humanos e, nesta característica, estaria a sua maior preciosidade. Para além da busca por aquilo que diferenciava, conforme preconizava os estudos sobre as raças e pelas pretensões do “amor próprio” de cada povo, “que quer fazer crer que sua raça ou sua história foi sempre a melhor”, as produções populares proferiam sentimentos, ensinamentos, conselhos que ultrapassavam fronteiras, alegava Peixoto. Para ele, o folclore falava daquilo que era universal.<sup>937</sup> “O mesmo provérbio, a mesma trova, o mesmo conto, o rito, os mesmos ou correlatos”<sup>938</sup> afirmava o médico, defendendo a sua ideia.

A perspectiva da universalidade do folclore e, portanto, da sua superioridade sobre outras ciências que pretenderam conhecer os povos, foi defendida com fervor por Peixoto que, no prefácio de “Trovas Brasileiras”, afirmou reiteradamente que “o folclore tende a ser um instrumento político de igualdade [porque] há, no folclore, uma identidade psicológica que desfaz os erros milenares, de diferenciação somática dos povos.”<sup>939</sup> Contra, portanto, as diferenciações impostas pelas raças havia a universalização da igualdade manifestada pelos sentimentos humanos, iguais para todos os povos. Se a raça diferenciava, as manifestações da cultura popular igualavam. Essa foi a premissa defendida por Peixoto na condução dos seus estudos folclóricos.

Quando analisamos as obras de estudos folclóricos realizada por Peixoto, em paralelo com suas produções literárias, é possível perceber que a narrativa literária refletia e dialogava com as descobertas conduzidas no âmbito dos estudos teóricos, no diálogo com outros folcloristas e nos debates conduzidos por ele na ABL, sobre esse tema.

Na tentativa de comprovar a sua ideia, dos universalismos das manifestações populares, Peixoto buscou nos desafios de viola, nos versos sertanejos a essência daquilo que era produzido por grandes sábios, de reconhecimento universal. Por exemplo, na obra “Fruta do Mato” (1919), Peixoto descreveu um desafio de viola, entre dois jagunços. Um deles, chamado Tião, teria declamado o seguinte verso: “home e muié que se amam/ são bandas de um mesmo animá/ por isso é que separados/ tão doidos pra se junta”.<sup>940</sup> Nas notas finais da obra, Peixoto repetiu o verso e complementou:

Animal de duas costas já foi expressado por Rabelais no trecho “beste à deus” do Gargantua, III. Em Shakespeare também “the best with two backs”, Otelo a I. s. Literariamente essa expressão também está em Platão. Sem conhecer o *Symposium*,

---

<sup>937</sup> PEIXOTO, Afrânio. Prefácio à primeira edição da obra trovas brasileiras..., p. VII.

<sup>938</sup> Id.

<sup>939</sup> Ibid., p. X.

<sup>940</sup> PEIXOTO, Afrânio. Fruta do mato..., p. 420.

Tião, o sertanejo que conheci nas bandas de Canavieiras, teria uma divina reminiscência.<sup>941</sup>

O que unia o Tião sertanejo a Shakespeare era, segundo Peixoto, o sentimento universal da paixão. Tanto um quanto outro (e outros) sentiu e expressou este sentimento em versos. Não havia nada que separasse o Tião dos homens de gênios universais. Foi em busca desta universalidade que Peixoto recolheu, citou e catalogou um vasto patrimônio de manifestações da cultura popular que, para ele, “eram pepitas ou puro ouro em pó”, espalhadas pelos sertões brasileiros.

Conforme já foi apontado, desde 1909 que Peixoto interessava-se pelas manifestações da cultura popular. Em uma carta enviada a Aloísio de Azevedo que os dois escritores dialogaram sobre um pretendido livro que Azevedo estava “com ideias de fazer”. Seria um projeto que, segundo declarou Azevedo ironicamente para si mesmo “ressuscitaria o Lázaro”, ou seja, o incentivaria a voltar à atividade de escritor. Segundo foi possível identificar nas correspondências trocadas entre Peixoto e Azevedo, o escritor naturalista solicitava ao médico auxílio, de indicações bibliográficas, que o inspirassem a escrever o romance planejado. Azevedo queria escrever uma obra cujo protagonista seria um monge sertanejo. “Pelo que compreendi-escreveu Peixoto- seria uma espécie de D. Quixote da fé, chamado a uma tragédia pelas contingências da incredulidade dos homens e da brutalidade da civilização que nos quer todos reduzidos ao pancismo da vida comum.”<sup>942</sup> Peixoto sugeriu alguns livros para o amigo, mas, o mais interessante foram as conversas trocadas entre os dois sobre religião e fé, manifestadas na cultura popular. Ao fim o projeto de Azevedo resultou malogrado. Entretanto, Peixoto não perdeu o debate e, em 1914 inseriu na obra “Maria Bonita”, um monge que mobilizou toda a região do rio do Pardo em torno “de uma fé primitiva”. O monge foi o personagem principal de uma série de desavenças e assassinatos que ocorreram no povoado do Jacarandá e representou uma estratégia para Peixoto explicar, analisar e registrar as características principais da “fé do povo”. Contou o narrador que:

Chegara de Condeúba, ao Jacarandá, um santo homem, taumaturgo e rezador que excitava a fé e a esperança de tôdas essas populações crédulas e supersticiosas. Chico Xavier era um velho de longas barbas, quase brancas, bôca mole e palavra empastada por falta de dentes, atitude apatetada de visionário: às perguntas que lhe faziam pronunciava trechos de orações, de mistura com respostas pouco inteligíveis.<sup>943</sup>

---

<sup>941</sup> Ibid., p. 476.

<sup>942</sup> PEIXOTO, Afrânio. Lembrança de Aloísio de Azevedo. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Ano IV, no. 11. Janeiro de 1913, p. 311- 320. p. 317.

<sup>943</sup> PEIXOTO, Afrânio. Maria Bonita...\*, p. 250.

Em pouco tempo, afirmou o narrador, o velho caíra nas graças da população que encontrava naquela figura alento para seus sofrimentos, de corpo e de alma. O povo, largado e desassistido voltava-se para o místico que “rezava, fazia resposos e predições, adivinhava a sina, mudava a sorte e, principalmente, curava, na presença ou na ausência, com um lenço, uma roupa do enfermo.”<sup>944</sup>

O povo simples do sertão “começou a erguer casa, a tecer roupas, a bordar lençóis e travesseiros em honra ao santo”<sup>945</sup>. Segundo o narrador do romance, “o santo” tornou-se famoso, particularmente porquê “sarava de ar vento, espinhela caída, ameaças de móvito, estalicídio, crianças atravessadas, males de torta, engasgo, baticum, esipra, imprivimentos de fôlego, lobinhos, carne trilhada, juntas desmentidas, catarros brabos, macacoas, doenças ruins.”<sup>946</sup> Todo o repertório de doenças citadas por Peixoto, tinham sido colhidas em um dos primeiros estudos de cultura popular realizado pelo médico e publicado em 1912, na Revista da Academia Brasileira de Letras. Tratava-se da pesquisa sobre “Notas Sobre o Vocabulário Médico Popular do Brasil”<sup>947</sup>, no qual Peixoto afirmou que “não se deve causar reparo, incluir-se no folclore o estudo das linguagens especiais, usadas nas profissões, ofícios, exercícios, jogos, e até nas classes e castas encerradas dentro de uma mesma sociedade.”<sup>948</sup> Ou seja, segundo queria justificar Peixoto, “as linguagens especiais” evocadas pelo povo para explicar as doenças, revelavam-se “documentos etnográficos incomparáveis, porque numa palavra ou num modo de dizer, vai uma história, talvez a mais longa e fiel que em muita presumida narrativa.”<sup>949</sup> E, na mesma defesa, Peixoto clamava pela ampliação destes vocabulários, afirmando que “no Brasil haveria muito que recolher de vocabulários especiais, do cauchero, do vaqueiro, do tropeiro, do garimpeiro, do gaúcho, do campo e da cidade...”<sup>950</sup> No artigo citado, Peixoto recolheu diversos nomes dados as doenças e, ao lado, explicava a que se referia, como por exemplo no vocábulo “Bicha”, seguia-se a explicação: “foi outrora no Brasil o nome popular da febre amarela, até aludido nas cartas de Padre Vieira; hoje é nome dos vermes intestinais, principalmente dos ascárides.”<sup>951</sup>

---

<sup>944</sup> Id.

<sup>945</sup> Ibid., 252.

<sup>946</sup> Ibid., p. 251.

<sup>947</sup> PEIXOTO, Afrânio. Notas sobre o vocabulário médico popular do Brasil. Revista da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1912, p. 329-344. In: \_\_\_\_\_. **Miçangas**. Fama, Folclore e História. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, 1947, p. 43.

<sup>948</sup> Ibid., p. 45.

<sup>949</sup> Id.

<sup>950</sup> Id.

<sup>951</sup> Id.



No desenrolar da narrativa do monge Chico Xavier, Peixoto trouxe para a sua literatura outro debate, esse mais polêmico, sobre as religiões populares. Típico daquelas contradições próprias daquela intelectualidade, ao mesmo tempo em que apregoava a riqueza da cultura popular, Peixoto não fugiu de considera-la uma manifestação “primitiva”, conforme foi apresentado anteriormente. Atrelando as suas perspectivas ao projeto político que propagava para as terras sertanejas, o desfecho da história do monge foi trágico: a população sertaneja, largada a própria sorte, carente de instituições “normatizadoras” ou de educação esclarecedora, a “rústica população sertaneja foi engrupida pelo larápio, que não era um monge, mas um canastrão, que se valeu da fé do povo e da carência social” para seduzi-los e enganá-los. Vale a pena analisarmos mais um trecho dessa narrativa:

A narrativa continuou descrevendo o transtorno causado por Chico Xavier no arraial do Jacarandá afirmando que “Chico Xavier era servido nos mais miúdos misteres domésticos, por quantidade de mulheres, que porfiavam no favor de lhe prestar auxílios e fazer mimos”<sup>952</sup>. A “fé no santo” chegava a extremos, alertava o narrador:

Grupos inteiros deixaram de trabalhar na lida diária para tecer chinelas para seus pés, bordar fronhas de travesseiros moles para seu sono; acepipes e iguarias, doces e compitas, gemadas e canjicas, seriam para sua boca sem dentes e seu estômago derrancado, as “sangrias” de vinho generoso com água e açúcar para suas forças combalidas, no serviço extenuante de Deus e do próximo.”<sup>953</sup>

Tão logo adquiriu fama, o monge deleitava-se nos mimos e no conforto, denunciou o romance. “Curava deitado em sua cama, ancorado em mulheres jovens e bonitas e ninguém atentava para isso: que o santo era um farsante!” Neste aspecto, Peixoto invocou a teoria da “psicologia das multidões” para explicar tal fato, “quase ininteligível para os espíritos cultos e letrados.” Assim o narrador alertou seus leitores mais desavisados que “o homem, na efervescência da multidão, deixa de agir com a razão”<sup>954</sup> e isso explicava “a loucura coletiva” que tomara conta dos moradores do Jacarandá e, por extensão os de Canudos, nos idos de 1896 e 97. Em tais momentos, alertava o médico, as pessoas são impelidas por um instinto primitivo que lhes bloqueia a razão, não se limitavam a classe ou cultura, era algo mais forte, que sobrepunha-se ao uso da sanidade mental, da ponderação, dos argumentos racionais. Seguindo o estilo que adotara, em relação a alguns personagens das obras literárias, nas notas finais de “Maria Bonita”, Peixoto esclareceu que “Chico Xavier existiu e representou no vale

---

<sup>952</sup> PEIXOTO, Afrânio. Maria Bonita..., p. 252.

<sup>953</sup> Id.

<sup>954</sup> Ibid., p. 330.

do rio Pardo a tragi-comédia com que os santões do sertão, talvez sem malícia, abusam da credulidade simples do nosso povo.”<sup>955</sup> Referindo-se a estas figuras como corriqueiras nos sertões, o médico recordou-se de outros dois exemplos significativos da história nacional, o Antônio Conselheiro e o Padre Cícero, personagens que, segundo Peixoto “serão apenas exemplos maiores ou mais divulgados do fanatismo coletivo que, em torno desses cabeças, arma o contágio fácil das multidões.”<sup>956</sup> Por fim, Peixoto declarou que “pelo Brasil inteiro, outros, modestos ou mais circunscritos, repetem as mesmas façanhas.”<sup>957</sup> A explicação a isso, decretava o médico, não poderia mais ser buscada nos “diagnóstico de loucura que lhes fez Nina Rodrigues, ou de crime, ao que aludiu Euclides da Cunha”<sup>958</sup>. A explicação, segundo defendia Peixoto, era de ordem social. Aquela gente ainda repercutia “os instintos mais primitivos” porque não era educada, porque não recebia assistência por parte do Estado. Neste sentido, o médico finalizou a análise reiterando o abismo civilizacional entre a população sertaneja e a cosmopolita e não perdeu tempo em acusar a elite dirigente, afirmando que “os loucos e os criminosos” não era “aquela pobre gente sertaneja”, mas os “representantes de uma civilização incapaz, que não souberam ou não puderam esclarecer e governar essas rudes massas populares, largados pela ignorância a todos os impulsos”.<sup>959</sup>

Se, por vezes, as manifestações da cultura popular resultavam trágicas, na maior parte do tempo elas eram depositárias de grande conhecimento, que chegava a desafiar os “saberes dos doutores”. Foi esse o tom conferido por Peixoto aos conhecimentos médicos populares ao relatar outro evento trágico dos “sertões bravios”. Foi o desenlace do bonito desafio de violas, travado entre os clavinoteiros da fazenda do Corre-Costa, já apontado. Depois de “enternecer o coração do Dr. Vergílio” com versos que remetiam-se a sábios universais, o Benedito sacou de uma faca e furou a barriga do Tião, que estava em desafio com sua “amada”, a Salvina. Segundo descreveu o personagem Vergilio, que era também o narrador da obra:

Depois da facada, o infeliz jazia inerte, na atonia do choque, arquejante, um suor de agonia a lhe escorrer pela fonte. Não estava talvez, por minutos, tanto sangue perdia. Procurou-se leva-lo para um leito, dentro da casa e ver a ferida que dava tamanha hemorragia. Quando se descobriu as partes, vi com horror, no flanco, que a esquerda do ventre lhe saía sangue, gordura, vísceras através do rasgão, feito a faca. Propus que levasse o ferido até Canavieiras, à cata de um cirurgião. Não aguenta até lá, ouvi que decretaram. Até que ouviu-se a voz de Pai João, negro velho, entendido. Ele dissera: -Com o perdão de vosmecê que sabe ioiô, isso não precisa ir pra vila: é só

---

<sup>955</sup> Ibid., p. 250.

<sup>956</sup> Ibid., p. 330.

<sup>957</sup> Id.

<sup>958</sup> Id.

<sup>959</sup> Id.

recolher o que saiu, cerzir bem cerzidinho a ferida e tomar erva-de-santa-maria, nos três dias.<sup>960</sup>

O desfecho dessa narrativa foi feliz. Segundo fora informado o personagem Vergílio, “o Pai João teria repostado tudo para dentro, cortara o redenho que não quisera entrar pela cissura, amarrara o toco, cosera a ferida, e a gordura que saíra da barriga fora separada, derretida e dada a beber ao doente. Estava salvo.”<sup>961</sup> Para esta narrativa não há uma notinha final alertando a veracidade do fato, mas serviu para o narrador dissertar sobre a vastidão do conhecimento popular, que desafiava as práticas médicas dos mais sábios.

A partir de narrativas como essa, Peixoto conduzia o leitor a entender o sertão como um vasto território repleto de cultura. Tratava-se, segundo queria comprovar, de uma cultura autêntica, genuína, rica e resplandecente, que vicejava naquelas terras prontas para serem colhidas ou perdidas, para sempre. A ameaça do desaparecimento daquele repertório cultural era um perigo constante, alertava Peixoto, na tentativa não só de registrar que ele atentara para o fato, mas também para chamar a atenção da elite do momento para aquele lado “belo do sertão” que, muitas vezes, ficava ofuscado pela narrativa das mazelas.

Afrânio Peixoto efetivou, na literatura, sua interpretação daquilo que se apresentava como cultura popular e, atrelado aos estudos teóricos, intentava explicar as manifestações do folclore no entrelaçamento entre as manifestações da cultura popular e as suas origens históricas, bem como as interferências, alterações e modificações produzidas pela mesologia brasileira. Estes três fatores eram os responsáveis pelas formações daqueles saberes.

Foi na obra “Trovas Brasileiras” e nos resultados obtidos a partir das pesquisas realizadas sobre os versos, os adágios, os dizeres e os ditados da cultura sertaneja, para a edição da obra citada, que Peixoto declarou, no prefácio que “não é fácil suprimir de nós o que temos de lusitanos”<sup>962</sup>, inferindo que a cultura popular brasileira teria sua origem e se difundiria a partir daquilo que fora outorgado por Portugal. Em seguida, Peixoto questionou “entretanto, o que diferencia a trova brasileira de outras trovas? Serão diferentes por que o Brasil é diferente de outras regiões?” Certamente que há diferenças, afirmava Peixoto, “resultado do clima, pois que a raça é a mesma.”<sup>963</sup>

Reiterando que o nosso mais forte legado cultural não era nem indígena e nem africano, Peixoto defendia enfaticamente que as singularidades observadas nas manifestações

---

<sup>960</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Fruta do Mato...*, p. 395.

<sup>961</sup> Id.

<sup>962</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Trovas Brasileiras**. Rio de Janeiro: W, M. Jackson, 1944. p. 5. [1 ed.1919].

<sup>963</sup> Ibid., p. 17.

populares brasileiras eram resultados da adaptação ou o abasileiramento do material primitivo herdado de Portugal. Para que as transformações acontecessem e fosse possível um resultado singular, teria contribuído “a intrusão das raças colaboradoras e das sub-raças derivadas” mais a ação constante da mesologia brasileira (o clima e a vegetação). O nome dos alimentos seria um lugar privilegiado para a observação e análise destes brasileirismos, decretava Peixoto.

O tema da alimentação sertaneja foi frequente na obra literária de Peixoto. Diversos momentos de refeições realizadas pelos sertanejos foram relatados nas narrativas dos romances. Alimentar era uma maneira de amar, intuía o médico para a sociabilidade sertaneja. Quando Bugrinha, a personagem principal do romance de mesmo nome, se apaixonou pelo filho do coronel, ela o presenteava, todos os dias, com cestas de frutinhas sertanejas. Tal fato tornava-se uma justificativa para Peixoto descrever os frutos típicos do sertão, além de lhes apresentar a tabela nutricional e a possível origem dos nomes. Muricis, cagaitas, buritis, pitanga, araçá, goiabas, ingá, caju foram apresentados como frutos recorrentes no sertão. Além desta riqueza natural, Peixoto apontava para a riqueza cultural da culinária sertaneja, demonstrando com certo orgulho, que conhecia os “pratos típicos” das regiões que descrevia e ainda, conhecia as sociabilidades do lugar. Era um desrespeito intolerável sair de uma casa sertaneja sem antes ter sentado na mesa e usufruído da amabilidade que se apresentava na forma de comer, e comer bastante. Nestes momentos Peixoto descrevia que era “um costume muito brasileiro” servir broas, beijus, requeijão, queijos, bolinhos de polvilhos, broinhas, carnes de caça, pamonhas, sericaias, favos de mel, café forte, tudo seguido com leite espumante, porque teria sido recém-tirado das vacas.<sup>964</sup>

Peixoto identificou, ainda, uma íntima relação entre a alimentação e a característica sensual da herança lusitana, abasileirada em terras nacionais. Foi no romance “Uma Mulher como as Outras” (1927) que esse debate se processou na narrativa literária do médico. O narrador do romance descreveu um evento social, no qual estava posta uma mesa, repleta de iguarias, de doces e docinhos que teriam feito à fama dos portugueses e que, no Brasil, “tomava ares da terra, convertia-se à brasileira”.<sup>965</sup> “Olhe é só escolher- repetia uma senhora servindo uma mesa farta de doces - ‘Papos de Anjo’, ‘Barriga de Freira’, ‘Beijinhos’, ‘Desmamadas’, ‘Levanta-Velho’, ‘Línguas-de-Moça’, ‘Casadinhos’, ‘Mimos-de-Amor’, ‘Toucinhos-do-Céu’.”<sup>966</sup> Se os nomes pareciam engraçados - conforme detectava a

---

<sup>964</sup> PEIXOTO, Afrânio. Bugrinha..., p. 489.

<sup>965</sup> PEIXOTO, Afrânio. Uma Mulher como as Outras..., p. 774.

<sup>966</sup> Id.

personagem- logo eram complementados com a explicação de um interlocutor, o qual afirmava que “colocamos malícia nos nomes dos doces, mas as suas autoras, foram as respeitáveis abadessas e freiras dos conventos portugueses nos quais a ocupação, mais do que o serviço divino era a fábrica destas piedosas iguarias.”<sup>967</sup> Nestas passagens, a intenção de Peixoto era a de comprovar que “a tão difamada sensualidade brasileira” não teria origens africanas, como comumente se atribuía, mas lusitanas. Tal defesa retiraria qualquer filiação aos africanos e reiteraria que o que as características brasileiras (inclusive as culturais) eram brancas por excelência.

Na obra “Casa Grande e Senzala” (1933), o intelectual brasileiro Gilberto Freyre referiu-se a Afrânio Peixoto a constatação do “erotismo” presente nas “nomenclaturas de doces e a associação frequente entre os brasileiros, do gozo do paladar com o gozo sexual”<sup>968</sup> e utilizou a passagem da obra literária do médico para discutir o tema da sensualidade com que algumas guloseimas eram nomeadas na culinária brasileira, adquirindo inclusive, “uma espécie de simbolismo sexual”<sup>969</sup>, afirmou o sociólogo. Embora Freyre criticasse o fato de Peixoto “omitir” grande parte dos aspectos das relações da cultura portuguesa com as culturas formadoras do Brasil, simplesmente para defender “a tese de que a civilização brasileira pouco tem de extra-europeia”, era inegável, segundo o autor de Casa Grande e Senzala, o vigor e “certo brilhantismo” com que Peixoto apresentava os seus argumentos.<sup>970</sup>

Na continuação da passagem da mesa dos doces, um personagem recordou àquela senhora que “achava graça dos nomes das guloseimas” que “em qualquer compêndio de receitas, qualquer caderno impresso ou manuscrito de doceira respeitável você poderá encontrar as nomenclaturas destes doces de mística sensual.”<sup>971</sup> O narrador seguia, na brincadeira de “achar malícia” na nomenclatura das comidas:

E todos se serviam- continuava o narrador- não negavam os “beijinhos”, enquanto grandes e indiscretas risadas comentavam essas licenciosas frivolidades. Que freiras engraçadas! - brincava outra personagem, completando entre risos: Creio que ainda será cedo para servi-lo de um “levanta-velho”, mas se quer, sem cerimônia!<sup>972</sup>

---

<sup>967</sup> Id.

<sup>968</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 34. ed.. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 250

<sup>969</sup> Ibid., p. 250.

<sup>970</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**... p. 186.

<sup>971</sup> PEIXOTO, Afrânio. Uma mulher como as outras... p. 774.

<sup>972</sup> Id.

Foi na obra “Trovas Brasileiras” que Peixoto defendeu a tese de que a característica “sensual” que percorria a cultura brasileira teria sido, indiscutivelmente, herança lusitana. Segundo ele, tal aspecto poderia ser explicado por uma “condição demográfica”<sup>973</sup>:

Em Portugal, pequeno país em que os homens erravam pelo mundo nas aventuras da guerra ou das empresas, sempre sobrava mulheres, desejosas e saudosas, e delas, principalmente, derivou a poesia popular, que o pudor do sexto resguardou na delicadeza do sentimento. A saudade se tornou, portanto o mais pertinaz e continuo sentimento lusitano.<sup>974</sup>

Esse sentimento lusitano teria tomado proporções diferentes em terras brasileiras, mas seguia sendo de inspiração portuguesa, lembrava Peixoto. No Brasil, fora também uma “explicação demográfica” que alterara a essência do sentimento:

No Brasil, ao contrário, sobraram sempre homens. As mulheres são menos que senhoras, porque são presas cobiçadas e disputadas. A carência delas era tal, que Pêro Lopes de Souza, um capitão mor do século XVI, escrevia das tupinambás que ‘eram alvas e muito formosas e não havia nenhuma inveja às de Lisboa’. Evidentemente a raridade dava tal apreço [...] Homens de mais (sic), que requestam nas declarações, que aludem indiscretamente na sensualidade do desejo ou da posse, o que dá a poesia popular, como a poesia artificial dos poetas, um erotismo quase vergonhosos, se não fora sincero...<sup>975</sup>

A partir destas ponderações, Peixoto explicara, portanto, a característica sensual que abraçava as comidas, os versos, as trovas como sendo provocada por aquela ordem de coisas. Em relação à escassez de mulheres no Brasil e a vastidão de homens, Peixoto explicara e justificara também a miscigenação, conforme veremos no próximo item. E, era baseado nesta característica demográfica brasileira que Peixoto dissertou, tanto na obra literária quanto científica sobre costumes primitivos que embasavam “a justiça sertaneja”.

Em Sinhazinha, num momento em que o narrador onisciente da trama descrevia o esforço realizado por Juliano de Aguiar, o personagem principal da obra, em tentar entender o zelo do sertanejo Tomé para a “honra das mulheres” e que alertara o jovem, recém chegado naquelas bandas, que “era melhor não olhar pra Sinhazinha” porque “desde que o mundo é mundo que honra de mulher é sagrada”. E continuou:

É só o que há de sagrado- continuou Tomé- Pai e mãe a gente deixa, filho é ingrato, a gente peca contra Deus, deixa a terra, esquece o passado, que importa a vida? Tudo é assim, sem maior quizília. Mas honra de mulher, da mãe, da dona, da filha

---

<sup>973</sup> A explicação da sensualidade e do erotismo português que teria encontrado terreno fértil no Brasil também está em Gilberto Freyre. Ver. FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala...** p. 251.

<sup>974</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Trovas** brasileiras...,p. 17.

<sup>975</sup> Ibid., p. 18.

da gente, isso é sagrado. Para homem é o que há de mais sagrado. A honra dos outros também é sagrada. Dois crimes não se perdoam no sertão: roubo de cavalo e falta de respeito à mulher honesta...<sup>976</sup>

Segundo o narrador, o personagem Juliano “sorrira a essa assimilação exata e compreendia. As ideias morais têm substrato material indispensável. Raros e, portanto, preciosos, as mulheres e os cavalos são objetos de desvelo quase religioso no sertão”<sup>977</sup>, concluía o narrador. Na obra *Criminologia* apareceu a mesma explicação quando o médico dissertou, na parte inicial do livro, sobre as implicações sociais, temporais e culturais que atribuíam e determinavam as definições de crime ou criminoso ao longo dos tempos e das distintas sociedades:

No sertão do Brasil os jurados eram mais benignos contra os homicidas do que contra os ladrões de cavalos. Como as mulheres escassas, são preciosas, os crimes ditos contra a honra são lavados com sangue: ‘bagatela’ entretanto, nas capitais, onde elas abundam e por isso valem muito menos. O direito é uma relação da vida. Essa relação muda no tempo e no espaço.<sup>978</sup>

Os estudos sobre manifestações populares serviriam muito bem aos propósitos da justiça, defendia Peixoto na obra “*Criminologia*”. Uma análise cuidadosa dos adágios populares eram receptáculos dos valores morais de uma sociedade, formados em tempos imemoriais e que, por isso, poderia também proporcionar a elucidação da história do povo, “como dissertações e teses eruditas não conseguiriam fazer.”<sup>979</sup> Foi no discurso pronunciado na ABL em 1928 que Peixoto lançou aquilo que ele chamou de um “programa de estudos folclóricos”. Conforme vimos no capítulo anterior, desde que fora presidente da ABL que Peixoto se esforçava em propor programas coletivos para acadêmicos, segundo a queixa feita por Peixoto no desenvolvimento do discurso, poucos acadêmicos aderiram às ideias propostas.

No discurso de 1928 o acadêmico lastimava-se pela falta de interesse que os seus pares demonstravam para com os estudos folclóricos. O propósito do discurso que pronunciava era, segundo alertou Peixoto, a formação de uma comissão acadêmica, dentro da ABL, para levar a cabo, em forma de projeto, “o apelo do Dr Boehm, que, na comemoração de Londres, preconizou a organização internacional das pesquisas folclóricas.”<sup>980</sup> O projeto defendido com

---

<sup>976</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Sinhazinha...*, p. 892.

<sup>977</sup> Id.

<sup>978</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Criminologia* 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1953. p. 26 [1ª. ed. 1933].

<sup>979</sup> PEIXOTO, *Trovas Brasileiras...*, p. 18.

<sup>980</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Miçangas...*, p. 12.

euforia por Peixoto e recebido sem animação pela maioria dos acadêmicos, estava baseado, segundo explicou Peixoto “no programa provisório, da Bibliografia Folclórica, anual, de Hoffmann-Krayer que se publica em Basileia e é patrocinada pela Sociedade Suíça das Tradições Populares.”<sup>981</sup> A apresentação dos itens sugeridos pela Sociedade Suíça e posto a mostra para os acadêmicos da ABL era um amplo compêndio daquilo que Peixoto já vinha desenvolvendo, em maior ou em menor grau, nas suas obras literárias.

Acreditamos ainda que é afirmar que a obra literária de Peixoto esteve intimamente preocupada em captar, registrar, catalogar, classificar as manifestações da cultura do Brasil efetivando, do ponto de vista do intelectual, tanto uma tarefa política quanto nacionalista. Peixoto preocupou-se intensamente em retratar e registrar o Brasil a partir dos aspectos da cultura popular, sendo sempre observada pelos olhares da academia, da ciência e das agremiações ou comissões que sugeriam estas pesquisas. Consideramos significativas duas narrativas referentes à cultura popular, retratada nas obras literárias de Peixoto. A primeira foi feita em “Fruta do Mato” e a segunda em “Maria Bonita”. O aspecto mais importante destas duas narrativas diz respeito ao critério de “valorização” atribuído por Peixoto às manifestações da cultura popular. Ficou muito claro que o médico pretendia imprimir valor maior a qualquer aspecto que fosse possível identificar “a herança lusitana”. As outras etnias que contribuíram para a promoção da cultura nacional raríssimas vezes foram tomadas de objeto de análise e, quando o fez, o médico esforçava-se por defini-las como sendo a exceção.

Em “Fruta do Mato” (1919), um “desafio de viola” foi transcrito na sua totalidade. Nas notas finais da obra o médico fez a declaração de que eram versos reais, que ele ouvira há muitos anos e que lastimava “por não conseguir lembrar-se de todas as estrofes, perdidas que ficaram no tempo.”<sup>982</sup> Os violeiros que tomaram parte no desafio foram aquelas que estavam sentados em torno da fogueira com o Dr Vergílio e que, conforme foi esquentando o desafio, os versos “feriram os brios” de um dos trovadores, a ponto de resultar no esfaqueamento do Tião, conforme já relatamos.

Antes de iniciar a descrição do desafio o narrador, que era o Dr Vergílio, dissertou sobre as belezas dos versos populares e lastimou-se que não fosse dado o devido valor aquelas “preciosidades”. Segundo considerou o personagem de Peixoto, fosse atribuída uma única

---

<sup>981</sup> “Vamos centralizar e reunir esforços dispersos, procurando correspondentes pelo Brasil inteiro, para ajuntar e ajustar nossas pesquisas folclóricas. Vamos metodizá-las e publicá-las; acoroçoa-las e premiá-las. Uma história, a mais verdadeira e mais profunda, porque é mais sincera, e espontânea, do povo brasileiro, vai se fazer, em nossa intenção.” (PEIXOTO, Afrânio. Miçangas..., p.13).

<sup>982</sup> PEIXOTO, Afrânio. Fruta do Mato..., p. 389.



estrofe do nosso cancionário [sic] popular a um nome grafado em estrangeiro e nossa intelectualidade o louvaria como o exemplo maior da sabedoria universal”<sup>983</sup>. Depois destas ponderações, o Dr Vergílio observou a formação da roda e explicou que teria sido “o Rochael [um jagunço] quem propôs o desafio, para meu entretenimento- confessou o narrador. “- Quem se ‘astreve’ a cantar com ‘Siá’ Salvina?- perguntou o Onofre, feitor da fazenda, para afrontar o brio dos homens presentes na roda. ”<sup>984</sup> Teve um que se prontificou, declarou o narrador e, “depois de umas palavras de mútua desculpas, que seriam modéstia, ponteadas as violas, convidado um pelo outro contendor a começar, como as deferências exigiam”<sup>985</sup> o desafio começou, com Siá Salvina e o Tião. Segundo o narrador, a cabocla iniciou com os seguintes versos: “Eu só canto em desafio/ Pra ver se topo com um ‘home’/ Tenho topado porção/ Quando começo ele some...”<sup>986</sup> A plateia aplaudiu, narrou estupefato o personagem e afirmou que “tinha principiado bem a porfia. O contendor cuspinhou para o lado, em esguicho, pelos dentes da frente e depois abriu-se, respondendo em outro verso”.<sup>987</sup> Toda as estrofes foram narradas, seguidas da reação do grupo de jagunços que apreciava o show sentados em torno da fogueira.

O desafio foi transcrito em várias páginas da obra. Nenhum detalhe escapou ao narrador. As palavras pronunciadas na empolgação que tomou conta daquele público rústico, “a sabedoria e o tino popular que se revelavam na graça das cantigas”<sup>988</sup>, ou “a beleza efêmera dos versos daqueles poetas e cantadores nacionais, para os quais ninguém atinava e que em breve se perderiam para sempre”<sup>989</sup> eram confessados pelo narrador, o advogado Dr. Vergílio que lastimava que belezas tão intensas não fossem vistas, nem lembradas pelos compatriotas litorâneos. Os versos dos trovadores tornaram-se uma obsessão para Peixoto, que clamava nas várias edições dos livros, que seus leitores enviassem cartas, contendo repertórios de trovadores, dos diferentes lugares do Brasil. No prefácio da obra *Trovas Brasileiras* ele lastimou-se “que no Brasil não houvesse ainda o costume de responder e enviar cartas”, referindo-se ao fato de que recebera pouquíssimas contribuições.

As trovas e os adágios foram tomados por Peixoto como a principal manifestação da cultura popular brasileira. Certamente porque para estas duas manifestações era possível traçar e identificar, conforme vinha sendo o seu propósito, as heranças lusitanas e comprovar

---

<sup>983</sup> Id.

<sup>984</sup> Id.

<sup>985</sup> Ibid., p. 391.

<sup>986</sup> Id.

<sup>987</sup> Id.

<sup>988</sup> Id.

<sup>989</sup> Ibid., p. 392.

a ideia de que a civilização brasileira era uma continuação da Europa nos trópicos e “americanizada”, conforme ele viria a defender, cada vez com mais ênfase.

Em pesquisas sobre os adágios, na tentativa de identificar aqueles “que fossem tipicamente brasileiros”, Peixoto afirmou que serão brasileiros aqueles que Portugal não requerer. “Quando Portugal reclama, nós lho restituímos, e já é muito; quando não, pertence-nos, pois fomos dele e ainda não somos bem nossos.”<sup>990</sup> Em outra passagem Peixoto apresentou “uma fórmula” que serviria para diferenciar os adágios lusitanos dos brasileiros. “Serão adágios brasileiros aqueles que têm a marca nacional da terra, flora, fauna fama ou gente, indiscutivelmente: estes é que são propriamente os nossos.”<sup>991</sup> Em quase todas as falas dos personagens sertanejos de Peixoto há um adágio. Assim falas inteiras dos personagens eram compostas por expressões como “pobre do meu pezinho de feijão, tão cedo e já dando pendão”, ou “em tempos de murici, cada um cuide de si”, “boi sonso, chifrada certa”, “banana madura não se sustenta no cacho”, etc. compondo uma narrativa em que, ao mesmo tempo em que se pretendia brasileira, reiterava a continuação da presença portuguesa.

Das sete obras literárias de Peixoto foi possível identificar uma única manifestação da cultura popular de origem africana. Foi feita na obra “Maria Bonita” (1914) e se deu da seguinte forma. O personagem Luís, filho do coronel mais poderoso da região, estava andando pelas redondezas do povoado do Jacarandá enquanto conversava com um amigo, quando os dois ouviram que “fervia o samba numa casa de palha, de chão batido, à luz fumarenta de um candeeiro de lata, pendurado na parede de taipa”<sup>992</sup>. Os dois personagens decidiram “chegar à casa” pra ver o samba. Em círculo, batendo palmas compassadamente, com um prato de folha atritado por um garfo, encontrava-se um grupo, descreveu o narrador, que “à melopéia da cantiga juntava arrastado tinido metálico, entoando homens e mulheres com igual convicção: ‘Siá Mariquinha, seu gato me deu/Sinhá Mariquinha, seu gato me deu/ Três bofetadas na cara do meu...’”.<sup>993</sup> A esta descrição, o narrador acrescentou que:

Um indivíduo no centro sapateava, forte, remexendo os quadris; depois amiudava o passo, e, diminuindo a pisada, apressando o ritmo lúbrico das ancas, “peneirava”, “dormia”, no embevecimento geral da expectativa excitada, até que diante de uma comparsa da roda, do outro sexo, se precipitava. A mulher era tomada nos braços pelas mãos que lhe agarravam a cintura, suspensa no ar, para descer e cair, até se embaterem os ventres um contra o outro, num som cavo, profundo, que aumentava o fervor de todos pelo gozo erótico da “embigada”.<sup>994</sup>

---

<sup>990</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Trovas** Brasileiras..., p. 5

<sup>991</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Miçangas**..., p. 64.

<sup>992</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Maria Bonita**..., p. 318.

<sup>993</sup> Id.

<sup>994</sup> Ibid., p. 319.

Duas e três vezes a cena se repetia, até que, desenlaçados, o parceiro escolhido ia para o meio da roda, no sapateado das figuras de dança- prosseguia o narrador na descrição detalhada da dança. O jovem bacharel, observando essas cenas, confessou a seu companheiro, o Gonzaga: “– Não sei por que, nenhuma dança me interessa tanto!”<sup>995</sup> Na tentativa de entender a declaração do Luís, um jovem erudito, formado na cultura branca elitista, seu amigo atinou que poderia ser porque as outras danças “tinham demasias, trejeitos e mimos supérfluos”, enquanto que o samba era:

A poesia popular, melodia cantada dos primitivos, transposta em ação: a mais recuada origem do teatro, que é arte viva. E mais-emendou o Gonzaga a seu amigo- O samba atinge a própria raiz do ser. Tôdas as artes simples dirigem-se a um sentido: essa, que as reúne tôdas e lhes dá vida, ao sensualismo ou á sensualidade que é o mesmo.<sup>996</sup>

A este rompante de defesa do amigo à uma cultura que considerava “primitiva”, “muito sensual” e, por vezes “depravada”, o personagem Luís riu e concordou com todas as palavras do amigo, completando em seguida “- É a dança uma declaração e um convite sem palavras. Podem umas e outras artes não tocar; mas quando a gente dança, com a alma, já começa a amar”.<sup>997</sup> Riram os dois, sem ironia, numa devoção confessada a uma manifestação de cultura tão autêntica, tão genuína e tão primitiva. Ao fim, “Luís riu-se, olhou para o amigo e falou: -Vamos embora, senão caímos no samba!”<sup>998</sup>

Mesmo considerando uma manifestação autêntica e original da cultura nacional, “os excelentíssimos doutores”, representantes da Casa Grande não se permitiriam “cair no samba”. Possivelmente realizar um registro tão detalhado e uma defesa tão veemente daquele evento já soaria como demais, dentro dos espaços onde a obra literária do médico iria circular, naquela elite letrada brasileira do ano de 1914. Talvez por apresentar e retratar o sertão brasileiro a partir destes eventos foi que Peixoto escolheu como epígrafe, para a obra *Maria Bonita*, o adágio sertanejo “raio não cai em pau deitado”.<sup>999</sup>

Nos parece que, ao retratar o sertão como um espaço fervilhante de cultura, Peixoto pretendia apresentara aos moradores da capital um sertão que se diferenciava da cidade, mas que em nada lhe era inferior. Era, também, este o sertão que o intelectual queria deixar registrado “para a posteridade” e que ele tanto se esforçou para dar a conhecer aos moradores

---

<sup>995</sup> Id.

<sup>996</sup> Id.

<sup>997</sup> Id.

<sup>998</sup> Id.

<sup>999</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Maria Bonita...*, Epígrafe, não paginada.

do litoral. A paisagem sertaneja marcada pela luta do homem para encontrar os seus espaços e resultando numa cultura singular era, para o médico, o símbolo mais profundo do Brasil. O espírito nacionalista que marcara sua atuação intelectual pretendia demarcar, registrar, guardar esta cultura popular, “criação autêntica dos brasileiros” como um reduto de história, de poesia, de sabedoria e, a partir daquele repertório, demarcar o lugar do Brasil no mundo. Eram qualidades positivas, eram manifestações singulares que em nenhum outro lugar se observavam, defendia o médico. A riqueza cultural era a alma nacional, afirmava categoricamente Afrânio Peixoto e indignava-se que seus pares não tivessem as mesmas constatações.

Importa lembrar que todas estas defesas, nas quais Peixoto tomava parte, estavam entrelaçadas com a construção da sua figura intelectual e com projetos que ele intentava angariar na sua atuação pública. Embora, segundo consideramos, as suas defesas tenham se tornado parte daquilo que o próprio intelectual requisitava para si, elas estavam prenhes de interesses políticos e intentava imprimir maior importância à visão de Brasil que ele pretendia imprimir. Tal visão se colocava na contramão daquela outra, que vinha sendo propagada pelo Instituto Oswaldo Cruz, por exemplo. Neste sentido que observamos a literatura de Peixoto como parte indissociável de suas defesas políticas.

Retratar o sertão, portanto, foi uma maneira que Peixoto encontrou de atrelar a sua figura intelectual a singularidade desta região e, ainda, o sertão tornou-se a resposta de que o clima tropical não era empecilho para a constituição da nação e, ainda, de que a doença não devastava as terras sertanejas, produzindo brasileiro degenerados. Pelo contrário, o sertão era um reduto de vida, de conhecimentos, de história. Foi nas manifestações da cultura sertaneja que o médico encontrou os elementos indispensáveis para a sobrevivência e a viabilização da vida humana em uma ampla disputa entre o homem e o clima. A história da saga sertaneja era a comprovação de que o homem vencera. Sua literatura pretendia ser o retrato desta vitória.

#### 4.4 “PARA RETRATAR A MINHA GENTE”: O BRASILEIRO NA LITERATURA DE AFRÂNIO PEIXOTO

Em meio ao esplendor da natureza e da cultura sertaneja situavam-se, nas obras literárias de Afrânio Peixoto, “os brasileiros”. Se a natureza estava dada desde o princípio dos tempos, e foi resgatada pelo médico a partir do ponto de vista da positividade, da grandiosidade e da riqueza, o homem era um produto que se delineava a partir dos confrontos

com as teorias científicas estrangeiras atrelado as possíveis releituras daquelas teorias frente ao cenário singular do Brasil. Tratava-se, portanto, de um elemento acionado a partir de condicionantes pautados nos conhecimentos científicos e históricos atrelados a um ambiente geográfico ativo e determinante. Deste ponto de vista, o homem era uma entidade em construção.

A singularidade das nações estaria, segundo acreditava o médico, na tentativa de desvendar o processo histórico que constituía as raças humanas. “Ou adapta-se a natureza viva ao meio, à função: a conformação é a raça estabilizada, relativamente... Ou reage a natureza viva ao meio, a função e o resultado é a raça, ajustada, relativamente” afirmou Peixoto na obra *Clima e Saúde*, de 1938. A partir de elementos étnicos já dados, caberia ao homem adaptar-se à natureza ou reagir a ela. Isso resultava na raça. Por vezes ajustada, outras em confronto.

Na literatura Afrânio Peixoto descreveu tantos as raças em “conformação com o meio” quanto aquelas que estavam em contínuo confronto ou “ajustadas relativamente”. Tais pressupostos resultavam na crença, que perpassou toda a produção intelectual de Afrânio Peixoto de que, inclusive nos termos raciais, o Brasil, era um país em processo de construção. Quase tudo estava por ser feito. Faltava-nos ainda uma história, faltava uma definição cultural estabilizada, carecíamos de democracia, de instrução, de tradição, afirmava Peixoto. “O Brasil está no berço ainda, quando muito já se revela o menino prodígio que ha de ser”<sup>1000</sup> declarou Peixoto ao tomar posse como membro do IHGB, em 1919, confirmando a ideia de que o Brasil estava por vir. Se, para parte daquela intelectualidade do início do século XX estas carências assustavam, para o médico soavam como um acalento porque abria um amplo espaço para a atuação intelectual.

Tania Regina de Luca, em análise do periódico “Revista do Brasil”, veículo de ampla divulgação do pensamento daquela intelectualidade afirmou que a ideia de um Brasil em construção perpassava o pensamento de grande parte dos homens que escreviam artigos para a revista nas primeiras décadas do século XX. Segundo a pesquisadora:

A ideia do Brasil como um país novo, em construção, sempre foi cara às nossas elites. Afinal, a juventude da nação indicava que ainda havia um longo caminho a percorrer até que todas as nossas potencialidades e possibilidades desabrochassem, revelando enfim a real face do país.<sup>1001</sup>

---

<sup>1000</sup> PEIXOTO, Afrânio. Discurso de Posse no IHGB..., p. 503

<sup>1001</sup> LUCA, Tânia Regina de. **Revista do Brasil** ..., p. 90.

Foi partilhando da crença insuperável de que o Brasil era um país e um povo em devir que Peixoto empreendeu todas as suas forças, objetivando forjar, por esforços próprios e coletivos, o futuro da nação, particularmente nos seus aspectos étnicos, antropológicos, higiênicos e educacionais.

Estas eram, aliás, questões comuns para a *intelligentsia* do início do século até pelo menos grande parte dos anos de 1930. Pensar a nação para aqueles intelectuais significava, antes de tudo, enfrentar a tortuosa questão do estatuto étnico dos habitantes da pátria. Esse assunto figurava na agenda dos intelectuais desde a Independência, afirmou Manoel Luís Salgado Guimarães.<sup>1002</sup> Entretanto, foi a partir de meados dos anos de 1910 que o paradigma racial (e seus implicadores étnicos e antropológicos) começou a sofrer, no que diz respeito à apreensão e ao conteúdo, deslocamentos importantes, afirmou Tania Regina de Luca. Segundo a autora, “nas décadas iniciais do século XX, não eram poucos os que continuavam a encarar a composição étnica da população como fator decisivo, que subordinava todos os demais aspectos a vida nacional.”<sup>1003</sup> A investigação sobre as qualidades e “defeitos” da composição étnica brasileira chegava a influenciar, inclusive, as esperanças de que o país viesse a integrar o tão propalado “concerto das nações”.

Semelhante a outros intelectuais e cientistas daquele momento, Peixoto dedicou-se a analisar a composição do “elemento brasileiro”. E, semelhante aos seus pares, Peixoto por vezes desesperava-se dos resultados obtidos a partir daquelas análises, sempre permeadas pelo cientificismo europeu para, no instante seguinte imbuir-se de esperança e projetar naquela mesma composição a formação futura de “homens da melhor estirpe”<sup>1004</sup>. Tais resultados eram lançados para um futuro promissor que, mais hora menos hora, chegaria. Tais paradoxos foram transportados para a sua literatura.

Neste sentido, os personagens literários de Peixoto dissertaram e deliberaram sobre a composição racial do Brasil, bem como lançaram prognósticos para o futuro. A ideia recorrente era aquela que inferia que esse “caldeirão racial” estava em pleno processo de “fervimento” e, em breve, resultaria no elemento definitivo, no “verdadeiro” e autêntico elemento brasileiro.

Ao projetar suas perspectivas sobre os elementos formadores do brasileiro ou em que constituía o brasileiro Peixoto lançou mão de duas estratégias explicativas para a questão

---

<sup>1002</sup> GUIMARÃES, Manuel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, no. 1, p. 5-27. 1988. p. 06.

<sup>1003</sup> LUCA, Tânia Regina de. **Revista do Brasil** ..., p. 132.

<sup>1004</sup> PEIXOTO, Afrânio. Fruta do Mato..., p. 387.

étnica racial daquele momento. Primeiro a constatação de que o brasileiro era, inegavelmente, um elemento miscigenado e, em seguida, diagnosticou que não só biologicamente o Brasil estaria miscigenado mas, também, culturalmente. Nestes dois espaços era fundamental incidir forças que alterassem o quadro presente. O Brasil só poderia ser uma nação em devir.

Seguindo os preceitos racialistas disseminados por teóricos europeus, Peixoto não conseguiu fugir do pensamento que condenava a miscigenação racial e que propalava que o único futuro verificável para as nações era aquele pautado numa civilização branca e europeia. Esse foi o guia e o norte da atuação do médico no âmbito racial e que tendeu a intensificar-se com o passar dos anos. Neste sentido, Peixoto foi um amplo defensor e divulgador da teoria do branqueamento da população brasileira além de atuar fervorosamente para o “depuramento” não só da melanina, mas também da história do Brasil.

Para “branquear a pele” Peixoto clamava pela entrada de imigrantes europeus, brancos, disciplinados, ordeiros que contribuiriam, de maneira definitiva, para a formação do elemento nacional desejado. Por isso o brasileiro só poderia ser pensado como um ser vindouro: a sua formação dependia da entrada da imigração europeia. O Brasil que se processava, naquelas três primeiras décadas do século, possuía em definitivo apenas “raças de passagens”<sup>1005</sup>, afirmava o médico.

Por outro lado e atrelado ao processo de “branqueamento da melanina”, de “depuração do mascavo nacional” tornava-se necessário empreender forças no sentido de ressignificar a história nacional. Atrelar a história do Brasil com a história de Portugal e, conseqüentemente, a um passado europeu seria, segundo o médico, a única maneira de impedir o “mestiçamento psicológico e cultural”<sup>1006</sup> tão nocivo quando o biológico.

Dessa maneira se constituía a ideia geral professada por Peixoto acerca do elemento nacional brasileiro retratada na sua literatura. Neste item do capítulo iremos analisar, com mais vagar, como esse debate foi traduzido, construindo uma maneira de Peixoto propagar, exemplificar e registrar as suas defesas, levadas a cabo no campo médico/científico e político sobre o “elemento nacional”.

---

<sup>1005</sup> PEIXOTO, Afrânio. PEIXOTO, Afrânio. **Elementos de medicina legal**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910.p 503.

<sup>1006</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Clima e saúde...**, p. 142.

#### 4.4.1 O Elemento Branco: a “Herança Lusitana”, a Imigração e Crença no Branqueamento da Raça.

Os debates acerca da miscigenação foram temas fundamentais para a efetivação da “formação nacional”, comum no pensamento intelectual de finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, em todos os países que sofreram o “*nation-building*.”<sup>1007</sup> Desde pelo menos as três últimas décadas do século XIX que estes assuntos ocuparam e preocupavam a intelectualidade brasileira, conforme demonstrou Thomas Skidmore.<sup>1008</sup> Para o pesquisador, o desafio do futuro étnico da população entrou em pauta desde os debates sobre a abolição da escravatura. A grande questão, para os intelectuais, era a tentativa de ver a miscigenação racial nos seus termos positivos, visto que se tratava de um fato incontornável da composição do povo brasileiro<sup>1009</sup> e, ao mesmo tempo um dos itens mais condenáveis pelas premissas científicas europeias, fonte na qual bebiam os intelectuais brasileiros.

O posicionamento frente à miscigenação foi tomado de maneira diferente por intelectuais que participaram dos debates raciais, como é possível perceber nas produções de Sílvio Romero, Araripe Junior, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Oliveira Viana, Roquette-Pinto, Gilberto Freyre dentre inúmeros outros. Embora todos se declarassem leitores das obras de Buffon, Curvier, Blumenbach, Camper, Broca, Agassiz, Ratzus, Gobineau, Darwin, Lapouge, Le Bon, Taine, Lamarck, etc.<sup>1010</sup> as interpretações, apropriações e estratégias de leitura acionadas pelos intelectuais eram consideravelmente diversas.

A questão da positividade ou do malefício causado pela miscigenação racial perpassou todos estes homens de ciências ou de letras do período. O pesquisador Vanderlei Sebastião de Souza afirmou que, enquanto alguns deles condenavam a miscigenação e a ela atribuíam a responsabilidade pelo suposto “caráter indolente” e pela “falta de iniciativa” e de civilidade dos mestiços, para outros a mistura racial era interpretada como o caminho para o tão almejado processo de branqueamento do país, uma vez que acreditavam na força da seleção natural e na predominância do elemento europeu sobre o negro ou o nativo brasileiro.<sup>1011</sup> Ao

---

<sup>1007</sup> LIMA, Nísia Trindade de. **Um sertão chamado Brasil...**, p. 13.

<sup>1008</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. Cit.

<sup>1009</sup> CORRÊA, Mariza. Op. Cit.: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das raças ...**: LUCA, Tânia Regina de. Op. Cit. 1999; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Op. Cit.; SKIDMORE, Thomas. Op. Cit.;

<sup>1010</sup> Para um quadro extremamente interessante das teorias raciais, étnicas e antropológicas que foram chegando ao Brasil a partir do século XIX, com as quais aquela intelectualidade se debatia e enfrentava, ver o capítulo “Etnia: Um desafio para a construção da Nação”, da obra LUCA, Tânia Regina de. Op. Cit. p 131-185.

<sup>1011</sup> SOUZA, Vanderlei S. Op. Cit., p. 207.



que parece, havia ainda uma postura que oscilava entre a defesa e a acusação da miscigenação, vendo nessa peculiaridade da formação racial nacional tanto como um mérito quanto um castigo. Essa perspectiva aparentemente antagônica e contraditória era o posicionamento de Afrânio Peixoto e, provavelmente de diversos outros escritores do período. Aliás, mover-se por paradoxos parece ter disso uma condição bastante comum para aquela intelectualidade.

A análise mais detalhada do processo de produção intelectual de Peixoto demonstrou o esforço do médico em identificar e justificar o processo de formação racial brasileira, intentando apontar os contornos que o diagnóstico obtido legaria ao futuro, não apenas no aspecto racial, mas cultural, político, econômico. Para aqueles intelectuais a formação racial estava diretamente relacionada com a índole, com o viço, com as capacidades cognitivas e biológicas do brasileiro. A raça, portanto, configurava um elemento de extrema importância para viabilidade ou inviabilidade da nação.

Tomando como medida de mundo e de civilização a Europa, grande parte daquela intelectualidade encontrou na contribuição e na referência europeia a alternativa para contornar “a irremediável miscigenação racial” e apontar para possibilidades que reverteriam o quadro nacional miscigenado, presente no Brasil. Assim, apoiar a imigração europeia, propor estratégias para angariar imigrantes e incentivar a vinda destes elementos para o país foi uma estratégia acionada por diversos membros daquela intelectualidade. Peixoto tratou do tema da imigração europeia em *A Esfinge*, o romance escrito em 1911.

Paulo de Andrade, o personagem principal da obra e que era escultor, relatou que “certo dia, enquanto fora ao *Cais do Pharoux*, acompanhar o embarque de um amigo” teria ficado impressionado com “um pequeno limpador de botas”. Tratava-se de “um menino, não mais que onze anos”.<sup>1012</sup> Segundo intuiu o personagem, aquela criança “era filho de italianos e já não tinha as tradições, nem sabia a língua dos seus pais”.<sup>1013</sup> O português que falava, observou Paulo de Andrade, estava “corrompido e deficiente, eivava-se da intrusão da gíria carioca, a geringonça, calão de capoeiras e vagabundos”.<sup>1014</sup> Embora o menino estivesse “abrasileirado”, pelo meio, pela língua, pelas condições sociais, era possível perceber no garoto “... no atilamento esperto dos olhos e das respostas prontas” que ele “... revelava-se

---

<sup>1012</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A Esfinge...*, p. 126.

<sup>1013</sup> Id.

<sup>1014</sup> Id.

bem superior à média de outros mestiços e naturais que lhe faziam concorrência, sem êxito”.<sup>1015</sup>

O rosto do garoto chamara a atenção do artista e, mesmo em meio a um dos locais mais movimentados do Rio de Janeiro, Paulo de Andrade o percebera e ficara tentando identificar sua história, suas condições de vida e prever o seu futuro. “Provavelmente havia nascido no Brasil - pensava o personagem - o que fazia dele um mestiço brasileiro”<sup>1016</sup>. A essa conclusão, o escultor se pôs a tentar compreender que elementos o fazia superior aos outros mestiços, aqueles “naturais da terra”. Em busca desta resposta, o personagem elucubrou que, embora o “pobre menino” estivesse aclimatado a uma condição social de pobreza, engraxando sapatos, de roupa esfarrapada, sujo e falando por gírias “... era-lhe perceptível a altivez e a inteligência”.<sup>1017</sup>

O escultor não teve dúvidas e julgou ser necessário fixar “...aquela figura curiosa no barro e no bronze.”<sup>1018</sup> Se, conforme almejava, a sua arte pretendia retratar as páginas da nossa nacionalidade para os tempos vindouros, aquele menino “representava um momento étnico capital na história, em formação, da nacionalidade brasileira”<sup>1019</sup> exclamara o artista personagem. Embevecido com a ideia que lhe ocorrera, o personagem concluiu que “faria uma obra de realismo simples e chão, a que só o título enigmático de *Ágora* poderia, aos mais atilados, dizer alguma coisa”.<sup>1020</sup>

O pequeno imigrante, que o escultor Paulo queria registrar no bronze representava um amplo e truncado debate que perpassava os homens de ciência do início do século: primeiro a defesa de que a imigração europeia poderia representar uma das alternativas para a viabilidade nacional, via branqueamento da raça. Entretanto, paralelo a isso se processava uma ampla gama de discursos nacionalistas que, ao fim e ao cabo, apontavam para o perigo que a inserção de elementos estrangeiros poderiam produzir num país “de nacionalidade ainda cambiante”<sup>1021</sup> e no qual tudo ainda “estava por ser feito”.

Com a constituição do trecho narrativo em que o menino, filho de imigrantes italianos, apareceu na obra literária de Afrânio Peixoto, é possível identificar alguns elementos significativos do debate que estava ocorrendo sobre a imigração europeia no Brasil, bem como às posições defendidas, debatidas ou incorporadas pelo autor neste assunto. O exemplar

---

<sup>1015</sup> Ibid., p. 127.

<sup>1016</sup> Id.

<sup>1017</sup> Id.

<sup>1018</sup> Id.

<sup>1019</sup> Id.

<sup>1020</sup> Id.

<sup>1021</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional...** p. 108.

da imigração europeia foi descrito como “visivelmente superior” aos “exemplares da terra” e, mesmo sem acesso à educação e vivendo em condições muito semelhantes à maioria dos mestiços nacionais em relação a precariedade econômica, o menino era, segundo declarou o personagem, “altivo” e “inteligente”. O que lhe legava tal distinção era inquestionavelmente a sua ascendência europeia. Tratava-se de “um mestiço branco”.

Segundo Thomas Skidmore e Lilia Moritz Schwarcz a “tese do branqueamento” foi sendo esboçada por alguns intelectuais de finais do século XIX que se debatiam entre as teorias da degeneração racial e o espírito nacionalista. Como tal fato já era uma constatação no Brasil, tornava-se necessário, considerando a verve nacionalista daqueles homens de ciência, esboçar uma solução que positivassem a mistura racial. A solução encontrada foi assumir a miscigenação como um fato positivo, visto que poderia resultar “no branqueamento gradual da população”.<sup>1022</sup>

Segundo Thomas Skidmore, Sílvio Romero teria sido um dos primeiros brasileiros a esboçar, ainda que sutilmente, a positividade da miscigenação. Na obra *História da Literatura Brasileira*, de 1888, o autor apontou que não haveria mais no Brasil tipos raciais puros e que, o resultado de séculos de miscigenação mostrava graus bastante diversos de influência dos três elementos. “Os brancos tinham predominado, por ser sua cultura mais desenvolvida, os índios haviam sido aniquilados por guerras e doenças e o africano era brutalizado pela escravidão.”<sup>1023</sup>

Entretanto, foi a partir dos anos de 1910 que tais teorias tornaram-se mais enfáticas, ganhando conotações políticas mais fortes. Foi o que demonstrou Lilia Moritz Schwarcz e Vanderlei Sebastião de Souza ao descrever a participação de João Baptista de Lacerda, então diretor do Museu Nacional no Congresso Universal das Raças que ocorreu na Universidade de Londres em junho de 1911. A participação do Brasil naquele evento, segundo Lilia Moritz Schwarcz, não pode ser entendida de maneira desavisada. Segundo ela, nos primeiros anos do século XX o Brasil era conhecido, aos olhos do mundo, como um ‘laboratório racial’ algo extremamente negativo, segundo os esquemas de pensamento da época. João Baptista de Lacerda, membro correspondente de várias sociedades científicas da Europa e da América, professor honorário da Faculdade de Medicina da Universidade do Chile e, sobretudo, diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro representava um dos cientistas mais eminentes do país. Foi valendo-se desta representatividade que o governo Hermes da Fonseca patrocinou o diretor do museu e seu secretário Edgard Roquete-Pinto para “por meios que se julgasse mais

---

<sup>1022</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. Cit., p. 76-85.

<sup>1023</sup> Ibid., p. 77.

acertado, fazer propaganda do país”<sup>1024</sup> no referido congresso. A propaganda a que se referia o governo era aquela que demonstrasse ser o Brasil um país apto a receber os imigrantes europeus.

O resultado mais imediato da participação de João Baptista de Lacerda naquele evento foi a propagação de uma perspectiva que, embora julgasse a miscigenação um mal- visto que a legitimidade científica do diretor do museu nacional passava por conjugar as máximas do darwinismo social e da antropologia física em que se ancorava a ciência da época- a ideia que lançava Lacerda era a de que a miscigenação seria também um bem, “uma vez que sinalizaria um caminho positivo e definitivo para o Brasil”.<sup>1025</sup> Segundo apontava Lacerda, e essa era a sua tese central, “o cruzamento racial tenderia a fazer com que negros e mestiços desaparecessem do território brasileiro em menos de um século, possibilitando um progressivo branqueamento da população.”<sup>1026</sup>

A tese levada por Lacerda para o evento internacional eram ideias que estavam em curso entre a intelectualidade brasileira do período. A imigração poderia ser positiva, desde que ela resultasse em elementos cada vez mais brancos. Tal constatação provavelmente fez aqueles intelectuais respirarem com mais alívio e sobre esta defesa se desenvolveram diversas elucubrações nacionais. Tratava-se, também, de uma maneira de “fazer ciência” no Brasil. As ideias recorrentes no campo científico europeu eram “traduzidas” de acordo com as condições singulares do país. Tais intelectuais precisavam, então, emprenhar-se coletivamente na legitimação dos pressupostos apontados, utilizando os métodos reconhecidos pela cientificidade estrangeira. Posicionar-se frente à questão era uma estratégia de angariar debates e adeptos.

Desta maneira, quando o personagem Paulo de Andrade encontrou o pequeno engraxate, ele não teve dúvidas em registrar aquele exemplar brasileiro, exemplificando o pensamento de Peixoto sobre aquele tema. A entrada de imigrantes europeus era fundamental para o país. Registrar o “menino brasileiro” era uma maneira de demarcar o elemento nacional vindouro, que vigoraria no Brasil quanto o país tivesse alcançado sua efetiva estabilidade política e forjado, de maneira definitiva, o seu povo.

---

<sup>1024</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz: LOTIERZO, Tatiana H. P. Raça, gênero e projeto branqueador: "a redenção de Cam", de modesto brocos. **Recherches sus les arts, le patrimoine et la littérature de l'Amérique Latine**. [S.L], n. 5, p. 230, 2011. Disponível em: <http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?rubrique3>. Acesso em: 17/07/17. Ver também: SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Op. Cit., p. 80.

<sup>1025</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz: LOTIERZO, Tatiana H. P. Raça, gênero e projeto branqueador..., p. 231.

<sup>1026</sup> SOUZA, Vanderlei Sebastião. Op. Cit., p. 85.

“Era brasileiro porque havia nascido no Brasil” afirmava o personagem escultor, o aclimatação proporcionado pelas terras brasileiras teriam dissipado quaisquer resquícios da pátria de seus pais, observava esperançoso o personagem patriota, diante do exemplar que registraria no bronze. Tal constatação comprovava que a imigração e a miscigenação do elemento nacional com o imigrante, não era um mal ou um problema, mas a solução para os problemas étnicos do país, diagnosticado por Peixoto.

O assunto referente à imigração estava indissociado dos debates sobre a formação étnica do brasileiro, sobre as consequências da miscigenação e da imigração, conforme demonstramos. Tratava-se de um debate acirrado que se estendia desde a tentativa de angariar imigrantes nos outros países, particularmente os europeus, para em seguida dissertar sobre as possibilidades que a integração de novos elementos com a ampla heterogeneidade étnica da população brasileira poderia resultar.<sup>1027</sup>

Afrânio Peixoto vinha debatendo-se com o tema da mestiçagem desde os bancos da Faculdade. Conforme foi apresentado, Peixoto conviveu com Nina Rodrigues no momento em que o médico maranhense elaborava suas principais pesquisas no âmbito racial. As experiências vivenciadas nos laboratórios de medicina legal de Nina Rodrigues mais as alternativas que aqueles pensamentos foram tomando no âmbito da formação de uma perspectiva nacionalista por parte daquela intelectualidade, influenciaram o jovem médico na elaboração das suas ideias e, principalmente na sua observação do Brasil e dos brasileiros, que ressoaram por um longo período no pensamento intelectual de Peixoto.

Podemos supor que os primeiros estudos de Afrânio Peixoto envolvendo o debate racial tenham acontecido com Nina Rodrigues, a partir da antropologia médica. Segundo Mariza Corrêa, a partir do momento em que começou a ministrar aulas de medicina legal na Faculdade de Medicina da Bahia, “Nina Rodrigues passou a prestar atenção aos debates a respeito das novas ideias lançadas no âmbito jurídico pelo grupo composto principalmente por

---

<sup>1027</sup> O debate sobre a “formação dos melhores exemplares da raça” tornou-se intenso no Brasil a partir dos anos de 1920, particularmente com o crescimento da eugenia. Na perspectiva eugênica seria possível elaborar o melhoramento da espécie por meio da seleção de indivíduos e caracteres mais aptos, visando eliminar os “inadequados” e privilegiar os “mais valiosos”. Sobre os debates eugênicos no Brasil ver: SOUZA, Vanderlei S. de. **A política biológica como projeto: A “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932).** Dissertação (Mestrado em História), Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, 2006; STEPAN, Nancy. *A Eugenia no Brasil – 1917 a 1940.* In: HOCHMAN, G. & ARMUS, D. (Orgs). **Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. \_\_\_\_\_. **A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. Embora o debate sobre a eugenia tenha se intensificado alguns anos depois da escrita *d’A Esfinge*, era possível perceber a preocupação de Afrânio Peixoto com os elementos que iriam compor os brasileiros em formação.

Lombroso, Ferri, Garofalo.”<sup>1028</sup> Considerando esta perspectiva e a análise das primeiras obras científicas de Afrânio Peixoto é possível inferir que o debate sobre a craniometria, a craniologia e a antropometria tenham influenciado o estudo de medicina legal conduzido por Nina Rodrigues e que estes estudos tenham influenciado Afrânio Peixoto no debate racial.<sup>1029</sup>

A partir das produções intelectuais de Peixoto é possível identificar diversas heranças destes conceitos que se baseavam, principalmente, na coleta de medidas e escalas que, naquele momento, faziam às vezes de provas, tanto das origens das diferenças sociais como dos fatores responsáveis por sua reprodução. Pesagem e medidas do crânio e do cérebro precediam o ordenamento de traços faciais, com a intenção de reconhecer estigmas conducentes ao crime, à loucura, ao desvio sexual e, numa dinâmica coletiva, aptos a desvendar desigualdades entre "inferiores" e "superiores". Peixoto, por diversas vezes, trouxe esses assuntos os debates de seus personagens literários, ora pondo-se em consonância com eles e ora atacando-os em nome de “saberes que fossem produzidos no Brasil, pelos brasileiros”. Tais paradoxos apresentam-se significativos para a percepção do processo de construção dos saberes naquele contexto.

Além dos artigos publicados em congressos internacionais, como foi observado no terceiro capítulo, a primeira obra científica em que Peixoto ocupou-se de analisar as raças brasileiras foi o livro “Elementos de Medicina Legal”, o que demonstra a estreita relação da obra com a tese de doutoramento, orientada por Nina Rodrigues, em 1897. Na obra em questão, Peixoto demonstrou uma significativa influência do pensamento do mestre baiano na formação das suas perspectivas raciais, particularmente as que dissertaram sobre a miscigenação.

A primeira edição do livro “Elementos de Medicina Legal” foi publicado em 1910 e representa, ainda hoje, uma das obras científicas de mais vendagens na carreira do médico.<sup>1030</sup> Na ocasião da publicação, Afrânio Peixoto estava atuando como diretor do Instituto Médico-Legal do Rio de Janeiro e ainda não havia assumido a cátedra de medicina pública na FMRJ. A obra pretendia ser uma compilação “de todo o conhecimento referente à prática da

---

<sup>1028</sup> CORRÊA, Mariza. Op. Cit., p. 68.

<sup>1029</sup> Mariza Corrêa chamou a atenção para o fato de que “a crítica que o determinismo estreito de Lombroso recebia já em sua época, levaria Nina Rodrigues a incorporar outras perspectivas teóricas aos seus trabalhos, sem abandonar no entanto a suposição básica da hereditariedade. Segundo a autora, o aspecto mais interessante deste deslocamento foi a questão da responsabilidade, ou seja, a suposição de que “... o comportamento de cada um estava predeterminado pela sua pertinência a certas ‘classes biológicas’” ou seja “a questão da responsabilidade deixava de girar em torno do ‘livre arbítrio’ e passava-se a investigar quais as medidas de ‘defesa social’ mais adequadas para lidar com aquelas ameaças”. (CORRÊA, Mariza. Op. Cit., p. 70 e 71).

<sup>1030</sup> Segundo apurou Leonídio Ribeiro, até 1950 teriam sido editadas 23.600 exemplares desta obra. RIBEIRO, Leonídio, p. 419.

medicina legal, tanto nos aspectos teóricos quanto práticos.”<sup>1031</sup> Versando desde “Responsabilidade e Capacidade do Sujeito Criminoso”, passando por “Direitos e deveres à procriação- Delitos Sexuais”, “Direitos e Deveres à Saúde, e a Vida- Delitos Corporais” , “Elementos de Prova”, até “Direitos e Deveres dos Médicos” e “A Função Pericial no Brasil”, Peixoto elaborou um manual de quase seiscentas páginas, que poderia servir de guia tanto para o médico quanto para o perito judicial.

A condição racial do sujeito e as “consequências da mestiçagem” foram analisadas por Peixoto no capítulo intitulado “Elementos de Prova”, no subitem “Identidade”. Definindo identidade como um “conjunto de sinais ou propriedades que caracterizam um indivíduo entre todos, ou entre muitos, e o revelam em determinada circunstância”<sup>1032</sup> o autor declarou que “o problema das raças, já árduo nos velhos e sedimentados povos da Europa, complica-se enormemente nos países novos que ainda se povoam, como o nosso”.<sup>1033</sup> Demonstrando uma conclusão prevalente naquele contexto, Peixoto completou que “na mistura não homogênea de nosso povo há de ser profeta o etnólogo que descobrir tipos definitivos”.<sup>1034</sup> Concomitante com o pensamento racial prevalente nos meios científicos da capital federal daquele momento, Peixoto declarou que no Brasil “não se poderia falar de raças definitivas” e que, segundo esse pressuposto “o quadro psicológico também era variado”.<sup>1035</sup>

Depois de explanar sobre as características físicas e psicológicas de cada um dos “grupos formadores” (indígenas, negros e portugueses) Peixoto dedicou-se a analisar o que as misturas resultaram. Corroborando, portanto, com uma tradição etnográfica que vinha desde Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, Peixoto demonstrou que a junção de “ingredientes diversos” como os grupos indígenas, mais elementos dos povos negros “que desde a descoberta, devido à rebeldia do selvagem, fez importar para o cultivo das novas terras, negros da África”<sup>1036</sup> somados “aos brancos descobridores e senhores do país” resultou em pelo menos três elementos miscigenados: os mamelucos, cafusos e mulatos.<sup>1037</sup>

A exemplo daqueles autores, Peixoto definiu o cafuso como “produto do negro e do índio, mestiços raros”<sup>1038</sup>, o mameluco como “o resultante do branco e do índio, mestiços que foram progressivamente se diluindo, restando alguns amazonenses, paraenses e sertanejos do

---

<sup>1031</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Elementos de medicina legal...**,p. 09.

<sup>1032</sup> Ibid., p. 500.

<sup>1033</sup> Ibid., p. 502.

<sup>1034</sup> Ibid., p 503.

<sup>1035</sup> Id.

<sup>1036</sup> Ibid., p 502.

<sup>1037</sup> Id.

<sup>1038</sup> Id.

centro e do nordeste”.<sup>1039</sup> Por fim, os mulatos, “a mistura do branco com o negro”, seriam a maioria “dominando em pouco tempo a população da colônia e ainda hoje nas diluições sucessivas de sangue branco”.<sup>1040</sup> Se essa divisão era comum entre os pensadores raciais do período, conforme pode ser atestado em Sílvio Romero que dedicou-se, inclusive em apontar, a “medição” da quantidade de inferência dos elementos formadores sobre os mestiços, alegando que “o elemento índio teve uma contribuição pequena para a composição da raça brasileira ou de que o negro poderia ser visto como um elemento mais importante que o indígena, a qualificação da mistura resultada inferida por Peixoto, teria sido apontada por Nina Rodrigues. Na obra “A Raça Negra na América Portuguesa”, o médico maranhense teria afirmado que:

Entendo que se podem distribuir os mestiços por três grupos distintos. Primeiro, o dos mestiços superiores, que pela dominância da raça civilizada na sua organização hereditária, ou por uma combinação mental feliz, de acordo com a escola clássica, devem ser julgados perfeitamente equilibrados e plenamente responsáveis. Segundo, os mestiços evidentemente degenerados ... tristes representantes de variedades doentias da espécie ... Dentre eles, uns devem ser total, outros parcialmente irresponsáveis. Terceiro, finalmente os mestiços comuns, produtos socialmente aproveitáveis, superiores às raças selvagens de que provieram, mas que, já pelas qualidades herdadas dessas raças, já pelo desequilíbrio mental que neles operou o cruzamento, não são equiparáveis à raças superiores e acham-se em iminência constante de cometer ações anti-sociais de que não podem ser plenamente responsáveis. São todos casos de responsabilidade atenuada.<sup>1041</sup>

Embora Peixoto não comungasse do pessimismo negativo do seu mestre, esse perfil foi utilizado por ele para valorizar ou criticar a miscigenação racial, a partir da maior ou menor presença dos elementos originais. Neste sentido, a miscigenação seria positiva se mantivesse a prevalência da raça branca e negativa se o que preponderasse fossem elementos de origem negra ou indígena.

Na tentativa de apontar as características originais da raças e a maneira como se deu a miscigenação, Peixoto afirmou que o elemento “negro foi abundante e contínuo por três séculos, cessando com a abolição do tráfico”<sup>1042</sup>. Em “A Esfinge” Peixoto fez a mesma afirmação na obra literária, alegando que “o negro, paciente e servil, foi quem derrubou as florestas, roteou campos e, com suor e sangue, argamassou a nossa prosperidade econômica.

---

<sup>1039</sup> Id.

<sup>1040</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Elementos de Medicina Legal**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910. p 504.

<sup>1041</sup> Essa obra de Nina Rodrigues foi publicada em dois volumes da Revista do Brasil. (RODRIGUES, Raimundo Nina. A raça negra na América Portuguesa. **Revista do Brasil**, v.20, n.79, p.201-220, jul. 1922, p. 216-217; e v.20, n.80, p.344-358, ago. 1922).

<sup>1042</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Minha terra e minha gente** ..., p. 186.



Serviu-lhe a própria sensualidade para se anular na mestiçagem.”<sup>1043</sup> A contribuição do negro era entendida por Peixoto como significativa para a construção do Brasil até aquele momento, no que se referia a produção material, ao trabalho braçal no qual, segundo o médico, os negros mostravam-se “consideravelmente aptos”. O negro teria sido a força econômica que gerira a Colônia e o Império brasileiro. “Os negros trabalhavam para que os filhos dos senhores pudessem prover a nação de cultura”<sup>1044</sup> justificava o narrador. Entretanto, a contribuição do negro deveria ser restringida àquele passado. Por tais argumentos, o elemento negro mostrava-se inferior e, o mestiço que mantivesse as características prevalentes a partir dessa origem precisava “ser depurado”: etnicamente, biologicamente e culturalmente.

Assim, a apreciação levada a cabo por Peixoto inferia que na composição étnica do brasileiro miscigenado deveria prevalecer o contingente branco. O branco português do passado, atrelado a contribuição de outras raças europeias que deveriam ser angariadas para o Brasil resultaria, num país branco por excelência. Esta miscigenação Peixoto defendia categoricamente.

Além da defesa da superioridade biológica e antropológica do elemento branco, Peixoto tentava comprovar que, por extensão, tratava-se de uma etnia que possuía também superioridade cultural. Aos brancos portugueses que os brasileiros deviam o “cordão umbilical” que os ligava a Europa e, automaticamente, à uma cultura helênica e latina, além de uma tradição cultural e histórica, ancorada na imemorial herança lusitana.<sup>1045</sup> Enquanto alguns intelectuais defendiam que a origem da história da pátria deveria ser balizada para o ano de 1822, ignorando todo o passado colonial,<sup>1046</sup> as pretensões de Peixoto era a de que a história da nação brasileira remetesse a toda uma tradição grega, latina, helênica preconizada por Portugal.

A formação da história da nação brasileira atrelada à tradição lusa não soava estranha a Peixoto que justificava-a apontando que “um filho não deveria renegar o pai”. Buscar um ponto de origem para o Brasil na história e na tradição lusa legaria ao país, segundo Peixoto, uma íntima relação com a Europa além de livrar outras perspectivas históricas e culturais em voga, que buscavam nos índios e, particularmente nos negros a matriz cultural e histórica brasileira. A defesa dos portugueses da colonização lusa tornou-se um das bandeiras mais fortes de Peixoto e, tal como a defesa da branquitude, intensificou-se com o tempo. Além de

---

<sup>1043</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A esfinge...*, p. 209.

<sup>1044</sup> Id.

<sup>1045</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Elementos de medicina legal** ..., p. 506.

<sup>1046</sup> Tal defesa teria sido feita por Alceu Amoroso Lima, segundo identificou Tania Regina de Luca. LUCA, Tânia Regina de. Op. Cit., p. 90.

requisitar junto aos portugueses a nossa origem histórica, Peixoto defendia a ressignificação, a releitura da história do Brasil, positivando todas as ações portuguesas em terras brasileiras.

Em uma conferência entre dois personagens narrada no romance *Bugrinha* (1921), Peixoto desenvolveu a perspectiva da relação inseparável e insuperável dos brasileiros com os portugueses, e inferiu que tal reconhecimento legaria a todo brasileira uma “alma branca”. Na obra citada, o personagem João Sobral, um homem culto, “formado na mentalidade do império” criticava a intelectualidade brasileira pelo “mau hábito de professar” que os brasileiros eram “descendentes de pretos, escravos, caboclos, selvagens e, quando citavam nossas relações com os portugueses, era para chamá-los de degredados”.<sup>1047</sup> O personagem Sobral exaltava-se com tais defesas, levadas a cabo por “patriotas de vistas curtas”, que pretendiam difamar a nação ibérica sem antes atentar para o verdadeiro valor dos portugueses que, segundo o personagem, realizaram a função de “caldear as sub-raças”.<sup>1048</sup> “Os portugueses navegadores- continuou o Sobral- eram os mais nobres e ricos homens a princípio e depois os mais esforçados rapazes do reino cujo único defeito foi faltarem à Pátria, que deixaram, e vir felicitar a outra para ingratos filhos e espúrios descendentes”.<sup>1049</sup> Para o velho Sobral não havia ofensa maior ou “calúnia mais persistente” que a atribuição de que os “honrados portugueses que nos legaram sua cultura”<sup>1050</sup> fossem degredados.

Afrânio Peixoto não se cansava de enfatizar e de relacionar que, a partir da ligação com os portugueses, com o sangue branco legado primeiramente por esta composição étnica, estaria à redenção racial e cultural da pátria brasileira. Foi ainda o personagem João Sobral que elencou os maiores méritos dos portugueses ao longo da trajetória histórica de Portugal, no intuito de comprovar que o brasileiro teria “a ascendência mais nobre e mais ilustre de toda a Europa”.<sup>1051</sup> Em discurso visivelmente exaltado, o personagem esbravejou para seus ouvintes “que foram os portugueses combatentes dos infiéis mouros, os primeiros navegantes, os mais valentes cruzados, os mais autênticos escritores” e que, tais méritos “honrariam qualquer maior povo da história”.<sup>1052</sup> Contudo- lastimava-se o personagem- “os chamamos de degredados e misturamo-los com alguns índios bravos e negros boçais, e, parece que nos honra mais isso, provirmos destes mestiços”.<sup>1053</sup>

---

<sup>1047</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Bugrinha...*, p. 494.

<sup>1048</sup> Id.

<sup>1049</sup> Id.

<sup>1050</sup> Id.

<sup>1051</sup> Id.

<sup>1052</sup> Id.

<sup>1053</sup> Id.

Atrelar os aspectos brasileiros a herança portuguesa foi um projeto que, conforme já afirmamos, se intensificou sobejamente no pensamento de Peixoto, chegando a lhe valer a alcunha de propagar “um nacionalismo suspeito”<sup>1054</sup>, atribuição inferida por alguns intelectuais do período para Peixoto em função da sua “forçada relação com Portugal”.<sup>1055</sup>

De fato, a filiação de Peixoto ao pensamento lusitano e a sua participação nas instituições portuguesas foi se ampliando na medida em que o pensamento racial, histórico e cultural do médico se consolidava. As relações entre Peixoto e Portugal lhe rederam diversas produções (em editoras brasileiras, que estavam sob a coordenação de portugueses, além das editoras de Portugal) e, ainda, ampliaram a sua circulação no cenário e nas instituições europeias, tão requeridas naquele momento. Quanto mais se aproximava de Portugal, mais enfática ficava a defesa do médico da relação entre o Brasil e o país colonizador, chegando a inferir, por diversas vezes, que o Brasil seria a continuação da gente, da cultura, da história dos portugueses. “Não sejamos os filhos ingratos que renegam seus pais. Não é fácil suprimir o que temos de lusitanos”.<sup>1056</sup>

Na tentativa de afirmar os aspectos positivos da colonização portuguesa, Peixoto eximiu-se de retratar quaisquer aspectos negativos. Desta maneira, nenhuma palavra foi tecida sobre a política colonial, sobre a exploração efetivada pela metrópole, sobre a violência da colonização. Pelo contrário, Peixoto elencou os aspectos da colonização a partir daquilo que ele julgou ser uma vantagem. A audácia dos portugueses, o espírito de aventura, a religião católica, o caráter “fluído” que proporcionou a miscigenação racial, “bem diferente da intolerância saxônica que povoou os Estados Unidos e deixou crescer, isolado, o núcleo compacto de seus quase doze milhões de negros.”<sup>1057</sup> A estes episódios da história da colonização portuguesa que Peixoto atribuía a parte mais considerável da formação brasileira e louvava que tivessem sido aquele povo a colonizar o Brasil. Declarou o Dr Lisboa, personagem de “A Esfinge”: “Bendigos portugueses que nos fizeram uma nação livre,

---

<sup>1054</sup> Tal inferência teria sido feita por Álvaro Bomilcar, conforme afirmou Lúcia Lippi de Oliveira. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A Questão Nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 141.

<sup>1055</sup> Tal inferência teria sido feita por Álvaro Bomilcar, conforme afirmou Lúcia Lippi de Oliveira. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Op. Cit., p. 141. Além dessa acusação, João Kropke e João Ribeiro teceram críticas a Afrânio Peixoto por causa do teor da obra de “ensino moral e cívico” *Minha Terra e Minha Gente*, que pretendia ser o livro didático de ensino de história nas escolas públicas do distrito federal. KOPKE, João. *Educação Moral e Cívica: A propósito de um livro didático*. **Revista do Brasil**. v.2, n.6, p.146-65, jun. 1916 e v.2, n.7, p.223-43, jul. 1916.

<sup>1056</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Trovas brasileiras...**, p. 5.

<sup>1057</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A Esfinge...*p. 209.

ambiciosa de cultura, dotada desse famoso gênio latino e dona dessa língua que há de ser a nossa glória de amanhã.”<sup>1058</sup>

Quando se deparava com episódios condenáveis efetivados por portugueses, Peixoto revirava-se para encontrar justificativas. Esse foi o caso da escravidão. Instituição condenada pelo médico, ele encontrou defesa para os portugueses alegando que “não tiveram outra escolha”. “Precisaram recorrer aos africanos, porque não puderam contar com o índio tresmalhado [...] Não foi para o Brasil que se inventou a escravidão. Todos os países antigos tiveram escravos [...] Era um comércio infame.”<sup>1059</sup> Desta maneira, para Peixoto, a história apresentaria um dos terrenos mais férteis para unir o povo brasileiro a uma imagem branca e europeia. Com esse intuito, o processo histórico que valorizava e ressignificava a cultura portuguesa entrou na narrativa literária do médico, instruindo os leitores numa nova “versão da história” e, ainda, aludindo a um possível “laço indestrutível” entre o povo brasileiro e o português.

Nas duas frentes que articulava para a construção de um país branco (de corpo e de alma) Peixoto esforçou-se na ressignificação histórica, que atrelava o Brasil a Portugal e na defesa da imigração europeia. Um último ponto sobre este assunto convém analisar. Em “Minha Terra e Minha Gente” Peixoto defendeu enfaticamente a entrada de imigrantes europeus. Na obra literária Peixoto alertava para os perigos presentes na imensidão de terras brasileiras e o vazio demográfico. A solução, conforme inferia, estaria no povoamento destes territórios que deveriam ser conduzidos pelo Estado a partir da imigração. Neste sentido, Peixoto instruíra seus leitores que não temessem a imigração e exortava efusivamente aqueles que se mostravam contrários a ela. Com sua verve ácida, Peixoto declarou em *Minha Terra e Minha Gente* que:

Hoje não é mais lícito que povos incapazes guardem uma terra que não sabem desfrutar, enquanto outros vivem apertados e famintos nas suas, depois de terem criado para todos a civilização que deram ao mundo generosamente. É justa a compensação- E, empertigado concluiu- Demos por bem antes que nos tomem por mal.<sup>1060</sup>

A atuação intelectual de Peixoto se firmou na defesa da imigração como solução para depurar o sangue negro nacional e criticava os que se posicionavam contrários daquele

---

<sup>1058</sup> Id.

<sup>1059</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Minha terra e minha gente...*, p. 118, 119.

<sup>1060</sup> *Ibid.*, p.230.

processo como “nativistas emperrados e patriotas de vista curta.”<sup>1061</sup> Conforme defendia Peixoto, os brasileiros não deixariam ser brasileiros abrindo a nação para os estrangeiros, pelo contrário, era necessário saber dar “o nosso país e a nossa nacionalidade, aos estrangeiros de bôa fê que o pedirem”.<sup>1062</sup>

Ao defender esta postura, Peixoto valia-se do preceito científico tão propagado por ele de que o meio fazia os indivíduos. Neste sentido, Peixoto afirmava categoricamente que os estrangeiros seriam convertidos à brasileira sem grandes esforços. Bastava deixar que o ambiente agisse sobre os indivíduos. “O Brasil de agora e o de amanhã- bradava - terá apenas de commum o passado, o meio physico e o aspecto móvel das gentes que se sucedem nelle, terra e história feita pelos interesses da vida, servidas pela mesma lingoa e por uma só cultura”.<sup>1063</sup>

Não era necessário, segundo sua perspectiva, temer a imigração se as políticas de governo se esforçassem em constituir a história da pátria, o orgulho e a obrigatoriedade da língua vernácula e a propagação da cultura nacional. Era nestes aspectos que a política de imigração deveria se concentrar antes de temer o suposto “perigo” dos estrangeiros.<sup>1064</sup> Não atentou o médico, naquele momento, para a vinda de outros povos eu não os de origem europeia. Somente depois de 1914 e findada a primeira grande guerra que Peixoto participará do debate que objetivava definir quem estaria apto a imigrar para o Brasil. Nos primeiros anos da década de 1910 o que parecia urgente ao intelectual era a vinda de pessoas, “para povoar o deserto”. E foi nesta ânsia de conseguir imigrantes que o médico declarou:

Venham então de onde vierem, de todos os cantos da terra, esses povos imigrantes serão transladados a Brasileiros pelo meio, a helleno-latinos pela civilização. Um povo nunca foi uma grande família ou uma seita immensa, mas somente uma identidade de espírito, manifestada num idioma commum. Não importa a origem, se há adopção dos que recebem, assimilação dos que são recebidos. A mesma raça se desune em povos diversos, a mesma religião não reúne povos diferentes: gregos, romanos, germanos, iberos foram assim. Serão assim os brasileiros. Uma nação, já se disse, é uma grande solidariedade, constituída pelo conhecimento dos sacrifícios feitos, dos sacrifícios ainda por fazer; resume-se, no presente, em facto concreto: o desejo, o consentimento inequívoco de continuar a vida comum.<sup>1065</sup>

---

<sup>1061</sup> Ibid., p. 228.

<sup>1062</sup> Ibid., p. 231.

<sup>1063</sup> Ibid., p.230.

<sup>1064</sup> Na obra *Minha Terra e Minha Gente* o médico escreveu uma longa nota de rodapé criticando o governo que não tomava nota do que estava ocorrendo em algumas colônias do estado de Santa Catarina, onde colonos alemães estavam fundando escolas na língua alemã e chegavam a escrever ofícios naquela língua. Isso representava um verdadeiro perigo: a frouxidão e incompetência dos governos em observarem e assistirem os imigrantes e não a mera entrada daqueles contingentes populacionais. Segundo Peixoto “Já ao Congresso brasileiro foram ter actas eleitorais redigidas naquelle idioma... É inacreditável e, entretanto, não move o governo do País...”. (PEIXOTO, Afrânio. **Minha terra e minha gente** ..., p. 130).

<sup>1065</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Minha terra e minha gente** ..., p. 231.

A defesa “de que poderiam vir de qualquer canto da terra” alterou-se profundamente a partir da década de 1920 e, frente a um novo cenário instaurado após a grande guerra. Se, até meados da década de 1910 o clamor era pela vinda de imigrantes, na década de 1920 haverá uma severa classificação para a entrada dos imigrantes no país. Thomas Skidmore e Joseli Maria Nunes Mendonça mapearam alguns debates surgidos no âmbito jurídico e na imprensa diária a partir de 1918 que demonstrou posicionamentos difusos daquela elite brasileira frente a um novo cenário migracional.

Segundo Skidmore, no primeiro quartel da década de 1920 uma série de reportagens foi publicada na imprensa diária referindo-se a concessão de terras brasileiras para estrangeiros.<sup>1066</sup> A demanda maior era por “braços fortes para o trabalho”. Às reportagens seguia-se de posicionamentos acirrados sobre as possibilidades de o Brasil receber contingentes de imigrantes. A grande questão que motivava os debates era sobre quais grupos pretendiam imigrar para o Brasil e sobre quem o país estaria disposto a receber, bem como quais deveria barrar. O argumento central para definir estes quesitos era, ao fim e ao cabo, a perspectiva de que os grupos imigrantes não prejudicassem o caldeamento branco das raças brasileiras, almejado pela elite.<sup>1067</sup> O debate adentrou o espaço dos parlamentares quando, em 1921 cogitou-se a possibilidade do Brasil receber um grupo de negros, imigrantes dos Estados Unidos.

O debate no âmbito jurídico, segundo mapeou Joseli Maria Nunes Mendonça, iniciou quando “diplomatas e legisladores brasileiros apavoraram-se diante da possibilidade de um grupo de negros norte-americanos imigrarem para o Brasil”<sup>1068</sup>, fato que estava diretamente relacionado com a divulgação, nos Estados Unidos, da ausência de distinções raciais na sociedade brasileira, afirmou a pesquisadora. O “perigo desta imigração” fez com que dois parlamentares – Andrade Bezerra e Cincinato Braga- apresentaram na Câmara dos Deputados um projeto de lei proibindo a entrada de imigrantes negros no país. No parecer elaborado para atestar a viabilidade da proposta de lei foi possível elencar, conforme demonstrou Mendonça, que os argumentos de defesa eram “ciosos da tarefa eugênica”. Os três juristas pareceristas entenderam que os negros norte-americanos eram “evidentemente nocivos à pátria”,

---

<sup>1066</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. Cit., p. 271.

<sup>1067</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. Cit., p. 271. MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Evaristo de Moraes**, tribuno da República. Campinas: Unicamp, 2007. p. 292.

<sup>1068</sup> Ibid., p. 291.

“ameaçariam a tranquilidade nacional” e transportariam em suas bagagens o germe da discórdia racial. Para Joseli Maria Nunes de Mendonça:

Com um “ajuste” no velho ideal de branqueamento, uma nova “ciência” se anunciava e propunha ajudar a natureza na obra de aprimoramento racial. Assim, a ação médica deveria agir, por exemplo, estimulando os “cruzamentos” que se mostrassem favoráveis ao “aprimoramento racial”, impedindo outros, considerados degenerados.<sup>1069</sup>

Nesta ocasião, Peixoto foi convidado para elaborar o parecer médico, que garantiria legitimidade às defesas efetivadas pelos parlamentares e analisadas pelos juristas. Sua defesa de que as portas do Brasil deveriam estar abertas para os imigrantes já apontava critérios bem definidos para “os elementos imigrantes”.

Peixoto posicionou-se veementemente contrário a entrada do grupo no Brasil. Segundo Thomas Skidmore, Peixoto teria enviado uma carta a Fidélis Reis, um dos parlamentares que se colocara contra a entrada dos imigrantes na qual ele afirmava que “a miscigenação, para ele, fora uma história infeliz”.<sup>1070</sup> O médico alegava que levaríamos ainda mais “trezentos anos para mudar de alma e alvejar a pele, e se não brancos, ao menos disfarçados, perdermos o caráter mestiço”<sup>1071</sup> e que, a entrada, portanto, de um contingente populacional negro era inadmissível. Na obra *Clima e Saúde* Peixoto recordou-se desse evento para reiterar que o Brasil não deveria pagar a dívida dos Estados Unidos, que em função do seu puritanismo não se livrara do seu contingente de negros e que, em 1921, apontara como um perigo para o nosso branqueamento quando, “quiseram se libertar dos seus pretos em nós. Felizmente para nós, eles ficarão [sic] nos Estados Unidos”.<sup>1072</sup> Ainda, segundo Skidmore a carta enviada por Peixoto finalizaria a sua defesa perguntando aos defensores da entrada daquele contingente de norte-americanos no Brasil: “...quantos outros séculos serão precisos para depurar-se todo esse mascavo humano? Teremos albumina bastante para refinar toda essa escória? Deus nos acuda, se é brasileiro”.<sup>1073</sup> A presença do mestiço de origem europeia era apontado pelo médico como o mestiçamento positivo, enquanto que a presença do mestiço em que prevalecia as características do negro era um dos maiores problemas da sociedade brasileira do tempo que ele viveu.

---

<sup>1069</sup> MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Op. Cit., p. 294.

<sup>1070</sup> PEIXOTO, Afrânio. Carta para Fidélis Reis. Apud: SKIDMORE, Thomas. Op. Cit., p. 272.

<sup>1071</sup> Id.

<sup>1072</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Clima e saúde* ..., p. 144.

<sup>1073</sup> PEIXOTO, Afrânio. Carta para Fidélis Reis apud SKIDMORE, Thomas. Op. Cit., p. 272.

#### 4.4.2 O Mestiço Nacional ou “A desforra de Cam”.

Diante de um processo histórico incontornável e de uma realidade racial inegavelmente miscigenada, Peixoto entendia que o branqueamento era a solução mais eficiente para os “males da raça”, conforme analisamos. Segundo o que acreditava grande parte da intelectualidade brasileira daquele momento, o processo do branqueamento já estava em curso no Brasil e resultaria, mais cedo mais tarde, numa mestiçagem positiva, de indivíduos que no processo de ação e reação com o meio encontravam-se em rápido e expansivo processo de adaptação.

Contudo, conforme detectara Afrânio Peixoto diante do “laboratório racial” brasileiro, prevalecia em nosso meio um indivíduo mestiço que se distanciava do branqueamento preconizado pelo médico. Seria ele tratava-se de um elemento “indefinido”, proveniente da mistura do branco com o negro escravizado e que, ao contrário do mestiço do branqueamento que cada vez se abasileirava “tanto no sangue quanto nas ideias”, essa outra categoria mestiça não estava se adaptava ao ambiente nacional.

No romance “Fruta do Mato”, de 1919, Peixoto tratou, como tema principal da obra, um cenário “recém-saído da escravidão” e onde as marcas daquela instituição se faziam presentes. Voltando-se para a antropologia médica que objetivava identificar não apenas os traços biológicos herdados pelas misturas raciais, mas também os traços de caráter, a obra de Peixoto ocupou-se em descrever o que ele chamou de “tipo mestiço brasileiro”<sup>1074</sup> e demonstrou o fortalecimento da sua posição política e científica que se mostrava contrária à entrada de contingentes populacionais de negros no Brasil, visto que a obra foi lançada em 1919, contexto em que o tema estava no auge do debate.

Segundo o médico, as heranças das raças não se restringiam apenas ao sangue, mas penetravam na “alma da nação”. Além da cor da pele, da textura do cabelo, do formato do nariz os africanos teriam transplantado características culturais de seus países de origem, que não se perderam durante o traslado e que, no processo de aclimatação, tornava a adaptação penosa e, por vezes, impossível. “Quanto maior a quantidade de sangue branco-defendia Peixoto- mais fácil se torna o depuramento da pele e da cultura”.<sup>1075</sup> Por este ponto de vista, parecia ao médico “natural” que os elementos resultantes do branqueamento se adaptassem mais facilmente à realidade do Brasil que era, segundo defendia o médico, herança europeia, de cultura branca. Já aos elementos em que prevalecia o sangue e a cultura

---

<sup>1074</sup> PEIXOTO, Afrânio. Fruta do mato..., p. 279.

<sup>1075</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Minha terra e minha** gente..., p. 234.



negra, o processo de adaptação e aclimatação, tornava-se muito mais penoso, afirmava Peixoto, em função das diferenças mesológicas e os contrastes psicológicos e culturais.<sup>1076</sup> Atentando unicamente para o fato de que a cultura proveniente da origem africana deveria ser abandonada em nome da cultura do país onde aportaram os africanos escravizados, Peixoto identificou o embate que ele vinha afirmando existir entre a raça e o meio. Os mestiços de origem africana estariam entrando em conflitos e embates, ao invés de adaptarem-se.

Esse foi o pano de fundo para a composição do cenário de “Fruta do Mato”: os embates travados entre uma antiga família aristocrática do litoral sul da Bahia, que ganhara a vida por meio do tráfico de pessoas, e a realidade política, econômica e social que o cenário da escravidão legou para a realidade brasileira. A família do Coronel Simões trouxera para os sertões baianos uma quantidade incomensurável de negros africanos, transformados em escravos, para trabalhar nas fazendas de cacau. Na obra Peixoto analisou a prática escravocrata e a justificativa econômica para tal atividade, bem como as consequências ou legados que aquele fato outorgou para compor o cenário brasileiro daquele momento.

Segundo a narrativa, o coronel Corre-Costa foi um dos mais terríveis traficantes de negros do estado da Bahia. O apelido teria sido adquirido pelas vezes sem conta que ele viajara para as costas africanas a fim de buscar “as peças mais preciosas” com que povoou sua fazenda e fez fortuna. Segundo a lenda que corria sobre a vida e a família do Corre-Costa, a fortuna adquirida a partir da violência, da ganância, das atrocidades fez com que toda aquela riqueza “ficasse amaldiçoada”<sup>1077</sup>. A população “rude e mística do sertão” considerava que “o coronel- para enriquecer e adquirir poder- fizera pacto com o diabo”.<sup>1078</sup> Passara uma vida de regalias e de luxúria, até que, nos últimos dias de sua vida, “o demônio assentou tenda na casa do Corre-Costa e, depois de torná-lo muito rico, veio cobrar a sua parte”.<sup>1079</sup>

Com efeito, segundo a narrativa, o coronel “trocava pessoas por miçangas, panos, armas, às vezes dinheiro”.<sup>1080</sup> Sem se importar com a dignidade das pessoas escravizadas, “o matuto, trancafiava-os em um pequeno e infecto navio negreiro, um brigue veleiro, e desembarcava a mercadoria, reduzida a metade, às vezes a quarta parte, em solo brasileiro”.<sup>1081</sup> Essa atividade foi feita por toda uma vida, afirmavam os interlocutores do narrador, moradores da pequena vila que se formara em torno das fazendas de cacau no sertão

---

<sup>1076</sup> Id.

<sup>1077</sup> PEIXOTO, Afrânio. Fruta do mato..., p. 323.

<sup>1078</sup> Id.

<sup>1079</sup> Ibid., p. 329.

<sup>1080</sup> Id.

<sup>1081</sup> Ibid., p. 329.

baiano. Todos estavam convencidos de que para fazer um trabalho destes “era preciso não ter coração, nem nervos, nem estômago. O Simões- declaravam os moradores em confissão- não tinha alma também”<sup>1082</sup>.

A obra foi narrada a partir da primeira pessoa. O observador daquela realidade foi um jovem, “culto, civilizado, fino,” recém formado bacharel em direito, chamado Dr Vergílio de Aguiar. Vergílio, que vivia em Salvador, viera até à região atraído pelo boato de que a Fazenda do Corre-Costa estava para a venda “por dez réis de mel coado”<sup>1083</sup>. A ironia referia-se ao preço quase simbólico que estaria custando às terras. “Dez mil pés de cacauzeiros frutíferos, outros tantos novos, de vários tamanhos, terras ainda a aproveitar, velho casarão, dependências, roçados nos fundos.... tudo por apenas dez contos de réis”.<sup>1084</sup> O bacharel, que pretendia encontrar um casamento e iniciar uma vida mais tranquila naquela região, viu na compra da fazenda a possibilidade para a concretização do seu sonho. Tão logo anunciou suas pretensões, foi bombardeado pelas informações referentes aos antigos proprietários e pelas histórias da fazenda. “Contava o vulgo” coisas horríveis sobre a fazenda do coronel Simões. Ao que parecia, a fazenda era mal assombrada, “castigo de Deus” pelas ruindades que praticaram seus donos com os negros escravizados:

Para termos uma ideia da ruindade dessa gente – afirmava dona Loló, uma sertaneja moradora da vila- que quando veio à lei Rio Branco, contam que a mulher do coronel declarara querer, com as suas próprias mãos, dar banho no primeiro “ingênuo” nascido na fazenda. Logo que lhe trouxeram um pobre inocente, acabado de nascer, afogou-o num tacho de água fervendo.<sup>1085</sup>

Em outras passagens, a personagem sertaneja lembrava-se que a neta da matriarca, a Joanhina Simões:

Desde pequena era uma pestezinha: queimava os moleques no terreiro, com tições acesos... A avó castigava os que não se deixavam queimar, para a menina se divertir com o chamusco. Assistia esfregando as mãozinhas, de contente, o suplício dos negros, pulando e batendo os pés, quando o “bacalhau” tirava trapos de carne ou o sangue esguichava das feridas dos pobres diabos açoitados.<sup>1086</sup>

Como se não bastasse, concluía a sertaneja na sua narrativa hedionda, “a avó quebrava os dentes de todas as negras que fossem bonitas ou tivessem um sorriso bonito, pra evitar que

---

<sup>1082</sup> Ibid p. 330.

<sup>1083</sup> Ibid p. 336.

<sup>1084</sup> Id..

<sup>1085</sup> Ibid p. 330.

<sup>1086</sup> Ibid p. 340.

o coronel se engraçasse”.<sup>1087</sup> Tanto fizeram, que tiveram o mereceram - continuava narrando dona Loló, tentando descrever a parte mais sinistra, que ainda estava por vir:

Um dia, as coisas foram revertidas: gritos e lamúrias não deixavam a família dormir na casa grande. Quando ascendiam as velas, não havia nada. Comida virava esterco dentro das panelas e baús inteiros de roupas queimavam-se sem que ninguém visse um chamusco. Antes que pensassem em “culpar a escravaria, o próprio demônio escreveu, com sangue, no alto da parede: Corre-Costa, tu e tua neta são meus! Assinado: Ramãozinho.”<sup>1088</sup>

O narrador “homem culto, da cidade” declarava, ao narrar tais acontecimentos, que não entendia “o linguajar e as superstições daquela gente”<sup>1089</sup>. Sem titubear, os amigos que fizera na vila lhe explicavam os detalhes do sertão. Contaram que “o diabo, por amor próprio, não poderia assinar-se “Pé de Pato”, “Sujo”, “Tinhoso” ou “Excomungado” como nós o chamamos- lhe palestrava um sertanejo-” por isso, quando o tinhoso precisa assinar alguma arte, chama a si mesmo de Ramãozinho.”<sup>1090</sup> Tal explicação, dita com ares doutorais, não deixava dúvidas de que quem fizera as artes era o próprio demônio, concluía rindo o narrador.<sup>1091</sup> Além desta história, dezenas de outras foram narradas para o bacharel, que ouvia sempre desconfiado, tentando entender de onde vinha um repertório tão fantástico, histórias tão disparatadas, que “povoavam a imaginação primitiva daquela gente”.<sup>1092</sup>

Conforme Vergílio foi declarando o seu desejo de comprar a fazenda do Corre-Costa, o pequeno núcleo de amigos que fizera, tentava dissuadi-lo do propósito. “É mal assombrada, por isso que vendem tão barato” - alegavam- “só os incautos ou afoitos comprariam uma terra amaldiçoada”<sup>1093</sup>. Por fim, lhe alertaram a não desafiar coisa séria e que não zombasse dos “fatos provados que ocorriam naquela fazenda”.<sup>1094</sup>

Todas essas histórias - filosofava o narrador- “era fruto da imaginação daquela gente ignorante, que transformava tudo em folclore, com uma ingenuidade que beirava a loucura”.<sup>1095</sup> Depois de muito “atinar” o bacharel compreendeu que o ambiente pitoresco daquela cultura, permeado por fetichismo e credices, era fruto “de uma escravidão apenas

---

<sup>1087</sup> Id.

<sup>1088</sup> Ibid., p. 341.

<sup>1089</sup> Id.

<sup>1090</sup> Id..

<sup>1091</sup> Id..

<sup>1092</sup> Id..

<sup>1093</sup> Id..

<sup>1094</sup> Id..

<sup>1095</sup> Id..

abolida, que perdurará nos seus efeitos ainda por alguns séculos”<sup>1096</sup> e concluía pesaroso que o regime escravocrata teria sido a “causa e razão de tantos dos nossos males. Fala-se do mal racial. Poucos atentava para este, o cultural”.<sup>1097</sup> A frase final do bacharel foi que “a abolição remiu os cativos, mas não nos tirou, nem do sangue, nem da alma, nem do caráter, nem dos costumes, o flagelo da escravidão.”<sup>1098</sup> Essas histórias “pitorescas”, permeadas de paganismo, misticismo, eram - segundo o narrador- o resultado imediato das consequências da presença negra no Brasil. A presença negra no Brasil, afirmava a narrativa literária de Peixoto e, principalmente, o resultado mais imediato daquela presença, o mestiço, era um dos grandes problemas da nação. O médico chamava a atenção tanto para a estrutura física do personagem quanto para as suas sutilezas psicológicas e culturais.

O primeiro propósito do autor foi definindo-se ao logo nas primeiras páginas da obra, na mescla entre o linguajar dos moradores da vila, as crenças propagadas, numa mistura indefinida de costumes e superstições até as consequências mais perniciosas da presença do mestiço, como um elemento no qual “não se podia confiar”.<sup>1099</sup> Esse mestiço, fruto do negro escravizado com o português, foi representado na obra pelo personagem Onofre Simões.

Onofre era o capataz da fazenda que fora abandonada pelos Simões quando os eventos inexplicáveis começaram a acontecer. Desde que o coronel e sua esposa morreram e a escravidão findara com a abolição, o capataz se prontificou a ficar na terra, a pedido herdeiros. Quando Vergílio foi visitar a propriedade, tentando comprá-la, a terra lhe foi apresentada pelo “feitor”, ou seja, o Onofre. Vergílio descreveu o primeiro encontro e a primeira impressão que teve de Onofre, da seguinte maneira:

Quando eu acabava de dar a volta à casa grande, examinando-lhe o aspecto reservado e sinistro, apareceu o feitor. Era um homem forte, espadaúdo, desempenado, tostado de sol e de raça, mestiço claro, disfarçado, sobreceño carregado sobre olhos móveis, que não fitavam de frente o interlocutor.<sup>1100</sup>

O bacharel esclareceu que diversos amigos tinham lhe alertado que tivesse cuidado com “aquele sujeito”. Ao que constava na “boca miúda” o capataz “era um homem misterioso”.<sup>1101</sup> O narrador apresentou então que, segundo se falava no sertão, “o Onofre era filho de um sobrinho do coronel com uma escrava e por isso ‘a sua graça’ era Onofre

---

<sup>1096</sup> Ibid., p. 334.

<sup>1097</sup> Ibid., p. 313.

<sup>1098</sup> Ibid., p. 314.

<sup>1099</sup> Ibid., p. 341.

<sup>1100</sup> Ibid., p. 371.

<sup>1101</sup> Id.

Simões”.<sup>1102</sup> Não teria sido reconhecido no seio da família, esclarecia o narrador, “como era o caso frequente nos hábitos da escravaria no Brasil”<sup>1103</sup>, mas fora criado como livre, tendo acesso à casa grande. Conforme tornara-se moço, o coronel foi lhe atribuindo funções que ele executava com maestria e dedicação. Um dos trabalhos realizados com maior desvelo era o de “executar escravos desobedientes”.<sup>1104</sup>

A linguagem de Onofre “era ácida, maldosa e ele nunca encerrava seu interlocutor de frente. Estava sempre dissimulando, desviando o olhar”<sup>1105</sup> - declarava o Virgílio compondo um quadro psicológico de Onofre. Conforme as relações entre o personagem Vergílio e o Onofre se estreitaram, o jovem advogado descobriu estarecido que Onofre sentia prazer castigar os escravos, função que adquirira na fazenda.<sup>1106</sup> Isso chamara a atenção do jovem doutor. Porque um homem que em tudo parecia negro, que tivera sua mãe negra, tratava os negros de forma impiedosa? Que mecanismo gerava isso? – perguntava-se o personagem ensimesmado. Conforme convivia com o capataz Vergílio julgou que compreendera o enigma, que decifrara o mistério para as questões lançadas por ele. Virgílio afirmou que:

Como se explicava no executor da justiça, -bárbara, desumana, mas justiça da escravidão- essa revolta contra os juízes, de quem era mandatário ou justiceiro? E não era piedade das vítimas porque a pena era aplicada sem escrúpulo e até com excesso. Depois de refletir um instante nessa antinomia, o narrador acreditou ter chagado a um veredicto: Creio que lhe achei razão. Onofre é mestiço!<sup>1107</sup>

Diante da conclusão, o jovem advogado conceituou o que ele entendia por mestiço e como isso justificava os atos de Onofre:

O mestiço é um ser ambíguo, transitório, em que duas raças ainda se digladiam num homem, quase um híbrido: resulta que despreza o negro, que já não é, mas cuja inferioridade ainda o envergonha, e inveja o branco que não chegou a ser, e de cuja superioridade, se vinga, detraindo, rebaixando-o à própria condição... Daí odiar os dois.<sup>1108</sup>

A essa conclusão o narrador, num sobressalto, julgou ter entendido grande parte dos problemas enfrentados pelo Brasil para a sua constituição nacional e afirmou convicto que “um dos nossos maiores problemas é a existência deste ‘ser ambíguo’ que não se identifica

---

<sup>1102</sup> Id.

<sup>1103</sup> Ibid., p. 447.

<sup>1104</sup> Id.

<sup>1105</sup> Id.

<sup>1106</sup> Ibid., p. 375.

<sup>1107</sup> Ibid., p. 366.

<sup>1108</sup> Ibid., p. 376 e 377.

com nenhum lado, que odeia a todos e a si mesmo”.<sup>1109</sup> Tal conclusão inferia diretamente na ideia de que esse tipo de mestiço estava em luta frequente e constante contra o meio no qual ele se encontrava, contra as estruturas que ele tinha, contra a cultura que ele não queria compartilhar. A todo esse grupo de coisas, o personagem Virgílio confirmou que:

Lembraram-me os infinitos mestiços que andam por ai além, por êste Brasil, e cuja psicologia, só pode ser esta: rancor mais ou menos declarado a todas as virtudes, méritos, talentos, instituições, costumes, dos brancos, ainda hoje em dia, como outrora o votaram aos outros, seus parentes os pretos. Teremos que sofrer a ação corruptora dêles, na família, na sociedade, nas letras, na política, no trabalho, nas instituições, até que se disfarcem ou se depurem, ou se misturem completamente na raça branca. A civilização branca tem no Brasil, ainda por trezentos anos, seus inimigos latentes na mestiçagem em que vamos purgando os milhões de africanos do tráfico. É a desforra de Cam.<sup>1110</sup>

A conclusão a que chegara o personagem peixotino era bastante significativa para aquele contexto. Desde finais do século XIX que a perspectiva de que a escravidão fosse uma maldição para o povo africano, se cumprindo através dos milênios estava presente naquela intelectualidade. A passagem bíblica a que se referenciou o personagem de Afrânio Peixoto aparece no livro de Gênesis, em que Noé amaldiçoou toda a descendência de seu filho Cam (Caim) a tornar-se escravo de seus irmãos Sem e Iafet. Cam teria exposto a nudez de seu pai Noé, levando-o a vergonha.<sup>1111</sup>

Segundo Tatiana Lotierzo “as exegeses do *Genesis 9* promovem uma transformação significativa do episódio escritural”.<sup>1112</sup> Segundo a pesquisadora, a principal modificação se deu entre o final da Idade Média e o início da era moderna. Num momento de expansão da Cristandade ocidental rumo à África, à Ásia e, posteriormente, às Américas, a passagem passa a ser utilizada como justificativa para a escravidão dos africanos, vista como “natural” pelos europeus. Segundo Lotierzo:

O mecanismo que permite tal modificação estrutural é que a pele de Cam (e seus descendentes) se torna, nessas interpretações, negra. Ao mesmo tempo, Sem passa a ser associado à Ásia e Iafet é descrito como branco. Como se vê, há um claro discurso que usa cor como marcador e assim associa tonalidades a hierarquias históricas e políticas.<sup>1113</sup>

---

<sup>1109</sup> Ibid., p. 377.

<sup>1110</sup> Id.

<sup>1111</sup> LOTIERZO, Tatiana. **Contornos do (In) Visível: “A Redenção de Cam”, racismo e estética na pintura brasileira do último oitocentos**”. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 2013, p. 60.

<sup>1112</sup> Id.

<sup>1113</sup> Id.

Talvez a literatura brasileira que emergiu diante dos debates e do processo de abolição da escravatura tenha sido a primeira manifestação a refletir sobre a perspectiva da “maldição de Cam” com elemento explicador da escravidão. Conforme apresentou Alfredo Bosi, a partir de finais do século XIX, particularmente com os movimentos da chamada “segunda maré liberal”, proposta pela Escola do Recife e com as atitudes críticas dos realistas e dos naturalistas, a fisionomia do Brasil “iria perdendo aquele caráter de eterno viço tropical para deixar ver os sulcos de um povo carente, dividido em raças e classes”.<sup>1114</sup> Por mais paradoxal que pareça, afirmou Alfredo Bosi, foi justamente com o mito da danação de Cam e seus descendentes que o vate libertário de 1868 deu forma poética a “Vozes d’África”, de Castro Alves, por exemplo.<sup>1115</sup>

Os debates provenientes da inserção do negro na sociedade pós-abolição resgataram, segundo Bosi, o pecado bíblico para explicar a experiência escravocrata. Castro Alves teria sido, segundo o crítico literário, um dos primeiros brasileiros a compadecer-se da situação ao mesmo tempo em que inscrevia o destino dos africanos na esfera do mito e acabava “por reiterar e justificar o irremediável da condição escrava.”<sup>1116</sup> A naturalização mítica da escravidão foi a estratégia assumida pelo poeta da abolição para levar a cabo o grito a favor das *Vozes d’África*, afirmou Bosi. Essa explicativa bíblica perdurou por muito tempo no pensamento social brasileiro que tentava alocar o amálgama da escravidão e se apresentou por meio de diferentes metáforas.

Outro exemplo da permanência desta perspectiva explicativa pode ser observada na pintura de Modesto Brocas, realizada em 1895 que recebeu o título de “A Redenção de Cam”. “A imagem é um retrato de família marcado pelas distintas gradações de cor na pele das personagens – do marrom escuro (“negro”) da avó, ao “branco” do neto e de seu pai, passando pela mãe, morena, cuja tez adquire na tela um tom dourado”<sup>1117</sup>. A redenção de Cam, tanto na obra quanto no pensamento social daquela elite brasileira de finais do século XIX no Brasil, se daria pela teoria do branqueamento, que analisamos no item anterior. O castigo estava sendo redimido pela introdução de sangue branco nos “descendentes de Cam” que, libertos juridicamente da escravidão, conquistariam também “a liberdade étnica”, clareando a pele.

O quadro de Modesto Brocas apareceu pela primeira vez por ocasião da Exposição Geral de Belas Artes realizada em 1895, no Rio de Janeiro e foi o ganhador da medalha de

---

<sup>1114</sup> BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo. Companhia das Letras, 1992. p. 248.

<sup>1115</sup> Id.

<sup>1116</sup> Ibid., p. 249.

<sup>1117</sup> LOTIERZO, Tatiana. Op. Cit., p. 137.

ouro do evento. Em 1911 João Baptista de Lacerda tomou a pintura como significativa para a sua análise do branqueamento racial, exposto no Congresso Universal de Raças. Conforme demonstrava a tela e reiterava o diretor do Museu Nacional, em três gerações o Brasil estaria livre da “maldição de Cam” que insistia em permanecer na pele dos nacionais.

A mesma perspectiva bíblica foi retomada e ressignificada por Afrânio Peixoto, ao analisar o mestiço brasileiro. Se a escravidão era uma maldição e se o branqueamento fazia a redenção, a presença do mestiço na sociedade brasileira era, segundo o médico, a sua desforra. O castigo recaía sobre o Brasil como um todo e em diversos espaços, afirmava o narrador de *Fruta do Mato*. Os filhos de Cam tomavam a sua compensação, vingando-se da nação que os escravizara. Segundo Peixoto, os negros cobravam a sua parte naquele processo hediondo que fora a escravidão, “vingando-se com uma miscigenação irreversível”, que “corroeria as entranhas da nação” e, por vezes condenava o país a não possuir futuro, lastimava o personagem Virgílio.<sup>1118</sup> O destino do brasileiro estaria, segundo essa afirmativa do personagem, em “purgar lentamente essa corrupção. Esse era o nosso castigo... E rezássemos- alertava Virgílio- para não morrermos da infecção...”<sup>1119</sup>

Quando levado por Onofre para conhecer a senzala, ainda recheada dos instrumentos de suplício e de sofrimento “que permaneciam inertes na senzala, mostrando uma página tão recente da nossa história”<sup>1120</sup>, era possível confirmar, alertava o narrador, que “os castigos foram tremendos, horríveis, inomináveis. Às vezes apenas a morte punha fim a tanto sofrimento”<sup>1121</sup>, declarava taciturno o bacharel. Contudo, longe de comover-se com tais cenas, o que aquele cenário comprovava para o Dr Vergílio era de que a selvageria com que os negros escravizados foram tratados teria se revertido em castigo infligindo diretamente no sonho de um Brasil branco. Neste ponto o personagem Vergílio lançou a seguinte declaração:

O que o Brasil sofre, de degradação familiar, social, cívica, religiosa, moral, política, por influxo da escravidão africana, vinga o martírio de uma raça, nos quatro séculos em que ajudou a criar a nossa nacionalidade. A escravatura fôrra em 88 nos terá, talvez indefinidamente, sob a vergonha das suas prêsas.<sup>1122</sup>

Talvez os rompantes de ferocidade com que Vergílio observava o mestiço e as justificativas que buscava para explicar a sua existência e, por extensão, interpretar a situação da nação brasileira naquele contexto sejam uma amostra da maneira como aquela elite médica

---

<sup>1118</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Fruta do mato...*, p. 377.

<sup>1119</sup> Id.

<sup>1120</sup> *Ibid.*, p. 379.

<sup>1121</sup> Id.

<sup>1122</sup> *Ibid.*, p. 378.



e científica lidava com a recente questão da escravidão no Brasil. Não era possível defender um processo tão danoso ao ser humano, com vistas nas perspectivas liberais que grande parte daquela intelectualidade propagava. Para Peixoto, essa questão tornava-se ainda mais incômoda na medida em que ele pretendia defender a colonização portuguesa. Neste sentido, a grande questão frente ao mestiço do português com o negro escravizado passava, para Peixoto, por buscar uma estratégia que absolvesse os portugueses dos males da escravidão ao mesmo tempo em que redimisse a sociedade das consequências culturais que o processo provocara. O mestiço representava, portando, o elemento de maior embate na aclimação nacional.

Contudo, conforme acreditava o médico, “as variações dos tipos humanos” estariam em processo de “homogeneização da raça, num dia vindouro.”<sup>1123</sup> A raça, completava Afrânio, “é uma milenária adaptação ou reação. Adapta-se ou reage”.<sup>1124</sup> O mestiço nacional estava neste embate. Só o futuro mostraria quais seriam os resultados maiores (se a adaptação ou a reação). Cuidando para que o resultado fosse aquele que melhor convinha com seus interesses políticos, a advertência do médico era para que aquela intelectualidade não ficasse meramente observando o que estava por vir, mas cuidasse, cerceasse, educasse, organizasse os elementos nacionais para o futuro promissor que almejavam. Porque, além da miscigenação biológica, Peixoto acusava o elemento mestiço de oferecer o perigo da “corrupção moral” e da “degradação cultural”. Tal postura se intensificou sobremaneira após o início da Era Vargas e as concomitantes políticas voltadas à miscigenação cultural, efetivadas a partir da década de 1930. Ao que parece, no contexto cultural, particularmente o literário, estes preceitos já fervilhavam. A obra *Fruta do Mato* esboçava uma possível estratégia de Peixoto, a de prevenir seus leitores contra o crescimento dos posicionamentos que inferiam ao Brasil a multiculturalidade. Peixoto vislumbrava estes contornos e negava-se a aceitar.

Em 1938, quando as políticas culturais do Estado Novo mostraram-se amigáveis com as manifestações da cultura afro-brasileira e indígena, Peixoto esbravejou contra aqueles posicionamentos e ampliou a sua defesa de que o mestiço era o grande mal nacional. Neste momento Peixoto decretou que a mestiçagem mais nociva não era a de pele, facilmente contornável, mas a mestiçagem psicológica, aquela que encontrava méritos na presença do africano na sociedade brasileira. Em tom cada vez mais agressivo, Peixoto acusou que havia entre os seus pares, “indivíduos que se consideravam castiços, mas eram mestiços, se não de

---

<sup>1123</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Clima e saúde...*, p. 42.

<sup>1124</sup> *Ibid.*, p. 46.

sangue, ao menos de alma.”<sup>1125</sup> Tais indivíduos representavam, segundo indicara o médico, todos aqueles intelectuais que se posicionavam contra o projeto de nacionalização via origem ibérica, defendido por ele. Peixoto os acusou de “odiarem a raça materna”<sup>1126</sup> e que isso os tornava “mestiços” porque, segundo ele, “uma das características do mestiço é o ódio a seus progenitores.”<sup>1127</sup>

Clamando, cada vez com mais ênfase que o Brasil se tornasse branco, Peixoto advogou que só “seriam brancos aqueles que não se revelam escuros na alma.”<sup>1128</sup> Por fim o intelectual esclareceu que, tanto a sua postura quanto aqueles que defendiam o valor da contribuição do negro africano para a multiculturalidade brasileira, estavam se posicionando politicamente. Tratava-se portanto, de lutas ideológicas que visavam fazer vencer um projeto de Brasil, uma pretensão intelectual. Na obra *Clima e Saúde* Peixoto utilizou-se de sua legitimidade científica para decretar que era inútil “exagerar na importância deles [os negros] para afrontar o branco português” e, - continuava- “no Brasil a grande raça, a que assimilou, e se depurará das outras duas que são indesejáveis, apenas por incultura e fealdade, é a raça branca. Queira ou não queira a política.”<sup>1129</sup>

O posicionamento autoritário, excludente e enfático de Peixoto alegava que a “depuração” do legado africano deveria se dar por meio do processo educativo que valorizasse o padrão branco, europeu, ibérico. Tais premissas foram amplamente divulgadas nas suas obras literárias. Evocando a tese apresentada por João Batista de Lacerda nos idos de 1911, Peixoto decretou que o Brasil do futuro, o povo em devir seria branco de corpo e de alma. “Em duzentos anos seremos todos brancos - declarava o médico - E sem as veemências patrióticas, e outras taras psicológicas, que nos coloram de pardo, os sentimentos e as ideias”<sup>1130</sup> A literatura de Peixoto foi um projeto que intentava demarcar e amplificar estes posicionamentos. Era sobre isso que os seus personagens e a sua narrativa tratavam, tomando a literatura como “a arte de divertir, comover ou ensinar pela linguagem”<sup>1131</sup> o médico deixou registrado as estruturas do país que ele intentava construir. Nada mais elucidativo de que se tratava de um projeto político.

---

<sup>1125</sup> Id.

<sup>1126</sup> Id.

<sup>1127</sup> Ibid., p. 142.

<sup>1128</sup> Ibid., p. 141, 142.

<sup>1129</sup> Ibid., p. 141.

<sup>1130</sup> Ibid., p. 139.

<sup>1131</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Minha terra e minha gente**. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916. p. 67.

#### 4.4.3 “O Brasileiro” ou “O Elemento Vindouro”.

Toda a obra literária de Afrânio Peixoto é percorrida por imagens, alegorias e metáforas de um universo cultural pautado numa educação clássica, bacharelesca, retórica com a qual Peixoto havia se formado e professava. Nos parece que, para Peixoto recorrer a mitologias era uma maneira de referenciar ao leitor o conhecimento erudito de obras universais além de inserir o leitor num universo constituído pelo patrimônio cultural já consolidados sobre aquelas metáforas.

Exemplos desta intenção podem ser notados a partir das diversas inferências feitas por Peixoto para exemplificar situações vividas ou observadas pelos personagens das suas obras, acerca da realidade brasileira. Não à toa que a projeção do brasileiro que estava por vir, retratado pelo personagem Paulo de Andrade na figura de um menino, filho de pais italianos e aclimatado à brasileira recebeu o título de “Ágora”- o menino era, por meio da metáfora, a reunião das raças brasileiras que formariam o tão sonhado povo nacional, condição primordial para o nascimento do Estado esperado pelo médico.<sup>1132</sup>

Na obra “Fruta do Mato” (1919), Peixoto recorreu mais uma vez a exemplos míticos para exemplificar a sua posição frente à miscigenação, retratada por ele a partir da narrativa bíblica da “maldição de Cam”, conforme apresentamos. E, foi ainda no romance “A Esfinge” (1911), que o médico definiu e exemplificou mais uma de suas ideias referentes à situação do país que ele vivenciava e as possibilidades projetadas para o futuro. Trata-se de outra obra elaborada pelo personagem escultor, o Paulo de Andrade. Desta vez a peça foi intitulada “Prometeu”. Quando confessou que pretendia esculpir o Prometeu, o artista declarou a seu interlocutor, o Dr Lisboa, que “lhe repugnavam obras de arte cheias de apreensões e de símbolos: as mais profundas e persuasivas eram aquelas que transmitiam ideias”.<sup>1133</sup> Na intenção, portanto de fixar uma ideia, o personagem peixotiano declarou que esculpiria “o Prometeu, não um deus ou ainda um herói como o de Ésquilo ou de Goethe, mas um homem de compleição robusta, harmoniosa, de atitude decidida e enérgica.”<sup>1134</sup>

Depois de declarada a pretensão, Paulo de Andrade iniciou os trabalhos. Faria a peça em mármore porque intentava que ela perdurasse, “por muitos anos, como representativa

---

<sup>1132</sup> Essa ideia de Ágora foi elencada na tese de Alfredo Julien como sendo a definição elencada na Grécia Clássica, inspirada nas obras de Homero. Ver: JULIEN, Alfredo. **Ágora, Dêmos e Laós: Os modos de figuração do Povo na Assembleia Homérica- Contradições, ambiguidades e indefinições.** Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006.

<sup>1133</sup> PEIXOTO, Afrânio. A Esfinge..., p. 95.

<sup>1134</sup> Ibid., p. 96.

daquele momento”.<sup>1135</sup> O narrador descreveu “a magnífica obra” que surgia das mãos do escultor personagem:

Um homem de mais de dois metros de altura, com duas asas possantes ensaiavam voar, explicadas, como vencendo o ar imóvel. Os olhos fitavam de frente e fixamente, para o longe, como se quisessem aproximar o horizonte. Na fronte desdobrava-se a aspiração insubmissa de uma conquista... Na cabeleira revôlta assanhavam-se ímpetos de vontade rebelde e dominadora. Quem o contemplasse assim não duvidaria um instante que êle se poderia altear para o seu sonho, num vôo ousado e irreprimível, atingindo o seu destino.<sup>1136</sup>

Paulo de Andrade confessara ao seu interlocutor que “o único merecimento de um artista era dar aos outros homens a certeza de um pressentimento”<sup>1137</sup>. O personagem não declarou a sua metáfora, mas possivelmente o Prometeu fosse o Brasil: um país portentoso, grande, gigantesco, com todas as condições necessárias para alçar voo e “aproximar o horizonte”. Entretanto, por uma ironia, o corpo gigante do Prometeu “descia duro, pesado, bárbaro a afundar-se pelos pés calosos e grosseiros na gleba originária, aglutinada e coesa, como um grilhão que os prendesse indissolúvelmente à contingência terrena...”<sup>1138</sup> Por maiores que fossem as possibilidades e as pretensões de Prometeu, seus pés portentosos estavam atolados na lama que os prendiam, impedindo o voo majestoso: o Prometeu estava irremediavelmente a atolar-se na terra. “Vendo-o daí- descreveu o narrador- tinha-se a certeza dolorosa de que êle ficaria pisando o lôdo abjeto, chumbado, a irremovível miséria... Nessa antinomia divina e monstruosa, estava o pobre Prometeu que deseja voar e é condenado a arrastar os pés na lama...”<sup>1139</sup> Segundo o narrador, o Dr Lisboa- interlocutor do escultor- ficou consternado diante daquela visão e perguntou, “- O Prometeu se emancipará um dia... voará por fim? Nos seus olhos, na sua frente, nas suas asas há desejo e ambição que não podem perecer!”<sup>1140</sup>

Considerando o contexto de escrita do romance e o tema principal da obra, o que criava o lodo no qual estava calcado o Brasil era a variedade étnica racial da nação, bem como o descaso político que os agentes republicanos dispensavam à formação nacional, presente constantemente nas denúncias efetivadas pelo médico. O Brasil era um país de vastas possibilidades que se prendia estático, inerte e acorrentado no impedimento do voo

---

<sup>1135</sup> Ibid., p. 95.

<sup>1136</sup> Ibid., p. 96.

<sup>1137</sup> Ibid., p. 95.

<sup>1138</sup> Ibid., p. 96.

<sup>1139</sup> Id.

<sup>1140</sup> Id.

emancipador. Naquele momento, o Brasil estava estático. Mas havia grandes possibilidades no devir. O futuro poderia retirar os pés do Prometeu da lama.

Segundo a perspectiva propagada pelo médico, tanto o Brasil quanto o brasileiro estariam por vir. Somente o futuro poderia deliberar sobre as condições de emancipação nacional. Essa premissa perpassou toda a produção intelectual de Peixoto e é significativa para entendermos as intervenções do intelectual no contexto literário.

De acordo com outros intelectuais do período, Peixoto projetou a emancipação nacional para um futuro próximo, quando “o caldeamento das raças” tivesse se processado e para o momento em que o brasileiro tivesse sido instruído e educado e, conseqüentemente, soubesse escolher o seu destino dentro daquilo que fosse também o melhor destino para a pátria. Para Peixoto o único caminho para a construção do brasileiro dos próximos anos era o esforço coletivo daquela intelectualidade em alterar ou destruir o lodo que prendia os pés e agrilhoava a nação.

Na obra “Minha Terra e Minha Gente”, de 1916, o médico chegou a desafiar os brasileiros a “arregaçar as mangas”, a deixar de ser “discursadores vãos, poetas e escrevinhadores visionários, parasitas das classes improductivas”<sup>1141</sup> e iniciar projetos efetivos, que considerassem as realidades práticas, preparando “no Brasil de hoje, o Brasil de amanhã.”<sup>1142</sup> Cumpria, segundo o médico, “educar o brasileiro de fora para lhe dar consciência de si e dar a todos uma consciência nacional.”<sup>1143</sup> O processo que levaria a conquista daquele brasileiro, projetado por suas pretensões, era a ampliação da educação e uma efetiva atividade instrucional. Segundo Peixoto, era urgente:

Mostrar-lhe [aos brasileiros] suas origens de espírito e civilização para que as preze e as saiba honrar; as suas origens mesológicas e ethnográficas para que as saiba conhecer e aperfeiçoar. Contar-lhe a sua história, para que do passado algum bem possa colher e aplicar, com o proveito, no presente e por prevenção, no futuro.<sup>1144</sup>

Por meio da educação seria efetivada a parte mais importante para a emancipação do brasileiro no futuro. A instrução daria ao nacional a consciência da pátria e tornaria cada indivíduo consciente de si, lutando, num esforço coletivo, para o futuro grandioso que estava sendo preparado para o Brasil. Flávio Edler identificou essa característica de Afrânio Peixoto presente na leitura da obra História do Brasil, escrita em 1940. Segundo o pesquisador,

---

<sup>1141</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Minha terra e minha gente...**, p. 232.

<sup>1142</sup> Id.

<sup>1143</sup> Id.

<sup>1144</sup> Ibid., p. 233.

Peixoto julgava ser natural que não tivéssemos ainda uma democracia, visto que o povo precisaria ser educado para exercer o direito de escolher os seus representantes.<sup>1145</sup> Esta ideia colaborava com aquela que entendia estar no futuro à efetivação de um governo do povo.

O segundo aspecto a ser forjado por aquela intelectualidade era, segundo apontava o médico, “a homogeneização da raça”.<sup>1146</sup> O brasileiro do futuro precisaria marchar em unísono, propagando e ampliando uma cultura autêntica, forjada na realidade sertaneja e alinhavada com a branquitude ocidental e europeia.

Para defender e justificar tais propósitos, o médico declarava que “o desnivelamento das raças no Brasil era menos pigmentar do que cultural. Será branco todo aquele que tiver a culta alma branca”.<sup>1147</sup> Os esforços do médico se detiveram, portanto, em constituir os elementos que legariam a todo o futuro brasileiro aquela alma branca, almejada pelo seu projeto intelectual de intervenção política.

Segundo estas premissas, uma das ideias recorrentes nas escritas de Peixoto era que grande parte das estruturas que formariam a nação brasileira estavam por serem feitas. Nos parece que um dos propósitos de Peixoto, ao escrever os romances literários, era o de definir e determinadas instruções, demarcar exemplos e construir modelos que direcionasse os brasileiros para aquela nação por vir.

Foi ainda o personagem Dr Lisboa que propagou as ideias de Peixoto sobre as a realidade atual e as possibilidades de futuro, calcados na cultura e na instrução. Segundo o personagem “a terra ‘larga e grossa’ que conheceu o Padre Nóbrega, persistiria ainda e deveria persistir assim por outros tantos anos: a civilização do asfalto e do arco voltaico não muda caráter nem improvisa cultura”. A denúncia do personagem atacava os pares de Peixoto que empenhavam-se nas alterações físicas da estrutura política da Primeira República, segundo personagem não bastavam alterações nas estruturas materiais para a formação de uma grande nação. Era imprescindível o investimento em cultura e em educação. Segundo acreditava o Dr Lisboa, somente um amplo e intensivo investimento cultural faria “daquele rebotalho surgir, adiante, raças e estirpes refulgentes como as mais gloriosas do mundo...”<sup>1148</sup> Visualizando um futuro promissor o personagem aconselhava a seu interlocutor que não se desesperasse do país, alegando que “o Brasil seria, um dia, terra de um grande povo...”<sup>1149</sup>

---

<sup>1145</sup> EDLER, Flávio Coelho. Afrânio Peixoto..., p. 177.

<sup>1146</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Clima e saúde** ..., p. 144.

<sup>1147</sup> Id.

<sup>1148</sup> PEIXOTO, Afrânio. A Esfinge..., p. 213.

<sup>1149</sup> Id.

Em *Maria Bonita* (1914), o personagem protagonista da obra também esboçava suas aspirações com um futuro próximo, alegando que naquele momento era necessário que todo o brasileiro se detivesse em “plasmear as aspirações esparsas da nossa nacionalidade, apenas esboçada para o dia, adiante, quando o Brasil se deve apresentar no futuro, já consciente do seu destino.”<sup>1150</sup> A função de plasmar a nacionalidade estava sendo feita naquele momento, acreditava o médico, pela sua geração.

Para preparar “o brasileiro do futuro, digno desta terra”<sup>1151</sup> era necessário, segundo os apontamentos do personagem literário, conhecer os aspectos fundamentais da formação nacional. E, afirmava Peixoto, “ainda não somos uma raça definida. Ainda não temos uma cultura definida e isso não se faz depressa, e não se constituirá talvez tão cedo, pois que misturas incessantes se operam, graças à imigração, de sorte ser difícil professar o que será.”<sup>1152</sup> Uma das ferramentas para “plasmear” o futuro estaria, segundo indicou Peixoto, e, em ressignificar o passado.

Ao descrever o Brasil do seu tempo Peixoto alertava seus leitores para esse caráter provisório dos nacionais. Estariam todos, afirmava o médico, em processo de formação e, por isso, “mal feitos”. Numa daquelas famosas recepções oferecidas pela elite carioca da belle époque, dois personagens de Peixoto desfilavam, em uma festa bastante concorrida:

O Anibal, dançarino profissional, sentia-se irritado por lhe roubarem espaço e compostura e lastimava-se ao outro, desatento: - não são festas onde a gente venha se divertir... – vem mostrar que foi convidada. – quase sempre a pedido. – é natural, povo triste e inculto que não sabe e não pode ainda distrair-se como os outros. Outrora eram só festas de igreja; agora nas capitais o carnaval e as manifestações políticas. As danças e o *buffet* em casa alheia ou pública, são por isso requinte a que tôda a gente aspira... e é isto.<sup>1153</sup>

Ao descrever, de maneira despeitada as recepções da gente chic, o personagem dançarino reclamou que “deveria haver mais qualidade nas festas.” Ao que foi inferido pelo personagem Macedo: “- Que espécie de seleção você quer fazer? – de gente fina, digna capaz de conviver conosco. – não haveria gente para encher uma sala. Talvez nem nós estivéssemos aqui!”<sup>1154</sup> De forma irônica, Peixoto interpelava, por meio de seus personagens, nos hábitos de passagem, nas estruturas mal formadas, nos costumes ainda cambiantes que observava

---

<sup>1150</sup> Ibid., p. 82.

<sup>1151</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Minha terra e minha gente** ..., p. 234.

<sup>1152</sup> Ibid., p. 215-216.

<sup>1153</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A Esfinge*..., p. 202.

<sup>1154</sup> Id.

naquele contexto. Tais constatações foram estendidas para uma análise da situação de toda a população brasileira, de todo o Brasil. Continuou o narrador:

Todos tinham uma origem apressada e obscura de ontem, sem o trato e o polimento necessário, que não se supre por um traje e por um ambiente de festa. Eram todos *parvenus* tanto na sociedade, como na civilização. Se exigissem para relações gente de ascendência apurada, de probidade segura, de polidez afinada, não lograriam aqui conhecidos: ser-se-ia estranho a si mesmo. Um caos de formas transitórias. Quando muito, as aparências iludiam. Os condes papalinos sem decência, os viscondes portugueses de importação, os banqueiros traficantes, os doutores charlatães, os industriais protegidos pelas tarifas, os militares-burocratas que esperam as promoções, os funcionários parasitas do tesouro (...) eram um índice de uma sociedade em formação, vinda de degredados, bandeirantes, exploradores, negreiros, caixeiros-viajantes... para os quais aquém do equador, tudo é mais ou menos permitido... *Ultra equinoxialem non peccavi...* foi a moral que nos trouxeram os colonizadores.<sup>1155</sup>

Sobre esse quadro de coisas, concluía o narrador, esperançoso e otimista que “desse humo, detrito e rebotalho em fermentação, sairão certamente, adiante, raças e estirpes, refulgentes como as mais gloriosas do mundo, que assim começaram. Não se impacientasse, pois, o Brasil seria, um dia, terra de um grande povo...”<sup>1156</sup>

---

<sup>1155</sup> Id.

<sup>1156</sup> Ibid., p. 203.



## CONCLUSÃO

Das páginas dos romances de Afrânio Peixoto emerge um retrato de Brasil que dialogou intensamente com o contexto científico, político e cultural no qual o seu autor estava inserido. Pautado nas estratégias de “educar, divertir e nacionalizar” os romances literários escritos por Afrânio Peixoto entre os anos de 1911 até 1929 demarcaram estratégias de intervenção social, que visavam à emancipação nacional, à elaboração de um retrato da identidade da nação daquele momento histórico e à preparação do Brasil do futuro. Mais do que registrar “aquilo que poderia ser”<sup>1157</sup> Peixoto ocupou-se em demarcar o Brasil que ele, a partir das suas perspectivas de mundo, gostaria que fosse. Para Afrânio Peixoto a literatura não era uma mera ocupação do espírito, mas um instrumento de ação política.

Neste sentido, todas as obras literárias do médico intentaram elaborar um diagnóstico do Brasil do seu tempo, pautadas numa perspectiva científica de mundo e numa militância nacionalista. Ao escrever literatura Peixoto fez emergir um conjunto de diagnósticos que pretendia refletir sobre as especificidades do Brasil, tanto nos seus aspectos políticos, culturais, econômicos, étnicos, históricos e geográficos bem como realizou um esforço de inventariar as razões que estavam impedindo o país de “colocar-se no prumo das nações modernas e civilizadas”. Esmiúçar a realidade nacional estava diretamente ligado à ânsia nacionalista de propor soluções, de apontar caminhos para a ação.

Descrever, retratar e refletir sobre o Brasil e sobre os brasileiros foi o grande projeto intelectual de Afrânio Peixoto. Ao traduzir suas descobertas, constatações e prognósticos para a escrita literária o médico intentava tanto propagar e ampliar suas ideias quanto elaborar uma estratégia de intervir na realidade nacional, por meio da instrução que sua literatura poderia proporcionar aos seus leitores. Neste sentido, suas obras literárias refletiam as ambiguidades nas quais estavam atoladas as ações dos intelectuais do início do século no Brasil.

Tratava-se, sobretudo, do desafio de produzir um conhecimento independente da tutela das metrópoles, pautado nas condições reais da nação e que, ao mesmo tempo, era propagado por uma intelectualidade europeia que, acima de tudo, visava legitimar as condições seculares de dominação e de superioridade. Tais preceitos adquiriram legitimidade científica a partir do século XIX. Neste sentido, a liberdade veio acompanhada pela inferência da desigualdade, via conhecimento científico. Lidar com as diversas condições de desigualdade foram os maiores desafios de intelectuais-cientistas e nacionalistas que acompanharam e atuaram no processo

---

<sup>1157</sup> O conceito de literatura como a história que poderia ter sido foi trazida por Nicolau Sevcenko. SEVCENKO, Nicolau. **A literatura como missão...** Op. Cit.

de construção nacional. Tal condição produziu, inevitavelmente, uma série de ambiguidades, de contradições, de paradoxos.

Dentre todas as possíveis batalhas entre um saber europeu e a construção de ressignificações nacionais, a obra literária de Peixoto debateu-se com mais cuidado sobre dois aspectos, que eram também os temas que atingiram mais diretamente a trajetória intelectual do médico. O primeiro ateu-se na tentativa de ressignificar os diagnósticos deterministas lançados para as terras localizadas em regiões tropicais e o segundo consistiu em discorrer sobre as especificidades da composição étnica da nação. Ambos os temas eram acionados para resolver a questão central que mobilizou Afrânio Peixoto e grande parte da sua geração: a busca pela identidade nacional, pela formação do país a partir de uma totalidade e de uma coerência.

Em relação às características mesológicas do Brasil, Peixoto deu continuidade a uma tradição que, segundo ele, vinha de longa data, mais especificamente desde as cartas que noticiavam o “descobrimento” das novas terras, e que registraram uma natureza exuberante, quase idílica. Para Peixoto as riquezas naturais do Brasil eram motivos de orgulho, além de oferecerem as condições primárias indispensáveis para mobilizar o poderio econômico da nação. Um território rico resultava, por extensão, em um povo rico. A apropriação de tais riquezas se daria antes pelo reconhecimento das suas potencialidades. Nada mobilizou tanto a formação dos cenários literários de Peixoto quanto à descrição da natureza brasileira.

Entretanto, marcando o diferencial em relação à geração romântica, Peixoto objetivava demarcar a descrição dos cenários por meio dos aparatos científicos. Neste sentido, a alusão à exuberância natural estava entrelaçada aos debates deterministas e dava conta de ponderar entre a exuberância e os riscos naturais oferecidos pelas condições primordiais da mata, da umidade, da microbiologia, das entidades mórbidas. Contudo, nenhuma destas condições naturais foi tomada como preponderante ou condenatória para a vida do homem e viabilidade do país. Pelo contrário, Peixoto descreveu o domínio da técnica como o recurso fundamental da emancipação humana. Frente a uma natureza exuberante o homem apresentava-se cada vez mais preparado para dominá-la. Os recursos acionados para os enfrentamentos eram apropriados pelos homens tanto por um “processo natural”, resultante dos embates frequentes e permanentes entre o homem e o meio; quanto pela apropriação do patrimônio histórico universal de saberes acumulados. Para estes saberes tornava-se fundamental o acesso à educação formal. Assim, quaisquer intempéries poderiam ser vencidas pelos homens pela apropriação de saberes. A condição tropical seria superada via educação. Os males imputados

à nação alteravam-se, portanto, de um clima insalubre e inviável para as condições sociais e políticas.

Em relação ao segundo tópico que perpassou a literatura de Peixoto, referente à condição étnica da população brasileira, as contradições e paradoxos ficaram mais evidentes. Peixoto não conseguiu superar o prognóstico de que a miscigenação fosse um mal para o Brasil. Na medida em que sua trajetória intelectual se consolidava e suas filiações institucionais e sociabilidades políticas se definiam, o projeto intelectual do médico se direcionou, cada vez com mais ênfase, à condenação das contribuições das culturas indígenas e africanas para a efetivação da unidade étnica e cultural para a nação. Tal postura, que esperamos ter demonstrado na pesquisa, referia-se muito mais a um enfrentamento político do que científico propriamente dito. Ou seja, era em função dos projetos políticos defendidos por Peixoto que suas posturas colocavam-se contrárias à valorização da miscigenação como núcleo a partir do qual poderia surgir a identidade nacional, e não pelas considerações científicas de que a miscigenação resultaria em indivíduos biologicamente inferiores.

Peixoto defendeu um projeto político no qual a identidade nacional seria etnicamente branca e culturalmente europeia. As singularidades, clamadas para diferenciar a identidade brasileira das outras identidades nacionais, se expressariam por meio da aclimação às condições mesológicas. Seria, portanto, o elemento branco, propagador de heranças culturais europeias e aclimatados à mesologia tropical o “verdadeiro brasileiro”.

Conforme pretendemos ter demonstrado, os sertões brasileiros surgiram como um espaço pleno de possibilidades, tanto para corporificar os argumentos de defesa daquela identidade nacional pretendidas pelo médico, quanto para a construção da sua própria figura intelectual. Ao tomar o sertão como o núcleo de identidade étnica, cultural e histórica da nação, Peixoto, a um só tempo, se constituía como um elemento exemplar de nacionalidade e atrelava à sua trajetória pessoal a defesa do seu projeto político.

Os sertões se apresentaram tanto como a comprovação da viabilidade do clima tropical, a partir do embate entre o homem e a natureza, bem como a continuação “da raça” e da cultura portuguesa em território brasileiro. Nos sertões teria sido travada a grande epopeia de nascimento da nação brasileira, em que o meio moldava o homem e o homem alterava o meio, produzindo elementos singulares de cultura. O sertão emergiu na literatura de Afrânio Peixoto como o local da autenticidade e da singularidade. Sendo o homem produto do meio, tais características seriam elementos inseparáveis de todos os sertanejos. Neste sentido, atrelar

o sertão à sua figura intelectual garantiria originalidade às suas posições e legitimidade para tratar da realidade sertaneja, nas suas múltiplas manifestações.

A partir deste ponto de vista, Peixoto defendeu, categoricamente, que não haveria nenhum mal próprio do sertão. Quaisquer mazelas atribuídas às terras sertanejas teriam suas origens nas estruturas políticas e sociais. Os principais problemas da nação e, por extensão, do sertão residiriam, portanto, na imperfeição do governo, na fragilidade do processo eleitoral, na ausência de instituições promotoras da ordem e da moral, no analfabetismo e na carência dos preceitos patrióticos. Peixoto utilizou os conhecimentos da ciência higienista para reafirmar sua tese de que os males do Brasil não eram provenientes do clima, mas da política e, principalmente, afirmar que não havia qualquer condição biológica atribuída aos brasileiros que não pudessem ser alterada. Foram estes os momentos em que as relações entre Peixoto e a organização política da Primeira República apareceram com mais evidência.

Em todas as suas obras literárias, em maior ou menor grau, o descaso político e a ausência de um estado efetivo na vida da população brasileira, foi denunciado pelo médico. Partidário do estilo de denúncias que mobilizou um grupo de intelectuais que se decepcionaram com os rumos tomados pelo sistema republicano e que efetivaram suas denúncias por meio da obra “À margem da História da República” (1924), as pretensões de Peixoto eram aquelas de “reagir, mas reagir pelo progresso dentro da ordem”<sup>1158</sup>, efetivando uma mudança que considerava pertinente, desde que “evitasse os desatinos das correrias revolucionárias, perigosas e intempestivas.”<sup>1159</sup> Assim, em consonância com as pretensões propaladas por outros intelectuais de seu tempo, as propostas políticas de Peixoto pretendiam intervir unicamente naquilo que proporcionasse simplesmente apressar o “ritmo natural das coisas”.

Arelado aos novos tempos, preconizados pelo fim das aristocracias e pelo surgimento do homem moderno, o *self made man*, Peixoto dedicou-se a demonstrar que educação, estudo e cultura seriam capazes de produzir o “brasileiro do futuro”. Se o brasileiro mítico havia sido acionado pelo sertanejo, foi ao buscar a fórmula para a construção do brasileiro do futuro que Peixoto debateu-se com os paradoxos mais importantes do seu pensamento. Tratava-se de definir o elemento étnico nacional tendo como princípio a irreversível miscigenação racial. Ao mesmo tempo em que a miscigenação foi vista como um problema ela também representava a solução.

---

<sup>1158</sup> CARDOSO, Vicente Licínio (Org). **A Margem da História da República**. Brasília, UNB, 1981. Prefácio, p. 15.

<sup>1159</sup> Ibid, p. 16.

A miscigenação era apontada como uma das causas da degradação moral e cultural do país, tanto no passado quanto no presente, mas tomada como positiva se empregada com os propósitos do “melhoramento da raça”, entendido por Peixoto pelo viés do branqueamento. Foi a partir dos posicionamentos que objetivavam o branqueamento do brasileiro que concluímos que, para Peixoto, o maior problema do Brasil não era a mistura de raças, visto que o branqueamento poderia ser acionado como uma estratégia viável de formação do elemento nacional, mas do ponto de vista do seu projeto político.

Segundo as pretensões de Afrânio Peixoto, para a efetivação de uma identidade nacional para o Brasil, deveria ser desconsiderado o legado étnico e cultural do povo africano e indígena. A partir deste ponto de vista, tais entidades étnicas deveriam passar pelo processo de branqueamento da pele e da “alma”. Para levar a cabo as pretensões do branqueamento racial Peixoto articulou esforços no âmbito político para promover a imigração de povos europeus, para povoar os “vazios territoriais”. Em relação ao branqueamento da “alma” Peixoto defendeu a propagação de uma educação pautada nas heranças lusitanas, católicas e europeias. Ambas as defesas foram veiculadas reiteradamente nas suas narrativas literárias, o que implica afirmar que o pensamento de Peixoto estava indissociado das suas ações e interferências práticas.

Além de um espaço de intervenção educativa e instrutiva no contexto social mais amplo, defendemos que a literatura do médico também representou um campo de conflito de ideias e de posicionamentos com os seus pares. Segundo a hipótese perseguida nesta pesquisa, a maneira com que os intelectuais enfrentavam as teorias estrangeiras e atribuíam significado à formação de seus pensamentos estavam diretamente ligadas às instituições e aos grupos aos quais estavam atrelados. Neste sentido, mais do que a utilização de resultados obtidos por meio de observações e análises experimentais, as posições assumidas pelos intelectuais do período prestavam contas tanto às instituições e aos grupos nos quais se produziam quanto aos espaços a partir dos quais eram veiculadas. Entender, portanto, de onde se falava tornou-se uma importante chave para a interpretação dos pensamentos e dos posicionamentos defendidos.

Identificamos em Afrânio Peixoto alguns espaços que tornaram as suas posições legíveis. Primeiramente entendemos que as assertivas do intelectual estavam ligadas à tentativa de referir-se e auferir sentido à sua formação médica, ou seja, à Faculdade de Medicina da Bahia. Mais do que a apreensão de conteúdos singulares ou possibilidades diferenciadas de aprendizagem, consideramos que atrelar as suas ideais a uma “instituição de

origem” garantia a Peixoto a manutenção das suas relações com o estado baiano e outorgava à sua figura pública certa distinção frente a seus pares, particularmente os cariocas.

Foi a partir da FMBA que Peixoto ligou a sua atuação intelectual a Raimundo Nina Rodrigues. Parece-nos certo que Nina Rodrigues tenha influenciado significativamente Afrânio Peixoto durante os anos em que cursou a Faculdade. Não à toa que esse professor foi o orientador de seu trabalho de doutoramento. Com Nina Rodrigues Peixoto estudou e debateu longamente as questões da miscigenação racial, partilhando que essa característica incontornável da sociedade brasileira pudesse resultar em diversos males sociais, biológicos e culturais. Entretanto, concordamos com Mariza Corrêa de que essa influência tenha sido amplificada para garantir maior legitimidade aos trabalhos e a identidade intelectual de Afrânio Peixoto e, ainda, para colocá-lo como uma figura de proa dos debates sobre medicina legal no Brasil.<sup>1160</sup>

Neste sentido, concluímos que a morte precoce de Nina Rodrigues e a mudança efetivada por Peixoto para a capital federal colocou-o frente a diversos outros debates científicos do cenário nacional e proporcionou ao intelectual tanto o abandono de algumas teorias do mestre baiano quanto à ressignificação daquela influência.

Considerando o percurso que a trajetória de Peixoto foi adquirindo na capital federal, desde o relacionamento do médico com políticos eminentes da Primeira República até as suas entradas nas instituições mais importantes da produção dos saberes científicos e culturais do contexto, foi possível identificar certa animosidade entre Afrânio Peixoto e Oswaldo Cruz. Entendemos que grande parte dos posicionamentos de Peixoto eram um enfrentamento às ideias e às posições propagadas por Oswaldo Cruz e seus representantes. Em relação a estas animosidades o aspecto político também foi preponderante sobre as possíveis contradições científicas. O que estava em jogo era antes de tudo um projeto de como “fazer ciência” no Brasil do que contradições teóricas. Entretanto, tais enfrentamentos definiram a formação do pensamento e dos posicionamentos de Peixoto e repercutiram de forma privilegiada na sua produção literária.

A pesquisadora Mariza Corrêa identificou essa animosidade entre Afrânio Peixoto e o grupo Oswaldo Cruz ao investigar a constituição da Escola Nina Rodrigues, projeto executado a partir da década de 1930 por Afrânio Peixoto, Oscar Freire e Artur Ramos. A congregação dos “médicos baianos”, formados pela FMBA, que se diziam continuadores do projeto iniciado por Nina Rodrigues da criação do campo da medicina legal no Brasil, intentava

---

<sup>1160</sup> CORRÊA, Mariza. *A escola Nina Rodrigues...* Op. Cit. p. 344.

legitimar a prática da medicina legal no cenário médico brasileiro. Segundo a pesquisadora, o “grupo baiano” representava um contraponto interessante ao grupo liderado por Oswaldo Cruz. “Assegurando a sua presença na história da medicina brasileira e internacional”<sup>1161</sup> o grupo do IOC despontava como “legitimamente científico” e como precursor do sanitarismo e da microbiologia no país. Isso não ocorria, na mesma proporção, com a “Escola Nina Rodrigues”, apontou Corrêa. “Afrânio Peixoto parecia ressentir-se tanto da fama obtida pelo grupo como do apoio oficial que Manguinhos recebia”<sup>1162</sup>, percebeu a pesquisadora. De fato, uma das premissas que foi possível constatar a partir da análise da trajetória científica de Afrânio Peixoto foi o seu ressentimento com Oswaldo Cruz e com o grupo que se formou em torno do famoso médico brasileiro.

Embora muitas vezes Afrânio Peixoto e Oswaldo Cruz tenham tentado se aproximar e estivessem realizando e defendendo propostas muito parecidas, inclusive participando das mesmas ligas e projetos de intervenção pública, nos parece certo que ambos estavam visivelmente separados. Algumas vezes essas animosidades foram declaradas e, na maioria das vezes elas ficaram interditas. Entretanto, em nenhuma vez Afrânio Peixoto tomou partido ou efetivou defesas para aos projetos levados a cabo pelo Instituto Oswaldo Cruz. Pelo contrário, sempre que pode Peixoto criticou, satirizou ou inferiu acusações declaradas ao IOC e seus membros.

Em 1913, quando Oswaldo Cruz foi eleito para a ABL Afrânio Peixoto declarou-se como o maior entusiasta de que o sanitarista brasileiro recebesse o “a honra da imortalidade” conferida pela Academia. Para comprovar que não ficara nenhuma mágoa, depois do desastroso evento ocorrido entre ele e Oswaldo Cruz nos idos de 1902, quando Peixoto foi preterido pelo médico para ser seu secretário, Peixoto declarou que “não só promovera a candidatura de Cruz, como se oferecera para realizar a recepção do novo acadêmico”<sup>1163</sup>. No discurso de posse, que foi interpretado como “uma defesa hábil e apaixonada”<sup>1164</sup> por parte de Afrânio Peixoto para a entrada do “Pasteur brasileiro” naquela “casa de notáveis” é possível perceber, também, certa dose de ironia e de acusações por parte de Peixoto, para o trabalho de Oswaldo Cruz. Inferindo que Oswaldo Cruz teria resolvido o “difícil problema sanitário, na paz do [seu] gabinete de trabalho, guarnecido de móveis de gosto e de quadros escolhidos”<sup>1165</sup> e que a opulência de Oswaldo Cruz era quase uma afronta, quando comparada com a

---

<sup>1161</sup> Id.

<sup>1162</sup> CORRÊA, Mariza, **As Ilusões da Liberdade...** p. 344.

<sup>1163</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginada.

<sup>1164</sup> SÁ Dominichi Miranda de. **A Ciência como profissão...**, p. 145.

<sup>1165</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Um sábio e um poeta...\***, p. 109.

realidade sanitária do Brasil daquele momento, Peixoto acusou Oswaldo Cruz de ter construído em Manguinhos “um palácio encantado, que nem a fantasia dos califas, nunca realizou algum no oriente”<sup>1166</sup>.

Nos parece ser mais plausível que Peixoto estivesse criticando o médico sanitário, principalmente quando ele relembrou a Oswaldo Cruz que, para concretizar o seu grandioso sonho de sanear o Brasil ele teria permitido “que uma comissão de sábios europeus que aqui viera estudar o mal [da febre amarela] e trabalhava sob a vossa guarda”, ensaiassem a doença sobre os corpos de “destemidos e aventureiros” que foram angariados por Oswaldo Cruz “para serem postos à prova e receberem a picada de mosquitos inficionados” de febre amarela. “E a febre amarela verdadeira, natural, autêntica, se declarou neles... mais de um morreu”<sup>1167</sup> Numa ocasião em que, protocolarmente, deveria ser de elogios e de reconhecimentos aos méritos que tornavam um homem imortal para a ABL, Peixoto finalizou a lembrança das “mortes provocadas por Oswaldo Cruz” com a assertiva de que “certamente a vossa consciência justa vos deve ter consolado de que éreis apenas o sacrificador eleito pelo destino.”<sup>1168</sup> Possivelmente na ocasião a acusação tenha soado sutil, visto que a cerimônia seguiu sem transtornos. Entretanto, essa foi a única vez que Oswaldo Cruz frequentou a academia. Durante o resto de sua vida o médico não participou de nenhuma das reuniões da Instituição.<sup>1169</sup>

Tal animosidade, entre Peixoto e Cruz não findou com a morte do segundo. Afrânio Peixoto continuou atacando o IOC e o ápice desta situação se deu contra Carlos Chagas. O conflito entre Peixoto e Chagas se tornou épico na época e ainda repercute na atualidade. Os defensores de Carlos Chagas consideram que ele tenha perdido o prêmio Nobel de Medicina em virtude dos ataques proferidos por Afrânio Peixoto ao descobridor da Doença de Chagas. Tal ataque foi realmente bastante significativo: mobilizou a comunidade médica do período e compõe hoje dezenas de páginas dos “Anais da Academia Nacional de Medicina”. Sem entrar no mérito desta questão em específico, que carece ainda de estudos mais pormenorizados, o que queremos afirmar é a existência dessa inimizade entre Peixoto e o IOC e como isso foi um elemento importantíssimo para a composição das posições de Peixoto no cenário médico

---

<sup>1166</sup> Id.

<sup>1167</sup> Ibid., 114.

<sup>1168</sup> Id.

<sup>1169</sup> Segundo Dominichi Miranda de Sá a recusa de Oswaldo Cruz em participar da ABL deu-se em virtude das críticas dirigidas aos médicos que se tornavam acadêmicos meramente por fama e não por mérito. As ofensas eram tecidas por grupos de acadêmicos contrários a entrada dos “homens da ciência” num universo que, segundo esse grupo, deveria ser de “homens de letras”. (SÁ, Dominichi Miranda de. **A Ciência como profissão...**, p. 146)



científico da época. Neste sentido, entendemos o retrato sertanejo construído por Afrânio Peixoto nos seus romances, dentre outras coisas, tenha sido uma resposta e uma afronta aos pareceres médicos realizados pelo IOC a partir de 1912.

Enquanto os relatórios dos médicos expedicionários apresentavam um sertão assolado pela doença, Peixoto retratou aquelas terras do ponto de vista da grandiosidade geográfica, da multiplicidade cultural e “do vicejar de uma vida autêntica” que se contrapunha aos males do cosmopolitismo. Frente às acusações de que ele observava o sertão “das sacadas da capital federal” Peixoto buscou a legitimidade das suas escritas nas suas memórias de infância e atrelou, cada vez com mais ênfase, a sua figura ao sertão, constituindo-se num intelectual sertanejo.

Desta maneira, ao descrever e retratar o sertão Afrânio Peixoto construía a sua própria imagem, além de solidificar um projeto de intervenção pública, tanto no âmbito científico quanto político. A ferramenta mais efetiva para a concretização destas propostas foi a literatura. Consideramos a literatura de Afrânio Peixoto como uma ferramenta utilizada pelo intelectual para propagar o seu projeto político. Por meio da literatura Afrânio Peixoto tentou, conforme sua declaração, “divertir, educar e nacionalizar”.<sup>1170</sup> Apoiado no arsenal científico, Peixoto utilizou-se da literatura para ampliar as repercussões de suas ideias, elaborando uma “pedagogia para a nacionalidade”, na qual o médico instruía seus leitores sobre a geografia, a história, a miscigenação, a higiene e a cultura brasileira. O projeto literário foi consideravelmente importante ao intelectual, rendendo-lhe fama e também remuneração financeira. Peixoto ocupava-se pessoalmente de grande parte da elaboração de suas obras e na distribuição dos seus romances, atingindo grande parte dos leitores que previra.

A análise detalhada da obra literária de Afrânio Peixoto permitiu vislumbrar o contexto de uma época a partir de uma trajetória. Ao mesmo tempo em que nos utilizamos do contexto para tomar distância dos posicionamentos do autor e nos mantermos neutros, conforme requer a pesquisa histórica, essa metodologia mostrou-se portadora de armadilhas, já anunciadas, porém, nem sempre possíveis de serem evitadas. Foi François Dossé que nos alertou para estes perigos ao afirmar que “narrar uma vida é sempre uma armadilha, visto que não se pode fugir em tornar-se parte da narrativa e nem em tornar a narrativa isenta daquilo que se é”.<sup>1171</sup>

---

<sup>1170</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia...**, não paginado.

<sup>1171</sup> DOSSE, François. Op. Cit., p. 11.

Ao analisar a trajetória do intelectual Afrânio Peixoto o que surgiu, indissociado desse intelectual foi um sujeito “com carne e alma”. Procuramos não perder de vista esta figura humana que esteve produzindo, atuando, criticando, exaltando posturas e ideias no contexto histórico das primeiras décadas do século XX. Nos meandros dos campos políticos, científicos e literários do período, debatendo-se com um cenário bastante singular tanto da produção literária quanto científica, era que Peixoto formava-se e informava-se. Sem querer inferir particularismo às ideias e posições do intelectual é impossível deixar de considerar as singularidades. Esse exercício constante entre as determinações sociais e contextuais mais a liberdade individual foi um dos maiores desafios para a análise da trajetória. Se a produção artística, política e intelectual é criativa e inovadora, os criadores estão sempre envolvidos em uma rede e um repertório cultural que circunscreve e delimita as possibilidades de sua atuação. Não se trata de defender um novo determinismo do social, como muito bem ponderou a pesquisadora Lilia Moritz Schwarcz, mas de sublinhar a existência de um debate crítico entre a obra de arte e suas convenções, entre ações individuais e possibilidades latentes, entre estrutura e história.<sup>1172</sup> Assim o desafio maior refere-se, afirmou Schwarcz, em focalizar simultaneamente, obra, autor e contexto.<sup>1173</sup>

Encontrar, portanto, um homem “de carne e alma” em meio às infinitas escritas do intelectual, que se preocupou demasiadamente em construir uma figura enfática, irônica, forte, irreduzível, proporcionou entender que a defesa das ideias, naquele contexto, se dava antes pela construção e fortalecimento de uma figura pública. O lugar ocupado, a segurança com que se emitiam as opiniões e a combatividade com que se respondiam às críticas era parte indissociável da escrita e da legitimidade angariada pela obra.

Além de uma fonte de análise das singularidades de Peixoto, o acompanhamento de sua trajetória intelectual, particularmente quando perseguimos a escrita de suas obras literárias, trouxe à luz alguns elementos que uma análise generalizada não consegue observar. Os detalhes foram fundamentais para vislumbrar pontos específicos do contexto literário da época na qual Peixoto escrevia, bem como as relações entre os intelectuais e a “classe dirigente” da Primeira República. Um dos principais aspectos que o estudo de uma trajetória permitiu vislumbrar diz respeito a uma possível reavaliação da história cultural, da história das ideias e da relação entre ciência e sociedade naquelas décadas iniciais do século XX.

---

<sup>1172</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz, Biografia como gênero. **História Social**, Campinas, Unicamp, 1º semestre de 2013, p. 51-74, p. 64.

<sup>1173</sup> *Ibidi*, p. 65.

Aliás, tal inferência diz respeito ao próprio período histórico analisado que, no âmbito literário, ficou considerado como um hiato entre os engenhosos intelectuais da geração de 1870 e os artífices de 1922. O termo “pré-moderno” atribuído a este período pressupõe, segundo muito bem apontou Tânia Regina de Luca, pautada nas inferências já sinalizadas por Flora Sussekind, de que aqueles anos foram relegados a uma espécie de desprezo, “subtraindo até mesmo o direito a um nome próprio, numa assunção explícita de incapacidade de atribuir essência própria ao período.”<sup>1174</sup> De fato, as obras de história da literatura ou de crítica literária que se dedicam a analisar a literatura daquele momento, apontam para um período em que prevaleceriam grupos dissonantes mas que, de uma maneira geral, ou estavam relegados a reproduzir uma literatura oficial, vazia, de inspiração estrangeira e sem atrelamento político social; ou condenados a antecipar as tendências que só se efetivariam com os modernistas.<sup>1175</sup>

Foi em acordo com esta divisão, entre dois lados bem definidos, entre os vencedores e os destituídos, que Nicolau Sevcenko situou os escritores do período. O que tentamos demonstrar é que aqueles intelectuais que, de maneira generalizante, eram definidos como “meros diletantes”, possuíam um projeto político efetivo, propagado por meio da escrita literária. Longe, portanto, de simplesmente representar “o sorriso da sociedade”, a literatura de Afrânio Peixoto era portadora de uma ideia de Brasil e, ainda, pretendia traçar caminhos para o país, não se comprazendo em meramente “divertir, educar e nacionalizar”, mas em desdobrar-se em práticas.

---

<sup>1174</sup> LUCA, Tânia Regina de. **Revista do Brasil...**, p. 22.

<sup>1175</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção...* Op. Cit; BOSI, Alfredo. **A literatura brasileira**. O pré-modernismo. Vol. V. São Paulo: Cultrix, 1966. BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira...** Op. Cit.

## **FONTES DE PESQUISA**

### **ARQUIVOS E BIBLIOTECAS PESQUISADOS**

A Noite

Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto – Academia Brasileira de Letras.

Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto – Casa de Cultura Afrânio Peixoto.

Biblioteca de Ciências Humanas Letras e Artes da UFPR;

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro;

Biblioteca Pessoal de Afrânio Peixoto- Academia Brasileira de Letras.

Biblioteca Rodolfo Garcia – Academia Brasileira de Letras;

Jornal do Comércio.

O Paiz

Revista Brasil Médico;

Revista da Academia Brasileira de Letras.

Revista do Brasil.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

### **REVISTAS, JORNAIS E PERIÓDICOS CONSULTADOS**

#### **ARTIGOS DE JORNAIS**

AMADO, Gilberto. Minha Impressão da ‘Esphinge’ **Jornal O Paiz**. 09 de setembro de 1911.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa. O Estado de São Paulo, 17/12/1919.

PEIXOTO, Afrânio Discurso de recepção de Oswaldo Cruz na ABL. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro, 1913.

PEIXOTO, Afrânio. Discurso de posse da ABL. **Jornal do comércio**. Rio de Janeiro, 1912.

PEIXOTO, Afrânio. Discurso de Posse para a Cátedra de Medicina da FMRJ. Publicado no **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro, 04 de agosto de 1916.

PEIXOTO, Afrânio. A educação nacional e a reforma da constituição. **Jornal “A Noite”** em 1925.

PEIXOTO, Afrânio. Quinina do Estado: Discursos na Câmara dos Deputados, em 13 e 19 de agosto de 1925. **O Jornal**. Rio de Janeiro – 01/09/1925.

### **LIVROS, ARTIGOS EM PERIÓDICOS, PREFÁCIOS E DISCURSOS:**

AZEVEDO, Aloízio de. Epistolário Acadêmico. Cartas de Aluízio de Azevedo. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Ano XXI, no. 99, Vol. XXXIV, Março de 1930.

GALVÃO, Ramiz. Discurso de recepção do Sr. Afrânio Peixoto no IHGB proferido em 1919. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Tomo 85-vol. 139. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, p 512-515. 1921.

GEISE, Wilhelm. Afrânio Peixoto, Romancista. **Revista da Academia Brasileira de Letras**, Rio de Janeiro, ano 23, no. 130, p. 131, 173, out, 1932.

JUNIOR, Araripe. Discurso de recepção do acadêmico Afrânio Peixoto. 14 de agosto de 1911. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Discursos Acadêmicos. Vol 3, p. 129. Rio de Janeiro, 1910-1915.

JUNIOR, Afonso Pena. Discurso de Posse para a Academia Brasileira de Letras. **Discursos Acadêmicos**. Rio de Janeiro, 1947.

KOPKE, João. Educação Moral e Cívica: A propósito de um livro didático. **Revista do Brasil**. v.2, n.6, p.146-65, jun. 1916 e v.2, n.7, p.223-43, jul. 1916.

MATTOS, Júlio. XV Congrès International de Médecine. Lisbonne: Imprimerie Adolpho de Mendonça, 1906.

PEIXOTO, Afrânio. “Epilepsia e Consciência”. **Memória apresentada à Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia**, s.e. 1897.

PEIXOTO, Afrânio. **Epilepsia e Crime**. Bahia: V. Oliveira & Comp. Editores, 1898.

PEIXOTO, Afrânio. Heranças do Adultério: Contribuições para o estudo de uma questão psycosociológica. **Arquivo de Jurisprudência Médica e Antropológica**. Rio de Janeiro, s/e. 1898.

PEIXOTO, Afrânio. Coexistência episódica dos delírios persecutórios e místico da melancolia. **Brazil Médico**. Rio de Janeiro, 1899.

PEIXOTO, Afrânio. Defesa social contra a tuberculose. Relatório apresentado no **Segundo Congresso Médico Latino-Americano**, Buenos Aires, abril 1904.

PEIXOTO, Afrânio. **Defesa social contra o alcoolismo**. Revista Brazil Médico., Rio de Janeiro, 1904.

PEIXOTO, Afrânio. **O Momento Literário**. In: RIO, João (org.). Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. [1905?] Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000134.pdf>>

PEIXOTO, Afrânio e MOREIRA, Juliano. La Paranoia Legitime, son origine et nature. **Rapport au XV Congrès International de Médecine**. Lisbonne, 1906.

PEIXOTO, Afrânio e MOREIRA, Juliano. A paranoia e as síndromes paranoides. **Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins**, Rio de Janeiro, n.1, 1906.

PEIXOTO, Afrânio. MOREIRA, Juliano Les maladies mentales dans les climats tropicaux. **Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins** Ano II,n.3, p. 222-241,setembrode 1906.

PEIXOTO, Afrânio e MOREIRA, Juliano. Climat et Maladies du Brésil. **Annales d'hygiene publique et medecine legale**. Paris, 1908.

PEIXOTO, Afrânio. **Clima e doenças do Brasil**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1907.

PEIXOTO, Afrânio. **Elementos de Medicina Legal**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910.

PEIXOTO, Afrânio. **A Esfinge**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1911.

PEIXOTO, Afrânio. Vocabulário Médico Popular do Brasil. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro. 1912.

PEIXOTO, Afrânio. Lembrança de Aloísio de Azevedo. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Ano IV, no. 11., p. 311- 320. Janeiro de 1913.

PEIXOTO, Afrânio. **Sessão Magna da Academia Nacional de Medicina**. Discurso proferido em 30 de junho de 1913. Rio de Janeiro: Tipografia Bernard Frères. 1913.

PEIXOTO, Afrânio. **Maria Bonita**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

PEIXOTO, Afrânio. O problema sanitário da Amazônia. **Anais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro**, Ano I, 1917.

PEIXOTO, Afrânio. Outros Males. **Revista do Brasil**, São Paulo. Setembro de 1918.

PEIXOTO, Afrânio. **Fruta do Mato**. Rio de janeiro: Francisco Alves, 1919.

PEIXOTO, Afrânio. Discurso de Posse no IHGB pronunciado em 1919. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Tomo 85-vol. 139. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1921, p 501-510, 1921.

PEIXOTO, Afrânio. Discurso de Posse no IHGB. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Tomo 85, Vol. 139. (1919). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921.

PEIXOTO, Afrânio. O Regime Universitário e a Educação Nacional. **Anais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 1921.

- PEIXOTO, Afrânio. **Bugrinha**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1921.
- PEIXOTO, Afrânio. **Boletim da Academia Nacional de Medicina**, n.20, 1922. PEIXOTO, Afrânio. **Bugrinha**. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1922.
- PEIXOTO, Afrânio. “A academia brasileira, o passado e o presente” (Discurso de encerramento dos trabalhos acadêmicos de 28 de dezembro de 1922 e programma do novo anno em 1923). **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro, vol. V, no. 38, janeiro de 1923.
- PEIXOTO, Afrânio. **Ensinar a Ensinar**. Ensaio Pedagógico aplicado à educação Nacional. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923.
- PEIXOTO, Afrânio. A academia brasileira, o passado e o presente. Discurso de encerramento dos trabalhos acadêmicos de 28 de dezembro de 1922 e programma do novo anno em 1923. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro, p. 23- 44. 1923.
- PEIXOTO, Afrânio. **Brasileirismos**. Revista de Filologia Portuguesa. São Paulo. 1924.
- PEIXOTO, Afrânio. **As razões do coração**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1925.
- PEIXOTO, Afrânio. **Ramo de Louro** - Novos ensaios de critica e de História. São Paulo: Nacional, 1928.
- PEIXOTO, Afrânio. **Uma Mulher como as outras**. São Paulo: Nacional, 1928.
- PEIXOTO, Afrânio. **Sinhazinha**. São Paulo: Nacional, 1929.
- PEIXOTO, Afrânio. **Minha terra e minha gente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929. [1 ed. 1916]
- PEIXOTO, Afrânio. A Vida e a Obra de Nina Rodrigues. Prefácio. In: RODRIGUES, Nina. **As Raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara, [ca 1930].
- PEIXOTO, Afrânio. **Marta e Maria**. Documentos de Acção Pública. Rio de Janeiro: Gráfica Nacional, 1931.
- PEIXOTO, Afrânio. **Noções de história da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.
- PEIXOTO, Afrânio. **Criminologia** 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1953.[1ª. ed. 1933].
- PEIXOTO, Afrânio. **Separata dos Arquivos de Medicina Legal e Identificação**, vol. 14, Janeiro de 1937, (não paginado)
- PEIXOTO, Afrânio **Clima e Saúde**: Introdução biogeográfica à civilização brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- PEIXOTO, Afrânio. **Autobiografia**. Páginas datilografadas e avulsas. Não publicada. [S.l.: s.n.], [1938?]. Rio de Janeiro: Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto, ABL. Não paginado.

- PEIXOTO, Afrânio. **A Esfinge**. 6ª. ed. São Paulo: Nacional, 1940.
- PEIXOTO, Afrânio. **Panorama da literatura brasileira**. São Paulo: Companhia Nacional, 1940.
- PEIXOTO, Afrânio. **Poeira da Estrada**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1944. [1 ed. 1918].
- PEIXOTO, Afrânio. **Eunice ou a Educação da mulher**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1944.[1 ed.1936].
- PEIXOTO, Afrânio. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: Nacional, 1940.
- PEIXOTO, **Paranoia**. São Paulo: Nacional, 1942.
- PEIXOTO, Afrânio. **Trovas Brasileiras**. Rio de Janeiro: W, M. Jackson, 1944. p. 5. [1 ed.1919].
- PEIXOTO, Afrânio. **Eunice ou a educação da mulher**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1947.
- PEIXOTO, Afrânio. **Miçangas**. Fama, Folclore e História. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1947.
- PEIXOTO, Afrânio. **Romances completos**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962.
- PEIXOTO, Afrânio. Euclides da Cunha: o homem e a obra. Discurso de Recepção na Academia Brasileira de Letras, pronunciado em 11 de Agosto de 1911. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Tomo I - vols. I-II-III-IV, 1897-1919, Rio de Janeiro, 2005.
- PEIXOTO, Afrânio. Mário de Alencar. **Revista Brasileira de Letras**. Fase VII - Ano XIII - nº53.- out - nov - dez 2007.
- PENA JUNIOR, Afonso. . Discurso de Posse na sucessão do acadêmico Afrânio Peixoto na Academia Brasileira de Letras. Discursos Acadêmicos. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro, 1947.
- PLACTET, M. Alienista-chefe do asilo de Villejuif. **XV Congrès International de Médecine**. Lisbonne. Imprimiere Adolpho de Mendonça, 1906.
- PEREIRA, Gonçalo de Athayde. Os primeiros Descobrimientos de Diamantes no Estado da Bahia. **Revista do IGHB**. Bahia, XII (31): 142-151, 1905.
- SEABRA. J. J. Ministério da Justiça. Ministro JJ Seabra. **Relatório dos anos de 1904 e 1905**. Apresentado ao presidente da república dos Estados Unidos do Brazil. Março de 1905.
- SEABRA, Joaquim José. **Relatório da Comissão de Inquérito sobre as condições da Assistência a Alienados no Hospício Nacional e Colônias da Ilha do Governador**. Disponível em <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1887/000443.html>> Último acesso em 20/03/2015.



SOUZA Bandeira. Discursos acadêmicos. **Revista da Academia Brasileira de Letras** Tomo I, volumes I - II - III - IV - 1897/1919. Rio de Janeiro. 2005.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Alzira Alves. (AFONSO PENA **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)**). Disponível on-line.
- ABREU, Regina de. **O Enigma d'Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funart, /Rocco, 1998.
- AGUIAR, Durval Vieira de. **Descrições práticas da província da Bahia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cátedra/MEC, 1979.
- ALONSO, Angêla. **Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império**. São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- ALVAREZ, Marcos Cesar. A Criminologia no Brasil, ou como tratar desigualmente os desiguais. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 45, nº 4, p. 677 a 704, 2002.
- AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho (Org.). **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz. 1995.
- ANTUNES. Jose FERREIRA, Leopoldo. **Medicina, Leis e Moral**. Pensamento médico e comportamento no Brasil. (1870-1930) São Paulo: Unesp, 1999.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto (1881-1922)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- BARROS, Roque Spencer de. **A ilustração brasileira e a ideia de universidade**. São Paulo: FFCL/USP, 1959.
- BELLO, José Maria. **Á Margem dos livros**. Anuário do Brasil: Rio de Janeiro, 1922.
- BENCHIMOL, Jaime L. **Pereira Passos, um Haussmann tropical: a renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Manguinhos: do sonho à vida**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1990.
- BERCHERIE, Paul. **Os Fundamentos da Clínica: História e Estrutura do Saber Psiquiátrico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- BERNUCCI, Leopoldo M.. A ontologia discursiva de Os sertões. **História, Ciência e Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 5, supl. p. 57-72, Julho, 1998.
- BICALHO, Magdalena de Lacerda. **João Batista de Lacerda: comemoração do centenário de nascimento, 1846-1946**. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1946.
- BOMENY, Helena. Novos talentos, vícios antigos: os renovadores e a política educacional. **Estudos Históricos**. Os anos 20. Rio de Janeiro, v.6, nº 11, p.24-39, 1993.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo. Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário.** Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas.** Sobre a Teoria da Ação. Tradução de BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. A Faculdade de Medicina da Bahia na Época de Nina Rodrigues. **Gazeta Médica da Bahia.** nº76, Suplemento 2, p. 63-79, 2006.

BRITTO, Nara. **Oswaldo Cruz.** A construção de um mito na ciência brasileira. Rio de Janeiro: Oswaldo Cruz, 1995.

BURKE, Maria Lúcia Pallares. **Gilberto Freyre, um vitoriano nos Trópicos.** São Paulo: Unesp, 2005.

CAMARGO, Erney Plessmann. Doenças Tropicais. **Estudos Avançados.** Vol. 22, no. 64. São Paulo, 2008.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

CAPONI, Sandra. As coordenadas epistemológicas da medicina tropical. **História Ciências e Saúde.** Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p. 113-149, 2003.

CARDOSO, Vicente Licínio, et ali. **À Margem da História da República.** Brasília: UNB, 1981. Tomo I e II. [1 ed.1924].

CARVALHO, José Murilo de et al. **Sobre o pré-modernismo.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

\_\_\_\_\_. História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi,** Rio de Janeiro, no. 1, , p. 123-152. jan/dez, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pontos e Bordados:** Escritos de História e Política. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CASEMIRO, Sandra Ramos. **A Lenda da Iara: nacionalismo literário e folclore.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2012.

CASTRO SANTOS, Luiz A. de. O Pensamento Sanitarista na Primeira República: Uma Ideologia de Construção da Nacionalidade. **Dados,** vol. 28, nº 2, p. 193-210, 1985.

CASTRO, Sertório de. **A República de que revolução destruiu.** Rio de Janeiro: Freitas Bastos e Cia, 1932, s/p. Versão digital disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/sertorio.html#11>>

CELSONO, Conde de Afonso. **Porque me ufano do meu país.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis**, historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Trabalho**, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. Campinas, Ed. Da Unicamp, 2008.

CORRÊA, Mariza. **As ilusões da Liberdade**: a Escola de Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 2001.

CORRÊA, Mariza. **As ilusões da Liberdade**: A escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

CORRÊA, Viriato. Cazuza. 32 edição. São Paulo, Editora Nacional, 1992.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Obras Imortais da Nossa Literatura. Rio de Janeiro: Três, 1973.

DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

*Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz – disponível em (<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>). Consultado em 07 dez 2015.*

EDLER, Flávio. Afrânio Peixoto: Uma cruzada civilizadora por la nacion possible. **Revista Biomédica**, vol. 23, no. 3, 2012.

ENGEL, Magali Gouveia. **Os delírios da razão**: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930) Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

FARQUIN, Giovanni Stroppa. **“Políticos da Nova Raça”**: o Jardim da Infância e a experiência do poder na primeira república. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em história da Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais, 2007.

FILGUERA, Maria da Conceição Maciel. **Eloy de Souza**: Uma interpretação sobre o Nordeste e os dilemas das secas. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte CCHLA. Natal: EDUFRN, 2011.

FRANCO, Afonso Arinos de Mello. **Um estadista da República**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1955.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 34. ed.. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CASA DE OSWALDO CRUZ. **A ciência a caminho da roça**: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1992.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora**. São Paulo: Ática, 1974.

GRUNER, Clóvis e DENIPOTI Cláudio (Orgs). **Nas Tramas da Ficção**. História, Literatura e Leitura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GUIMARÃES, Manuel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, no. 1, p. 5-27. 1988.

GUTMAN, Guilherme. Raça e psicanálise no Brasil: o ponto de origem: Arthur Ramos. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 10, n.4, p. 711-728, dez, 2007.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua História. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

HEIZER Alda e VIDEIRA, Antônio Augusto Passos (Orgs.). **Ciência, Civilização e República nos Trópicos**. Rio de Janeiro: Mauad Faperj, 2010.

HOCHMAN, Gilberto & ARMUS, Diego. (Orgs). **Cuidar, Controlar, Curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

HOCHMAN, Gilberto. **A Era do Saneamento**. As bases da política de Saúde Pública no Brasil. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1998. p. 60.

HOCHMAN, Gilberto. Regulando os efeitos da interdependência. Sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado (Brasil, 1910-1930). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 40-61, p. 49, 1993.

HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (Orgs.). **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade de. (Orgs). **Médicos Intérpretes do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2015.

JULIEN, Alfredo. **Ágora, Dêmos e Laós**: Os modos de figuração do Povo na Assembleia Homérica- Contradições, ambiguidades e indefinições. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006.

JÚLIO AFRÂNIO PEIXOTO - 1876-1947 -. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)** Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz. Disponível em: (<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>) .

KARVAT, Erivan Cassiano. As Vidas de Faris Michaelle. Reflexões acerca de trajetórias de vida, biografias e escritas a história. **XV Encontro regional de história**. 26 a 29 de julho de 2016.

KROPF, Simone Petraglia. Carlos Chagas e os debates e controvérsias sobre a doença do Brasil (1909-1923). **História**, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, p.205-227, jul. 2009.

\_\_\_\_\_. **Doença de Chagas**, doença do Brasil: Ciência, Saúde e Nação (1902-1962). Rio de Janeiro. Fiocruz, 2009.

\_\_\_\_\_. **Doença de Chagas**, doença do Brasil: ciência, saúde e nação (1909-1962). Tese de doutorado. Rio de Janeiro, UFF,2006.

LACAZ, Carlos da Silva. **Vultos da Medicina Brasileira**. São Paulo: Pfizer, 1966.

LIMA, Nísia Trindade de. **Um Sertão chamado Brasil**. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. **Um Sertão Chamado Brasil**: Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ-UCAM. 1999.

LOPES, Marcos Antônio. **Para ler os clássicos do pensamento político**: um guia historiográfico. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

LOTIERZO, Tatiana. **Contornos do (In) Visível**: “A Redenção de Cam”, racismo e estética na pintura brasileira do último oitocentos”. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 2013.

LOURENÇO FILHO M.B. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1930 (Bibliotheca da Educação, v. XI).

LUCA, Tânia Regina de. **Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N)Ação. São Paulo: Unesp, 1999.

MACHADO NETO, Antônio Luz. **Estrutura Social da República das Letras**. Sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1973.

MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. (Orgs). **Raça como questão: História, ciência e identidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2010.

\_\_\_\_\_. **Raça**, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996.

MAIO, Marcos Chor. Afrânio Peixoto: estratégias e desventuras de um intelectual na vida pública. **Revista Ágora**, no. 2, Niterói, 1994.

\_\_\_\_\_. A Medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma trajetória científica. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 11 (2), p. 226-237, abril/jun, 1995.

\_\_\_\_\_. A medicina de Nina Rodrigues: análise de uma trajetória científica. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 11 (2): 226-237, Abr/Jun, 1995.

\_\_\_\_\_. Afrânio Peixoto: estratégias e desventuras de um intelectual na vida pública. **Revista Ágora**. Ano 2, no. 2, Niterói, 2º. Semestre de 1994.

\_\_\_\_\_. Afrânio Peixoto: estratégias e desventuras de um intelectual na vida pública. **Agora**. Niterói, nº 2, p. 26-38, 1994.

\_\_\_\_\_. Afrânio Peixoto: notas sobre uma trajetória médica. **Revista da SBPC**. Campinas, nº. 11, p. 75-81, 1994.

MARTINS, Mario R. **Evolução da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: [s.n], 1945.

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. (1914-1930). Vol. VI. São Paulo: Cultrix, 1978.

\_\_\_\_\_. **História da Inteligência Brasileira**. 1897-1914. Vol. V São Paulo: 2001.

MATTOS, Ilmar Rohloff. **O Tempo Saquarema**. São Paulo: Hucitec, 1987.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Evaristo de Moraes**, tribuno da República. Campinas: Unicamp, 2007.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Poder, sexo e letras na República Velha**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1977.

MURARI, Luciana. **“Tudo o mais é paisagem”**: Representações da Natureza na Cultura Brasileira. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2002.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo. **Fundação Ataufo de Paiva**. Liga Brasileira contra a Tuberculose: um século de luta. Rio de Janeiro: Quadratim/Faperj, 2001.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Historiadores e Texto Literário: Alguns Apontamentos**. In: **História Questões e Debates**. Curitiba, UFPR, n. 44, p. 37-48, 2016.

*NEEDELL, Jeffrey. Belle Époque Tropical: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.*

NEIVA, Arthur e PENNA, Belisário. **Viagem Científica pelo norte da Bahia**, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de Norte a sul de Goiás. Brasília: Academia Brasileira de Letras. 1984 [1916, 1º edição]

NETO. Machado A. L. **Estrutura Social da República das Letras**. Sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. República – da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, V. 3.

O MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA (1932). **Revista HISTEDBR** on-line, Campinas, n. especial, p. 188-204, ago. 2006, p. 192. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1\\_22e.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf) consultado em fev. 2016 (Série Documentos)

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo e DALGALARRONDO, Paulo. A paranoia, segundo Juliano Moreira e Afrânio Peixoto. **Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental**. vol. IV, n. 2, São Paulo, Abr/Jun, 2001.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de, **A Questão Nacional na Primeira República**, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, Ricardo de. Euclides da Cunha e a invenção de um Brasil Profundo. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, USP, vol. 22, no. 44, p. 511- 537, 2002.

OSWALDO CRUZ. Verbete produzido pelo Instituto Oswaldo Cruz. Disponível em: <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/oswaldo-cruz>

PEARD, Julian. **The Tropicalist School of Medicine of Bahia, 1860-1889**. Tese de Doutorado, New York: Department of History, Columbia University. 1990.

PEARD, Julyan G. **Race, Place and Medicine: The Idea of the Tropics in Nineteenth-Century Brazilian Medicine**. Index, Durham, S.C./ London Duke University Press, 1999.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira**. Prosa de Ficção. De 1870-1920. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Morel e a Degenerescência. **Revista Latino-americana de psicopatologia fundamental**. São Paulo, v. 11, n. 3, p. 490-496, setembro 2008.

PORTOCARRERO, Vera, **Arquivos da Loucura**. Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2002.



- \_\_\_\_\_. **Arquivos da Loucura**: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- REIS, José Carlos. Capistrano de Abreu (1907) e o surgimento de um “povo novo”: o povo Brasileiro. **Revista de História**. São Paulo, FFLCH-USP, n. 138, p. 63-82 1998.
- RÉMOND, René (Org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.
- RIBEIRO, Cristina Betioli. **O Norte**, um lugar para a nacionalidade. Campinas: UNICAMP, Instituto de Estudos da Linguagem. Dissertação de Mestrado, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Um norte para o romance brasileiro**: Franklin Távora entre os primeiros folcloristas. Campinas: UNICAMP, Tese de Doutorado, 2008.
- RIBEIRO, Leonídio. **Afrânio Peixoto**. Rio de Janeiro: Condé, 1950.
- RIO, João do. **O Momento Literário**. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. [S.L: s.n.], não paginado).
- ROCHA, Nádia Maria Dourado. A Preocupação com questões psicológicas nas teses da Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX. **Temas de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia**, vol. 8, no. 2, 163-173, 2000.
- RODRIGUES, Raimundo Nina. A raça negra na América Portuguesa. **Revista do Brasil**, v.20, n.79, p.201-220, jul. 1922.
- \_\_\_\_\_. A raça negra na América Portuguesa. **Revista do Brasil**, v.20, n.80, p.344-358, ago. 1922.
- \_\_\_\_\_. **O animismo fetichista dos negros baianos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/UFRJ, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.
- ROMERO, Sylvio. **Contribuições para o estudo do folk-lore brasileiro**. Estudo sobre a Poesia Popular no Brazil. Rio de Janeiro: Typ. Lammert & C. 1888.
- SÁ, Dominichi Miranda de. “A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o ‘imenso hospital’”. **História**, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 16, supl.1, p. 333-348, jul. 2009.
- \_\_\_\_\_. **A Ciência como profissão**. Médicos, Bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
- \_\_\_\_\_. A Voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o ‘imenso hospital’. **História**, Ciência e Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, Vol 16, supl. 1, p. 333-348. jul. 2009.
- \_\_\_\_\_. Uma interpretação do Brasil como doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna (1917-1935). **História**, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, p.183-203 jul. 2009.

- SÁ, Magali Romero de. **Adolpho Lutz**. Obra completa. Febre amarela, malária, protozoologia. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- SALES, Fernando. **Aspectos da Vida e Obra de Afrânio Peixoto**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1987.
- SANJAD, Nelson e CASTRO, Anna Raquel de Matos. Comércio, política e ciência nas exposições internacionais. O Brasil em Turim, 1911. **Varia História**, vol.31 no.57, Belo Horizonte, p. 819-861, set./dez. 2015.
- SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. Alcoolismo: Algumas Reflexões acerca do Imaginário de uma Doença. **Physis- Revista de Saúde Coletiva**. Vol. 3, Número2, 1993.
- SANTOS, Luiz Antônio de Castro. O pensamento sanitaria na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. **Dados**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v.28, n.2, p.193-210, 1985.
- \_\_\_\_\_. O pensamento sanitaria na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. **Dados**. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v.28, n.2, p.193-210. p. 198, 1985.
- SANTOS-FILHO, Lycurgo. **História Geral da Medicina Brasileira**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1991.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Espetáculo da Miscigenação. **Estudos Avançados**, São Paulo, USP, 8 (20), p. 145, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- \_\_\_\_\_. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e a Questão Racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; LOTIERZO, Tatiana H. P. Raça, gênero e projeto branqueador: "a redenção de Cam", de modesto brocos. **Recherches sus les arts, le patrimoine et la littérature de l'Amérique Latina**. [S.L], n. 5, p. 230, 2011.
- SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena Maria Bousquet, COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- SENNÁ, Homero. **República das Letras**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990.

SILVA, Glaybson Guedes Barboza da. **Homens com sonhos de riquezas inexauríveis: virilidade, ambição e violência nas minas de diamantes de Lençóis (1850-1870)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, 2012.

SILVA, Renata Prudêncio da. **As ciências de Afrânio Peixoto: psiquiatria, higiene e medicina legal (1892-1935)**. Tese de doutorado. Fiocruz. 2014.

\_\_\_\_\_. **As Ciências de Afrânio Peixoto: Higiene, Psiquiatria e Medicina Legal (1892-1935)**. Tese de Doutorado. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no Branco**. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SKINNER, Quentin. **Hobbes e a liberdade republicana**. Tradução de Modesto Florenzano. São Paulo: Unesp, 2010.

SOUZA, Candice Vidal e. **A Pátria Geográfica**. Sertão e Litoral no Pensamento Social Brasileiro. Goiânia: EFG, 1997.

SOUZA, Vanderlei S. de. **A política biológica como projeto: A “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)**. Dissertação (Mestrado em História), Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, 2006.

\_\_\_\_\_. **Em busca do Brasil: Edgar Roquette-Pinto e o Retrato Antropológico Brasileiro (1905-1935)**. Tese de Doutorado. Fundação Oswaldo Cruz-Fiocruz, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde. Rio de Janeiro, 2011.

STEPAN, Nancy Leys, **The picturing Tropical Nature**. London: Reaktion Books, 2001.

\_\_\_\_\_. **A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

STEPAN, Nancy. **Gênese e evolução da ciência brasileira**. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

TULLY, James. **Meaning and Context**. Quentin Skinner and his critics. Cambridge,: Polity Press/Basil Blackwell, 1988.

VENÂNCIO FILHO, Alberto. Carlos Peixoto e o “jardim de infância”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, p.161-188, Out-Dez. 1972.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. Primitivo Moacir e a história da educação. **Cultura política: revista mensal de estudos brasileiros**, Rio de Janeiro, Vol., n. 24, p.94-97, Fevereiro de 1943.

VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha e a República. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 10, no. 26, p. 276- 291, 1996.

